



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO – PPG-PMUS
DOUTORADO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

REVERBERANDO AS MUSAS

*Perspectivas sobre representatividade
feminina nos Museus, na Museologia e no
Patrimônio a partir da atuação das egressas
do Curso de Museus das décadas de 1930,
1940 e 1950*

Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane

Orientador: Professor Doutor Ivan Coelho de Sá

UNIRIO/MAST – Rio de Janeiro, julho de 2022

REVERBERANDO AS MUSAS

Perspectivas sobre representatividade feminina nos Museus, na Museologia e no Patrimônio a partir da atuação das egressas do Curso de Museus das décadas de 1930, 1940 e 1950

por

Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane

Aluna do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio

Linha 01 – Museu e Museologia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.

Orientador: Professor Doutor Ivan Coelho de Sá

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

UNIRIO/MAST – Rio de Janeiro, julho de 2022

BANCA EXAMINADORA**REVERBERANDO AS MUSAS****Perspectivas sobre representatividade feminina nos Museus, na Museologia e no Patrimônio a partir da atuação das egressas do Curso de Museus das décadas de 1930, 1940 e 1950**

Tese de Doutorado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutora em Museologia e Patrimônio.

Prof. Dr. _____
Ivan Coelho de Sá (**orientador** – PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Prof.^a Dr.^a _____
Helena da Cunha Uzeda (PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Prof.^a Dr.^a _____
Teresa Cristina Moletta Scheiner (PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Prof.^a Dr.^a _____
Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira (DEMUL UFOP)

Prof.^a Dr.^a _____
Luciana Ferreira da Costa (PPGAV UFPB/UFPE)

Rio de Janeiro, 2022

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

S478 Seoane, Raquel Villagrán Reimão Mello
Reverberando as Musas: Perspectivas sobre representatividade feminina nos Museus, na Museologia e no Patrimônio a partir da atuação das egressas do Curso de Museus das décadas de 1930, 1940 e 1950 / Raquel Villagrán Reimão Mello Seoane. -- Rio de Janeiro, 2022.
320

Orientador: Ivan Coelho de Sá.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2022.

1. Museologia. 2. Mulher. 3. Museu. 4. Emancipação Feminina. 5. Curso de Museus. I. Sá, Ivan Coelho de, orient. II. Título.

Para minha mãe, Ana Lucia Reimão Mello Seoane.

“– Eu fui nomeada em 22 de novembro de 37. Aí, eu disse pro meu irmão: Viu?”

Nair de Moraes Carvalho após ser nomeada conservadora interina do Museu Histórico Nacional por seu empenho como aluna com a maior média ponderada em todas as disciplinas, em diálogo com seu irmão Joaquim Bertino de Moraes Carvalho. Três anos depois, Nair entraria para o quadro efetivo de funcionários ao passar no primeiro concurso público brasileiro para Conservadores de Museus. (Entrevista realizada para o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil em novembro de 2013)

RESUMO

SEOANE, Raquel Villagrán Reimão Mello. **Reverberando as Musas: Perspectivas sobre representatividade feminina nos Museus, na Museologia e no Patrimônio a partir da atuação das egressas do Curso de Museus das décadas de 1930, 1940 e 1950.**

Supervisor: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. UNIRIO/MAST. 2022. Tese.

O tema desta pesquisa trata basicamente da análise da inserção das mulheres no nascente mercado de trabalho dos Museus, da Museologia e do Patrimônio, tendo como recorte as décadas de 1930, 1940 e 1950. Através da elaboração de mapeamentos quantitativos e análises qualitativas, tendo como base a combinação de pesquisa bibliográfica e estudo exploratório, analisamos duas conjunturas paralelas: a do processo de emancipação feminina, assim como a presença efetiva das mulheres em postos de trabalho, e a do surgimento do Curso de Museus e do campo museológico brasileiro. A criação do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1932) e seus primeiros anos são marcados por uma era de novas leis trabalhistas e de significativas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, vinculadas à passagem do sistema oligárquico, fundamentalmente agrário, para uma nova fase calcada em um processo ascendente de assimilação da industrialização e uma nova vertente de nacionalismo. Ainda na década de 1930, com a implantação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (1937), bem como, posteriormente, com o surgimento de vários museus ligados ao Estado, constituiu-se um cenário favorável à ascensão das conservadoras de museus, categoria profissional que se vislumbrava como um campo em potencial para a atuação feminina. Ao final, os resultados convergiram para a hipótese central da pesquisa, ou seja, de que o Curso de Museus criou um perfil de atuação e funcionou como um espaço de formação e projeção para as mulheres a partir da década de 1930.

Palavras-chave: Museologia; Mulher; Museu; Emancipação Feminina; Curso de Museus.

ABSTRACT

SEOANE, Raquel Villagrán Reimão Mello. **Reverberating the Muses: Perspectives on female representation in Museums, Museology and Heritage based on the work of graduates of the Museum Course in the 1930s, 1940s and 1950s.**

Supervisor: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sa. UNIRIO/MAST. 2022. Thesis.

The theme of this research basically deals with the analysis of the insertion of women in the nascent job market of Museums, Museology and Heritage, having as a focus the 1930s, 1940s and 1950s. based on a combination of bibliographical research and exploratory study, we analyze two parallel conjunctures: the process of female emancipation, as well as the effective presence of women in jobs, and the emergence of the Museum Course and the Brazilian museological field. The creation of the Museu Histórico Nacional Museum Course (1932) and its first years are marked by an era of new labor laws and significant political, economic, social and cultural transformations, linked to the passage from the oligarchic system, fundamentally agrarian, to a new phase based on an ascending process of assimilation of industrialization and a new strand of nationalism. Still in the 1930s, with the implementation of the National Historical and Artistic Heritage Service - SPHAN (1937), as well as, later, with the emergence of several museums linked to the State, a favorable scenario was created for the rise of museum curators, a professional category that was envisioned as a potential field for female performance. In the end, the results converged to the central hypothesis of the research, that is, that the Museum Course created a profile of action and functioned as a training and projection space for women from the 1930s onwards.

Keywords: Museology; Woman; Museum; Female Emancipation; Museum Course.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dedicar esse trabalho às matriarcas da minha família, em especial à minha mãe, Ana Lucia; minhas avós Maria Lucia e Olimpia e bisavós Maria da Conceição, Hilda, Ricardina e Juana.

À minha mãe pelo fato de ser mãe. Todos os dias, incansavelmente. Não tenho palavras pra descrever um décimo de tudo que ela me proporcionou e seria em vão tentar. Por ter desistido da carreira no seu 6º período de Letras para se dedicar ao cuidado das filhas e da casa, que foi seu trabalho exclusivo durante toda a vida. Essa tese é dela, por, no ano de 2017, insistir para que me inscrevesse no doutorado e por todos os outros anos, meses, dias, horas, minutos e segundos em que esteve comigo. Sem seu apoio diário e amor, não conseguiria atingir cada conquista acadêmica e profissional até agora.

À minha avó Lucia que me inspirou a lutar pelo meu posicionamento como mulher em nossa sociedade e mercado de trabalho. Tendo perdido a mãe aos dois anos de idade e o pai com a saúde mental e coração totalmente abalados após a morte da esposa, teve que ser criada pelos tios e avós e teve sua carteira assinada aos 17 anos.

À minha avó Olimpia, mente inquieta e apaixonante. Trabalhando em casa e cuidando de seus três filhos, se dedicou ao estudo da pintura, especializando-se em marinhas e arte oriental.

À minha bisavó Maria da Conceição, que veio da Ilha de Santa Maria para a América sozinha, aos 22 anos. Trabalhou inicialmente como babá em uma fazenda de São Paulo. Moradora do Morro do Pinto, ficou viúva aos 40 anos. Criou seu filho, meu avô Harley, encontrou um novo amor, ficou viúva novamente por volta dos 55 anos e veio a falecer em Teresópolis, aos 93 anos.

À minha bisavó Hilda, moradora da Penha, trabalhava como costureira junto ao marido, meu avô José, alfaiate. Sonhadora, usava raspas de lápis de cor para colorir os olhos durante sua adolescência. Morreu aos 25 anos após contrair tuberculose, deixando minha avó e seu irmão.

À minha bisavó Ricardina que veio para o Uruguai aos 19 anos de idade, vinda do interior de Castelo Branco, em Portugal, sem nenhuma perspectiva. Construiu uma família à quem se dedicou todos os dias.

À minha bisavó Juana e também à sua irmã Irene (tia Irene). Vindas dos Pirineus ainda crianças, encontraram na metrópole de Montevideo as possibilidades de um mundo totalmente diferente.

Agradeço ao meu pai Ricardo pelo legado de amor e por todo esforço em deixar para nós todas as possibilidades de um futuro.

Quero agradecer de coração aberto à minha irmã Rebecca, meu outro pedaço da alma, por ser força e refúgio todo o tempo. Por ser um exemplo para mim, na sua perseverança como mulher em constante luta por conquistas, em dupla jornada de trabalho. “Brindo pelas vezes que perdemos as mesmas batalhas”. Também agradeço ao João, meu cunhado e irmão para a vida.

Aos meus tios Abílio e Julio, minhas queridas conexões com o melhor do passado. Também às minhas tias Mônica e Cecília. Igualmente aos meus avôs Harley e Alberto.

Agradeço o carinho, força e amor diários do meu querido Marcus Vinícius.

Agradeço à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, minha segunda casa, pelo acolhimento e oportunidade. Também à CAPES e ao PPGPMUS UNIRIO-MAST nas pessoas das professoras Helena Uzeda, Tereza Scheiner e à auxiliar administrativa, essencial e muito cuidadosa, Alexandra Durão. Ao Curso e Escola de Museologia por terem sido meu ponto de partida e, com toda certeza, uma das melhores escolhas de toda a minha vida.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Ivan Coelho de Sá, pelos 15 anos de aprendizado e 12 de orientação. Obrigada por sempre expressar sua admiração pelo trabalho das egressas do curso e destacar para todas suas alunas e alunos a contribuição feminina na Museologia. Obrigada por me incentivar ultrapassar mais essa etapa e por todo o esmero e encorajamento nessa orientação.

Agradeço às professoras da banca de qualificação e defesa, Tereza Scheiner, Helena Uzeda, Ana Audebert, Aparecida Rangel e Luciana Costa, pela disponibilidade, empatia e cuidado em todos os momentos que precisei recorrer à elas. Também agradeço às professoras e professores suplentes: Yara Mattos, Marijara Souza Queiroz, Rosane Carvalho, Márcio Rangel, Nilson Moraes e Bruno Brulon. Um agradecimento especial também à outras professoras da minha graduação em museologia na UNIRIO: Professoras Líbia Schenker, Marisa Salomão, Ana Lucia Sianes de Castro, Leila Pinheiro, Regina Abreu, Geni Fernandes, Avelina Addor, Junia Guimarães, Regina Bibiani, Diana Farjalla Correia Lima, Julia Moraes e Alejandra Saladino. Agradeço por serem inspiração do que é ser uma profissional acadêmica.

Às minhas amigas da Museologia que compartilharam tantos momentos de aprendizado, comemorando as conquistas e dando as mãos para sempre nos mantermos seguras à caminhada: Mariana Lameu, Rita de Cássia de Mattos, Vivian Fava, Márcia Bibiani, Jurema Seckler, Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo, Thais Bette, Vivian Horta, Luana Martins, Laura Keenan, Prof.^a Ludmila Costa, Gloria Gelmini, Denise Argenta, Joanna Patroclo, Natalia Biserra, Anna Echternacht, Flora Pinheiro, Dominic Zaira, Isaura Paiva, Poliana Martins dos Santos, Nuenne Tinoco, Aline Vecchi, Arabelle Chafin, Cristal Azevedo, Laura Guelman, Sabrina Nery, Tamara Evangelista, Bárbara Aguiar, Mariane Vieira, Ingrid Fiorante, Éricka Madeira, Clarissa Bastos, Gleice Mayer, Natasha Ferrão, Claudia Waite, Elaine Franca, Luiza Barbosa, Marcella Almeida, Raquel Braz, Ana Beatriz Cascardo, Tatiana Aragão, Melissa Salgado, Luana Ferreira, Camila Pinho, Gabriela Alevato, Danielle Maia, Patrícia Tannure, Manoela Pereira, Mayra Brauer, Priscila Zurita, Aline Pereira, Larissa Machado e Aretha Borges.

Um muito obrigada com profundo respeito à todas as museólogas que trilharam caminhos admiráveis e permitiram o desenvolvimento dessa pesquisa.

Por fim, um agradecimento especial à Nair de Moraes Carvalho, quem tive a honra de conhecer pessoalmente e dividir pequenos momentos que guardarei sempre com muito carinho. Ao entrevistá-la entre 2012 e 2013, ano de seu centenário, pude conhecer desde a Nair menina baiana até a “Dona Nair”, decana da Museologia brasileira. Gostaria de agradecê-la pelo espelho de determinação que ela me fez criar com suas palavras sempre tão consistentes em defesa à Museologia e ao curso. Nair foi uma museóloga brilhante. Nair foi uma mulher.

Agradeço a Deus por todas essas vidas que iluminaram meu caminho.

Muito obrigada a **todas!**

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

- ABM** – Associação Brasileira de Museologistas (1963-1979); de Museologia (desde 1979)
- AMICOM** – Associação de membros do ICOM
- BN** – Biblioteca Nacional
- BNF** – Bibliothèque Nationale de France
- CAAS** – Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra
- CCH** – Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO
- COREM** – Conselho Regional de Museologia
- COFEM** – Conselho Federal de Museologia
- CEOM** – Centro de Memória do Oest de Santa Catarina
- DAC-MEC** – Departamento de assuntos culturais do Ministério da Educação e Cultura (1970-1978)
- DASP** – Departamento Administrativo do Serviço Público
- D.O.U.** – Diário Oficial da União
- DPHAN** – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946-1970)
- EBA** – Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- ENBA** – Escola Nacional de Belas Artes (1890-1965)
- FBPF** – Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
- FEFIERJ** – Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
- FEMURJ** – Fundação Estadual dos Museus do Rio de Janeiro
- FUNARJ** – Fundação Anita Mantuano de Arted do Estado do Rio de Janeiro
- GTS** – Grupos de Trabalho
- IAWM** – International Association of Women's Museums
- IBRAM** – Instituto Brasileiro de Museus
- ICOM** – *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus)
- ICOFOM** – Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus
- ICMAH** – Comitê Internacional do ICOM para Museus de Arqueologia e História
- IFCS-UFRJ** – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- INEPAC** – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
- IAWM** – International Association of Women's Museums
- MAST** – Museu de Astronomia e Ciências Afins
- MEC** – Ministério da Educação e Cultura
- MES** – Ministério da Educação e Saúde
- MCB** – Museu da Casa Brasileira
- MHN** – Museu Histórico Nacional
- MoMA** – Museu de Arte Moderna de NY
- MN** – Museu Nacional do Rio de Janeiro
- MNBA** – Museu Nacional de Belas Artes

MOUSEION – Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem
NUMMUS – Núcleo de Memória da Museologia no Brasil
ONICOM – Organização Nacional do ICOM
ONU – Organização das Nações Unidas
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ONU
PPG-PMUS – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/Mast
ProUni – Programa Universidade para Todos
PUC – Pontifícia Universidade Católica
REUNI – Plano de Estruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
SAM – Semana de Arte Moderna de 1922
SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEBRAMUS – Seminário Brasileiro de Museologia
SEC – Secretariat Estadual de Cultura
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNB – Universidade de Brasília
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1. A MULHER E O TRABALHO. Última Hora, Rio de Janeiro, 26 de março de 1958.	8
Figura 2. “Concurso DASP para cargo de datilógrafo”, 1941.	8
Figuras 3 e 4. Vaso (pyxis) grego e Imagem bidimensionada com a representação das Musas. 460 – 450 a.C. Cerâmica. Origem: Atenas, Grécia.	24
Figuras.5, 6, 7, 8, 9: Isabella d’Este retratada por Leonardo da Vinci (c.1500), Tiziano (1536), Giovanni Caroto (c.1505-1510) e Giovanni Cristoforo Romano (1550) e Francesco Francia (1511).	28
Figura 10. “María Isabel de Braganza como fundadora del Museo del Prado”, 1829, Bernardo López Piquer.	29
Figura 11. Afresco de Pompéia, c. 90-80 d.C. Museu Nacional – Coleção Imperatriz Teresa Cristina.	29
Figura 12. “Ritratto di Teresa Cristina di Borbone-Due Sicilie”, c. 1843, José Correia de Lima.	28
Figura 13. Estudo de Plantas (Nahusia Coccinea) – Aquarela sobre lápis da Arquiduquesa Maria Leopoldina da Áustria, 1814.	29
Figura 14. “Cornelia Bentley Sage, a mulher que é diretora do grande museu de arte”.	32
Figura 15. Trabalho de documentação de obras de arte roubadas da comunidade judaica, em Paris, no Museu Jeu de Paume, antes de serem enviadas para a Alemanha, década de 1940.	31
Figura 16. Trabalho de acondicionamento dos lustres do Museu Hermitage, na Rússia, década de 1940.	31
Figura 17. Dorothy Dudley (quarta da esquerda para a direita) se formando no Newark Museum (Nova Jersey), 1926. Em 1936 vai trabalhar no MoMA, onde permanece até a década de 1960.	33
Figura 18. Guia oficial do Musée de Cluny, 1933. Escrito por Elisa Maillard junto à M. F. De Montremy, conservador adjunto.	33
Figura 19. Revista Feminina. “A roupa branca”, 1917.	35
Figura 20. Revista Feminina. “Trabalhos femininos: bordados e recamos, 1919.	35
Figura 21. Projeto do “Secret Communication System”, assinado por Hedy Lammar, agosto de 1942.	37
Figura 22. Hedy Lammar, c. 1945.	37
Figura 23. Primeira página do livro “La Cité des dames”, Iluminura, 1405.	45
Figura 24. Foto da turma de formandos da Universidade Federal da Bahia, 1926.	54
Figuras 25 e 26. Década de 1920. Na primeira imagem, (c. 1918-19) Lygia, a terceira da esquerda para a direita, acompanha quatro irmãos. Na segunda imagem (c. 1925), o pai, Dr. Mário, posa junto aos filhos Tito, Eunice, Lygia e Sylvia (da esquerda para a direita).	56
Figura 27. “Fundou-se a União Universitária Feminina”. A Noite, 1929.	58
Figura 28. Revista Feminina. “O Feminismo no Brasil”, 1919.	63
Figura 29. Visita de Marie Curie, vencedora de dois prêmios Nobel (Física em 1903 e Química em 1911) e de sua filha, Irene Joliot-Curie, também vencedora do prêmio Nobel de Química de 1935, ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 02/08/1926.	63
Figuras 30 e 31: Revista Careta. “O don-juanismo feminino no cinema moderno”, 1940.	65
Figura 32. Nair de Moraes Carvalho, década de 1930.	67
Figura 33. A NOITE ILUSTRADA, “A Moda”, 1931.	67

Figura 34. Cartaz “Guerrilla Girls” de 1989.	68
Figura 35. Diário da Noite. “Inaugurou-se a tarde o Curso Universitário do Museu Histórico”, 1932.	76
Figura 36. Gabinete da direção da Escola Rosa da Fonseca.	81
Figura 37. Ato inaugural do Curso “Saber Dizer e Arte de Representar”, na sede da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais em março de 1943.	81
Figura 38. Brasil Feminino, capa, junho de 1932.	83
Figura 39. Brasil Feminino, “Pintora brasileira que ilustra o Brasil Feminino”, 1932.	83
Figura 40. Paineis da Sala de História do Instituto Lafayette de Educação: “Concepção de Teocracia: Confúcio, Moisés e Buda”. Revista da Semana, 1941.	101
Figura 41. Festa esportiva no ginásio do Departamento feminino com jogo de basquete entre alunas e ex-alunas. Revista da Semana, 1943.	101
Figura 42. “Partido Libertador: Para Vereador Professora Anna Barrafatto”. Diário de Notícias, 1950.	105
Figura 043. Professora Anna Barrafatto em sala de aula (MHN), c. 1966-1969.	106
Figura 44. Nair de Moraes Carvalho no MHN em ocasião de visita guiada dos estagiários da UNSECO, durante o Seminário Museus e Educação, 12 de setembro de 1958.	110
Figura 045. Nair de Moraes Carvalho em seu gabinete de trabalho no MHN, 12 de junho de 1967.	110
Figura 46. “Museus na ordem do dia”, Folha de Minas, 27 de outubro de 1956.	112
Figura 47. Professora Octavia Correa dos Santos Oliveira ao centro, à sua direita, o conservador de museus Geraldo Pitaguary e Antônio dos Santos Oliveira. Museu do Índio, 1955.	113
Figura 48. Medalha pela Reparação da Memória Negra na Museologia Neyde Gomes de Oliveira – Rede de Museologia Kilombola, 2021.	115
Figura 49. Prof ^ª Fernanda Moro em sala de aula no Curso de Museus – MHN.	115
Figura 50. Prof. ^ª Ecylla Brandão fazendo seu discurso como paraninfa da Turma de 1966 do Curso de Museus-MHN. Antigo auditório do MHN, 29-12-1966.	121
Figura 051. Prof ^ª Ecylla Brandão com alunos do curso “Introdução à Museologia”, promovido pelo Governo de Santa Catarina, 1971.	121
Figura 52. UFRJ abre museu no Fundão. Jornal do Brasil, 24 de agosto de 1979.	121
Figuras 53 e 54. Portaria nº 141 de 15 de maio de 1978 – Cópia.	122
Figura 55. Apresentação do Projeto Memória da Museologia do Brasil e criação do NUMMUS, 2005. Professoras Dulce Ludolf, Nair de Moraes Carvalho e Ecylla Castanheira Brandão; museólogas Mariettinha Leão de Aquino e Niuza Carauta.	123
Figura 056. Formatura Curso de Museus, 1941. Professora Nair de Moraes Carvalho está sentada à frente da formanda Dulce Ludolf.	123
Figura 57. Contrato de trabalho Prof. ^ª Therezinha Sarmiento, professora conferencista do Curso de Museus – MHN, 30 de março de 1969.	124
Figura 058. Contrato de trabalho Prof. ^ª Therezinha Sarmiento, Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, 29 fevereiro de 1980.	125
Figura 59. Folha de pagamento dos Professores do Curso de Museus correspondente ao mês de dezembro de 1949.	126
Figura 60. Entrega da Medalha de Honra ao Mérito Cultural à Escola de Museologia da UNIRIO, 2006.	127
Figura 61. “Cada vez menor o numero das candidatas!”, “O professor Murilo Braga mostra à NOITE os gráficos mais significativos dos últimos concursos”. A Noite, 25 de março de 1940.	133
Figura 62. Recorte do jornal "O Globo", de 3 de janeiro de 1940, que comunica o início das provas de seleção para cargos de conservador de Museus, do Ministério da Educação e Saúde.	135

Figura 63. Recorte de jornal "A Noite" que ilustra uma fotografia mostrando o aspecto do salão de honra do Museu Nacional de Belas Artes, quando era arguido o Sr. Oliveira Junior sobre a tese apresentada para tomar parte no concurso de Conservador de Museus do Ministério da Educação e Saúde.	135
Figura 64. Certificado de habilitação n°1567, à Regina Liberalli na carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1940.	137
Figura 065. Certificado de habilitação n°1369, à Octavia de Castro Corrêa na carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1940.	137
Figura 66. Participantes do Concurso de 1939-1940 junto a parte da banca e outros funcionários do DASP.	138
Figura 67. Haydée Nicolussi, década de 1940.	144
Figuras 68 e 69. Ficha de Matrícula no Curso de Museus do MHN / Histórico Escolar de Haydée Nicolussi (1943-1944).	147
Figura 70. Aniversário de 25 anos de casamento de Elias e Rachel Truzman, Rio de Janeiro, 1926.	161
Figura 72. Fortunée Levy na casa de Ecylla Castanheira Brandão junto à outras colegas conservadoras de museus.	161
Figuras 073 e 074. Aspectos da exposição "Retratos femininos", MNBA, 1953.	164
Figura 75. Nair de Moraes Carvalho em sua chegada à Lisboa, Portugal, 1940.	171
Figura 76. Nair de Moraes Carvalho acompanhada de membros da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal em jantar, 1940.	171
Figura 77. Bilhete de Admissão da Comissão Nacional dos Centenários, pertencente a Nair de Moraes Carvalho ("Secção das Exposições de Arte"), 1940.	172
Figura 78. D.O.U. 29 de abril de 1940, o Presidente Getúlio Vargas autoriza, em resposta ao ofício n°230 de 16 de abril de 1940, a ida de Nair de Moraes Carvalho e Luiz Marques Poliano sem prejuízo dos vencimentos.	172
Figuras 79 e 80: Certificado do Curso de "Economia Doméstica", Colégio Bennet, 1929. / Certificado do Curso de "Cozinha Moderna". Magazine Mesbla, 1953.	173
Figura 81. Diploma do Curso de "Cultura Geral". Instituto de Cultura Feminina, década de 1970.	173
Figura 82. Propaganda do Instituto de Cultura Feminina. O Fluminense, Rio de Janeiro, 26 de março de 1976.	174
Figuras 083 e 084. "O Homem Perfeito", O Globo Sportivo, 14 de setembro de 1938.	175
Figuras 85. "Uma pergunta a mulher que trabalha: Qual o seu maior problema?", O Globo, 21 de maio de 1957.	176
Figuras 86 e 87. Recortes de "O Jornal": "Com a palavra os conservadores de museus", janeiro e novembro de 1943.	178
Figura 88. Artigo da "Ninon" sobre entrevista ao Prof. Oswaldo Teixeira, mostra a equipe do MNBA na década de 1940. No gabinete de trabalho, o grupo de conservadoras de museus: Elza Ramos Peixoto, Regina Real, Lygia Martins Costa, Maria Barreto e Regina Liberalli.	180
Figura 89. Boletim de Atividades do MNBA de 1938-1939. Assinam as conservadoras, junto ao diretor Oswaldo Teixeira.	180
Figura 90. Ouvindo a Diretora do Museu Histórico da Cidade. Mulheres contam sua vida (XXXI). Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1952.	181
Figura 91. Portaria n° 544, de 31 de agosto de 1977, nomeia Lygia Martins Costa para Diretora da Divisão de Estudos, Pesquisas e Tombamento do IPHAN.	184
Figura 92. Carteira de Trabalho e Previdência Social de Lygia Martins Costa.	184
Figura 093. Carteira da Fundação Nacional PróMemória, órgão ligado ao IPHAN, em 1972.	184

Figuras 94, 95, 96. Passaportes de épocas diversas de Lygia Martins Costa enquanto “Funcionária Pública” lotada no SPHAN/IPHAN. (Acervo NUMMUS – Coleção Lygia Martins Costa)	185
Figuras 97 e 98. Cadastro Fiscal de Fernanda Moro como “profissional autônomo” de Museologia. “Cartão de Inscrição de Profissional Autônomo”, Estado da Guanabara, Secretaria de Finanças, Departamento de Imposto sobre Serviços.	187
Figura 99. Sigrid Porto Barros (ao centro) e equipe na sala da Seção de História, a sua direita, os colegas Nair de Moraes Carvalho e Clovis Bornay, década de 1960.	189
Figura 100. Therezinha de Moraes Sarmento na comemoração de seu aniversário no MHN, 23 de março de (c.) 1965.	189
Figura 101. “No Museu Histórico, reforma se arrasta há seis anos”. O Globo, 08 de agosto de 1991.	189
Figura 102. Memorandum da Divisão de História e Arte Retrospectiva assinado por Octavia de Castro Corrêa, de 19 de janeiro de 1967.	190
Figuras 103 e 104. Páginas do Diário pessoal de Therezinha Sarmento, 16 de abril de 1939.	191
Figuras 105 e 106. Carta de envio do Anteprojeto do Museu Tecnológico para os Centros Nacionais de Pesquisa da EMBRAPA e página do anteprojeto, 27 de novembro de 1975.	192
Figura 107. “Museóloga pede apoio em defesa da arte sacra”. A Tarde, 14 de abril de 1982.	193
Figura 108. “Manual para arte sacra”. Jornal da Bahia, 14 de abril de 1982.	193
Figura 109. Wilma Ormond (Museu Nacional). Elza Ramos Peixoto (Museu Nacional de Belas Artes) e Regina Monteiro Real (Museu Casa de Rui Barbosa) na Mesa Plenária de Fundação da ABM.	197
Figura 110. Votação durante a Reunião de Fundação da ABM.	197
Figura 111. Heloisa Alberto Torres em seu Gabinete de trabalho no Museu Nacional. Década de 1950	199
Figura 112. Geralda Armond no Museu Mariano Procópio. Década de 1960.	199
Figura 113. Regulamentação da Profissão de Museólogo provoca Debate “QUEM DEVE DIRIGIR NOSSOS MUSEUS?”, O Globo, 18 de março de 1982.	202
Figura 114. “Museólogos debatem sua regulamentação”, O Globo, 31 de março de 1982.	203
Figura 115. I Congresso Nacional de Museus, Ouro Preto – MG, 1956.	204
Figura 116. I Congresso Nacional de Museus, Ouro Preto – MG, 1956.	204
Figura 117. “Museus instalam seu IV Congresso no Rio.” Jornal Última Hora, 24 de julho de 1965.	213
Figura 118. “Lute como uma Museóloga”. Imagem produzida pelo Diretório Acadêmico de Museologia da UNIRIO, 2019.	228

LISTA DE TABELAS

	Pág.
TABELA 1: PANORAMA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NA TEMÁTICA MUSEOLOGIA, MULHER E GÊNERO	14
TABELA 2: AUTORAS DE ARTIGOS NA REVISTA “MOUSEION”, ENTRE OS ANOS DE 1927 E 1940	32
TABELA 3: ENSINO SUPERIOR GERAL – BRASIL, 1929	53
TABELA 4: ENSINO ESPECIALIZADO SUPERIOR – BRASIL, 1929	53
TABELA 5: TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL, 1872-1940, 1872-1940	59
TABELA 6: ESTRUTURA SETORIAL E POR SEXO DA FORÇA DE TRABALHO NO BRASIL (NÚMEROS ABSOLUTOS E PORCENTAGEM)	60
TABELA 7: MUSEUS DA MULHER OU DE GÊNERO NO MUNDO (POR ORDEM DECRESCENTE)	69
TABELA 8: FORMANDAS MULHERES NO CURSO DE MUSEUS (MHN) ENTRE 1933 E 1939	79
TABELA 9: PROFESSORES CONFERENCISTAS DO CURSO DE MUSEUS – MHN (DÉCADA DE 1960)	114
TABELA 10: PROFESSORAS DA SEGUNDA GERAÇÃO DOCENTE – INTEGRANTES DO QUADRO PERMANENTE DO CURSO DE MUSEUS NA DÉCADA DE 1960	117
TABELA 11: PRIMEIROS CONCURSOS PARA CONSERVADORES DE MUSEUS – DÉCADAS DE 1930, 1940, 1950 E 1960	149
TABELA 12: ARTIGOS DE AUTORAS MULHERES NOS ANAIS DO MHN DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1970	151
TABELA 13: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NOS ANUÁRIOS DO MUSEU IMPERIAL DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1970	153
TABELA 14: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NAS REVISTAS DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1970	154
TABELA 15: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NOS ANUÁRIOS DO MUSEU NACIONAL DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1950	155
TABELA 16: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NOS ANUÁRIOS DO MNBA DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1950	157
TABELA 17: OBRAS DE ARTISTAS MULHERES NA EXPOSIÇÃO “RETRATOS FEMININOS” DO MNBA, EM 1953	163
TABELA 18: RESUMO DE CARREIRA DAS EGRESSAS DO CURSO DE MUSEUS DO MHN 1932-1960	165
TABELA 19: CARGOS DE CHEFIA/DIRETORIA DAS EGRESSAS DO CURSO DE MUSEUS (1932-1960) NO MHN	188
TABELA 20: DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSEOLOGISTAS EM 1963	200
TABELA 21: DIRETORES DE MUSEUS PRESENTES NO I CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, OURO PRETO – MG, 1956	205
TABELA 22: RELAÇÃO DOS MEMBROS INSCRITOS ATÉ 8 DE DEZEMBRO DE 1959 II CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS PROMOVIDO PELA ONICOM, SÃO PAULO – SP	206
TABELA 23: RELAÇÃO DE CONGRESSITAS – III CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS PROMOVIDO PELA ONICOM, SALVADOR – BA, DEZEMBRO DE 1962	209
TABELA 24: RESUMOS APRESENTADOS NO III CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, SALVADOR BAHIA, 1962	212
TABELA 25: RELAÇÃO DOS CONGRESSISTAS DO V CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS	214
TABELA 26: NÚMERO DE MUSEÓLOGAS E MUSEÓLOGOS INSCRITOS NOS COREMS, POR REGIÃO E GÊNERO	223

LISTA DE GRÁFICOS

	Pág.
GRÁFICO 1: NÚMERO DE MUSEUS BRASILEIROS POR ANO DE FUNDAÇÃO	24
GRÁFICO 2: MATRICULADOS E FORMANDOS DO CURSO DE MUSEUS – MHN ENTRE 1939 E 1960	84
GRÁFICO 3: NÚMERO DE FORMANDAS/FORMANDOS POR ANO DE INSCRIÇÃO NO CURSO DE MUSEUS – MHN ENTRE (1939-1950)	85
GRÁFICO 4: NÚMERO DE FORMANDAS/FORMANDOS POR ANO DE INSCRIÇÃO NO CURSO DE MUSEUS – MHN ENTRE (1951-1960)	86
GRÁFICO 5: PORCENTAGEM DE MULHERES EM GRUPOS DE VALORES DE MÉDIAS FINAIS	86
GRÁFICO 6: PORCENTAGEM DE HOMENS EM GRUPOS DE VALORES DE MÉDIAS FINAIS	87
GRÁFICO 7: ESTADO CIVIL QUANDO MATRICULADAS (1939-1960)	89
GRÁFICO 8: ESTADO CIVIL QUANDO MATRICULADAS (1939-1960) DAS QUE CONCLUEM	90
GRÁFICO 9: MATRÍCULAS POR REGIÃO ENTRE 1939 e 1960 (MULHERES E HOMENS)	91
GRÁFICO 10: MATRÍCULAS POR REGIÃO ENTRE 1939 e 1960 (MULHERES)	91
GRÁFICO 11: REGIÃO DE NASCIMENTO DAS CONCLUINTEs (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)	91
GRÁFICO 12: REGIÃO DE NASCIMENTO DAS QUE NÃO CONCLUEM (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)	92
GRÁFICO 13: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO SUDESTE)	93
GRÁFICO 14: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO NORDESTE)	94
GRÁFICO 15: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO SUL)	94
GRÁFICO 16: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO CENTRO-OESTE)	94
GRÁFICO 17: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO NORTE)	95
GRÁFICO 18: IDADE DAS INGRESSANTES QUE CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)	97
GRÁFICO 19: IDADE DAS INGRESSANTES QUE NÃO CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)	97
GRÁFICO 20: PROFISSÃO DAS INGRESSANTES QUE CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)	97
GRÁFICO 21: PROFISSÃO DAS INGRESSANTES QUE CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)	98
GRÁFICO 22: MORADORAS DO RIO POR ZONA – MATRICULADAS ENTRE 1939 e 1960	100
GRÁFICO 23: FORMAÇÃO SECUNDÁRIA DAS INGRESSANTES ENTRE 1939 e 1960	102
GRÁFICO 24: PRESENÇA FEMININA E MASCULINA NOS CONGRESSOS NACIONAIS DE MUSEUS	219

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1.DEBATE ACERCA DA FORMAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES	23
1.1 <i>Museu e Musas: o simbolismo da figura feminina no âmbito museológico [ou Museu em feminino]</i>	23
1.2 <i>A Mulheres e o Museu [ou Museu em feminino]</i>	27
1.3 <i>Feminismos e perspectivas acerca de mulheres, trabalho e economia</i>	38
1.4 <i>A chamada “Inclinação feminina”</i>	49
1.5 <i>A assimetria de gênero na economia e mercado de trabalho</i>	56
1.6 <i>Perspectivas brasileiras: Legislação, Políticas Públicas e Cultura na primeira metade do século XX</i>	57
1.7 <i>A distopia da representatividade feminina no Museu: Uma discussão do final século XX</i>	68
2.A FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA E A PRESENÇA DA MULHER NO CURSO DE MUSEUS: PROTAGONISMO FEMININO NO CONTEXTO BRASILEIRO	72
2.1 <i>As primeiras turmas do Curso de Museus – MHN</i>	72
2.2 <i>Mulheres no Curso de Museus (1932-1960): Uma análise de dados em números de um legado de persistência</i>	83
2.2.1 <i>Indicativos e dados percentuais socioeconômicos das ingressantes do Curso de Museus: da alternância à consolidação de um perfil</i>	84
2.3 <i>O Corpo Docente do Curso de Museus – MHN: Construção e evolução do quadro de Professoras e Congressistas</i>	102
3.UM OLHAR VOLTADO PARA O LEGADO DA MULHER NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA NO BRASIL	129
3.1 <i>Os Primeiros Concursos Públicos para Conservadores de Museus</i>	129
3.1.1 <i>Os Primeiros Concursos para Conservadores de Museus: décadas de 1930-1940</i>	133
3.1.2 <i>Haydée Nicolussi e o Concurso do DASP</i>	141
3.1.3 <i>Os Primeiros Concursos para Conservadores de Museus: décadas de 1950-1960</i>	147
3.2 <i>Mulheres nos Anais do MHN e Anuários do MNBA e Museu Imperial</i>	150
3.2.1 <i>Fortunée Levy, Maria Barreto e Elza Ramos Peixoto – Os primeiros trabalhos científicos na museologia brasileira a abordar mulheres</i>	159
3.3 <i>Dossiê: A Egressa do Curso de Museus – MHN e sua atuação pioneira nos Museus Brasileiros</i>	164
3.3.1 <i>Nair de Moraes Carvalho na Comissão Nacional dos Centenários de Portugal</i>	170
3.3.2 <i>Regina Liberalli: “Feminilidade”, ser mulher e ser museóloga</i>	172
3.3.3 <i>A Primeira Equipe do Museu Nacional de Belas Artes</i>	177
3.3.4 <i>A Equipe Feminina do Museu da Cidade</i>	1181
3.3.5 <i>Lygia Martins Costa, a mulher do Patrimônio</i>	1183
3.3.6 <i>Fernanda Moro e a Mouseion</i>	1185

3.3.7	<i>Mulheres e a Chefias de seções do MHN</i>	187
3.3.8	<i>Therezinha Moraes Sarmiento: Paixão de menina e os Projetos de Museus</i>	190
3.3.9	<i>Lucia Marques: De estudante bolsista à especialista na Bahia</i>	193
3.4	<i>As décadas de 1960, 1970 e 1980 e a Atuação Feminina nos Associações/Órgãos de Classe da Museologia Brasileira</i>	194
3.5	<i>Panorama da presença feminina nos Congressos Nacionais de Museus</i>	203
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
	REFERÊNCIAS	230
	ANEXOS	246

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa trata basicamente da análise da inserção das mulheres no nascente mercado de trabalho dos Museus, da Museologia e do Patrimônio, tendo como recorte as décadas de 1930, 1940 e 1950. Em termos de contextualização histórica este período corresponde à Era Vargas, ou seja, à ascensão de Getúlio Vargas com a Revolução de 1930 e sua continuidade no poder com o Golpe do Estado Novo (1937 – 1945). Como cenário optamos por concentrar esta análise nas instituições sediadas no estado do Rio de Janeiro com ênfase na própria cidade do Rio de Janeiro, à época Capital Federal, onde fora criado, no Museu Histórico Nacional – MHN, o então Curso de Museus, epicentro destes estudos na medida em que constituiu um centro de formação que alimentava o emergente mercado de trabalho. O Museu Histórico Nacional, nascido da efervescência nacionalista do ano de 1922, trouxe à tona a ideia de administração da memória nacional. Já no projeto original de criação, previa um curso de formação de técnicos capazes de prestar serviço à demanda de cuidados da instituição recém implantada.

A escolha do recorte concernente à Era Vargas se deve ao fato de se tratar de uma fatia temporal marcada pelas novas leis trabalhistas e pelas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, desencadeadas pela passagem do sistema oligárquico, fundamentalmente agrário, para uma nova era calcada em um processo ascendente de assimilação do Capitalismo e da industrialização. Todas estas mudanças repercutem em um novo *modus vivendi* brasileiro, inclusive no que diz respeito ao processo de emancipação feminina. Esse processo e as mudanças de paradigmas em relação ao papel das mulheres na sociedade moderna começaram a eclodir desde o início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial. A ida das mulheres para as fábricas durante a guerra e o direito ao voto – primeiramente nos Estados Unidos, em 1920 – resultaram no desenvolvimento de um estereótipo feminino moderno, rompendo com a rigidez vitoriana e as regras da *Belle-Époque*.

Nos anos 1930, as mulheres estavam em busca de novas posições na sociedade, inclusive em termos de trabalho. Um exemplo característico destas mudanças é o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que instituiu, finalmente, após intensa campanha nacional, o Código Eleitoral Provisório e garante a possibilidade de voto às mulheres brasileiras. No Brasil, a busca pelos direitos das mulheres data do final do século XIX, assim que instaurada a República, com o crescimento dos debates a partir do século seguinte. A brasileira Bertha Maria Júlia Lutz¹ fundou, em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, marcada pela luta em prol do voto das mulheres no Brasil, a instrução feminina e uma legislação reguladora do trabalho feminino. No mesmo ano de criação da

¹ (1894-1976) Bertha Lutz nasceu em São Paulo, filha do sanitarista Adolfo Lutz e da enfermeira Amy Fowler. Estudou biologia na Sorbonne em Paris, voltando ao Brasil em 1918. No ano seguinte, prestou concurso para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, se tornando a segunda brasileira a entrar para o serviço público.

Federação, ocorre a Semana de Arte Moderna² e o conseqüente desenvolvimento do Modernismo, marcados pela presença feminina de personalidades como as artistas Anita Malfatti, Tarsila do Amaral³, Patrícia Galvão, a Pagu e a mecenas dos modernistas, Olívia Guedes Penteado. A atuação destas mulheres no contexto cultural e artístico da São Paulo dos anos 1920 forçou ainda mais a aceitação da presença da mulher no meio intelectual e artístico brasileiro.

Este processo de emancipação feminina nos parece concomitante, como já observamos, ao surgimento do Curso de Museus e do próprio “mercado de trabalho” na área museológica. Partindo da hipótese de que **o MHN e Curso de Museus teriam funcionado como um espaço para formação e projeção para as mulheres nas décadas de 1930, 1940, 1950, bem como as que se seguiram**, podemos então formular algumas questões. Qual seria o perfil socioeconômico e cultural das mulheres que ingressavam no Curso de Museus? O *status* de nível superior do Curso de Museus, na época, embora privilegiasse a formação técnica, influenciou na escolha dentre outros cursos? Havia realmente um mercado de trabalho museológico? E neste mercado havia espaço para as mulheres? A atuação destas mulheres era simplesmente diletante e não proposital? Ou ela realmente buscava uma carreira onde pudesse haver aprofundamento acadêmico e crescimento profissional? Havia uma ideia preconcebida de afinidade entre as mulheres e o trabalho específico em museus? Os museus eram majoritariamente ocupados por mulheres? Quais as funções e atividades das áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio onde houve predominância feminina? Acreditamos que as respostas a estas indagações possam trazer importantes contribuições ao autoconhecimento do campo da Museologia brasileira.

Considerando as transformações sociais e políticas relacionadas luta pelo direito das mulheres brasileiras, em efervescência nas primeiras décadas do século XX, formulamos uma **segunda hipótese: esses movimentos de emancipação convergem para um momento marcante nas áreas da Museologia e do Patrimônio** com a criação do Curso de Museus (1932) e de um órgão específico para gerir as questões de preservação de Patrimônio, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (1937), além do surgimento de vários museus ligados ao Estado, os chamados Museus Nacionais. Outro aspecto que nos parece peculiar, talvez específico do caso brasileiro, é o fato do despontar da formação acadêmica na área dos museus e a criação de novos museus terem emergido exatamente na época em que se acentuaram, no Brasil, as reivindicações relativas à emancipação feminina. Em outras palavras podemos dizer que as questões trabalhistas e a busca pelos direitos das mulheres desenvolveram-se paralelamente a estas transformações nas áreas da Museologia e do

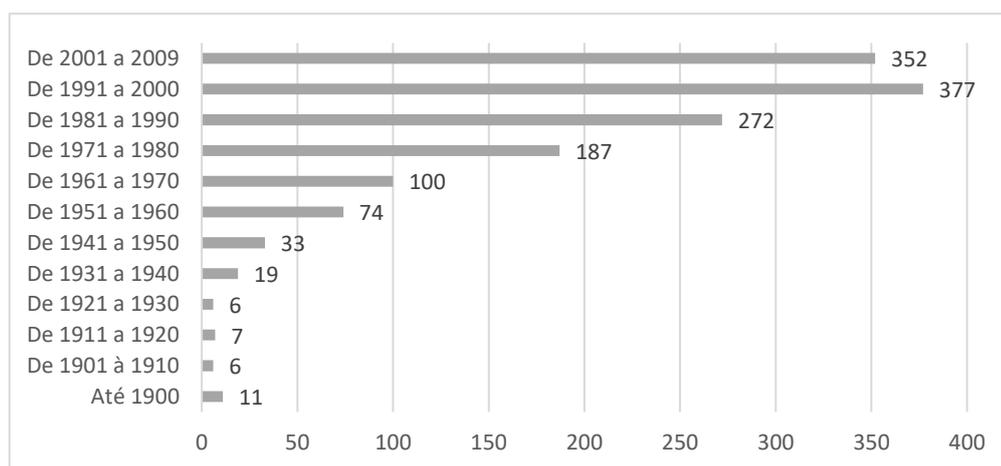
² A Semana de Arte Moderna reuniu diversos artistas visuais, arquitetos e literatos que defendiam uma renovação cultural em oposição ao teor conservador da arte, predominantes no país desde o século XIX. É considerada a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira.

³ Não participou da SAM, mas teve atuação na primeira fase do Modernismo brasileiro durante as décadas de 1920 e 1930.

Patrimônio. Este paralelismo nos parece sintomático e revelador do protagonismo feminino que se consolidou no espaço museológico dos anos de 1930.

O Curso de Museus foi oficialmente criado pelo Decreto nº 21.129, de 7 de março de 1932, tendo como um dos objetivos desenvolver a capacitação profissional para o próprio MHN. A partir desta época, o Curso de Museus se tornou a única e principal instituição no país centrada na formação específica dos então denominados *Conservadores de Museus*, atualmente identificados como Museólogos, para as instituições que surgiriam de forma crescente nas próximas décadas. Podemos perceber no gráfico a seguir, retirado da publicação “Museus em Números”, do Instituto Brasileiro de Museus⁴, o expoente de progressão que se multiplica a partir da década de 1930. Podemos citar museus que surgiram entre os anos de 1930 e 1950, que contaram com a atuação dos recém formados pelo Curso de Museus do MHN, o Museu Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro, RJ (1928), Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ (1934), Museu Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro, RJ (1937), Museu Imperial – Petrópolis, RJ (1940), Museu das Missões - São Miguel das Missões, RS (1940), Museu da Inconfidência – Ouro Preto, MG (1944) e Museu do Ouro – Sabará, MG (1945).

GRÁFICO 1: NÚMERO DE MUSEUS BRASILEIROS POR ANO DE FUNDAÇÃO



Fonte: Gráfico de número de Museus por ano de fundação. Fonte: Instituto Brasileiro de Museus. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, vol. 1, p. 59.

No ano de 1933, ocorre a formatura da primeira turma de Conservadores de Museus. Dos vinte e cinco inscritos no ano anterior – dez regularmente matriculados e os demais ouvintes – oito concluíram o Curso, seis homens e somente duas mulheres: Adolpho Dumans, Alfredo Solano de Barros, Guy José Paulo de Hollanda, Luiz Marques Poliano, **Maria José Motta e Albuquerque, Maria**

⁴ Instituto Brasileiro de Museus. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011: vol. 1, p. 59.

Luiza Lage, Paulo Olinto de Oliveira e Raphael Martins Ferreira, de acordo com Sá *et al* (2007). Estas duas mulheres são praticamente desconhecidas porque não conseguiram colocação como Conservadoras, contrastando com os homens, todos – à exceção de Rafael Ferreira – conhecidos e com sólida atuação na área dos museus. No MHN, Adolpho Dumans, Solano de Barros e Luiz Marques Poliano, e no Museu Imperial, Paulo Olinto de Oliveira. Guy de Holanda não atuou diretamente em museus, mas filiou-se à Organização Nacional do ICOM – ONICOM e publicou o livro “Recursos Educativos nos Museus Brasileiros” (1958).

Esta predominância masculina só ocorreu na primeira turma do Curso de Museus do MHN. Nas próximas turmas da década de 1930 consolida-se, gradativamente, tanto a presença feminina quanto a atuação das egressas no trabalho como Conservadoras de Museus. Na segunda turma, de 1934⁵, três mulheres se formam e nenhum homem, entretanto, ainda assim, estas egressas não conseguiram se manter na área dos museus. Catarina Santoro atuou como musicista. Celuta de Hannequin Gomes e Lyla Cavalcanti de Caracas trabalharam como bibliotecárias. Estas duas últimas demonstram uma estratégia para a possibilidade de mais opções de trabalho. O mesmo ocorre com Nair de Moraes Carvalho, formada pela turma de 1936. Amiga de Celuta de Hannequin Gomes, à época já funcionária da Biblioteca Nacional, Nair Carvalho ingressa no Curso de Biblioteconomia oferecido pela instituição. Em entrevista concedida ao NUMMUS⁶, Nair Carvalho conta que obteve o apoio do irmão Bertino de Carvalho, pois este acreditava que o curso possibilitaria boas chances de trabalho. Sua maior dificuldade surge quando, ao confirmar seu total interesse pela carreira dos museus e a vontade de se matricular no curso oferecido pelo MHN, pede ao irmão compreensão, apesar da relutância do mesmo. Ainda em entrevista, Nair Carvalho comenta que seu irmão não acreditava na carreira nos museus, dizendo não haver futuro para ela. Apesar de estar totalmente decidida de sua escolha acadêmica dentro do Curso de Museus, ela, muito ponderada e conciliadora, convence o irmão de que se dedicaria aos dois cursos, concluindo-os com sucesso. Mais tarde, Nair seria a primeira egressa do curso a compor o quadro de funcionários do Museu, como conservadora interina em 1937 (ANEXO 6), um ano após formar-se, passando ao quadro permanente em 1940, quando classificada no Primeiro Concurso para Conservadores de Museus, promovido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP.

Somente a partir da terceira turma, as mulheres começaram a se impor no trabalho efetivo como Conservadoras de Museus. A partir desse momento, num ritmo crescente de ocupação dos

⁵ A princípio, o Curso de Museus possuía a duração de dois anos. A partir da Reforma Curricular de 1944, a duração se elevou para 3 anos. No último ano, o aluno escolhia a especialização em museus históricos, artísticos ou ambos.

⁶ Entrevista realizada em 2014, com Nair de Moraes Carvalho dentro do Projeto de Extensão e Cultura – NUMMUS/UNIRIO “Centenário de Nair de Moraes Carvalho: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras” [não publicado]. (SÁ; SEOANE, 2014).

espaços de trabalho dos ainda poucos museus que existiam, inauguraram a atuação docente no Curso de Museus. Da turma de 1935, Fortunée Levy, no MHN, e Margarida Barrafatto, no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro. Das egressas de 1936, Anna Barrafatto e Nair de Moraes Carvalho, no MHN, ambas atuando como professoras do Curso de Museus. Da turma de 1937, Regina Liberalli e Regina Real, no Museu Nacional de Belas Artes – MNBA⁷, e Yolanda Portugal, no MHN e no Museu da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Das egressas de 1938, Elza Ramos Peixoto, no MNBA, e Octavia de Castro Corrêa, no MHN, essa última atuando também como professora do Curso de Museus. Por fim, da turma de 1939, Jenny Dreyfus, no MHN, e Lygia Martins Costa, no MNBA e, posteriormente, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, como relata Sá *et al* (2007).

No início da década de 40, ocorre um aumento considerável da presença de estudantes mulheres no Curso de Museus, provável reflexo de um novo estilo de vida imposto pelos influxos da Segunda Guerra Mundial. Nesta época, com a divulgação entusiasta americana pela emancipação profissional das mulheres, se inicia uma nova fase no mercado de trabalho feminino. O mercado de trabalho internacional, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, sofrera um grande impacto com a participação das mulheres na indústria em substituição ao homem que servia no *front*, quebrando vários paradigmas sociais e iniciando uma nova discussão acerca da participação feminina no mercado de trabalho e da carreira que seria adequada a uma mulher. Os reflexos brasileiros são inevitáveis. A política de boa-vizinhança e os primeiros impulsos de uma sociedade de massa, com a expansão dos meios de comunicação, demarcaram a influência dos Estados Unidos sobre o Brasil.

Com o fim da Guerra, muitas mulheres continuaram trabalhando no setor industrial, porém, um número muito maior ocupou o setor de serviços e esta inclusão feminina no mercado de trabalho repercutiu no Brasil, sobretudo nos grandes centros. As mudanças de mentalidade em relação ao trabalho das mulheres brasileira influenciaram de maneira efetiva após a Guerra, no entanto, devemos considerar que o processo de expansão econômica brasileira foi resultado também da reestruturação do mercado de trabalho na era dos direitos trabalhistas, ainda na década anterior.

Datada dos anos 1940, a legislação trabalhista brasileira adotou uma posição protecionista em relação às trabalhadoras. Baseada em princípios como a fragilidade feminina, a defesa da moralidade, a proteção à prole, a natural vocação da mulher para o lar e o caráter complementar do salário feminino, fundamentou-se em um ideal de família patriarcal e teve por objetivo proteger a trabalhadora em seu papel de mãe. (BRUSCHINI *et al*, 2011, p.88).

Um novo espaço social estava sendo construído onde a mulher procurava uma vida independente, mesmo mantendo a condição tradicional de esposa e mãe, isto é, de dona de casa. O

⁷ A partir de 1955, viria a trabalhar na Casa de Rui Barbosa.

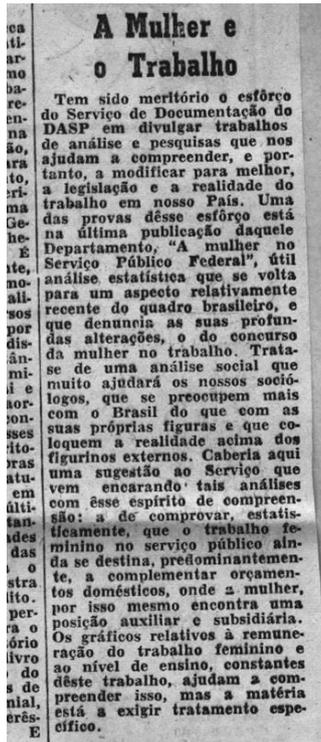
progresso econômico, a modernização, a expansão dos meios de comunicação, a consolidação da chamada sociedade de massa e as modificações dos grandes centros urbanos influenciaram na mudança de comportamento da sociedade.

Neste cenário, dos anos 1930 e 1940, a formação do Curso de Museus e a atuação da mulher como Conservadora de Museus, constituíram novas e promissoras opções de trabalho. Um exemplo desta tendência refere-se ao 1º Concurso para Conservador de Museus promovido, entre 1939-1940, pelo Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP, com objetivo de suprir a carência de técnicos no Museu Histórico Nacional e no recém-criado Museu Nacional de Belas Artes. O DASP foi criado, em 1936, pelo Conselho Federal do Serviço Público que iniciou uma reforma na administração pública brasileira, agrupando as carreiras de funcionários públicos, civis e federais, integrando-as a cada um dos Ministérios ligados ao Poder Executivo. Com isto, a reforma administrativa de Vargas é aprofundada no sentido de organizar e racionalizar o Serviço Público no Brasil. Dos treze candidatos inscritos, neste primeiro concurso para Conservadores de Museus, somente três eram homens e o restante mulheres. Dos dez candidatos aprovados, **oito eram mulheres**⁸ e somente dois homens⁹. Este primeiro concurso, bem como os que se seguiram e que conseguimos encontrar documentação, como por exemplo os realizados nos anos de 1941, 1944, 1945 e 1950, revelam importantes dados relativos ao protagonismo feminino, mas também sinalizam o despontar de um mercado de trabalho na área museológica. Podemos comprovar esta confluência em um artigo integrante da hemeroteca presente nos arquivos do MHN, mais especificamente na coleção de artigos de jornais selecionados por Gustavo Barroso durante sua permanência no museu. O artigo (Fig. 1) demonstra como os concursos idealizados pelo DASP estariam diretamente relacionados ao posicionamento feminino no mercado de trabalho, bem como a observância do fato já à época. Esta hipótese converge para a ideia formulada anteriormente de que a atuação de mulheres nos museus brasileiros desenvolveu-se paralelamente à própria construção de um mercado de trabalho feminino.

⁸ Nair de Moraes Carvalho, Octavia de Castro Correa e Yolanda Portugal para o MHN. Elza Ramos Peixoto, Lygia Martins Costa, Maria Barreto, Regina Real e Regina Liberalli para o MNBA.

⁹ Luiz Marques Poliano e Adolpho Dumans, da turma de 1933.

Figura 1. "A Mulher e o Trabalho". ÚLTIMA HORA, Rio de Janeiro, 26 de março de 1958.
 Figura 2. "Concurso DASP para cargo de datilógrafo", 1941.



Fonte: DOCPRO MHN – Hemeroteca Gustavo Barroso e Arquivo Nacional.

Segundo Siqueira (2009), entre os anos de 1940 e 1945, como já observamos, há uma expressiva procura do Curso de Museus por parte das mulheres, o mesmo ocorrendo com o Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional, uma vez que estas formações abriam mais oportunidades de atuação para as mulheres. São índices expressivos que evidenciam o aumento da procura feminina pelo Curso, sistematicamente nos anos correspondentes à Guerra. Apesar dos números de ingressantes diminuir nos anos de 1944 e 1945, mantêm-se a predominância feminina.

A análise do percurso histórico das mulheres brasileiras no ensino revela que as mulheres enfrentaram diversas dificuldades para obterem o direito ao ensino, pois durante muito tempo a educação da maioria delas foi destinada apenas para o mundo privado.

Muitos estudos sobre a emancipação feminina tiveram como uma das preocupações centrais as relações de construção de gênero. Em "Problemas de Gênero", BUTLER (2003, p. 28-29) afirma que, embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um "fator" ou "dimensão" da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma "marca" de diferença biológica, linguística e/ou cultural. Em termos de conceito, para FOUCAULT (1988), sexualidade não se refere às diferenças biológicas. Para ele, sexualidade seria um modelo construído socialmente que orienta a expressão dos desejos, emoções, motivações, fantasias, condutas e práticas corporais que singularizam o indivíduo física e

psicologicamente. Esse modelo analisado por Foucault orienta-se pelos discursos e práticas de ordem social como, por exemplo, a divisão sexual do trabalho. Tal categoria não se caracteriza apenas como analítica, mas também histórica. Desta forma, o termo e o conceito de gênero não tratam de diferença sexual, mas sim de relação social entre mulheres e homens.

Em “Relações de Gênero e Poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina”, as autoras (COSTA; SILVEIRA; MADEIRA, 2012, p.1), opinam que o surgimento das relações de gênero como conceito científico está intrinsecamente ligado à história do movimento feminista, a qual vem pautando a condição das mulheres nas sociedades ocidentais desde o século XIX. E é datada desta época a gênese do chamado “movimento feminista”, surgido a partir das décadas finais do século XIX até meados do século XX. Esta primeira onda do feminismo está inserida num contexto histórico marcado pela ideologia liberal e a ampliação e consolidação dos direitos de cidadania e valores republicanos em uma sociedade patriarcal. É a partir deste contexto que a mulher do início do século XX estabelece um papel de afirmação social, em busca por uma posição oficial dentro do meio acadêmico e profissional.

Durante o final do século XIX e o início do XX, ainda há uma grande resistência à emancipação das mulheres. Um artigo citado por HOBBSAWN (2013, p.125-128) e publicado pela Sociedade Psicanalista de Viena, de 1907, sustentava a hipótese de que “moças só queriam estudar porque eram feias demais para conseguirem marido”, para não mencionar o fato de que estudar não era “apropriado” para mulheres. Hobsbawm afirma também que mesmo Freud era da opinião de que a mulher não ganharia nada em estudar e que “no geral” isso não iria melhorar a situação das mulheres, pois estas não poderiam “se igualar à proeza do homem na sublimação da sexualidade”. Certamente uma visão sexista do psicanalista, que viria a surgir, de forma cada vez mais frequente, dentro da sociedade burguesa ocidental. Ainda segundo Hobsbawm, o avanço na instrução para mulheres estaria diretamente ligado à ideologia de seus pais e às perspectivas de emancipação feminina, na Europa de fins do século XIX. Uma propensão liberal e progressista que inspirava ideias libertadoras e que levaria à aceitação da obtenção de instrução superior, ou, nas palavras do autor, tomar parte na vida profissional e pública.

A busca pela formação superior era considerada um grande avanço para as mulheres da época. No Curso de Museus, não foi diferente. Adelia Miglievich-Ribeiro, em seu livro biográfico sobre Heloisa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos¹⁰, aponta que o Rio de Janeiro, das décadas de 1930, 1940 e 1950 oferece um claro exemplo da multiplicação dos círculos sociais, mas questiona: que mulheres, na realidade, puderam pertencer a esses novos círculos públicos caracterizados pelo mando e autoridade para administrar um campo específico de autoridade? (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p.22). É deste

¹⁰ Graduada pelo Curso de Museus em 1939.

questionamento que devemos partir para analisar o perfil socioeconômico e cultural destas mulheres que buscavam formação superior em Museologia e que desejavam atuar na área. Porém, vale ressaltar que Miglievich-Ribeiro no estudo biográfico de Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos¹¹ destaca a carreira de Marina de Vasconcellos nas áreas da Antropologia e da Etnografia, porém, é silenciada sua presença no Curso de Museus, inclusive a experiência como aluna da disciplina de João Anygone Costa, pioneiro dos estudos de Arqueologia e de Etnografia do indígena brasileiro. Em outras palavras, podemos dizer que a autora ignorou a formação em Museologia de Marina de Vasconcellos ao deixar de mencionar sua passagem efetiva pelo Curso nos anos de 1938 e 1939¹². O mesmo não ocorreu quando ela fala sobre o trabalho da antropóloga Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional. Seu aprendizado neste museu, apesar de informal, nas áreas de Antropologia e Etnografia não foi silenciado, como ocorreu com o de Marina de Vasconcellos no Museu Histórico Nacional. Não parece interessante para a autora, vincular o Curso de Museus como formação, revelando o destaque para a área da Antropologia no Brasil e ignorando, em um cenário o que nos parece proposital, a atuação da conservadora de museus no campo da Museologia.

O objetivo geral deste trabalho, se resume em analisar a inserção das mulheres egressas do Curso de Museus – MHN, entre nas décadas de 1930, 1940 e 1950, enquanto Conservadoras de Museus no nascente mercado de trabalho das áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio. Como objetivos específicos temos: 1 – Analisar o contexto histórico das décadas de 1930, 1940 e 1950, com ênfase nas questões da emancipação feminina neste mesmo período e parte do processo que viria a influenciar tais questões; 2 – Discorrer sobre a relação entre a simbologia feminina dentro do Museu, bem como a presença de mulheres neste campo de atuação; 3 – Mapear e analisar a incidência feminina no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional acerca do quantitativo de ingressantes e formandas em relação aos homens, bem como o meio socioeconômico e cultural; por fim, 4 – Analisar o perfil de atuação das egressas e as possibilidades de emergência de um campo de trabalho nas áreas dos Museus, da Museologia e do Patrimônio.

A ideia de trabalhar a temática de gênero na Museologia surgiu durante nossa participação no Projeto de Pesquisa “Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil”, ainda na graduação em Museologia pela UNIRIO. Participei como bolsista do Subprojeto de Pesquisa “A Museologia e o Curso de Museologia na Mídia Impressa da década de 1930 até a atualidade”, integrando a linha de pesquisa “Preservação das Referências sobre a Museologia no Brasil”. Mais tarde, viríamos a integrar a equipe do Projeto de Extensão “80 Anos da Escola de Museologia” que se concentrou no levantamento e na análise do contexto histórico relativo às oito décadas do Curso. Esta experiência no Projeto levou-nos a perceber que a efetiva consolidação do campo da Museologia deveria passar pela

¹¹ Graduada pelo Curso de Museus em 1939.

¹² A primeira matriz curricular do Curso de Museus previa a duração mínima de dois anos.

construção de uma história que pudesse trazer novos subsídios e contribuições à discussão e à reflexão sobre questões mais pontuais (SEOANE, 2016, p.5).

Ao longo do ano de 2014, durante a pesquisa e edição de três documentários biográficos das Conservadoras de Museus Nair de Moraes Carvalho, Lygia Martins Costa e Ecylla Castanheira Brandão, juntamente com a elaboração de entrevistas com as duas primeiras, pudemos perceber o campo de atuação destas e todos os desafios encontrados em relação às suas condições de gênero perante suas próprias famílias e a sociedade, na época, predominantemente patriarcal, machista e, até mesmo, misógina. Nestes trabalhos pudemos traçar um perfil delas como personagens principais na construção pioneira das áreas dos Museus e da Museologia.

Posteriormente, entre 2014 e 2015, durante nossa pesquisa de dissertação de Mestrado, inserida neste Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – UNIRIO / MAST, trabalhamos a Reforma Curricular do Curso de Museus do MHN, ocorrida em 1944, e nos aprofundamos nas questões relacionadas ao aumento do número de mulheres matriculadas e diplomadas pelo Curso, sendo este um dos tópicos levados à qualificação para análise da banca. Após a qualificação, foi consolidada a ideia, com auxílio da banca, de um aprofundamento posterior focando esta questão, por entender a importância desta temática em relação à trajetória da Museologia. Com isto, amadurecemos a ideia de que a questão da mulher na Museologia, por sua relevância e complexidade, deveria constituir uma pesquisa específica e não simplesmente um tópico da dissertação.

Esta ideia inicial acabou se fortalecendo após a conclusão do Mestrado e começamos a pesquisar sobre o assunto visando um futuro projeto de tese, momento em que constatamos que havia muito pouco sobre a temática. Na verdade, a despeito da crescente produção de conhecimento no campo da Museologia, sobretudo após a implantação do PPGPMUS-UNIRIO/MAST, a pesquisa ainda é carente de investigações que levem a entender melhor a formação do campo e a inserção das mulheres neste contexto. A ideia é que esta pesquisa possa contribuir com a discussão sobre o tema e construção de uma trajetória histórica que possa elucidar a participação efetiva das mulheres na construção da Museologia no Brasil.

No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, o tema de gênero e suas ramificações têm sido amplamente desenvolvidos já há algumas décadas. Dentre inúmeros trabalhos, podemos citar os da historiadora Mary Del Priore, doutora em Ciências Sociais, que trabalha o eixo temático da sexualidade na historicidade brasileira. Ainda na área da História, podemos citar as pesquisas de Miriam Coser, professora da UNIRIO, inclusive do Curso de Museologia, que trabalha a relação entre biografia e gênero no contexto histórico medieval. Ângela Donini, doutora em Psicologia e professora de Filosofia, também da UNIRIO, desenvolve pesquisa sobre a posição da mulher brasileira e sua identidade social. Também podemos destacar o trabalho da socióloga Heleieth Saffioti, formada pela Faculdade de

Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que, ainda na década de 1960, inicia suas primeiras pesquisas acadêmicas em relação à condição das mulheres na sociedade brasileira. Também devemos apontar o trabalho de pesquisa da professora Maria Amélia Gomes de Souza Reis, da área da Educação, professora associada do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – UNIRIO/MAST, e que coordena, desde 2002, o Núcleo Inter(trans)disciplinar de Educação, Sexualidade, Saúde e Cultura(s) - NIESC, englobando os programas e projetos de extensão e pesquisa PROETNO e NEXUS&SEXUS, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

São apenas alguns exemplos para demonstrar o quanto as Ciências Humanas e Sociais têm trabalhado questionamentos relativos às mulheres e o quanto a Museologia destoa por ignorar este tema, apesar de constituir uma área essencialmente feminina. O fato é que a Museologia não tem uma produção significativa neste campo específico de pesquisa, ou seja, contraditoriamente, o campo de pesquisa museológico se encontra em um estágio controverso relativo ao tema, principalmente se considerarmos as tendências da atualidade. No entanto, reconhecemos que tem havido um esforço nos últimos anos a fim de construir um discurso sobre Museologia e Gênero.

Um exemplo de pesquisa que aborda o trabalho das mulheres nos museus refere-se ao de Maria Margaret Lopes¹³, doutora em História Social, que tem se debruçado sobre a análise do trabalho e produzido estudos históricos referentes às mulheres e às Ciências Naturais. Em seu artigo “A Construção da Invisibilidade das Mulheres na Ciência”, Lopes comenta sobre a falta de levantamento referente ao trabalho das mulheres nas Ciências, compondo uma lacuna de indicadores de produtividade:

Quanto a um dos temas mais recorrentes e controversos nessa bibliografia – a tão decantada ausência das mulheres nas ciências ao longo da história -, nunca é demais lembrar que este também é uma construção historiográfica. A invisibilidade das mulheres nas ciências é uma construção historiográfica, contra a qual, pelo menos para o final do século XIX e para o século XX, a existência de séries de indicadores de produtividade cumpre um papel quase desprezível. (LOPES et al, 2004, p.98.)

No âmbito do PPG-PMUS, podemos citar uma tese da doutora Ana Cristina Audebert de Oliveira, que analisa o processo de musealização da Coleção Sophia Jobim¹⁴ do MHN, incluindo o levantamento e compreensão da atuação e trajetória da Conservadora como feminista, contextualizando estudos de gênero e a problematização do papel das mulheres nos museus brasileiros. Ana Audebert também contribuiu para a pesquisa na área específica com a coordenação dos

¹³ Compõe o Cadernos Pagu, publicação quadrimestral que tem como objetivo contribuir para a ampliação e o fortalecimento do campo interdisciplinar de estudos de gênero, promovendo a visibilidade do que é produzido no Brasil sobre a temática, além do intercâmbio internacional sobre a temática.

¹⁴ Aluna e egressa do Curso de Museus – MHN.

grupos de trabalho relacionados à museologia e gênero, nas edições do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS) dos anos de 2015, 2017 e 2019.

A professora e museóloga, Ana Audebert também coordena a linha de pesquisa Museologia, museus e gênero, criada e oficializada na pró reitoria de pesquisa da Universidade de Ouro Preto – UFOP, em 2010 e ligada ao Departamento de Museologia da universidade. Essa linha de pesquisa visa “preencher em parte esta lacuna pondo em evidência aspectos teóricos e aplicados ligados à prática colecionista feminina bem como ao investigar as relações de gênero presentes nos museus a partir de análise de público visitante entre outras investigações possíveis”.¹⁵

Também é importante citar o primeiro evento no Brasil a promover conferências com temática voltada exclusivamente para o trabalho das mulheres na museologia brasileira: o II Seminário de Pesquisa em Memória da Museologia. Em edição comemorativa aos 85 anos da Escola de Museologia, o NUMMUS, com apoio da Escola de Museologia (UNIRIO) e do PPGPMUS, realizou em outubro de 2017 o seminário intitulado “Mulheres, Museus e a Museologia: um campo de saber e empoderamento”. No evento, foram discutidos os estudos de gênero nas Ciências Humanas; os casos de museus dirigidos por mulheres, além de conferências realizadas por gestoras de museus; a atuação feminina na regulamentação da profissão e no campo disciplinar da Museologia, além de suas contribuições no mercado de trabalho; e estudos de caso de mulheres com atuação de destaque na Museologia e Patrimônio no Brasil. Também devemos citar o “II Seminário Brasileiro Museus, Memória e Museologia LGBT+Feminismo”¹⁶, realizado de forma remota, em agosto de 2020 pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este seminário versou sobre a relação entre a questão LGBT+ e o feminismo na produção acadêmica nacional sobre memória, museus e Museologia.

Na tabela a seguir (Tab. 1), podemos observar um panorama de artigos e alguns trabalhos de conclusões de curso que trabalham questões relacionadas a gênero e às mulheres no âmbito dos museus, coleções, patrimônio e museologia. Percebemos que a maior parte da produção se concentra nos últimos cinco anos, o que demonstra que a temática se tornou premente em nossa área, sendo de grande importância os GTS do SEBRAMUS para a abertura de oportunidades de discussões. Ainda destacamos o artigo do professor Bruno Brulon Soares, “Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente”, publicado pelos Cadernos Pagu, em 2019, onde o autor trata especificamente do trabalho de mulheres em museus no Brasil.

¹⁵ DEMUL – Departamento de Museologia da UFOP. Disponível em: <https://museologia.ufop.br/museologia-museus-e-g%C3%AAnero>. Acesso em maio de 2022.

¹⁶ Página do evento: <https://www.event3.com.br/memorialgbtfeminismo/> Acesso em fevereiro de 2022.

TABELA 1: PANORAMA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NA TEMÁTICA MUSEOLOGIA, MULHER E GÊNERO

Autor	Título	Produção/ Evento/Publicação	Ano
NUMMUS	Projeto de Extensão “Centenário de Nair de Moraes Carvalho e Lygia Martins Costa (1914-2014) UMA REFLEXÃO SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA PIONEIRAS E FONTES DOCUMENTAIS SOBRE MUSEOLOGIA;	Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, NUMMUS - UNIRIO	2014
NUMMUS	Documentário “Nair de Moraes Carvalho: 100 anos de vida e trabalho”	Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, NUMMUS - UNIRIO	2014
NUMMUS	Documentário “Lygia Martins Costa: 100 anos de vida e trabalho”	Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, NUMMUS - UNIRIO	2014
Julia Moura Godinho	Mulheres artistas em revolução: museologia, feminismo e arte	TCC (graduação) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Orientadora: Miriam Pillar Grossi	2014
Ana Audebert, Ivan Coelho de Sá	Tesouro para estudos de Gênero e sobre Mulheres	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Ivan Coelho de Sá	Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio	Museologia & Interdisciplinaridade, UNB	2015
NUMMUS	Documentário “Ecylla Castanheira Brandão: Reminiscência de Vida e Obra”	Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, NUMMUS - UNIRIO	2015
Tamira Naia dos Santos	Da Casa ao Museu: Renata Crespi e a Institucionalização de uma coleção privada	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Thayane Martins	Gênero e Ciência no Museu da Farmácia: A Trajetória de Maria de Vasconcellos e a construção de uma memória diluída.	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Elaine Müller	Memórias de um corpo que pare: o que nos dizem as narrativas de Mulheres Mães?	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Elaine Müller, Júlia Morim	Museu da Parteira: Projeto e Processo	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Washington Fernando Souza, Alexandro Oliveira Fernandes	O Glamour e o destaque da Cultura LGBT: a riqueza de brilhos, cores e elegância no Carnaval brasileiro	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Flávio Pereira do Amaral	Museus, uso Social da informação e homofobia institucional: Uma perspectiva documentária	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Ana Paula dos Anjos Fiuza	Gênero e Patrimônio em conexão com o equilíbrio social	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Tony Willian Boita	<u>Memórias LGBT em Revista</u>	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Jean Baptista, Tony Boita	Museologia comunitária e comunidades LGBT: Desafios e metodologias da extensão universitária em universidades federais e museus	II Sebramus (Museu do Homem do Nordeste/Recife)	2015
Ana Audebert	Museologia, gênero e feminismo: sobre mulheres, coleções e museus.	Encontro Anual do ICOFOM LAM: Musealidade e patrimônio na teoria museológica latino-americana e do Caribe	2016
Patrícia Mariuzzo	Os desafios da museologia de gênero	Cienc. Cult., São Paulo	2016
Henrique de Vasconcelos Cruz; Eduardo Castro	Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado	Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco	2016

Clênio Sierra de Alcântara	O mar ainda não serenou e a ciranda continua a girar: brilho, encanto e grandeza de Lia de Itamaracá	Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco	2016
Hildo Leal; Maria Elisabete Arruda de Assis	Mãe Biu do Portão do Gelo e os acervos confiscados dos terreiros de Recife	Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco	2016
Maria Margaret Lopes	Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais	Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco	2016
Mauricio Silva	Miss Sambaqui: gênero, representação nos museus e patrimônio cultural	Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco	2016
Joana Angélica Flores Silva	Mulheres Negras e a Discussão de Gênero na Construção das Narrativas nos Museus de Salvador	Dossiê Coleções, museus e patrimônios das culturas negras. Revista Mosaico, PUC, Goiás, v.9, n. 2.	2016
Ana Audebert, Marijara Souza Queiroz	Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil	Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 5	2017
NUMMUS	Projeto de Extensão – 85 Anos da Escola de Museologia: Mulher, Memória e Poder	Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, NUMMUS - UNIRIO	2017
Joaquim dos Santos, José Cláudio Leôncio Gonçalves, Carlos André Silva do Vale; Zuleide Fernandes de Queiroz	Ensino de história, memória e sexualidade no museu comunitário: problematizando a exclusão de gênero	V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Campina Grande	2017
Fatima Maria do Nascimento	Museu de Ciências da Terra como meio de comunicação do conhecimento: Gênero na paisagem geológica brasileira	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Marijara Souza Queiroz	Tessituras sobre a indumentária de Candomblé a partir da Coleção Dona Nóla	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Tony Boita, Camila Moraes Wichers	Quando a memória LGBT sai da Reserva Técnica: Mapeamento preliminar dos museus, patrimônios e iniciativas comunitárias em memória e Museologia Social	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Bárbara Xavier Carvalho, Camila Moraes Wichers	Pesquisa para exposições em museus: Uma análise da exposição Gênero e Judiciário: Um olhar sobre a representação da mulher no século XX	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Camila A. de Moraes Wichers	Musealização da Arqueologia: Provocações e proposições feministas	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Jean Baptista, Camila Moraes Wichers, Tony Boita	Mulheres indígenas nas Missões: Problemas etno- históricos, arqueológicos e museológicos na História, sítios arqueológicos e museus dedicados às Missões Meridionais	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Clovis Carvalho Britto	Desrecalques de Gênero? O heroísmo poético nas exposições sobre Cora Coralina e Maria Bonita	III Sebramus (UFPA/Pará)	2017
Diogo Jorge de Melo	Mulheres Negras, o Renascença Clube e a Museologia	13° Mundos de Mulheres & fazendo Gênero: Transformações, Conexões, Deslocamentos. Universidade Federal de Santa Catarina	2017

Allinny Raphaelle Vitor de Lima	Olhares e Críticas Feministas sobre a Museologia: Mapeamento e Museu Virtual	Monografia do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás	2017
Ana Audebert	Gênero, mulher e indumentária no museu: a Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional	Tese de doutorado, PPGPMUS UNIRIO/MAST	2018
Ana Audebert	Colecionismo a partir da Perspectiva de Gênero	Museologia & Interdisciplinaridade	2018
Larissa Gonçalves Venâncio	Gênero em museus de ciência: Análise de como a mulher é abordada na exposição de química do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto	Monografia (Graduação em Museologia) – Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018	2018
Camila Moraes Wichers	Feminismo e suas ondas de renovação	Museologia & Interdisciplinaridade, UNB	2018
Ana Audebert	Gênero, mulher e indumentária no museu: a Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional	Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) -- Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast	2018
Marlise Maria Giovanaz	Uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Izabella Trindade Cavalcante	Análise de 1 Ano do Espaço Cultural Gênero e Diversidades – UFSC	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Jean Baptista	Novas memórias traumáticas nas comunidades LGBT brasileiras: marcos na democracia tensionados pelo esquecer e o lembrar	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Leonardo Silva	Reflexões acerca da inserção e presença de mulheres na Faculdade de Artes Visuais da UFPA	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Mariana Sombrio	Os olhares de Wanda Hanke e Betty Meggers sobre populações indígenas do Brasil	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Ana Audebert	A Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional: gênero, mulher e indumentária no museu	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Larissa Gonçalves Venâncio, Ana Audebert	Gênero em Museus de Ciência: A representação da mulher no Museu de Ciência e Técnica da UFOP	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Claudia Oliveira da Silva Braga	A Mulher nas Coleções do Museu do Homem do Nordeste	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Marcus Vinícius Gonçalves Valias	A Dama de Vix: as Potencialidades dos Estudos de Gênero para a Proto-História	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Camila Azevedo de Moraes Wichers, Allinny Raphaelle Vitor de Lima, Jéssica Alves Vieira	Museus e Gênero no Brasil: uma cartografia de silenciamentos e resistências	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Tony Willian Boita	Registros Imateriais do Patrimônio Cultural LGBT	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Rafael dos Santos Machado, Neila Dourado Gonçalves Maciel	Museologia e Sexualidade: Imaginação Museal na CasAmor de Aracaju/ SE	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Vinicius Santos da Silva	Museologia da "fechação": evento-território e memória entre os "viados de fanfarra" na Bahia	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019

Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza	A valorização da Festa das Filhas da Chiquita a partir do processo de musealização do Círio de Nazaré	IV Sebramus (UNB/Brasília)	2019
Ana Audebert; Camila A. de Moraes Wichers; Marijara Souza Queiroz	Interfaces Críticas entre Museologia, Museus e Gênero	Museologia e suas interfaces críticas [recurso eletrônico]: museu, sociedade e os patrimônios, UFPE	2019
Bruno Brulon	Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente	Cadernos Pagu	2019
Maria Clara Martins Cavalcanti	Decisão, ruptura, opção: uma experiência sobre o papel social do Museu em prol da equidade de gênero	Rev. Mus. Antropol. vol.12, no.2	2019
Bruno Brulon Soares	Museu queer e Museologia da bricolagem: o problema da diferença nos regimes museais	Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 9, n. 17	2020
Silvia Ayabede; Jaqueline Aparecida Martins Zarbato	Imagens da Mulher em Exposições de Museus de Campo Grande – Mato Grosso do Sul	Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História	2020
Nathália da Silva Araújo	Museus de ciência e as questões de gênero e étnico-raciais: um estudo sobre o Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência	Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz	2020
Jennifer Katarina Miranda da Silva	Relação de gênero e raça no acervo da Pinacoteca de Alagoas: um estudo de caso em um museu de arte contemporânea do Nordeste	TCC (Licenciatura em Artes Visuais) – Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2022

Fonte: Elaborado pela autora.

Por outro lado, em termos internacionais, podemos citar Maria Bolaños Atienza que trabalha o perfil da mulher profissional de museu, em um recorte específico espanhol, bem como a pesquisa sobre as relações de gênero no Patrimônio Cultural, de Iñaki Arrieta, também no contexto espanhol, na Universidad del País Vasco e ainda o livro norte-americano “Women in Museum: Lessons from the workplace”, de John Baldwin e Anne Ackerson, relatando, especificadamente, estudos de caso estadunidenses. Também podemos citar o artigo de Irene Vaquinhas, professora da Universidade de Coimbra, “Museus do Feminino, museologia de gênero e o contributo da história. De Portugal, também destacamos o artigo da professora Aida Rechená, “Museologia Social e Gênero”, publicado aqui no Brasil pelos Cadernos do CEOM, no ano de 2014. A mesma autora escreve “Museologia (d)e Género”, em 2012, quando realiza uma reflexão teórica sobre os conceitos de museologia e de gênero e o impacto teórico e metodológico da integração de uma perspectiva de gênero sobre os elementos definidores do campo científico da museologia.

Podemos perceber que apesar dos esforços na última década para a abordagem de gênero na Museologia, relevante e meritório no campo, é nítida a insuficiência de estudos sobre as mulheres Conservadoras de Museus/Museólogas no Brasil, talvez esta seja a saída mais razoável para suprimos a carência destes estudos, isto é, procurando fazer uma análise mais ampla ainda que dentro de um

recorte temporal das décadas de 30, 40 e 50 e concentrando-se nas questões de formação e atuação profissional. O acervo disponibilizado por grande parte dessas profissionais ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil tornou-se o grande facilitador de acesso a um olhar mais detalhista sobre a produção profissional e acadêmica dessas mulheres nos museus brasileiros.

A despeito da importância destas pesquisas, elas não dão conta da atuação feminina como um todo, isto é, nas áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio, além do que, as mulheres trabalhadas nestas pesquisas, não são necessariamente Conservadoras de Museus / Museólogas graduadas pelo Curso de Museus. Na realidade, o aprofundamento das questões ligadas ao universo feminino inserido no eixo temático e histórico do Curso de Museus / Museologia no Brasil, no que se refere à pesquisa, é um *fenômeno* em fase de construção. Neste processo de revisão, torna-se premente, a nosso ver, abordagens mais específicas para suprir a carência de produção na área. Poucos trabalhos estudam a história das mulheres formadas pelo Curso de Museus do MHN, mais concretamente.

Em síntese, acreditando que a relevância deste projeto de pesquisa encontra-se exatamente nas possibilidades de preencher uma lacuna flagrante na produção da Museologia, ou seja, contribuir com um estudo que possa avaliar e destacar a presença feminina, bem como analisar o delineamento de um perfil profissional específico da Conservadora de Museus / Museólogas nas áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio.

No que se refere à metodologia a proposta deste trabalho foi elaborar mapeamentos quantitativos e análises qualitativas, tendo como base a combinação de pesquisa documental, bibliográfica e estudo exploratório¹⁷. A análise qualitativa nesta pesquisa irá se estabelecer nos estudos de casos das alunas e egressas do Curso de Museus do MHN, remetendo-nos à interpretação de fatos, que resultam fenômenos observados. Para essa interpretação qualitativa, recorreremos à análise ideográfica, compreendida por Fábio Appolinário da seguinte maneira:

[*idiographic analysis*] Termo oriundo do grego (idios: “singular, peculiar”), que se refere a uma análise de natureza qualitativa, subjetiva, hermenêutica. Busca de sentido através da determinação e da análise das unidades de significado do discurso. A análise ideográfica trata fatos individuais, buscando a singularidade de cada fenômeno e não a generalização. (APPOLINÁRIO, 2011, p. 11).

Para a efetiva recuperação de informações referentes à presença feminina no Curso de Museus durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, a metodologia aplicada consistirá basicamente na análise de fontes primárias, tais como as Fichas de Matrícula, os Livros de Assentamentos e Históricos Escolares das alunas pertencentes ao acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil –

¹⁷ “[exploratory study] I. Estudo que tem por objetivo aumentar a compreensão de um fenômeno ainda pouco conhecido, ou de um problema de pesquisa ainda não perfeitamente delineado; II. Estudo preliminar, estudo prospectivo”. Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico / APPOLINÁRIO, Fábio. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 75.

NUMMUS, onde se encontram informações acadêmicas, além de dados relativos à idade, endereço, filiação, estado civil, formação fundamental e secundária ou formações superiores e possíveis vinculações profissionais. Todas estas informações são necessárias e fundamentais à construção do perfil e do meio socioeconômico e cultural das ingressantes. Para isso, serão realizados agrupamentos de dados em variáveis de acordo com diferentes critérios. A técnica estatística utilizada será a de distribuição de frequência, que permite a organização e visualização dos dados de acordo com a ocorrência de diferentes resultados observados.

Em termos dos percentuais relativos ao quantitativo de ingressantes homens e mulheres, bem como de formandos, tomaremos como base, não apenas as fichas de matrícula da Escola de Museologia, como também a pesquisa desenvolvida por Ivan Coelho de Sá e Graciele Siqueira publicada no livro “Curso de Museus – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional”, de Ivan Coelho de Sá e Graciele Siqueira, que apresenta um mapeamento sobre as turmas do Curso de Museus que funcionaram no Museu Histórico Nacional. Este mesmo texto servirá de base à extração de dados relativos à atuação profissional das egressas, uma vez que apresenta o currículo *vitae* dos ingressantes e formandos. No entanto, estes dados terão que ser trabalhados em quadros para mapeamento e análise da atuação específica das mulheres nas áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio, cotejando dados como tipologias de museus predominantes, se são públicos ou particulares, opções por órgãos de patrimônio, funções e atividades desempenhadas, cargos de chefia / gestão, produção de conhecimento / publicações, opções por carreira docentes na área específica da Museologia ou em outras áreas; atuação em órgãos de classe, atuação nacional e / ou internacional, etc. Estes dados poderão vir a ser complementados com pesquisas em arquivos, hemerotecas, anais, bem como no Diário Oficial da União.

Em termos de fundamentação teórica, para uma efetiva construção teórica e conceitual, serão analisados os textos organizados no livro “Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas Interseccionais”, organizados por Alice Abreu, Helena Hirata e Maria Rosa Lombardi, assim como o texto de Danièle Kergoat, “O trabalho, um conceito central para os estudos de gênero?”, de 2019; “Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917 – 1937)”, de Glaucia Fraccaro; alguns dos artigos apresentados no livro “Mulheres Trabalhadoras: (in)visíveis?”, organizado por Patrícia Vieira Trópia, Tania Ludmila Dias Tosta, Elaine Gonçalves, Maria Lúcia Vannuchi, Márcio Ferreira de Souza em 2016; além de artigos e trabalhos organizados por Mary del Priore, em “História das mulheres no Brasil”, de 1997.

Para uma efetiva definição de termos a fim de evitar imprecisões, utilizaremos o Dicionário Crítico do Feminismo, organizado por Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré e Danièle Senotier.

Tratando especificamente das mulheres na academia durante fins do século XIX e início do século XX, trabalharemos “Tempos Fraturados”, mais exatamente o capítulo Cultura e Gênero na Sociedade Burguesa Europeia de 1870-1914”, de Eric Hobsbwan. Para uma análise comparativa de casos, serão trabalhados textos da revista espanhola “Patrimonio en Feminino”. O livro de Heleieth Saffioti, “A mulher na sociedade de classes”, de 1978, fundamentará a análise socioeconômica do processo de emancipação feminina no Brasil. Para um entendimento das questões diretamente econômicas servirá de base também o livro da jornalista sueca Katrine Marçal, “O lado invisível da economia”, publicado, em primeira edição, no ano de 2017.

Para uma construção teórica acerca da relação do movimento feminista e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, assim como o processo de sua emancipação, serão trabalhadas três teóricas fundamentalmente feministas, em contextos e épocas diferentes: Mary Wollstonecraft, inglesa que durante o século XVIII escreve acerca da Reivindicação dos direitos das mulheres; Virginia Woolf, igualmente inglesa, que durante as décadas de 1910 e 1930, debate em diversos artigos acerca do direito da mulher e o trabalho feminino; e, Simone de Beauvoir, francesa, reconhecida como precursora de uma importante corrente do feminismo contemporâneo em sua obra “O Segundo Sexo”, de 1949.

Em relação à Museologia, trabalhamos sob a ótica de Diana Farjalla Correia Lima, na aplicação da “Teoria Geral da Economia dos Campos”, de Pierre Bourdieu, interpretando-a como um campo com representações construídas, significações expressas, relações estabelecidas e as variadas circunstâncias no ambiente social da forma cultural Museu:

Ao focalizar-se o universo museológico, o seu aparato conceitual e técnico como campo do conhecimento e a construção cultural que o anima e constitui sua representação essencial: o Museu, bem simbólico, cabe em razão de tal caráter abordar a questão do sentido simbólico, postura que leva a compreender a dimensão da cultura como meio aglutinador das disposições sociais. E reconhecer que as significações relacionadas constituem “mensagens vinculadas aos objetos, instrumentos e agentes do campo que demarcam o espaço arbitrário no qual evoluem. (LIMA, 2013, p. 48-19).

Por fim, para a análise da conjuntura histórica e circunstâncias que se deram o desenvolvimento da Museologia no Brasil, a pesquisa se baseia nos estudos de Ivan Coelho de Sá e o projeto de pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil. O acesso ao acervo do NUMMUS, vinculado ao projeto, subsidiou a observação precisa em fontes primárias, partes de coleções doadas diretamente pelas profissionais que serão trabalhadas ao longo da tese.

É importante apontar, segundo Iñaki URTIZBEREA (2017, p.12) existe uma diferença que ocorre entre os estudos de gênero e as abordagens feministas, refletindo nas perspectivas quando inseridas no contexto (pesquisa e práxis) patrimonial: se, por um lado, os estudos de gênero tentam desnaturalizar e problematizar as relações entre os sexos e seu caráter conflitivo; por outro, as análises

feministas vão mais longe, elas têm o objetivo político de propor ferramentas e formas de transformá-los. Portanto, para a interpretação do patrimônio, os estudos feministas, mesmo que recentes, garantem uma localização mais acertada das relações de gênero em um contexto político, econômico, histórico e cultural mais amplo. A partir dessa perspectiva mais ampla dos estudos feministas que iremos trabalhar, garantindo assim a interpretação mais ampla das relações de gênero no contexto da museologia.

Em termos de estrutura, a tese foi organizada em três capítulos. O Capítulo um, “Apresentação do Debate acerca da formação e trabalho da Mulher”, irá tratar do cenário e contexto da relação das mulheres em face do trabalho e do conceito de economia, assim como a atuação feminina na Academia, nas Ciências Humanas e na Arte. Também trará uma análise da simbologia da figura da mulher dentro do museu, além de sua atuação neste mercado de trabalho. Também serão apresentadas algumas questões mais contemporâneas acerca da representatividade feminina no espaço museológico. Além disso, este capítulo trará discussões sobre as perspectivas brasileiras durante a primeira metade do século XX, em termos de legislação e políticas públicas.

O Capítulo dois, “A Formação em Museologia e a Presença das Mulheres no Curso de Museus – MHN: Protagonismo feminino no Contexto Brasileiro”, discutirá acerca de vocação e convergência feminina para a área dos Museus, da Museologia e do Patrimônio. Também apresentará dados e análises sobre as primeiras turmas do Curso de Museus, turmas subsequentes ao aumento da procura do curso por mulheres e à construção do corpo docente do curso. Também serão apresentados dados gráficos percentuais de indicadores socioeconômicos das ingressantes.

Para finalizar, no terceiro capítulo, “Um olhar voltado para o legado das mulheres nos Museus Brasileiros” apresentaremos informações sobre as egressas do Curso de Museus – MHN e a presença pioneira destas mulheres na frente de trabalho de museus recém-criados. Também discutiremos sobre o Primeiro Concurso para Conservadores de Museus, promovido entre 1939 e 1940, e dos concursos que vieram a seguir; uma análise de cargos e contexto de visibilidade da egressa nos museus e, por fim; o legado da construção de um perfil feminino na Museologia Brasileira.

CAPÍTULO 1
DEBATE ACERCA DA FORMAÇÃO E TRABALHO
DAS MULHERES

1. DEBATE ACERCA DA FORMAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES

1.1 MUSEU E MUSAS: O SIMBOLISMO DA FIGURA FEMININA NO ÂMBITO MUSEOLÓGICO [OU MUSEU EM FEMININO]

*Canta em mim, ó musa, e, através de mim, conte a história.
Homero, A Odisséia. Livro I, capítulo I. Séc. III a. C.*

Como podemos observar na epígrafe acima, primeiro verso de “A Odisséia”, escritores na antiga Grécia evocavam as musas no início de suas obras. Homero também o faz em “A Ilíada”, e Hesíodo dizia ser inspirado pelas Musas para escrever a “Teogonia”, uma das principais fontes da Mitologia Grega. Para os antigos, as Musas inspiravam a criação. Citá-las é o princípio da composição épica. Nas artes, as Musas são geralmente apresentadas como mulheres etéreas com beleza divina, geralmente jovens e com atributos distintos às características de cada.

Segundo Junito de Souza BRANDÃO (1986, p. 198), as musas são divindades, filhas de Zeus e Mnemosyne¹⁸. O resultado de nove encontros entre o casal: as nove musas. Ainda segundo a Mitologia, as musas não estavam interessadas em nada do cotidiano humano e queriam dedicar suas vidas às artes. Apolo, seu tutor, as levou ao grande Monte Elikonas, onde se encontrava o antigo Templo de Zeus e, desde então, apoiaram e incentivaram a criação, imaginação e inspiração dos artistas. A musa Clio descobriu a História. Euterpe, instrumentos musicais e a dialética. Thalia descobriu a comédia, a geometria, arquitetura, agricultura, e também era considerada protetora dos simpósios. Erato, protetora do amor, criou a poesia lírica. Polymnia inventou a gramática. Urania era protetora dos objetos celestes e das estrelas, tendo criado a Astronomia. Terpsícore inventou as Danças, a harpa e a Educação. Melpômene inventou a Tragédia e o discurso retórico. Calíope era protetora dos poemas heróicos. (HARDIE, 2009, p. 11-14).

Alocadas no Monte Elikonas as Musas não apenas serviam como fonte de inspiração aos mortais, como também compunham o que foi chamado de “*mouseíon*”, ou museu: o templo das musas. (BRANDÃO, 1993, p. 170). Os teóricos da Museologia afirmam que a criação do Museu está diretamente ligada ao *mouseion*, palavra grega que se originaria o termo museu, no que se refere à análise etimológica em si. Mairesse e Desvallés apontam que antes do museu ser definido como tal, durante século XVIII, o conceito teria sido emprestado da antiguidade grega e que:

(...)a sua ressurgência durante o Renascimento ocidental, existiam em quase todas as civilizações certo número de lugares, de instituições e de estabelecimentos que

¹⁸ Mnemósine era uma titânida, filha de Gaia (Terra) e Urano (Céu). O teremo deriva-se de ‘*mimnéskein*’: “fazer-se lembrar, fazer pensar, lembrar-se de’, a personificação da Memória’.

se aproximavam mais ou menos diretamente daquilo que englobamos atualmente com esse vocábulo. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 65).

Pode-se perceber que, mais que regados de simbolismo e códigos, o mito das musas é uma grande metáfora para o que conhecemos hoje como as Ciências e as Artes. Em Alexandria é resgatado o termo *museíon* da antiguidade grega, instituído por Ptolomeu Sóter, significando um conjunto de prédios e pórticos onde se reuniam “sábios mantidos pelo rei”. Noémie DROUGUET e André GOB (2019, p. 32) indicam que a ressurgência do tema na forma latina e italiana acabou por designar um lugar ou uma obra relacionada com as Musas. Ainda no século XV, Paolo Giovo chamou de *Musaeum* a sala ornada com a figura das musas em sua casa. E, no século XVI, mais precisamente em 1560, a palavra *musée* surgiu para designar a “casa de campo que o preboste de Paris, Antoine Suprat, fizera construir em Vanves pelo humanista florentino Gabriel Simeoni” (POMMIER, 1989, p. 8). Nesse sentido, o museu desse período é visto, por Andre Gob e Noémie Drouguet, como um lugar para estudo privado. E citam Comenius em seu Manual Ilustrado da Aprendizagem do Latim, que em 1659, designa o museu como “o lugar onde o erudito se senta sozinho, separado dos outros homens, preso a seus estudos, lendo livros”. Esse percurso leva ao emprego do termo à acepção atual, a partir no fim do século XVIII, como descrito por Françoise Mairesse e Desvallées. De todo o modo a figura das musas esteve sempre presente.

Figuras 3 e 4. Vaso (pyxis) grego e Imagem bidimensionada com a representação das Musas. 460 – 450 a.C. Cerâmica. Origem: Atenas, Grécia



Fonte: Museum of Fine Arts, Boston – Base online.

O mais importante de destacarmos neste tópico é, talvez a característica mais evidente que permeia insistente o mito das nove musas: são nove mulheres. O mito do “*mouseiôn*” dá destaque para a curadoria de Apolo em um templo constituído por figuras femininas. Mas essas tornaram-se modelo de inspiração aos humanos e à perpetuação do conhecimento. Não por seus atributos físicos, mas pelas faculdades intelectuais.

Dessa forma, as características que definem o museu como “instituição permanente, dedicada ao estudo, conservação, documentação e divulgação de evidências materiais do Homem e da

Natureza” (MALUF, 2009, p. 58), estão intrinsecamente relacionadas não ao mito do Templo de Apolo, mas sim ao das musas propriamente ditas.

Além disso, damos alto destaque ao simbolismo feminino na nascente relação entre o museu/*mouseiôn* e os seres ditos “humanos”. Imbuídas de capacidade e conhecimento, essas mulheres expressavam suas vozes através de canais masculinos, ou seja, falavam através de homens com reputação científica, artística e filosófica. Mesmo se tratando de um mito, podemos verificar uma dicotomia entre o papel dessa figura feminina na dependência criada pelos antigos gregos e a falha no lugar de fala, a considerar pelo número irrisório de artistas e escritoras mulheres na Grécia e Roma antigas¹⁹.

Por outro lado, analisemos o mito das metades exatas apresentado por Platão em “O Banquete”²⁰. A história refere-se à punição divina contra os humanos que teria dividido em dois aqueles que antes eram únicos, ou seja, eram seres andróginos, possuidores de ambos os sexos biológicos. O mito andrógino constitui uma análise da natureza humana igualitária. Segundo Martha ROBLES (2019, p.15), a aceitação do mito sugere que a natureza foi provida de mulher e homem dotados de idêntica inteligência sobre atributos distintos; no entanto, estes seres privilegiaram uma divisão distinta da “empreendida pela mão de deus”, ao contrário de explorar o potencial de suas respectivas diferenças. Isso nos faz observar um movimento cíclico da Antiga Grécia à contemporaneidade. A história se repete. Quantas foram as vezes que o sexo biológico se sobrepôs à análise de capacidade igualitária? Seja nas mitologias, na religião, na sociedade, na política ou especificamente no mercado de trabalho. Foram muitas, oficiais ou totalmente desconhecidas.

Em entrevista-depoimento à “Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, edição número 31, de 2005²¹, Lygia Martins Costa, egressa do Curso de Museus, formada pela turma de 1939, relata um fato ocorrido durante sua passagem pelo Museu Nacional de Belas Artes, quando desempenhava o cargo de técnica²² da primeira equipe que compôs o museu recém-criado. Ela se refere à criação da ONICOM, Organização Nacional do ICOM, ainda em 1946:

A minha relação com o ICOM foi a mais imediata possível. Eu e a Regina Real éramos as mais ligadas ao Museu, embora fosse técnica (sic). Então chegou uma correspondência e ela disse: 'Lygia, chegou aquilo que a gente sonhava'. Pois sempre conversávamos sobre a necessidade de termos acesso aos museus lá de fora; dizíamos que não podíamos continuar a não saber o que eles estavam estudando, o que eles tinham... essa falta de contato... presos aqui no nosso mundinho... Quando ela me mostrou aquela correspondência, eu disse: 'Regina, era isso que nós estávamos buscando. Vamos ter a oportunidade de viajar, de ver os museus, mas

¹⁹ Em sua obra enciclopédica, *Naturalis Historia* (79 d.C.), Plínio, naturalista romano, apresenta o nome de cinco mulheres pintoras na Antiguidade: Timarete, Aristarete, Iaia, Olimpia e Irene.

²⁰ O Banquete, 189c-193d. A maioria das referências ao ‘Banquete’ de Platão é da tradução de Carlos Alberto Nunes, *O Banquete* (Belém: EDUFPA, 2001).

²¹ IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n°31. IPHAN: Brasília, 2005, p. 274-309.

²² Lygia Martins Costa assume o cargo de técnica do MNBA após ter passado no primeiro concurso público para conservadores de museus, promovido pelo DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) em 1939-1940.

que bom! Vamos levar isso ao Oswaldo Teixeira já mastigado.' E fomos... Naturalmente Oswaldo era um artista. (...) Ficamos como as duas secretárias do ICOM. O diretor do Museu ficou como presidente e nós como secretárias. E ele foi eleito presidente porque o Museu foi o primeiro que respondeu à comunicação do ICOM. (...) O Oswaldo então foi eleito presidente, mas não ligava muito para ser presidente daquilo. Porque Oswaldo Teixeira era um estudioso, um artista e, sobretudo, protetor dos artistas. (...) Chegava tarde ao Museu, às quatro horas; nós chegávamos às duas e levávamos tudo sempre pronto para ele. Ele assinava e só. Confiava totalmente na gente. As pessoas ficavam muito admiradas pelo fato de o Oswaldo ter sido escolhido. Mas não é que ele tivesse sido escolhido. Ele foi o único! (COSTA, 2005, p 282-283)

É evidente na fala de Lygia Martins Costa certos aspectos que estamos levantando nesse tópico. Segundo SÁ (2015, p.139) foi graças ao entusiasmo dela e o de Regina Real que o Museu Nacional de Belas Artes, assim como a Museologia brasileira, pode avançar um importante passo em relação às transformações que ocorriam no campo internacional, “junto com Regina Real, D. Lygia preenche os formulários e encaminha a documentação [ao ICOM]”. O “desejo de crescimento profissional” guiou as duas profissionais, que moveram todo o processo, mas ficaram, no que se refere à condição nominal de representação, em segundo plano. Podemos defender que houve certa hesitação, por parte delas, de ficarem à parte da organização e isso justificaria a informação, dada por Lygia Martins Costa, de que seria mais político a presidência ficar com o diretor do MNBA, pois daria mais visibilidade à ONICOM no contexto internacional.

Quinze anos depois, em 1963, podemos observar Regina Real em um diferente cenário, porém representando um contraste de reação e um marco tanto para a história da Museologia brasileira, quanto para a certificação do pioneirismo feminino em nosso contexto. Nesse ano é criada a ABM – Associação Brasileira de Museologistas, posteriormente, Associação Brasileira de Museologia, que tem como sua primeira presidente Regina Real.

Reunidos no Museu Nacional de Belas Artes, no dia 5 de novembro de 1963, Dia da Cultura Nacional, profissionais de museus fundaram a Associação Brasileira de Museologia (ABM), uma sociedade civil de direito privado com a finalidade de congregar os técnicos e cientistas dos museus, bem como as pessoas em geral interessadas nos problemas museais e museológicos, regulamentar a profissão no país frente tanto ao Estado quanto à sociedade civil. (BISERRA, 2017, p.82).

Verificamos então, que em um intervalo de 16 anos, se observa uma considerável mudança de conjuntura e repercussão da figura da mulher conservadora de museus. Regina Real em diferentes níveis de visibilidade, porém repetida expressão de luta pela classe.

Isso reflete muito o que ainda falaremos nos próximos itens, a posição e aptidão conferidas às mulheres, mesmo que condicionadas, em alguns casos, acabam por criar um perfil de atuação. E o trabalho no museu se torna um local propício e “aceitável”, mas surpreendente, em termos de emancipação, para as mulheres. E aqui se reverberam as musas.

1.2 A MULHERES E O MUSEU [OU MUSEU EM FEMININO]

A perspectiva de gênero sobre o patrimônio expõe o quanto as mulheres permanecem pouco conhecidas ou subvalorizadas enquanto sujeitos, criadores ou perpetuadores do patrimônio coletivo, sendo mantidas na invisibilidade. (UNESCO, Gender equality, heritage and creativity, 2014).

Não exclusivo do campo museológico, o abafamento da atuação feminina em face da cultura patriarcal, se repete em basicamente todas as áreas de conhecimento. Sendo “patrimônio” um termo historicamente ligado à noção de transmissão e herança, tradicionalmente o mundo do homem, herança em grande parte de pais e filhos (LOWENTHAL, 1998, passim), se torna difícil a tarefa de encontrar fundamentos de igualdade de gêneros no campo patrimonial. Podemos exemplificar com um fato ocorrido em Mar del Plata, na Argentina, entre os anos de 1943 e 1945. Desde a idealização ao mérito pela conclusão da famosa construção modernista “La Casa del Puente” foram, por muitos anos, atribuídas exclusivamente à Amancio Williams, arquiteto argentino. A coautoria da arquiteta Delfina Galvez Bunge foi omitida, inclusive durante o tombamento da construção. Em um relatório de 2018, Carolina QUIROGA (2018, p.8), da Comissão Nacional de Monumentos da Argentina, corrigiu a documentação e declarou que a omissão “responde à generalizada invisibilidade da contribuição das mulheres para o patrimônio cultural.” O caráter recente deste relatório indica o potencial de reflexão acerca da igualdade de gênero e a tendência à revisão de conceitos nas últimas décadas. Por isso, a seguir, iremos abordar como a mulher pode estar “presente”, ou melhor, atuou de maneira pontual nos museus e no patrimônio, porém em alto exponencial a partir do final do século XIX.

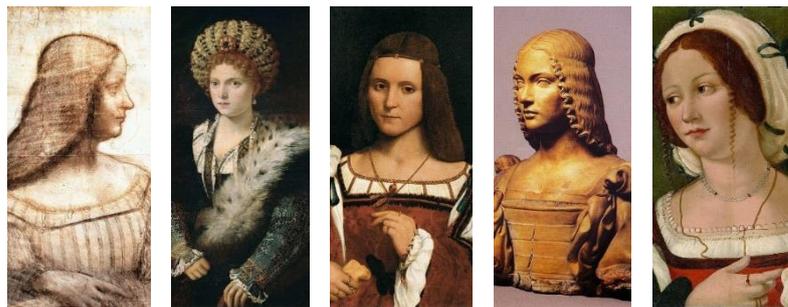
Mulheres colecionadoras de obras de arte são conhecidas desde o século XIII. São muitos os exemplos de mecenas mulheres, embora as mulheres se destaquem com voz própria no campo do colecionismo, apenas na época contemporânea, entre 1870 e 1930 (ATIENZA, 2011, p.37). Merece destaque Anna Ludovica de Médici que, em 1737, doou à cidade de Florença uma grande coleção familiar em benefício de cidadãos e turistas, o que tornou a Galleria Uffizi um dos primeiros museus públicos do mundo. Nos EUA, com o movimento de criação de museus, basicamente realizado a partir de coleções particulares, se destacam exemplos como Mary Atkins (1878), uma professora de Kentucky que cedeu propriedades para que se construísse um museu (The Nelson-Atkins Museum of Art); Isabella Stewart Gardner, que fez de sua casa um museu de arte moderna (1903); e, Berthe Palmer, que promoveu a presença de mulheres na organização da Exposição Universal de Chicago (1893).

Podemos ainda apontar mulheres membros da família real francesa, que ao longo dos séculos mostraram-se igualmente interessadas na valorização das artes, assim como, ou até mais que seus maridos e consortes. O entusiasmo devocional destas mulheres pode ser exemplificado por alguns nomes como Aliénor d'Aquitaine (m. 1204), Branca de Castela (m. 1252), Clémence da Hungria (m.

1328), Jeane de Evreux (m. 1371) e Isabella de Bavaria (m. 1435). São alguns nomes citados por Thomas Tolley em seu artigo "States of independence: women regents as patrons of the visual arts in Renaissance France" (TOLLEY, 1996, p.237).

Na Itália, Isabelle d'Este, a duquesa de Mantua (m.1539), também teve grande atuação na preservação do patrimônio através do colecionismo, patrocínio do movimento renascentista nas artes plásticas e amizade com pintores do movimento como Rafael, Michelangelo, Tiziano e Leonardo da Vinci.

Figuras.5, 6, 7, 8, 9: Isabella d'Este retratada por Leonardo da Vinci (c.1500), Tiziano (1536), Giovanni Caroto (c.1505-1510), Giovanni Cristoforo Romano (1550) e Francesco Francia (1511).



Fonte: <http://isabelladeste.org>.

Ainda podemos citar o caso da criação do Museu do Prado, em Madri, que se deu graças a iniciativa de Isabel de Bragança²³, segunda esposa de Fernando VII, permitindo assim abrir as coleções reais ao público. A ideia de Isabel, acompanhava o contexto de criação de museus na Europa (VALENCIA, 2011, p.68). No Brasil, o caso que podemos destacar de mulheres que impulsionaram coleções de museus através de atividade política, é o da Imperatriz Teresa Cristina²⁴, interessada em antiguidades etruscas e romanas, patrocinou diversas escavações arqueológicas realizadas em Pompéia, Herculano e Veio, cidades próximas de Nápoles, sua cidade natal, no Sul da Itália. Em vida, Teresa Cristina reuniu cerca de 700 peças que posteriormente integrariam o acervo do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, sendo uma das maiores coleções do museu. Sua paixão e interesse pelo patrimônio arqueológico era tanto, que, ao ser retratada pelo pintor José Correia de Lima, em 1843, ano de seu casamento, é representada com o Vesúvio em erupção à sua esquerda, ao fundo. Por fim, gostaríamos de destacar a figura da Princesa Leopoldina, Arquiduquesa da Áustria e primeira esposa de D. Pedro I. Por seu ímpeto científico, a imperatriz acumulou o título de malvestida na corte portuguesa. "Ela era conhecida como a imperatriz deselegante. Como ela cavalgava, usava camisas e calças como os homens, e não

²³ Maria Isabel de Bragança (1797-1818). Filha de D. João VI e da infanta Carlota Joaquina da Espanha, irmã mais velha de Dom Pedro I do Brasil.

²⁴ Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias (Nápoles, 1822-1889), esposa do Imperador Dom Pedro II, imperatriz consorte do Império do Brasil.

[se trajava] como as outras damas, para estar preparada para colher amostras se fosse necessário”.²⁵ Tanto era seu interesse pela botânica, gemologia e zoologia que, em 1817, após o anúncio de seu casamento, organizou uma expedição de cientistas bávaros ao interior do Brasil. Além de sua paixão pela Ciência, Leopoldina teve papel fundamental no processo de independência do Brasil, estando à frente em todos os momentos das negociações da independência da colônia. A atuação da imperatriz na política brasileira fica evidente nas cartas por ela enviadas à família, amigos e ao seu marido, o imperador:

São Cristóvão, no dia 13 de setembro de 1822,
 Ontem à noite recebi a sua carta na qual me diz que responde aos ofícios do 20; ela me zangou muito vendo que ainda não toma a resolução de vir que é mais necessária do que nunca; o estado das coisas não é nada bonito, e eu já não estou para sofrer maroteiras, as quais só o senhor com medidas enérgicas pode remediar. Assentou se no despacho que se mande chamar Lorde Cochrane para cá; a defesa do nosso porto, faltando-nos esquadra. (LEOPOLDINA, Apud: BOJADSEN, 2006, p. 412).

Figura 10. “María Isabel de Braganza como fundadora del Museo del Prado”, 1829, Bernardo López Piquer

Figura 011. Afresco de Pompéia, c. 90-80 d.C. Museu Nacional – Coleção Imperatriz Teresa Cristina

Figura 12. “Ritratto di Teresa Cristina di Borbone-Due Sicilie”, c. 1843, José Correia de Lima

Figura 13. Estudo de Plantas (Nahusia Coccinea) – Aquarela sobre lápis da Arquiduquesa Maria Leopoldina da Áustria, 1814.



Fonte: Colección Real, Museo del Prado (base online); R. Villagrán R. M. Seoane, 2018²⁶; Coleção Museu Imperial; Biblioteca Nacional da Áustria.

²⁵ Afirmou o pesquisador, biólogo e médico legista Luiz Roberto Fontes, que fez a análise forense da família imperial, em entrevista à Ingrid Tavares (UOL). Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2013/04/03/imperatriz-cientista.htm>. Acesso em agosto de 2021.

²⁶ Foto tirada pela autora em visita ao Museu Nacional durante a Semana de Integração do PPGPMUS, março de 2018.

No artigo “Colecionismo a partir da perspectiva de gênero”, AUDEBERT (2018b) comenta o caso de sombreamento da atuação de Teresa Cristina como colecionadora e incentivadora de pesquisas em face da popularização da figura de colecionador de seu marido, Dom Pedro II do Brasil. Outros casos são visitados no artigo, como o desempenho da Viscondessa de Cavalcanti²⁷ como colecionadora de numismática, mineralogia, com destaque para a coleção de pinturas em miniaturas, agora presentes na coleção do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora (MG); e o da coleção de Sophia Jobim²⁸, criadora do Museu de Indumentária, no Rio de Janeiro, em 1960, e Henriqueta Catharino²⁹, que deu origem ao Museu do Traje e do Têxtil da Fundação Instituto Feminino da Bahia, em Salvador. A atuação de Henriqueta Catharino teria ido muito além do colecionismo, mas também é ressaltado por Ana Audebert seu papel como incentivadora da especialização profissional e proteção de jovens mulheres em sua cidade, Salvador (BA):

Foi educadora e seu principal objetivo era proteger a mulher trabalhadora, tendo investido em cursos de corte e costura e datilografia para jovens mulheres. Desta experiência nasceu o Instituto Feminino da Bahia. (AUDEBERT, 2018b, p. 26).

Outros exemplos igualmente emblemáticos, são os casos de Gertrude Stein, poeta norte-americana, que, em Paris, atuou como importante mecenas e grande agitadora cultural do Cubismo, na primeira década de 1900; e três mulheres que, no final da década de 1920, perceberam a necessidade de criar uma instituição dedicada, exclusivamente, à Arte Moderna: Abby Aldrich Rockefeller, Lillie Plummer Bliss e Mary Quinn Sullivan. ATIENZA (2011, p. 38) chama atenção para o caso do South Kensington Museum (atualmente Victoria & Albert Museum), criado pela Rainha Vitória do Reino Unido a partir da Grande Exposição Universal de 1851. Nos Estados Unidos, chamam atenção os casos de Cornelia Bentley Sage, curadora e pintora, nomeada diretora do Albright Museum, em Nova York, em 1910, sendo a primeira mulher a dirigir um grande museu de arte nos EUA; e Laura Bragg, primeira mulher a dirigir um museu de arte com financiamento público nas Américas, o Charleston Museum (KOHLSTEDT, 2013, p. 153-174).

No caso brasileiro, ainda podemos citar duas mulheres com grande atuação na preservação da memória através de coleções. Eufrásia Teixeira Leite, aristocrata benfeitora da cidade de Vassouras (RJ), cujas casa e coleção foram transformadas em museu no ano de 1968; e Maria Augusta Rui Barbosa, que escolheu vender sua propriedade na rua São Clemente para o Governo Federal para que lá fosse criado o Museu Casa de Rui Barbosa. A escolha e decisão de Maria Augusta demonstram sua hierarquia após a morte do marido, mesmo com um filho homem que não apoiava a decisão. Aparecida de Souza Rangel discorre sobre o posicionamento de Maria Augusta Rui Barbosa e sua importância para o legado de preservação de memória através da ideia de criação do museu: "Preferiu D. Maria

²⁷ Amélia Machado de Coelho e Castro, Viscondessa de Cavalcanti (1852-1946).

²⁸ Formada pelo Curso de Museus, em 1961.

²⁹ Henriqueta Martins Catarino (1886-1969).

Augusta, mesmo com prejuízo monetário evidente, vender a casa, biblioteca, arquivo, mobiliário e propriedade intelectual das obras ao governo federal que expressou interesse na criação de um museu-biblioteca" (RANGEL, 2015, p. 104).

Em relação à Europa, podemos afirmar que durante a Segunda Guerra Mundial, foi notável a quantidade de mulheres curadoras e técnicas de museus que atuaram na linha de frente de proteção às coleções de importantes museus. Rose Valland foi uma conservadora de museus francesa que arriscou a vida espionando os nazistas para documentar nomes e descrições de milhares de obras de arte roubadas pelos nazistas de 1941 a 1944. Como funcionária do Museu Jeu de Paume, em Paris, utilizado para armazenar obras de arte que foram saqueadas pelos nazistas, Valland foi capaz de registrar secretamente a proveniência de obras de arte e os destinos alemães pretendidos (SCHWARTZ, 2011, p.15). Juntando-se às tropas francesas e viajando para a Alemanha no final da Segunda Guerra Mundial, ela rastreou as obras de arte saqueadas e ajudou na restituição dessas obras. Voltando para a França, se tornou conservadora do Museu do Louvre e recebeu diversas distinções, entre elas a Legião de Honra Francesa, Comandante das Artes e Letras, Medalha da Resistência Francesa e Tenente Coronel das Forças Armadas Norte-americanas.

Figura 14. "Cornelia Bentley Sage, a mulher que é diretora do grande museu de arte".

Figura 015. Trabalho de documentação de obras de arte roubadas da comunidade judaica, em Paris, no Museu *Jeu de Paume*, antes de serem enviadas para a Alemanha, década de 1940.

Figura 16. Trabalho de acondicionamento dos lustres do Museu Hermitage, na Rússia, década de 1940.



Fonte: THE EVENING SUN, Baltimore, Maryland. 5 de abril de 1912 e (NICHOLAS, Lynn H. Europa saqueada. Companhia das letras. 1996. 544p.

Em “Matrizes do Pensamento Museológico de Gustavo Barroso”, Sá traça o caminho e fontes bibliográficas que Gustavo Barroso³⁰ se fundamentou para a construção do corpus teórico e técnico da primeira fase da Museologia brasileira. Nesse levantamento, são analisadas as publicações de autores em livros e revistas especializadas em publicações científicas seriadas na área dos museus e da Museografia como “*Musées*”, “*Mouseion*” e “*Musées-Les Cahiers*”. Sá aponta duas mulheres pesquisadoras das áreas: Gerda Cederblom (1867-1931) (SÁ, 2019, p.162), etnógrafa sueca, conservadora de coleções têxteis do Museu Nórdico de Estocolmo. A pesquisa de Gerda é apresentada no capítulo III do segundo volume de “*Museographie*”, de 1935: “Como se arruma um museu”; e Marguerita Sarfatti (SÁ, 2019, p.243), colecionadora e crítica de arte italiana, que, na mesma época, publica na série “*Musées*” artigo sobre a restauração e conservação de pinturas. Na revista seriada “*Mouseion*”, publicada anualmente pelo *Office International des Musées*, vinculado ao *Institut de Coopération Intellectuelle de la Société des Nations* e antecessor do ICOM, podemos levantar o nome de algumas autoras mulheres com artigos publicados entre os anos de 1927 e 1940.

TABELA 2: AUTORAS DE ARTIGOS NA REVISTA “MOUSEION”, ENTRE OS ANOS DE 1927 E 1940

Ano	Autora	Formação/Profissão	Artigo
1928	Elisa Maillard	Conservadora do Musée de Cluny, Paris. Diplomada pela École du Louvre.	<i>Réorganisation d'un Musée dans un monument historique: le Musée de Cluny à Paris</i>
1930	E. Louise Lucas	Chefe da Biblioteca do Fogg Art Museum. Graduada pela Radcliff University.	<i>Les Bibliothèques de Musées</i>
1931	Alda Levi	Arqueóloga, graduada em Filologia Clássica e Ciências da Educação pela Università degli Studi di Padova.	<i>L'analyse chimique des terres-cuites anciennes et leur provenance</i>
1931	Maria-Bianca Viviani della Robbia	Escritora e empresária italiana, ativamente engajada em iniciativas literárias-filantrópicas.	<i>Le Musée Médicis de Florence</i>
1932	Petra de Prada (com I. Ribas)	Especialista em análise matemática, geometria métrica e cristalografia. Diploma pela Universidad de Salamanca.	<i>Les monuments de Salamanque. Analyse et reconstitution chimiques de la patine</i>
1932	Dorothy Dudley	Graduada pela primeira turma do Newark Museum. Especialista em Documentação em museus.	<i>Copies de vieux maîtres. Leur utilisation au musée de Newark</i>
1933	Jeanne Lejeaux	Historiadora da Arte especializada em escultura religiosa. Diplomada pela École du Louvre.	<i>Le Musée des Ecoles étrangères contemporaines à Paris</i>
1933	Stanislawa Sawicka	Historiadora da Arte, Conservadora do Conservateur du Cabinet des estampes, bibliothèque nationale, Varsovie.	<i>Le Musée national de Varsovie</i>
1933	Elly Niki	Arqueóloga, secretária administrativa do Office International des Musées.	<i>La collection de moulages de l'Institut d'art et d'archéologie de Paris</i>
1933	Elly Niki	Idem	<i>Une reconstitution de la Rome antique à l'Institut d'art et d'archéologie de Paris</i>

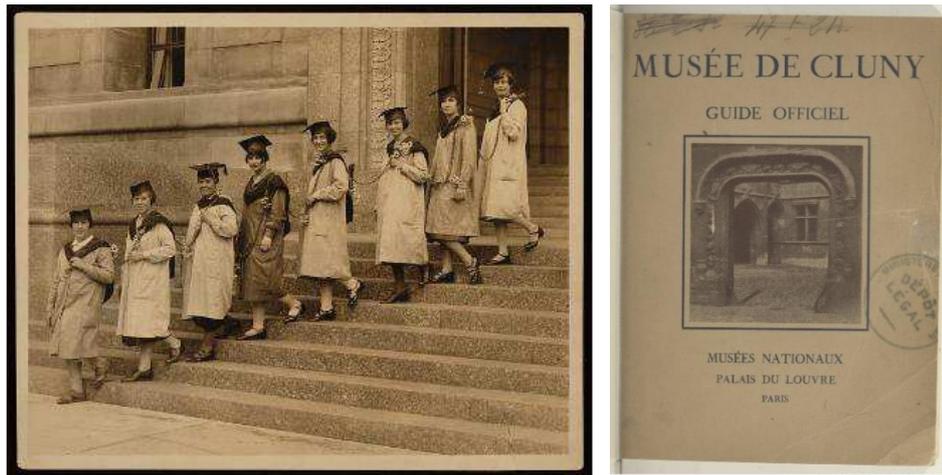
³⁰ Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, idealizador e diretor do Museu Histórico Nacional por mais de 30 anos. Professor do Curso de Museus, elabora a antologia "Técnica de Museus", base curricular da formação dos conservadores de museus/museólogos entre as décadas de 1930 e 1980.

1934	Maria Brinkmann (com Karl Michts e Jacques Lambert)	(sem informações)	<i>La conservation des tapisseries et tissus anciens</i>
1936	Ester Loiodice	Diretora da seção “tradições populares” do Musée des Traditions populaires de la Capitanate.	<i>La Fiche-type du Musée des Traditions populaires de la Capitanate</i>
1938	Ardelia Ripley Hall	Assistente de pesquisa no <i>Metropolitan Museum of Art</i> em Nova York, assistente curatorial no Departamento de Arte Asiática no Museu de Belas Artes, Boston, e pesquisadora de arte asiática no Instituto <i>Harvard-Yenching</i> . Bacharelado pela <i>Smith College</i> . Pós-Graduação em língua chinesa (<i>Columbia University</i>) e História (<i>Universidade de Nova York</i>). Doutorado pela <i>Columbia University</i> . assistente curatorial no Departamento de Arte Asiática no Museu de Belas Artes, Boston, e pesquisadora de arte asiática no Instituto <i>Harvard-Yenching</i> .	<i>La Collection indienne du Musée de Boston</i>

Fonte: Elaborado pela autora a a partir das Revistas “Mouseion”, disponíveis em: gallica.bnf.fr.

Figura 17. Dorothy Dudley (quarta da esquerda para a direita) se formando no Newark Museum (Nova Jersey), 1926. Em 1936 vai trabalhar no MoMA, onde permanece até a década de 1960.

Figura 18. Guia oficial do Musée de Cluny, 1933. Escrito por Elisa Maillard junto a M. F. De Montremy, conservador adjunto.



Fonte: Archives of American Art, Smithsonian Institution; BnF.

Chama atenção que apesar de uma parcela pequena dos artigos terem sido publicados por pesquisadoras, em face de tantos publicados por nomes como Henri Verne, diretor dos Museus Nacionais e da École du Louvre; Gustavo Giovannoni, arquiteto e restaurador italiano; entre diversos outros, elas representam o início da presença feminina em publicações científicas museológicas. Baldwin e Ackerson, afirmam que o número de mulheres que trabalham em museus cresceu exponencialmente desde o início do século XX. Ao mesmo tempo, indicam que, nos Estados Unidos, a

força de trabalho feminina do setor encara desafios no que era, até recentemente, um campo dominado pelos homens (BALDWIN; ACKERSON, 2017, *passim*).

No contexto cultural, podemos destacar que o panorama brasileiro, não foge à tendência mundial. Como comentamos anteriormente, a partir do final do século XIX, a emancipação feminina é construída a passos curtos, porém rápidos. Tomemos como exemplo uma figura do cenário artístico brasileiro: Georgina de Albuquerque. No início do século XX, a artista superou obstáculos para conquistar um espaço entre os grandes pintores brasileiros. Na edição de 1919, da Exposição Geral de Belas-Artes, foi consagrada com Medalha de Ouro pelo quadro “Família”, sendo a primeira brasileira a ser reconhecida como uma pintora de renome (SIMIONI, 2002, n.p.). Apenas três anos depois, em 1922, em comemoração ao Centenário da Independência, realiza uma de suas mais importantes obras: “Sessão do Conselho de Estado”, atualmente parte do acervo do MHN. Nesta obra, Georgina de Albuquerque coloca em evidência e como figura central, uma mulher, princesa Maria Leopoldina, posicionando-a como o vulto histórico central da tomada de decisão que culminou com a independência do país. No mesmo ano, durante a Semana de Arte Moderna, pintoras como Anitta Malfatti e Zina Aita contribuíram, junto a escalada de Georgina, para um caminho aberto às mulheres artistas. Ademais, devemos sublinhar que, na mesma década, a pintora assume o cargo de professora da Escola Nacional de Belas Artes – ENBA e, alguns anos depois, em 1940, cria o Museu Lucílio de Albuquerque, preservando a obra de seu marido. Na década seguinte, se torna a primeira mulher a dirigir a ENBA (1952-1955).

Ana AUDEBERT e Ivan Coelho de SÁ (2015) destacam que é necessário que a Museologia discuta como as memórias das mulheres podem ser incorporadas nos museus a partir da sua relação com os homens e ainda, que se compreenda a predominância das mulheres no próprio campo. Os autores citam Lopes que, ao referenciar uma edição da “Revista Museum” dedicada ao tema “Museus e Mulheres”, de 1991, destaca: “Entre diversos aspectos, constatou, com certa surpresa, que as mulheres têm atuado, e de forma decisiva, nos museus há séculos, embora sua ação não venha sendo exatamente reconhecida” (LOPES, Apud. AUDEBERT; SÁ, 2015, p. 134).

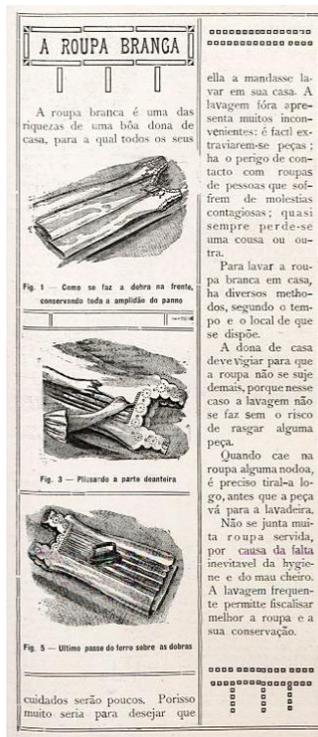
A nosso ver, as ocupações domésticas contribuíram para o direcionamento das mulheres aos museus. Até mesmo o confinamento e bloqueios de vida pública, ofereceram o estímulo à domínios específicos. O gosto pela beleza, a sensibilidade, a guarda e o cuidado com os objetos, a atenção aos detalhes e até mesmo a gestão da casa, acabaram por servir, historicamente, no interesse feminino à Museologia. Levando em consideração o pensamento beauvoiriano, onde o gênero é uma construção social, e isto seria a condição para se pensar as mulheres, os aspectos da feminilidade são resultados de uma imposição de costumes no sentido social.

Segundo ALVES (2019, p.49), assumindo a premissa do binômio “mulher-casa”, “percebe-se que os objetos artísticos e simbólicos associados à feminilidade são aqueles que consubstanciam a

separação entre o universo do trabalho e o universo doméstico.” Nesse sentido, se constituíram as práticas destinadas às mulheres, baseadas no fato de ter similaridade com o ambiente da casa. A organização da casa, princípio da sociedade burguesa contemporânea, foi confiada às mulheres. E esta sensibilidade para a organização e olhar decorativo³¹, são sustentados e abastecidos pelas diversas revistas femininas em formato de manuais de orientação doméstica. São estabelecidos códigos visuais, regras e recomendações destinadas às mulheres para a organização do lar. São, então, perpetuados os padrões de “personalidade feminina”: sensibilidade, cuidado e zelo. Esses fatores podem ter contribuído para a inclinação feminina dentro do Museu, uma hipótese bastante provável para a evidência fenomenológica da alta procura feminina para o Curso de Museus.

Figura 19. Revista Feminina. “A roupa branca”, 1917.

Figura 20. Revista Feminina. “Trabalhos femininos: bordados e recamos, 1919.



Fonte: REVISTA FEMININA. São Paulo, 1917, Anno 4, nº 39. p. 27; REVISTA FEMININA. São Paulo, 1919, Anno 6, nº 58. p. 27. (Hemeroteca BN)

As páginas de revistas acima (Figs. 19 e 20), exemplificam o caráter tutorial das revistas voltadas para o público feminino entre fins do século XIX e início do século XX. Não eram apenas as revistas que ocupavam esta missão de guia para “donas de casa”, mas também livros especialmente destinados para este fim. De acordo com MALTA (2011, p.37), os livros manuais de orientação doméstica teriam

³¹ Termo utilizado por Marise Malta em “O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

origem em manuais de decoração oitocentistas europeus e “mostravam a importância do conhecimento, pelas donas de casa, de regras para bem receber e bem conservar seus lares, mantê-los em ordem e aprazíveis”.

Interessante mencionar que, na mesma edição da “Revista Feminina” de 1919, observada na figura 4, encontramos um artigo que anunciaria uma grande revolução que estaria por vir. Revolução esta que ressignificariam o papel da mesma mulher leitora dos manuais e dicas de organização, artesanato e limpeza das outras páginas:

O trabalho feminino subiu de preço, e não tem mãos a medir. As mulheres habituaram-se durante a guerra aos salários altos das fabricas de munições, e penetraram resolutamente por todos os generos de actividade que eram antes privilegio dos homens. E viciaram-se. Descobriram-se capazes de tudo, e o que é mais: capazes de tudo, e o que é mais: capazes de uma renda igual a do homem. (LIMA, 1919. p. 13-14)

Wollstonecraft, citada anteriormente, em sua obra “Reivindicação pelos Direitos da Mulher”, considerado como um dos primeiros trabalhos da filosofia feminista, avalia algumas noções sobre a racionalidade das mulheres e como a sociedade percebe e relaciona o posicionamento e capacidade feminina a partir destas noções construídas através dos tempos. Para ela, uma visão extrínseca de que a mulher se encontra “perpetuamente em um estado infantil”, incapaz de se posicionar sozinha, agregada ao costumeiro lisonjeio e à “graciosidade fascinante”, acompanham o ato de persuadir as mulheres a se convencerem. Mesmo porque, “a susceptibilidade do coração, a delicadeza do sentimento e o refinamento do gosto são quase sinônimos dos epítetos da fraqueza” (WOLLSTONECRAFT, 2015³², p.27-28), e por isso elas seriam objetos de compaixão, e, em um futuro breve, para a autora, de desprezo. Wollstonecraft ainda busca relacionar o tratamento dado às mulheres pelos homens a um ato de condescendência com objetivos espúrios, desde a criação de uma dependência ao desprezo da “(...) sensibilidade requintada e docilidade de maneiras, que supostamente são as características do vaso mais fraco (...)”.

À época, filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita, das noções básicas da matemática era complementado pelo aprendizado de instrumentos musicais e idiomas. Ministrado em suas próprias casas por professoras particulares. Além disso, as habilidades com a arte, o artesanato, culinária, também faziam parte da educação das moças; todos com o mesmo objetivo: torná-las esposas exemplares e socialmente capazes de representar seu marido. Citamos o caso de Ada Lovelace³³, a matemática que criou o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina, sendo a primeira programadora da história. Filha de Lord Byron³⁴, apenas foi reconhecida como

³² Do original de 1792.

³³ Matemática, escritora e programadora inglesa (1815 – 1852).

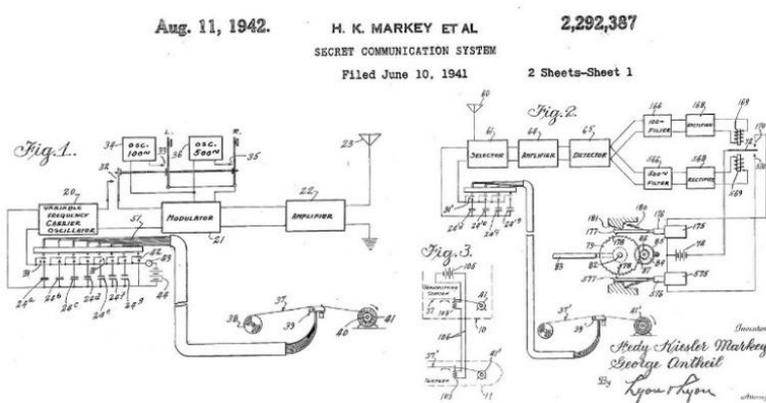
³⁴ Poeta romântico britânico, autor de Don Juan.

pioneira da computação após a referência a seu trabalho feita por Alan Turing³⁵ a seu trabalho, então conhecido como “o pai da computação moderna”.

Um caso semelhante ocorre na década de 40 do século XX. Hedy Lammar, conhecida atriz de Hollywood, à época por sua beleza e status de “Femme Fatale”³⁶. Durante a Segunda Guerra Mundial, a atriz desenvolve o protótipo do sinal de salto de frequência. Muitas tecnologias modernas usadas hoje, como WiFi, Bluetooth e GPS, não seriam possíveis sem esta invenção³⁷. Se dividindo entre seu trabalho como atriz e sua paixão pela ciência, junto ao seu colaborador George Antheil criou um aparelho de interferência em rádio. Dessa maneira, em 1942, patentearam um dispositivo que reduzia o risco de detecção em torpedos controlados por rádio: o “Sistema de Comunicação Secreta”. Porém, os esforços de Hedy Lammar e sua atuação como inventora apenas foram reconhecidos aos 82 anos de idade, 65 anos depois da invenção, quando em 1997 a *Electronic Frontier Foundation* concedeu a ela o prêmio “*EFF Pioneer Award*” e recebeu do Governo dos Estados Unidos menção honrosa, por sua contribuição.

Historicamente, as mulheres foram posicionadas na mídia dentro de uma estrutura antiquada e unidimensional criada a partir de uma perspectiva masculina. Nesse quadro, Hedy Lammar foi valorizada apenas por sua fisicalidade, e não por sua capacidade de pensar, inventar ou criar. Essa narrativa sobre as capacidades limitadas das mulheres é projetada para audiências impressionáveis em todo o mundo.

Figura 21. Projeto do “Secret Communication System”, assinado por Hedy Lammar, agosto de 1942.
Figura 022. Hedy Lammar, c. 1945.



Fonte: Instituto HUB e IMDb.

³⁵ Matemático, cientista da computação, criptoanalista, filósofo e biólogo teórico britânico (1912-1954).

³⁶ Hedy Lammar foi a primeira atriz a interpretar uma cena de orgasmo em “Ecstasy”, 1933.

³⁷ Instituto HUB. Mulheres em STEAM – Hedy Lamarr de atriz à cientista. Revista online Medium, agosto de 2020. Disponível em: <<https://medium.com/institutohub/mulheres-em-steam-hedy-lamarr-de-atriz-%C3%A0-cientista-8fae521aab7b>>. Acesso em dezembro de 2021.

1.3 FEMINISMOS E PERSPECTIVAS ACERCA DE MULHERES, TRABALHO E ECONOMIA

Limpar a casa, cozinhar, cuidar dos filhos, costura, jardinagem e outras ocupações manuais. Nossa sociedade foi construída com base em posições estruturais diferentes entre homens e mulheres. Isso significa que as políticas econômicas causam impactos que se diferenciam em relação à gênero. Para uma análise objetiva desta diacronia, ou seja, deste conjunto de fenômenos sociais, precisamos especificar e fundamentar teoricamente os seguintes termos: gênero, trabalho, feminismos, mercado de trabalho e economia.

Ganhando espaços antes não imaginados, a escalada feminina no mercado de trabalho estabeleceu grandes transformações durante o século XX. Desde fins do século XIX uma série de eventos marcou a construção do movimento feminista.

As especificidades dos estudos de gênero estruturam uma historiografia de uso e significado do termo feminismo. Ainda no século XVIII é publicado uma das primeiras obras consideradas feministas, o tratado elaborado por Mary Wollstonecraft: “Reivindicação dos direitos das Mulheres”, em 1792. Mesmo que não utilizando o termo “feminismo”, este debate sobre igualdade de gênero argumentaria em direção à autonomia feminina e à necessidade de educação para mulheres. Apesar de ainda marcado pelos traços socioculturais na escrita em uma época em que a mulher ainda estava diretamente ligada à figura religiosa de esposa e mãe, arraigada ao patriarcado, Wollstonecraft debate acerca da quase inerente visão imposta pela sociedade sobre a fragilidade feminina e seu rigor inflexível. Ela também critica os argumentos do filósofo Rousseau:

Eu posso ser acusada de arrogância, ainda assim, preciso declarar o que realmente acredito, todos os escritores que têm escrito sobre educação e maneiras femininas, de Rousseau ao Dr. Gregory³⁸, têm contribuído para tornarem as mulheres mais artificiais, personagens mais fracas do que seriam em outro contexto, e, conseqüentemente, membros mais inúteis da sociedade. (...) Embora, para raciocinar como Rousseau, se os homens alcançam um grau de perfeição intelectual quando seu corpo chega a maturidade, talvez seja apropriado, para fazer do homem e de sua esposa um, que ela confie inteiramente em seu entendimento; e a graciosa hera, enganchando no carvalho que a suporta, formaria uma unidade cuja força e beleza seria igualmente conspícua. Mas – ai de mim! – maridos, assim como seus ajudantes, são frequentemente apenas crianças crescidas, e não somente isso, graças à devassidão precoce, raramente são homens em sua forma exterior – e se os cegos guiam os cegos, ninguém precisa vir dos céus para nos dizer as conseqüências. (WOLLSTONECRAFT, 1792, Apud. CARMO, p 45).

³⁸ Wollstonecraft se refere a John Gregory, médico escocês, autor da obra “Legado de um pai para suas filhas”, de 1774. Na obra, Gregory orienta pais e mulheres sobre temas relacionados à religião, conduta moral, amizade e interação com os homens, com foco no casamento, e ainda sugere que as mulheres evitassem se expor qualquer aprendizado, pois, em sua visão, isso prejudicaria sua capacidade de atrair um marido. Sobre Rousseau, ela se refere ao livro “Emílio”, obra de mesmo teor, evocando uma sociedade de condutas específicas e formação educacional voltada para homens, excludente de mulheres.

Neste contundente parágrafo, Wollstonecraft afirma o estado corrupto do pensamento acerca das mulheres na sociedade do século XVIII. Além disso, posteriormente em sua obra, a autora evidenciaria a falta de infraestrutura social para o aprendizado feminino. O ambiente a que a ela é limitado, embarca uma fração mínima do que era oferecido aos homens, às vezes subordinados a atributos corporais e ao que ela chama de “galantaria”, que seria a ação de agradar, os ensinamentos voltados para o bem-estar do marido e família. Muito coincidente à sociedade da época, no período rococó, voltada para o bem-estar, conforto e prazer, inseridas no contexto da corte e nos aspectos galantes envolvidos.

As discussões acerca da definição de independência e liberdade marcaram a obra de Mary Wollstonecraft e de outros pensadores até mesmo antes dela, ainda no século XVII, como Marie de Gournay³⁹ e François Poullain de La Barre⁴⁰. O livro “Arqueofeminismo: Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas – Séculos XVII-XVIII”, organizado por Maxime Rovere, traz textos escritos por alguns desses nomes, onde são explicitadas as ideias da defesa de participação das mulheres na vida pública. Um exemplo é a carta de Marie de Gournay escrita à Rainha Ana de Áustria⁴¹, em 1624:

Não obstante, perdoe meu zelo, minha senhora, eu que morro de vontade de ouvir a França gritar com aplausos estas palavras: “A luz não tem Ocidente para mim”, em todo lugar por onde passar vossa majestade, novo sol das virtudes; e também morro de vontade de tirar dela, assim como espero de seus dignos princípios, uma das provas mais fortes do tratado que ofereço aos seus pés, para apoiar a igualdade entre homens e mulheres. E não apenas tendo em vista a grandeza única adquirida pelo nascimento e pelo casamento, a senhora servirá como espelho para seu sexo e ainda como objeto de emulação para os homens, em toda a extensão do Universo, se quiser alcançar os valores e os méritos que lhe proponho. Mas assim que tiver decidido brilhar com esse belo e precioso fulgor, minha senhora, acreditaremos que todas do mesmo sexo brilharão no esplendor de seus raios. (GOURNAY, 1624, Apud. ROVERE, 2019, p.28).

Marie de Gournay encaminha junto à carta seu Tratado de “Igualdade entre Homens e Mulheres”, onde questiona as diferentes oportunidades oferecidas, discussão totalmente de acordo com ondas de feminismos muito mais contemporâneos, onde é questionada a posição feminina no mercado de trabalho. Percebemos que na carta, Marie de Gournay exalta as possibilidades de atuação da rainha, com atributos luminosos e solares, mas que apenas viriam a cingir oficialmente seu primogênito Luís XIV.

Para não nos concentrarmos neste primeiro tópico acerca da “arqueologia” feminista, e divagar dentre tantos os fatos históricos que influenciariam no que hoje chamamos de feminismos, gostaríamos de especificar que o termo, como conhecemos hoje, é contemporâneo, porém, as

³⁹ Marie de Gournay (1565-1645), nascida em Paris, foi uma filósofa e escritora oriunda de uma família de fidalgos. Em 1622 escreve “A igualdade entre os homens e as mulheres” e escreve à rainha Ana de Áustria (1601-1666) em uma carta introdutória ao seu texto, engajando a rainha na defesa da igualdade entre homens e mulheres.

⁴⁰ François Poullain de la Barre, também nascido em Paris (1647-1723), escritor considerado um filósofo feminista por sua obra “Sobre a igualdade entre os dois sexos”, em 1673.

⁴¹Filha de Margarida da Áustria e de Filipe III da Espanha, esposa de Luís XIII. Depois da morte do rei, Ana assume o trono francês como regente, de 1643 a 1651, quando Luís XIV atinge a maioridade e torna-se rei da França.

discussões relacionadas a direito e gênero vêm se prolongando pela história mundial, todas fincadas sobre dois pilares de construção da sociedade – antiga e moderna: a religião e a economia.

No entanto, para uma análise mais objetiva da diacronia entre gêneros nas bases socioeconômicas, como falamos anteriormente, precisamos especificar que mercado de trabalho é esse que estamos falando. Talvez algo muito óbvio de se falar, mas as mulheres sempre trabalharam. Muito além do conceito da física de força de trabalho, a mulher esteve em níveis flutuantes do trabalho na sociedade. O que queremos dizer, é que o trabalho doméstico, o trabalho no campo, o trabalho de magistério, a costura, a culinária, remunerados ou não, ou até mesmo o trabalho como governantes, soberanas, existe há muitos anos. E esses são só alguns exemplos.

Aonde queremos chegar: a partir do século XIX o movimento feminista trata da relação direta das mulheres com a economia. O chamado mercado de trabalho é um termo relativamente recente se pensarmos em termos milenares da cultura humana, diretamente ligado ao termo de economia, que Adam Smith inicia a falar durante o século XVIII⁴² e Marx, posteriormente, trabalharia a mesma ideia, mas já o inserindo no contexto da luta de classes.

Simone de Beauvoir trabalha a historicização da opressão de gênero de maneira a explicar a desigualdade material e simbólica das mulheres dentro da sociedade patriarcal. Para ela, a teoria do materialismo histórico coloca em evidência o caráter de realidade histórica da humanidade, em oposto a teoria da “espécie animal”. A mulher tem a consciência definida não apenas por sua sexualidade, mas pela estrutura econômica da sociedade.

O que é mais grave ainda é que não se poderia sem má-fé considerar a mulher unicamente uma trabalhadora; tanto quanto sua capacidade produtora, sua função reprodutora é importante na economia social como na vida individual; há épocas em que ela é mais útil fazendo filhos do que empurrando a charrua. (BEAUVOIR, 1949, Apud. MILLIET (Trad.), 2019⁴³, p. 83).

A ideia de mercado de trabalho se refere às atividades de algo que sempre existiu, mas, em um mundo moderno, se relacionaria diretamente com as variáveis das faixas salariais, os chamados índices de emprego e desemprego, a produtividade, a qualificação, enfim, diversos fatores que unidos constroem o que hoje chamamos de mercado de trabalho, e, que traçam os indicadores econômicos de um país. Segundo OLIVEIRA (2007, p.2), Adam Smith faz as primeiras referências ao mercado de trabalho ainda no final do século XVIII. Na perspectiva setecentista, o funcionamento do mercado de trabalho é idêntico aos demais mercados, verificando-se comportamentos econômicos de firmas e indivíduos que buscam maximizar seu “bem-estar” e onde as funções da oferta e demanda de emprego dependem do nível de salário.

⁴² SMITH, Adam. A riqueza das Nações. "A Riqueza das Nações", Adam Smith, volume I, Nova Cultural, 1988, Coleção "Os Economistas", p. 17-54.

⁴³ Do original de 1949.

Em resumo, queremos destacar que o movimento feminista, desde o início, tratou da relação entre mulheres, sociedade, e, estando estas em uma sociedade (inerentemente) econômica, as lutas por mudanças estariam diretamente ligadas ao setor da economia.

Desde fins do século XIX uma série de eventos marcou a construção do movimento feminista. A partir daí o que ocorre? Qual a grande mudança? As mulheres já estavam nas fábricas, as mulheres já haviam começado a ingressar na medicina, e existe uma alta, principalmente da Inglaterra vitoriana, de mulheres médicas. Mas nesse percurso entre século XIX e XX, as mulheres ganham espaços antes não imaginados e essa é a escalada feminina no mercado de trabalho moderno.

Para além desses conceitos, se faz necessária uma busca das definições de sexo e gênero, a fim de não cometermos erros relacionados ao uso de termos. Na obra “Dicionário Crítico do Feminismo”, Nicole-Claude Mathieu afirma que a extensão da experiência humana tende a situar “uma diferenciação funcional em uma área, levando a maioria dos seres humanos a pensar em termos de diferença entre os sexos como uma divisão ontológica irreduzível”. Para a autora, a gramática do gênero ultrapassa por vezes a “evidência” biológica da bicategorização.

Algumas sociedades, mas não as ocidentais modernas, e alguns fenômenos marginais das nossas sociedades modernas mostraram que definições de sexo e gênero, assim como fronteiras entre sexos e/ou entre gêneros, não são tão claras. (MATHIEU, 2009, p.224).

Essa problemática narrada por Mathieu, resume, em poucas palavras, a escalada dos estudos de gênero durante o século XX. Ela parte de uma discussão e conclusão recorrente na historiografia feminista, onde, de modo geral, caracteriza o sexo como biológico e o gênero, categorização social. Portanto, sugere, a partir dos estudos de Paola Tabet, que o gênero se manifestaria materialmente em duas áreas: “na divisão sociosexual do trabalho e dos meios de produção” e “na organização social do trabalho e de procriação”, essa última relacionada às mudanças das capacidades reprodutivas das mulheres, quando são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais.” Logo, ao falarmos de gênero, fazemos referência ao conceito criado pelas Ciências Sociais para analisar a construção sócio histórica das identidades feminina e masculina.

Em “Representações de Gênero no Mundo do Trabalho: a incorporação normativa do gênero pela mídia”, Rafaela Cyrino Peralva Dias, reforça o conceito de caráter social das relações entre os sexos. Para ela, as discussões do século XX se direcionaram a considerar o gênero de um ponto de vista fundamentalmente político. Com isso, rompe-se o “determinismo biológico” (DIAS, 2016, p.92).

Podemos ver que a problematização da ideia de gênero persiste nas pesquisas contemporâneas. Os conceitos relacionados ao debate não são reificados, talvez por estarem envolvidos em abordagens sociais, sendo permissíveis à ideia de fluxo. Tais conceitos tendem então a não se estabelecer em categorizações permanentes e universais, sendo constantemente revisitados.

Segundo Bila SORJ (2019, p. 103), nas últimas décadas, os estudos de gênero e trabalho passaram por renovações teóricas. Do ponto de vista analítico, a incorporação da perspectiva interseccional estaria diretamente ligada à questão política-estratégica dos movimentos feministas na construção do sujeito político do movimento. Os temas desigualdade, cor e gênero se incorporam de forma mais objetiva a partir dos estudos acadêmicos deste século XXI, apesar de estarem presentes em escalada de objetividade desde o século passado.

Em 1931, Virginia Woolf, romancista Inglesa, participa de um evento organizado pela Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres e apresenta o texto “Profissões para Mulheres”, publicado em 1942. Virginia foi uma das precursoras do movimento feminista contemporâneo e, como escritora, costumava dizer que o preço barato do papel é a razão por que as mulheres começaram por ter êxito na literatura, antes de alcançarem noutras profissões. Em “Profissões para Mulheres”, Woolf filosofa sobre a caminhada árdua das mulheres do início do século XX no mercado de trabalho: “Mesmo quando o caminho está nominalmente aberto – quando nada impede que uma mulher seja médica, advogada, funcionária pública – são muitos os fantasmas e obstáculos pelo caminho.” (WOOLF, 1931, Apud. BOTTMANN (Trad.), 2017, p. 17-18).

No mesmo texto, Woolf questiona: “O que é uma mulher? Juro que não sei. (...) Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não expressar em todas as artes e profissões abertas a capacidade humana”. Com isso, entrou na mesma seara que Simone de Beauvoir entraria, na década seguinte, em sua obra revolucionária “O Segundo Sexo”. Simone marcou a literatura feminista quando impôs interrogações simples que responderiam aos temas mais complexos antes já discutidos: O que é a mulher? A mulher é sempre o outro, o segundo lugar, o ser inferior socialmente. Além dos afazeres considerados femininos, a mulher é ser humano e é capaz de tudo que seja cabível ao ser humano. E dizer isso não só é dizer que a mulher deve realizar tarefas antes consideradas masculinas, mas também não desmerecer ou minimizar hierarquicamente os afazeres “femininos”. Sem dúvida, “O Segundo Sexo” discutiu os pontos de desigualdade entre o homem e a mulher de maneira a inflamar as discussões que viriam nas próximas décadas. Beauvoir é a primeira autora feminista a basear e justificar a discussão através de teses filosóficas e interpretações históricas. Para ela “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial, o homem é o Sujeito, o Absoluto, ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência” (BEAUVOIR 2019⁴⁴, p. 17).

Simone de Beauvoir analisa a categoria original de “Outro” sob a ótica da relatividade, onde o homem que constituiu a mulher como “Outro”, compreendendo-se que a “dualidade dos sexos” tenha sido interpretada como um conflito. Sendo a alteridade uma categoria fundamental do pensamento

⁴⁴ Do original de 1949.

humano e constituidora das identidades, na condição dos “sexos” o homem impôs uma superioridade absoluta. Este seria um “mundo proposto” à mulher.

Virginia Woolf discutiu acerca das razões que deixaram as mulheres de fora da historiografia literária por muitos anos. Embora não tenha como objetivo propor, assim como Beauvoir, definições sobre as mulheres ou feminismos, ela é contundente em sua análise sobre uma suposta inferioridade intelectual da mulher e relacionou o confinamento ao âmbito doméstico e, à falta de liberdade de suas habilidades intelectuais. Simone de Beauvoir admite ainda que as diferenças biológicas seriam protagonistas na construção do olhar da sociedade sobre a mulher e, mais do que isso, na inferioridade aplicada ao “sexo” (a autora não utiliza o termo gênero) e fator determinante de opressão. A condição da procriação seria um fato biológico determinante, excluindo os outros fatores alegados pela medicina de “tamanho do cérebro menor”, “menor força física”, etc. Este fato biológico estaria desassociado de um fato social, relacionado à feminilidade e imposto pela sociedade, que justificaria a alienação feminina à sua formação biológica. A maternidade, por exemplo, seria uma prática social, designando um lugar de dominadas às mulheres em relação aos homens. A autora explica que as diferenciações propriamente sexuais se superpõem na mulher singularidades que são em parte consequências diretas dela.

É de imaginar que os ovários tenham, em relação ao cálcio, uma ação catabólica; essa instabilidade acarreta desordens nos ovários e na tireoide, que é nela mais desenvolvida do que no homem (...) Essa falta de estabilidade e de controle provoca sua emotividade, diretamente ligada às variações vasculares (...). Esses dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. (...) Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir a hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada. (BEAUVOIR, 1949, Apud. MILLET (Trad.), 2019, p.18).

A onda dos feminismos contemporâneos, insere-se em um contexto histórico marcado pela ideologia liberal e pela ampliação e consolidação dos direitos de cidadania e valores republicanos. É a partir deste contexto que a mulher do início do século XX estabelece um papel de afirmação social em busca por uma posição oficial dentro do meio acadêmico e profissional. Apesar da mulher estar presente em um “mundo econômico” desde os primórdios, o contexto se torna cada vez mais propício para sua emancipação e afirmação.

GARCIA (2015, p.25) vai além e comenta sobre um intenso debate sobre o papel das mulheres, mais especificamente, durante o Renascimento. Segundo ela, deve-se considerar que apesar deste período trazer um novo paradigma sobre o humano, o da autonomia, esta não se estendia às mulheres. Porém, segundo a autora, o mesmo meio que afasta a mulher de um novo pensamento, traz consequências para elas. A importância dada à educação em meio ao culto renascentista à racionalidade e ao intelecto, “gerou numerosos tratados pedagógicos e abriu debate sobre a natureza

e os deveres dos sexos”. A esse debate dá-se o nome de *Querelle des femmes*⁴⁵, e, para alguns autores, esta pode ser vista como a célula *mater* do feminismo, especialmente, dirá Garcia, por seu desenvolvimento de uma teoria, tendo em consideração quatro elementos básicos desse pensamento: “a oposição dialética à misoginia; o embasamento dessa oposição na ideia de “gênero”, tal como entendemos hoje em dia e a possibilidade de universalizar a questão e transcender o sistema de valores”.

Essas mulheres que participaram da *Querelle* são chamadas por Virginia Woolf de “as filhas dos homens cultos”, filhas, irmãos ou sobrinhas de humanistas que foram educadas por estes e se rebelaram contra aqueles que as prepararam para uma sociedade que proibia a entrada das mulheres. Christine de Pizan⁴⁶ se destaca com a obra pioneira “A Cidade das Damas”, de 1405, onde a autora lista uma série de mulheres que se destacaram e que, por seus atos, conseguem provar a compatibilidade da natureza feminina com o pleno uso da razão. Como exemplos: Rainha de Sabá, Artemísia I de Cária, Agripina Maior e a Virgem Maria.

Uma representante fundamental dessa consciência foi a escritora Christine de Pizan que intervém no debate sobre a querelle não por questões literárias, morais ou filosóficas, mas pelo conjunto de argumentos condenatórios e insultantes para as mulheres que a obra *Roman de la Rose* contém. Reage contra a literatura misógina que vinha sendo repetida desde a antiguidade (...). Não apenas denuncia esse desprezo em relação às mulheres como também, (...) a situação de desamparo destas perante esse empreendimento por não terem acesso à cultura. (GARCIA, 2015, p. 26).

⁴⁵ A teorização feminista surgiu no século XV, em reação à nova cultura secular do Estado europeu moderno. Surgiu como a voz de mulheres letradas e mulheres oprimidas pela cultura, mas que, ao mesmo tempo, tinham o poder de falar em sua defesa. Christine de Pizan foi a primeira dessas pensadoras, e o debate de quatro séculos que ela desencadeou, conhecido como a *querelle des femmes* (traduzido literalmente como “a briga das mulheres”), tornou-se o veículo por meio do qual o pensamento feminista mais antigo evoluiu. (KELLY, Joan. “Early Feminist Theory and the ‘Querelle Des Femmes’, 1400-1789.” *Signs*, vol. 8, no. 1, 1982, p. 5)

⁴⁶ Nascida Cristina da Pizzano (1364 -1430), foi uma escritora nascida em Veneza, mudou-se para a França com cinco anos de idade. Atuou durante o reinado do Rei Carlos VI da França, servindo à corte como redatora. Os patronos de Christine incluíam os duques Luís I de Orleans, Filipe, o Ousado de Borgonha e seu filho João, o Destemido.

Figura 23. Primeira página do livro “La Cité des dames”, Iluminura, 1405.



Fonte: Bibliothèque nationale de France, département des manuscrits. © cliché BNF.

Apesar do trabalho de Pizan, no século XIV, estávamos longe das formulações do conceito de cidadania e de feminismos. Nestes termos, ainda precisaríamos percorrer muitos séculos para uma efetiva caracterização destes conceitos. Garcia cita nomes como Marquesa de Rambouillet⁴⁷ considerada como a primeira professora de urbanidade na França; Madeleine Scudéry⁴⁸, ficou conhecida por romances em que situou a mulher como protagonista, sendo a primeira mulher a obter o prêmio de eloquência da Academia Francesa. Na Veneza do século XVII se destacam as intelectuais precursoras: Lucrecia Marinelli, Moderata Fonte e Arcângela Tarabotti. Em suas obras, essas autoras defenderam a igualdade fundamental dos dois sexos, ressaltando o papel da mulher na história da civilização. Por fim, podemos destacar nomes que ainda no século XVIII, se somam à Mary Wollstonecraft, e predizem os séculos posteriores que iriam afirmar uma luta por elas encabeçada. Olympe de Gouges⁴⁹, escreve “Declaração dos Direitos das Mulheres e das cidadãs”, dedicando à Maria Antonieta, a quem considerava uma mulher oprimida como as demais. Para ela, cercada das ideias iluministas, mas ao mesmo tempo fincadas em um solo estritamente masculino, a mulher nascia livre

⁴⁷ Catherine de Rambouillet (Roma, 1588 – Paris, 1665), Catherine de Vivonne, marquesa de Rambouillet ou simplesmente Madame de Rambouillet, foi uma influente anfitriã, pioneira dos salons e figura central no movimento das précieuses na França.

⁴⁸ Madeleine de Scudéry (Le Havre, 1607 – Paris, 1701) Também conhecida como Mademoiselle de Scudéry, foi uma escritora francesa de estilo literário conhecido como “preciosismo”. Conhecida pelo pseudônimo de George, conduziu um importante salão literário de meados do século XVI na França.

⁴⁹ Pseudônimo (masculino) de Marie Gouze (Montauban, 1748 – Paris, 1793) foi uma dramaturga francesa e ativista política cujos escritos sobre os direitos das mulheres e o abolicionismo alcançaram grande público em vários países.

e possuía os mesmos direitos inalienáveis: a liberdade, a propriedade e o direito à resistência à opressão.

Para relacionar o que a historiografia de gênero discute sobre o mercado de trabalho, devemos levantar algumas informações acerca do conceito social de “trabalho”. Segundo HIRATA e ZARIFIAN (2000, p. 230), confunde-se o trabalho como campo e o trabalho como conceito, ou como eles apontam, a epistemologia e a metodologia. Quando se analisa a questão da “centralidade do trabalho” tende-se a levantar as “críticas”: “mas nem tudo é trabalho”, “o trabalho não está em tudo”. Para os autores, “o poder do trabalho como campo se liga à sua ubiquidade no tempo e no espaço, mas nunca ao fato de que ele seria o único objeto de pesquisa importante.” Quanto ao poder como conceito, relaciona-se ao fato de que o trabalho está “na base da produção do viver em sociedade”. Podemos dizer, em outras palavras, de que tanto o trabalho masculino, quanto feminino, assim como estes se diferem em conceito social, apenas são apresentados a partir de outro conceito igualmente social: o da economia. Através de uma lente política, o trabalho é central porque é por meio dele que se organiza o exercício do poder em nossas sociedades. Para Kergoat, ele é, por isso, “um poderoso instrumento de dominação” (KERGOAT, 2019, p. 288).

“Por outro lado, a relação com o trabalho (Trabalho profissional e trabalho doméstico) é, quanto a ela, de uma importância capital para entender a posição ocupada por umas e outros no espaço público e no espaço privado(...). (KERGOAT, 2019, p. 288).

Enquanto conceito social, analisemos o trabalho como uma atividade presente tanto na esfera profissional quanto na esfera doméstica; assim como, trabalho remunerado e trabalho gratuito, privado e público. O mesmo ocorre quando se faz a leitura sexuada do trabalho. Para KERGOAT (2019), ler o gênero com as lentes do trabalho, tem as chamadas “virtudes heurísticas”, ou seja, “permite evidenciar as relações sociais presentes (de sexo, de raça, de classe) e suas interações.” Com isso, podemos perceber que a análise sociológica de gênero e trabalho é fundamentalmente crítica, porque para trabalhá-las é preciso não só descrever a realidade e explicá-la, mas também articular os processos que as constroem e talvez estruturá-las através do que Kergoat chama de “desfuncionamento”, diretamente ligado a mecanismos de dominação.

Em “A mulher na sociedade de classes”⁵⁰, a socióloga Heleieth Safiotti relaciona os determinantes da vida social da mulher com as ideias marxistas: estas, são encaradas como decorrências de um regime de produção cujo sustentáculo é a opressão do homem pelo homem. Logo, para ela, a solução está diretamente ligada à superação dessa fase de desenvolvimento histórico da humanidade.

⁵⁰ SAFFIOTTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes. 3ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Neste contexto, o século XIX se caracteriza como um portal para a emancipação. Ainda segundo a autora, a urbanização e a industrialização trouxeram mudanças dimensionais na vida feminina. O desempenho de funções ou atividades econômicas alteram seu papel no “mundo econômico”. De fato, quando as mulheres passam a trabalhar em novos cenários, como lojas, fábricas e escritórios, rompe-se um isolamento. E os feminismos, fórmulas e, ao mesmo tempo, resultados deste cenário, pode ser definido como um conceito criado a partir de ações de tomada de consciência das mulheres como um coletivo, se articulando entre filosofia política e movimento social.

Em 2000, Heleieth Saffiotti escreve para o NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher /UFBA) como parte do Congresso realizado em 1999 e que teve como tema a Comemoração dos 50 anos de publicação do Segundo Sexo. A autora relata seu primeiro contato com o livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir:

Eu li O Segundo Sexo em 1962, quando eu comecei minha vida acadêmica, e depois houve um intervalo grande porque o livro da Betty Friedan, que foi publicado em 1963, eu só li mais tarde, creio que em 1966. Eu não me lembro quando eu li porque levou um tempo para chegar ao Brasil, chegou a tradução francesa, nem foi o livro em inglês. Então, demorou mais e como eu naquela época tinha uma implicância muito grande com Simone, com as concepções, não todas, mas a concepção metodológica que ela utilizou em O Segundo Sexo – naquela época a definição de cultura não contemplava a práxis e eu havia feito uma opção metodológica em que a práxis era nuclear – eu recusei aquilo que eu chamava de culturalista. Na época era, hoje já não é mais porque cultura não é só um conjunto de normas, valores, crenças, etc., cultura envolve práticas também, então hoje é diferente... (SAFFIOTTI, 2000, p.32).⁵¹

Neste relato, Heleieth Saffiotti cita as duas (consideradas) mais significativas obras de teorias de feminismos do século XX. Se Simone de Beauvoir inicia a discussão acerca da teoria de gênero, mesmo antes do termo ser utilizado, no final da década de 1940, Betty Friedan lança, em 1963, “A Mística Feminina”, retomando o debate de Beauvoir na conjuntura norte-americana. Pregando a identidade individual da mulher, a ativista criticava a idealização da mulher dona de casa e chegava a dizer que isso se assemelhava a “estar num campo de concentração confortável”. A própria Simone de Beauvoir comenta em uma entrevista comemorativa aos 25 anos da obra “O Segundo Sexo”, que o livro de Friedan foi dedicado a ela.⁵²

Em “A Mística Feminina”, Betty Friedan apresenta a realidade de uma “mulher moderna” norte-americana, inserida na sociedade de consumo, tão em voga entre as décadas de 1950 e 1960. Para ela, é traçado um perfil da mulher perfeita, ideal, mística. E é essa realidade que vai guiar as mulheres no Brasil, acometido pela influência do Norte no auge da sociedade de massas. As mulheres

⁵¹ Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Organizado por Alda Britto da Motta, Cecilia Sardenberg e Márcia Gomes. Salvador: NEIM/UFBA, 2000, p.32.

⁵² BEAUVOIR, Simone; GERASSI, John. The Second Sex 25 years later – Interview with Simone de Beauvoir. In: Languages at Southampton University Interviewed, Society, jan.-feb, 1976.

da década de 1960, no Brasil, ainda eram em grandíssima maioria recortes desse exato perfil, mesmo que com iniciativas revolucionárias indiretas na entrada para o mercado de trabalho formal.

Se existe, talvez a mulher o desconheça, como a vitoriana desconhecia suas necessidades sexuais. O modelo de mulher correta segundo os padrões daquela época simplesmente ignorava o assunto. O modelo da americana moderna, a orgulhosa imagem pública da jovem ginasiana namorando firme, da universitária apaixonada, da dona de casa com um marido de futuro e um carro cheio de crianças estaria também ignorando algo? Essa imagem, criada pelas revistas femininas, pela propaganda, a televisão, o cinema, as novelas, as colunas e os livros de entendidos em casamento, psicologia infantil, ajuste sexual e os divulgadores de psicologia e sociologia, amolda a vida da mulher de hoje e reflete seus sonhos. (FRIEDAN, 1971, p. 33).

Rose Marie Muraro, no prefácio da edição de 1971⁵³, pela Editora Vozes, traz uma análise da mulher brasileira inserida na sociedade de consumo estudada por Friedan. Ela explicita que as manutenções da manipulação da mulher mantem, através dela, o controle de toda a sociedade. Para ela, no caso do Brasil e de outros países subdesenvolvidos o conceito é o mesmo “o homem ganha e a mulher gasta. Por isso, quase toda a propaganda é dirigida a ela”. Porém, teríamos uma vantagem: a de poder servir-se do exemplo dos países mais desenvolvidos. Mas não é o que se sucedeu nas décadas a seguir.

Em 2007, Hildete Pereira de Melo, economista da Universidade Federal Fluminense - UFF, liderou uma pesquisa que trouxe conclusões sobre o trabalho doméstico não remunerado e quanto esta atividade é de importância para a economia. O estudo identificou que os afazeres domésticos, realizados em sua maioria pelas mulheres, corresponderam a 11,2% do PIB brasileiro do período entre 2001-2005. Em 2015, a economista, juntamente com Lucilene Morandi e Ruth Helena Dweck⁵⁴, potencializa sua pesquisa com análises de PIB per capita na ótica de gênero no Brasil, entre os anos de 1991 e 2015 (MORANDI; MELO, 2018). O trabalho de Melo mostrou ser possível elaborar um cálculo para mensurar o valor adicionado relativo aos afazeres domésticos. As autoras apontam que as mulheres ainda na década de 2010, ao cuidarem dos maridos, filhos, doentes, idosos, produziram uma quantidade de bens e serviços para a sociedade que não foi contabilizada.

⁵³ O livro é publicado no Brasil apenas oito anos após seu lançamento nos EUA, na ocasião da visita de Betty Friedan ao país.

⁵⁴ Professoras e membros do Núcleo de Estudos de Gênero da Faculdade de Economia da UFF.

1.4 A CHAMADA “INCLINAÇÃO FEMININA”

Mesmo quando o caminho está nominalmente aberto – quando nada impede que uma mulher seja médica, advogada, funcionária pública -, são muitos, imagino eu, os fantasmas e obstáculos pelo caminho.

WOOLF, Virginia. Profissões para Mulheres, 1931.

Em “Histórias e Conversas para Mulher”, Mary del Priori postula que a Igreja e o Estado sempre apostaram no sucesso do papel feminino, porém apenas dentro de casa. Nela, as mulheres poderiam comandar alianças, poderes informais e estratégias. A autora aponta a relação entre rua e risco da perda da honra. Eram ensinadas a fazer rendas, bordado e costura. “Conversas com homens eram inadmissíveis. Estar fora depois das Ave-Marias era sinônimo de se prostituir. A diferença entre as mulheres de casa, em geral casadas, e as da rua, trabalhadoras concubinadas ou sós, acentuava-se.” (PRIORI, 2014, p. 19).

De fato, no longo processo da entrada efetiva das mulheres no mercado de trabalho, como um todo, a mulher marca presença crescente, mesmo que a passos muito lentos em face da aceitação social, em camadas estratigráficas de um meio persistente. A inclinação das mulheres ocidentais para as chamadas “vocações femininas” está diretamente ligada à ideia da mulher como o sexo sentimental, oposto à razão, mas que por sua vez, mais desenvolvido criativamente. A atenção aos detalhes e o cuidado da casa e de seus familiares, influenciam na admissão das mulheres em determinados setores.

A única outra ocupação admissível, de fato, era serem governantas ou costureiras, “e estes dois empregos estavam naturalmente lotados”. Se as mulheres quisessem pintar, até 1858 existia em Londres apenas um curso de modelos ao vivo onde poderiam aprender. (WOOLF, 1931, Apud. BOTTMANN (Trad.), 2017, p. 55).

A inclinação, talvez imposta, de certa maneira, por questões sociais, levanta uma problemática tão pejorativa quanto a resistência da mulher aos postos primordialmente masculinos: a depreciação dos “afazeres femininos”. Todo o admissível às mulheres parece ter passado por uma peneira temporal medidora de níveis de capacidade. HOBBSAWN (2013, p.126) ressalta a resistência à emancipação das mulheres, segundo ele, “tão teimosa, irracional e mesmo histérica que é a primeira coisa que chama atenção de qualquer observador moderno não preconceituoso da cena no século XIX”. Ainda que falando de fins do século XIX e início de século XX, o autor exemplifica com um episódio ocorrido durante um debate da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1907, quando, ao discorrerem sobre mulheres estudantes de medicina, sustentam que “as moças só queriam estudar porque eram feias demais para conseguirem marido, e que desmoralizavam os estudantes do sexo masculino com seu comportamento sexual promíscuo, para não mencionar o fato de que estudar não era apropriado para mulheres.” Neste mesmo trecho, Hobsbawn afirma que Freud, Pai da Psicanálise, era de opinião que “as mulheres não podem igualar a proeza do homem na sublimação da sexualidade.”

Segundo o *“Suffrage Annual and Women’s Who’s Who of 1913”*, um compêndio das militantes ativas do movimento pelos votos no ano de 1913, no Reino Unido, nota-se que não menos de 20% dessas sufragistas tinham diploma universitário. Em relação às profissões, no mesmo texto, HOBBSAWN (2013, p. 130) especifica a lista de profissões: 28% eram professoras, 345 delas, escritoras e jornalistas, 9% se identificavam como artistas, e 4% eram atrizes e musicistas. 75% das 229 mulheres que deram informações trabalhavam em “atividades diretamente relevantes para a criação e disseminação da cultura de reprodução”.

Podemos destacar que o novo estilo de vida trazido pela Revolução Industrial e a ascensão da sociedade burguesa, reafirmaram o papel da mulher na esfera doméstica, mas, por outro lado, através das mesmas transformações, a mulher é mais aceita em atividades relacionadas à cultura. As mulheres, assim como os homens da alta burguesia, se viam mais obrigadas a empreender atividades culturais. Consequentemente, o gênero feminino ganha importância na manutenção da produção cultural. Também podemos dizer que a passagem do século XIX para o XX foi um período em que a cultura se tornou marca de identificação de classes, e, por isso, o papel das mulheres na cultura foi favorecido.

O fato de as mulheres serem vistas como seres imbuídos de valores sensíveis, estabeleceu uma constante. Isso não quer dizer que as mulheres realmente não tenham mais “inclinação” para estas atividades. Mas também não quer dizer, definitivamente, que elas possuam menos para outras. O que é importante apontar são os reflexos deste fenômeno social de classificação e categorização de gênero relacionadas ao trabalho. E, principalmente, como veremos a seguir, em que ponto mulher e museu se encontram e quais observações podemos levantar sobre essa relação.

Em 1792, o trabalho pioneiro de Wollstonecraft, aborda a educação das mulheres como algo crescente, em termos de século XVIII. Para a autora, ainda que a frequência das mulheres nas instituições de formação, as Academias, tenha aumentado, a visão da sociedade permaneceria sem alterações:

(...) elas continuam sendo consideradas um sexo frívolo, e ridicularizadas ou vistas com pena por escritores que se empenham, por sátira ou instrução, a melhorá-las. É reconhecido que elas passam muitos dos primeiros anos de suas vidas adquirindo uma pequena parcela de realizações; ao mesmo tempo, o fortalecimento da mente e do corpo são sacrificados em nome de noções libertinas da beleza, no desejo de se estabelecerem – a única forma que as mulheres podem subir no mundo – pelo casamento. (WOOLF, 1942, Apud. BOTTMANN (Trad.), 2017, p. 29).

E de fato, até a primeira metade do século XX, permanece a perspectiva para as famílias ocidentais do casamento como o degrau mais alto e objetivo principal para o sexo feminino. Poucas são as exceções, do início do século, que resultam em uma mudança de paradigma nas décadas seguintes.

Para Hobsbawn, o crescimento da instrução secundária para moças obteve um aumento considerável nos quarenta anos que precederam a Primeira Guerra Mundial. Enquanto na França o número de *lycées* para rapazes permaneceu estável, o de instituições para moças, no mesmo período, subiu de zero em 1880 para 138 em 1913, instruindo uma moça para cada três rapazes. Na Grã-Bretanha o número de escolas secundárias para moças em 1913-14 (trezentos e cinquenta) era comparável ao de escolas para rapazes (quatrocentas). Para o autor, o papel das mulheres dentro, especificamente, da sociedade burguesa, mudou substancialmente em vários países a partir de fins do século XIX, e esse seria a força motriz para a ampla extensão da instrução secundária e superior para mulheres.

O historiador ainda ressalta o caso britânico da multiplicação de escolas de arte pós-William Morris e, na Europa Central, de cursos de história da arte, sugerindo que tenha sido “uma mudança na estrutura da própria burguesia que tornou a cultura uma característica definidora mais central dessa classe, e que enfatizou o papel da mulher dentro dela.” (HOBBSAWN, 2013, p. 133-134) Ele ressalta a relação de oportunidade para as mulheres com a permissão e pagamento de custos por parte de pais ou de figuras de autoridade da família. Isso estaria diretamente ligado à ideologia da família burguesa europeia. O autor então atribui que a propensão liberal e progressista, provavelmente, inspirava ideias e intenções libertadoras nas filhas para a instrução superior e para tomar parte na vida profissional e pública. Por fim, Hobsbawn salienta que a abertura de muitas portas foi específica a áreas como a Medicina e outras profissões com alguma relação ao fato de que curar se ajustava mais à noção convencional de que as mulheres eram especialmente dotadas para atividades humanitárias.

Podemos relacionar o cenário da emancipação feminina da Europa ocidental diretamente ao cenário brasileiro. No final do século XIX e começo do XX, presencia-se o processo de modernização da então capital federal, Rio de Janeiro, intensificado pela emergência da República. A ideia de “europeização” da capital se torna uma das primeiras intenções do novo regime político. Para Maria Ângela D’Incao, em “Mulher e Família Burguesa”, esse período marcou a passagem das relações sociais senhoriais às relações sociais burguesas. A nova cidade teria, sistematicamente, “que lutar contra comportamentos, atitudes e expressões tradicionais que eram consideradas inadequadas para a nova situação” (D’INCAO, 2017, p. 226). Nesse contexto, observa-se a dissolução das formas sociais tradicionais, resultado da constituição de um Estado moderno:

Quando vamos nos aproximando do século XIX, a cidade brasileira vai se tornando um apêndice do corpo rural: reflete a estratificação rural, mínima população fixa, uns poucos artesãos, mas um grande número de pessoas sem muito o que fazer, sem ocupação determinada, num período mingado em se tratando de atividade econômica de natureza industrial e comercial interna. (D’INCAO, 2017, p. 224).

A partir das últimas décadas do século XIX podemos citar um fator que se tornaria determinante, apresentando reflexos até os dias de hoje: o processo de “feminização do magistério”.

A primeira lei de instrução pública do Brasil, de 1827, cita:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação para os filhos. São elas que fazem os homens bons e maus, são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas. (BRASIL, 1827, n.p.).

O abandono da educação nas províncias brasileiras, denunciado desde o início do Império, vinculava-se, na opinião de muitos, à falta de mestres e mestras com boa formação. Desde então, reclamava-se por escolas de preparação de professores e professoras. Em meados do século XIX, algumas cidades do país começaram a criar as primeiras escolas normais para formação de docentes.

Afirmava-se, portanto, que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o cuidado com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”. Segundo Guacira LOURO (2017, p. 450), “se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’(...)”.

Desta maneira, a mulher se viu cada vez mais representada no setor educacional. Se, por um lado, as novas ideias da sociedade burguesa brasileira incluíram pequenos avanços de liberdade feminina como parte da modernização social, por outro seu papel nas salas de aula contribuiu para outros grandes passos no que se refere à instrução feminina e à sua integração efetiva no mercado de trabalho burguês.

No Brasil, o ingresso das mulheres nas “escolas de primeiras letras”⁵⁵, instituídas em 1829, se deu início à abertura no ensino público às mulheres. Já final do século, com o surgimento das primeiras escolas normais, são abertas oportunidades de estudo e ingresso na carreira profissional.

Apesar da receptividade das mulheres no ensino primário e secundário, dadas as circunstâncias que cercaram a vida social das mulheres brasileiras, o número de mulheres que, antes de 1930, seriam absorvidas pelo ensino superior, era muito reduzido. As tabelas a seguir, apresentados por Saffiotti, mostram a representação do sexo feminino nas escolas de nível superior do país em comparação com a masculina, no ano de 1929 (Tabs. 3 e 4). O curso de medicina, primeiro frequentado por uma mulher, em 1879, por exemplo, contava em 1929 com 5.787 matrículas de estudantes homens, e apenas, 72 mulheres, representando 1,23% dos alunos inscritos.

⁵⁵ Criadas pela Lei de 15 de outubro de 1827.

TABELA 3: ENSINO SUPERIOR GERAL – BRASIL, 1929

Cursos	Matrícula		Conclusão de curso	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Medicina	5.787	72	609	4
Odontologia	680	71	156	13
Farmácia	816	178	167	62
Filosofia e Letras	62	3	6	1
Ciências Judiciais e Sociais	3.108	20	401	2
Engenheiros Cívicos	2.007	24	212	1
Engenheiros Geógrafos	-	-	-	-
Engenheiros Industriais	16	-	1	-
Engenheiros Agrimensores	Especialização Superior			
Engenheiros Agrônomos				
Engenheiros Mecânicos				
Engenheiros Eletricistas				
Engenheiros Arquitetos	23	1	-	-
Químicos Industriais	-	-	-	-

Fonte: SAFFIOTTI, 1978. p. 307.⁵⁶

TABELA 4: ENSINO ESPECIALIZADO SUPERIOR – BRASIL, 1929

Cursos	Matrícula		Conclusão de Curso	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Agronomia e Veterinária	970	10	145	2
Comercial	18.892	4.260	2.458	627
Arte Dramática	47	53	-	1
Belas-artes	1.146	133	29	-
Música	616	4.910	31	588

Fonte: SAFFIOTTI, 1978. p. 307-308.⁵⁷

O ensino superior feminino brasileiro teve início no final do século XIX, quando em 1879, foi concedido o direito de frequentarem o ensino universitário por Dom Pedro II⁵⁸. A lei é promulgada um período após o imperador conceder a Maria Augusta Generosa Estrela uma bolsa de estudos em Nova York, no curso de medicina. A concretização da lei surge após Dom Pedro II perceber que ao Maria Augusta retornar ao Brasil, ela é proibida de exercer a profissão, como observam Eva BLAY e Rosana da CONCEIÇÃO (1991, p. 51). Segundo as autoras, as mulheres paulistas, por exemplo, só começam a aumentar a sua presença em carreiras tidas como mais “tradicionais”, como medicina e direito, a partir dos anos 1940. O fenômeno foi observado a partir de pesquisas realizadas nos arquivos das antigas escolas superiores que vieram a constituir mais tarde a Universidade de São Paulo. Nesse cenário, se

⁵⁶ Os dados dos quadros foram extraídos da *Estatística intelectual do Brasil*, Departamento Nacional de Estatística, Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, Tipografia do Departamento Nacional de Estatística, 1931.

⁵⁷ Os dados dos quadros foram extraídos da *Estatística intelectual do Brasil*, Departamento Nacional de Estatística, Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, Tipografia do Departamento Nacional de Estatística, 1931.

⁵⁸ Decreto-Lei nº 7.247, de 19 de abril de 1879.

torna emblemática a formação da Dra. Nise da Silveira⁵⁹ na Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, única mulher entre 157 alunos.

Figura 24. Foto da turma de formandos da Universidade Federal da Bahia, 1926.



Fonte: Acervo Nise da Silveira – Sociedade dos Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente).

Ainda no século XIX, observamos o exemplo de Nísia Floresta que, assim como Nise da Silveira, representa uma figura feminina que cresceu profissionalmente e se destacou, apesar do desequilíbrio nas relações de gênero. Helena Uzeda discorre no artigo “A escritora brasileira Nísia Floresta: sua luta feminista no contexto cultural do Brasil Imperial”, sobre como os primeiros anos da vida da doutora Nísia reafirmam o modelo imposto às mulheres da época, que eram destinadas a casamentos precoces e arranjados pelos pais “por questões de dinheiro, estabilidade e segurança” (UZEDA, 214, p.5). Em 1832, Dionísia Gonçalves Pinto, então com 22 anos, escreve e publica “Direitos das Mulheres e injustiça dos homens”⁶⁰, sob o pseudônimo Nísia Floresta. A utilização do pseudônimo pode estar relacionada à perseguição política que sua família sofria e à sua fuga de um casamento precoce. Como era costume das famílias da elite nordestina, Nísia Floresta casou-se aos 13 anos de idade com o proprietário de

⁵⁹ Sua história de pioneirismo e ações de vanguarda começou na Faculdade de Medicina da Bahia, onde foi a única mulher em uma turma de 158 alunos. Formou-se em 1926 com um trabalho sobre a criminalidade da mulher no Brasil. No ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro com o marido, o médico sanitarista Mário Magalhães da Silveira. Ali fez especialização em neurologia e psiquiatria e foi aprovada em concurso público para o Hospital da Praia Vermelha. Começou a atuar, na área na década de 1940, rebelando-se contra os métodos manicomiais então aplicados a pacientes com transtornos mentais, como o eletrochoque, a lobotomia e o confinamento, entre outros. Como forma de punição, foi transferida para a área de terapia ocupacional. Ironicamente, a psiquiatra encontrou lá o espaço necessário para desenvolver um modelo humanizado de tratamento para os transtornos mentais. Nise da Silveira implantou tratamentos humanizados para transtornos mentais e criou um novo momento em relação a esses tratamentos na nossa sociedade brasileira. (Fonte: Agência Senado – Notícia da aprovação da PL 6.566/2019 que propõe a inscrição do nome da psiquiatra Nise da Silveira no “Livro do Heróis e Heroínas da Pátria”, de autoria da deputada federal Jandira Feghali, a proposta foi aprovada com relatório favorável da senadora Eliziane Gama, em 27 de abril de 2022.)

⁶⁰ Pioneiro no país a tratar do direito das mulheres da instrução ao trabalho. Nísia declarou ser uma tradução livre do trabalho de Mary Wollstonecraft.

terras Manuel Alexandre Seabra de Melo (CAMPOI, 2011, n.p.). Com menos de um ano de casamento, abandona a casa para acompanhar a fuga do pai para Olinda (Recife). Nísia passa a ser perseguida e ameaçada pelo primeiro marido durante anos. Após perder o pai e seu segundo marido, Nísia passa a morar no Rio de Janeiro, onde funda o colégio Augusto⁶¹ para meninas⁶². Nísia lutou pela educação das mulheres em uma época em que as meninas apenas eram preparadas para estudar português, francês, matemática básica e bordados. No colégio Augusto eram oferecidas as disciplinas de inglês, italiano, francês, história, geografia, matemática, caligrafia, latim, português, música, dança, desenho e educação física.

Nísia defendeu suas posições educacionais em textos dedicados à temática feminina e, em seu livro “Opúsculo Humanitário”, criticou o sistema de ensino com base em dados oficiais do governo. Passou anos a ser atacada pela sociedade e imprensa durante sua passagem pelo século XIX. Porém o cenário muda radicalmente ao fim do século. A necessidade de construir uma imagem do país que afastasse seu caráter colonial, afetou diretamente a política educacional brasileira. Para Guacira Louro, citada anteriormente, as últimas décadas do século XIX apontam para a necessidade de educação para as mulheres vinculando-a à modernização da sociedade. A preocupação em “afastar do conceito de trabalho toda a carga de degradação que lhe era associada por causa da escravidão e em vinculá-lo à ordem e progresso”, contribuiu para os condutores da sociedade planejar a arregimentação de mulheres das camadas populares, que “deviam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país (...)” (LOURO, 2017, p. 447).

Em entrevista ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil⁶³, Lygia Martins Costa, museóloga formada pela turma de 1939, traz um depoimento que exemplifica de forma clara o tópico aqui abordado. Lygia nasceu em Pinheiros, atual Pinheiral, cidade fluminense do Vale do Paraíba, no ano de 1914. O pai, Mário Andrade Martins Costa, natural de Petrópolis, era engenheiro da Estrada de Ferro Central do Brasil, então a maior rede de estradas ferroviárias do país. Sendo a terceira, de um total de 10 filhos, Lygia não foi a única a receber formação profissional. A mais velha, Eunice, estudou Arquitetura e o segundo, Tito, tornou-se engenheiro agrônomo tendo trabalhado também na Central do Brasil. Depois de Lygia nasceram: Tancredo, futuro dentista; Sylvia, depois bibliotecária do Museu Nacional; Carlos, médico clínico-geral; Henrique, médico-cirurgião; Luiz, advogado; Antero, falecido com cerca de 15 anos; e o caçula, José, que se formou também em Arquitetura. Das três filhas nascidas

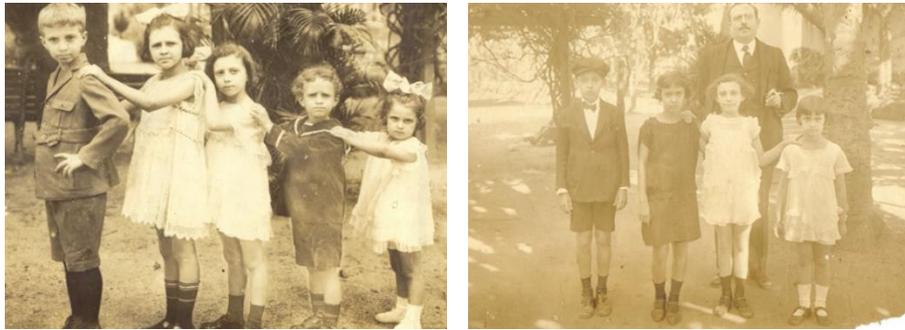
⁶¹ Referência a Augusto Comte, com quem mantinha amizade.

⁶² O colégio funcionava na “Rua D. Manoel, entrada pela Travessa do Paço, n.23” (Jornal do Comercio, 1° de janeiro de 1850, p.5. – Hemeroteca da BN)

⁶³SÁ, Ivan Coelho de; SEOANE, Raquel Villagran R. M. Entrevistas com Lygia Martins Costa (Projeto de Extensão e Cultura Centenário de Lygia Martins Costa: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras) [não publicado]. Rio de Janeiro: jun. nov. 2014. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.

na família Costa, as três se formaram. Essa perspectiva demonstra de maneira particular como uma família classe média de princípios do século XX associava-se à ideia de progresso trazida pela burguesia em oposição ao sistema oligárquico brasileiro.

Figuras 25 e 26. Década de 1920. Na primeira imagem, (c. 1918-19) Lygia, a terceira da esquerda para a direita, acompanha quatro irmãos. Na segunda imagem (c. 1925), o pai, Dr. Mário, posa junto aos filhos Tito, Eunice, Lygia e Sylvia (da esquerda para a direita).



Fonte: Coleção Particular – Família Martins Costa.

1.5 A ASSIMETRIA DE GÊNERO NA ECONOMIA E MERCADO DE TRABALHO

Segundo Katrine MARÇAL (2017, p. 172), o chamado homem econômico, ou seja, o homem inserido no contexto econômico do que chamamos Capitalismo, e os ideais que ele representa, são fundamentação para a construção dos estigmas de gênero no mercado de trabalho. A ideia do homem econômico, por si só, é uma “forma eficaz de excluir as mulheres”. O ato de fixar certas atividades e afirmarmos ser competência de um determinado gênero, classificando-as através de um significado não-econômico formaram a teoria econômica. Isso resulta na marginalização da força de trabalho feminina em relação ao sistema dominante de bens e serviços.

Sendo a configuração do emprego efetivo da força de trabalho desigual em termos de formação econômico-social, as mudanças ocorridas com o advento do Capitalismo industrial tornaram evidentes as funções econômicas das mulheres em atividades ocupacionais fora do lar, mas ao mesmo tempo a tornaram obscuras, marginalizando o grande e dominante contingente feminino no sistema de industrialização. Por outro lado, segundo MARUANI e MERON (2016, p. 64), as guerras aumentaram de forma momentânea as atividades das mulheres, na substituição dos homens durante sua ausência e perda. Podemos então dizer que, historicamente, a presença delas no mundo econômico pós-industrial caracteriza-se como uma vanguarda de transformações, porém, inserida em um modelo criado por homens, resultando em posições estruturais diferentes.

Em 1918, um inspetor do trabalho francês, Pierre HAMP (Apud. SILVEIRA, 2016, p. 84), denunciava o chamado “regime de um quarto a menos” aplicado às mulheres nas indústrias de guerra: “Quando isso se tornar um preconceito desmentido pela realidade, as mulheres ainda sofrerão as

consequências. Seu trabalho tornar-se-á igual ao do homem bem antes do seu trabalho”. No Brasil, muitas desproporções foram registradas por Pagu, Patrícia Galvão, escritora e militante feminista durante os anos 1930. Em seu romance “Parque Industrial”, ela descreve a rotina e as problemáticas encontradas pelas operárias, as longas jornadas de trabalho, os maus-tratos e os baixos salários. Segundo Margareth Rago, a partir de meados do século XIX, o governo brasileiro procurou atrair milhares de imigrantes europeus para trabalhar em lavouras, fazendas de café e nas fábricas, que despontaram substituindo a mão de obra escrava, especialmente depois da promulgação da Lei do Ventre Livre e da Abolição da Escravatura. “Entre 1880 e 1930, entraram no país cerca de 3,5 milhões de imigrantes.” (RAGO, 2017, p. 581). Eram em maioria italianas, espanholas, portuguesas, alemãs, romenas, polonesas, húngaras, lituanas, sírias e judias, e esta grande massa formaram a mão de obra das primeiras fábricas instaladas no Brasil.

Quanto ao assalariamento, a linha divisória se constrói de maneira mais delimitada, e, podemos dizer que, até os dias de hoje, os reflexos são inquestionáveis. MARUANI e MERON (2016, p. 59) explicam que o trabalho da mulher, desde sempre e em todos os lugares, não é necessariamente visível, ou melhor dizendo, reconhecido. Ainda mais aparente no setor informal, constitui uma linha divisória entre o assalariamento feminino e o masculino. Isso quer dizer, em outras palavras, que trabalhos limítrofes qualificados, inquestionavelmente, em balanços diferentes.

Segundo MARÇAL (2017, p. 66), atualmente, as mulheres passam um pouco mais que dois terços de seu dia de trabalho em tarefas não remuneradas e o equivalente para os homens é de um quarto. A autora ainda acrescenta que em países detentores de um maior desenvolvimento dos grandes setores agrícolas, “a diferença é ainda maior. No Nepal, as mulheres trabalham 21 horas semanais a mais que os homens. Na Índia, em torno de 12.”

Esses dados explicitam a extensão e constância das características relacionadas ao labor feminino trazendo respostas tanto sociológicas quanto estatísticas, à desvalorização da contribuição feminina ao estatuto de sociedade. Podemos dizer que no setor cultural ou mais especificamente dos museus, da Museologia e do Patrimônio, ocorre o mesmo? Ou a inserção imperativa feminina nestas áreas pode se dever a algum fato relacionado a uma possível baixa escala de remuneração em comparação às outras áreas do mercado de trabalho? No capítulo III buscaremos levantar dados para discussão destas questões.

1.6 PERSPECTIVAS BRASILEIRAS: LEGISLAÇÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS E CULTURA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Em 2009, a então ministra da Secretaria de Políticas para Mulheres, Nilceia Freire, encaminhou à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania o anteprojeto de lei que previa a efetivação da

igualdade entre homens e mulheres nas relações de trabalho. Com a aprovação da lei, o governo pretendia ampliar o exercício do estado democrático de direito e a “plenitude dos direitos de cidadania”. Durante a exposição dos motivos para o anteprojeto, Nilceia remontou às origens da questão: “A Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988) acolheu o clamor do movimento das mulheres, cujas vozes ecoavam desde os primórdios da República” (FRACCARO, 2018, p. 13).

No Brasil, quando da instalação oficial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF, em 1922, ficavam delineados os sete itens que integravam suas finalidades, segundo consta no artigo três de seus estatutos. A Federação foi fundada na cidade do Rio de Janeiro e se constituía como o resultado oficial da Sociedade Feminista, fundada pouco antes. Entre suas finalidades, se destacam: “1) Promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina; (...) 4. Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão; (...)” (SAFFIOTTI, 1978, p. 359).

Entre uma das primeiras realizações da FBPF, através de sua fundadora e presidente, Bertha Lutz, delegada do Museu Nacional ao Congresso de Educação, em 1922, foi a de ter conseguido a entrada de meninas no Externato do Colégio Pedro II. A década de 1920 se torna palco de lutas e propostas de mudanças. O ano de 1922 sinalizou importantes mudanças políticas e culturais: a Semana de Arte Moderna, a Revolta do Forte de Copacabana e a fundação do Partido Comunista do Brasil. Nesse cenário, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino tem um papel significativo nas mudanças sociopolíticas no país que permanece durante toda a década. Em 1929, foi fundada pela Federação a União Universitária Feminina, coordenando esforços de mulheres já diplomadas e as matriculadas no ensino superior, no sentido de defender seus interesses e colaborar com problemas relacionados a entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho formal.

Figura 27. A Noite, “Fundou-se a União Universitária Feminina”, 1929.



Fonte: A NOITE, “Fundou-se a União Universitária Feminina”, 14 de janeiro de 1929, p.8. (Hemeroteca BN)

O salto cultural e revolucionário da década viria a eclodir na década de 1930, ocorrendo outras transformações, uma revisitação de conceitos e remodelagem do ensino brasileiro a partir de uma ordem social que fazia um esforço consciente para transformar-se. Em 11 de abril de 1931, instituiu-se o Decreto nº 19.851, que reorganiza o ensino superior, e, dias depois, o Decreto nº 19.890, que remodela o ensino secundário e cujo objetivo principal era promover a adaptação dos estudantes às suas futuras especializações profissionais (SAFFIOTTI, 1978, p.319). São traçadas diretrizes para a educação em um plano nacional, com ideias de democratização da cultura e de elevação do número de escolas. Saffiotti reconhece ter sido notável o aumento do número de alunos dos cursos secundários do país no quarto decênio do século XX. Além disso, em 1937, é criada a Universidade do Brasil, através da Lei nº 452, de 5 de julho de 1937. Nos vinte anos seguintes observamos um crescimento bastante elevado: de quatro universidades que o país possuía em 1937, passa a ter quinze em 1953.

Entre os anos 1917 e 1937, o Brasil tinha uma classe trabalhadora majoritariamente rural e com pouca instrução formal ou qualificação profissional. A partir da industrialização, verificada desde o final do século XIX, o país passou a absorver cada vez mais trabalhadores e trabalhadoras rurais no trabalho nas cidades.

Na virada do século, o Brasil já apresentava face nova: a República se implantou, o trabalho se tornou assalariado, as cidades cresceram. A burguesia ia cada vez mais enriquecendo à custa do suor e da exploração dos trabalhadores, a nascente classe operária. Formada em grande parte por imigrantes sem direitos, dentre os quais italianos, vivendo de salários miseráveis e trabalhando em excesso, aos poucos ela foi se organizando e lutando por salários melhores, jornadas menores e direitos trabalhistas. (TELES, 2017, p.49).

FRACCARO (2018, p. 23) acrescenta que, no entanto, esse crescimento do trabalho urbano demonstrou a existência de uma segmentação no mercado de trabalho por sexo. Dos últimos anos do século XIX à década de 1940, a expansão do ensino público e profissional acabou por gerar um aumento significativo da instrução para ambos os sexos, ao passo que o número de mulheres alfabetizadas cresceu quase três vezes mais que o dos homens. A tabela a seguir apresenta dados significativos que demonstram e estimam os fatores aqui discutidos.

TABELA 5: TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL, 1872-1940, 1872-1940

	Homens		Mulheres	
	Brasil	Rio de Janeiro	Brasil	Rio de Janeiro
1872	19,8 %	41,2	11,5	29,3
1890	19,1 %	57,9	10,4	43,8
1920	28,9 %	66,5	19,9	55,8
1940	42,3 %	72,9	34,1	65,6

Fonte: BESSE, Susan. Modernizando a desigualdade: Reestruturação de ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: Edusp, 1999. p.126.

A partir de dados retirados de censos, Paul Singer e Felícia Madeira atestaram que o emprego feminino cresceu significativamente entre 1920 e 1940: na ordem de 53%. Vale ressaltar que tal crescimento se explica em boa parte pelo aumento, em geral, de componentes da força de trabalho do país. Um dado evidente a partir da tabela acima se destaca a partir dos indicadores de serviços prestados: os postos mais qualificados, que requeriam maior instrução, eram ocupados por homens, ainda que se verifique uma absorção crescente delas tanto na educação quanto na força de trabalho em geral.

QUADRO 6: ESTRUTURA SETORIAL E POR SEXO DA FORÇA DE TRABALHO NO BRASIL (NÚMEROS ABSOLUTOS E PORCENTAGEM)

	1920		1930		1940	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Rural e agrícola (primário)	5.769.100 75%	607.800 42.4%	8.326.100 70.7%	3.481.100 70.2%	9.495.900 66%	3.121.800 64.2%
Indústria de extração de mineral, transformação, construção e serviços de utilidade pública (secundário I)			1.239.900 10.5%	298.300 6%	2.033.600 15%	393.800 8.1%
Serviços de reparação (secundário II)			236.900 2%	384.400 7.8%	428.300 2%	243.400 5%
Secundário I + II	834.300 11%	448.500 31.3%	1.473.800 12.5%	686.700 13.8%	2.461.900 17%	637.200
Serviços de produção	724.600 9.4%	26.500 1.9%	1.206.200 10.2%	68.400 11.8%	1.640.500 11.3%	130.600 2.7%
Serviços pessoais, serviços domésticos e profissões liberais (serviço de consumo individual)	167.700 2.2%	309.800 21.6%	327.500 2.8%	586.600 11.8%	383.000 2.6%	696.800 14.3%
Administração pública e atividades sociais (educação, saúde, previdência social) (serviços de consumo coletivo)	199.200 2.6%	41.400 2.9%	445.800 3.8%	136.300 2.8%	590.600 4.1%	275.900 5.7%
Comércio, transportes, comunicações e serviços de produção (terciário)	1.091.500 14.2%	377.700 26.4%	1.979.500 16.8%	791.300 16.8%	2.614.100 18%	1.103.300 22.6%
Outros	407.200	113.000				
Total (100%)	7.691.900	1.434.000	11.779.400	4.959.600	14.571.800	4.861.800

Fonte: MADEIRA e SINGER (1973, p.13-16) Apud. FRACCARO, 2018, p.26.

As mulheres europeias e norte-americanas iniciaram na segunda metade do século XIX o movimento mais efetivo por direitos, tendo influenciado as mulheres latino-americanas no mesmo

período. Os jornais editados por mulheres no Brasil, surgiram em meados do século XIX. Estes jornais tiveram muita importância na disseminação das ideias feministas. FRACCARO (2018, p. 50) comenta que Maria Antônia Soares⁶⁴, ao tentar desvendar a forma de “outorgar a verdadeira emancipação” às mulheres, nas colunas de “*A Plebe*”, afirmou que não bastava a independência econômica, nem a instrução, nem governo, sequer a igualdade de salários ou a liberdade: “Esta coisa, que bastaria, por si só, talvez, para elevar moralmente a mulher e emancipá-la é o respeito.” (SOARES, Apud. FRACCARO, 2018).

De fato, o processo brasileiro de luta pelos direitos das mulheres foi compatível aos estímulos europeus. Muito além da bandeira pelo voto feminino, desde o final do século XIX, foram estabelecidas longas discussões acerca da legislação trabalhista específica para as mulheres, desde o início do século, por Nísia Floresta, considerada como uma das primeiras educadoras feministas do Brasil, que dialoga com o discurso oitocentista de Mary Wollstonecraft (DUARTE, 2001). Mas é durante o período entre guerras, que se intensificam as propostas dos grupos progressistas. No contexto das Américas, em 1926, é elaborado e proposto o tratado de direitos iguais elaborada pela “Liga das Nações”, por integrantes norte-americanos do “*Equal Rights Treaty*”, iniciando discussões e esforços políticos que dividiam as mulheres e seus grupos a respeito da adoção de convenções e legislações internacionais específicas para mulheres. No Brasil, a União Feminina nasceu em 1934, como parte integrante da Aliança Nacional Libertadora (ANL), tendo como adeptas, principalmente intelectuais e operárias. Segundo FRACCARO (2018, p. 57), em meio à uma rearticulação política, aprovações de decretos de legislação social, revisão da lei de férias, em vigor desde 1919, e à crise econômica, as greves e a organização do movimento operário cresceram durante a década de 1930. Enquanto isso, as primeiras ações do governo Vargas consistiram em fundar o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e promulgar decretos que ampliavam a seguridade social e buscavam estruturar o aparato de fiscalização para a aplicação e cumprimento das leis, além de regular o trabalho de mulheres e crianças. Esse era o quadro pós-revolução de 1930: de um lado a mobilização cidadã e, por outro, os esforços do novo governo perante um cenário de desemprego, redução dos salários e aumento das jornadas de trabalho que haviam sido respostas de grandes empresários brasileiros diante de uma crise econômica.

A campanha feminista da época buscava oportunidades para o crescimento da luta por direitos. Podemos ainda ressaltar que uma intensa campanha em prol das reformas eleitorais que

⁶⁴ Brasileira, operária, anarquista. Nasceu em Santos em 1899. Começou sua militância em sua cidade natal ganhando plenitude a partir de 1914 quando se mudou para o bairro do Brás, em São Paulo. Nesta cidade, foi professora da Escola Moderna, participou do movimento anarquista, discursou em praça pública e foi presa mais de uma vez por isso. Ajudou a fundar em 1915 o “Centro Feminino de Educação”(…). Colaborou nos jornais *A Plebe*, *A Lanterna*, em jornais anarquistas dos Estados Unidos e em “*Regeneración*”, jornal mexicano. (VALADÃO, Marina Tannús. Militância libertária feminina sob as lentes da História. Universidade Federal de Uberlândia, 2006. 91p.)

eliminasse as distinções de sexo seria colhida pela Revolução de 1930. “O governo provisório é solicitado a atender as aspirações eleitorais das mulheres, mais uma vez ratificados no II Congresso Internacional Feminista, promovida pela FBPF, em 1931, no Rio de Janeiro.” Vargas, mesmo não sendo um grande simpatizante das pretensões feministas, como afirma Saffiotti, ao tomar o governo provisório, providenciou a incorporação das aspirações de ordem política das mulheres pelo Código Eleitoral, aprovado pelo Decreto n. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Nesse contexto, a Revolução de 1930 e o primeiro governo de Getúlio Vargas se tornam limítrofes dos robustos passos do movimento feminista no país. É nesse período de conjugação entre um novo governo e as lutas pela emancipação feminina, que vemos os avanços encontrados nos números em segmentação por sexo no mercado de trabalho brasileiro. Além disso, é preciso ter em mente que o debate feminista foi a um só tempo “sujeito e consequência” da crescente conscientização sobre as transformações nos padrões de engajamento no trabalho (GUIMARÃES; BRITO, 2016, p. 77). Os debates feministas ganhava musculatura e ecoavam na sociedade brasileira, “o vigor das análises supunha a existência de dados”. Há então um rompimento de visões no FBPF. Como relata Ana Audebert em sua tese⁶⁵, Maria Lacerda de Moura, anarquista, rompe com Bertha Lutz por considerar a pauta da Federação burguesa e sem ganhos efetivos para a mulher operária trabalhadora. Maria Lacerda cria em São Paulo a “Federação Internacional Feminina”, no ano de 1921. Surgem, no Brasil, visões mais progressistas de feminismos, associadas a reivindicação de laicidade do estado e da educação, além de colocar em pauta o direito ao aborto.

As mudanças efetivas no engajamento mercantil das mulheres são expressamente intensas, ainda que notadamente absorvida por uma sociedade ainda conservadora. A estrutura social e configuração de valores é estremecida quando em 1932, o Decreto do Trabalho das Mulheres⁶⁶, estipulou a licença-maternidade e proibiu a desigualdade salarial e o trabalho noturno feminino, fazendo parte do Código do Trabalho, previsto e implementado por Getúlio Vargas, após uma série de pressões sociais desde o começo da República.

Bertha Lutz, fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, anteriormente citada, se torna a voz mais forte do movimento feminista brasileiro. Bióloga e tendo se especializado em anfíbios, era pesquisadora do Museu Nacional. Sua carreira nesta instituição iniciara-se no ano de 1919, através de um concurso onde disputou a vaga com quatro homens. O cargo era em substituição à Hugo Braga, vítima da *gripe espanhola*. Seu salário foi fixado em 700\$000 (setecentos mil réis) e a “Revista Feminina” narrou o fato como uma vitória do feminismo no país, ressaltando a glória da conquista, intitulando a matéria da aprovação no concurso como “O Feminismo no Brasil:

⁶⁵AUDEBERT, 2018, op. cit., p. 84.

⁶⁶BRASIL. Decreto nº 21.417-a: Regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais, 17 de maio de 1932.

Mais uma senhora consegue o primeiro lugar num concurso para um cargo público de grande responsabilidade, no qual se inscreveram muitos homens. A senhora Bertha Maria Lutz, paulista, filha do sábio entomologista dr. Luiz, é classificada em primeiro lugar no concurso para o cargo de secretaria do Museu Nacional do Rio de Janeiro. (...) Continuem as nossas patrícias nesse nobre empenho de, aos poucos, se tornarem bastantes a si próprias com o seu esforço, e iremos assim realizando lenta, mas seguramente, o programma do feminismo mundial. Dia virá, certo, em que a mulher, capacitada de seus direitos e educada para exercer-los poderá viver a vida autônoma de todo ser humano e não terá que temer... – oh! O grande temor que causa tantas infelicidades! – “...Ficar para tia...” pela compreensão absurda de que mulher apenas foi feita para casar-se e que, por isso, deve encarniçar-se nesse proposito. (REVISTA FEMININA, 1919, p. 24).

Figura 28. Revista Feminina. “O Feminismo no Brasil”, 1919.

Figura 29. Visita de Marie Curie, vencedora de dois prêmios Nobel (Física em 1903 e Química em 1911) e de sua filha, Irene Joliot-Curie, também vencedora do prêmio Nobel de Química de 1935, ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 02/08/1926. Bertha Lutz é a última da esquerda para direita. Ao centro, Heloísa Alberto Torres.



Fonte: Revista Feminina. “O Feminismo no Brasil”. Ano VI Número 65, 1919. p.24. (Hemeroteca BN); Acervo do Museu Nacional/UFRJ.

Não podemos deixar de mencionar um dos acontecimentos que mais aproximam a luta das mulheres brasileiras ao cenário do museu. Em plena efervescência que embalou o cenário artístico anteriormente mencionado, a figura de Bertha Lutz, teve destaque e protagonismo no movimento feminista brasileiro. As manifestações feministas têm início, no Brasil em 1918, em consequência da visita de Bertha Lutz a Londres. Ao retornar ao Brasil, já licenciada em Ciências pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, “Bertha Lutz transforma-se na primeira pregadora, através da imprensa e da tribuna, da emancipação da Mulher”, como afirma SAFFIOTTI (1978, p. 358). Apenas um ano depois, por decreto de 3 de setembro de 1919, Lutz foi nomeada secretária do Museu Nacional,

tomando posse no dia seguinte.⁶⁷ Durante seu trabalho no museu, cria a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, a União Universitária Feminina (1929) e a União Profissional, a União das Funcionárias Públicas e a Liga Eleitoral Independente, estas últimas em 1922. Este cenário dos anos 20 era propício e revelador do destaque feminino, inclusive com atuações no âmbito dos museus como Bertha Lutz e Heloisa Alberto Torres. No entanto, a formação acadêmica regular estava por ser criada e só se tornaria realidade na década e 30, abrindo os caminhos para profissionalização das mulheres nesta área específica.

Aqui destacamos que as egressas do Curso de Museus, não são pioneiras no sentido de estarem presentes no Museu e fazerem parte de seu quadro de funcionários. Estas egressas se destacam pelo diferencial de formação em Museologia, associando formação específica e trabalho na área, hoje entendido como campo da Museologia.

Durante seu extenso e próspero trabalho no MN, Bertha Lutz trabalhou ao lado de duas figuras femininas que também viriam a marcar o meio museológico e evidenciar os pontos de congruência entre o desenvolvimento e história da Museologia brasileira e o progresso das conquistas das mulheres no Mercado de Trabalho e na Academia: Heloisa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos. Heloísa, antropóloga, foi a primeira mulher a dirigir um museu brasileiro (o Museu Nacional) e Marina de Vasconcellos, formada conservadora de museus pela turma de 1939, do Curso de Museus do MHN, teve expressiva atuação no mesmo museu, onde pode unir seus conhecimentos em Antropologia aos adquiridos no Curso de Museus. Como egressa, Marina também trabalhou como professora assistente da disciplina de Arqueologia orientada pelo Professor João Anyone Costa.

Acompanhando as transformações trazidas durante a década de 30, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os fatores sociais e econômicos, acabaram por modificar completamente o comportamento da sociedade. O estabelecimento de políticas de relação entre os países gerou uma influência direta entre os Estados Unidos da América e o Brasil. As influências de *Hollywood* ficam evidentes no público feminino brasileiro. São inúmeros os artigos de revistas da época que trazem a temática de forma a destacar as mudanças de comportamento com clara tendência ao entusiasmo da emancipação feminina e a resposta cinematográfica às novas perspectivas. Entre ousadia e provocação, as atrizes e suas personagens construía seus estilos e destinos. A sociedade cresceu e se modificou em torno das salas de cinema. Não apenas consumindo os filmes, o público brasileiro se encanta com o universo construído por *Hollywood*. A própria lógica de vida norte-americana chamava a atenção de muitos brasileiros. Sincrônica e conseqüentemente, o cinema traz para o Brasil novas perspectivas femininas, com temas contraditórios e apresentação de estilo e modo de vida das novas personagens. Abaixo, trazemos o exemplo da revista “Careta” que traz a matéria, rodeada por

⁶⁷ Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional.

fotografias de atrizes *hollywoodianas* (Figs. 30 e 31), intitulada “O don-juanismo feminino no cinema moderno”:

O processo de renovação inaugurado por Norma Talmage, Gloria Swanson, Brigitte Helm e Lia de Putti prosseguiu brilhantemente no cinema americano, e, as novas “mulheres-vampiros”, que surgiam estavam já completamente libertas das velhas influencias românticas do cinema francês e italiano. Eram “vamps” do nosso tempo: sadias, bonitas, elegantes, esportivas. (...) Um das etapas mais significativas dessa evolução é aquela em que surgem, dominadoras e absorventes, essas três figuras admiráveis: Marlene Dietrich, Jean Harlow, Joan Crawford. Três modelos autênticos de “vamps”. (...) Graças a essas artistas corajosas e belas, graças à audácia das suas atitudes artísticas, o tipo da “vamp” se renovou completamente – e o don-juanismo feminino enriqueceu suas reservas de recursos e armas de sedução. (REVISTA CARETA, 1940, p.40-41).

A matéria deixa claro, apesar de não sabermos o gênero do autor da matéria, que os modelos de mulheres apresentados pelo cinema estadunidense simbolizam uma revolução. A matéria ainda cita as chamadas “*glamour girl*” e “*it girl*” e acrescentam que essas mulheres fornecem “o modelo para as mulheres don-juanescas do mundo inteiro”, demonstrando o evidente influxo brasileiro.

Figuras 30 e 31: Revista Careta. “O don-juanismo feminino no cinema moderno”, 1940.



Fonte: Revista Careta. “O don-juanismo feminino no cinema moderno”. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1940. Nº 1695. Ano XXXIII, p. 30-31. (Hemeroteca BN)

Os artigos e propagandas de moda/indumentária da mesma época, também acompanham uma campanha calcada em evidenciar mudanças para atrair o público feminino. Fica ainda mais evidente a validação desta influência ao observarmos fotografias de jovens que à época, no Brasil, manifestam interesse em assimilar os ventos de mudança comportamental e cultural. Trazemos como exemplo uma fotografia de Nair de Moraes Carvalho, Conservadora de Museus formada pela turma de 1936, no qual ainda estudante, ela demonstra numa pose bastante sugestiva, o olhar, a atitude e a

vestimenta, a tradução da influência do cinema norte-americano. Esta subjetividade fotográfica viria a se refletir nos caminhos tomados profissionalmente e pessoalmente pela jovem. Em entrevista ao NUMMUS, no ano de 2014, Nair de Moraes Carvalho conta que nas suas saídas do Museu Histórico Nacional, enquanto estudante e profissional, ia direto para a Cinelândia assistir filmes, pegando o bonde sozinha e tudo mais que lhe agradava como mulher, solteira na capital:

“Aí eu saía do museu e ia pra (sic) Cinelândia, então eu via tudo, eu gostava de filme de mocinho, detetive, romance, tudo. E quando saía tomava um bonde na esquina do Odeon. Era ótimo, eu via o jornal, fazia palavra cruzada, lia o Globo todo.” (CARVALHO, 2014, n.p.)

Nas imagens que seguem, ao lado da foto de Nair, observamos um artigo, escrito por Charles Albert (desconhecido na nossa pesquisa) que, de maneira provocadora, busca chamar atenção de um público aparentemente voltado para as novas tendências. O artigo quer chamar atenção para “looks” da moda moderna e relativiza a disseminação de valores feministas, questionando-os em que ponto, essa temática social poderia estar vinculada, ou até mesmo ser impulsionado pelo apelo visual da moda. Sem entrar no mérito dos valores do escritor do artigo, ou até que ponto os aspectos levantados por ele de fato corresponderiam à verdade, podemos perceber, claramente, que em 1931, data da publicação, esse era o apelo midiático procurado pela maioria das mulheres leitoras de revistas. Os “*éclairs de scandale*” (flashes de escândalo), citados por ele, se resumiriam nessa tentativa de demonstrar que as novidades no mundo da moda, à época, deveriam ser acompanhadas pelas leitoras que desejavam estar paralelas às novidades socioculturais.

Você é ilógica, paradoxal, contraditória. Diz-se feminista, mas o feminismo de você é uma coisa única. Bizarra, sem movimentos de rebeldia, nem sacudimentos emancipadores. Você imagina transformar a arquitetura da sociedade, pela conquista para a mulher das mesmas prerrogativas de que o homem flue. Mas isto você quer fazer dentro do padrão de vida de sempre. Passadista nos costumes e nos processos, você prega o advento de um regime avançado, que implica na total subversão da ordem social em que você timbra em viver. (...) Treme diante da sociedade. Empalidece e recua ante o fantasma do preconceito milenário. Você, que se mostra tão animosa e galvânica nas palavras, abusando das metáforas arrojadas, treme e se esconde, apavorada, com a provável actividade da maledicência alheia, a cortar no seu casaco. Fuma às escondidas, lê histórias naturais da vida, arma, para a delícia de seus olhos, poses clássicas deante do espelho do guarda-casaca, (...). Ora, ora. Você, assim, não convence ninguém. Se quer proselytos, seja sincera e dê o exemplo, mostrando que a sua aspiração é legítima, sem inferioridades e sem temores. E deixe falar as línguas de trapo, a que acabariam familiarizadas com a sua nova vida, e perderiam a mania de surpreender, nos seus olhos, aquelas eloquentes *éclairs de scandale*. (A NOITE ILUSTRADA, 1931, p.13).

Figura 32. Nair de Moraes Carvalho, década de 1930.
 Figura 33. A NOITE ILUSTRADA, “A Moda”, 1931.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho (Reprodução); A NOITE ILUSTRADA. “A Moda”. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1931, ANNO 2, n.57, p.13. (Hemeroteca BN)

Porém não só isso, os influxos resultantes das campanhas revolucionárias e humanitárias surgidas durante a guerra, contribuíram para grandes passos da luta pela emancipação feminina no Brasil. A favor da democracia, contra o nazi fascismo no intuito de pressionar o país na entrada efetiva da Guerra, com a Liga de Defesa Nacional, as mulheres organizaram campanhas para doar agasalhos aos pracinhas e cursos para formação de enfermeiras. Em 1945, com o fim da guerra, surgiu no Rio de Janeiro o Comitê de Mulheres pela Democracia, no ímpeto e esforço para as mulheres participarem de fato da consolidação da democracia e da conquista da igualdade de direitos em termos profissionais, administrativos, culturais e políticos. Neste mesmo contexto, foi fundada Associação de Donas-de-Casa contra a Carestia (TELES, 2017, p. 54). Em 1947 é criado o jornal *Momento Feminino*, editado por Arcelina Moche⁶⁸, no Rio de Janeiro, e que existiu por aproximadamente dez anos, tendo representantes em dezesseis estados. Também em 1947, é criada também a Federação das Mulheres do Brasil (FMB), cuja primeira presidente foi Alice Tibiriçá que, no mesmo ano, introduz no Brasil a Comemoração do Dia Internacional da Mulher. As propostas da Federação incluíam impulsionar a ação das mulheres e a debater questões de seu interesse e direitos.

⁶⁸ Uma das primeiras Promotoras Públicas no Brasil (1937), foi eleita vereadora pela cidade do Rio de Janeiro em 1947, também tendo sido líder da bancada comunista na Câmara Municipal do então Distrito Federal e membro do PCB (CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. *Gênero, condição feminina e relações de poder nas revistas: Brasil Feminino e Momento Feminino (1930- 1950)*. Anais do Encontro Internaonal e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias. UFF: Rio de Janeiro, 2018. 9 p.)

1.7 A DISTOPIA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO MUSEU: UMA DISCUSSÃO DO FINAL SÉCULO XX

Em 1985, o grupo “*Guerrilla Girls*” foi formado em resposta à uma exposição realizada no Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York. O museu nova-iorquino havia realizado uma exposição temporária intitulada “*International Survey of Recent Painting and Sculpture*” (Panorama internacional de pinturas e esculturas recentes) onde, em um total de 165 representados na mostra, apenas 13 eram mulheres.⁶⁹ Uma das análises mais questionadas pelo grupo é a comparação entre a representatividade da figura feminina em nus, em discrepância ao número de quadros realizados por mulheres expostos em parte do acervo de museus e galerias, como exemplo, as ativistas apontaram uma porcentagem de 85% para 5%, no Metropolitan Museum de Nova York. A partir de então, crescem as discussões e números de estudos acerca da representatividade feminina na arte e nos museus.

Figura 34. Cartaz “Guerrilla Girls” de 1989. (As mulheres devem estar nuas para estar no Met Museum? / Menos de 5% dos artistas na seção de arte moderna são mulheres, mas 85% dos nus são femininos.)



Fonte: guerrillagirls.com.

Em 1987 é criado o Museu Nacional das Mulheres na Arte, em Washington (EUA), com a exposição inaugural *American Women Artists (1830-1930)* sob a curadoria de Eleanor Tufts⁷⁰, historiadora da arte e ativista feminista. Segundo a documentação do próprio museu, disponibilizada no “*WayBack Machine: Internet archive*”⁷¹, entre a inauguração da instituição, em 1987 e o ano de 2013, foram realizadas 276 exposições, entre elas, temáticas de artistas norte-americanas, latino-americanas, européias e orientais.

⁶⁹ Informações obtidas através da página online do Museu de Arte Assis Chateaubriand (MASP), que em 2019 organizou a mostra “*As mulheres precisam estar nuas para entrar no MASP?*”.

⁷⁰ Disponível em <nmwa.org> Acesso em janeiro de 2021.

⁷¹ Disponível em: https://web.archive.org/web/20130308141029/http://www.nmwa.org/sites/default/files/shared/nmwa_exhibition_history_2013_2.pdf. Acesso em janeiro de 2021.

Em 2008 é criada a rede internacional “*Women in museum: The Network of Women’s Museums*”, no âmbito do 1º Congresso de Museus de Mulheres, o congresso, realizado em Merano, na Itália. Atualmente, segundo a IAWM – *International Association of Women’s Museums*, é uma base digital de fonte informativa no levantamento de museus de mulheres e gênero. A associação realiza a atualização de um levantamento do quadro geral através dos continentes, como podemos observar na Tabela 8.⁷²

TABELA 7: MUSEUS DE MULHERES OU DE GÊNERO NO MUNDO (POR ORDEM DECRESCENTE)

Continente	Número de museus ou iniciativas	%
Europa	65	44,3
América do Norte	35	23,81
Ásia	20	13,61
África	12	8,17
América Latina	8	5,45
Oceania	5	3,41
América Central	2	1,37
Total	147	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do IAWM – *International Association of Women’s Museums*.⁷³

Podemos perceber que a discussão sobre a figura feminina dentro do espaço museológico se torna cada vez mais evidente e clamorosa, acompanhando uma tendência mundial na abordagem das questões de gênero e igualdade. A urgência na aplicação do conceito de gênero à museus e coleções é expressada por Ana AUDEBERT (2018b, p. 24), quando afirma que o esforço nesta mudança possibilita “questionar as formas como a memória é construída tanto pelos objetos que estão presentes, quanto pelos que estão ausentes nos museus.”

Na medida que as mulheres sempre estiveram em segundo plano, conseqüentemente, isso se reflete no olhar direcionado aos personagens históricos, nas construções de sentidos comuns, nas repercussões do mundo artístico e todos os processos sociais. Assim, sendo o museu um fenômeno social, como afirma a Nova Museologia⁷⁴, interligando os fatos históricos e sociais à dinamicidade da Museologia, não fugiria à regra.

Em 2020, a *National Gallery* de Londres inaugurou a exposição virtual, “Artemisia Gentileschi diante da Covid-19”. Durante uma entrevista, em setembro de 2020⁷⁵, a diretora da instituição disse que esperava que o exemplo da artista barroca, pudesse servir de inspiração à sociedade “nesses

⁷² Lista de museus no ANEXO 10.

⁷³ Disponível em: <https://iawm.international/about-us/womens-museums/museums-list/>. Acesso em junho de 2022.

⁷⁴ A partir dos estudos de Stránský, abre-se uma porta para a análise do museu como um fenômeno social. STRÁNSKÝ, Zbynek Z. MUWOP/DOTRAM, *Museology – Science or just practical museum work?* v. 1, p. 42-44, 1980.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=1TCnuaD5ZV8>. Acesso em janeiro de 2021.

tempos difíceis”. Gentileschi foi redescoberta no século 20 depois de ter sido amplamente esquecida por séculos. Filha de Orazio Gentileschi, também pintor, representa uma exceção se tornando um dos maiores expoentes do barroco italiano. “Vou mostrar a Vossa Senhoria o que uma mulher pode fazer”, escreveu ela a um patrono siciliano. Artemisia se especializou em representações de mulheres que foram injustiçadas. Um reflexo de sua vida pessoal por trás de uma carreira de sucesso.⁷⁶

Podemos, com este exemplo tão recente, dividir em três fases o objeto de nossa pesquisa: em um primeiro momento, mais longo e milenar, as mulheres pairam sobre uma condenação extrínseca de inferioridade, em constante processo de combate e afirmação. Em um segundo momento, que poderíamos vincular à passagem do século XIX para o XX, como dito anteriormente, as mulheres ascendem em luta por emancipação, se inserindo no mundo econômico instaurado pela ascensão da burguesia e pela Revolução Industrial. Em um terceiro momento, a partir da segunda metade do século XX, se iniciam os estudos acerca do segundo momento. Aqui podemos inserir um quarto e mais recente momento: a retomada dos estudos e tentativa de estabelecimento mais definido e consistente da verdadeira e completa emancipação feminina. Graças ao seu caráter social, o museu é cenário constante em todos os momentos.

⁷⁶ Artemisia (1593-1656) perdeu sua mãe com 12 anos de idade e, aos 17 anos sofreu abuso sexual de Agostino Tassi, também artista e sócio de seu pai, sendo torturada pelo sistema de justiça romano para confirmar a inocência de Agostino.

CAPÍTULO 2
A FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA E A PRESENÇA
DA MULHER NO CURSO DE MUSEUS:
PROTAGONISMO FEMININO NO CONTEXTO
BRASILEIRO

2. A FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA E A PRESENÇA DA MULHER NO CURSO DE MUSEUS: PROTAGONISMO FEMININO NO CONTEXTO BRASILEIRO

2.1 AS PRIMEIRAS TURMAS DO CURSO DE MUSEUS – MHN

Criado em 1932, o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional destacou-se como o primeiro Curso de Museus das Américas. O Museu, nascido da efervescência nacionalista do ano de 1922, trouxe à tona a ideia de administração da memória nacional. Já o projeto de criação do Museu Histórico Nacional previa a criação de um curso de formação de técnicos capazes de prestar serviço à demanda de cuidados da instituição recém implantada.⁷⁷

Época de grande agitação política e cultural, a primeira metade do século vinte, início da chamada “era dos extremos”⁷⁸, se tornou um marco para o desenvolvimento de movimentos sociopolíticos que viriam a determinar o rumo da história mundial. Na década de 1920, o mundo passava por uma Revolução Cultural. Após a Primeira Grande Guerra, a sociedade se tornou mais frenética, progressista e realista. Se, por um lado, os chamados *anos loucos*⁷⁹ trouxeram à tona o lado artístico e rebelde do ser humano, por outro, se encontraram com a dura realidade da crise que assolou a política e a economia mundial após o fim da Primeira Grande Guerra. A ideia de enlouquecer para esquecer acabou por aumentar a velocidade dos acontecimentos. O florescimento de um estereótipo feminino moderno, das chamadas *flappers*, ou melindrosas, que romperam com a rigidez vitoriana em uma declaração social rebelde que abandonava o espartilho e expunha joelhos, pernas e braços. Essas novas mulheres, não só vestiam saias curtas, cortavam seus cabelos curtos em oposição às cabeleiras altas e armadas da *belle époque*⁸⁰ e utilizavam cosméticos de maneiras berrantes, como antes apenas prostitutas os utilizavam, como também eram contrárias a qualquer ato considerado politicamente correto.

No Brasil da década de 1920, paralelamente ao movimento feminista exclusivamente burguês, divulgado pela grande imprensa, se desenvolve o movimento anarcofeminista (DUARTE, 2019, p. 36). Isso viria a abranger a luta de emancipação nas diferentes camadas da vida social, com ideias ainda mais libertárias.

A ordem era destruir a velha sociedade. Os governantes de situação, junto à imprensa, estimulavam a sociedade a caminhar como uma engrenagem de sentimento nacional. A noção de

⁷⁷ BRASIL. DECRETO Nº 15.596, DE 2 DE AGOSTO DE 1922: Crêa o Museu Historico Nacional e approva o seu regulamento.

⁷⁸ Termo utilizado pelo historiador Eric Hobsbawn para referir-se ao século XX. (HOBBSAWM, Eric. A Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.)

⁷⁹ Os Anos loucos, do francês “Années Folles”, é um termo criado para designar o dinamismo cultural, artístico e social da década de 1920. A primeira utilização do termo é datada de 1956, no livro “Les Années Folles 1918-1930”, do jornalista francês Gilbert Guilleminault.

⁸⁰ Período da cultura ocidental compreendido entre o final do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Período pacífico de grandes transformações culturais na vida urbana baseadas no lazer e divertimento.

nacionalismo, enraizada na Revolução Francesa, ressurgiu na tentativa de mobilização para o desenvolvimento econômico da nação, legitimando-a. O impulso de progresso era constante. Tudo caminhava em alta velocidade. Época de grandes transições no Brasil, os anos vinte, logo no início, trouxeram grandes agitações no âmbito político e social. Política e cultura estavam associadas de tal modo, que a geração de intelectuais se associava ao Estado, com vocação de direção para a construção de uma ideia de nação inscrita na realidade (PÉCAUT, 1990, p. 38). O ano de 1922 é considerado um marco desta sublevação brasileira, marcado pelas comemorações do Centenário da Independência brasileira. No ano de 1922, o Brasil comemorava a passagem de exatos 100 anos de conquista da independência política do país. Foram diversas as comemorações. Estampas de revistas e capas de jornais exaltavam a grande festa testemunhando o ufanismo impulsionador da celebração. A edição de 7 de setembro da Revista *Fon-Fon*⁸¹ trazia o espírito festivo e estimulante da comemoração. Entre textos de regozijo patriótico, estampavam-se imagens e nomes de “grandes figuras da Independência”.

O então presidente Epitácio Pessoa⁸² se engajou no patrocínio de novidades culturais, políticas e estruturais na capital. O desmonte do Morro do Castelo, a inauguração da primeira estação de Rádio no Brasil e a construção de edifícios e pavilhões, fizeram parte do dinamismo político imposto pelo presidente.

O ano de 1922 reuniu uma série de eventos decisivos para mudanças do panorama político-cultural brasileiro, colocando em questão os padrões impostos pela Primeira República. A criação do Partido Comunista, o Movimento Tenentista, a Revolta do 18 do Forte de Copacabana, as comemorações do Centenário e a Semana de Arte Moderna movimentaram de tal maneira o país que se tornariam marcos de uma década conturbada (FERREIRA, 2006, n.p.). A Semana de 22, ou Semana de Arte Moderna, se tornou uma revolução artística estabelecida pelos patrocinadores deste movimento fundamentado numa renovação crítica, além de representar um circuito artístico feminino notável. A presença das artistas plásticas Anita Malfatti, Zita Aita e Regina Graz e da musicista Guiomar Novaes, teve centralidade reconhecida durante a semana (COSTA, 2022, n.p.), apesar de não se focarem na função do revisionismo histórico feminista, como foi o caso de Frida Kahlo no México. Ao mesmo tempo em que se dava o pontapé inicial do modernismo brasileiro, se instituiu o neocolonial⁸³,

⁸¹ “A revista (...) abordava tudo que era urbano, moderno e cotidiano. (...) O próprio nome da revista era uma onomatopéia fazendo referência ao barulho produzido pela buzina dos automóveis, símbolo da industrialização e do desenvolvimento econômico do país.” (RIBEIRO; SANTANA, 2011, p.2).

⁸² Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa, 11º Presidente do Brasil, assumiu a presidência em julho de 1919, sucedendo a Delfim Moreira.

⁸³ “Não procurem ver, meus senhores, nesta veneração tradicionalista, diluída em nostálgica poesia do passado, uma manifestação de saudosismo romântico e retrógrado. Com efeito, para criar uma arte que seja nossa e de nosso tempo cumprirá, qualquer que seja a orientação, que não se pesquisem motivos, origens, fontes de inspiração para muito longe de nós próprios, do meio em que decorreu o nosso passado e no qual terá que prosseguir o nosso futuro.” Discurso do engenheiro português, Ricardo Severo, na conferência “A Arte Tradicional no Brasil”, realizada em 1914 pela Sociedade de Cultura Artística de São Paulo.

reafirmação das raízes nacionalistas, que acabou por repercutir nos eventos posteriores da Exposição do Centenário, no Rio de Janeiro. O Brasil, agora, é um país de vanguarda identitária. E neste mesmo ano, como vimos anteriormente, é fundada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF).

E neste cenário, ainda em 1922, foi criado o Museu Histórico Nacional – MHN, reafirmando os movimentos de reforço patriótico. A ideia de Gustavo Barroso, acatada pelo presidente Epitácio Pessoa, acabou integrando-se às comemorações do Centenário, e o mesmo local que sediou o museu, o complexo arquitetônico do antigo Arsenal de Guerra, abrigara também parte da Exposição comemorativa, até julho de 1923. Este impulso cultural chamou muita atenção no contexto mundial, e os jornais da época não poupavam elogios ao Brasil e ao Rio de Janeiro, que chegou a ser considerada a mais fascinante cidade da América Latina. A reafirmação da identidade cultural brasileira estaria diretamente ligada à organização de um novo acervo que traduziria uma nação marcada pelos feitos militares, a começar pelo próprio prédio que estava relacionado à parte da história bélica do Brasil colonial e monárquico. A arquitetura se tratava de um Arsenal de Guerra, a denominada Casa do Trem, e, posteriormente, o restante do conjunto arquitetônico da Ponta do Calabouço, em meio ao aterro do Morro do Castelo e de reformas com novos elementos de inspiração neocolonial. O acervo englobaria uma série de relíquias históricas e artísticas organizadas e administradas por Gustavo Barroso⁸⁴, que além de idealizador, tornou-se o primeiro diretor do Museu.

A década de 1930 foi um período, igualmente movimentado. Passada a velocidade delirante da década anterior, se inicia um processo de configurações importantes para a histórica política do século XX. Enquanto na Europa ocorre a eclosão dos movimentos totalitários e os Estados Unidos se recuperam da desolação deixada pela grande depressão de 1929, no Brasil, ocorre o golpe de 1930 e o início da chamada Era Vargas.

Dois anos depois, em 1932, ano de implantação do Curso de Museus, é a vez de uma nova Revolução, a Constitucionalista. São Paulo reivindica a derrubada do governo de Getúlio Vargas e a constitucionalização do novo regime. O estado é derrotado, porém, a Assembleia Constituinte é convocada no ano seguinte, e, em 1934, uma nova Constituição é promulgada, substituindo a de 1891, criticada pelo teor mecânico da política dos governadores, que significava o respeito, por parte do Governo Central, das decisões tomadas pelos partidos de cada Estado. A nova Constituição dura muito pouco e cai em novembro de 1937 (GOMES, 1980, p. 1937) quando é estabelecido o Estado Novo, que teve fim apenas em 1945.

⁸⁴ Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, nasceu em Fortaleza, no ano de 1888. Bacharelado em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi professor na Escola de Menores da Polícia do Distrito Federal. Escritor e jornalista de prestígio, foi redator de Jornais como Jornal do Ceará e Jornal do Comércio; e criador dos seguintes periódicos: “O Garoto”, “O Equador” e “O Regenerador”. Ingressou na carreira política em 1912, filiando-se ao Partido Republicano Conservador. No mesmo ano publicou seu primeiro livro “Terra de Sol, natureza e costumes do Norte”. Em 1922, assumiu a diretoria do Museu Histórico Nacional, onde se manteve por mais de 30 anos. (CHAGAS, 2003, p. 94)

A década de 1930 é marcada pelo desenvolvimento da cultura de massa. Este novo fenômeno é visto nas principais manifestações culturais existentes na época. O cinema começou se desenvolver com maior força no país que se tornaria seu maior representante, os EUA. A indústria de Hollywood se firma em sua era de ouro e atravessa um período fundamentado numa nova tecnologia que imortalizaria vozes de suas estrelas, o cinema sonoro. Dotado de um forte caráter industrial, Hollywood trouxe temas de puro entretenimento, lidando com as camadas mais simples e explorando os sentimentos humanos, por meio da construção da inesquecível “*fábrica de sonhos*”. A propagação das ondas sonoras do rádio, sua popularização e o crescimento da publicidade comercial ajudaram, igualmente, para o desenvolvimento da cultura de massa. O Rádio revolucionou a relação do cotidiano com a notícia, estabelecendo a velocidade praticamente paralela com os acontecimentos, como afirma Lia Calabre AZEVEDO, (2002, p.16) em sua tese de doutorado. A ideia de sociedade de massa viria a ser uma das maiores incentivadoras na luta por direitos e nos sonhos de liberdade das mulheres brasileiras, de diferentes camadas sociais, mas, principalmente a burguesa, com livre acesso aos meios de comunicação.

Como já vimos anteriormente, é nesta década que o Movimento Feminista brasileiro ganha mais espaço a nível nacional. É também no ano de 1932 que, finalmente, o então presidente Getúlio Vargas cede aos apelos e incorpora ao novo Código Eleitoral o direito ao voto às mulheres.

Aparentemente, estes dois anos, o de 1922 e 1932, são marcos coincidentemente paralelos tanto para a emancipação das mulheres brasileiras, quanto para os primeiros passos da Museologia brasileira. Diretamente vinculado ao Museu, o Curso de Museus, criado em março de 1932, tinha como objetivo primordial habilitar técnicos para ocupar cargos da própria instituição, ideia igualmente reivindicada por Barroso em 1922 (SIQUEIRA, 2009, p. 13). No relatório de atividades do Museu, de 1923, já constava as funções do cargo de conservador: “funcionário que ficaria encarregado de dirigir os serviços de limpeza e restauração dos objetos, com a responsabilidade direta de sua conservação”⁸⁵.

A reforma de 1922, porém, dispondo um “Curso Technico”, commum á Bibliotheca Nacional, Museu Historico Nacional e Archivo Publico, extinguiu o que, restricto às matérias necessárias ao pessoal do primeiro dos alludidos institutos, vinha funcionando com resultados apreciáveis. A inovação de 1922 não teve realização pratica (...). Voltando a uma das finalidades do projectado “Curso Technico”, o Decreto n. 21.129, de 7 do corrente mez, criou, por sua vez, o “Curso de Museus” (...). (DIARIO DE NOTICIAS, 1932, p.6)

Somente 10 anos após a criação do museu, na gestão de Rodolfo Garcia⁸⁶, o Curso de Museus é finalmente concretizado, tendo como objetivo o estudo das *Technicas de Museus* desenvolvendo a

⁸⁵ MHN, 1923.

⁸⁶ Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, nascido a 25 de maio de 1873, em Ceará Mirim – Rio Grande do Norte. Em 1908 finalizou a Faculdade de Direito do Recife saindo como bacharel e doutor. Trabalhou no jornal “Estado de Pernambuco” e na revista “Cultura Acadêmica”. Ainda em Pernambuco lecionou História, Geografia, Francês e Português. Em 1915 editou o

capacitação profissional para a própria instituição. O Decreto foi publicado integralmente no Diário Oficial, de 15 de março, prevendo um curso técnico de dois anos, vinculado ao Museu Histórico (SÁ, 2005, p. 16). Ao longo do mês de março, vários periódicos cariocas falavam da criação e da inauguração do Curso.

Creando, no Museu Histórico e Nacional, o Curso de Museus pelo chefe do governo provisório foi assignado decreto, hontem, na pasta da educação, decreto creando, no Museu Histórico Nacional o “Curso de Museus”, que funcionará sob a direção e fiscalização do director do referido museu. Este curso será de dois annos, com as seguintes disciplinas: 1º anno – historia politica e administrativa do Brasil (periodo colonial), numismatica (parte geral), historia da arte (especialmente do Brasil), archeologia applicada ao Brasil; 2º anno – historia política e administrativa do Brasil (até a actualidade), numismática (brasileira e sigilographia, epigraphia, chronologia e technica de museus, distribuídas em quatro cadeiras. (CORREIO DA MANHÃ, 1932, p.2).

O *Diario da Noite*, no mês seguinte das inscrições, estampa em sua primeira página a fotografia da primeira turma de estudantes do mais novo curso.

Uma cerimonia universitaria realizou-se, á tarde, no Museu Historico, estando presente o reitor da Universidad desta capital, dr. Fernando de Magalhães, que a presidiu. Iniciou-se assim, o curso official daquelle estabelecimento, tendo sido dada a primeira aula pelo dr. Pedro Calmon, funcionario daquelle estabelecimento, (...). Amanhã, será iniciado o curso de Museus, ali, sendo essa a parte principal e superior do novo ensino. (DIARIO DA NOITE, 1932, p.1).

Figura 35. Diário da Noite. “Inaugurou-se a tarde o Curso Universitário do Museu Histórico”, 1932.



Fonte: DIARIO DA NOITE. “Inaugurou-se a tarde o Curso Universitário do Museu Histórico”, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1932. (Hemeroteca da BN)

O curso foi instaurado na Era Vargas, período em que o Brasil continuava na combustão da cultura nacionalista, e se iniciava uma nova fase política, a chamada Nova República. A partir de então,

“Dicionário de Brasileirismo”. Ainda na década de 1910 se muda para o Rio de Janeiro, onde colabora em vários jornais e boletins publicados por instituições culturais. Em 8 de dezembro de 1930 assume a diretoria do Museu Histórico Nacional. Dois anos mais tarde ele deixa o cargo e assume a direção da Biblioteca Nacional.

o Curso de Museus se tornou a única e principal instituição de formação para Conservadores de Museus.

Sob a direção de Gustavo Barroso, em 1933, o Curso de Museus diploma a primeira turma de conservadores de museus, que deveriam ocupar o cargo de 3º Oficial do MHN, no ano seguinte⁸⁷. Foram vinte e quatro os inscritos em 1932 e destes, somente oito completaram o curso: Adolpho Dumans, Alfredo Solano de Barros, Guy José Paulo de Hollanda, Luiz Marques Poliano, Maria José Motta e Albuquerque, Maria Luiza Lage, Paulo Olinto de Oliveira e Raphael Martins Ferreira. Destes formandos, Adolpho Dumans, Alfredo Solano de Barros e Luiz Marques Poliano foram nomeados Conservadores do Museu Histórico Nacional. O regulamento do Curso já previa a preferência dos formandos para o quadro de funcionários do Museu.

Maria José Motta e Albuquerque e Maria Luiza Courrège Lage representam as primeiras a se formar pelo Curso de Museus. O perfil destas egressas estabelece importantes questões sobre como seriam os primeiros passos da evolução da representação feminina no âmbito museológico.

Maria José Motta e Albuquerque, nascida em Niterói, no dia 21 de dezembro de 1910, segunda filha de Francisco Feliciano da Motta e Albuquerque e Francisca de Paula Carmo, concomitante ao seu ingresso no Curso de Museus, atuou como professora secundária, passando a fazer parte do Serviço de Fiscalização e de Orientação do Ensino particular a partir de 1933. A partir de então ela passa a lecionar no Colégio Anglo Americano (*British American School*), com 23 anos de idade. Em entrevista ao NUMMUS⁸⁸, a museóloga Nair de Moraes Carvalho, que concluiu o 2º grau na British American School, em 1932, contou aspectos sobre o ensino avançado da instituição, que incluía aula de culinária, costura, mas também de esportes para as alunas, que faziam parte de um programa de ensino leigo e misto, ou seja, as turmas eram compostas por meninos e meninas.

Antes do Curso Museus, Maria Albuquerque conclui o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional tendo se formado com média 9.5⁸⁹. A mesma combinação de formação aconteceria com algumas alunas do Curso do MHN, incluindo sua colega de turma e formatura, Maria Luiza Lage.

Nos parece uma hipótese coincidente de que a busca, tanto pelo Curso de Museus, quanto que pelo Curso de Biblioteconomia, nestes primeiros casos, configuraria uma intenção de especialização nestas áreas com o intuito de aprimorar o currículo e conhecimento na carreira do magistério. Maria Luiza Lage também conclui o Curso de Biblioteconomia com a média 9.5, tendo as duas, junto a mais duas mulheres e um homem as melhores médias da turma de formandos de 1932.

⁸⁷ "Art. 11. Aos possuidores de certificado do "Curso de Museus", a partir de 1 de janeiro de 1934, será assegurado o direito de preferência absoluta para o preenchimento do lugar de 3º oficial do Museu Histórico Nacional e, bem assim, para promoção nos cargos do mesmo Museu". (Decreto nº 21.129, de 7 de Março de 1932 - Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus").

⁸⁸ Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS em 2016.

⁸⁹ Anais da Biblioteca Nacional, Volume LIV, Ano 1932 (Hemeroteca BN).

Vale ressaltar que esta turma contou com 21 concluintes: 11 homens e 10 mulheres. Destes 11 homens, apenas 4 conseguiram passar com notas acima de 6.0; e, das 10 mulheres, 9 tiveram média acima de 8.0 e uma obteve 7.5. Outro dado importante de ser frisado é que 7 desses homens formandos faziam parte do próprio quadro de funcionários da BN. Podemos verificar a partir desses dados do relatório de atividades da BN, apresentado em fevereiro de 1933, o empenho e desenvoltura muito acima da média masculina por parte das alunas inscritas e formadas bibliotecárias no final do ano de 1932.

Maria Luiza Courrège Lage, formada pelo ensino secundário do Colégio Sion, inscrita e formanda do Curso de Museus e do Curso – MHN e Biblioteconomia – BN, atuou como professora particular. Maria Luiza Lage fez parte da Comissão do Primeiro Congresso Católico de Educação, promovido pela Confederação Católica Brasileira de Educação, em setembro de 1934, junto à Laura Jacobina Lacombe⁹⁰ e Dom Hélder Câmara, entre outros. O Congresso teve como objetivo o fortalecimento e os debates acerca da pedagogia católica. A finalidade deste Congresso, realizado no Rio de Janeiro, era fortalecer a ideia de uma pedagogia católica com debates acerca de temas como a posição social do professor, “a educação da mulher”, o cinema, rádio e teatro como fatores educacionais, entre muitos outros, incluindo o apresentado por Maria Luiza Lage: a necessidade da colaboração da família e da escola. Foi apresentada em plenária como primeira conclusão do Congresso a necessidade de “interessar os museus escolares na aquisição de material didático quer o importando como, por exemplo, os quadros muraes de Bonne Presse e os da Editora Internacional Catholica Italiana de Turim, quer fomentando sua produção nacional, como já é feito para o ensino de outras matérias”⁹¹. Podemos assim perceber como o ambiente do museu era considerado fator influenciador não só na pedagogia da década de 1930, como também no meio religioso. Aparentemente, o ensino católico passava por uma revisão perante as mudanças trazidas pelo século XX. A escola era, nesse momento, vista como meio social e cultural de formação. Em 1936, Maria Luiza Lage traduz “Considerações para estabelecimento de um programa escolar segundo a ordem cristã”, parte do livro “Por uma Escola ativa”, de Eugène Devaud, que, apesar de ser considerado conservador, aderiu às críticas formuladas pelos partidários da Nova Educação (GUTIERRE, 2020, n.p.).

Nas turmas que viriam a seguir, na primeira década do Curso de Museus, muitas formandas repetiriam o padrão de Maria José da Motta e Albuquerque e Maria Luiza Lage. Das 38 mulheres que se inscreveram entre os anos de 1932 e 1939, 11 tiveram sólida atuação na Museologia e no

⁹⁰ Laura Jacobina Lacombe, diretora do Colégio Jacobina, viaja à Suíça, em 1927, representando a Associação Brasileira de Educação (ABE) no *IV Congrès International d'Education Nouvelle*, evento que objetivou propagar os princípios da educação moderna, e, em particular, o tema da liberdade que amalgamava as preocupações centrais.

⁹¹ Cadernos do Primeiro Congresso Católico de Educação.

Patrimônio. Um número para nós alto, se considerada a incipiência do Curso e do Mercado de trabalho em Museus no Brasil, e determinante para o quadro das décadas que viriam em seguida.

TABELA 8: FORMANDAS MULHERES NO CURSO DE MUSEUS (MHN) ENTRE 1933 E 1939

Formanda	Ano de conclusão
Maria José Motta e Albuquerque	1933
Maria Luiza Courrège Lage	1933
Catharina Santoro	1934
Celuta de Hannequin Gomes	1934
Lyla Cavalcanti de Caracas	1934
Edith da Silva Fontes	1935
Fortunée Levy	1935
Margarida Barrafatto Zicari	1935
Odelli Castello Branco	1935
Tuyutila Martins de Arruda	1935
Anna Barrafatto	1936
Anna Torres de Moraes Martins	1936
Esther de Aragão Braga	1936
Julieta de Aragão Silveira	1936
Nair de Moraes Carvalho	1936
Zara Fonseca de Mendonça	1936
Astréa Dutra dos Santos	1937
Regina Liberalli Laemmert	1937
Regina Monteiro Real	1937
Sylvia Gourlart de Andrade	1937
Yolanda Marcondes Portugal	1937
Elza Peixoto Ramos	1938
Octavia de Castro Corrêa	1938
Stella Rodrigo Octavio	1938
Heloisa de Moraes Limongi	1939
Jenny Dreyfus	1939
Lucy de Paula Ramos	1939
Lygia Guedes Martins Costa	1939
Maria de Lourdes Barbosa de Oliveira	1939
Maria de Lourdes Clark de Amaral	1939
Maria do Carmo do Amaral Pinto	1939
Maria Erlanda Pedrosa Hardman	1939
Maria Nazareth Clark do Amaral	1939
Maria Torres de Carvalho Barreto	1939
Marina São Paulo de Vasconcellos	1939
Nilza Maria Vilela Botelho	1939
Nise Helena d'Ávila Zavataro	1939
Nylza Magalhães	1939

Fonte: Elaborada pela autora a partir de SÁ; SIQUEIRA, op. cit., 2007.

As expressivas atuações de Fortunée Levy, Anna Barraffatto, Nair de Moraes Carvalho, Regina Liberalli Laemmert, Regina Monteiro Real, Yolanda Marcondes Portugal, Elza Ramos Peixoto, Octavia de Castro Corrêa, Jenny Dreyfus, Lygia Martins Costa, Maria Torres de Carvalho Barreto, Marina de Vasconcellos, formadas pelas primeiras turmas do Curso de Museus, serão analisadas posteriormente.

Além de Maria José Motta e Albuquerque e Maria Luiza Lage, destacamos aqui alguns nomes de formandas dessas mesmas turmas, porém que não permaneceram na área dos museus mesmo diplomadas pelo MHN. Assim como as duas primeiras formandas, Celuta de Hannequin Gomes, como já dito anteriormente, também se forma pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Diferente das duas formandas, Celuta Gomes atua como bibliotecária, sendo nomeada amanuense⁹² da BN em 22 de outubro de 1936⁹³, após realização de concurso, tendo entrado em exercício em 6 de novembro do mesmo ano.

Catharina Santoro foi uma das três diplomadas em 1934, junto à Celuta Gomes e Lyla Cavalcanti de Caracas. Aqui destacamos que as três alunas foram as únicas formandas do ano de 1934, frente aos 14 ingressantes do ano de 1933, sendo destes 14, 9 homens e 5 mulheres. Catharina atuou como professora e musicista, tendo trabalhado no MHN, de acordo com o catálogo Curso de Museus – MHN: 1932-1978 (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 33). Mas, sua mais notável atuação foi como professora primária, sendo esta superintendente e subdiretora na Escola Municipal Rosa da Fonseca⁹⁴, e, posteriormente, professora da disciplina “Prosódia brasileira aplicada à dicção artística”, na Sociedade Brasileira de Atores Teatrais. A única informação que conseguimos levantar acerca de Lyla de Caracas foi sua atuação como dirigente na Juventude Feminina Católica do Rio de Janeiro⁹⁵, entidade de militância conservadora com programa voltado à defesa da moral cristã. A seguir, um trecho do Programa de Estágio da Juventude Feminina do Relatório de Ações Católicas entre os anos de 1935 e 1946:⁹⁶

Repare em volta de você se há pessoas: 1- Para quem a caridade de Cristo é só dar esmola? 2 – Que consideram as virtudes cristãs pureza, justiça, amor – inteiramente impraticável hoje em dia? 3 – Que se dizem católicas, mas “não praticam”, aprovam o

⁹² Escrevente, secretária, funcionário de repartições públicas que geralmente cuidavam dos registros, cópias e correspondências.

⁹³ Relatório de Atividades do ano de 1936 da Biblioteca Nacional. Publicado pelo Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde em 1939. Hemeroteca Digital da BN.

⁹⁴ Localizada no bairro Vila Militar, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

⁹⁵ Jornal A Cruz, 12 de junho de 1934, p. 3.

⁹⁶ Programa de Estágio da Juventude Feminina Católica In: Relatórios da Ação Católica. Arquivo da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte. p. 4. Apud: OLIVEIRA, Darlene Socorro da Silva. Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935): O movimento de Ação Católica no Brasil e as Associações Femininas. Mestrado em História do Programa de Pós-graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Adenir Peraro. Dissertação de Mestrado, Cuiabá, 2010, p. 102.

divorcio limitam o número de filhos e adotam as teorias comunistas, acham que a Igreja é atrasada e deve evoluir? (Apud: OLIVEIRA, 2010, p. 102).

Figura 36. Gabinete da direção da Escola Rosa da Fonseca. Da esquerda para a direita, a subdiretora Laura dos Santos Amaral, a diretora Ermelinda Thomaz Alvez e a subdiretora Catharina Santoro. A Noite Ilustrada, 1938.

Figura 37. Ato inaugural do Curso "Saber Dizer e Arte de Representar", na sede da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais em março de 1943. Da esquerda para a direita, Lène Arnaud, professora de "Pronunção Francesa", Simões Coelho, diretor do Curso, e Geysa Boscoli, presidente da Sociedade. A Noite Ilustrada, 1943.



Fonte: A NOITE ILUSTRADA, edição 476 de 1938, p. 25; A NOITE ILUSTRADA, 23 de março de 1943, p. 17. (Hemeroteca BN)

Em 1936 é fundado o Centro de Estudos Arqueológicos do Rio de Janeiro. Este centro contou com a autuação de recém formados dos Curso de Museus. Em matéria do Jornal do Commercio é mencionada a formação do curso como uma "preparação de technicos de museologia e logo, ao valor pessoal dos elementos organizadores da sociedade". A matéria ainda aponta os nomes de Edith da Silva Fontes, Fortunée Levy e Tuyutila Martins de Arruda, formadas no ano anterior, em 1935, o lado dos nomes de Mario França, Luiz de Castro Faria e Joaquim Martins de Arruda, também formados em 1935. O centro se destacou pelos serviços estatísticos realcionados não só à arqueologia, mas também à Etnografia e Numismática. Se classificavam como "cooperadores da cultura popular".

Foi nosso programma estudado com entusiasmo, carinho e tal desprendimento, que entregamos a direção dos serviços technicos a elementos destacados do Museu Histórico Nacional; Museu Nacional da Quinta da Boa Vista; Instituto Hist'rico e Geographico Brasileiro; Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e outras collectividades do Paiz, reservando-nos apenas as funções administrativas e nas quaes applicaremos os doutos conhecimentos que nos foram ministrados no Curso de Museus, de direção do Sr. Dr. Gustavo Barroso. (JORNAL DO COMMERCIO, 1936, p. 10).

No artigo, quando destacados os nomes das três egressas do Curso de Museus, são apresentadas como professoras, não apenas destacando a dupla atividade profissional destas, mas também, de certa maneira, evidenciando e sobrepujando uma formação à outra, talvez por ser considerada à época, uma atividade intrinsecamente feminina. Encontramos registros da atuação de Edith da Silva Fontes como professora primária especializada em "desenho e artes aplicadas" nas Escolas Bahia, no bairro de Bonsucesso e Minas Gerais⁹⁷, no bairro da Urca. Nesse caso, podemos perceber uma influência direta do Curso de Museus na atuação da egressa como professora. Edith, apesar de participar da criação do Centro de Estudos Arqueológicos, passa a atuar exclusivamente no magistério. Assim como Tuyutila Martins de Arruda, que é nomeada pela Prefeitura do Rio de Janeiro como professora do Município em junho de 1939⁹⁸, atuando nas escolas Bahia, citada anteriormente e Delfim Moreira⁹⁹, no bairro de Rocha. O mesmo ocorre com Margarida Barrafatto Zicari, que, apesar de trabalhar por um período junto à sua irmã, formada pela turma de 1936, no Museu Histórico da Cidade, atuou como professora primária e secundária, até mesmo antes de seu ingresso no Curso de Museus. A carreira destas egressas mais uma vez demonstra a intenção de qualidade complementar de formação para algumas das alunas nos primeiros anos do Curso.

Da mesma turma, destacamos a egressa Odelli Castelo Branco, que, segundo SÁ e SIQUEIRA (2007, p. 33), após se formar pela Escola Nacional de Belas Artes, se torna a primeira mulher no Brasil a exercer a profissão de ilustradora oficial de um jornal, no Diário de Notícias, e, ainda aluna do Curso de Museus, ilustrou o livro "Archeologia Geral" do professor Angyone Costa. Ainda no início da década de 1930, compõe a redação de "Brasil Feminino", revista que funcionou durante o ano de 1932, composta apenas por mulheres que abordava exclusivamente conteúdo sobre mulheres, a produção artística e profissional feminina, o movimento feminista, o voto feminino e a emancipação das mulheres.

Tendo-se chegado a uma época em que a mulher brasileira, desembarcada de erroneos e primitivos preconceitos, manifesta suas aptidões mentaes e ostenta sua capacidade e energia, lutando ao lado do homem em todos os ramos de actividades modernas; caminhando com elle, a par e passo, em demanda do progresso moral e material da patria; conquistando palmas de victoria pelos esforços dispendidos com estudos superiores; irmanando-sea elle nas glorias artistica e intellectuaes; cooperando eficientemente no desenvolvimento do commercio e das industrias; batalhando na imprensa, por altos ideaes politicos; preparando o povo de amanhã, a dirigir escolas, collegios e institutos educativos, animando enfim a vida social e economica do paiz, necessario, indispensavel, se torna vro (sic) e da collaboração dispersa nos jornaes, a creação de mais alguma coisa além do lique (sic) prova o valôr do elemento complementar da patria brasileira. (BRASIL FEMININO, 1932, p.5).

⁹⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 de abril de 1938. p. 2.

⁹⁸ A BATALHA, 23 de agosto de 1939, p. 3.

⁹⁹ O JORNAL, 13 de outubro de 1946, p. 13.

Figura 38. Brasil Feminino, capa, junho de 1932.

Figura 39. Brasil Feminino, “Pintora brasileira que ilustra o Brasil Feminino”, 1932.



Fonte: BRASIL FEMININO. Capa, 5 junho de 1932, Anno 7, p. 5; BRASIL FEMININO. “Pintora brasileira que ilustra o Brasil Feminino”, 2 de fevereiro de 1932, Ed 01, p. 2. (Hemeroteca digital – BN)

Estes são os dados de algumas das primeiras alunas a estarem presentes na primeira fase da formação em Museologia no Brasil. Nesses primeiros quatro anos de curso, podemos perceber que o perfil das mulheres concludentes é diferenciado, representando assim, o que podemos chamar, a primeira fase da presença das mulheres na Museologia brasileira. Percebemos que das três primeiras turmas do Curso de Museus, apenas uma das egressas, Fortunée Levy (formada em 1935), se volta para a carreira nos museus, um número muito pouco expressivo perto das mudanças que começam a surgir na segunda metade da década de 1930, e, em progressão considerável com a passagem para a década de 1940. A partir de 1936, além da porcentagem da relação entre formandas e atuantes aumentar, as egressas começam a representar um novo perfil, que claramente busca pela formação para a atuação em museus e não apenas como uma requalificação dentro de outros campos profissionais.

2.2 MULHERES NO CURSO DE MUSEUS (1932-1960): UMA ANÁLISE DE DADOS EM NÚMEROS DE UM LEGADO DE PERSISTÊNCIA

Presentes no arquivo da Escola de Museologia da UNIRIO, as fichas de matrícula dos alunos datam desde o ano de 1939, quando o curso ainda estava locado no Museu Histórico Nacional. Estes documentos servem de base para um levantamento de dados sobre as ingressantes no Curso, bem como uma análise socioeconômica destas alunas a partir de informações de moradia, formação secundária, estado civil e profissão. Tais fatos comprováveis auxiliam no resgate de aspectos para a

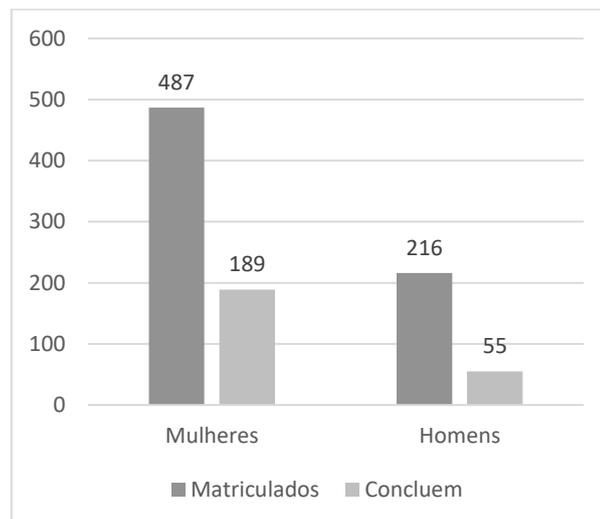
construção de perfis de mulheres que frequentaram o curso entre o ano de 1939 e a década de 1960, ou seja, um delineamento de fatores sociais que resultará na investigação imparcial de dados.

O limite de datação foi escolhido pelo fato da década de 1960 representar um período de novas lutas do movimento feminista pela emancipação das mulheres, bem como ser um marco temporal na área da Museologia de mudanças de pauta e, igualmente, novas direções de tendências tanto no campo de estudo, quanto no campo profissional, à época ocupado pelas egressas do recorte estudado.

2.2.1 INDICATIVOS E DADOS PERCENTUAIS SOCIOECONÔMICOS DAS INGRESSANTES DO CURSO DE MUSEUS: DA ALTERNÂNCIA À CONSOLIDAÇÃO DE UM PERFIL

Entre os anos de 1939 e 1960, temos 703 matriculados no Curso de Museu do MHN, sendo destes, 487 mulheres e 216 homens. Das 487 mulheres ingressantes, 189 se formam. Dos 216 homens ingressantes, 55 se formam. Isso estabelece uma porcentagem de 38,9% de mulheres concluintes em relação ao número das ingressantes e 25,5% de homens concluintes em relação ao número de ingressantes do sexo masculino, conforme podemos observar no Gráfico 2. Também quer dizer que dos 703 matriculados entre os anos de 1939 e 1969, 26,9% dos que concluem são mulheres, enquanto apenas 7,83% são homens. Isso demonstra que, apesar de uma grande evasão nestas duas décadas de curso, tanto a presença quanto a permanência feminina se destacam 3,5 vezes mais que a dos homens. Uma relação bastante significativa e reveladora da consolidação desta presença nos anos que viriam a seguir.

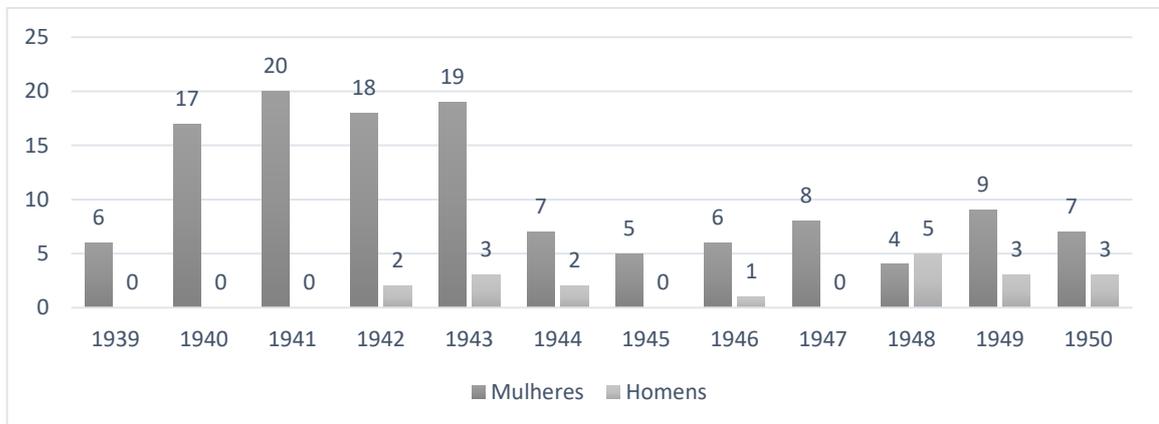
GRÁFICO 2: MATRICULADOS E FORMANDOS DO CURSO DE MUSEUS – MHN ENTRE 1939 E 1960



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

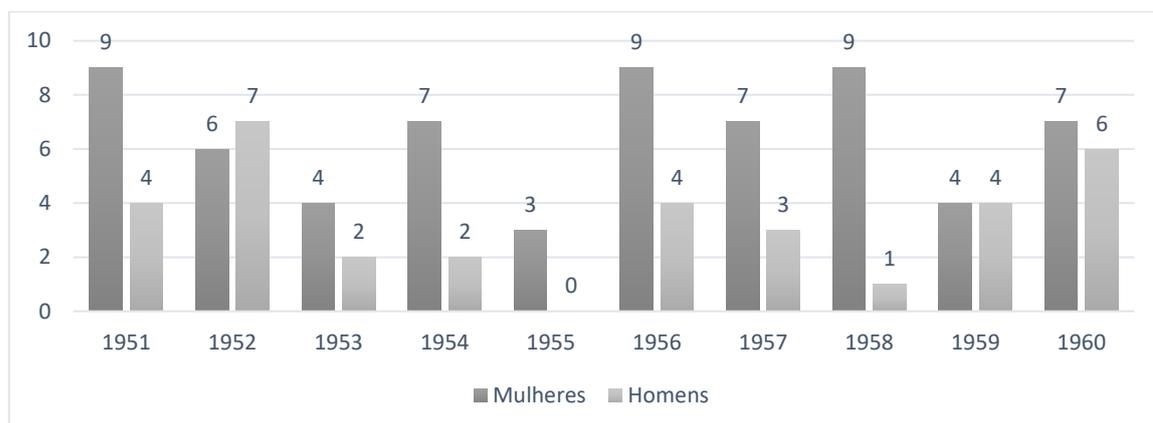
Estas mesmas conclusões podem ser verificadas quando analisamos os gráficos de comparação entre o número de formandas e formandos por ano. Estes dados também sugerem que apenas em um desses anos (formaturas dos ingressantes de 1939-1960), o número de formandos ultrapassou número de formandas, mais especificamente, no ano de 1952, quando 7 homens concluem em comparação ao número de 6 mulheres. Também, no ano de 1959, o número se iguala: 4 concluintes de cada sexo. Aqui também destacamos os anos de 1939, 1940, 1941, 1947 e 1955, onde nenhum dos homens ingressantes concluem o curso. Quais os fatores que poderiam ter contribuído para esta frequência determinante de mulheres no curso? Acreditamos que muito do que foi apresentado no primeiro capítulo tenham sido fatores de estímulo para este fenômeno. As questões sociais relativas ao que chamamos de “inclinação” por determinados fazeres e até mesmo um preconceito em relação à frequência de homens nessas atividades, em face de outros trabalhos considerados e já tomados pelo sexo masculino, pode ter colaborado para uma tergiversação dos homens na procura e na conclusão do Curso de Museus. Isso forneceu um espaço favorável às mulheres, que, independente de questionamentos acerca da compatibilidade de sexo e campo de conhecimento, sobressaíram, e muito, na formação das primeiras equipes de conservadores de museus, e, em contrapartida, influíram para a emancipação de um grande número de mulheres, egressas do curso. Nos quadros a seguir (Gráficos 3 e 4) podemos verificar a constante prevalência das mulheres na relação de formandos inscritos entre 1939 e 1960.

GRÁFICO 3: NÚMERO DE FORMANDAS/FORMANDOS POR ANO DE INSCRIÇÃO NO CURSO DE MUSEUS – MHN ENTRE (1939-1950)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

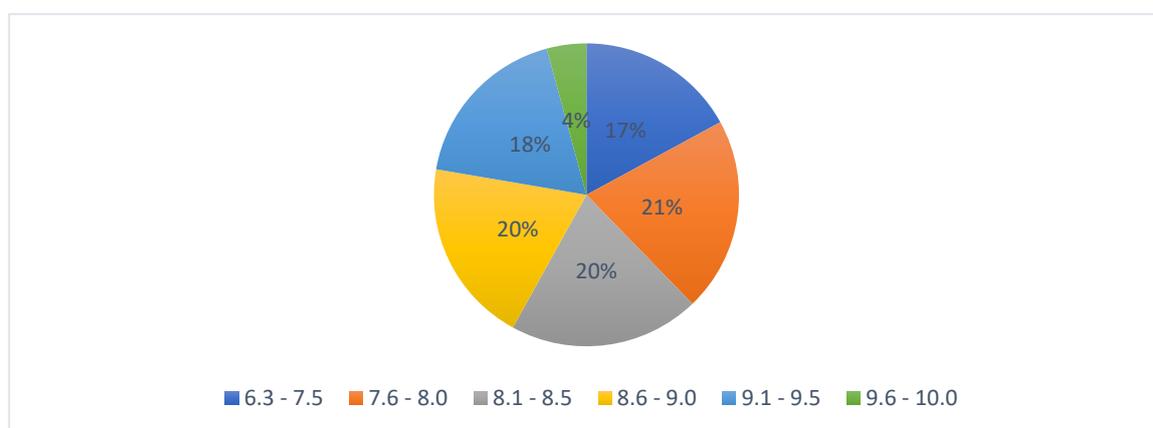
GRÁFICO 4: NÚMERO DE FORMANDAS/FORMANDOS POR ANO DE INSCRIÇÃO NO CURSO DE MUSEUS – MHN ENTRE (1951-1960)



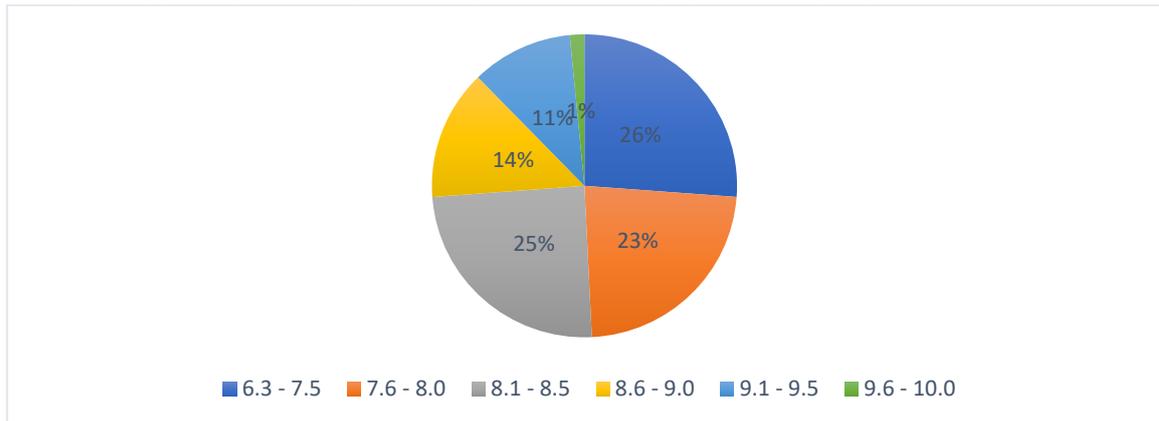
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

Em relação à média final das concluintes em relação aos homens, as mulheres se destacam com 62% das alunas concluindo o curso com média final acima de 8.0. Enquanto os homens, essa média cai para 51%. No total, entre as turmas de ingressantes do intervalo entre 1939 a 1960, 42 % das mulheres finalizam o curso com média acima de 8.5, contra 25% dos homens, como mostram os Gráficos 5 e 6. Esses dados podem apontar uma maior dedicação aos estudos por parte das mulheres, visto que estas notas foram coletadas de formandos, ou seja, mulheres e homens que frequentaram o curso até sua conclusão.

GRÁFICO 5: PORCENTAGEM DE MULHERES EM GRUPOS DE VALORES DE MÉDIAS FINAIS



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 6: PORCENTAGEM DE HOMENS EM GRUPOS DE VALORES DE MÉDIAS FINAIS

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

Em relação ao perfil das ingressantes do curso, podemos destacar informações relevantes através das fichas de inscrição. Um parâmetro que para nós parece ser importante na análise de perfil das matriculadas e concluintes é o estado civil destes dois grupos. Tomando como base o número de 487 ingressantes (excluindo as fichas de inscrições de ouvintes), encontramos o número expressivo de 429 mulheres declaradas solteiras, junto à 53 declaradas casadas, 2 desquitadas e 2 viúvas. Números totalmente condizentes comparados ao delineamento por idade que veremos a seguir. Porém o que nos chama atenção, é o fato de das 53 ingressantes casadas, apenas 14 concluem o curso. Isso pode ser relacionado à provável desistência de formação para se dedicar à família ou simplesmente à mudança de escolha de carreira. E a isso, podemos somar à provável mudança de estado civil de parte das 429 solteiras ingressantes. Não possuímos estes dados, porém, podemos sugerir uma hipótese que, dada a idade das solteiras ao iniciarem o curso, a evasão de 255 destas, pode ser justificada pelo casamento de grande parte destas mulheres. Essa conjectura também pode ser fundamentada através dos dados a respeito das concluintes. Das 189 formandas do intervalo estudado, 174 eram solteiras à época da conclusão do curso, de face para apenas 14 casadas e 1 desquitada.

É importante evidenciar o estado civil comum entre a maioria das conservadoras de museus que se destacaram na carreira dos museus e do patrimônio, formadas entre as décadas de 1930 e 1950. Talvez uma evidência da dificuldade, durante o século XX, de conciliarem essas duas vertentes de dedicação, até mesmo pela falta de visão da sociedade de uma flexibilização, agora coerente e aceitável, da mulher que cresce no campo profissional e, ao mesmo tempo, da busca atualmente vigente de um nível de igualdade ao marido em relação às tarefas domésticas.

Mulheres conservadoras de museus, como Nair de Moraes Carvalho, Anna Barrafatto, Lygia Martins Costa, Ecylla Castanheira Brandão, Therezinha de Moraes Sarmiento, Regina Real, Yolanda Portugal, são exemplos de profissionais que permaneceram solteiras, ao que parece, por escolha pessoal. Esses são nomes mais evidentes, que, por proximidade ao Projeto de Recuperação da

Memória da Museologia no Brasil, viabilizaram um rico referencial sobre a suas histórias de vida pessoal e profissional.

Outro caso que se destaca é o de Maria Augusta Freitas Machado Silva, mãe e formalmente solteira, formada pela turma de 1947 e consultora no projeto de criação do Núcleo de Museologia no Brasil (NUMMUS), em seus primeiros anos. Em uma entrevista dada ao Programa Jô Soares, na Rede Globo de Televisão¹⁰⁰, quando do lançamento de seu livro “São Jorge: Arquétipo, Santo e Orixá”, Maria Augusta Machado é questionada, mais de uma vez pelo entrevistador, acerca de sua vida conjugal e amorosa. Porém, dando pouquíssimos detalhes acerca disso, ela dirige a entrevista de forma enfática, à sua carreira profissional e experiências vanguardistas e revolucionárias como mulher, nas décadas de 40 e 50. Para Maria Augusta, estava claro que ali era o momento de focar nos momentos que mais revolucionaram sua vida como mulher estudante, trabalhadora e no diferencial que resultaria das suas escolhas, para ela, mais importantes de sua vida:

- Você se casou com que idade?

- Ah, já não era criança não... na base assim dos 38 anos.

- E até os 38 anos...?

- Não, eu era de uma sociedade muito comportada, e também muito hipócrita. As meninas solteiras... Nós éramos de uma ignorância... Mas uma ignorância sobre a questão de sexo... Havia um preconceito, um vitorianismo. Mas tudo que nós queríamos na vida era casar. Era casar, ter um namorado, mas não era fácil. Sobretudo em Petrópolis. Porque... Porque classe A tinha que casar com classe A. E chamávamos casamento da razão. E eu fui uma menina orfã de pai e mãe, classe A, sem dinheiro. De modo que não era fácil. (...)

- O seu marido era antropólogo? Ele não era brasileiro?

- Não. Eu tive várias coisas importantíssimas na minha vida. A entrada para o Curso de Museus foi a liberação para um novo mundo. Uma nova coisa. Era uma sociedade que morria. Eu entrei no ano em que acabou a guerra, 1945. (...) Porque houve uma coisa fantástica no Curso de Museus. Pode imaginar, em 45, ensinando-se religião negra? Bem, eu me apaixonei. Quando eu descobri que um candomblé nada mais é que a Grécia do ciclo do ouro. (...) Eu não apenas me apaixonei pelo assunto, como também o que eu levei de gente para conhecer macumba, não é brincadeira... (...)

- A segunda coisa que eu assim, escandalizei, foi assim, escandalizei metade do meu mundo, sabe qual foi? Quando em 1951 eu sentia que eu estava... Eu não queria romper com o passado, porque tinha toda aquela via ali, amorosa... Mas eu também queria viver o presente. E fiz análise, psicanálise, numa época que a psicanálise era mais pixada do que... Nós tivemos aquele fantasma. Tudo da modernidade era comunista, né? E eu fiz psicanálise naquele período. E mais, com um médico negro que foi uma pessoa sensacional. Ele falou: toda pessoa tem uma forma de expressão. Não rompa com o seu passado. Sinta que o seu passado é húmus do seu presente. Mas não permita que estes húmus destruam a sua vida. (...) De modo que eu fui um pouco... Não sei, se foi vantagem, se não foi vantagem... Eu sempre fui uma pessoa com uns passos adiante do meu tempo. Foi importante. (MACHADO, [Entrevista concedida a Jô Soares], 2008, n.p.).

¹⁰⁰ MACHADO, Maria Augusta Machado. Entrevista concedida a Jô Soares. Rede Globo de Televisão, Globoplay, exibição em 28 de maio de 2008. 23:06 min.

A entrevista continua, e, apesar do entrevistador insistir em perguntar sobre a vida sexual de Maria Augusta Machado, ela enfatiza o teor da entrevista e restringe seus comentários à sua passagem pelo Curso de Museus, excursão à Ouro Preto, amizade com Clóvis Bornay, sua Bolsa de Estudos em Portugal e trabalhos em museus. Em um momento ela se demonstra constrangida à insistência e reverte a conversa para sua personalidade:

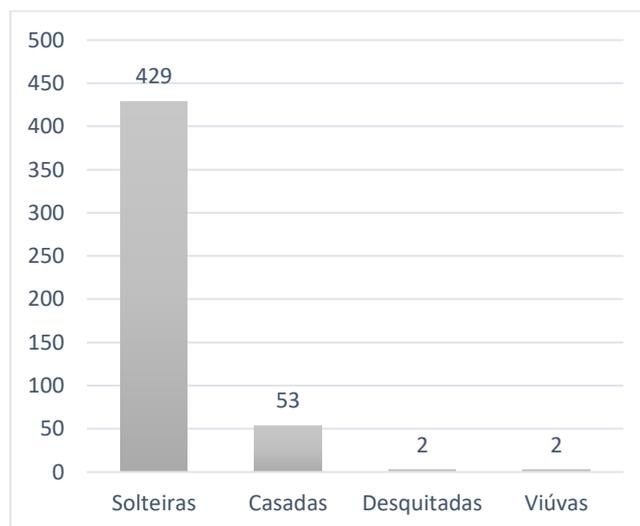
Aqui no Museu da Cidade. (Maria Augusta Machado aponta para a fotografia mostrada na tela junto às suas colegas de trabalho Pascoalina Stilben, também Conservadora de Museus.)

- Olha eu sou obrigado a confessar que custa-me crer essa ingenuidade até casar... Você é uma pessoa muito sensual. Olha a olhada que você está passando pro fotógrafo.

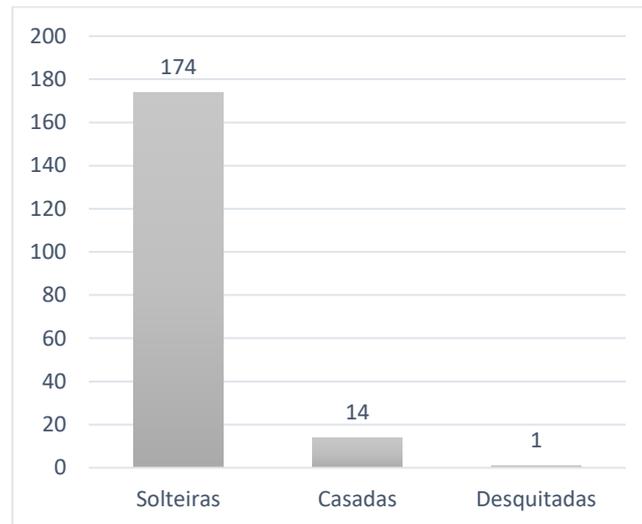
- Mas pelo menos eu não descobri... Depois... O tipo da vivência daquela época... Agora eu também tive o seguinte. Eu fui sempre uma pessoa... Todo mundo me dizia: menina, toma conta da sua imaginação. Eu tomei. (MACHADO, [Entrevista concedida a Jô Soares], 2008, n.p.).

Nos dois gráficos a seguir (Gráficos 7 e 8), podemos observar os indicadores do estado civil das mulheres ingressantes entre 1939 e 1960 no Curso de Museus, podendo confirmar desta maneira, a prevalência massiva das solteiras no ingresso ao curso, mas, principalmente, no momento de conclusão.

GRÁFICO 7: ESTADO CIVIL QUANDO MATRICULADAS (1939-1960)

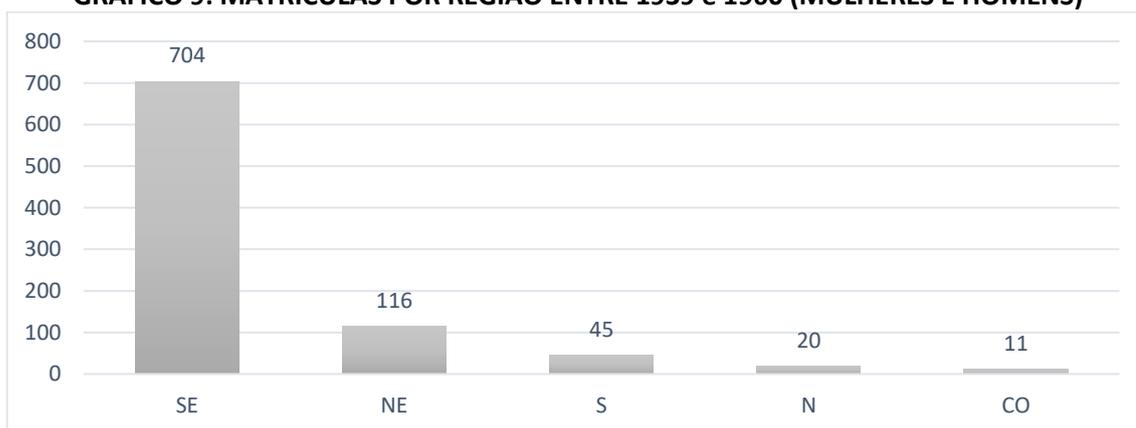


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

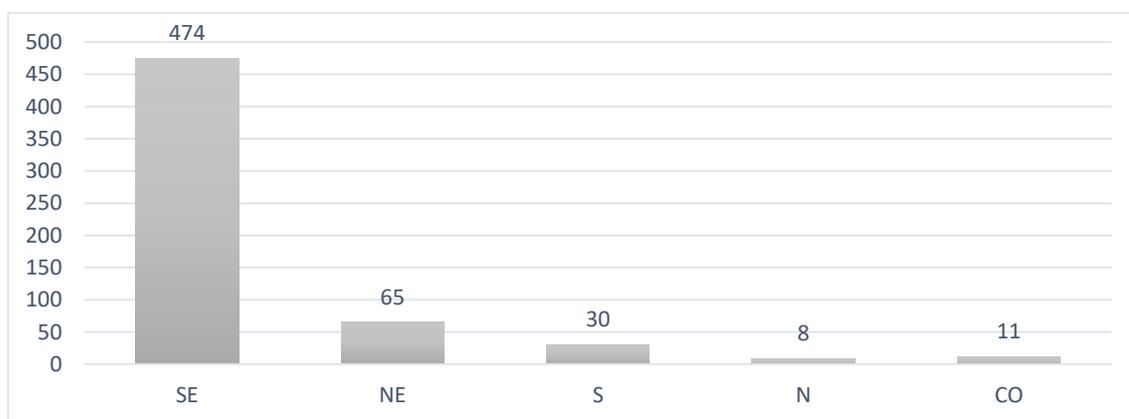
GRÁFICO 8: ESTADO CIVIL QUANDO MATRICULADAS (1939-1960) DAS QUE CONCLUEM

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

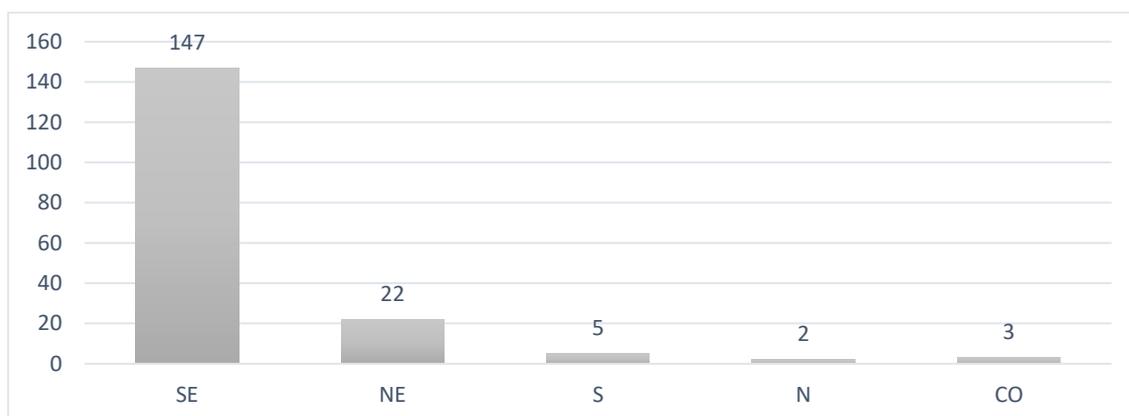
Quanto à região de nascimento das matriculadas podemos destacar a região Sudeste como majoritária. Dos 896 brasileiros, mulheres e homens, que informaram o local de nascimento no ato da matrícula, 704 (78%) eram da região Sudeste, 116 (12,3%) da região Nordeste, 45 (5,1%) da região Sul, 20 (2,3%) da região Norte e 11 (1,3%) da região Centro-Oeste do Brasil. As porcentagens não se diferem em muito quando analisadas as regiões de origem das 604 (78,5%) alunas ingressantes (não ouvintes). A região de nascimento de 474 destas alunas era o Sudeste, 65 (13,7%) do Nordeste, 30 (4,9%) da região Sul, 10 (1,6%) da região Centro-Oeste e 8 (1,3%) do Norte do Brasil. O cenário se mantém dentro o grupo das 188 formandas que informam a cidade de nascimento: 147 (78,1%) são da região Sudeste, 22 (11,7%) da região Nordeste, 9 (4,8%) do Sul, 5 (2,7%) do Centro Oeste e 5 (2,7%) do Norte. Das que não concluem, 286 informam a cidade de nascimento: 230 (81%) do Sudeste, 37 (13%) do Nordeste, 12 (4,6%) do Sul, 2 (0,7%) do Centro Oeste e 2 (0,7%) da região Norte. Em todos os casos, a distribuição de porcentagem se mantém praticamente intacta. Nos gráficos abaixo (Gráficos 9, 10, 11 e 12), apresentamos os números de inscritas e inscritos por região.

GRÁFICO 9: MATRÍCULAS POR REGIÃO ENTRE 1939 e 1960 (MULHERES E HOMENS)

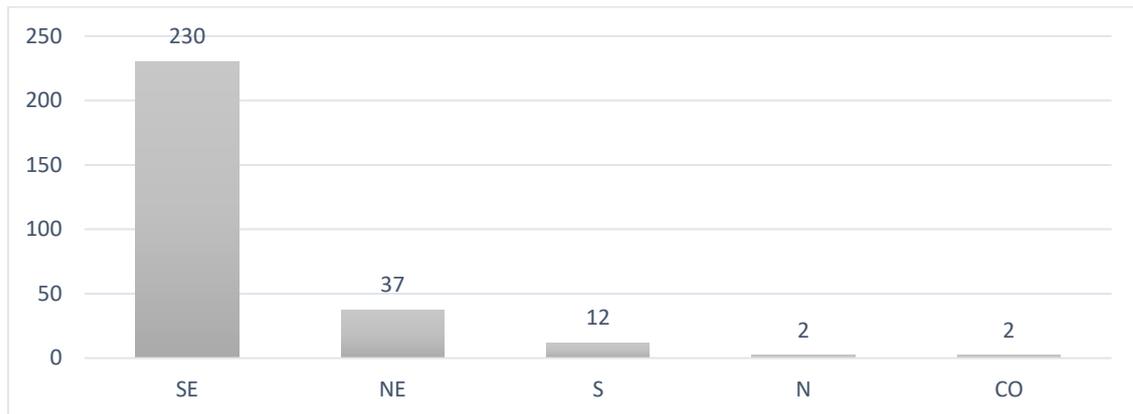
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 10: MATRÍCULAS POR REGIÃO ENTRE 1939 e 1960 (MULHERES)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 11: REGIÃO DE NASCIMENTO DAS CONCLUINTES (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 12: REGIÃO DE NASCIMENTO DAS QUE NÃO CONCLUEM (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

Das 474 inscritas da região Sudeste, 406 alunas eram naturais do estado do Rio de Janeiro, 31 de Minas Gerais, 29 de São Paulo e 8 do Espírito Santo. Das 65 inscritas naturais do Nordeste, 18 nasceram na Bahia, 10 no Ceará, 10 no Maranhão, 7 em Alagoas, 7 em Pernambuco, 5 na Paraíba, 4 em Sergipe, 2 no Piauí e 2 no Rio Grande do Norte. Das 30 inscritas do Sul, 20 naturais do estado do Rio Grande do Sul, 6 de Santa Catarina e 4 do Paraná. Das 10 inscritas do Centro-Oeste, 7 eram de Mato Grosso e 3 de Goiás. Por fim, das 8 inscritas do Norte, 6 alunas eram naturais do estado do Pará e 2 do Amazonas.

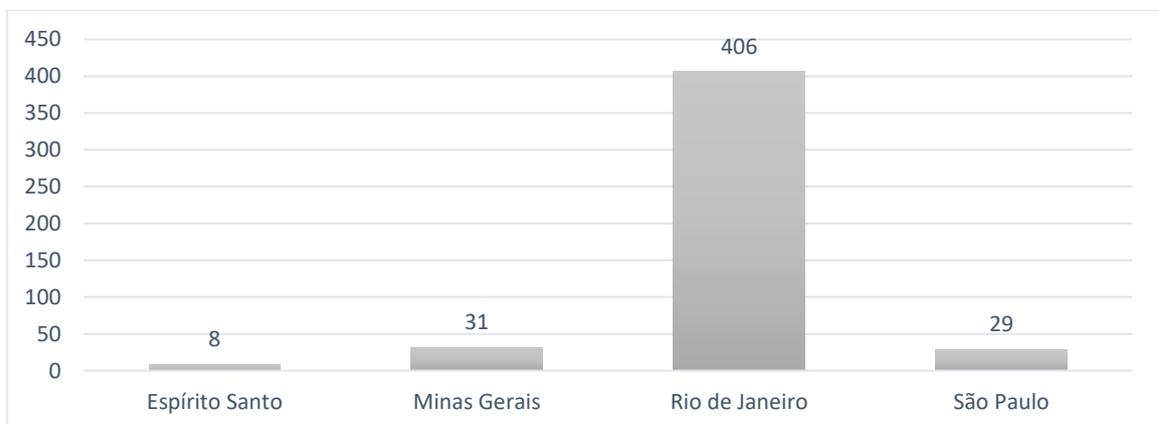
Das 406 mulheres naturais do estado do Rio de Janeiro, ingressantes ao Curso de MHN entre 1939 e 1960, 350 eram naturais da cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. As outras 255 alunas representavam municípios diversos como os de Anta (2), Barra de São João (1), Bom Jesus de Itapoana (1), Cabo Frio (1), Campo Grande (2), Campos (6), Itaocara (1), Itaperuna (1), Jupanciretã (1), Macaé (3), Natividade de Carangola (1), Miracema (2), Niterói (11), Nova Friburgo (1), Nova Iguaçu (4), Petrópolis (8), Piraí (1), Porciúncula (2), Santa Maria Madalegna (1), São Gonçalo (1), Saquarema (1), Valença (2) e Vargem Grande (2).

A presença majoritária de ingressantes naturais do estado do Rio de Janeiro é justificável pela localidade do Curso de Museus, concentração e divulgação das instituições culturais na região. Até a década de 1970, a cidade do Rio se apresentou como a única a oferecer o Curso de Museologia à nível superior em todo o Brasil. E, até a década de 2000, o Rio dividiu essa concentração com o estado da Bahia, que cria o curso de Museologia da UFBA – Universidade Federal da Bahia em 1970, como afirma Iraci SANTOS (2020, p. 41), em sua dissertação de mestrado “A Trajetória do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia”. Este cenário sofre uma ebulição na década de 2000 com a implantação da Política Nacional de Museus, os esforços do Ministério da Cultura na institucionalização do campo e da área de conhecimento, além das possibilidades trazidas pelo Programa Universidade para Todos

(ProUni)¹⁰¹ e o Plano de Estruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI)¹⁰². Entre os anos de 2007 e 2013, como parte do Plano Nacional da Educação (PNE) lançado pelo Ministério da Educação (MEC), foram criados nove cursos de Museologia, com exceção dos cursos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), criados em 2006 (TANUS, 2013, p. 81-83). Atualmente, o Brasil conta com 14 cursos de Graduação em Museologia espalhados pelo Brasil, nos estados do Rio de Janeiro (1 curso), Bahia (2 cursos), Distrito Federal (1 curso), Goiás (1 curso), Minas Gerais (2 cursos), Pará (1 curso), Paraná (1 curso), Pernambuco (1 Curso), Rio Grande do Sul (2 cursos), Santa Catarina (1 curso) e Sergipe (1 curso). Um cenário totalmente diferente do encontrado entre as décadas de 1930 e 1950.

Os gráficos a seguir (GRÁFICOS 13, 14, 15, 16 e 17) especificam os estados de naturalidade das inscritas no período analisado.

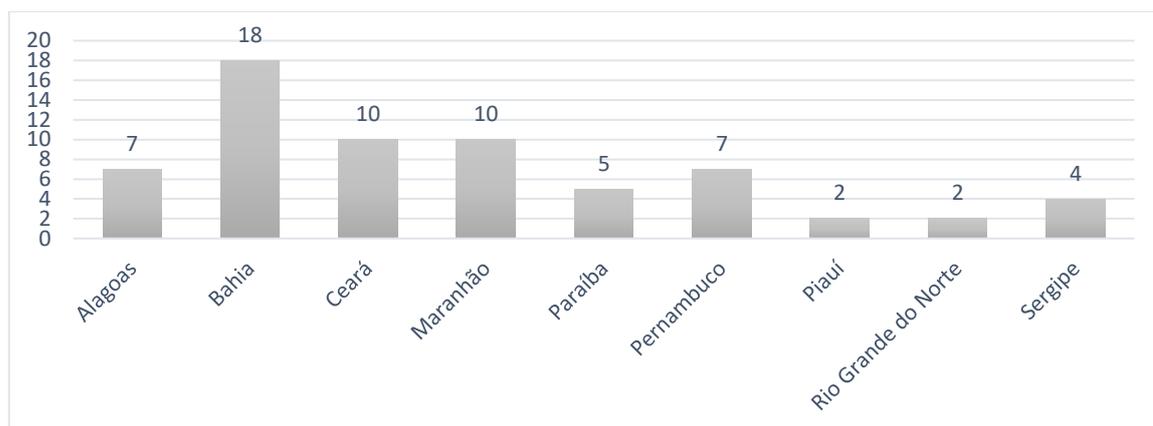
GRÁFICO 13: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO SUDESTE)



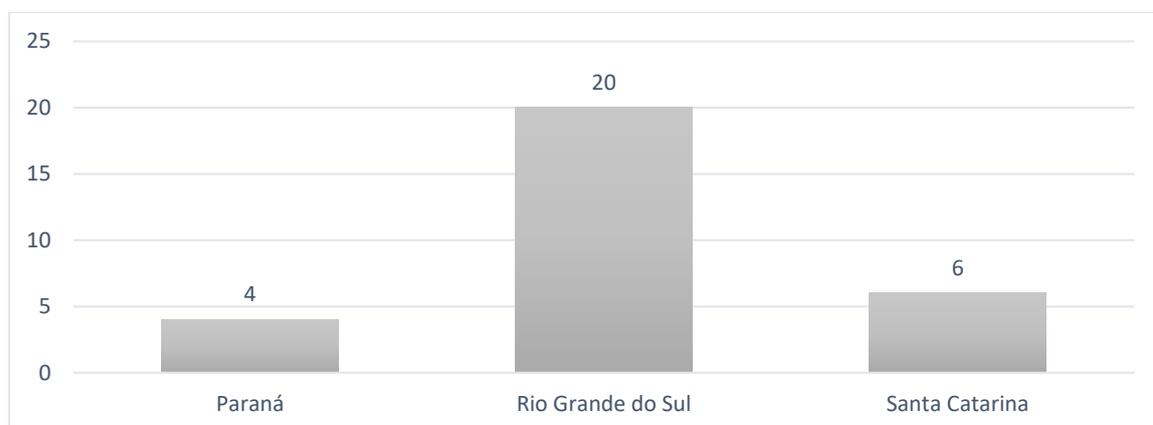
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

¹⁰¹ Instituído pela LEI Nº 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005. Institui o Programa Universidade para Todos – PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11096.htm. Acesso em dezembro de 2021.

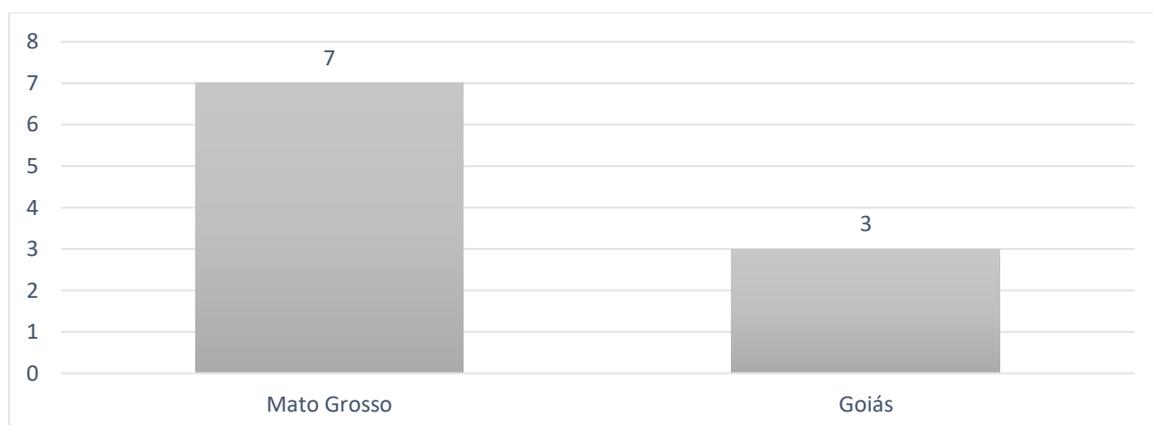
¹⁰² Instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

GRÁFICO 14: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO NORDESTE)

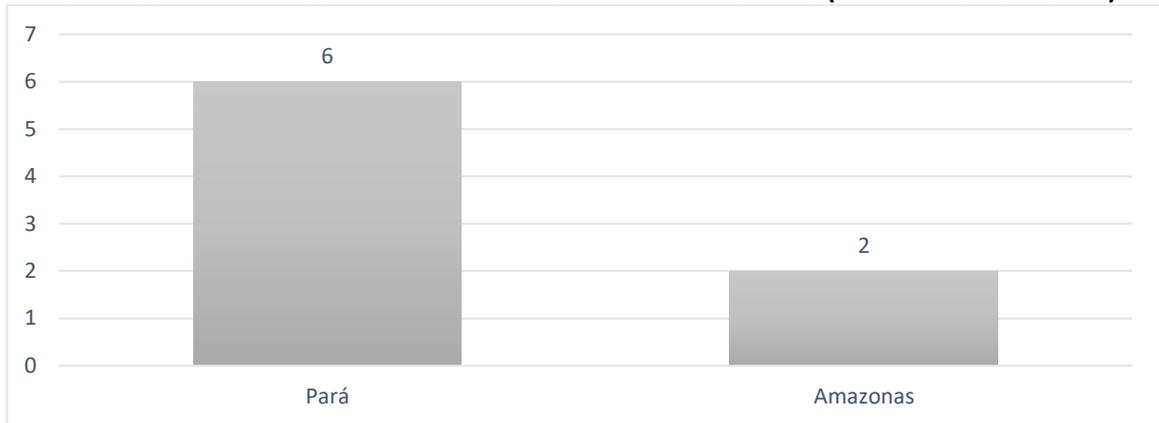
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 15: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO SUL)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 16: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO CENTRO-OESTE)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 17: MATRICULADAS ENTRE 1939 E 1960 POR ESTADO (MULHERES DO NORTE)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

A figura do bolsista aparece após a Reforma Curricular de 1944, sendo uma das principais mudanças ocorridas com essa primeira reformulação no Curso. A primeira bolsa fora concedida ainda em 1942, em caráter de experimentação, sendo regulamentadas a partir da Reforma. Tinham como objetivo a oferta de formação no Curso de Museus a funcionários públicos dos Estados (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 21) e eram concedidas a candidatos residentes fora do Rio de Janeiro que fossem servidores públicos e que trabalhassem em museus, sendo estabelecida a isenção do exame vestibular e uma bolsa mensal durante os três anos de Curso (SEOANE, 2016, p. 28). Na turma de 1946, por exemplo, foram inscritos oito bolsistas, três destes tiveram importantes atuações nos museus brasileiros, as três mulheres. Herundina Ferreira Batista, nascida em Pojuca, na Bahia, fez parte do quadro fixo de conservadores do Museu do Estado da Bahia após se formar no Rio de Janeiro, até 1963. Maria Afonsina de Albuquerque Furtado, bolsista pelo Estado do Ceará, atuou como museóloga no Estado de São Paulo. Trabalhou no Museu da Casa Brasileira – MCB, no Museu Casa Guilherme de Almeida e foi membro das Comissões de avaliação e compra de acervo para o Palácio dos Bandeirantes; além disso, estudou os inventários e testamentos paulistas do Arquivo do Estado de São Paulo. Maria Barreto, também foi bolsista pelo Estado de São Paulo e, após formada, trabalhou no Museu do Ipiranga.

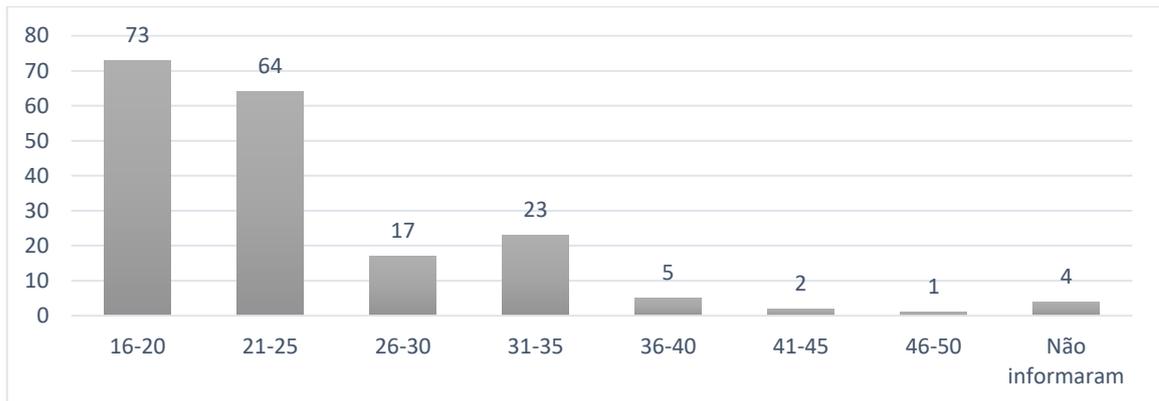
Entre o período de 1939 e 1960, o curso recebe 36 bolsistas do sexo feminino e 6 bolsistas do sexo masculino. Das bolsistas mulheres, encontramos 15 da região Sudeste, sendo 5 do estado do Rio de Janeiro, 4 do estado de São Paulo, 4 de Minas Gerais e 1 do Espírito Santo; 14 da região Nordeste, sendo 6 da Bahia, 5 do Maranhão, 1 de Sergipe e 1 do Ceará; 4 bolsistas do Sul, sendo 3 do estado do Rio Grande do Sul e 1 de Santa Catarina; e, da região Centro Oeste, 2 bolsistas, 1 do estado de Mato Grosso e 1 de Goiás. Destas 36 bolsistas, 28 (78%) concluem o curso. Porcentagem bastante significativa se comparada à de formandas totais do Curso em relação às matriculadas, vista

anteriormente, de 38,9%. Isso demonstra uma intenção e persistência por parte dessas alunas bolsistas vindas de outras cidades e estados.

Em relação à origem geográfica, ainda podemos citar uma parcela pequena das ingressantes, provenientes de outros países: 13 no total, dos seguintes países: Alemanha, Chile, Espanha, Estados Unidos da América, França (2), Itália (2), Lituânia, Polônia, Portugal, Rússia e Uruguai. Apenas uma dessas alunas conclui o curso: Célia de Almeida Seabra, matriculada em 1958, nascida em Portugal, e com atuação relevante na área da Museologia. Segundo a publicação “Curso de Museus – MHN, 1932-1978: Alunos, graduandos e Atuação Profissional”, Célia Seabra foi professora conferencista do Curso de Museus, na disciplina de “Comunicação Museológica”, no ano de 1970. Atuante na ONICOM, Célia Seabra também participa do V Congresso Nacional de Museus, em 1971, no Grupo de Trabalho Museu e Turismo as “Novas Distribuições e Instalações do Museu Histórico Nacional”.

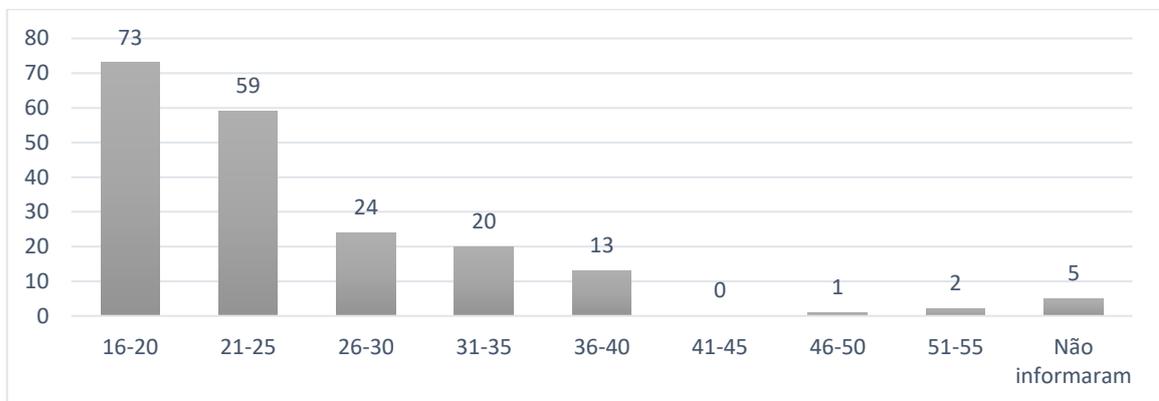
Quanto à idade das alunas, o perfil majoritário, tanto das que concluem quanto das que não se formam, é de mulheres entre 16 e 25 anos. Das 487 matriculadas, 7 ingressam com 16 anos de idade, 26 com 17 anos de idade, 35 com 18 anos de idade, 63 com 19 anos de idade, 56 com 20 anos de idade, 44 com 21 anos, 38 com 22 anos, 27 com 23 anos, 28 com 24 anos de idade e 17 matriculadas aos 25 anos de idade. Isso compreende um número total de 341, ou 70,1% das matriculadas entre os anos de 1939 e 1960. Da idade das formandas, podemos dizer que 73 das 189, se matricularam entre os 16 e 20 anos, e 64 entre os 21 e 25 anos, como aponta o Gráfico 18. Isso quer dizer que, 72,5% das formandas se ingressam com a idade variando entre 16 e 25 anos e se formar entre 18 e 28 anos, considerando o curso com dois anos de duração até 1943 e 3 anos após a Reforma Curricular de 1944. Das 197 mulheres que se matriculam e não chegam a concluir o curso se mantém o perfil e variação de idade: das 298, 73 têm entre 16 e 20 anos, 59 alunas têm entre 21 e 25 anos, totalizando 67,1% das mulheres que não concluem o curso, como podemos verificar no Gráfico 19. Isso demonstra que a provável desistência do curso tenha a ver com a desistência de profissão ou mudança de carreira, dada a idade jovem do da maioria do grupo que compõe a evasão do curso. A mesma variação ocorre em relação à profissão das estudantes do curso. Das ingressantes, formadas ou não, observamos uma maioria de alunas que se dedicaram aos estudos sem estarem atreladas à outra carreira antes ou no momento da matrícula. Das 189 concluintes entre os anos de 1939 e 1960, 110 se declararam estudantes no ato de inscrição, enquanto 38 se declararam professoras, primárias ou secundárias. 33 alunas declararam outras profissões, sendo 28 funcionárias públicas, sem especificação de área; 1 advogada, 1 Dietista, 1 Secretária e 2 “Prendas do lar”/“Doméstica, ou do lar”. 11 alunas não declaram profissão. Das 413 alunas que não se formam verificamos perfil muito próximo às que concluem (Gráfico 21).

**GRÁFICO 18: IDADE DAS INGRESSANTES QUE CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN
(MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)**



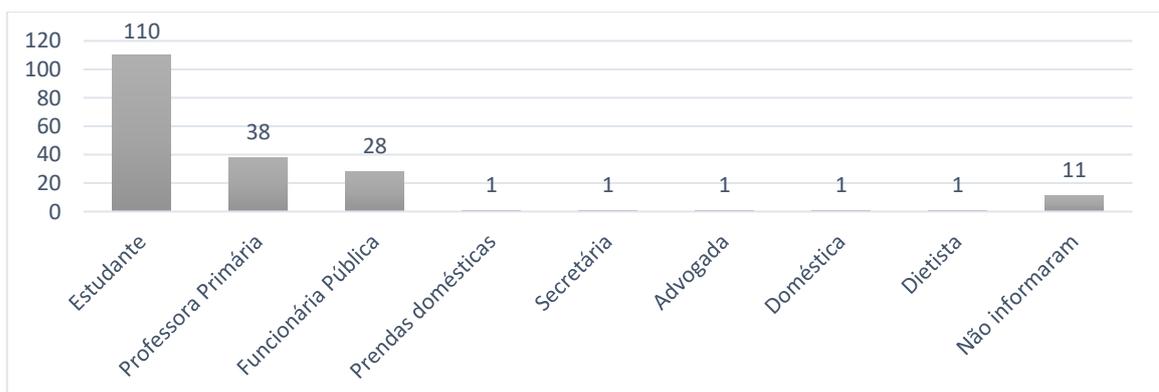
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

**GRÁFICO 19: IDADE DAS INGRESSANTES QUE NÃO CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN
(MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)**



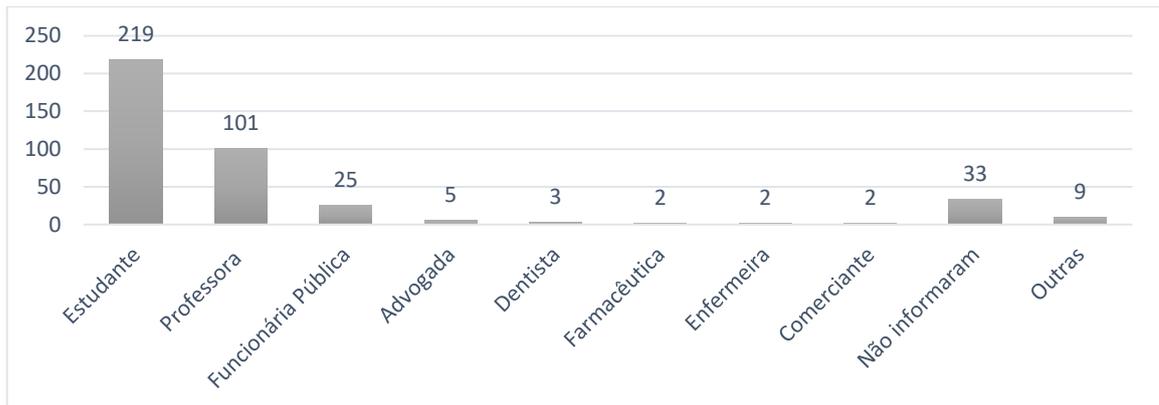
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

**GRÁFICO 20: PROFISSÃO DAS INGRESSANTES QUE CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN
(MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

GRÁFICO 21: PROFISSÃO DAS INGRESSANTES QUE CONCLUEM O CURSO DE MUSEUS – MHN (MATRÍCULAS ENTRE 1939-1960)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

Dentre as 377 matriculadas que declararam moradia, e, não apenas isso, mas indicaram endereços no município do Rio de Janeiro no momento de inscrição, 53,3% (201 alunas) moravam na Zona Sul da Cidade (Gráfico 22), compreendendo os bairros de Copacabana (57 alunas – 15,11%), Botafogo (28 alunas – 7,42%), Flamengo (24 alunas – 6,37%), Laranjeiras (22 alunas – 5,84%), Ipanema (21 alunas – 5,58%), Leblon (12 alunas – 3,19%) e outros bairros da Zona Sul (34 alunas – 9,1%), incluindo Gávea, Humaitá, Leme, Jardim Botânico, Lagoa, Cosme Velho, e Urca. Dessas 201 alunas moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro, 111 concluem o curso. Isso quer dizer que 55,3% das alunas moradoras dessa região se formam no Curso de Museus.

Das 146 alunas que declararam moradia na Zona Norte, compreendendo 38,72% das matriculadas, 61 alunas (16,2%) moravam no bairro da Tijuca, 13 (3,45%) no Méier, 9 (2,39%) no Maracanã, 12 (3,2%) no Grajaú, 11 (2,92%) no bairro de Vila Isabel e 40 (10,62%) alunas em outros bairros da região, como Engenho de Dentro, Engenho Novo, Praça da Bandeira, Rocha Miranda, Ramos, São Januário, Todos os Santos, Riachuelo, Penha, Aldeia Campista, Madureira, Vaz Lobo, Triagem, Piedade, Vila da Penha, Cavalcante, Encantado, Andaraí, Mangueira, Marechal Hermes, Olaria e Cascadura. Dessas 146 alunas da Zona Norte, 46 concluem o Curso de Museus, sendo 25 apenas do bairro da Tijuca. Também concluem 4 alunas do Grajaú, 3 do Méier, 2 do Maracanã, 2 da Praça da Bandeira e 1 de cada um destes bairros: Vila Isabel, Engenho Novo, Ramos, Todos os Santos, Penha, Vila da Penha, Triagem, Encantado, Olaria e Cascadura. Concluímos que 31,6% das inscritas moradoras da Zona Norte, concluem o curso.

Das 45 (11,94%) alunas moradoras na Zona Central do Rio de Janeiro, 12 moravam no bairro Rio Comprido, 10 em Santa Teresa, 7 em São Cristóvão, 7 no Centro, 6 na Estácio e 5 em outros bairros como Cidade Nova, Caju, Benfica, Gloria e Catete. Dezoito dessas alunas concluem o curso: 4 alunas

moradoras do Rio Comprido, 4 de Santa Teresa, 2 de São Cristóvão, 2 do Centro, 3 da Glória e 3 do Catete. Isso quer dizer que 40% das alunas moradoras da região central do Rio de Janeiro, se formam no Curso de Museus.

Apenas 2 (0,54%) das 377 alunas com residência declarada na capital fluminense eram da Zona Oeste da cidade, mais especificamente no bairro de Jacarépaguá. Nenhuma dessas, matriculadas nos anos de 1949 e 1960, conclui o curso.

Entre as décadas de 1930 e 1950, o Rio de Janeiro, presenciou fenômenos de crescimento na industrialização, urbanização e construção civil. Tais fenômenos viriam a refletir nas características socioeconômicas do perfil majoritário das alunas o Curso de Museus. Podemos perceber, que mais de metade das matriculadas tinham como moradia bairros agora conceituados da Zona Sul carioca. Também outro perfil muito repetido das ingressantes e concluintes são as moradoras da região da Zona Norte mais próximas e limítrofes ao Maciço da Tijuca.

Copacabana foi cenário de um aumento populacional associado à verticalização das construções, com o aparecimento progressivo de prédios residenciais e uma alta expansão mobiliária nos bairros cercados de praia na cidade. Ainda no início do século XX, na gestão do prefeito Pereira Passos, os banhos de mar e a praia começam a ser valorizados (VALENTE; EDUARDO, 2014, n.p.) e é inaugurada a Avenida Atlântica. Porém, a ocupação que atraiu grande parte da classe média e migrantes de outros estados brasileiros em busca de uma região sofisticada e moderna, ocorre após as campanhas de modernização e urbanização cada vez mais potentes, a partir da década de 1920. Segundo Ulisses da Silva FERNANDES (2006, p. 153-154), a inauguração do Hotel Copacabana Palace, em 1923, convergiu para a transformação do bairro, mesmo que não intencionalmente, com uma "nova forma de gestão do urbano", eclodindo "o mito que a fez ser representativa do moderno" e antevendo um "novo estilo de vida". Daí surgiram diversas lojas de grife, cinemas e restaurantes que complementavam a região com um comércio sofisticado.

Os outros bairros da Zona Sul, como Botafogo, Flamengo, Laranjeiras, Cosme Velho, Urca, Humaitá, Jardim Botânico e Gávea, assim como o bairro imperial de São Cristóvão, Tijuca e Rio Comprido, já eram dominados pela residência da classe média baixa e alta antes mesmo do fenômeno da urbanização do início do século XX, porém também sofrem mudanças e expansão considerável. A abertura de ruas e instalação de transporte regular no bairro de Botafogo em meados do século XIX, atraiu aristocratas às casas e vilas, tipo de habitação voltada para a classe média que chegou a representar 30% do total de edificações do bairro em 1933 (SANTOS, 1981, p. 154).

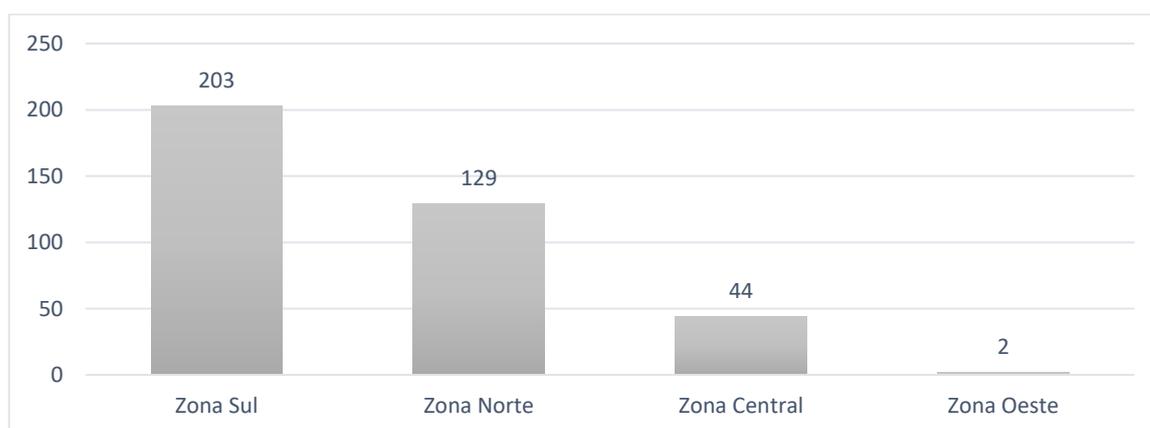
Os bairros periféricos ao Centro, bem como os subúrbios da Zona Norte, conheceram nesse mesmo período uma grande expansão por conta dos avanços na industrialização e abertura de fábricas nestas localidades.

Ainda podemos destacar alguns outros endereços encontrados nas fichas das matriculadas, de municípios próximos ao do Rio de Janeiro. Encontram-se 13 ocorrências em Niterói, em bairros como Ingá, Icaraí, Santa Rosa e Centro. Petrópolis, nos bairros de Itaperuna e Mesquita. E ainda, endereços como centro de Nova Iguaçu, Estrada de Madureira em Nova Iguaçu, Ilha do Governador e Seropédica.

O fato é que, as alunas, em um perfil majoritário, eram evidentemente de classe média baixa e alta, com moradias centralizadas nas zonas de elite ou tradicionais da cidade, apesar de uma grande parcela apresentar endereço em localidades periféricas ao centro comercial da capital. O Rio de Janeiro, neste período era uma cidade em expansão e, as três zonas principais, Sul, Norte e Central, apresentavam constante mudança de infraestrutura e organização administrativa.

O que podemos destacar é o fato das regiões mais próximas ao Museu Histórico Nacional, local do Curso de Museus, e os com acesso ao transporte público, se destacam entre os endereços das concluintes, por razões de facilidade de acesso, impedindo assim do trajeto entre o curso e suas casas, serem mais um impecílio que a jovem mulher encontrava à época para concluir seus estudos.

GRÁFICO 22: MORADORAS DO RIO POR ZONA – MATRICULADAS ENTRE 1939 e 1960



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia)

Durante a pesquisa foi possível a identificação da formação secundária de 208 das ingressantes, entre 1939 e 1960, tendo a informação disponível e legível na ficha de inscrição. Desse total, 168 eram formadas por escolas particulares e 40 pela rede pública de ensino (Gráfico 23). Dos colégios com maior incidência entre as alunas do Curso de Museus, podemos destacar o Instituto Lafayette de Educação, o Colégio Sacré-Couer de Marie, o Colégio Notre Dame de Sion, o Colégio Pedro II, Colégio Andrews, Colégio Batista Shepard, Colégio Bennet, Colégio São Paulo e escolas municipais diversas de Ensino Normal.

O Instituto Lafayette, Colégio Notre Dame e Colégio Sacré-Couer de Marie, formação de 67 dessas 208 alunas, localizados na Rua Conde de Bonfim (bairro Tijuca), Rua Cosme Velho (bairro Cosme

velho) e Rua Tonelero (bairro Copacabana), respectivamente, representavam três das melhores escolas da cidade do Rio de Janeiro.

O Instituto Lafayette foi uma escola com opção de internato dividida entre três opções de departamento, masculino, feminino e misto. O instituto também oferecia formação complementar superior em diversas áreas, como contabilidade e letras. Também foi o primeiro colégio na cidade do Rio de Janeiro "a preparar os alunos para trabalhos de oficina e laboratório, ou até mesmo para os campos de agrimensura e topografia, química industrial, mecânica, e eletricidade prática. As meninas procuravam os cursos de datilografia e estenografia"¹⁰³. Assim como outras escolas como o Instituto Rabello, Colégio Anglo-Americano e Mallet-Soares, também indicentes na análise das fichas, representava uma proposta de ensino mais moderna e diversificada.

Figura 40. Painel da Sala de História do Instituto Lafayette de Educação: "Concepção de Teocracia: Confúcio, Moisés e Buda". Revista da Semana, 1941.

Figura 41. Festa esportiva no ginásio do Departamento feminino com jogo de basquete entre alunas e ex-alunas. Revista da Semana, 1943.



Fonte: REVISTA DA SEMANA. Dezembro de 1941, p. 21; REVISTA DA SEMANA. 24 de julho de 1943, p.44. (Hemeroteca BN)

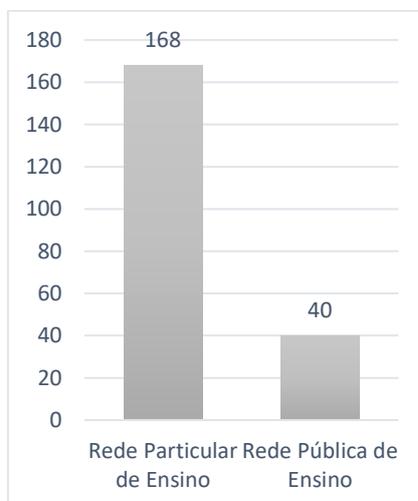
Os colégios Notre Dame e Sacré-Couer de Marie, assim como outras escolas religiosas do Rio de Janeiro à época, se destacavam pelo ensino mais conservador e a exclusividade de matrícula apenas para meninas, fato que começou a ser revisionado apenas durante a década de 1970 (LOBO, 2013, n.p.).

Essas informações nos levam a concluir que o perfil da maioria das alunas incluiria a formação secundária em escolas particulares de prestígio e, na maior parte das vezes, com valor histórico e

¹⁰³ REVISTA ROTA TIJUCANA. Tijuca, um Celeiro da Educação Carioca. Novembro de 2011. Disponível em: <<https://www.soniabello.com.br/tijuca-um-celeiro-da-educacao-carioca/>> Acesso em fevereiro de 2022.

tradição. Isso nos diz muito sobre as classes sociais das famílias que essas alunas eram provenientes: maior ocorrência de classe média.

GRÁFICO 23: FORMAÇÃO SECUNDÁRIA DAS INGRESSANTES ENTRE 1939 e 1960



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das fichas de matrícula do Curso de Museus (Arquivo Escola de Museologia).

2.3 O CORPO DOCENTE DO CURSO DE MUSEUS – MHN: CONSTRUÇÃO E EVOLUÇÃO DO QUADRO DE PROFESSORAS E CONGRESSISTAS

Em 1944, com a primeira grande Reforma Curricular do Curso de Museus, é criado não apenas o cargo de Coordenador, dando autonomia ao Curso em relação ao Museu, como também ocorre a implantação dos departamentos e do Conselho Departamental. Nesta mesma época, os formandos das primeiras turmas tornam-se professores do curso, substituindo gradativamente a primeira geração docente composta por um grupo reduzido e exclusivamente masculino que esteve presente desde a criação do Curso em 1932 (SÁ, 2007, p. 16-20): Professor Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, responsáveis pela disciplina de História do Brasil; Menezes de Oliva, professor da disciplina de História da Arte; Professor Angyone Costa, responsável pela disciplina de Arqueologia; Edgar de Araújo Romero, professor de Numismática; e Gustavo Barroso, responsável pela disciplina de Técnica de Museus até o ano de 1951, quando Octavia de Castro Corrêa (formada pela turma de 1937), assume a disciplina, onde permanece até 1971. A tomada de cargos docentes e de departamento por mulheres, todas egressas do Curso, se inicia justamente após a Reforma Curricular de 1944, momento em que foram estabelecidos no Curso todos os decisórios acerca do cargo de professor titular de disciplina, com o Decreto-lei nº 6.689 de 13 de julho de 1944¹⁰⁴:

¹⁰⁴ BRASIL. Decreto-Lei nº 6.689 de 13 de julho de 1944. Aprova o Regulamento do Curso de Museus a que se refere o Decreto-lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944.

Art. 32 O Curso será ministrado por professores, designados pelo Diretor do Museu Histórico Nacional mediante proposta do Coordenador do Curso, dentre especialistas em museologia, nacionais ou estrangeiros, servidores do Estado ou não.

§ 1º Os professores também poderão ser admitidos como extranumerários, na forma da lei.

§ 2º Os funcionários designados nos termos deste artigo poderão, em casos especiais e mediante autorização do Presidente da República, ser dispensados dos trabalhos da repartição ou serviço em que estiverem lotados, mas ficarão obrigados, nesta hipótese, a dezoito horas semanais de aulas ou trabalhos escolares, sem direito aos honorários previstos no parágrafo seguinte.

§ 3º Os professores não compreendidos nos casos dos §§ 1.º e 2.º deste artigo perceberão, nos termos da legislação vigente, honorários de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) por hora de aula dada ou de trabalho executado, até o limite máximo de seis horas por semana. (BRASIL, 1944, n.p.).

A primeira mulher a assumir uma disciplina no Curso de Museus foi Maria Eneada Rodrigues Vieira (formada pela turma de 1943), em substituição ao professor João Angyone Costa, na disciplina de Etnografia (SÁ; SIQUEIRA, p. 72). Como professora conferencista, sem contrato de trabalho, Maria Eneada Vieira também foi professora das disciplinas de Arqueologia Brasileira, Arte Indígena e Arte Popular, entre os anos de 1947 e 1949. A curta carreira de Eneada como professora é muito significativa sob dois aspectos. Apesar de representar a primeira docência feminina do Curso de maneira distinta e essencial para a evolução do curso, o casamento com o diplomata francês Robert Daniel, interrompe a atividade docente. Não é encontrado nenhum dado profissional ou pessoal sobre a professora Maria Eneada Vieira até seu falecimento, em 1969. Sua rápida passagem pelo Curso de Museus, lecionando por cerca de quatro anos, foi marcante devido à um marco de ruptura e inovação, quando Maria Eneada, professora da disciplina de Etnografia, levou seus alunos à uma aula de campo no Terreiro do Caboclo Cobra Coral, no Morro da Rocinha. A visita ao terreiro, se tornou parte do programa de disciplina acerca das religiões de matriz africana e, a egressa Maria Augusta Machado narrou com entusiasmo o ocorrido em setembro de 1945:

Eneada Rodrigues Vieira, professora de Etnografia no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, estava empenhadíssima em proporcionar, aos seus esterrecidos (sic) alunos, o conhecimento direto dos cultos afro-brasileiros em versões cariocas. Em época altamente preconceituosa e muito mareada com medos difusos, não era fácil a concretização do seu desejo. O que parecia impossível, acabou acontecendo. (...) Na noite de 26 para 27 de setembro, quando se iniciam os festejos em honra dos santos Cosme e Damião, o grupo se formou em um bar situado na praça do Jôquei Clube. De bonde, seguimos até o final da linha Gávea. Lá nos esperava João Angel Labanca que nos conduziria ao terreiro do Caboclo Cobra Coral. (MACHADO, 1996, p.3).

A aluna Maria Augusta Machado ainda destaca como a ida ao local e a aula convencional, em sala de aula, sobre a visita, surpreenderam e de todos os discentes: "A participação dos alunos é plena. Medo vencido, entendimento à solta." E acrescenta: De forma insólita, Eneada terminou sua aula. Escreveu no quadro negro a receita de caruru que os baianos de Salvador consomem como forma de

integração com os Meninos.” Este episódio também serve para demonstrar a liberdade e autonomia que tantos professores, quanto professoras, tinham em sala de aula no Curso.

As duas primeiras professoras contratadas e lotadas no Curso de Museus foram Jenny Dreyfus e Anna Barrafatto, a partir de 1946. As duas professoras constam no Relatório de atividades do MHN de 1946, no item “XXV CURSO DE MUSEUS: Corpo Docente”. Ao lado de cinco professores do sexo masculino: Gustavo Barroso, Edgar de Araújo Romero, Joaquim Menezes de Oliva, José Francisco Félix de Mariz e Diógenes Vianna Guerra, que substituiu a Professora Maria Eneada com sua saída. A Professora Jenny Dreyfus, já em seu primeiro ano de atividade como docente, leciona as cadeiras de Sigilografia e Filatelia e Artes Menores. Enquanto Anna Barrafatto, leciona as disciplinas de História da Arte e Escultura.

Jenny Dreyfus já fazia parte do corpo técnico do MHN, antes de voltar-se também para o ensino no Curso de Museus. Classificada no segundo Concurso para Conservadores de Museus, Jenny Dreyfus, antes de fazer parte do corpo docente do curso, já havia trabalhado nas Seções de História e Numismática do museu e, em 1948, assume a chefia do Seção de História do MHN. Ambas, Anna Barrafatto e Jenny Dreyfus constroem uma sólida carreira como professoras do Curso de Museus, atuando até a década de 1970. Anna Barrafatto, após se tornar professora do curso, se dedica até sua aposentadoria à docência, tendo acumulado cargos como Chefe do Departamento de Artes, entre os anos de 1966 e 1974 e Coordenadora do Curso entre 1974 e 1977 (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 37). Anitta, como era chamada pela conservadora e também professora Nair de Moraes Carvalho, sua amiga muito próxima¹⁰⁵, se dedicou ao ensino desde sua formação como professora primária pelo Instituto de Educação, em 1939, três anos após o término do Curso de Museus. Foi também professora de Ensino Artístico – História da Arte do Instituto de Belas Artes do Governo, entre 1959 e 1964. Interessou-se pela Psicologia Educacional, tendo realizado cursos entre 1954 e 1958.¹⁰⁶ Aparentemente, a docência foi o pilar de sua carreira profissional, onde se dedicou após ter atuado como Conservadora de Museus no Museu Histórico da Cidade, tendo assumido funções de Coordenação dos Setores dos Museus e substituta de Chefia, entre os anos de 1940 e 1948.

Não podemos deixar de mencionar a candidatura de Anna Barrafatto ao cargo de Vereadora do Rio de Janeiro nas eleições municipais diretas de 1950¹⁰⁷. Através do Partido Libertador, se anunciava como “professora municipal, técnica e professora de museus”¹⁰⁸. Apesar de não ter sido

¹⁰⁵ Anna Barrafatto e Nair de Moraes Carvalho se formam pela mesma turma, em 1936 e constroem uma sólida e longa amizade. NUMMUS. Nair de Moraes Carvalho: Cem anos de vida e trabalho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CHoiD89dDfE>> Acesso em dezembro de 2021.

¹⁰⁶ Para mais informações sobre sua formação e atuação ver ANEXO 4.

¹⁰⁷ Eleições realizadas conforme Resolução TSE 3.532 de 04/08/1950.

¹⁰⁸ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 28 e 29 de agosto de 1950, p. 4.

eleita, sua candidatura reitera o sufrágio feminista das décadas de 1920 e 1930¹⁰⁹. Para uma mulher, tanto se candidatar em 1950, quanto estar ativa profissionalmente, demonstravam reafirmação de um posicionamento diluído no pós-segunda guerra, quando a valorização do papel feminino associado ao lar cresce novamente com a ascensão da classe média nos chamados “Anos Dourados”:

Na Ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. (BASSANEZI, 1997, p.609).

Figura 42. “Partido Libertador: Para Vereador Professora Anna Barrafatto”. Diário de Notícias, 1950.

Figura 43. Professora Anna Barafatto em sala de aula (MHN), c. 1966-1969.



Fonte: DIARIO DE NOTÍCIAS. 17 de setembro de 1950, p .7; Acervo NUMMUS – Coleção Ana Maria Rego de Almeida.

A quarta mulher a fazer parte do corpo docente do Curso de Museus foi a Conservadora de Museus, lotada no Museu Histórico Nacional desde sua classificação no primeiro concurso para Conservadores de Museus promovido pelo DASP entre 1939 e 1940, Nair de Moraes Carvalho (turma de 1936). A conservadora foi nomeada interinamente para o museu um ano após sua formatura, em 1937. A partir de 1940, após o concurso, Passa a fazer parte do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde com exercício no MHN. Em março de 1941, é designada por Gustavo Barroso a secretariar o Curso de Museus¹¹⁰, quando não havia ainda o cargo de Coordenador. Após a Reforma de 1944, Nair Carvalho assume o cargo de Coordenadora do Curso de Museus, cargo que permaneceu até o ano de 1967. A experiência como secretária do Curso, durante quatro anos, a habilita assumir esta função. Com 30 anos de idade, Nair Carvalho é a primeira Coordenadora do Curso de Museus.

¹⁰⁹ Através da atuação e influência da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a Constituição em 16 de julho de 1934 instituiu para as mulheres, finalmente, o direito de votar e ser votada, discutida e requerida em luta desde a elaboração da constituição de 1891.

¹¹⁰ BARROSO, Gustavo. Portaria de 14 de março de 1941, que designa Nair de Moraes Carvalho a secretariar o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. Ministério da Educação e Saúde.

Nair de Moraes Carvalho representou para o Curso de Museus, e também muito para o Museu Histórico Nacional (percurso que abordaremos posteriormente), uma linha divisória entre dois momentos decisivos: o de construção e o de consolidação. O fato de uma mulher ser a primeira pessoa a assumir o cargo de Coordenador do Curso, representou e, de certa maneira, possibilitou uma tendência para a construção de um novo perfil de corpo docente do um curso em sua fase mais importante de fortalecimento no progresso gradativo até a universidade.

No cargo de Coordenadora do Curso, assumiu funções, estabelecidas pelo decreto de BRASIL do novo Regulamento do Curso de Museus (Decreto-lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944), que a tornou a figura essencial para o bom funcionamento do curso e da construção de um laço estreito entre os alunos, os professores e a direção do Museu Histórico Nacional. Por ela passavam para aprovação todos os programas de disciplinas, os relatórios anuais dos professores sobre as atividades letivas, além de funções como reivindicar às autoridades superiores os assuntos de interesse do Curso; superintender os serviços técnicos e administrativos; fiscalizar a fiel execução dos regimes escolar e didático dos pelos professores e alunos; propor ao diretor do MHN a organização de cursos; conferências e a designação de professores; organizar a grade curricular e horários das disciplinas; convocar e dirigir reuniões com o corpo docente para a submissão de estudo de questões referentes ao ensino; assinar certificados e diplomas, juntamente com o Diretor do Museu Histórico Nacional; indicar ao Diretor do MHN um funcionário do Ministério da Educação e Saúde para servir como Secretário do Curso; conceder férias regulamentares; rubricar livros de aulas e escrituração; autorizar despesas, visar contas e assinar expediente relativo a despesas, folhas de pagamento e pedidos de material; aplicar penalidades; e apresentar o relatório anual dos trabalhos e o projeto de orçamento do Curso.

Essas atividades, descritas no Decreto-lei n.º 6.689, resumem as principais funções oficiais de Nair Carvalho como Coordenadora. Mas, sua atuação é representativa de muito mais que funções administrativas de grande responsabilidade. Podemos dizer que ela, decana do Curso de Museologia até 2018, ano de seu falecimento, não apenas foi a primeira mulher a assumir um cargo de chefia tanto no Curso, quanto no MHN, como também representou para seus alunos e colegas de trabalho uma profissional de inteira dedicação.

Em um episódio muito infeliz que marcou sua renúncia do cargo de Coordenadora, em 1967, o Professor do Curso de Museus, General Umberto Peregrino, à época, professor de História Militar e Naval do Brasil, dirigiu uma carta ao diretor do MHN, Ruy Alves Campello, onde demonstrou descontentamento e desrespeito à Coordenadora Nair de Moraes Carvalho. Peregrino, ao reclamar atrasos de pagamento de seus honorários como professor conferencista no ano de 1966, atribuiu a responsabilidade à Coordenadora e ao que ele chamou de situações e atitudes “injustas”,

“anárquicas”, “abusivas”, “intolerável”, “incoerente” e incompetência das funções na Coordenação do Curso, além de outros adjetivos que marcaram o ocorrido de maneira desditosa:

A Coordenadora do Curso esmerava-se apenas em pretender que os professores se fizessem bedeus da chamada dos alunos. Essa era a sua ‘obcessiva’ (sic) preocupação, embora sempre disposta a compor a frequência de seus protegidos. Quanto ao Professor de História, que menos se condicionou à sua orientação intelectualmente medíocre, além de mesquinamente personalista, procurou neutralizá-lo excluindo-o do Conselho Departamental, criado por um Regimento em cuja elaboração os professores (pelo menos o de História) não foram ouvidos. (PEREGRINO, 1966)¹¹¹

O comportamento deste professor, que não apenas dirigiu seu descontentamento dessa maneira ao diretor do MHN, como também prejudicou o bom funcionamento do Curso, ao deixar de corrigir as provas dos alunos em vias de formatura, segundo ele “em atitude de protesto contra um tratamento injusto e abusivo”. Diversos professores demonstraram sua solidariedade à Coordenadora Nair Carvalho, e, em carta, ofereceram a ela possibilidade de apoio em qualquer medida que escolhesse tomar:

Durante mais de 20 anos, V.S. demonstrou, sobejamente, no exercício das funções de Coordenadora, amor, zelo, e dedicação ao Curso de Museus, a par de compreensão e solidariedade humana com os professores e alunos. Aqui deixamos o nosso voto de louvor a quem soube tão bem conduzir a Coordenação do Curso de Museus, dando-lhe, ainda, inteira liberdade de fazer desta o uso que lhe aprouver.¹¹²

Suas características como Coordenadora do Curso foram destacadas em um Boletim de Merecimento à Professora Nair de Moraes Carvalho, assinado pelo diretor do MHN, Josué Montello, em 1966, onde a destaca como “servidora de comportamento excepcional, com plena compreensão dos seus deveres, aos quais dedica com inteira responsabilidade e seriedade” (ANEXO 1) O professor e colega Mario Barata também demonstrou solidariedade em carta e se ofereceu para testemunhar sobre o profissionalismo da Coordenadora após o ocorrido. Porém Nair Carvalho, muito abalada pelo incidente, decide renunciar do cargo na Coordenação. Em um discurso durante uma solenidade de homenagem oferecida a ela pelos alunos e professores no dia oito de outubro de 1967, a professora profere as seguintes palavras:

O maior prêmio que um professor pode almejar no momento em que se afasta da direção duma escola é o reconhecimento dos alunos pelos serviços que, honestamente, lhe prestou.

Durante 26 anos, como Secretária e, em seguida, Coordenadora do Curso de Museus, lutei pela defesa dos princípios que nortearam o seu fundador, Dr. Gustavo Barroso, quando o planejou, quais sejam os de preparar técnicos para os museus do Brasil, defender o nosso passado e amar as nossas tradições.

Se em alguma ocasião aparentei inflexibilidade por irrestrita submissão a esses princípios, assim o fiz por excesso de amor a esta casa, na qual entrei na minha

¹¹¹ Documento na Coleção Nair de Moraes Carvalho – NUMMUS.

¹¹² Carta de 6 de abril de 1967, assinada por Ruy Alves Campello, diretor do Museu Histórico Nacional e professor de Arquitetura no Curso, além das professoras Jenny Dreyfus, Anna Barrafatto, Octavia Correia dos Santos Oliveira, Yolanda Marcondes Portugal, Gilda Marina Lopes, Ecylla Castanheira Brandão, Margarida Magalhães Bastos Oswald e dos professores Diógenes Vianna Guerra e Antonio Pimentel Winz. (Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho)

mocidade, com pouco mais de 20 anos, cheia de idealismo e entusiasmo, sentimentos que não envelheceram nesse outono de minha vida.

Não me afastei, espontaneamente, mas levada por circunstâncias que não me deixavam escolha entre a quebra dos meus princípios, ou a minha permanência na direção do Curso.

Agradecendo, comovida ouso fazer-lhes um pedido: usem a fórmula mágica da juventude para, esquecendo os meus erros, aceitem o meu exemplo de amor a esta casa, como uma diretriz que os orientará no futuro. (CARVALHO, 1967).¹¹³

Podemos perceber que apesar da força representativa de Nair de Moraes Carvalho como mulher e primeira a ocupar o cargo de coordenação de um Curso recém-criado, a escolha dela em renunciar do cargo não significou um desvio de enfrentamento. Muito poderia ter sido feito contra a atitude desrespeitosa do Professor Peregrino, mas a Professora Nair preferiu não insistir em um engajamento que, à época, não significaria tanto sua atitude de enfrentamento. Nair demonstrou seu posicionamento, longe de qualquer carga de silenciamento, e apostou na reafirmação de suas funções de autoridade e responsabilidade, renunciando ao cargo. O apoio dos alunos e do corpo docente comprova esta hipótese.

Ao observarmos ocorrido sob uma visão crítica atual, vemos um homem, militar, que, para chegar ao seu objetivo, transpassa a autoridade de uma mulher, vulnerabilizando-a ao questionar sua competência, neutralidade e inteligência. Podemos então nos perguntar se o mesmo teria ocorrido, e da mesma maneira, caso o cargo fosse ocupado por um homem.

E não foi a primeira vez que Nair Carvalho passou pela experiência de olhos crivos e masculinos. Podemos dizer, que em sua longa caminhada profissional, foram muitas as vezes que a museóloga Nair teve de passar por ocasiões de julgamento não apenas por seu gênero, como também sua idade e postura. Em março de 1945, logo após se tornar a primeira Coordenadora, se oferece a receber a equipe de reportagem de “O Jornal”, para falar sobre o Curso de Museus na matéria “Como se desenvolve o curso de museologia do Museu Histórico Nacional”.

Logo no início do artigo, compreendemos não apenas a surpresa do repórter ao ser recebido por Nair Carvalho no Museu, como também a necessidade predominante de comentar acerca da aparência da coordenadora antes de qualquer comentário a respeito da apresentação que a mesma ofereceu à equipe durante a visita, sobre o assunto da reportagem. Sendo este, o primeiro parágrafo da reportagem:

A impressão do reporter, ao dirigir-se para o velho predio do Museu Histórico Nacional, era de que ia tratar com uma senhora já bem idosa, dona de uma austeridade excessivamente agravada por uns óculos de lentes muito grossas- pois essa é a figura imaginável para a coordenadora de um curso de museologia. Em vez disso, prontificou-se a falar-nos sobre o Curso de Museus uma senhorita com pouco mais de vinte anos, esbelta e sorridente, revelando nas primeiras frases esta mentalidade nova para os assuntos históricos ou artísticos, cujos conhecimentos

¹¹³ Documento na Coleção Nair de Moraes Carvalho – NUMMUS.

especializados já agora se divulgam entre nós, através dos modernos métodos de pesquisas e a Técnica de Museus aconselha. (O JORNAL, 1945).

Na entrevista concedida ao NUMMUS, em 2016, Nair Carvalho comenta sobre sua reação à publicação do artigo: "- Aí eu passei a usar uma roupa mais séria, porque eu andava assim jovem... Nesse dia, eu me lembro até o vestido que eu estava. Era um vestido de cassa suíça¹¹⁴, cheio de flores, bem juvenil. E assim, decotado." Acreditamos que ela tenha se sentido envergonhada por ter tido sua aparência e vestimenta exposta e comentada na reportagem, e talvez até, subvalorizando sua competência como Coordenadora do Curso. Ela ainda acrescenta: "- Então, depois que eu vi essa reportagem, eu passei a usar sempre a mesma coisa."

O fato é que a aparência e juventude da professora, Coordenadora e conservadora de museus, apesar de não relevante para o assunto tratado pelo repórter, conseguia refletir um novo cenário a ser conhecido pela sociedade: as primeiras noções do pensamento museológico brasileiro. Conceitos que Nair Carvalho tenta passar durante o decorrer de sua apresentação ao repórter e que ele resume da seguinte maneira:

Então compreendemos melhor que ao Museu não é dado apenas expor os objetos. Sua função está longe de ser estática, sem vida, um depósito de velharias, simplesmente, como deve parecer a muitos. Jovens museologistas alheiam-se de seu tempo, da vida lá de fora, deixando-se absorver por longas horas naqueles salões enormes da "Casa do Brasil", na observação inteligente e profunda que deverá reconstituir épocas fatos e costumes dos nossos antepassados, nessa paciente e penetrante interpretação de um mundo distante com que vai se tecendo o levantamento histórico de um povo. E é assim, somente, que nos será lícita e racional a compreensão da história dos nossos dias. Que contraste com aquela calma, aquela vida ingênua e patriarcal que os objetos deixam refletir... os convulsionados dias de hoje... – É a dinâmica do Museu – nos diz a senhorita Nair. (O JORNAL, 1945).

Segundo Odeti LODI (2000, p. 155), passar da responsabilidade de pequeno mundo de algumas pessoas e de trabalho complementar, para o acolhimento ativo na mesma primeira linha em que está o homem assumindo em parceria com ele as pessoas da família; e, passar de auxiliar a equivalente de outros, não é fácil para as mulheres. Segundo uma matéria da Associação Brasileira de Recursos Humanos, de 12 de janeiro de 2017, 48% das mulheres brasileiras se sentem mais julgadas pelo que vestem no trabalho, do que os homens.¹¹⁵ Tomando como exemplo uma pesquisa de mais de 70 anos de diferença do ocorrido com Nair de Moraes Carvalho, se torna compreensível a preocupação da professora com o comentário publicado em um jornal de grande circulação do estado do Rio de Janeiro. Nos parece que, neste caso, a roupa não foi considerada pelo repórter de "O Jornal" como uma expressão de individualidade sem contexto social ou algo que pudesse retratar a face da

¹¹⁴ A museóloga se refere ao bordado suíço ou bordado de Saint-Gall.

¹¹⁵ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS. 48% das mulheres se acham julgadas pelo que vestem no trabalho. Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.abrhce.com.br/48-das-mulheres-se-acham-julgadas-pelo-que-vestem-no-trabalho>. Acesso em fevereiro de 2021.

Coordenação do Curso de Museus. As características da Coordenadora, incluindo sua vestimenta, foram pretextos de um julgamento hierarquicamente superior ao das funções e habilidades desempenhadas por ela, e, por isso, a publicação incomodou a museóloga desta maneira. A advogada Mayra Cotta e a consultora de moda Thaís Farage, comentam sobre as relações de trabalho e vestimentas femininas, que persistem até os dias de hoje, em seu livro "Mulher, roupa, trabalho: Como se veste a desigualdade de gênero":

Nossa roupa é invariavelmente apontada, comentada, analisada e criticada por todo mundo, o que não ocorre com os homens. (...) A mulher no trabalho parece representar um convite aberto para julgamentos (...) Vestir-se para ir trabalhar passa a ser, então, um esforço recorrente para que o foco esteja no trabalho, na nossa competência, nas atividades desempenhadas, e não no que vestimos. Nosso guarda-roupa se transforma em um campo minado de escolhas com tantas variáveis que apenas um modelo matemático muito complexo seria capaz de solucionar. (COTTA; FARAGE, 2021, n.p.).

Segundo Guacira LOURO (2014, p. 40), durante o século XIX era algo comum encontrar nos almanaques e jornais, caricaturas que representavam professoras como mulheres cansadas, com semblantes carregados, “algumas vezes simbolizando bruxas, vestindo roupas longas e fechadas obtendo em suas mãos uma vara para apontar o quadro-negro ou uma palmatória ameaçadora”. Daí o estigma que talvez tenha influenciado o pensamento do jornalista na ideia do que ele viria a encontrar como Coordenadora de um Curso de Museus, mas que justificaria a exposição no primeiro parágrafo da matéria. Louro também afirma que a frequente representação social em relação as professoras “tanto em relação a aparência física quanto sobre seus gestos”, na verdade se resumem em questões sobre “a vigilância de comportamento dos sujeitos”: a professora-mulher sempre foi alvo de preocupação, o uso de trajes fechados revelava-se como um artifício para esconder seus corpos e torná-los o mais assexuado possível.

Figura 44. Nair de Moraes Carvalho no MHN em ocasião de visita guiada dos participantes do Seminário Regional sobre Educação em Museus da UNESCO, 12 de setembro de 1958.

Figura 45. Nair de Moraes Carvalho em seu gabinete de trabalho no MHN, 12 de junho de 1967.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho.

Um terceiro episódio de confronto e destaque para a personalidade da Nair Carvalho foi narrado pela própria professora na entrevista concedida ao NUMMUS, em 2014. Ela narra que por volta do ano de 1968-69, ao verificar um papel no mural do Curso com a relação de alunos inadimplentes da taxa de matrícula, se sentiu muito indignada e o arrancou, sob a crítica da secretária do Curso, que acreditava que ela deveria ter autorização do Comandante Leo Fonseca e Silva, então diretor do MHN, para isso. Nair de Moraes Carvalho afirmou que o papel não deveria estar ali, pois, além de não ser obrigatório, por ser contrário ao Regulamento, o pagamento de taxa na época, aquilo constrangia os alunos que tinham seus nomes expostos. Ela pediu para que a Secretaria avisasse ao diretor do museu que não voltasse a colocá-lo, do contrário, ela seria obrigada a retirá-lo novamente.

Podemos perceber que, nesse período, apesar de se tratar de um momento político brasileiro delicado em termos de autoridades e patentes militares, Nair aparece em uma fase mais madura e combativa. Isso se somava a um fato que a professora também contava com muito orgulho: ela era a única que se recusava a se levantar quando o Comandante Leo Fonseca e Silva entrava em um ambiente. Como seu ex-aluno, o via como qualquer outro profissional, não o distinguindo por patente ou cargo.

Outras duas mulheres que fizeram parte da primeira geração docente a compor o quadro de professores do Curso de Museus foram Yolanda Marcondes Portugal e Octavia de Castro Corrêa. Formadas pelas turmas de 1937 e 1938, as egressas representaram mais uma fase de consolidação do curso. Octavia de Castro Corrêa assume a disciplina de Técnica de Museus, em 1952, ocupada por Gustavo Barroso desde 1933 a 1951, durante exatos 19 anos.

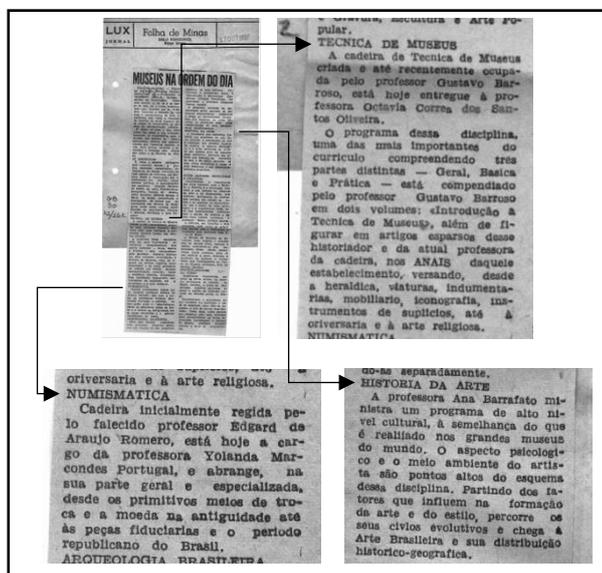
Yolanda Marcondes Portugal foi mais uma das conservadoras de museus classificadas pelo Concurso promovido pelo DASP, em 1939, foi professora de Numismática Geral e Numismática Brasileira entre 1954 e 1973. Octavia de Castro Correa, também Conservadora do MHN, desde o concurso do DASP de 1939-1940, cargo que será discutido no próximo capítulo, casou-se com Antônio dos Santos Oliveira Júnior, jornalista e redator encarregado do Material do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) (NOMURA, 2010, p. 13). Secretário da CNPI por mais de 20 anos, acompanhava e era acompanhado por sua esposa em diversos eventos relacionados ao trabalho e cargos que os dois ocupavam. Antônio Oliveira também participou junto à Octavia Correa do concurso de 1939, ainda solteiros. Atuaram juntos em diversas comissões e organizações, como por exemplo, correspondentes e membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo no Rio de Janeiro e na Société des Américanistes¹¹⁶, em Paris. Octavia Correa acumulou as funções de Conservadora do quadro permanente MHN, Chefe da Seção de Numismática e História do museu entre os anos de 1954 e 1966, Chefe da Seção de História e Arte retrospectiva a partir de 1969, vice-diretora entre 1970 e

¹¹⁶ JOURNAL DE LA SOCIÉTÉ DES AMÉRICANISTES. "Actes de la Société", vol. 43, Société des Américanistes, 1954, p. 245-48, <http://www.jstor.org/stable/24604021>.

1977 e Diretora em exercício durante 3 anos, Coordenadora interina e Chefe de Departamentos do Curso de Museus em diversas ocasiões, além de professora de Técnica de Museus por 20 anos (1951-1971), além de mãe e gestora de sua casa. Octavia Correa e Antônio Oliveira casaram-se em 24 de janeiro de 1942¹¹⁷, ele com 31 anos e ela com 33 e tiveram quatro filhos, até falecerem na década de 1990. A despeito da carreira de magistério de Octavia dos Santos Correia face ao seu casamento e à criação de filhos, ressaltamos seu caráter vanguardista durante as décadas de 1940 e 1950. Muitas vezes oportunidades profissionais foram perdidas pelas mulheres, tendo um grande impacto na progressão de atividades e cargos e na produção científica destas profissionais, o que não foi o caso. Vale ressaltar que em 1969, Octavia se forma em um “Curso de Chefia”, segundo o currículo vitae elaborado por ela mesmo constante em sua coleção no acervo do NUMMUS.

No jornal abaixo, presente na hemeroteca Gustavo Barroso no MHN, podemos ver o destaque para a atuação de três professoras do Curso de Museus: Octavia Correa, Yolanda Portugal e Anna Barrafatto.

Figura 46. “Museus na ordem do dia”, Folha de Minas, 27 de outubro de 1956.



Fonte: FOLHA DE MINAS. “Museus na ordem do dia”, 27 de outubro de 1956. (Biblioteca Virtual do MHN – Hemeroteca Gustavo Barroso)

¹¹⁷ Dados da árvore genealógica de Cristina Negreiros Duncan Couto. Disponível em: <https://www.myheritage.com.br/site-family-tree-293230551/cristina-negreiros-duncan-couto>. Acesso em janeiro de 2022.

Figura 47. Da esquerda para a direita: o conservador de museus Geraldo Pitaguary, Antônio dos Santos Oliveira, Professora Octavia Correa dos Santos Oliveira ao centro e desconhecidos. Museu do Índio, 1955.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Geraldo Pitaguary.

A década de 1960 traz muitas mudanças no cenário social da mulher e, ao mesmo tempo, se torna uma terceira fase de consolidação da Museologia no Brasil, e, com isso, uma terceira geração docente que viria a compor um dos maiores quadros de professores da história do Curso no MHN. O fato de o curso manter-se com as verbas destinadas ao museu, pelo Ministério da Educação e Saúde, levou a Coordenação a contratar muitos profissionais a nível de professor conferencista, pagos por hora/aula. Foram, no total, vinte novos professores conferencistas contratados ao longo da década de 1960. Onze desses profissionais eram mulheres: Fernanda Moro, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Marília Duarte Nunes, Sigrid Porto Barros, Aldeli Memória, Carmen Quadros, Neusa Fernandes, Auta Barreto, Célia Seabra, Neyde Oliveira e Lourdes Novaes, todas egressas do Curso de Museus. Podemos perceber que essa abertura aos alunos recém-formados à oportunidade do magistério no curso se intensifica ao longo das gerações. E a década de 1960 representou uma reafirmação deste critério por parte da Coordenação do Curso, que chamou alunas com dois ou até um ano de formação para lecionar disciplinas basilares do curso. Tomemos como exemplo os casos de Neusa Fernandes, que no ano seguinte de sua formatura, em 1967, assume a disciplina de História do Brasil Colonial, onde permanece até 1972, época em que aumentam suas responsabilidades na gestão de museus do Estado do Rio de Janeiro; e de Maria de Lourdes Parreiras Horta, formada pela turma de 1965, que atuou como professora da disciplina Técnica de Museus durante o ano de 1969. Na tabela a seguir, podemos ver o nome das professoras conferencistas da década de 1960, bem como seus anos de formatura e disciplinas ofertadas.

TABELA 9: PROFESSORES CONFERENCISTAS DO CURSO DE MUSEUS – MHN (DÉCADA DE 1960)

Professora	Formatura Curso de Museus	Disciplinas	Anos de atividade como Professora Conferencista do Curso de Museus
Fernanda Moro	1956	Arqueologia Brasileira, Arqueologia, Arqueologia Geral	1967-1970
Maria de Lourdes Parreiras Horta	1965	História da Arte Brasileira, Técnica de Museus, História da Pintura e Gravura, História da Escultura	1967-1972
Marília Duarte Nunes	1962	Etnografia, Técnica de Museus – parte aplicada	1967-1968
Sigrid Porto Barros	1949	História do Brasil Independente, Técnica de Museus	1967-1968
Aldeli Memória	1965	História da Arte	1968-1969
Carmen Quadros	1942	História da Pintura e da Gravura	1968-1969
Neusa Fernandes	1967	História do Brasil Colonial, História Luso-Brasileira	1968-1973
Auta Barreto	1960	Sigilografia e Filatelia, Museologia Teórica	1969-1970
Célia Seabra	1960	Comunicação Museológica, Moral e Cívica	1969-1970
Neyde Oliveira	1965	Numismática	1969
Lourdes Novaes	1956	Arqueologia Geral, Arqueologia Brasileira	1970

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa realizada por SÁ, 2010.

Também vale ressaltar a atuação de Neyde Oliveira durante o ano de 1965, como professora conferencista da disciplina de Numismática. Em 2021, é criada a Medalha pela Reparação da Memória Negra na Museologia Neyde Gomes de Oliveira, pela Rede de Museologia Kilombola, organizada pelos graduandos em Museologia Lucas Ribeiro Lima (UFRB) e Isabel Gomes (UNIRIO). Neste projeto, foram revisitados os perfis sociais dos formandos do Curso de Museus/Curso de Museologia, em busca de evidências de profissionais que, em algum momento se sentiram e demonstraram pertencimento étnico-racial na identidade negra. Estas evidências foram relatadas entre pesquisas e entrevistas com a família e colegas de trabalho de Neyde Oliveira.

No início da pesquisa desta tese, foi cogitado trabalhar o perfil das mulheres negras ingressantes no Curso de Museus do MHN. Seria muito relevante para o projeto, incluir dados a respeito de um grupo específico e pouquíssimo trabalhado na literatura da Museologia. Porém, como não existem nas fichas de matrículas campos voltados para o preenchimento de cor ou etnia, se tornaria uma tarefa invalidada sem a afirmativa de pertencimento dos inscritos. Apesar de haver indicações de inscritos não autodeclarados negros, porém fisicamente próximos à identidade, as possibilidades de intervenção nessa decisão por fotografias são muito limitadas e passíveis de erro.

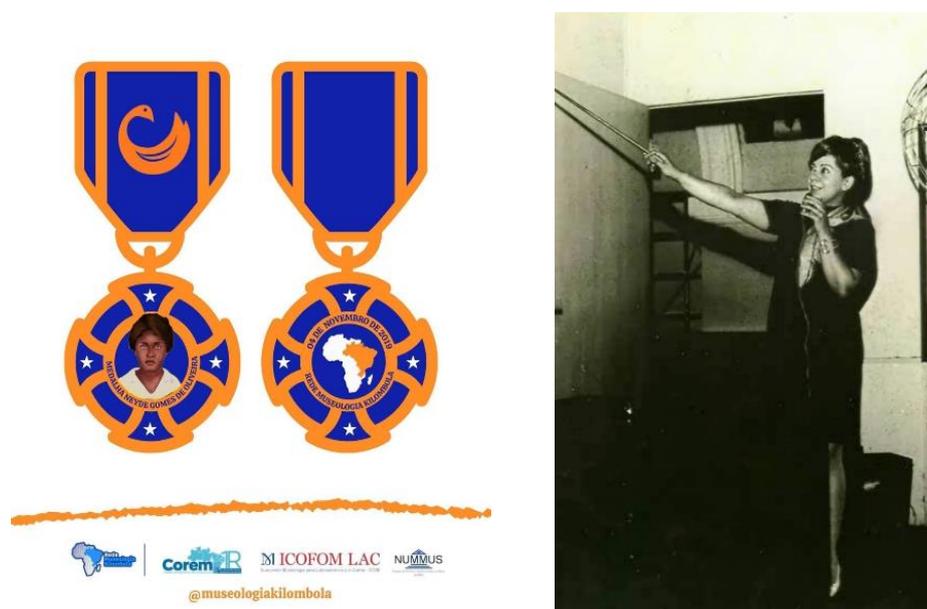
O fato é que Neyde Oliveira foi legitimada, a partir de 2021, como a primeira negra no campo de atuação da Museologia com autorreconhecimento étnico e com uma longa e notável carreira nos museus e no patrimônio. Por isso, podemos afirmar que também pode ser considerada a primeira professora negra do Curso de Museus/Museologia, fato muito relevante para marcar as transformações ocorridas durante a década de 1960. A conjuntura de uma mulher negra, professora

universitária aos 29 anos, em um curso majoritariamente ocupado por professores e professoras brancas e de classe média/alta, é muito significativo, representando um novo passo vanguardista dentro do Curso de Museus.

A falta de empregos é um problema de singular importância para a população jovem, principalmente a juventude negra e de outras comunidades racialmente oprimidas. Trata-se de uma preocupação para as mulheres jovens, em especial as minorias étnicas. (...) Imaginem se existissem medidas contundentes de ação afirmativa no mercado de trabalho e nas universidades para que a juventude negra, latina, asiática, indígena e das ilhas do Pacífico pudesse finalmente vencer um legado opressivo de racismo. Imaginem se as mulheres jovens tivessem exatamente as mesmas oportunidades que os homens jovens.¹¹⁸ (DAVIS, 2017, p.148).

Figura 48. Medalha pela Reparação da Memória Negra na Museologia Neyde Gomes de Oliveira – Rede de Museologia Kilombola, 2021.

Figura 49. Prof^a Fernanda Moro em sala de aula no Curso de Museus – MHN.



Rede de Museologia Kilombola, 2021; Acervo NUMMUS – Coleção Fernanda Moro.

Dentre as mudanças trazidas pela década de 1960 no Curso de Museus, podemos citar a segunda grande reforma curricular, acompanhando o crescimento e amadurecimento da Museologia no país. Nas décadas de 50 e 60 tem início um processo de articulação profissional: museólogos e outros profissionais do campo se organizam em associações de classe. Ainda em 1956, é organizado pela ONICOM – Comitê Nacional do ICOM, o primeiro Congresso Nacional de Museus e, em 1963, Regina Real cria a ABM – Associação Brasileira de Museologistas, epicentro das lutas pela regulamentação da profissão.

¹¹⁸ Discurso apresentado por Angela Davis na cerimônia de graduação na Berkeley High School (escola secundária pública no distrito escolar unificado de Berkeley, Califórnia), em 16 de junho de 1983.

A Reforma Curricular de 1966, realizada sob a coordenação da professora Nair de Moraes Carvalho¹¹⁹, foi direcionada à reorganização do currículo, com poucas alterações, e à estrutura administrativa do Curso. Após a Reforma são criados o Conselho Departamental e os Departamentos de Técnica de Museus, de História do Brasil, de História da Arte e de Antropologia. Segundo SÁ (2007, p. 30), esta nova estrutura passa a coadjuvar a Coordenação nos assuntos administrativos e acadêmicos.

Nesse contexto, uma segunda geração de professoras egressas do Curso de Museus é formada e somada às egressas de 30 e 40. Para além dos professores conferencistas, oito novas professoras mulheres passam a fazer parte do quadro de professores do curso durante a década de 1960. Esta crescente presença de professoras mulheres viria a se destacar de maneira ainda mais efetiva durante a década de 1970, quando dezoito mulheres, egressas da década de 1960, e outras formadas em outras áreas de conhecimento, como História e Sociologia, assumem a liderança de disciplinas¹²⁰. Apesar da atuação profissional das egressas pós 1962 (ano de formação das ingressantes de 1960) não ser abordada nessa tese, é importante enfatizar que o processo crescente de contratação dessas conservadoras de museus/museólogas foi resultado de uma conquista de cenário por parte dessas mulheres. Não se tratou de uma conjuntura permissiva para elas dentro do curso, e sim, consequência do empenho e destaque dessas profissionais no espaço da Museologia desde os primeiros anos de formação. A conservadora de museus/museóloga passou a ter domínio e, com isso, autoridade dentro da Museologia e do Patrimônio, afinal, ela estava presente na construção desse ambiente. Desta segunda geração docente (Tabela 10), destacamos as professoras Ecylla Castanheira Brandão (formada pela turma de 1953), Dulce Ludolf (turma de 1941), Solange Godoy (turma de 1961), Therezinha de Moraes Sarmiento (turma de 1958), Gilda Lopes (turma de 1942) e Maria Gabriella Pantigoso (turma de 1961).

¹¹⁹ Implantada a partir de 1967 e oficializada pelo Decreto nº 58.800, de 13 de julho de 1966, que aprovou o Regimento do Curso de Museus. (SÁ, 2007, op. cit., p.30.)

¹²⁰ Professoras Teresa Cristina Moletta Scheiner, Irene Zoffoli, Avelina Addor (socióloga), Celma Franco, Maria Aparecida Rezende Mota (historiadora), Maria de Lourdes Naylor Rocha, Maria Helena Bianchini, Marilda Monteiro, Helena Pavão, Liana Ocampo, Líbia Schenker, Loda Angeli, Lucienne Symonowics, Maria Lucila de Moraes Santos, Marisa Salomão (historiadora da Arte), Niuza Carauta (historiadora) e Violeta Cheniaux.

TABELA 10: PROFESSORAS DA SEGUNDA GERAÇÃO DOCENTE – INTEGRANTES DO QUADRO PERMANENTE DO CURSO DE MUSEUS NA DÉCADA DE 1960

Professora	Formatura Curso de Museus	Disciplinas ministradas
Ecylla Castanheira Brandão	1953	Pintura e Gravura (1964-1971) História da Pintura e Gravura (1972-1973) História da Pintura e Gravura I (1974) História da Pintura e Gravura II (1974) Técnicas e Processos Artísticos I (1975-1976) Museologia VI – Técnica de Museus (1976-1978)
Dulce Ludolf	1941	Sigilografia e Filatelia (1965, 1976-1978) Numismática (1967-1968, 1970, 1973) Numismática – Geral e do Brasil (1972, 1974-1975) Numismática I (1974-1985) Numismática II (1974-1985) Museologia VI – Técnica de Museus (1975)
Solange Godoy	1961	História do Brasil Independente (1968-1973) Estudos de Problemas Brasileiros (1973) História Militar e Naval do Brasil (1974, 1979-1982) História do Brasil II (1974-1976) História do Brasil III e IV (1976-1978) Estágio Curricular (1979-1982) Museologia I (1981-1982)
Sonia Gomes Pereira	1967	História da Arquitetura (1968-1973) História da Arte (1970) Técnica de Museus (1972-1973) Artes Decorativas (1973) História da Arte III (1974, 1976-1978) História da Arte IV (1976-1978) História da Arte I (1977-1978) Arte no Brasil I e II (1979-1981) Produção Artística no Brasil (1985-1994)
Therezinha de Moraes Sarmento	1958	Técnica de Museus – parte Aplicada (1968) Museografia (1974) Artes Menores I e II (1974-1976) Artes Decorativas (1974) / História da Arte IV (1974) Museologia III e IV – Mobiliário e Cerâmica (1974) Museologia VI – Técnica de Museus – Cerâmica (1975, 1977) Técnica de Museus – Mobiliário (1978-1983, 1996-1997) Técnica de Museus – VCCFP (1979, 1983, 1996-1997)
Gilda Lopes	1942	História da Arte Brasileira (1969-1974) História da Arte (1970) História da Arte II (1975-1976) Arte no Brasil I (1975-1976, 1978) Arte no Brasil II (1975-1978) História da Arte I (1975-1977)
Maria Gabriella Pantigoso	1961	Etnografia (1968) Antropologia (1970 – 1971) Antropologia I (1972-1974, 1976 – 2006) Antropologia II (1974, 1976-2006) Introdução ao Estudo das Ciências (1975-1978, 1982-1996) Antropologia III (1977)
Vera Tostes	1965	História da Arte Brasileira (1969-1970) Heráldica e Genealogia (1974-1995) Sigilografia e Filatelia (1974-1995) Pesquisa Museológica (1979-1984) Estágio Curricular (1987-1994)

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa realizada por SÁ, 2010.

A mulher de classe média da década de 1960, passa a ingressar na vida pública em (tentativa de) equilíbrio à vida privada. Foram anos marcantes para a nossa sociedade em termos de efervescência política e social. Para Lia FARIA (1997, p. 16), a preocupação com igualdade de gênero suplanta, em alguns momentos dos anos 60, “a mera discussão política entre capitalistas e socialistas, uma vez que a opressão à mulher e sua tentativa de libertação se processavam em ambos os regimes”. A autora conta que nesta época, surge um movimento rebelde que deu origem às lideranças femininas, instaurando novos valores participativos. E é nessa conjuntura que, em 1963, Betty Friedan, lança um dos livros mais importantes para a literatura moderna: a *Mística feminina*. Pregando a identidade individual da mulher, a ativista criticava a idealização da mulher dona de casa e chegava a dizer que isso se assemelhava a “estar num campo de concentração confortável”.

Os fatores econômicos foram e são influentes diretos na ascensão feminina no mercado de trabalho mais amplo durante o século XX. Caso contrário, as mulheres não estariam ainda enfrentando obstáculos relacionados às condições igualitárias de cargos e salários, qualidade de ocupações, além das humilhações ainda registradas. O fato é que as reivindicações do movimento feminista e as mudanças sociais de paradigmas relacionados a figura da mulher no âmbito público, se somam às mudanças econômicas da sociedade. Em dezembro de 2000, Rose Marie Muraro, escritora e membro-fundadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher¹²¹ escreve “O que querem as mulheres do século 21” na coluna Opinião da Folha de São Paulo. Neste artigo, a autora propôs que a participação efetiva da mulher no mercado de trabalho a partir de meados do século XX, serviu de configuração para o ideal de um novo modelo econômico, diferente dos modelos neoliberal, capitalista tradicional e mesmo do socialista convencional, onde o Estado controla a nação. “As decisões são tomadas de cima para baixo e impostas a um povo que se aliena de sua consciência coletiva e se fecha ao individual”. Em um modelo que transformaria a ideia de “unidade” em “consenso”, o sistema produtivo econômico aos poucos é modificado. E a mulher, teria a função de “transformar a própria natureza do poder”. Ela aponta que à época (ano 2000), as mulheres eram praticamente 50% da força de trabalho mundial e, no Brasil, 66% de todos os estudantes universitários (MURARO, 2022, n.p.). Segundo os dados do Censo da Educação Superior de 2018, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mostram uma queda de 9% desde 2000 da presença feminina no corpo discente das universidades brasileiras, representando 57% do total de matriculados em faculdades no país.

¹²¹ Patrona do Feminismo Brasileiro (lei sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006), foi ligada ao movimento católico de esquerda, foi da equipe de Dom Hélder Câmara e compartilhou trabalhos com Frei Leonardo Boff na Editora Vozes, dos franciscanos, onde publicou muitos trabalhos que a tornaram destacada nas lutas pela promoção social das mulheres desde os anos 60.

Nos últimos 30 anos, o crescimento de sua participação no mundo público foi o maior dos últimos quase 8.000 anos de história. É na segunda metade do século 20 que o feminino, a mulher, emerge como sujeito da história da mesma forma que o homem. (MURARO, 2000, n.p.).

Ainda nesse sentido, Kenia MEDEIROS (2016, p.184), aponta que nos anos 60 do século XX a “teoria do capital humano”¹²² foi divulgada como algo positivo, e celebrada como prova definitiva a respeito de um valor da educação. As implicações econômicas do valor da educação, passaram-na a ser vista como suporte necessário para o desenvolvimento do mundo do trabalho e do capitalismo. Dessa forma, a educação estaria subordinada ao campo da economia diretamente.

O fato de as mulheres serem maioria entre os estudantes universitários brasileiros é um evento relativamente recente, considerando que, em 1956, elas representavam 26% do total de matriculados/as e, em 1971, não passavam de 40%, como aponta Andreia Barreto (2014, p. 15) em "A Mulher no Ensino Superior: Distribuição e Representatividade". Nesse sentido, o Curso de Museus, já com status de Universidade Pública em 1951, se de mostra diferenciado em termos de comparação aos outros cursos do ensino superior. Quanto à participação feminina na docência superior, podemos destacar que a década de 1960 foi decisiva mundialmente nos primeiros passos em busca de uma igualdade de gênero no ambiente acadêmico. Houve, à época, uma tendência global de aumento do número de estudantes matriculados no nível superior de ensino, resultado de um processo de intensa expansão da educação terciária em diversos países, como apontam os dados levantados pela Equipe do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade do IFCS-UFRJ¹²³ em referência à Schofer e Meyer (2005).

Esse processo foi concomitante com uma maior participação de mulheres em níveis educacionais mais elevados, provocando uma reversão da tendência da desigualdade de gênero nesses níveis de escolaridade, favorecendo mulheres ao redor do globo, inclusive no Brasil. Segundo Alves (ALVES, José Eustáquio Diniz. (2003), *Mulheres em movimento: voto, educação e trabalho*. REM.), a reversão do hiato de gênero na educação foi a maior conquista das mulheres brasileiras no século passado. (SCHOFER; MEYER, 2005, p.898).

A partir desta análise da conjuntura de gênero no meio acadêmico da segunda metade do século XX, bem como a movimentação mais contundente do percurso da emancipação feminina na mesma época, destacamos a atuação de três professoras, egressas do Curso de Museus, que iniciaram sua carreira docente neste período. Ecylla Castanheira Brandão, Therezinha Moraes Sarmiento e Dulce

¹²² A Teoria do Capital Humano afirma que investimentos em educação e saúde podem aprimorar as aptidões e habilidades dos indivíduos, tornando-os mais produtivos, o que em larga escala pode influenciar positivamente as taxas de crescimento dos países. (...) Modelos de crescimento como os de Lucas (1988) e Romer (1990) consideram o Capital Humano como fator determinante do crescimento econômico, juntamente com o capital físico, a população empregada e o progresso tecnológico. (ANDRADE, Rita de. Teoria do capital humano e a qualidade da educação nos estados brasileiros. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2010, p. 4.)

¹²³ Disponível em <http://dados.iesp.uerj.br/segregacao-de-genero-ensino-superior/>. Acesso em dezembro de 2021.

Ludolf, com consistente atuação profissional na Museologia e no patrimônio, bem como na docência universitária.

A carreira docente da professora Ecylla Castanheira Brandão tem início ainda em 1959, na então Escola Nacional de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando substituiu a professora Lygia Martins Costa, também conservadora de museus¹²⁴, na disciplina História da Arte, em que o titular era o professor Mario Barata¹²⁵. Como professora na ENBA, foi a primeira responsável técnica pelo acervo na criação do Museu Dom João VI. Ecylla Brandão atuou 26 anos como professora universitária, se aposentando em 1985. No Curso de Museus, a professora ministrou 10 anos a disciplina História da Pintura e da Gravura, entre 1964 e 1974 (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 112), além das disciplinas de História da Pintura e Gravura, Técnicas e Processos Artísticos I e Museologia VI – Técnica de Museus¹²⁶. Ainda como professora, em 1971, ministrou o curso “Introdução à Museologia”, promovido pelo Governo de Santa Catarina, em Florianópolis. E, em 1973, um novo curso, “Técnicas Gerais em Museus”, na Universidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Ecylla Brandão foi pioneira na abordagem museológica no meio universitário na região Sul do país, hoje com três cursos de graduação em universidades públicas¹²⁷. Entre os anos de 1964 e 1966, em uma atuação além de suas responsabilidades como professora titular no Curso de Museus, incentivou os alunos a praticarem a expografia sob sua orientação, na organização de salões de artes plásticas com obras de ex-alunos e funcionários¹²⁸. Ecylla Brandão tinha uma ligação entusiástica com a Educação e a Educação em Museus e também foi vanguardista na abordagem em sala de aula e nos projetos educativos em museus, como bem aponta Ana Mae Barbosa:

No Brasil, o trabalho do arte-educador nos museus tem sido improvisado, desde os anos 50, quando Ecylla Castanheira Brandão e Sigríd Porto de Barros começaram a organizar os primeiros serviços educativos em museus, no Rio de Janeiro. (BARBOSA, 1989, p. 125).

¹²⁴ Anteriormente mencionada. Formada pela turma de 1939.

¹²⁵ Conservador de Museus formado pela turma de 1940.

¹²⁶ Portarias nº 5 de 20/04/1964, nº 10 de 06/05/1965, nº 9 03/03/1966, nº 10 de 20/03/1967, nº 58 03/06/1968, nº 41 de 29/05/1969, nº130 de 20/07/1970, nº14 de 05/07/1971 (Dados retirados do acervo do NUMMUS – Coleção Ecylla Castanheira Brandão)

¹²⁷ UFPel – Universidade Federal de Pelotas (Pelotas RS); UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre RS); UFSC i Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis SC).

¹²⁸ NUMMUS. Ecylla Castanheira Brandão: Reminiscência de Vida e Obra. UNIRIO, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4HbFcn2Kvxl&t=1173s>. Acesso em fevereiro de 2022.

Figura 50. Prof.^a Ecylla Brandão fazendo seu discurso como paraninfa da Turma de 1966 do Curso de Museus-MHN. Antigo auditório do MHN, 29-12-1966.

Figura 51. Prof.^a Ecylla Brandão com alunos do curso “Introdução à Museologia”, promovido pelo Governo de Santa Catarina, 1971.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Ecylla Castanheira Brandão.

Figura 52. UFRJ abre museu no Fundão. Jornal do Brasil, 24 de agosto de 1979.



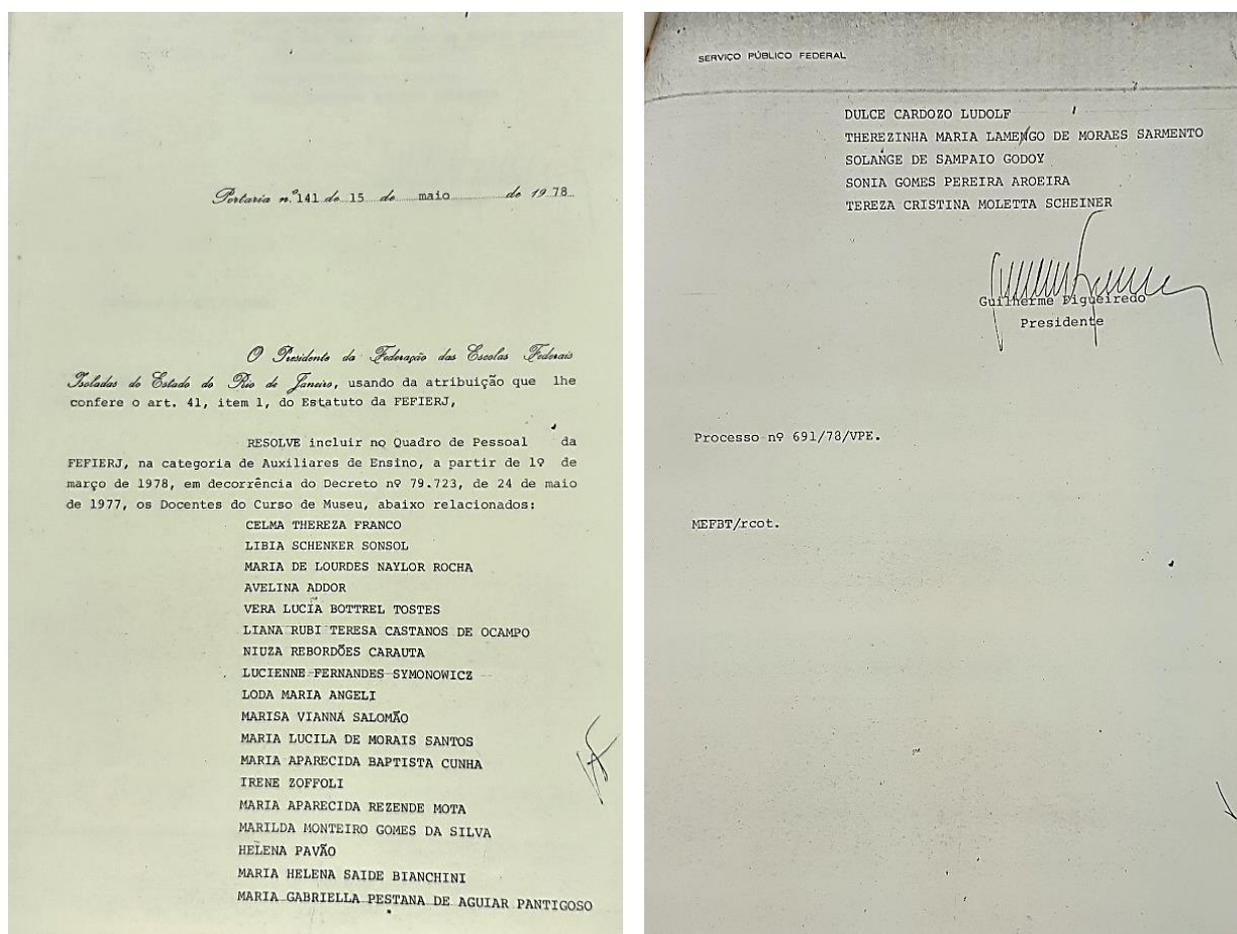
Fonte: JORNAL DO BRASIL. “UFRJ abre museu no Fundão”, 24 de agosto de 1979, 1º Caderno. (Hemeroteca BN)

A professora Solange Godoy, Therezinha de Moraes Sarmiento e Maria Gabriella Pantigoso, juntamente com a jovem professora Teresa Scheiner, integraram o grupo de professoras do Curso de Museus, egressas e parte da segunda geração docente que atuaram no processo de reformulação e transferência do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional para a FEFIERJ/UNIRIO. Essas professoras, com atuação iniciada a partir da década de 1960, assumiram disciplinas com posições de chefia de Departamento e coordenação do Curso. A transição do Curso de Museologia para a UNIRIO contou com a participação destas egressas e professoras da segunda e terceira gerações docente do Curso, o que garantiu a atualização do Curso e inserção definitiva na esfera acadêmica, liderada por professoras mulheres, como é referenciado no histórico do Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Museologia de 2007 e na Portaria nº 141 de 15 de maio de 1978, quando o então Presidente

da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ (futura UNIRIO), Guilherme Figueiredo, inclui no Quadro Pessoal da FEFIERJ, na categoria de Auxiliares de Ensino¹²⁹, os docentes do Curso de Museus: 23 professoras, listadas na imagem abaixo (Figs. 53 e 54).

Em 1974, sua duração (do Curso de Museologia) foi ampliada para quatro anos e, em 1977, o Curso foi incorporado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro – FEFIERJ, continuando, no entanto, a funcionar nas instalações do MHN. Pelo Decreto lei nº 66.655,05/06/1979, a FEFIERJ passou a denominar-se Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO e, em agosto deste mesmo ano, o Curso foi transferido do MHN para o antigo prédio do CCH, na Urca. Neste período em que o Curso ingressa efetivamente no âmbito universitário, foi marcado pelo trabalho dos museólogos que lideravam o Curso, seja como Coordenadores ou como Chefes de Departamento, destacando-se o Prof. Diógenes Guerra, a Profª. Dulce Ludolf, a Profª. Therezinha de Moraes Sarmiento e a Profª. Gabriella Pantigoso. Nas décadas de 1970 e de 1980, o Curso de Museologia modernizou-se com as reivindicações das professoras Tereza Scheiner, Celma Tereza Franco, Liana Ocampo, Maria de Lourdes Naylor Rocha e Violeta Cheniaüx. (ALMEIDA; SÁ; CHAGAS, 2007, p. 13-14).

Figuras 53 e 54. Portaria nº 141 de 15 de maio de 1978 – Cópia.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha de Moraes Sarmiento.

¹²⁹ Em decorrência do Decreto nº 79.723, de 24 de maio de 1977.

Dulce Ludolf formou-se pela turma de 1941, ainda com o primeiro currículo do Curso de Museus, e, sendo nomeada Conservadora Classe H do MHN (Portaria nº12 de 03/10/1944¹³⁰) em 1944, acompanhou as mudanças curriculares e demais configurações do Curso durante mais de quarenta e cinco anos. Foi nomeada Decana do Centro de Ciências Humanas – CCH em 1988, segundo consta no boletim de junho deste mesmo ano:

Nºs 719 a 721, DE 12 DE JULHO DE 1988 – Mantém na Função Comissionada de Decano do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, desta Universidade, o Professor Titular WALDEMAR KISCHINHEVSKY, Função Comissionada de Decano do Centro de Ciências Humanas, desta Universidade, a Professora Assistente DULCE CARDOZO LUDOLF e na Função Comissionada de Diretor da Biblioteca, desta Universidade, a Professora VERA LUCIA DOYLE LOUZADA DE MATTOS DODEBEI. (UNIRIO, 1988).

Dulce Ludolf conciliou uma notável carreira como Conservadora do Museu Histórico Nacional e especialista em Numismática enquanto assumiu diversos cargos de chefia e coordenação no Curso de Museus, posteriormente, Curso de Museologia. Segundo SÁ e SIQUEIRA (2007, p. 59), foi Chefe do Departamento de Ciências Sociais do Curso de Museus – MHN (1975), Chefe do Departamento de Museologia e Vice-Coordenadora do Curso de Museologia – UNIRIO (1983-1984), Coordenadora do Curso de Museologia (1984-1985); Decana-Substituta (1985-1986), além se assumir o cargo acima mencionado de Decana do CCH-UNIRIO entre 1988 e 1989.

Figura 55. Apresentação do Projeto Memória da Museologia do Brasil e criação do NUMMUS, 2005. Dulce Ludolf, Nair de Moraes Carvalho, Ecylla Castanheira Brandão, Mariettinha Leão de Aquino e Niuza Carauta.
Figura 56. Formatura Curso de Museus, 1941. Professora Nair de Moraes Carvalho está sentada à frente da formanda Dulce Ludolf.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção NUMMUS e Dulce Cardozo Ludolf.

A Professora Therezinha de Moraes Sarmiento, diplomada pelo Curso de Museus em 1958, foi uma importante pesquisadora nas áreas de Mobiliário, Vidro, Cristal, Cerâmica, Faiança e Porcelana,

¹³⁰ Acervo NUMMUS.

sendo membro do ICOM, a partir de 1962, onde integrou os Comitês do Vidro, Conservação e Artes Aplicadas. No Curso de Museus, começou a ministrar aulas no ano de 1968, onde permaneceu como professora até 1993¹³¹, já no Curso de Museologia da UNIRIO. Therezinha Sarmiento também foi a Primeira Diretora da Escola de Museologia de 1989 a 1992, ligada à Decania do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) da UNIRIO. Em sua coleção, doada ao NUMMUS em 2016, encontramos muitos documentos possuidores de informações acerca dos contratos, nomeações e salários durante sua trajetória na docência em Museologia.

Nos dois contratos a seguir (Fig. 58), da Professora Therezinha Sarmiento, vemos os termos estabelecidos e diferenças quando de seu pagamento como conferencista de NCr\$ 10,00 por conferência realizada; quando de sua contratação como “auxiliar de ensino”, na então FEFIERJ. Como professora contratada pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ, o salário era de sete mil cento e setenta e seis cruzeiros por mês, em 1978, com jornada de trabalho de 20 horas semanais.

Figura 57. Contrato de trabalho Prof.^a Therezinha Sarmiento, professora conferencista do Curso de Museus – MHN, 30 de março de 1969.

Figura 58. Contrato de trabalho Prof.^a Therezinha Sarmiento, Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, 29 fevereiro de 1980.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
DOCUMENTO N.º

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
SEÇÃO DE AULAS
Rio de Janeiro, 30 de março de 1969

O Professor Conferencista THEREZINHA MARIA LAMPOS DE MORAES SARMIENTO ministrou 4 conferências a NCr\$ 10,00, e executou trabalhos diversos a NCr\$ 10,00 por hora, perfazendo um total de NCr\$ 460,00 a ser pago em 31.3.69, constante do D.O. Suplementar nº 265 de 27/02/1969 pag. 2734.

PAGUE-SE
M.H.N. EM 24/03/69

OR : 4 horas de trabalhos diversos.

Therezinha Maria Lamos de Moraes Sarmiento
SOPRELETA

Therezinha Maria Lamos de Moraes Sarmiento
COORDENADOR

RECEBI A INFORMACÃO DE NCr\$ 80,00 (OITENTA CRUZEIROS NOTOS) xxx

Therezinha Maria Lamos de Moraes Sarmiento
(Assinatura do Professor Conferencista)

CVC/Av.

CERTIFICADO S
DECLARO QUE OS SERVIÇOS FORAM PRESTADOS.
M. H. N. EM 24.5.1969

CONTRATO DE TRABALHO
(PARA O MAGISTÉRIO)

Contrato de trabalho por prazo determinado que entre si fazem a FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS FEDERAIS ISOLADAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, empresa que desenvolve a atividade de Ensino Superior com sede nesta Capital, à Avenida Presidente Vargas, 1733, neste ato denominada simplesmente "EMPREGADORA", e o Sr. THEREZINHA MARIA LAMPOS DE MORAES SARMIENTO, portador da Carteira de Trabalho nº 54948, série 403, doravante chamado "EMPREGADO", mediante as seguintes condições:

- Obrigou-se o empregado além de executar com dedicação e lealdade as funções de AUXILIAR DE ENSINO, cumprir o regulamento interno da Empregadora, as instruções de sua administração e as ordens de seus chefes e superiores hierárquicos relativas às peculiaridades dos serviços que lhe forem confiados.
- A Empregadora pagará ao Empregado o salário de Cr\$ 7.176,90 (SETE MIL CENTO E SETENTA E SEIS CRUZEIROS) por mês.
- A jornada de trabalho será de 20 horas semanais, a serem cumpridas, segundo os horários escolares pre-estabelecidos.
- O prazo de duração do presente contrato é de 02 (DOIS ANOS) a contar desta data.
- Para todos os efeitos legais, o Empregado será regularmente registrado na Empregadora, de conformidade com o artigo 41 da Consolidação das Leis do Trabalho.

E por estarem de pleno acordo, assinam ambas as partes este contrato, em duas vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

Local e data: RIO DE JANEIRO, 29 DE FEVEREIRO DE 1980.

VENCIMENTO: 29/02/1980

TESTEMUNHAS:
Therezinha Maria Lamos de Moraes Sarmiento
Diretor do Departamento de Pessoal

Therezinha Maria Lamos de Moraes Sarmiento
Empregado

Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha de Moraes Sarmiento.

¹³¹ Volta a dar aula em 1996, como professora substituta. (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 137.)

Em 1974, Therezinha Sarmiento e mais sete professoras do Curso de Museus¹³² aparecem no Diário Oficial da União¹³³ na Relação de empregos do Departamento de Assuntos Culturais, conforme transformação em servidores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho dos colaboradores com atividades de magistério¹³⁴. Nele estão fixados os salários/hora e despesas estimadas das “auxiliares de ensino”: Cr\$20 a hora de aula e salário mensal de Cr\$1.260¹³⁵. No mesmo D.O.U, verificamos os valores e denominações de Bernardo P. de Oliveira, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Escola Superior de Agricultura). Bernardo aparece igualmente como auxiliar de ensino, com salário hora Cr\$20 e mensal de Cr\$1.260.

A partir da década de 1970, se fez prática comum lançar mão de mecanismos restritivos de contratação de pessoal nos quadros permanentes das entidades vinculadas ao Sistema de Pessoal Civil da União. Nesta época, as autarquias universitárias, principalmente, viram-se obrigadas a transformar uma prerrogativa de caráter eventual e específico, facultada pela Lei n.º 9 6.182/74, a medida de uso permanente e generalizado de recrutamento e de admissão de docentes: a contratação de professores Colaboradores. Os professores “colaboradores” desenvolviam atividades acadêmicas pouco diferenciadas daquelas exercidas pelo corpo docente regular.

Na publicação "A Isonomia no Contexto da Política de Recursos Humanos das Instituições Federais do Ensino Superior", do Ministério da Educação em 1989, a prática é analisada como integrante de medidas de cunho legalista, que objetivaram solucionar mais problemas de ordem trabalhista pela regularização da vida funcional do servidor, do que dotar o Sistema Federal de Ensino Superior, de recursos humanos numérica e qualitativamente adequados ao seu desenvolvimento. “Apenas um paliativo, uma válvula de escape usada, uma e outra vez, sempre que a pressão reprimida ameaça degenerar em agente desestabilizador do Sistema.”¹³⁶

Nesse contexto, a Lei n.º 9 6.182/74 acompanhou uma prática que, desde a década de 1940 era realizada pelo MHN para suprir a falta de verba e liberação para contratação dos professores necessários para compor o quadro permanente do Curso de Museus, como demonstra a folha de pagamento dos funcionários do curso em 1949 (Fig. 59). Tratando com igualdade salarial entre professoras e professores era mantida no pagamento como conferencistas, sendo pagos de acordo com número de conferências ministradas.

¹³² Dulce Cardozo Ludolf, Carmen Correa Quadros, Gilda Marina de Almeida Lopes, Maria Gabriella Pantigoso, Lucia Maria da Silveira, Solange Godoy Sampaio Fonseca e Sonia Gomes Pereira.

¹³³ D.O.U. Seção I, 28 janeiro de 1974.

¹³⁴ Artigo 111 do Decreto-Lei n° 200, de 25 de fevereiro de 1967.

¹³⁵ Previdência Social – 8,00% – 9.676,80; Salário-Família – 4,30% – 5.201,24; F.G.T.S. – 8,00% – 9.676, 80; 13° salário – 1,20% – 1.451,52; Seguro Acidente de Trabalho – 1,67% – 2.020,03.

¹³⁶ BRASIL. Coordenadoria de Apoio às Insituições de Ensino Superior. A Isonomia no Contexto da Política de Recursos Humanos das IFES na década de 80. Brasília, 1989, p. 60.

Figura 59. Folha de pagamento dos Professores do Curso de Museus correspondente ao mês de dezembro de 1949.

FOLHA DE PAGAMENTO DOS PROFESSORES DO CURSO DE MUSEUS CORRESPONDENTE AO MÊS DE DEZEMBRO DE 1949					
Matrícula	NOME	Cargo	Cadeira	Nº de horas	Tôtal a pagar
221 029	Gustavo Botê Barroso	Diretor	História do Brasil História Militar e Naval do Brasil Técnica de Museus	18	900,00 ✓
217 946	Edgar de A. Romero	Conser. cl M	Numismática	10	500,00 ✓
223 269	Jenny Dreyfus	" " I	Sigilografia e Filatelia	10	500,00 ✓
	José Francisco Felix de Maris		Pintura e Gravura	4	200,00 ✓
	Anna Barrafatto		História daArte	8	400,00 ✓
	Nair de Moraes Carvalho		Escultura	4	200,00 ✓
	Pedro Calmon		Arquitetura	2	100,00 ✓
	Oswaldo Mello Braga de Oliveira		Hist. da Arte no Brasil	14	700,00 ✓
	Diogenes Vianna Guerra		Etnografia - Arqueologia	2	100,00 ✓
	Mario Antonio Barata		Artes Menores	10	500,00 ✓
	Alfredo Solano de Barros		Examinador	22	1.100,00 ✓
				104	5.200,00

OBSERVAÇÕES:
 Gratificação por hora de aula - Cr\$ 50,00.
 A despesa corre a conta da Lei n. 557, de 14 de dezembro de 1949.
 Despacho n. 2, de 11 de fevereiro de 1949, na importância de Cr\$ 75.000,00.
 Disposição legal ou regulamentar que autoriza o pagamento: art. 107, item IV, do decreto-lei n. 1 713, de 28/X/39 e art. 3º e 4º do art. 5º, do decreto-lei n. 6 689, de 15/VII/44.
 Importa a presente folha de pagamento em CINCO MIL E DUZENTOS CRUZEIROS.
 Em 21 de dezembro de 1949
 Nair de M. Carvalho
 Coordenador

Fonte: Arquivo MHN – Relatórios, Curso de Museus e Acervo Gustavo Barroso, Curso de Museus. Proc. 12.532/49 – Anexo Proc. 9871/49 – Adiantamento de Despesas.

Segundo Maria Simone EUCLIDES (2017, p. 119), em sua tese “Mulheres Negras, Doutoras, Teóricas e Professoras Universitárias: desafios e conquistas”, considerando a perspectiva de gênero, a análise desta no âmbito educacional e científico tem um forte peso e se faz necessária uma problematização “de modo a compreender as nuances concernente a trajetórias acadêmicas e profissionais para mulheres e homens”. Isso ocorre pelo fato de a feminização do espaço escolar ser reduzida à medida em que se avançam os níveis de ensino. Ainda hoje, quanto maior o nível, menor chance de serem encontradas as participações femininas. Ela ainda acrescenta que, dentro da lógica de discussão de gênero e ciência, como já destacado por Léa VELHO e Elena LÉON (2012, p. 315); “os homens enquanto provedores teriam o trânsito livre para realizarem a travessia científica, (ao saírem da graduação ingressam logo no mercado de trabalho ou teriam tempo mais flexível para a investidura do ofício de pesquisador)”. Para a autora, “romper com os laços e os estereótipos culturais é um desafio constante”.

No Curso de Museus o desafio teve um panorama um pouco diferente. O fato de o trabalho nos museus junto ao exercício do magistério não serem encarados num caráter transitório ou provisório pela grande maioria das formandas do Curso, levou ao recrudescimento da figura feminina na Museologia. A dominância do gênero feminino no Curso de Museus, bem como sua persistência, vinculado ao pequeno número de profissionais formados nos anos de consolidação da área, foram determinantes para o que hoje chamamos de Museologia.

Figura 60. Entrega da Medalha de Honra ao Mérito Cultural à Escola de Museologia da UNIRIO. Ao centro, Profª Nair de Moraes Carvalho, decana do Curso de Museologia, recebendo das mãos do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a Medalha de Honra ao Mérito Cultural, concedida à Escola de Museologia. Ao seu lado esquerdo, o Ministro da Cultura Gilberto Gil e o Prof. Ivan Coelho de Sá, diretor da Escola de Museologia. Ao seu lado direito, Profª Malvina Tuttman, então Reitora da UNIRIO, e a primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva, 2006.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Escola de Museologia.

CAPÍTULO 3
UM OLHAR VOLTADO PARA O LEGADO DA
MULHER NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA NO
BRASIL

3. UM OLHAR VOLTADO PARA O LEGADO DA MULHER NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA NO BRASIL

3.1 OS PRIMEIROS CONCURSOS PÚBLICOS PARA CONSERVADORES DE MUSEUS

Em 1936, durante a Era Vargas, é instituído o Conselho Federal do Serviço Público Civil, através da Lei nº 284¹³⁷. O Conselho tinha, entre outras competências: estudar a organização dos serviços públicos e propor ao Governo qualquer medida necessária ao seu aperfeiçoamento; promover a realização dos concursos de provas, de títulos, ou de provas e títulos, para provimento de cargos administrativos e técnicos, organizar os programas dos referidos concursos e nomear as respectivas bancas examinadoras, bem como fixar as normas gerais que deveriam ser observadas nas respectivas inscrições; além de homologar e dar publicidade à classificação dos candidatos. A criação deste Conselho se estabeleceu como um primeiro passo de uma reforma na administração pública brasileira, onde foram agrupadas as carreiras de funcionários públicos civis, sendo então precursor do DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público, criado em 1938:

Dois anos mais tarde, em 1938, é criado o DASP; Departamento Administrativo do Serviço Público, em substituição ao Conselho. Competia ao Departamento fornecer assessoria técnica ao Presidente e elaborar propostas orçamentárias. Estas propostas resultaram efetivamente na elaboração de concursos públicos. (SEOANE, 2016, p.60).

Procurava estabelecer uma maior integração entre os diversos setores da administração pública, tinha como objetivo principal a seleção de pessoal administrativo, através do sistema de mérito¹³⁸. O sistema de mérito implantado pelo DASP partiu do pretenso de afastar as ocupações de cargos públicos dos interesses privados e político-partidários. Desta maneira, a política pública se envolveria em diferentes setores da sociedade, remetendo-se a um período de centralização estatal.

Felipe Brasil, Vera Cepêda e Tiago Medeiros¹³⁹, em “O DASP e a Formação de um Pensamento Político administrativo na década de 1930 no Brasil”, qualificam essa reforma na administração pública, como uma primeira experiência de reforma de largo alcance, inspirada

¹³⁷ BRASIL. Lei N° 284, de 28 de outubro de 1936. Reajusta os quadros e os vencimentos do funcionalismo publico civil da União e estabelece diversas providencias.

¹³⁸ O termo meritocracia foi utilizado à época para justificar um critério imparcial de avaliação para o ingresso ao serviço público.

¹³⁹ BRASIL, Felipe Gonçalves; CEPÊDA, Vera Alves; MEDEIROS, Tiago Batista. O DASP e a Formação de um Pensamento Político administrativo na década de 1930 no Brasil. UNESP, São Paulo, 2014, p. 15. (21p)

“no modelo weberiano de burocracia e tomava como principal referência à organização do serviço civil americano”. Ela estaria voltada para a administração de pessoal, de material e do orçamento, para a revisão das estruturas administrativas e para a racionalização dos métodos de trabalho.

Segundo Fernanda RABELO (2011, p. 134), a criação do DASP foi resultado do surgimento de uma “elite especializada”¹⁴⁰ no Brasil, durante a década de 1930. Essa elite teria conjugado “o espírito de reformas com uma nova visão da administração pública, associada a um projeto de governo de expansão das capacidades administrativas, centralizando-as”. Formada por funcionários pertencentes a diferentes ministérios, esse grupo assumiu cargos de chefia de divisões e seções no DASP, selecionados e escolhidos por Simões Lopes¹⁴¹, então presidente do Departamento. E, através dos interesses dos seus integrantes, o DASP organizava os orçamentos, classificava cargos do funcionalismo, introduziu novos métodos e novas técnicas para os serviços burocráticos, organizava os processos seletivos de funcionários por meio de concurso meritocráticos e criava cursos de aperfeiçoamento em administração pública, pioneiros no país.

O sistema de ingresso ao serviço público, por se estabelecer em uma estrutura impessoal de seleção, pode levar a crença da inexistência de desigualdade de gênero no setor público. Não devemos confundir o processo de seleção com o caminho percorrido pelas mulheres até esse lugar de possibilidade. A chamada meritocracia, que se contrapunha ao sistema aristocrático, acabou por trazer uma falsa ideia de solução de contrastes. Michael Sandel, autor do livro “A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?”, destaca que a ideia de merecimento de sucesso dos que chegam ao topo é uma ilusão. E que, se as oportunidades são verdadeiramente iguais, os “deixados para trás” também são merecedores

¹⁴⁰ “A utilização do termo elite/elite burocrática se relaciona aos conceitos de N. Bobbio, que confere à elite a posição de uma minoria que detém o poder, em relação a uma maioria que é privada do mesmo, detendo controle no campo político, ideológico e social ao qual ela está inserida (BOBBIO, 1992:386) e de M. Weber, que avalia que a elite burocrática, um dos três tipos de dominação política existente no Estado moderno, exerce um papel de dominação racional da sociedade, centrada em estatutos e na disciplina de serviço (WEBER, 1986:30).”

¹⁴¹ Luis Simões Lopes. Liderou o processo de reforma administrativa no Estado Novo. Indicado pelo Presidente Vargas à direção do Conselho, posteriormente Departamento. Engenheiro agrônomo e político brasileiro, nascido em Pelotas, em 1903. Em 1938 foi nomeado para a diretoria do Departamento, deixando o cargo em 1945 com o fim do governo Vargas. No mesmo ano, assumiu a presidência da recém-criada Fundação Getúlio Vargas. Começou a pensar na sua criação, ainda em seu período no DASP. Segundo Luis Simões Lopes, em entrevista para a própria fundação, a partir de sua experiência com os concursos brasileiros, verificou a falha no ensino de uma área específica, a Economia.

Simões Lopes acreditava que o funcionalismo público era ineficiente devido, principalmente, à má formação do mesmo e à inexistência de concursos sérios. Ele afirmava que os concursos, na época, eram alvos de “grossas bandalheiras”, e que a lei que instituiu o CFSPC acabou criando uma “norma de trabalho dentro do serviço público brasileiro”. (LOPES, Luís Simões. Luís Simões Lopes II. Depoimento de 1990. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003.)

do mesmo destino (SANDEL, 2020, p. 10). Para além das dificuldades sociais encontradas pelas mulheres na formação superior e entrada no mercado de trabalho, existiam alguns obstáculos em termos de aceitação no aparelhamento público. Em 1942, um boletim do DASP traz o assunto da presença feminina nas repartições públicas como uma problemática:

A prática vem demonstrando que certas funções publicas não devem ser exercidas por mulheres. Ainda agora o ministro da Fazenda sugeriu ao D.A.S.P. a conveniencia de só permitir inscrição de candidatos do sexo masculino ao concurso a ser aberto para o preenchimento de 150 lugares de contador, classe H, creados recentemente na Divisão do Imposto de Renda. (JORNAL A CRUZ, 1942, p.3).

Esse trecho, divulgado pelo jornal “A Cruz”, não apenas traz o assunto do boletim divulgado pelo Departamento, como também aponta outras ocasiões em que o DASP bloqueou o acesso de mulheres a concursos para determinadas carreiras.

É oportuno lembrar não ser essa a primeira restrição feita às atividades das mulheres em determinadas funções publicas. No Ministério do Exterior, por exemplo, ha muito não podem elas concorrer aos cargos da carreira diplomatica, realmente improprios para o sexo, por motivos obvios que nem precisam ser ressaltados. Mas, no proprio Ministerio da Fazenda essa incompatibilidade se vem observando com maior frequencia e nas carreiras de policia-fiscal, agente-fiscal do imposto de Consumo, coletor e escrivão de Coletoria, não se admitem mais funcionarios do sexo feminino, "dadas as circunstancias especialisimas em que se processa a função fiscalizadora. (JORNAL A CRUZ, 1942, p.3).

Percebemos, neste trecho, que a principal questão opinativa da incompatibilidade da mulher em serviços públicos, para o autor, seria a movimentação da mulher fora do ambiente doméstico. O jornal “A Cruz” foi um periódico publicado por diferentes arquidioceses brasileiras durante o século XX e trazia temas polêmicos e críticos sobre feminismos, mulheres, espiritismo, protestantismo, maçonaria, entre outros. Neste caso, editado pela Paróquia de São João Baptista, do Estado do Rio de Janeiro, o texto tem um teor muito conservador e preconceituoso.

São, realmente, se grande interesse e conveniencia estas determinações do D.A.S.P.. Dirigido por autoridades competentes, este Departamento agora focalizou um assunto que já estava requerendo, mesmo, maior soma de ponderação. E com estes novos postulados sobre a mulher na função pública, ele pode resolver, satisfatoriamente, um problema que o momento crítico fez surgir em nosso mundo apressado e super-dinamico.

Não é de hoje que a classe feminina – talvez por sua propria culpa – tem desempenhado práticas que não condizem bem com seu organismo fisico e psicologico, nem correspondem á sua função social e humana. As tristes consequencias nem sempre se prevêem. Já se alarmou, até, contra certos desportos cultivados pelas jovens e um desacordo completo com a organização física da mulher. Si certa feição esportiva, a prejudica, que se

dirá do trabalho da repartição, cujos efeitos não são apenas de ordem física, mas também psicologia, mental, moral, social?

A vida anormal que estamos vivendo estabelece todos estes desencontros profissionais. Não se pense que a maioria das funcionárias públicas são-no por simples diletantismo ou para adquirirem certa independência em relação aos pais ou aos maridos. Na maior parte, são-no forçadas pela necessidade do momento.

Este problema ficará, sim, resolvido, quando a mulher puder e quiser convencer-se de que o seu trabalho mais digno, mais apropriado, mais normal, é o labor doméstico. (A CRUZ, 1942, p.3)

Em 1940, as mulheres representavam uma parcela muito pequena dos inscritos em concursos do DASP. De 4.854 inscrições em março deste ano, 881 eram de mulheres¹⁴², ou seja, apenas 18,15%. O jornal “A Noite”, no artigo “Cada vez menor o número das candidatas!”, de 25 de março de 1940, destaca que houve uma grande diminuição da procura feminina pelos concursos, se comparados aos dos anos anteriores¹⁴³. Ainda aponta o exemplo de um concurso para industriários, onde 50% dos inscritos eram mulheres. O “Diário de Notícias”, de abril do mesmo ano (Fig. 61), traz a perspectiva e estatísticas de inscrições após vinte e seis dias da publicação de “A Noite”.

O exame das estatísticas dos concursos permite, de início, expressiva observação: diminui o número de candidatos do sexo feminino, que está hoje reduzido a uma porcentagem de 25% do total das inscrições. Vejamos as cifras: inscreveram-se 1.141 candidatos, sendo 1.038 do sexo masculino e 103 do feminino; em fevereiro, em 843 candidatos inscritos, houve 706 masculinos para 137 femininos. Em março, inscreveram-se 3.399 candidatos, 2.676 masculinos e 663 femininos. Até o dia 19 de abril, houve 2.066 inscrições, sendo 1.535 de homens e 531 de mulheres. Isto é, de janeiro a 19 de abril do ano corrente, somente nesta capital, registraram-se 7.389 inscrições, divididas em 5.955 para o sexo masculino e 1.434 para o feminino. Se examinarmos as estatísticas de alguns concursos, **mesmo daqueles adequados às mulheres** (grifo nosso), como o de Oficial Administrativo, encontraremos apenas a porcentagem de 30% para os candidatos do sexo feminino. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1940, p.7).

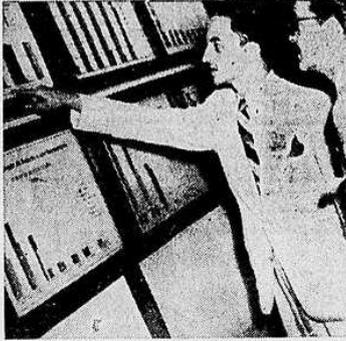
¹⁴² A NOITE. “Cada Vez Menor o Número das Candidatas!”, 25 de março de 1940, Ano XXIX n.1010, p. 3. (Hemeroteca BN)

¹⁴³ Provavelmente o jornal se refere ao período de 1936 a 1939, desde a criação do Conselho Federal do Serviço Público Civil, através da Lei nº 284.

Figura 61. “Cada vez menor o numero das candidatas!”, “O professor Murilo Braga¹⁴⁴ mostra à NOITE os gráficos mais significativos dos últimos concursos”. A Noite, 25 de março de 1940.

CADA VEZ MENOR O NÚMERO DAS CANDIDATAS!

AS MULHERES E OS CONCURSOS PARA PROVIMENTO DE CARGOS PÚBLICOS — EXAMINANDO AS ESTATÍSTICAS DO DASP — MILHARES DE ENVELOPES DE INSCRIÇÕES PARA OS CARGOS DE ESCRITURÁRIO E OFICIAL ADMINISTRATIVO — A “READAPTAÇÃO” — CORRIGINDO AS PROVAS



O professor Murillo Braga mostra à NOITE os gráficos mais significativos dos últimos concursos

do-nos com grande gentileza, o Sr. Murilo Braga facilitou à NOITE o exame dos arquivos e dos diagramas da sua Divisão, dando-nos a conhecer resultados curiosos e interessantíssimos.

Os concursos

Os concursos realizam-se em todo o território nacional, dentro de normas homogêneas e critérios únicos. Tivemos ocasião de ver que só para os dois concursos de Escriturário e Oficial administrativo, abertos, já foram enviados para Minas 800 envelopes de inscrição, para São Paulo 600, para Pará 1.150, para a Bala 400, para o Rio Grande do Sul 700. No Distrito Federal já foram distribuídos 900 envelopes.

Para facilitar ao candidato a inscrição nos concursos, o DASP distribui envelopes contendo instruções, programas, cartões de inscrição e um requerimento-ficha, que, preenchido pelo candidato, passa depois a fazer parte do arquivo da Divisão.

Correspondência particular

Uma novidade introduzida no Dasp é a correspondência particular com os candidatos. O Sr. Murillo Braga mostrou-nos centenas de cartas vindas de todos os Estados e dos rincões mais longínquos do país.

— São todas respondidas imediatamente — diz o diretor do Dasp. — O candidato sentirá que o nosso desejo é ampará-lo o mais possível, fazer com que ele possa demonstrar plenamente a sua capacidade.

As inscrições

Pelo numero de envelopes enviados, prevê-se que as inscrições nos Estados serão em gran-

Fonte: A NOITE. “Cada vez menor o numero das candidatas!”, 25 de março de 1940, Ano XXIX, n.10100, p. 3. (Hemeroteca BN)

3.1.1 OS PRIMEIROS CONCURSOS PARA CONSERVADORES DE MUSEUS: DÉCADAS DE 1930-1940

Nesse contexto, o primeiro concurso para Conservadores de Museus ocorre em 1939, durante a diretoria de Luis Simões Lopes. Em 6 de outubro de 1939, são publicadas as normas e procedimentos para a realização do concurso, intitulado “Concurso para Provimento em Cargos da Classe inicial da Carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde”. Em termos de avaliações, o concurso se resumia em cinco etapas: elaboração de monografia, apresentação oral da mesma, prova escrita, prova prática (classificação de objetos) e prova de idioma estrangeiro, conforme podemos constatar no Edital¹⁴⁵ e nas Instruções para o Concurso publicadas pela Imprensa Nacional em 1939 (ANEXO 2):

- a) Apresentação de uma Monografia, com estudo inédito relativo a um dos seguintes temas: Períodos da história monetária brasileira; O numerário português, aplicado à colônia do Brasil; A moeda espanhola do Prata no Brasil, a partir de 1583; Moedas do 2º reinado; Primeiro e segundo sistemas monetários, a carimbagem do cobre pelas províncias, pelas revoluções e pelos particulares; Terceiro sistema monetário; Armaria, sobretudo relativa ao Brasil; Heráldica, sua origem, história, finalidade, vantagens do

¹⁴⁴ Diretor da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do DASP.

¹⁴⁵ Edital de Seleção do Concurso para Conservador de Museu do DASP, 25 de agosto de 1939. (Coleção Regina Liberalli – NUMMUS)

conhecimento; Heráldica portuguesa; Heráldica brasileira; Pinturas e gravuras, suas variedades, como reconhecê-las, como classificá-las; Manifestações artísticas no Brasil, desde o período colonial até nossos dias; Missão artística francesa (1816) e sua influência nas artes; Principais escolas de pintura e seu ambiente social na história; Restauração e conservação das obras de arte; Papel dos museus na vida moderna. b) Defesa oral da Monografia apresentada; c) Prova escrita com os seguintes temas: História do Brasil: O ciclo do açúcar e a escravidão de índios e negros; A ação dos Jesuítas na colonização do Brasil; As invasões estrangeiras: ingleses, franceses e holandeses; A restauração de Portugal no Brasil; O ciclo do ouro. As bandeiras; A projeção exterior do Império. Guerra do Prata; O movimento da Independência – 1808 a 1822; A guerra da Independência – 1823-1821; O Reinado. O parlamentarismo. A organização do Brasil no Segundo Reinado; A abolição e a República. História da Arte: A expressão das esculturas grega e romana; Pintura; As escolas francesas de pintura e sua influência brasileira; As escolas brasileiras de pintura; A arquitetura barroca jesuítica e sua repercussão no Brasil; A influência renascença francesa na arquitetura e escultura do Aleijadinho; Mestre Valentim e sua obra; A arte religiosa brasileira; A evolução da pintura cristã; Confronto entre a pintura de Vítor Meireles e Pedro Américo; A evolução da gravura no Brasil. d) Prova prática de Technica de Museus, classificando um objeto; e) Prova de Idioma. (MES, 1939).

Podemos perceber um conteúdo de avaliação totalmente voltado para o que estava presente nas disciplinas do Curso de Museus do MHN, única instituição que promovia o ensino do trabalho em museus. Além disso, das “condições de inscrição”, se exigia a apresentação do diploma do Curso de Museus. No que se refere ao peso das notas para a classificação, as avaliações que mais valiam eram a apresentação oral da Monografia e a prova prática de Técnica de Museus (3 e 3 pontos), o restante das avaliações valiam 2 pontos, demonstrando assim a necessidade do saber prático em relação aos acervos.

Participaram deste primeiro Concurso os alunos formados pelo Curso de Museus: Regina Monteiro Real, Regina Liberalli, Yolanda Marcondes Portugal, Luiz Marques Poliano, Nair de Moraes Carvalho, Elza Peixoto Ramos, Octavia de Castro Corrêa, Adolpho Dumans, Maria Helena Neves e Silva, Maria Torres de Carvalho Barreto e Lygia Martins Costa. O Concurso tinha o objetivo de selecionar candidatos para ocupar cargos no Museu Histórico Nacional e no recém-criado Museu Nacional de Belas Artes:

No Salão nobre da Escola Nacional de Bellas Artes, teve logar hoje, o inicio das provas de selecção para o provimento de cargos de conservadores de museus, do Ministerio da Educação e Saude. Constituindo o facto uma verdadeira novidade, pois é a primeira vez que no Brasil se realiza um concurso de tal natureza, grande foi o numero de pessoas que assistiu o acto. (...) Os candidatos que forem classificados no concurso, destinam-se ao preenchimento de vagas existentes no Museu Nacional de Bellas Artes e no Museu Histórico Nacional, podendo ainda ser aproveitados em outros museus subordinados ao Ministerio da Educação. (1939, n.p.) (UM

CONCURSO INÉDITO NO BRASIL: EM PROVAS OS CANDIDATOS A CONSERVADORES DE MUSEUS, 1939. [s.n.].¹⁴⁶

Figura 62. Recorte do jornal "O Globo", de 3 de janeiro de 1940, que comunica o início das provas de seleção para cargos de conservador de Museus, do Ministério da Educação e Saúde.

Figura 63. Recorte de jornal "A Noite" que ilustra uma fotografia mostrando o aspecto do salão de honra do Museu Nacional de Belas Artes, quando era arguido o Sr. Oliveira Junior sobre a tese apresentada para tomar parte no concurso de Conservador de Museus do Ministério da Educação e Saúde.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli.

Dos 13 candidatos inscritos, foram aprovados 10, 8 mulheres e 2 homens, em ordem de classificação: 1 – Luiz Marques Poliano, 2 – Elza Peixoto Ramos, 3 – Regina Monteiro Real, 4 – Yolanda Marcondes Portugal, 5 – Regina Liberalli, 6 – Nair de Moraes Carvalho, 7 – Octavia de Castro Corrêa, 8 – Lygia Martins Costa, 9 – Maria Torres de Carvalho Barreto e 10 – Adolpho Dumans. A predominância feminina no resultado, viria a definir o contexto de gênero na atuação em museus das próximas décadas.

¹⁴⁶ Recorte do jornal "O Globo", de 3 de janeiro de 1940, que comunica o início das provas de seleção para cargos de conservador de Museus, do Ministério da Educação e Saúde. (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli)

Elza Ramos Peixoto, formada na turma de 1938, defendeu a tese “Missão Artística Francesa e sua influência nas artes”. Foi nomeada Conservadora do Museu Nacional de Belas Artes, no qual foi Chefe da Seção Técnica e Diretora-substituta.

Regina Monteiro Real, formada na turma de 1937, apresentou a tese “O Papel dos Museus na Vida Moderna”, trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes durante dezessete anos, entre 1937 e 1954 e foi a idealizadora da Associação Brasileira de Museólogos – ABM, criada em 1963. Em sua monografia, Regina Real aborda temas ainda muito poucos trabalhados e que viriam a ser pauta de discussões em congressos mais de vinte anos mais tarde, entre as décadas de 1950 e 1970, como os recursos educacionais e a função social do museu. A seguir, o sumário da monografia apresentada ao DASP, disponível no Anuário do MNBA nº 2 de 1940:

O Papel dos Museus na Vida Moderna

I) Histórico:

- a) evolução e concepção de museus através da história
- b) tendência modernas
- c) museus nacionais, especialmente o Museu Nacional de Belas Artes

II) Atividades museográficas:

- a) organização dos museus de um modo geral e o que deles se solicita
- b) preparação de conservadores

III) Finalidades atuais dos museus:

Missão educativa dos museus científicos, históricos e artísticos

- a) Educacional: Programas de curso de arte; Museu, livro e reproduções
- b) Social: Museu – elemento social; Museu – elemento de paz; Museu – Museu protetor do patrimônio artístico da Nação

IV) Finalidade última: cultura

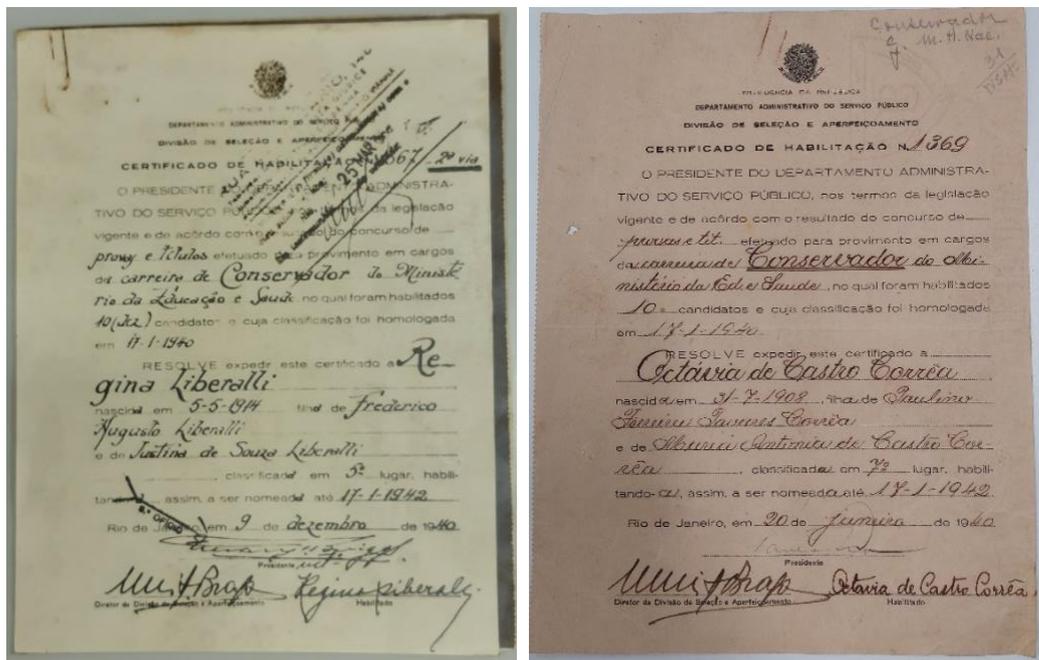
Anexo: Descrição sumária de alguns museus nacionais. (MNBA, 190, p.26).

Yolanda Marcondes Portugal, também formada pela turma de 1937, defendeu a tese “Períodos da História Monetária Brasileira”, se tornou Conservadora da Seção de Numismática do Museu Histórico Nacional e foi professora de Numismática do Curso de Museus.

Regina Liberalli, também formada pela turma de 1937, apresentou a tese “Conservação e Restauração de obras de arte”, nomeada Conservadora do Museu Nacional de Belas Artes onde permaneceu até se aposentar. Em sua monografia, Liberalli apresentou estudos avançados de exames científicos em obras de arte, sendo pioneira na produção científica feminina no tema da Preservação/Restauração. O campo, que tem uma produção consistente iniciada durante o século XIX, foi dominado por autores homens, e podemos perceber isso na bibliografia utilizada pela Conservadora de Museus em sua monografia (ANEXO 5) apresentada ao DASP, com nomes exclusivamente masculinos, como os de Jean-Georges Vibert, Émile Antoine Bayard, Giovanni Secco Suardo e Kelmüt Ruhemann.

Figura 64. Certificado de habilitação nº1567, à Regina Liberalli na carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1940.

Figura 65. Certificado de habilitação nº1369, à Octavia de Castro Corrêa na carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1940.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleções Regina Liberalli Laemmert e Octavia de Castro Corrêa.

Nair de Moraes Carvalho, formada pela turma de 1936, defendeu a tese “Armaria – Sobretudo relativa ao Brasil”, nomeada Conservadora do Quadro Permanente do Ministério de Educação e Saúde com exercício no Museu Histórico Nacional.

Octavia de Castro Corrêa, diplomada pela turma de 1938, defendeu a tese “Moedas do Segundo Reinado”, foi nomeada Conservadora da Seção de História do Museu Histórico Nacional, e, em 1952, sucedeu a Gustavo Barroso como professora de Técnica de Museus.

Lygia Guedes Martins Costa, formada na turma de 1939, defendeu a tese “Da circulação da prata no Brasil nos séculos XVI e XVIII”, nomeada para o Museu Nacional de Belas Artes, onde trabalhou entre os anos de 1940 e 1952 transferindo-se depois para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, onde atuou até se aposentar na década de 1990.

Maria Torres de Carvalho Barreto, também formada pela turma de 1939, defendeu a tese “A circulação do ouro em pó e em barra”, sendo nomeada Conservadora pelo Museu Nacional de Belas Artes.

É interessante observar que em um Relatório de Atividades elaborado por Gustavo Barroso em 1939, encaminhado ao Ministério da Educação e Saúde Pública, o diretor ressalta o amadurecimento do Curso e o relaciona ao concurso realizado pelo DASP. Além disso, comenta a ideia do desenvolvimento de uma reforma no regulamento do Curso.

Ainda com o seu serviço burocrático sem perfeita organização, não são poucos os percalços encontrados, não só no que diz respeito aos assentamentos dos alunos, como a falta de coordenação dos trabalhos. Impõe-se a organização de normas pelas quais se oriente o Curso, doravante. Por isso, a Diretoria prepara uma reforma do seu regulamento e está organizando fichas individuais para os alunos – com o que se regularizará a situação para o futuro, providenciando quanto aos que já fizeram o Curso anteriormente. É necessário obviar, com a experiência já adquirida, a uma série de falhas notadas, até porque, com isto, se dará ao Curso uma projeção maior e maior valimento externo. (BARROSO, 1939).

O primeiro Concurso para Conservadores de Museus e os outros que foram promovidos pelo DASP nos anos seguintes, foram muito importantes para o desenvolvimento dos museus recém-implantados, além de terem criado uma reserva de trabalho para os alunos, que se tornaram pioneiros nos principais museus da época. Trabalhando com acervos inexplorados, estes Conservadores de Museus se depararam com a missão premente de estudá-los, identificá-los, classificá-los e catalogá-los (SÁ, 2007, p. 25).

Figura 66. Participantes do Concurso de 1939-1940 junto a parte da banca e outros funcionários do DASP. Em pé, da esquerda para a direita, as mulheres: Maria Helena Neves e Silva, Octavia Corrêa de Oliveira, Lucília Ferreira, Lygia Martins Costa, Maria Torres de Carvalho Barreto, Regina Real, Nair de Moraes Carvalho e Elza Ramos Peixoto. Sentada, Ana de Alencar, funcionária do DASP que secretariou o concurso.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho.

Ainda em 1940, é realizado um novo concurso, exclusivo para o MNBA. As aprovações obtidas para o quadro de conservadores do museu não foram suficientes para preencher as vagas oferecidas. Nessa segunda etapa, também organizada pelo DASP, os valores de nota de currículo são reestruturados¹⁴⁷ e o diploma do Curso de Museus perde valor, passando de 240 para 160 pontos na contagem de títulos. Com isso, abre oportunidade para uma segunda tentativa para Manoel Constantino Gomes Ribeiro¹⁴⁸, que elabora uma monografia (Restauração e Conservação das obras de Arte) com a mesma temática, e quase o mesmo título que Regina Liberalli (Conservação e Restauração de Obras de Arte).

Nesse segundo concurso do DASP em 1940, são inscritos: Sergio Diogo Teixeira de Macedo, Maria José de Moraes Limongi, Manoel Constantino Gomes Ribeiro, **Alfredo Theodoro Russins, Nilza Maria Villela Botelho**, Edgard Walter Simmons, Carlos Felinto Cavalcanti, **Mario Antonio Barata, Fortunée Levy, Jenny Dreyfus, Luis de Mendonça**, Antonio dos Santos Oliveira Junior, Raul Julio Rosencrantz, Nair Brunner Rosas e Lucilia Ferreira.¹⁴⁹ (grifo nosso para as Conservadoras e Conservadores de Museus formados pelo Curso do MHN). São aprovados, em ordem de colocação: Jenny Dreyfus (média final 78.73), Fortunée Levy (média final 76.46), Manoel Constantino Gomes Ribeiro (média final 74.80), Alfredo Teodoro Russins (média final 69.93), Nilza Maria Vilela Botelho (média final 67.20) e Carlos Felinto Cavalcanti (média final 62.40)¹⁵⁰. Percebemos assim, que apesar da mudança de pontuação sobre os formados pelo Curso de Museus, as três mulheres egressas inscritas foram aprovadas no concurso, apesar do número de vagas reduzido neste processo seletivo em relação ao primeiro. Esse fato reforça o empenho e a qualidade acadêmica destas profissionais. Jenny Dreyfus, Fortunée Levy e Nilza Maria Villela Botelho passam a fazer parte do quadro de Conservadores Classe “G” do MHN.

No ano seguinte, em 1941, é então aberto o terceiro concurso para Conservadores de Museus promovido pelo DASP – Concurso n. 53¹⁵¹. Realizado entre o ano de 1941 e 1942, teve as inscrições abertas até 18 de setembro de 1941¹⁵². Neste processo seletivo temos o feito inédito de Mario Barata, egresso do Curso de Museus, em sua segunda tentativa para aprovação do cargo do Ministério da Educação e Saúde, que obteve uma média recorde (96.50)

¹⁴⁷ Instruções Especiais da Portaria n° 430 de 16 de fevereiro de 1940. (Anuário do MNBA n°2, 1940, p.24 – Acervo NUMMUS).

¹⁴⁸ Pintor formado pela Escola Nacional de Belas Artes.

¹⁴⁹ D.O.U. Seção I, de 15 de julho de 1940.

¹⁵⁰ D.O.U. Seção I de 19 de outubro de 1940.

¹⁵¹ D.O.U. Seção I, de 3 de setembro de 1942.

¹⁵² A NOITE, 27 de agosto de 1941, Ano XXXI, n°10612, p.7.

e passou em primeiro lugar¹⁵³. Seguido dos também novos conservadores: Mario José da Silva Cruz (76.15), **Marfa Barbosa Vianna** (74.71), **Dulce Cardoso Ludolf** (71.15), Raul Júlio Rosencrantz (70.49), **Haydée Di Tomaso Bastos** (66.66), Alfredo Rei do Rego Barros (60.00). Dulce Ludolf é locada no MHN, enquanto Marfa Barbosa Viana se divide, durante a década de 1940 entre MHN, MNBA e Museu Imperial de Petrópolis, inaugurado em 1940. Haydée Bastos foi a primeira conservadora a trabalhar no Museu Imperial e, no final da década de 1940, também atuou junto ao Museu Casa de Rui Barbosa (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 57-60).

Em 1944, é aberto pelo Ministério da Guerra um concurso para conservador de museus do Hospital Central do Exército. As informações sobre a entrega de certificado de habilitação foram publicadas pelo “O Jornal” de 16 de agosto de 1944¹⁵⁴. No dia 21 do mesmo mês, é publicado pelo Diário Oficial da União a admissão do médico Wilson Airton de Almeida para o cargo através de uma “prova de habilitação para extranumerário mensalista”¹⁵⁵.

Dois anos depois, em 1946, é aberto o quarto concurso promovido pelo DASP para Conservadores de Museus – Concurso n. 191¹⁵⁶. Esse processo tem o maior número de inscritos, com vinte e sete concorrentes e egressos do Curso de Museus: **Gilda Marina de Almeida (diplomada em 1941)**, **Nancy Domingues de Paula Barreto (diplomada em 1941)**, **Haydée Nicolussi (diplomada em 1944)**, **Carmen Correia Quadros (diplomada em 1942)**, **Orlandino Seitas Fernandes (diplomado em 1944)**, **Clóvis Bornay (diplomado em 1946)**, **Regina Henri (diplomada em 1944)**, **Florinda Delgado Stamato (diplomada em 1942)**, **Edillis Freitas Bokel (diplomada em 1942)**, Aniza Moniz Aragão de Lemos (inscrita em 1943, não concluiu o curso), **Nésia do Carmo Ferreira (diplomada em 1944)**, **Lígia Gonçalves de Azevedo (diplomada em 1943)**, **Mary Haas (diplomada em 1944)**, **Marehm Markenson (diplomada em 1944)**, **Luís de Mendonça (diplomado em 1939)**, **Geraldo Pitaguary (diplomado em 1944)**, **João Ângelo Labanca (diplomado em 1946)**, **Ana Maria Antunes Piergili (diplomada em 1944)**, **Angela Maria de Castro Lira Pôrto (diplomada em 1943)**, **Maria Auxiliadora Tosta Santos Silva de Siqueira (diplomada em 1947)**, **Moema Maria Lira Seixas (diplomada em 1944)**, **Altair Pimenta de Moraes (diplomado em 1943)**, **Dulce da Silva Rebelo (diplomada em 1943)**, **Carmen Flóra Cabral (diplomada em 1944)**, **Zilah Maria Pederneiras Fontainha (diplomada em 1944)**, **Pedro Gibrão**

¹⁵³ Durante a década de 1940, Mario Barata atua como Conservador do MHN, MNBA e SPHAN, em anos sincrônicos. (SÁ; SIQUEIRA, 2007, op. cit. p. 57.)

¹⁵⁴ O JORNAL, 16 de agosto de 1944, Ano XXVI, n. 7455., p.6.

¹⁵⁵ D.O.U. Seção I, 28 de julho de 1944.

¹⁵⁶ D.O.U. Seção I, 3 de junho de 1946.

Moreaux (diplomado em 1942), **Diógenes Viana Guerra** (diplomado em 1943) e Carlos da Silva Teixeira (único inscrito que não teve passagem pelo Curso de Museus do MHN). O concurso é suspenso e reaberto apenas em 1950. À época, é menor o número de inscritos e são então habilitados, em julho de 1950¹⁵⁷ (Processo n. 3286-50), Gilda Marina de Almeida (com média final de 77.92), Clovis Bornay (com média final de 69.49), Orlandino Seitas Fernandes (com média final de 67.74) e Sigrid Porto Barros (com média final de 64.80). Sigrid Barros, recém diplomada pela turma de 1949, aproveitou a possibilidade da reabertura do concurso que teve pausa de quatro anos. O mesmo não ocorreu com a maioria dos outros candidatos, egressos do curso, que se inscrevem para o concurso em 1946, mas não participam desta reabertura da seleção. Com exceção de Diógenes Viana Guerra, que tem sua atuação voltada para o magistério no Curso de Museus, e Geraldo Pitaguary que atua no campo dos museus, apesar de não ser classificado neste concurso, os outros candidatos, abdicam da carreira de conservador de museus após o cancelamento em 1946. Algumas das conservadoras inscritas neste ano vão para outras áreas onde passam em concursos públicos, como o caso de Carmen Quadros que atua em Biblioteconomia e Mary Haas, que atua como Assistente Social.

A suspensão do concurso de 1946 pode ter causado uma lacuna na provisão de novos conservadores, principalmente, conservadoras de museus, no mercado de trabalho da década. A ideia de diminuição de possibilidades pode ter desencorajado muitas das egressas da década de 1940 a manter-se na profissão.

3.1.2 HAYDÉE NICOLUSSI E O CONCURSO DO DASP

Haydée Nicolussi, formada pela turma de 1944, foi uma das candidatas desistentes de 1946. Em dezembro do mesmo ano, escreve ao “O Jornal”¹⁵⁸, onde era colunista, um artigo intitulado “Clima de Angústia”, que se refere diretamente à sua tentativa no Concurso promovido pelo DASP.

Antes de analisarmos o texto publicado em 1946, faremos uma análise do perfil e biografia de Haydée Nicolussi, nascida em 14 de dezembro de 1905, na cidade de Alfredo Chaves – ES, escritora inserida na segunda fase do modernismo brasileiro.

¹⁵⁷ D.O.U. Seção I, 10 de julho de 1950.

¹⁵⁸ O JORNAL, 13 de dezembro de 1946, Ano XXVIII, n. 8170, p.2. (Hemeroteca BN)

Além de escritora, Haydée Nicolussi atuou como tradutora, bordadeira, professora de inglês no ginásio São Vicente de Paula, Secretária no curso superior de Cultura Pedagógica em Vitória e escrituária do Ministério da Saúde e Educação¹⁵⁹. Considerada uma mulher de vanguarda, e sendo declaradamente feminista, Haydée era simpatizante do Partido Comunista, opositor ao governo de Getúlio Vargas. Através de críticas à burguesia, à tradição e aos padrões de ordem sociais e culturais, a escritora publicou em diversos jornais e revistas até o final da década de 1960. Haydée falece no Rio de Janeiro no ano de 1970. Segundo Júlia ALMEIDA (2020), em seu artigo “O discurso paratópico de Haydée Nicolussi: literatura e política”, explica que é no cenário do início da década de 30 que Haydée, já morando entre Rio e São Paulo, é detida e fichada. Em 1932, na cidade de São Paulo, ela é conduzida a prestar depoimento no Rio de Janeiro. Segundo o prontuário de polícia, Haydée teria sido presa na casa de “perigoso comunista russo” por estar “envolvida em propaganda comunista”¹⁶⁰. (Gabinete de Investigações da Política do Estado de São Paulo, 18/03/1932). A reação de Haydée é noticiada pelo vespertino paulista “Folha da Noite” de 11 de março de 1932, coincidentemente, quatro dias após a inauguração do Curso de Museus do MHN. É publicado em “O Jornal”, no Rio de Janeiro, em 19 de março, dias depois, um “protesto”, que, ainda segundo Júlia Almeida, “expressa muito bem a ambiência do início dos anos 30 da perspectiva da intelectualidade de esquerda”:

Com o título “Duas agitadoras deportadas para Rio, a “Folha da Noite” paulista tentou passar me ontem o contraditório diploma de “agitadora”, “melindrosa” e “vitamina” (!) dos contos do vigário de um pobre operário perseguido, que talvez a estas horas esteja sofrendo as piores torturas nas “liberais” prisões do Estado. Não há nada que irrite tanto os medíocres como a superioridade de espírito, não se cansam de repetir todos os intelectuais desde o tempo de Stendal. Quando um jornal se serve do ridículo para amparar as blagues de qualquer poder que teme, não dá provas de estar tentando senão esmagar as inteligências conscientes e indomáveis. A polícia paulista chamou, realmente, ontem, à delegacia (quase com resistência policial!), três mulheres indefesas, presas em sua própria residência, sem a menor prova de serem as mesmas MILITANTES de ideias subversivas. Das três, a única intelectual era a signatária do presente protesto, em cujo poder se achavam os seguintes papéis: notas anticlericais, um conto de ficção para ser dados à publicidade aos “Diários Associados”, de cujo corpo de colaboradores faço parte, e um “carnet” de pensamentos extraídos de vários autores, ou seja, das fontes mais diversas, desde S. Paulo, o apóstolo teólogo, defensor da ideologia cristã, até Augusto Forel, defensor da educação sexual! Por Lenine e Marx estarem inclusos no meio desses pensadores escolhidos, e a autora de contos fantasistas e artigos anti-clericais estar residindo entre

¹⁵⁹ Lotada na Secretaria da Escola Nacional de Belas Artes.

¹⁶⁰ Citações do documento do Gabinete de Investigações da Política do Estado de São Paulo, expedido em 18/03/1932, constante do Prontuário 17.198, de Haydée Nicolussi.

peças pobres, não há motivo para a violência e o ridículo de que a fizeram vítima. (O JORNAL, 1932).

Haydée volta a ser presa em 1935, um mês após o Levante dos quartéis, conduzido por militares de esquerda sob a regência de Luís Carlos Prestes e da Aliança Nacional Libertadora – ANL. Junto a ela, inúmeras outras mulheres escritoras e intelectuais são presas em uma cela de mulheres na Casa de Detenção, no Rio de Janeiro, considerada a primeira prisão política feminina (ALMEIDA, 2020, p. p. 29), incluindo Maria Werneck e Olga Benário. Em 1988, Maria Werneck, em seu livro “A sala 4: a primeira prisão política feminina”, descreve Haydée (WERNECK, 2020, p. 49-50), apelidada de “Buraco da Pororoca”:

A referência ao “buraco da pororoca” me obriga a explicar o que era. Foi um apelido dado por Haydée Nicolussi. Haydée era jornalista paulista. Aparecera certo dia na Sala 4. Fora presa em São Paulo. Era alegre, crítica, caçoava de tudo, imitava os trejeitos de cada uma de nós, mas de modo tão simpático que não a incompatibilizava com ninguém. Pouco dizia de si e se dava bem com todas. Como chegou, saiu, sem que se soubesse mais dela. Eu achava Haydée simpática, por seu ar despreocupado. Sua vontade de inventar teatro distendia o ambiente. (...) (Apud. ALMEIDA, 2020, p.49-50).

Em uma entrevista ao jornal *Diário da Manhã*, Haydée lamentou não haver um curso, à época, voltado para a carreira de Letras, explicitamente sua paixão. Para ela, faltava à Literatura ser considerada uma “arte especializada em instituto”, como era o caso da pintura, escultura e música. Na sua opinião, caso esta não estivesse “à margem de outras cátedras”, ela poderia ter tido outras oportunidades precocemente: “como os discípulos ricos que contam com professores particulares, um canudo de diretrizes certas debaixo do braço. Mas éramos pobres, papai comprava os livros e revistas nacionais que podia, eu tinha que aproveitar os empréstimos circunstanciais”. Podemos perceber que a escolha pelo Curso de Museus e o fato dela não chegar a exercer a profissão de conservadora de museus, envolveu diversos fatores diferentes da maioria das outras egressas, o que faz da carreira e história de Haydée Nicolussi, única e inevitável de destaque. Ao mesmo tempo, podemos concluir que, diferente de uma visão comum de que as concluintes do curso que não seguem a carreira nos museus e na museologia, apenas por escolhas de fundamento social, como o casamento, estaria equivocada. É notório que estas escolhas eram diretamente ligadas às oportunidades em um “mercado de trabalho” recém-aberto.

Figura 67. Haydée Nicolussi, década de 1940.



Fonte: Haydée Nicolussi. Blog de divulgação da obra de Haydée Nicolussi, a primeira escritora modernista capixaba. Criado pelos alunos da disciplina Laboratório de Práticas Culturais: Seminário de Extensão II do Curso de Letras da UFES.¹⁶¹

Nesse sentido, podemos analisar o artigo referente ao Concurso DASP de 1946 para Conservadores de Museus, publicado em “O Jornal”, onde Nicolussi aborda a angústia vivida como inscrita nessa primeira (e única) tentativa de se tornar Conservadora de Museus do Ministério da Educação e Cultura. A escritora inicia o texto com a contextualização de uma fábula lida por ela quando criança na revista “Eu Sei Tudo”, da Companhia Editora Americana S.A.:

Quando eu era pequena recorde-me de ter lido esse conto estranhíssimo no “Eu Sei Tudo”: certo cavaleiro fôra condenado por uma acusação qualquer. Da culpa imputada não tenho bem memória nem mesmo se era realmente culpado ou inocente. Sei apenas que a condenação foi uma longa reclusão e que seus amigos não o abandonaram. Depois de muitos anos penando num sombrio porão medieval, uma tarde ele recebeu a visita de alguém (seu advogado ou o Diretor da Penitenciária, talvez) que lhe comunicava ter sido feita uma revisão do seu processo (ou terem os amigos apresentado fiança), de modo que sua pena fôra encurtada e dentro de um ano ele seria posto em liberdade. E ainda: que nesse mesmo dia, coincidindo as festas de Ano Novo, ele seria homenageado com um grande banquete, oferecido por todos os seus companheiros de classe.

A notícia trouxe à alma do nosso herói uma luz nova, como é de imaginar. Desde então ele passou a contar, dia por dia, o escoamento do último ano de penitência. Com um carvão arranjado não sei onde, fez um calendário de risquinhos na parede. (...) Fazia projetos, vendo-se na última noite, já solto, em traje de gala, caminhando para o salão florido do banquete, cintilante de luzes e de vestidos femininos vaporosos, enquanto a champanha côm de aurora espumejava nas taças e os alegres convivas reencenavam com êle aquelas fogosas conversações dos tempos idos, sôbre os altos negócios que sempre lhe ocuparam o espírito. (...)

¹⁶¹ Criado em 2020, para o Projeto de Extensão Gente do Benevente (UFES), coordenado pela Professora Júlia Almeida. Disponível em: <https://sites.google.com/view/poetaerevolucionaria/in%C3%ADcio>. Acesso em fevereiro de 2022.

Na última semana ele estava nervoso, febril e duvidava de sua própria razão. Não seria tudo aquilo um delírio? Que significariam aqueles risquinhos na parede? Por que os fizera? E até quando, em verdade, êle permaneceria naquele cárcere, ao qual de tal modo se habituara que enxergava tudo o que queria no escuro? Aquela prometida liberdade não seria uma fantasia de sua imaginação?

Durante as últimas vinte e quatro horas ele rodou dentro da cela como um louco manso, aproximando-se e afastando-se do calendário todo riscado na parede, onde só restava, como um derradeiro marco fantástico, um risquinho de pé, esperando a rajada de metralhadora do carvão para derrubá-lo de sua imperturbável postura de sentinela em guarda contra o ultimo dia de liberdade do prisioneiro.

E a sua angústia foi tal, ao se escoarem aquelas ultimas horas, minuto a minuto, segundo por segundo, que, no ultimo instante, quando já se ressoavam no pátio mais próximo os rumores das pisadas daqueles que viriam libertá-lo, o homem não aguentou mais: enlouqueceu repentinamente e, com uma arma, que aparece no conto não me lembro como, suicidou-se. (NICOLUSSI, 1946, p.2).

Após o relato do conto trágico, a escritora, em caráter metafórico e, podemos assim dizer, crítico, compara o processo de espera da liberdade do condenado, com os preparativos e estudos para o concurso que ela havia se inscrito. Para ela, que demonstra claramente a condição das mulheres de classe média baixa no mercado de trabalho, as próprias condições dos concursos públicos seriam cruéis. Muito a frente de seu tempo, Haydée Nicolussi estaria discutindo a invalidez do conceito da meritocracia, antes mesmo deste existir:

Tal trágica história que deixou a minha alma infantil em suspense, há muitos anos atrás, e que agora retorna à minha memória, nesses últimos dias de preparativos para um concurso no DASP.

No meu país, os candidatos a concurso são quase sempre filho de uma classe condenada pela miséria: a pequeno-burguesia.

Durante anos a fio, esses heróis anônimos, que não são nem operários totalmente analfabetos, nem granfinos, de posse de uma meia instrução provinciana deficiente e sem nenhum recurso econômico, que lhes permita seguir qualquer profissão liberal ou explorar uma pequena indústria, lutam com colocações indecorosamente mal remuneradas, em horários exaustivos, que não lhes concedem sequer vagares para estudar e melhorar a condição. Qualquer proposta de melhoria ocasional está subordinada a duas derrotas de ordem moral: se for homem terá de submeter-se ao papel de espião dos próprios companheiros. Se for mulher, terá de converter-se em amante do possível patrão generoso...

Afinal, não havendo outra solução, curtem miséria honradamente, consumindo as noites destinadas ao descanso em vigílias de estudo para os clássicos Concursos. No fim de três, quatro anos de espera, finda sob uma tempestade de angústias a maratona em que se devem dar por muito felizes não serem eliminados nas provas de sanidade física ou mesmo de habilitação profissional... entra em cena aproximadamente com outras palavras o último dispositivo dos famigerados concursos populares: "O candidato que, no fim de dois anos não for nomeado será invalidado, tendo de submeter-se a novas inscrições e novo Concurso..."

Isso num país dito civilizado e em pleno século XX... (NICOLUSSI, 1946, p.2).

Haydée Nicolussi ainda discorre sobre a complexidade do Curso de Museus, a quantidade de conteúdo das disciplinas e até mesmo uma desvalorização que o Curso teria no cenário externo por pessoas que desconheciam a real proposta curricular.

Ainda não procurei tomar conhecimento dos dispositivos que regem os concursos para preenchimento dos cargos técnicos para os quais não podem ser nomeados interinos. Quero poupar as últimas reservas nervosas.

Desempregada há vários anos, estudei para um curso técnico: Conservador de Museus.

Eu era interina do Museu de Belas Artes. Escrituário. Sabia que o carguinho provisório durara apenas um ano e que teria de decidir-me. (...) E ainda me recordo da dúvida que Carlos Drummond de Andrade argumentava analisando os programas do DASP: "Dos Cursos de Arte o mais rápido é o de Conservador de Museus. Dois anos. (Isto em 1943. Mais tarde foi ampliado para três. (...))

O programa era sedutor: "apenas" História do Brasil, História da Arte, Arqueologia, Numismática e Técnica de Museus. (...) Quem lê aquele programa só com cinco matérias e supõe que vai nadar em lagôa rasa acaba com água acima do pescoço. (NICOLUSSI, 1946, p.2)

Haydée então encerra o artigo enfatizando a dificuldade do caminho percorrido durante a formação e dúvidas sobre as possibilidades de avaliação dentro do concurso público. Para ela, o "Clima de Angústia" se referia ao medo de ter o mesmo final do personagem do conto do início do artigo. Mas, apesar de podermos confirmar a teoria com o cancelamento do concurso de 1946, destacamos que Haydée ultrapassou a barreira da angústia e continuou a construir uma sólida carreira como escritora.

(...) Na verdade suamos um bocado. E ainda esperamos demais. Porque não foram apenas aulas diurnas no curso e idas e vindas diárias da Biblioteca para o Patrimônio Histórico, do Patrimônio para o Gabinete Português, consultando dezenas de livros sobre cada assunto. Foram noites e noites de vigília, compondo, resumindo todas as notas coligidas para a formação de cada ponto. Mil fichas grandes, para uso pessoal de cada um, meia dúzia de cadernos gordos, fora o que se aprende diretamente nos livros, eis no que se resume o trabalhinho de qualquer estudante modesto e mais ou menos organizado de Museologia.

E Deus queira que não acabemos como aquele homem do conto lido em minha infância: louco e morto de angústia de tanto esperar por libertação cuja hora custou demais a soar. Sim, senhores.

Tão impossíveis nos aparecem de repente todas as possibilidades desse Concurso, dependendo ainda, como depende, não apenas de nosso coeficiente, penosamente adquirido, mas também dos mais imprevisíveis critérios daqueles que nos irão julgar, eliminar ou selecionar... (NICOLUSSI, 1946, p.2)

Talvez possamos dizer que, no caso de Nicolussi, o que poderia ser compreendido por ela como o fim de um percurso, abriu portas para que ela seguisse o caminho da profissão que

ela estava destinada e por falta de formação superior na área, pensou não ser o certo a seguir. Mas não podemos dizer o mesmo de todos os outros inscritos de 1946. Muitos, ou melhor, muitas egressas, encararam a suspensão do processo seletivo como a falta de perspectiva de um prisioneiro, muito bem descrito por Haydée Nicolussi.

Figuras 68 e 69. Ficha de Matrícula no Curso de Museus do MHN / Histórico Escolar de Haydée Nicolussi (1943-1944).

CURSO DE MUSEOLOGIA
(Decreto n.º 21.121, de 7 de Março de 1932)

Sr. Diretor do Museu Histórico Nacional,

Haydée Nicolussi nascida em Alfredo Claves
(NOME POR EXTENSO) (LOCAL)

Estado de Espírito Santo a 14 de 12 de 1912
(DATA DO NASCIMENTO)

Filha de João Nicolussi e de Franca Rosa Pinheiro Nicolussi
(NOME) (NOME)

Albino Junção pública domiciliada em 4
(ESTADO CIVIL) (PROFISSÃO)

Rua Barão de Itaipava, nº 8, apto 202, tel. 48-5346
(ENDEREÇO E TELEFONO)

vem requerer de V. Exa. a sua matrícula no Curso de Museologia, para o que junta os documentos abaixo relacionados.

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1943
Haydée Nicolussi

DOCUMENTOS:

1. Of. n.º 78 do diretor do Museu Nacional de Belas Artes, pedindo matrícula (10 de maio de 1943).
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Recebi os documentos acima.

Em _____

Assinatura _____

ANOTAÇÕES
(Para uso e a cargo da Repartição)

Sr. Diretor.

O presente requerimento satisfaz as exigências do Reg.amento. A requerente é funcionária do Museu Nacional de Belas Artes, inscrita em no curso a pedido do diretor do Museu em 10 de maio de 1943. Roberto de Sá

Inscrição: 10.12.1943 SECRETARIO

Livro 3 Fm. 131

2º ANO

15.13.1944

PASTA N.º _____

Depende, a 10.5.43
Roberto de Sá
Diretor

TAXAS

Matrícula	(1º ano)	— 50000	— em	— de	— de	— de
Inscrição em exames	(1º ano)	— 20000	— em	— de	— de	— de
	(2º ano)	— 20000	— em	— de	— de	— de
Certidão de frequência	(1º ano)	— 50000	— em	— de	— de	— de
"	(2º ano)	— 50000	— em	— de	— de	— de
Título		—	— em	— de	— de	— de

Observações: _____

PROVAS E EXAMES

MATERIAS	1º ANO			MÉDIA	P. ESC.	P. ORAL	P. PRAT.	MÉDIA FINAL
	1ª	2ª	3ª					
Hist. do Brasil Colonial	85	100	100	95	100	100	—	99
História da Arte	100	70	90	86,66	80	100	—	89,33
Técnica de Museus	85	100	95	93,33	100	90	—	94,66
Nomenclatura — Parte Geral	90	90	85	88,33	100	—	—	93,33
Arqueologia	100	100	100	100	100	—	—	100
								Média final: 95,26

MATERIAS	2º ANO			MÉDIA	P. ESC.	P. ORAL	P. PRAT.	MÉDIA FINAL
	1ª	2ª	3ª					
Hist. do Brasil Independente	90	100	95	95	100	100	—	97
Técnica de Museus	90	75	100	88,33	80	100	—	87
Nomenclatura especial	85	80	95	86,66	80	90	—	86
Arqueologia	95	100	85	93,33	100	100	—	96
								Média final: 90,5

VISTO! MÉDIA GERAL FINAL: 92,88

Em 20/5/44
Roberto de Sá
Secretário

Fonte: Arquivo da Escola de Museologia – UNIRIO.

3.1.3 OS PRIMEIROS CONCURSOS PARA CONSERVADORES DE MUSEUS: DÉCADAS DE 1950-1960

Em 24 de maio de 1954, Gustavo Barroso apresenta ao DASP um memorial sobre a carreira de Conservador de Museu (BARROSO, 1947, p. 224), deixando registradas as definições utilizadas na época para designar estes profissionais, entre eles, “técnico de museus”, “museologista” e “museólogo”. Neste documento, Barroso ressalta a importância da denominação “Conservador de Museu”, justificando “ser um termo de referência”, em alguns

lugares no mundo, como a França, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal. Apesar da insistência de Barroso no contato com o DASP, o quinto concurso para conservador de museus promovido pelo Departamento iria ocorrer sete anos após a sua morte, em 1966. O sexto viria a ser em 1971, com Edital publicado pelo D.O.U. Seção I de 29 de dezembro de 1971.

No processo de 1966, divulgado através do Edital DSA/712 do Concurso n° 701¹⁶², são aprovadas quatro egressas da década de 1960 e um egresso da década de 1950: **Maria de Lourdes Parreiras Horta** (média final de 82,99), formada em 1965; **Vera Lucia da Motta Brottel** (média final de 58,50), formada em 1965; Sidney Simons Braga (média final de 69,18), formado em 1959; **Lea de Oliveira Paula** (média final de 58,54), formada em 1967; e **Neyde Gomes de Oliveira** (média final de 56,78), formada em 1965¹⁶³.

Encontramos documentação referentes a outras vagas de conservadores de museus, no setor público, realizados fora da cidade do Rio de Janeiro entre 1950 e 1967. Na Bahia, o edital Edital DSA 649 para cargos classe “A” da série de classes de conservador de museus da Universidade Federal da Bahia, publicado em 9 de agosto de 1967. Regina Monteiro Real foi designada para a banca examinadora deste concurso, informação divulgada pelo D.O.U. de 14 de julho de 1967. Em 14 de março de 1968, também através do Diário Oficial da união é habilitado o candidato Belmiro Siqueira.

No Diário Oficial do Estado de São Paulo, aparecem os nomes das conservadoras Carmen de Albuquerque Soares Monteiro¹⁶⁴ e Herondina Alpha da Silva Simoni¹⁶⁵, no ano de 1950, em mudança de padrão de cargo e pleiteio de melhoria de vencimentos, respectivamente.

Na tabela a seguir, construímos um levantamento, em síntese dos primeiros concursos públicos para conservadores de museus, e, em destaque, a frequência feminina nestes.

¹⁶² D.O.U. Seção I, 01 de setembro de 1966.

¹⁶³ D.O.U. Seção I, 13 de setembro de 1967.

¹⁶⁴ D.O. do Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 1950.

¹⁶⁵ D.O. do Estado de São Paulo, 11 de novembro de 1950.

TABELA 11: CONCURSOS PARA CONSERVADORES DE MUSEUS DO DASP – DÉCADAS DE 1930, 1940, 1950 E 1960

Data	Candidatos Habilitados	Divulgação no D.O.U. (ANEXO)
1939-1940	Luiz Marques Poliano	D.O.U. Seção I, de 21 de fevereiro de 1940
	Elza Peixoto Ramos	
	Regina Monteiro Real	
	Yolanda Marcondes Portugal	
	Regina Liberalli	
	Nair de Moraes Carvalho	
	Octavia de Castro Corrêa	
	Lygia Martins Costa	
	Maria Torres de Carvalho Barreto	
	Adolpho Dumans	
1940-1941	Jenny Dreyfus	D.O.U. Seção I, de 15 de julho de 1940
	Fortunée Levy	
	Manoel Constantino Gomes Ribeiro	
	Alfredo Teodoro Russins	
	Nilsa Maria Vilela Botelho	
	Carlos Felinto Cavalcanti	
1941-1942	Mario José da Silva Cruz	D.O.U. Seção I, de 3 de setembro de 1942
	Marfa Barbosa Vianna	
	Dulce Cardoso Ludolf	
	Raul Júlio Rosencrantz	
	Haydée Di Tomaso Bastos	
	Alfredo Rei do Rego Barros	
1946	Concurso Suspenso	D.O.U. Seção I, 3 de junho de 1946
1950	Gilda Marina de Almeida	D.O.U. Seção I, de 10 de julho de 1950
	Clovis Bornay	
	Orlandino Seitas Fernandes	
	Sigrid Porto Barros	
1966-1967	Maria de Lourdes Parreiras Horta	D.O.U. Seção I, de 01 de setembro de 1966
	Vera Lucia da Motta Brottell	
	Sidney Simons Braga	
	Lea de Oliveira Paula	
	Neyde Gomes de Oliveira	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de publicações diversas do Diário Oficial da União (acima mencionadas).

3.2 MULHERES NOS ANAIS DO MHN E ANUÁRIOS DO MNBA E MUSEU IMPERIAL

A repercussão brasileira do mesmo fenômeno pode ser analisada através dos artigos dos Anais do MHN. Conservadoras de Museus, egressas do curso, que se especializavam em determinados acervos e preenchiam, podemos dizer, em maior escala que a mundial, o sumário destas publicações. A seguir podemos verificar o número de artigos publicados por mulheres e homens nos Anais do Museu Histórico Nacional entre os anos de 1940 (ano de sua criação) e 1953. Após análise, chegamos ao número de 209 artigos, sendo 88 escritos por mulheres (42,1%) e 121 artigos escritos por homens (57,9%) entre as décadas de 1940 e de 1970. A presença masculina parece estar em maior número apenas nos primeiros anos, resultado de produção dos pioneiros da geração docente nos primeiros anos de curso. A análise de produção dos Anais por gênero demonstra que esta acompanhou os números de formação por gênero do Curso de Museus. Isso quer dizer que a publicação foi uma área de oportunidade para as conservadoras de museus e que o MHN, entre essas décadas analisadas, não mediu esforços, nem manifestou distinção de gênero, em suas pesquisas científicas através de seu acervo. Se contarmos as publicações entre 1945 e 1953, anos que coincidem com o aumento de formação de mulheres no Curso de Museus, temos 61,2% de artigos de autoras mulheres, contra 38,8% de autores homens. O que mais nos chama atenção, além da predominância feminina nestas publicações, é o fato de que, diferente dos casos mencionados no âmbito internacional, aqui, as autoras, ainda que abordando diferentes assuntos ou categorias de acervo, todas acompanham um perfil de formação único, destacando não apenas a multidisciplinaridade do Curso de Museus, mas também a certificação de um campo majoritariamente feminino.

É importante também destacar que no caso brasileiro, as autoras dos artigos publicados pelos Anais do MHN têm um perfil de formação único: conservadoras de museus/museólogas, diferente do caso estrangeiro na Revista *Mouseion*. No caso das publicações francesas da *Mouseion*, analisadas no primeiro capítulo, o perfil é totalmente diversificado: arqueólogas, empresárias, documentalistas, biblioteconomistas, matemáticas e historiadoras da arte. De fato, a formação em museologia dentro do MHN contribuiu para este panorama da produção científica no campo.

TABELA 12: ARTIGOS DE AUTORAS MULHERES NOS ANAIS DO MHN DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1970

Ano	Autora	Título
1940	Nair de Moraes Carvalho	A Jangada libertadora
1940	Yolanda Marcondes Portugal	Moedas comemorativas do Brasil
1940	Jenny Dreyfus	O escudo d'armas de D. Teresa Cristina Maria de Bourbon
1940	Nilza Maria Vilela Botelho	Estudo sobre a Ordem do Cruzeiro
1940	Otávia de Castro Corrêa	A atuação de Gomensoro no Combate Naval do Riachuelo
1940	Fortunée Levy	A Casa da Moeda da Baía
1941	Nair de Moraes Carvalho	Os Painéis do "dos antigos Passos da Baía"
1941	Yolanda Marcondes Portugal	A cerâmica na numismática
1941	Jenny Dreyfus	A sigilografia no Museu Histórico
1941	Nilza Maria Vilela Botelho	A Medalha da Passagem de Humaitá
1941	Otávia de Castro Corrêa	O Baile da Ilha Fiscal
1941	Fortunée Levy	A circulação fiduciária do Distrito Diamantino
1942	Nair de Moraes Carvalho	O Barão da Vitória no Museu Histórico
1942	Yolanda Marcondes Portugal	O Culto da Virgem Maria na Numismática
1942	Jenny Dreyfus	A louça brasonada no Museu Histórico
1942	Nilza Maria Vilela Botelho	Evocações de Botafogo antigo
1942	Fortunée Levy	Moedeiros
1943	Nair de Moraes Carvalho	O Capitão-Mor do Itu
1943	Yolanda Marcondes Portugal	Nossa Senhora da Glória do Outeiro
1943	Jenny Dreyfus	D. Pedro II através de sua iconografia
1943	Nilza Maria Vilela Botelho	Serpentina e cadeirinhas de arruar
1943	Otávia de Castro Corrêa	Ídolo Gigante
1943	Fortunée Levy	As mulheres e as armas
1945	Jenny Dreyfus	D. Sebastião Gabriel de Bourbon e Bragança
1945	Nair de Moraes Carvalho	A coleção Cotegeipe
1945	Yolanda Marcondes Portugal	A moeda na voz do povo
1945	Fortunée Levy	Prata – As minas, as lendas, a arte dos prateiros
1945	Otávia de Castro Corrêa	Archeiros do Paço
1945	Dulce Ludolf Cury	Estudo sobre uma moeda híbrida
1945	Marfa Barbosa Vianna	A galeota imperial
1947	Nair de Moraes Carvalho	Papel educativo do Museu Histórico Nacional
1947	Fortunée Levy	Crentes e bandidos
1947	Dulce Ludolf Cury	Exemplar único de uma pequena cunhagem
1947	Marfa Barbosa Vianna	O negro no Museu Histórico Nacional
1947	Gilda Marina de Almeida Lopes	São Vicente de Fóra e os nossos imperadores
1947	Sigrid Porto de Barros	A condição social e a indumentária feminina no Brasil-Colônia
1947	Maria Laura Ribeiro	Estudo da moeda de 960 réis ou três patacas criada na regência do príncipe D. João – 1799-1818

1948	Nair de Moraes Carvalho	Marcas de porcelana de Saxe
1948	Otávia de Castro Corrêa	Ourivesaria brasileira
1948	Gilda Marina de Almeida Lopes	Uma preciosa miniatura
1948	Sigrid Porto de Barros	O museu e a criança
1948	Ecylla Castanheira Brandão	A vida e a arte de Thorwaldsen em um pequeno grupo de biscuit do MHN
1948	Jenny Dreyfus	Esfragística medieval portuguesa. Sinais públicos e rodas
1949	Sigrid Porto de Barros	Armas que documentam a guerra holandesa
1949	Ecylla Castanheira Brandão	Um desenho de Parreiras
1949	Nair de Moraes Carvalho	As comemorações do setuagésimo aniversário do fundador do MHN
1952	Jenny Dreyfus	Medalhões franceses – séc. XV a XIX
1952	Otávia de Castro Corrêa	O Neo-Rococó no Museu Histórico
1952	Dulce Cardozo Ludolf	Nova diretriz dos Museus
1952	Gilda Marina de Almeida Lopes	1º Compromisso Constitucional
1952	Sigrid Porto de Barros	A mensagem cultural do Museu
1952	Marfa Barbosa Vianna	A estátua mais bonita da Guanabara nas coleções do Museu Histórico
1952	Therezinha de Moraes Sarmento	Um auto-retrato do Museu da República
1952	Maria de Lourdes Rodrigues de Carvalho	A Coleção Nilo Peçanha
1953	Jenny Dreyfus	João Manso Pereira e sua suposta fábrica de louças
1953	Dulce Cardozo Ludolf	Classificação Geral da Numismática
1965	Jenny Dreyfus	A Quinta da Boa Vista – Uma dádiva generosa
1965	Nair de Moraes Carvalho	O Nascimento da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro
1955	Gilda Marina de Almeida Lopes	Uma rua chamda Marrecas
1965	Therezinha de Moraes Sarmento	Breve relato sobre a Igreja do Carmo
1965	Marfa Barbosa Vianna	Antiga Fazenda Real de Santa Cruz – um pouco de história e lendas
1966	Gilda Marina de Almeida Lopes	A morte do Barão do Rio Branco
1966	Maria de Lourdes Rodrigues de Carvalho	O Prefeito Pereira Passos
1966	Therezinha de Moraes Sarmento	Caricaturas no Museu da República
1966	Maria Eliza Carrazzoni	Batina negra: alma branca?
1966	Maria Laura Ribeiro	Mobiliário da sala D. João VI no Museu Histórico Nacional
1968	Dulce Cardoso Ludolf	A Casa da Moeda do Rio de Janeiro
1968	Sigrid Porto de Barros	Introdução ao estudo das armas defensivas
1968	Therezinha de Moraes Sarmento	Retrato de Silva Jardim
1968	Gilda Marina de Almeida Lopes	Um “Homem” e duas canetas
1968	Maria Laura Ribeiro	Otestamentodo Conselheiro João Alfredo Corrêa Oliveira
1968	Maria Eliza Carrazzoni	Estágio de Museologia na França
1968	Marfa Barbosa Vianna	Pátio Epitácio Pessoa: Lição de nossa história ao vivo
1968	Jenny Dreyfus	A Lenda nas Artes Menores
1969	Jenny Dreyfus	Sigilografia
1969	Gilda Marina de Almeida Lopes	Apontamentos sobre a história da República
1969	Therezinha de Moraes Sarmento	Um preguiceiro no Museu Histórico Nacional

1971	Maria de Lourdes Rodrigues de Carvalho	Museus do Japão
1972	Gilda Marina de Almeida Lopes	A História que os pintores contaram
1972	Jenny Dreyfus	Louça da Independência do Brasil
1972	Maria Laura Ribeiro	Dom Pedro I e a Maçonaria
1972	Dulce Ludolf	Patações Imperiais
1973	Gilda Marina de Almeida Lopes	Um presente régio
1974	Jenny Dreyfus	Louça de D. Pedro II
1974	Dulce Ludolf	Breverteiro da numismática brasileira
1974	Maria Bernadete Fernandes Gonçalves	Um monumento à memória de Dom Pedro II
1975	Rejane Maria Lobo Vieira	Os primeiros selos brasileiros
1975	Maria Bernadete Fernandes Gonçalves	Viagens do Imperador D. Pedro II em na medalhística do Museu Histórico Nacional
1975	Emília Dyer e Catarina Eleonora Ferria da Silva	Catálogo informativo da coleção Pedro II no Museu Histórico Nacional

Elaborado pela autora. Fonte: DOCPRO MHN.

No caso dos artigos dos anuários do Museu Imperial, no mesmo período, encontramos apenas dez artigos escritos por autoras mulheres, contra 173 artigos escritos por homens, em um total de 175 artigos publicados. Isso quer dizer que 5,79% das publicações eram de autoras mulheres, inclusive funcionárias do museu, como Haydée di Tommaso Bastos. Um cenário similar aparece nos artigos da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico entre os anos de 1937 e 1978. De 163 artigos publicados, apenas dezoito foram escritos por autoras, totalizando 11,05%.

TABELA 13: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NOS ANUÁRIOS DO MUSEU IMPERIAL DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1970

Ano	Autora	Título
1942	Nilza Botelho	Ligeiras Notas sobre Leques
1943	Fortunée Levy	Vidros e Cristais
1945	Haydée Di Tommaso Bastos	Algumas notas sobre miniaturas no Brasil
1947	Haydée Di Tommaso Bastos	Em torno das ordens de Pedro I e da Rosa
1958	Maria de Lourdes Melo	Índice da "Nomenclatura Urbana de Petrópolis
1960-70	Gilda Marina de Almeida Lopes	Iconografia da princesa Isabel
1972	Fernanda Pacca de Almeida Wright	A posição dos Estados Unidos e a Independência brasileira
1972	Lígia da Fonseca Fernandes da Cunha	A Imperatriz Leopoldina
1973-74	Carmen Teresa Filipe Leal e Celso Bahia Luz	O projeto da Constituinte de 1823 e a Constituição de 1824: um estudo comparado
1975	Antonia Fernanda Pacca de Almeida Wright	Um turista coroado viaja para a América: D. Pedro II nos Estados Unidos

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Arquivo do Museu Imperial.

TABELA 14: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NAS REVISTAS DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1970

Ano	Autora	Título
1937	Heloísa Alberto Torres	Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil
1939	Nair Batista	Pintores do Rio de Janeiro Colonial (notas bibliográficas)
1939	Hélcia Dias	Mobiliário dos Inconfidentes
1939	Judite Martins	Apontamentos para a Biografia de Antônio Francisco Lisboa
1940	Judite Martins	Subsídios para a biografia de Manuel Francisco Lisboa
1940	Hanna Levy	Valor artístico e valor histórico: importante problema da História da Arte
1940	Maria de Lourdes Pontual	A sacristia da catedral da Baía e a posição da igreja primitiva
1940	Nair Batista	Valentim da Fonseca e Silva
1941	Nair Batista	Caetano da Costa Coelho e a pintura da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência
1941	Hannah Levy	A propósito de três teorias do Barroco
1941	Hannah Levy	A pintura Colonial no Rio de Janeiro
1944	Hannah Levy	Modelos Europeus na Pintura Colonial
1945	Hannah Levy	Retratos Coloniais
1961	Judite Martins	Novos subsídios acerca de Manoel Francisco Lisboa
1961	Anêmona Xavier de Basto Ferrer	Monumentos construídos pelos Portugueses no Brasil
1969	Maria da Conceição M. Coutinho Beltrão (e Roque de Barros Laraia)	O método arqueológico e a interpretação etnológica
1978	Ariete Alice Schmitt (e Igor Chmyz)	Possíveis manifestações de Cultura Payaguá em território brasileiro
1978	Lygia Martins Costa	Inovação de Antônio Francisco Lisboa na estruturação arquitetônica dos

Fonte: Elaborado pela autora a partir da plataforma online do IPHAN.

Acompanhando essa tendência, de maneira ainda mais contundente, aparecem os artigos dos anuários do Museu Nacional. Do total de 215 artigos, a incidência feminina é de 13,96%, em 30 artigos.

TABELA 15: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NOS ANUÁRIOS DO MUSEU NACIONAL DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1950

Ano	Autora	Título
1958	Berta G. Ribeiro	Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil
1960	Betty J. Meggers, Clifford Evans	Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas
1960	Leda Dau	Microclimas das restingas do sudeste do Brasil. I. Restinga interna de Cabo Frio
1962	Wilma T. Ormond	Ecologia das restingas do sudeste do Brasil. Comunidades vegetais das praias arenosas. Parte I
1962	Carminda da Costa Cruz	Anatomia e Histologia comparadas das glândulas mandibulares dos Meliponídeos
1962	Anna Amélia Ancona Lopez	Dendrochirotae de São Sebastião
1962	Chana Malogolowkin	O "Fator" SR em <i>Drosophila</i>
1962	Maria Ivone Mota, Melquíades Pinto Paiva	Biometria da Sardinha-Bandeira, <i>Opisthonema oglinum</i> (Le Sueur, 1818) Jordan & Evermann, 1896, da Costa do Estado do Ceará, Brasil. I. Sobre as diversas medidas lineares
1962	Maria Ivone Mota, Melquíades Pinto Paiva	Biometria da Sardinha-Bandeira, <i>Opisthonema oglinum</i> (Le Sueur, 1818) Jordan & Evermann, 1896 da Costa do Estado do Ceará, Brasil. II. Sobre as diversas características numéricas
1962	Maria Ivone Mota, Melquíades Pinto Paiva	<i>Panulirus argus</i> (Latr.), da costa do Ceará
1971	Iva Nilce da Silva Brum	<i>Apeudes paulensis</i> nova espécie da Tanaidacea do litoral brasileiro (Crustacea)
1971	Rosa Maria de Castro Teixeira	Contribuição para o conhecimento da fauna odonitológica do Rio Grande do Sul
1971	Marly L. Madeira, Darcy Closs	Distribuição ecológica dos foraminíferos e tecamebas (Protozoa) nas planícies costeiras do sul do Brasil
1971	Agda Mendes da Silva Neize de Moura Pereira, Sylvio Celso Gonçalves da Costa	Hemoparasitos de anfíbios do Brasil. I. Ocorrência do gênero <i>Dactylosoma</i> Labré
1971	Maria Luise Koening	Os crustáceos isópodos do estuário do Rio Paraíba do Norte
1971	Itala da Penha Gomes, José C. M. Carvalho	Mirídeos Neotropicais. CVIII: A tribo <i>Clivinemini</i> Reuter, no Brasil, com revisão do gênero <i>Guanabarea</i> (Carvalho, 1948). (Hemiptera)
1971	Maria Margarida Gomes Corrêa	Sobre a ocorrência de <i>Rhynchocinetes rigens</i> Gordon no litoral brasileiro. (Crustacea, Decapoda, Natantia)
1971	Elio Corseuil & Terezinha Lermen da Silva	A tribo <i>Diaspidini</i> no Rio Grande do Sul. (Homoptera, Diaspididae).
1971	Neize Rosita Wernecke Prandi, Henrique Rodrigues da Costa	Estudo da distribuição das espécies do gênero <i>Lucifer</i> em amostras de plâncton coletadas entre Cabo Frio e a Baía de Santos. (Crustacea, Decapoda, Sergestidae)
1971	Maria Luiza Beçak, Luiz Dino Vizotto, Willy Beçak	Formas larvárias de híbrido triplóide de <i>Odontophrynus cultripes</i> macho x <i>Odontophrynus americanus</i> fêmea.
1971	Célia Maria Dalossi, Renato Contin Marinoni	Revisão do gênero <i>Myxomorpha</i> White, 1855. (Coleoptera – Cerambycidae).
1971	Marlene Nunes da Rosa, Carlos Camiza Fortes, Benjamin Gilbert, Affonso do Prado Seabra	A família <i>Coccidae</i> no Rio Grande do Sul. (Homoptera, Coccoidea).
1971	Naomi Shinomiya, Francisco Garcia de Langlada	Contribuição à técnica operatória de serpentes. II. Derivação intestinal, fístula estercoral e cloacorráfia para obtenção de urina, sem contaminação, em cloaca de serpentes.

1971	Anna Kohn, Lauro Travassos, J. F. Teixeira de Freitas	Trematódeos do Brasil
1971	Lejeune P. H. de Oliveira, Luiza Krau, Arnaldo S. A. Miranda	Sôbre o cálcio no habitat do camarão <i>Penaeus schmidtii</i> Burkenhoad.
1971	Marlene Nunes da Rosa, Carlos Camiza Fortes, Benjamin Gilbert, Affonso do Prado Seabra.	Investigação química da saúva <i>Atta sexdens rubropilosa</i> .
1971	Maria Luiza Silveira Mello, Catarina Satie Takahashi	Sôbre a ocorrência de Poliploidia em tubos de Malpighi de <i>Melipona quadrifasciata</i> . (Hym., Apoidea).
1975	Dea Regina Bouret Campos, Arnaldo C. dos Santos Coelho	Contribuições ao conhecimento dos moluscos do Rio de Janeiro, Brasil. 1. Bivalvia, Pteriomorphia, Arcoidea, Arcoidea.
1975	Dea Regina Bouret Campos, Arnaldo C. dos Santos Coelho	Contribuições ao conhecimento dos moluscos do Rio de Janeiro, Brasil. 2. Bivalvia, Palaeotaxodonta, Nuculoidea, Nuculoidea e Nuculanoidea.
1975	Dulce Fernandes da Cunha	Estudos bibliométricos e planejamento de aquisições

Fonte: Elaborado pela autora a partir de: Bicentenário do Museu Nacional: Publicações Científicas / Lia Ribeiro (Org.) – Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

Agora vejamos o caso peculiar do Museu Nacional de Belas Artes. Ocupado por uma equipe técnica de maioria feminina, o museu pode ser considerado o que mais deu abertura às mulheres na produção científica institucional. Nos anuários analisados, de 1938 a 1958, foram encontrados 91 artigos. Desses, 71 são de autoria das profissionais mulheres do próprio museu, porcentagem final de 78,1%.

TABELA 16: ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES NOS ANUÁRIOS DO MNBA DA DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1950

Ano	Autora	Título
1943	Maria Torres de Carvalho Barreto	Sala da Mulher Brasileira (A Mulher na Reverência da Arte)
1943	Maria Torres de Carvalho Barreto	Inauguração da nova apresentação do Museu (Sala Frans Post)
1943	Maria Torres de Carvalho Barreto	Exposição do Cinquentenário artístico de Helios Seelinger
1943	Lygia Martins Costa	Exposição do Centenário de Pedro Américo
1943	Regina Real	Exposição de pintura religiosa
1943	Regina Real	Exposição de louça brasonada
1943	Regina Liberalli Laemmert	Exposição de pintura britânica contemporânea
1944	Lygia Martins Costa	Paisagem brasileira (Exposição)
1944	Maria Torres de Carvalho Barreto	Castagneto (Exposição)
1944	Lygia Martins Costa	A criança na arte (Exposição)
1944	Elza Ramos Peixoto	Leques (Exposição)
1944	Regina Monteiro Real	Pintura americana (Exposição)
1944	Regina Monteiro Real	Salão Nacional de Belas Artes (Exposição)
1944	Regina Liberalli Laemmert	Gravuras da Galeria Nacional de Arte de Washington (Exposição)
1945	Maria Torres de Carvalho Barreto	Aspectos de Paris (Exposição)
1945	Elza Ramos Peixoto	Miniaturas (Exposição)
1945	Marfa Almeida	Marfins (Exposição)
1945	Regina Monteiro Real	Salão Nacional de Belas Artes
1945	Regina Monteiro Real	Origem da Pinacoteca no MNBA
1945	Lygia Martins Costa	Algumas naturezas mortas no Museu Nacional de Belas Artes
1945	Regina Liberalli Laemmert	Restauração e Conservação de pinturas
1946	Regina Monteiro Real	Desenhos e Gouaches do Museu Nacional de Belas Artes (Exposição)
1946	Regina Liberalli Laemmert	Augusto Girardet (Exposição)
1946	Lygia Martins Costa	Artes Gráficas no Canadá (Exposição)
1946	Elza Ramos Peixoto	Missão Artística Francesa e sua influência nas Artes
1946	Regina Monteiro Real	Quadro estatístico do Patrimônio do museu
1947-1948	Elza Ramos Peixoto	Exposição aspectos do Rio
1947-1948	Regina Monteiro Real	Origem da Pinacoteca
1947-1948	Maria Torres de Carvalho Barreto	Exposição retrospectiva da pintura no Brasil
1947-1948	Regina Monteiro Real	Do que vi nos museus norte-americanos
1947-1948	Regina Monteiro Real	As missões franciscanas na Califórnia
1949-1950	Elza Ramos Peixoto	Aquarelas (Exposição)
1949-1950	Regina Monteiro Real	Xícaras (Exposição)
1949-1950	Regina Monteiro Real	Retrospectiva de Eliseu d'Angelo Visconti (Exposição)
1949-1950	Regina Liberalli Laemmert	Póstuma de Carlos Chambelland (Exposição)
1949-1950	Elza Ramos Peixoto	Escultura (Exposição)
1949-1950	Maria Torres de Carvalho Barreto	Almeida Junior na História da Arte Brasileira
1951-1952	Lygia Martins Costa	Exposição Raphael Frederico
1951-1952	Regina Monteiro Real	Exposição de Restauração
1951-1952	Regina Monteiro Real	A Bíblia e sua representação na Arte
1951-1952	Regina Monteiro Real	Exposição Modesto Brocos
1951-1952	Regina Liberalli Laemmert	Exposição Garcia Bento
1951-1952	Regina Monteiro Real e Lygia Martins Costa	Exposição Itinerante "Um século de Pintura brasileira"
1951-1952	Elza Ramos Peixoto	Exposição comemorativa do Centenário de nascimento de Rodolpho Bernardelli
1951-1952	Maria Torres de Carvalho Barreto	Exposição comemorativa do Centenário de nascimento de Decio Vilares

1953-1954	Regina Liberalli Laemmert	Gravura e seus processos (Exposição)
1953-1954	Regina Monteiro Real	Segunda Exposição de Xícaras antigas
1953-1954	Regina Liberalli Laemmert	Homenagem a Ronald de Carvalho (Exposição)
1953-1954	Elza Ramos Peixoto	Retratos Femininos (Exposição)
1953-1954	Maria Torres de Carvalho Barreto	Uma comemoração e um gênero de pintura
1955-1956	Regina Liberalli Laemmert	Exposição de Projetos de Cenários e Figurinos para ópera, Comédia e Ballet
1955-1956	Maria Torres de Carvalho Barreto	Arte Sacra Germânica, Ícones Russo, Carlos Oswald (Exposições)
1955-1956	Maria Torres de Carvalho Barreto	Exposição comemorativa do centenário de nascimento de José Vital Branco Malhõa
1955-1956	Elza Ramos Peixoto	Exposição comemorativa do centenário de nascimento de Augusto Giorgio Girardet
1955-1956	Maria Torres de Carvalho Barreto	Exposição comemorativa do 350º aniversário de nascimento de Rembrandt
1955-1956	Regina Liberalli Laemmert	Exposição retrospectiva de Calixto Cordeiro
1955-1956	Elza Ramos Peixoto	Exposição de Pintura e Desenhos Infantis
1955-1956	Elza Ramos Peixoto	Primeiro Congresso Nacional de Museus
1955-1956	Maria Torres de Carvalho Barreto	10º Aniversário da UNESCO
1957	Elza Ramos Peixoto	“Comemorativa do Centenário de nascimento de Rodol’ho Amoedo (Exposição)
1957	Elza Ramos Peixoto	Trabalhos apresentados no Concurso de Desenho e Pintura Infantis
1957	Regina Liberalli Laemmert	O LXII Salão Nacional de Belas Artes
1957	Maria Torres de Carvalho Barreto	Exposição Infantil Internacional de Nova Delhi
1957	Regina Liberalli Laemmert	Exposição Dez anos de Pintura Italiana, pela bienal de Veneza
1957	Elza Ramos Peixoto	Visitas guiadas e concursos
1957	Maria Torres de Carvalho Barreto	Curso de Introdução à Museologia
1958	Regina Liberalli Laemmert	Motivos carnavalescos (Exposição)
1958	Elza Ramos Peixoto	O trabalho na arte (Exposição)
1958	Maria Torres de Carvalho Barreto	Salão Nacional de Arte Moderna / Salão Nacional de Belas Artes / Festival do Livro América / Quem foi Rembrandt (Exposições)
1958	Elza Ramos Peixoto	Concursos
1958	Elza Ramos Peixoto	Ligeiras notas a respeito do Seminário Internacional sobre a função Educativa dos Museus

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documentos da coleção Regina Liberalli laemmert – Acervo NUMMUS.

Com este panorama podemos tirar algumas conclusões O MNBA foi o museu analisado com um número maior de publicações de mulheres, em seguida o MHN. Tanto Museu Nacional quanto SPHAN demonstraram uma pequena parcela de representatividade feminina em suas publicações entre décadas de 1940 e 1970. O museu com menor incidência de autoras mulheres foi o Museu Imperial. Talvez possamos verificar uma tendência do museu artístico estar voltado para a atuação feminina e isso pode estar relacionado diretamente com a disposição de seu quadro de funcionários à época¹⁶⁶ e uma missão do museu em divulgar o trabalho da própria

¹⁶⁶ Entre os anos de 1940 e 1958, as conservadoras: Elza Ramos Peixoto, Lygia Martins Costa, Maria Barreto, Regina Monteiro Real e Regina Laemmert; e os conservadores: Tomás Glicério Alves da Silva, Manuel Constantino Gomes Ribeiro e Mario Barata.

instituição através de artigos/relatórios desenvolvidos pelas próprias funcionárias. Da forma oposta, encontramos o Museu Nacional, que, se tratando de um museu de ciência, acompanha uma propensão a produção masculina. O mesmo ocorre nos primeiros anos do Museu Goeldi¹⁶⁷ que, entre 1896 e 1914, de 86 artigos, apenas um nome feminino aparece: o da Dra. Emilia Snethlage¹⁶⁸, em três publicações (1913 (2) e 1914 (1)). Exemplos como de Emilia, Bertha Lutz e Heloisa Alberto Torres nas primeiras décadas do século XX são pontuais, mais importantes para demarcar um pioneirismo, mesma que minoritário.

O que nos chama atenção é a diferença de abertura para mulheres nas publicações do MHN e do Museu Imperial. Se pensarmos em termos de tipologias de museus, ambos são museus históricos. Acreditamos que a possibilidade para ex-alunas do Curso de Museus no quadro de funcionários, bem como nas publicações, é uma das maiores justificativas para essa diferenciação. E que, talvez uma tradição patriarcal arraigada ao Museu Imperial, em uma época de recém-república, possa ter contribuído para esse resultado.

3.2.1 FORTUNÉE LEVY, MARIA BARRETO E ELZA RAMOS PEIXOTO – OS PRIMEIROS TRABALHOS CIENTÍFICOS NA MUSEOLOGIA BRASILEIRA A ABORDAR MULHERES

Em 1943, encontramos o primeiro artigo escrito por uma profissional de museologia, que aborda a temática de gênero. Egressa do Curso de Museus e funcionária do MHN desde 1941, Fortunée Levy escreve para os Anais do museu. Esse pode ser considerado o primeiro trabalho científico do Curso de Museologia, no Brasil, a abordar a temática da mulher no sentido de gênero associando a acervos museológicos. **Fortunée Levy** escreve “As mulheres e as armas” (Anais do MHN), onde ao fazer uma análise de duas armas femininas¹⁶⁹, objetos do acervo do MHN, aponta figuras históricas, mulheres, que participaram da história do Brasil que participaram de “lutas pátrias”. A autora inclui no rol de “guerreiras”, como por ela são

¹⁶⁷ Não foi incluído nas tabelas comparativas pela falta de acesso a todos os anos de publicação. A Biblioteca Nacional disponibiliza os Boletins entre 1896 e 1915. O mesmo ocorreu com o Museu da Inconfidência e o Museu Paulista.

¹⁶⁸ Emilia Snethlage foi uma ornitóloga alemã pioneira em estudos da Amazônia e diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1914 e 1922, quando passa a ser funcionária do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

¹⁶⁹ Revólver cinzelado e dourado a fogo, “tipo mignon”, calibre 5mm, tambor de 6 tiros e peso de 167 gr, marca “Galand” (Liège). “Ornamentação de ramos de rosas desfolhadas e folhas estilizadas; cano de metal liso; no fuste a inscrição “Galand FAB”; cabo de marfim incrustado de uma faixa dourada com os mesmos motivos ornamentais. Estojo de couro da Rússia, com bordadura e fecho de metal dourado; o interior tem o tampo de couro; onde repousa o revólver. Há um recorte no fecho do mesmo, de veludo marron, com uma pequena divisão para guardar as balas.”; e Punhal de liga “Punho de latão, circular, descentrado, afinado para a cruzeta; (...) cruzeta de latão, irregular; (...) a lâmina segue essa diversidade, correspondendo o lado menor do triângulo ao lado menos largo da cruzeta. Comprimento total de 0,11 1/2.” (Descrição de Fortunée Levy).

chamadas, mulheres indígenas e negras. São essas: Clara Felipa Camarão, Maria César, Maria de Sousa, Rosa Maria Siqueira, Maria Úrsula de Abreu Lencastre, Benta Pereira, Mariana de Sousa Barreto, Damiana da Cunha, Soror Joana Angélica de Jesus, Maria Quitéria de Jesus Medeiros, Maria Amália do Rêgo Barreto, Anita Garibaldi, Rosa da Fonseca, Ludovina Pôrto Carreiro, Jovita Feitosa e Ana Néri.

(...) a mitologia trata das mulheres guerreiras, tendo em "Pallas Athenas" a sua deusa; e se, na lenda encontramos as Amazonas como expressão máxima de organização de mulheres guerreiras, na religião vamos encontrar um símbolo, na mártir Santa Joana d'Arc.

A história das Amazonas, de que nos dá notícia Orellana no século XVI, vemo-la repetida, em pleno século XIX, na África, onde os quatro famosos regimentos de Amazonas do valente Rei Racq Madu Guezô, de Dahomey, sobressaem pela coragem. Contam que a Generala nas expedições agia como homem, porém... enfeitava-se com muitos colares e missangas.

Por ordem cronológica, destacaremos apenas alguns vultos femininos que se celebrizaram em períodos marcantes de nossa história. (LEVY, 1943, p. 506-507).

É interessante perceber que a conservadora de museus não apenas relata os feitos históricos das personalidades, como também discorre acerca de sua visão de da relação entre mulheres e conflitos, o que torna o trabalho não apenas descritivo e histórico, como também acompanhado por uma análise social.

A visão do punhal e do revólver leva-nos o pensamento para as mulheres que, no passado histórico do país, se tornaram célebres por seus feitos guerreiros. E desfilam pela lembrança as heroínas brasileiras, que, deixando de lado essa poderosa arma feminina, que é a meiguice, empunharam outras mais rudes e pesadas, e, ao lado dos homens, combateram por um ideal. (...) Os homens pegam em armas para fazer valer um direito, lei, idéia, princípio, religião; a mulher, só em defesa desse direito, lei, idéia, princípio, religião. O homem investe armado para impor um ideal; a mulher só na defesa desse ideal, pega em armas. E êsse modo de ser, que é uma de suas características, vai ser comprovado através da história. (LEVY, 1943, p. 506-507).

Em 1947, Fortunée volta a abordar grupos sociais marginalizados, algo dissonante dos outros artigos publicados à época pelo MHN e revelador de uma personalidade atípica para escrita da conservadora de museus. Ela escreve, também para os Anais do MHN, o artigo "Crentes e bandidos" (LEVY, 1947, p.31-72), que aborda o "cangaço" e os "jagunços", Canudos e Antônio Conselheiro, os combatentes da guerra do Contestado, a população de Juazeiro do Norte e os devotos de Padre Cícero. Segundo Ana Lourdes Costa, é nesse texto que Maria Bonita é pela primeira vez citada em um artigo do MHN. E acrescenta que Fortunée, ao escrever sobre o fim de Lampião afirma que Maria Bonita teria sido tão célebre quanto o "lendário cangaceiro" (COSTA, 2020).

Formada pelo Curso de Museus em 1935, Fortunée Truzman Levy casou-se aos 18 anos com o empresário René Levy em 18 de setembro de 1920¹⁷⁰ e ingressou para o Curso de Museus em 1934. Filha de Rachel Nahon Truzman e Elias Truzman, nascido em Casablanca¹⁷¹ – Marrocos e vindo para o Brasil em 1824, foi comerciante de jóias com loja na Praça Tiradentes. O marido de Fortunée também era empresário e atuou como vice-presidente da Sociedade Animadora dos Ourives, presidente do Rottary Club e Secretário Administrativo do Sindicato dos Lojistas. Nos parece que tanto a entrada da conservadora de museus para o mercado de trabalho (aos 39 anos) quanto ao modo de criação de sua filha, Norah Levy¹⁷², foram decisivos para que essa também quisesse se estabelecer no mercado formal escalando uma carreira de sucesso.

Figura 070. Aniversário de 25 anos de casamento de Elias e Rachel Truzman, Rio de Janeiro, 1926.¹⁷³

Figura 071. Fortunée Levy e amigas na residência de Adauto Faria de Miranda, em 1945.

Figura 072. Fortunée Levy na casa de Ecylla Castanheira Brandão junto à outras colegas.¹⁷⁴



Fonte: Museu da Pessoa, acervo pessoal de Claude Haguenauer (amigo da família); WALKÝRIAS, edição 0133, 1945, p.52. (Hemeroteca BN); Acervo NUMMUS – Coleção Ecylla Castanheira Brandão.

¹⁷⁰ JORNAL DO BRASIL. CASAMENTOS. Domingo, 19 de setembro de 1920, p. 4.

¹⁷¹ A RUA: SEMINÁRIO ILUSTRADO. 5 de novembro de 1917, p. 2.

¹⁷² Dra. Norah Levy, filha de Fortunée e René, se formou em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil em 1945, dez anos após a formatura de sua mãe. Foi Defensora Pública do Ministério Público Federal, tradutora de obras literárias, jornalista, formada pelo curso de jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia na década de 1950 e pesquisadora do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, assumindo a chefia da Seção Ruiana e atuando na supervisão das publicações da Fundação.

¹⁷³ Da esquerda para a direita: René Henry Levy, Fortunée Truzman Levy, Rachel Nahon Truzman, Elias Truzman e Norah Levy.

¹⁷⁴ Da esquerda para a direita: Edson Motta, Gilda Marina Almeida, Ecylla Castanheira Brandão, Carmen Quadros, Fortunée Levy, Octavia de Castro Corrêa e Dulce Ludolf.

No mesmo ano de “Mulheres e armas”, o Museu Nacional de Belas Artes promoveu a exposição “Mulher brasileira – A mulher na reverência da Arte” (BARRETO, 1943, p. 13), abrindo assim a Sala “Mulher Brasileira”. Maria Barreto, formada pela turma de 1939 do curso de museus, integrante da equipe de conservadoras do MNBA escreve um artigo sobre a abertura no Anuário do museu. No texto, a autora resume a passagem da figura feminina na História da Arte, analisando as representações através dos séculos.

A mulher, inspiração de motivo das mais grandiosas e monumentais obras-primas que vêm deslumbrando umas após outras, gerações inteiras de estudiosos da arte, não poderia deixar de ser lembrada pela diretoria do Museu Nacional de Belas Artes. Reverenciando-a, exaltando-lhe os dotes físicos, intelectuais e morais, apreciando-a com todos os seus atrativos, através da sensibilidade dos mais afamados artistas, nacionais e estrangeiros, quis a diretoria do Museu, prestar-lhe a sua homenagem, dedicando-lhe uma sala, em que pela representação da mulher brasileira atingisse essa homenagem em cunho bem nítido de universalidade. (...) Desde os primeiros capítulos da história da arte referentes aos remotos tempos da civilização embrionária ainda, já a mulher surgia como inspiradora na pré-história, sob formas totêmico-fetichistas em muitos vasos antropomorfos. (BARRETO, 1943, p.13).

Apesar de abordar a representação da nudez durante o artigo e até mesmo a visão corrompida das mulheres e do corpo feminino pela igreja, Maria Barreto está, no artigo, analisando uma exposição composta por obras de figuras de mulheres inspiradoras de artistas homens. Uma temática vanguardista e diretamente ligada ao que Guerrilla Girls trabalhariam na década de 1980, no combate ao sexismo nos museus, mas, desta vez, criticando a falta de representatividade das artistas mulheres. Nesse sentido, em 1953, o MNBA promoveu uma nova exposição: “Retratos femininos”. O que mais nos chama atenção é que nesse momento, aparecem as artistas mulheres e suas obras, principalmente em autorretratos. Quem produz o artigo em referência à exposição é Elza Ramos Peixoto, formada pela turma de 1938, que também aborda a metodologia de representação das mulheres na arte:

A mulher tem sido, através dos tempos, a inspiradora máxima dos artistas; não há provavelmente em toda história da pintura assunto mais explorado que a representação da efígie feminina; quando falamos dêste não nos referimos de maneira precisa ao retrato; um perfil masculino necessita ser fisiológica e psicologicamente semelhante ao modelo – quanto a figura feminina é diverso o conceito – basta apenas que ela agrade, que encante os olhos de quem a contempla; (...) (PEIXOTO, 1954, p. 69)

Das obras de artistas mulheres da mostra podemos dizer que fazem parte da entrada da mulher para a Academia de Belas Artes no Brasil. Das citadas por Elza Ramos Peixoto,

aparecem Regina Veiga, Haydéa Santiago, Ruth Prado Guimarães, Camila Alvares Azevedo, Yvone Visconti Cavaleiro, Gabriela Dantés, Regina Liberalli, Malisa, Cordelia Eloy de Andrade Navarro, Jacyra Oswald, Edith de Aguiar Thiel e Maria Luiza Teixeira e Silva. Isso demonstra que na década de 1950, o museu estaria acompanhando a tendência de mudança de representatividade utilizando de obras de sua própria coleção. A seguir observamos alguns dados sobre essas obras:

TABELA 17: OBRAS DE ARTISTAS MULHERES NA EXPOSIÇÃO “RETRATOS FEMININOS” DO MNBA, EM 1953

Artista	Informações	Obra
Regina Veiga	Rio de Janeiro (1890 - 1968). Formada pela ENBA, seu trabalho fez parte da exposição "Um Século de pintura brasileira", em 1950, elencadas as consideradas "melhores obras do acervo da instituição".	"Auto-retrato"
Haydéa Santiago	Rio de Janeiro (1896 - 1980). Frequentou cursos livres na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), com Modesto Brocos (1852-1936) e Rodolfo Amoedo (1857-1941). Aperfeiçoa-se ainda com Eliseu Visconti (1866-1944). É entrevistada pelo prof. Anyone Costa em "A inquietação das abelhas", 1927. (COSTA, 197, p. 186)	"Retrato da Sra. A. D."
Ruth Prado Guimarães	(São Paulo, 1912 - 2001) No Salão de 1940, recebeu a Grande Medalha de Prata, por um autorretrato, atualmente na coleção do Museu Nacional de Belas Artes.	"Auto-retrato"
Camila Alvares Azevedo	(Campo dos Goytacazes) Atuava como escultora e gravadora.	Stela Angélica
Yvone Visconti Cavaleiro	(Paris, 1901 – 1965) Aquarelista, desenhista, pintora e ceramista. Fez estudos de arte decorativa na Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1935 a 1937). Com o pai, Eliseu Visconti, colaborou na realização dos painéis do Palácio do antigo Conselho Municipal do Rio de Janeiro.	Lully
Gabriela Dantés	(1914 -) Abordava a temática afrobrasileira	"Auto-retrato"
Regina Liberalli	(Rio de Janeiro, 1914-2007). Formada pela MNBA e pelo Curso de Museus (MHN), atuou como artista e conservadora de museus, nas áreas de conservação-restauração e perícia de obras de arte.	"Auto-retrato"
Maria Luisa Gomide Staffa (Malisa)	(Rio de Janeiro, 1913 -) Maria Luisa Gomide Staffa	"Sra. H. Domingos"; "Sra. W."
Cordelia Eloy de Andrade Navarro	Doutora em História da Arte, professora titular da UFRJ, e Diretora da ENBA entre 1982 e 1984.	"Minha mãe"; "Doika"
Jacyra Oswald	Autora do projeto original do Museu Afrobrasileiro (MAFRO) junto à etnóloga Yeda Pessoa de Castro. Nora de Carlos Oswald.	"Minha mãe"
Edith de Aguiar Thiel	(Berlim, 1900 - 1994). Especializada em aquarela e pastel.	"Soledad"; "Sagrario"
Maria Luiza Teixeira e Silva	Pintora de retratos e natureza morta.	"Minha filha"; "Terézi"

Fonte: Elaborado pela autora a partir de: PEIXOTO, Elza Ramos. Exposição de Retratos Femininos. In: Anuário do MNBA n° 12, 1953-1954. p. 69-90. (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli); Itaú Cultural.

Como bem aponta Linda NOCHLIN (Apud. LEME, 2019, p. 18), historiadora e crítica da arte, a crítica feminista da disciplina história da arte é necessária “na medida em que pode romper limitações culturais-ideológicas a fim de revelar vieses e contradições”, neste caminho, o MASP promoveu em 2019 um projeto dedicado a exposições relacionadas às Histórias da Mulheres e Feminismos. Nesse contexto, realizou exposições de Djanira da Motta e Silva, Tarsila do Amaral, Lina Bo Bardi, entre outras artistas mulheres. Mas, para essa temática ser abordada de forma mais incisiva e direta no século XXI, foi necessário um processo de escalada nos museus para se voltarem a esta premissa. Podemos dizer que os artigos de Maria Barreto e Elza Ramos Peixoto, assim como suas atuações junto ao museu, corroboraram para o desenvolvimento deste processo à medida que configuram os dois primeiros artigos a trabalharem gênero e história da arte no campo da museologia brasileira.

Figuras 73 e 74. Aspectos da exposição “Retratos femininos”, MNBA, 1953.



Fonte: Anuário do MNBA n°12, 1953-1954, p. 69-90. Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert.

3.3 DOSSIÊ: A EGRESSA DO CURSO DE MUSEUS – MHN E SUA ATUAÇÃO PIONEIRA NOS MUSEUS BRASILEIROS

Neste tópico, discorreremos sobre a atuação das primeiras egressas do Curso de Museus a partir de documentos de fontes primárias integrantes, em sua maioria, do acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS. O objetivo não é um levantamento de currículo, já realizado em 2007 com o catálogo “Curso de Museus – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional”, publicado pela Escola de Museologia (SÁ; SIQUEIRA, 2007), e sim abordar as dificuldades e especificidades da carreira das primeiras conservadoras de

museus/museólogas, que tiveram suas coleções particulares de documentos pessoais doadas ao NUMMUS.

Antes disso, gostaríamos de apresentar uma síntese de dados adaptada do catálogo acima mencionado, em formato de quadro, para consulta instantânea da carreira das egressas em destaque abordadas nessa pesquisa.

TABELA 18: RESUMO DE CARREIRA DAS EGRESSAS DO CURSO DE MUSEUS DO MHN 1932-1960

TURMA	FORMANDA / EGRESSA	SÍNTESE DE ATUAÇÃO
1935	Fortuneé Levy	Sócia-fundadora da ABM – Associação Brasileira de Museologistas (1963) / Funcionária d MHN e Museu da República / Especialista em Numismática
1935	Margarida Barrafatto Zicari	Funcionária, por muitos anos, do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro
1936	Anna Barrafatto	Coordenadora e Substituta de Chefia no Museu Histórico da Cidade (1940-1948) / Professora de História da Arte e História da Escultura no Curso de Museus (1946-1974) / Chefe do Departamento de Artes do MHN (1966-1974)
1936	Nair de Moraes Carvalho	Conservadora do quadro permanente do MHN (1940) / Membro da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal (1940-1941) / Secretária do MHN (1941-1944) / Primeira Coordenadora do Curso de Museus (1944-1967) / Professora de Escultura (1949-1977) / Chefe do Departamento de Artes (1944) / Vice-Diretora e Diretora Substituta do MHN (1954-1967) / Representante do MHN junto ao Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (1956-1968)
1937	Regina Monteiro Real	Membro-fundadora e Secretária do Comitê Brasileiro do ICOM (1948-1956) / Organizadora das primeiras edições dos Congressos Nacionais de Museus promovidos pela ONICOM (1956-1965) / Sócia-fundadora e primeira Presidente da ABM (1963) / Pioneira no MNBA (1939) / Funcionária do MNBA (1937-1954) / Museu Casa de Rui Barbosa (1955-1969) / Diretora substituta do MNBA (1952-1953) / Diretora da Divisão Técnica da Casa de Rui Barbosa (1959-1969)
1937	Octavia de Castro Corrêa	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Conservadora da Seção de História do MHN a partir de 1940 / Chefe da Seção de Numismática do MHN (1954-1966) / Sucessora de Gustavo Barroso na disciplina Técnica de Museus (1952-1972) / Vice-diretora do MHN (1970-1977) / Diretora do MHN (1970-1971)
1937	Regina Liberalli Laemmert	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Pioneira no MNBA (1939)
1937	Yolanda Marcondes Portugal	Conservadora do quadro efetivo do MHN / Coordenadora da Seção de Numismática (1940) / Chefe das Seções de História, Numismática, Sigilografia Condecorações e Filatelia entre os anos de 1943-1960
1938	Elza Ramos Peixoto	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Pioneira no MNBA (1939) / Chefe da Seção Técnica e Diretora substituta do MNBA / Pesquisadora da Pintura Brasileira do século XIX e Especialista em Victor Meirelles
1939	Jenny Dreyfus	Conservadora do quadro efetivo do MHN (1940) / Especialista em Artes Decorativas, Heráldica e Genealogia / Substituta do Prof. Mario Barata na cadeira de Artes Menores (1946, 1949, 1959) / Professora de Sigilografia e

		Filatelia (1946-1979) Chefe da Seção de História do MHN (1948-1954) / Estágio nos Museus da Grécia (1954) / Organização do Museu da Psiquiatria (1959) / Chefe do Museu da República (1962) / Membro da Comissão que reorganizou o Museu Postal Filatélico (1963) / Organizou o Museu do Negro em Cafuá das Mercês (1974-1975) / Diretora Heráldica do Instituto Internacional de Heráldica e Genealogia (1972)
1939	Lygia Martins Costa	Membro-fundadora e Secretária do Comitê Brasileiro do ICOM (1948-1956) / Representante brasileira na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) / Pioneira no MNBA (1939) / Museóloga pioneira do IPHAN a partir de 1952 / Diretora da Divisão de Estudos e Tombamento do IPHAN (1972-1980) / Organização do Museu da Abolição no Recife (1980) / Consultora Técnica da Fundação Nacional Pró-Memória (1985) / Especialista em Aleijadinho /
1939	Maria Torres Barreto	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Conservadora efetiva do MNBA a partir de 1940
1939	Nilza Maria Botelho	Criadora do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas (1972) / Folclorista e palestrante / Membro do Conselho Curados do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas e da omissão Mineira de Folclore
1941	Carmen Corrêa Quadros	Chefe da Seção de Biblioteca e Mapoteca da Divisão de Documentação do MHN (1960) / Professora conferencista de história da Pintura e Gravura do Curso de Museus (1967-1970)
1941	Dulce Cardoso Ludolf	Conservadora da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional (19430 / Chefe da Seção de Numismática do MHN (1944-1960) / Professora de Numismática (1965-1972) / Atuou como Chefe de Departamento de Museologia, Vice coordenadora do Curso, Coordenadora, Decana Substituta e Decana do CCH – UNIRIO, entre os anos de 1983-1989 / Sócia-fundadora da ABM (1963) / Conselheira-fundadora do COREM 2ª Região (1986) / Vice-Presidente COREM 2ª Região (1986-1987)
1942	Gilda Marina de Almeida	Conservadora da Primeira Seção de História do MHN / Chefe da Seção de Pesquisas do Museu da República (1974-1978) / Sócia-fundadora da ABM (1963)
1943	Maria Eneada Rodrigues Vieira	Professora da disciplina de Etnografia no Curso de Museus em substituição ao Prof. João Angyone Costa (1945-1947) / Pesquisadora das origens do homem brasileiro e do sincretismo religioso
1944	Guajajara Pereira Jonhston	Conservadora do Museu Histórico da Cidade (1949-1954) / Sócia da ABM e participante da Diretoria (1970)
1945	Marina Emery Jacobina da Fonseca Vasconcelos	Museóloga do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro, atuando, em projetos de pesquisa, documentação e restauração de Igrejas tombadas no estado
1947	Pascoalina Stilben	Conservadora do Museu Histórico da Cidade / Trabalhou nos museus do antigo Serviço de Museus do Estado da Guanabara Casa da Marquesa de Santos, Museu Carmen Miranda, Museu de Artes e Tradições Populares – Palácio do Ingá / Sócia-fundadora da ABM (1963)
1947	Maria Augusta Machado	Especialista em cultura africana e latino-americana / Trabalhou no INEPAC (1966) / Chefe do Serviço de Museus do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (1967) / Assessora de criação do Museu do Pontal no final da década de 1970 / Conservadora do Museu Villa-Lobos, sendo especialista na vida e obra do artista (1983-1991)

1948	Maria Afonsina de Albuquerque Furtado	Museóloga do Museu da Casa Brasileira – MCB (1973-1982)
1949	Sigrid Porto de Barros	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Publicou textos pioneiros sobre Educação em Museus / Chefe da Seção de História e Arte Retrospectiva do MHN (1953-1968) / Chefe da Seção de Pesquisa Museológica (1978-1981) / Membro da Comissão que coordenou a transferência de acervo do MHN para o recém-criado Museu da República (1960)
1950	Arlette Corrêa Netto	Secretária no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora. Participou da primeira iniciativa de profissionalização do corpo técnico do Museu
1953	Aletta Maria Trompowsky Livramento	Responsável pela organização e direção do Museu de Odontologia “Chryso Fontes”, da Faculdade Nacional de Odontologia da Faculdade do Brasil, atual UFRJ (1953-1983) / Chefe da Seção de Documentação e Divulgação da UFRJ (1973-1978)
1953	Ecylla Castanheira Brandão	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Conservadora do MHN (1955-1967) / Bolsa de Estudos de Especialização em História da Arte em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, realizando estágio da Oficina de Têxteis do Instituto José Figueiredo para exame e conservação de obras de Arte (1964) / Chefe da Seção Técnica do MNBA (1967-1972) / Coordenadora substituta do Programa Nacional de Museus (1982-1985) / Diretora adjunta do MNBA (1985-1990) / Diretora do MHN (1990-1994) / Professora da disciplina História da Pintura e da Gravura no Curso de Museus (1964-1973) / Professora adjunta de História da Arte na ENBA – UFRJ (1959-1985) / Membro Membro-fundador do COREM 2ª Região (1986)
1955	Maria Antonieta Abreu	Funcionária do Museu Imperial de Petrópolis por mais de 50 anos / Coordenadora técnica da instituição e responsável pelo processamento técnico do acervo museológico / Trabalhou na pesquisa de acervos de Porcelana e Cristais
1956	Fernanda de Camargo Almeida Moro	Membro-fundadora da AMICOM (1972) / Membro do ICOM (1969-) / Presidente e responsáveis pela reestruturação brasileira do ICOM-BR (1977-1987) / Membro-fundador do Comitê de Museologia do ICOM – ICOFOM (1987) / Membro-consultivo do ICOM (1973-92) / Trabalhou no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, no Museu Monográfico de Conímbriga, no Museu Rockefeller de Arqueologia, em Jerusalém e na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle) / Professora da disciplina do Curso de Museus (1968- 1971) / Co-autora do Projeto do Museu de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara / Uma das responsáveis pela transformação do Museu do então Arquivo de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Pedro II, organizado pela Dr.ª Nise da Silveira (1974) / Presidente da FEMURJ (1979-1980) / Diretora Superintendente de Museus da FUNARJ (1980-1983) / Autora do Projeto do Museu de Astronomia / Criou o primeiro Ecomuseu do Brasil – Itaipú Binacional (1983) / Membro-fundadora da AMICOM (1971-1972)
1956	Lourdes Maria Martins do Rêgo Novaes	Secretária-Geral do ICOM (1976-87) / Presidente e responsável pela reestruturação brasileira do ICOM-BR, do qual foi presidente, (1987-1993). Membro da Direção do Comitê Internacional do ICOM para Documentação – CIDOC (1983-1989) / Membro do Comitê Internacional do ICOM para Museus de Arqueologia e História – ICMAH (1991-1993) / Secretária Executiva da

		FEMURJ (1979-1980) / Diretora do Departamento de Museologia e Museografia da FUNARJ (1980-1983) / Trabalhou, juntamente com Fernanda Moro, na transformação do Museu do então Arquivo de Imagens do Inconsciente, na implantação do Ecomuseu de Itaipu e na organização dos planos diretores do Museu de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara / Professora assistente das disciplinas de Arqueologia Geral e Arqueologia Brasileira, no Curso de Museus do MHN (1970) / Membro-fundadora da AMICOM (1971-1972)
1956	Lúcia Bittencourt de Oliveira	Diretora da divisão de Meios de Comunicação e Difusão Cultural do Departamento de Ensino Superior e Cultura – DESC/SEC/BA (1969-1972) / Membro e Secretária Executiva da Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra – CAAS, Bahia (1979) / Trabalhou na FEMURJ / Membro da Comissão Especial da FEMURJ para o levantamento dos patrimônios da Fundação do Teatro do Rio de Janeiro (1980) / Especialista em Arte Sacra
1957	Dulce da Fonseca Fernandes da Cunha	Chefe da Biblioteca do MN (1965-1988) / Criadora e Coordenadora do Projeto de Atualização e Ampliação da Biblioteca do MN (1975-1983)
1957	Lygia da Fonseca Cunha	Bolsa de Estudos da Biblioteca Nacional de Paris e no Museu do Louvre (1947-1948) / Chefe da Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional (1951, 1961-1962) / Chefe da Divisão de Referência Especializada até o ano de 2000 / Desempenhou diversas e inúmeras atividades ligadas à assessoria técnica em Museologia
1958	Maria do Carmo Ventura Pinto	Atuou na área da docência acadêmica após sua formação em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juiz de Fora (1949-1952). Na área da Museologia, foi museóloga Assistente no Museu da República (1959) / Co-fundadora do Museu de Arte Sacra de São João del Rey (1985) / Membro do Conselho Consultivo do Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana (1987)
1958	Therezinha de Moraes Sarmiento	Sócia-fundadora da ABM (1963) / Bolsa de Estudos em Portugal (1964-1965) / Bolsa de Estudos no México / Conservadora dos Museus do MEC (1960) / Museu da República (1960-1964) / Chefe da Seção de Arte Retrospectiva MHN (1967-1969) e da Seção de Tombamento e Catalogação (1968) / Consultora técnica e elaboradora do Projeto para Museu da EMBRAPA (1975-1979) / Levantamento do Acervo Museológico de diversas instituições como o Museu Villa-Lobos (1969-1970) e Museu da Escola Naval (1974-1983) / Organizadora do Museu da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária (1972-1973) / Reformulou o Museu Mariano Procópio (1982-1983) e o Museu da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro (1982-1985) / Professora do Curso de Museus do MHN e do Curso de Museologia da UNIRIO (1968-1993) / Coordenadora do Curso de Museus da UNIRIO (1988-1989) / Diretora da Escola de Museologia (1989-1992) / Vice-Decana e Decana do CCH (1988-1989) / Presidente da ABM (1979-1982) /
1960	Julieta Pinto Sá Brito	Museóloga da Divisão Educativa do MHN (1970) / Membro da equipe que organizou o Museu e Arquivo Histórico da Academia Nacional de Medicina e do Clube de Engenharia (1976-1979) / Membro de várias diretorias da ABM entre as décadas de 1970 e 1980
1960	Auta Rojas Barreto	Professora de Museologia e Filatelia no Curso de Museus (1969-1970 e 1973) / Projetou e organizou o Museu da Medicina RJ (1970) / Criadora e Chefe da Assessoria Filatélica da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (1971-1974) / Planejou e organizou o Museu do Clube de Engenharia (1978-1979) /

		Criadora do Centro de Documentação e Informação em Arte da TV Globo / Participou de várias diretorias da ABM / Engajada na luta pela Regulamentação da Profissão / Consultora da UNESCO / Responsável pela organização do Memorial da Pediatría Brasileira
1961	Maria Gabriella Pestana de Aguiar Silva	Professora do Curso de Museologia – MHN/FEFIERJ/UNIRIO (1969-2006) / Chefe do Departamento de Antropologia e Museologia (1970-1978) / Chefe do Departamento de Museologia (1978-1983) / Vice coordenadora do Curso de Museologia (1982-1984) / Vice-diretora da Escola de Museologia (1998-2000) / Diretora da Escola de Museologia (2002-2005) / Museóloga da Fundação Nacional Pró-Memória / Assessora da Coordenadoria de Acervos Museológicos do IPHAN (1986-1994) / Membro-fundadora da AMICOM (1971-1972)
1961	Maria Mercedes de Oliveira Rosa	Museóloga do Museu do Estado da Bahia (1962-1967) / Elaborou a classificação das coleções do Museu do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1967-1969) / Organizadora, junto à Regina Monteiro Real, do Museu Costa Pinto (1969) / Autora do Projeto de organização e instalação do Museu Numismático Eugênio Teixeira Leal (1984)
1961	Solange de Sampaio Godoy	Concurso para museóloga da FEMURJ, classificada em primeiro lugar (1976) / Concurso para habilitação de Técnico em Assuntos Culturais, DAC-MEC (1978) / Chefe da Seção de Tombamento e Catalogação do MHN (1969-1970) Organizadora do Museu de Arte Moderna de Resende (1974) / Diretora do Museu do Primeiro Reinado (1979-1981) / Museóloga responsável pelos projetos do Museu Castello Branco (1981), Museu da Fundação José Américo (1981-1982), Museu Comunitário de Hamburgo Velho, Casa Schimitt-Presser (1992), Museu da Limpeza Urbana – COMLURB-RJ, na Casa de Banhos D. João VI (1996), Museu do Teatro do Amazonas (2002) / Chefe da Divisão Técnica do Museu da República (1985) / Diretora do MHN (1985-1989) / Coordenadora do Inventário de Bens Móveis da Fundação Nacional pró-Memória (1990) / Coordenadora Técnica do MHN (1991-1992) / Professora conferencista e titular do Curso de Museus MHN/FEFIERJ (1974-1984) / Membro-fundadora da AMICOM (1971-1972)
1962	Beatriz Pellizzetti	Restauradora, dirigiu o primeiro ateliê de restauro de obras de arte do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Patrimônio Histórico e Artístico de Curitiba (1966-1970) / Seguindo a carreira da docência acadêmica, foi Professora de História da Arte e História do Brasil da UFPR (1969-1979), Chefe do Departamento do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR (1977-1981), entre outros cargos e cadeiras / Participou do planejamento e da Organização do Museu da Bacia do Paraná (1974)
1962	Marília Duarte Nunes	Diretora da Seção de Antropologia e Diretora do Museu Paranaense / Assistente do Diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas da FUNAI (1968) / Museóloga do Museu do Índio e Diretora substituta (1972) / Professora assistente de Antropologia da Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba
1964	Lélia Coelho Frota	Especialista em Cultura Popular / Presidente do IPHAN / Diretora do Instituto Nacional do Folclore / Diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (1999) / Responsável pelo conceito da nova exposição do Museu do Folclore Edson Carneiro

Elaborado pela autora a partir de: Curso de Museus – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional. SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele. Rio de Janeiro, 2007.

3.3.1 NAIR DE MORAES CARVALHO NA COMISSÃO NACIONAL DOS CENTENÁRIOS DE PORTUGAL

Após a conclusão do curso em 1936, quando obteve a maior média geral das disciplinas entre os outros alunos (96.75), Nair Carvalho foi indicada, juntamente com Luis Marques Poliano, por concessão do Presidente Getúlio Vargas,¹⁷⁵ para trabalhar como Conservadores interinos no MHN. Por sua notória dedicação e profissionalismo, os dois também são indicados para atuar junto a Gustavo Barroso na montagem da ala brasileira da Exposição do Mundo Português.

Em 23 de junho de 1940 inaugurava-se, em Belém, a Exposição do Mundo Português, no âmbito das comemorações do duplo centenário da inauguração e da restauração da independência de Portugal.¹⁷⁶ O historiador Fernando Rosas, comenta que a exposição é organizada dois anos antes da Segunda Guerra Mundial, mas que não desistem com a eclosão do conflito. Pelo contrário, "aproveitam a circunstância de guerra para vincar o contraste entre o mundo em guerra e o oasis de paz de ordem que é o Portugal do Estado Novo" (MOTA; SANTOS; DIONÍSIO, 2012)¹⁷⁷. A ideia da exposição, idealizada pelo presidente Salazar, era comemorar as "ações civilizadoras" de Portugal, o papel dos portugueses no Mundo e a afirmação das forças políticas, centrada na propaganda do regime à época. Entre os pavilhões escolhidos para a celebração, encontrava-se o Pavilhão do Brasil, onde Nair Carvalho atuou no trabalho de *condition report* dos objetos, abertura das caixas e expografia, sob a curadoria do diretor do MHN, Gustavo Barroso. Na época da viagem e montagem da exposição, Nair já havia sido nomeada conservadora do MHN, após o Concurso do DASP, assim como Luis Marques Poliano.

Porém não foi fácil convencer seu irmão Bertino Carvalho, com quem ainda morava e tinha autoridade sobre suas escolhas, a aceitar sua ida à Europa. Nair então recorre à amiga da família Serafina Lopes¹⁷⁸, esposa do político gaúcho Idelfino Simões Lopes. Seu irmão havia sido funcionário de Idelfino no Ministério da Agricultura quando se tornaram amigos. Após falar com Serafina, explicando que havia sido indicada e reconhecida pelo seu trabalho no Museu

¹⁷⁵ Certificado de 9 de outubro de 1939, que atesta a nomeação de Nair de Moraes Carvalho como Conservadora classe "G" do MHN por decreto de 16 de novembro de 1937. (ANEXO 6)

¹⁷⁶ Oito séculos depois de 1140, data entendida como a da independência nacional, e três séculos passados sobre a Restauração.

¹⁷⁷ MOTA, Diana; SANTOS, Inês; DIONÍSIO, Joana; et al. Portugal a Preto e Branco: A Exposição do Mundo Português. RTP – Academia RTP, 2012. 23 minutos. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/exposicao-do-mundo-portugues/> Acesso em janeiro de 2022.

¹⁷⁸ NUMMUS, 2014, op. cit.

Histórico, a amiga convida o irmão da conservadora para uma conversa. Para convencer Bertino Carvalho, Serafina entra em contato com Navarro da Costa, conservador do Palácio do Catete que iria a Portugal com a esposa Julieta, e tranquiliza o irmão de Nair com a notícia de que Nair não estaria “sozinha” na Europa.

À época, Nair estava trabalhando como bibliotecária na organização da Biblioteca de Idelfino. Com sua dupla jornada de trabalho, Nair percebe a importância de mais uma experiência para seu currículo. Após a viagem, Nair consegue convencer seu irmão a deixá-la morar sozinha em um apartamento que ela dera entrada em Copacabana, conquistando finalmente sua independência, processo que se iniciara com seu trabalho no museu.¹⁷⁹ Podemos então dizer que a viagem a Portugal é considerada uma linha divisória para a emancipação de Nair Carvalho, que permaneceu morando sozinha até 102 anos. A conservadora de museus junto à Eugênia Alves da Silva, funcionária do Ministério do trabalho, e Geysa Boscoli, representante do Departamento Nacional de Cinema (MONTEIRO, 2011, p. 46), foram as únicas mulheres selecionadas para compor a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal.

Figura 75. Nair de Moraes Carvalho em sua chegada à Lisboa, Portugal, 1940.

Figura 76. Nair de Moraes Carvalho acompanhada de membros da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal em jantar, 1940.

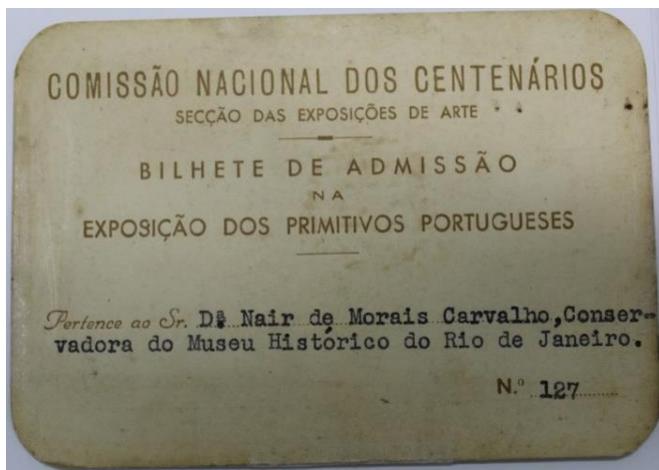


Fonte: Acervo particular, família Moraes de Carvalho.

¹⁷⁹ NUMMUS, 2014, op. cit.

Figura 77. Bilhete de Admissão da Comissão Nacional dos Centenários, pertencente a Nair de Moraes Carvalho (“Secção das Exposições de Arte”), 1940.

Figura 78. D.O.U. 29 de abril de 1940, o Presidente Getúlio Vargas autoriza, em resposta ao ofício nº230 de 16 de abril de 1940, a ida de Nair de Moraes Carvalho e Luiz Marques Poliano sem prejuízo dos vencimentos.



Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal

No ofício n. 207, datado de 9-4-1940, em que o Exmo. Sr. General de Divisão Francisco José Pinto, solicita, ao Exmo. Sr. Presidente da República, sejam designados dos respectivos Ministérios, sem prejuízo de seus vencimentos, para que possam, oportunamente, seguir para Lisboa, afim de auxiliarem a Exposição do Brasil, a cargo da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, os funcionários Antônio Aguiar, Arlindo Augusto Teixeira e João Pereira, do Ministério da Guerra; Eugénia Alves da Silva, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; João Ferreira dos Santos, do Ministério da Justiça e Aristoteles Colombo Drumond, do Ministério da Fazenda, S. Ex. o Sr. Presidente da República exarou o seguinte despacho: "Autorizado. Em 10-4-1940. — G. VARGAS."

No ofício n. 230, datado de 16-4-1940, em que o Exmo. Sr. General de Divisão Francisco José Pinto solicitou, ao Exmo. Sr. Presidente da República, a necessária autorização para que os funcionários do Ministério da Educação e Saúde, Luiz Marques Poliano, Conservador, da classe J. e Nair de Moraes Carvalho, Conservador, da classe II, possam, oportunamente, seguir para Portugal, sem prejuízo de seus vencimentos, em virtude de já se encontrarem os referidos funcionários à disposição da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, S. Ex. o Sr. Presidente da República exarou o seguinte despacho: "Autorizado. Em 24-4-1940. — G. VARGAS."

Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho; D.O.U. Seção I, 29 de abril de 1940.

3.3.2 REGINA LIBERALLI: “FEMINILIDADE”, SER MULHER E SER MUSEÓLOGA

Pascale Molinier e Daniel Welzer-Lang apontam, no Dicionário Crítico do Feminismo (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, p. 101), que na Sociologia e na Antropologia dos sexos, “masculinidade e feminilidade designam as características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres”. Esses conceitos se definem em sua relação e por meio dela. Através de relações de sexo, marcadas pela dominação masculina, são determinadas as atividades e características consideradas para mulheres ou para homens.

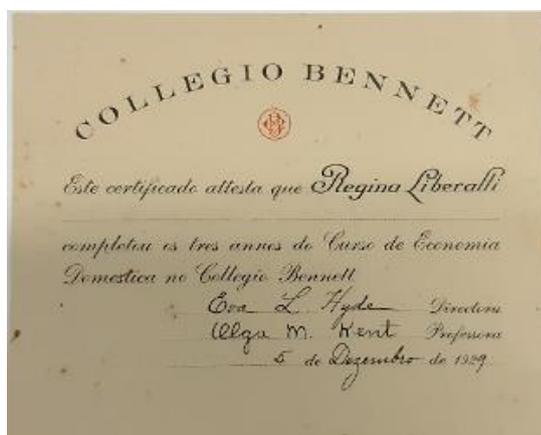
Os autores ainda explicam que existe uma contradição entre a construção do conceito de feminilidade e a integração das mulheres no mundo do trabalho. Pelo fato de grande parte da inteligência das mulheres deixar de ter sido reconhecida, serviços classificados como “femininos” foram sendo prestados por mulheres em um movimento de normalidade. Para Molinier e Welzer-Lang, diferentemente dos homens, as mulheres não tiveram a oportunidade de construir suas competências, mas acabaram por dispor de um “fundo natural de dons e qualidades femininas”, como a destreza, a minúcia, a paciência e a empatia.

A conservadora de museus Regina Liberalli Laemmert, formada pela turma de 1937, é um exemplo desta disposição que os autores comentam sobre a discrepância entre a construção social de “feminilidade” e a atuação no mercado de trabalho. Enquanto mulher,

Regina Liberalli apresentou uma busca pelo desenvolvimento de suas habilidades como “dona de casa” em cursos como o de “Economia Doméstica, oferecido pelo colégio Bennet e o de “Cozinha Moderna”, oferecido pelo Magazine Mesbla. Ao mesmo tempo, percebemos que ela não se interessava apenas nesse desenvolvimento, como também em assuntos diversos, incluindo “Direitos da Mulher”, “Sociologia”, “Liderança” e “Relações Humanas”, presentes no currículo do curso, de nível universitário, “Cultura Geral”, oferecido pelo Instituto de Cultura Feminina. O Instituto de Cultura Feminina foi criado em 1968, pela Diretora Cultural da Associação Brasileira de Ensino Normal, a professora Cleo Fontoura. A ideia a princípio era oferecer palestras para o público feminino, sobre assuntos diversos e sempre estabelecendo um destaque à chamada por eles “mulher moderna”. Posteriormente, ganhou status de nível superior, incluindo oferecendo curso de mestrado em 1974¹⁸⁰.

Inicialmente, segundo informações da Professora Cleo Fontoura, o Instituto Superior de Cultura Feminina deverá patrocinar um curso de conferências abrangendo temática diversa, incluindo assuntos de literatura, artes em geral, ciências sociais, ciências exatas e tecnologia. Para tanto, grandes nomes de cada setor serão convidados a ordenar planos de palestras que serão anunciadas brevemente. Disciplinas como Psicologia Familiar, Relações Humanas, Atualidade Política, Temas Literários e Científicos, Sociologia Familiar e outras já estão na grande lista que o ISCUF decidiu colocar na sua primeira programação oficial. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1968, p.13).

Figuras 79 e 80: Certificado do Curso de “Economia Doméstica”, Colégio Bennet, 1929. / Certificado do Curso de “Cozinha Moderna”. Magazine Mesbla, 1953.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert.

¹⁸⁰ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1974, p. 2.

Figura 81. Diploma do Curso de “Cultura Geral”. Instituto de Cultura Feminina, década de 1970.
 Figura 82. Propaganda do Instituto de Cultura Feminina. O Fluminense, Rio de Janeiro, 26 de março de 1976.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert; O FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 26 de março de 1976, p. 14. (Hemeroteca Digital da BN)

Regina Liberalli sempre demonstrou ser uma pessoa sociável e bastante comunicativa. Em uma matéria de jornal de 1938, um ano após se formar pelo Curso de Museus do MHN e já atuando no MNBA, é entrevistada junto a nomes como o da atriz e cantora Aurora Miranda, e das nadadoras profissionais Isis do Nascimento Silva e Gypsy Santerre. Na matéria elas são questionadas sobre as características do “homem perfeito”. Liberalli aparentou muita naturalidade em expor suas preferências como mulher, além de ser bastante sincera e arrojada, para a época, em afirmar que o ciúme é algo que deve ser tolerado em mulheres, mas não nos homens:

Regina também considera a questão muito relativa. De início, nega a existência de um padrão universal. "Dentro de minha concepção – estamos buscando o homem perfeito, não? – ele deve possuir o talento de Leonardo da Vinci, um rosto bello como lord Byron, o temperamento apaixonado de Lancelote, o coração boníssimo do rei Arthur – e fugindo "um pouco á literatura – o corpo de Errol Flynn. Heroico, voz agradável – a um tempo suplicante e autoritaria; que ame a natureza, que aprecie a musica e tudo o que é bello. Pensando bem, não seria necessário que fosse bello em demasia: suas qualidades moraes e intellectuais deviam superar a desvanecedora impressão visual. O homem perfeito deve possuir – embora pareça paradoxo – alguns defeitos. Detesto homem ciumento, mas acho que uma mulher deve ter alguma preocupação com seu marido. (O GLOBO SPORTIVO, 1938).

Podemos perceber que Regina Liberalli sempre demonstrou ser uma pessoa disposta a afirmar um equilíbrio social entre homens e mulheres a partir de suas ações públicas, como em declarações de entrevistas e em sua própria atuação como conservadora de museu e artista. Dividida entre o trabalho no museu, a vida artística em salões e o casamento, Liberalli é um

exemplo de estabilidade profissional, mesmo com as problemáticas e visões conservadoras ainda encontradas à sua época.

Figuras 83 e 84. “O Homem Perfeito”, O Globo Sportivo, 14 de setembro de 1938.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert.

Em uma outra matéria de jornal, Regina é questionada sobre os problemas encontrados por ela, sendo “uma mulher que trabalha”. Ela foi a primeira entrevistada de uma série publicada pelo jornal, que buscava abordar essas dificuldades. Foram entrevistadas operárias, comerciárias, funcionárias públicas advogadas e médicas. A entrevista é de 1957, época conhecida pela exaltação do papel doméstico da mulher nas grandes sociedades de massa. Esses recortes de jornais, entre muitos outros, foram cuidadosamente guardados pela conservadora de museu por muitos anos, até sua doação para o NUMMUS, na pessoa de sua irmã, Risoleta Liberalli de Goés. No trecho a seguir, retirado da entrevista mencionada acima, podemos perceber a preocupação de Liberalli em expandir-se intelectualmente acima de outras inquietações como ter filhos e cuidar da casa. É interessante distinguir o pensamento de Regina, de outras mulheres de sua época, além de constatar ser linear ao de outras conservadoras de museus contemporâneas a ela.

Meu grande problema é o tempo. (...) Ele é sempre pouco para que eu possa dedicar a outra coisa que não seja o trabalho: pouco resta para a Música, para as Artes em geral, para alguma afinidade intelectual, para assistir uma conferência, visitar uma exposição. É preciso, assim, muito método para que se possa consagrar alguns momentos a outras atividades fora do trabalho habitual e dos afazeres domésticos. (...) Outro grande problema da mulher, ao que observo, é a educação dos filhos. Não tenho filhos, mas tenho sobrinhos. A mãe, em nossa época, faz praticamente outra vez o ginásio com os filhos. Quando estes chegam em casa, não podem sentar a escrivaninha e fazer deveres apenas com os apontamentos que tomaram: precisam, diariamente, da ajuda dos pais, e quem ajuda, em geral, é a mãe. (...) Meu grande problema, repito, é a falta de tempo. E há de ser também o de muitas mulheres que procuram inteirar-se um pouco de tudo, sem descuidar de seu papel de esposa, mãe, dona de casa, e reservando ainda algum tempo para atividades intelectuais preferidas. (O GLOBO, 1957).

Figuras 85. “Uma pergunta a mulher que trabalha: Qual o seu maior problema?”, O Globo, 21 de maio de 1957.

Uma pergunta à mulher que trabalha:
1048
Qual o Seu Maior Problema?

Responde a Sra. Regina Liberalli Laemmert, conservadora do Museu de Belas Artes

O GLOBO Feminino inicia, hoje, a sua “enquete” subordinada à questão acima. Transporte, moradia, vida cara, educação dos filhos, empregadas domésticas... Esses e outros problemas, tão presentes, nos dias que correm, à vida da mulher que trabalha, serão postos em foco na “enquete” que hoje iniciamos através do depoimento de representantes dos múltiplos setores da atividade feminina. Operárias, comerciárias, funcionárias públicas, advogadas, médicas — em suma, a mulher que trabalha — deverão dar-nos, com o seu testemunho, uma ampla ideia das dificuldades que mais as afligem e que refletirão, por certo, aspectos dignos de atenção dos que têm os olhos voltados para problemas da coletividade. A escolhida para iniciar a “enquete” representa, sem dúvida, uma profissão incomum — mas há de ser comum a muitas mulheres, como se deduzirá da sua resposta, os seus problemas. Trata-se da Sra. Regina Liberalli Laemmert, conservadora do Museu de Belas Artes, que assim se expressou:



Sra. Regina Liberalli

— Meu grande problema é o tempo. — devotou-me inicialmente. Ele é sempre pouco para que eu me possa dedicar a outra coisa que não seja o trabalho: pouco resta para a Música, para as Artes em geral, para alguma afinidade intelectual, para assistir a uma conferência, visitar uma exposição.

— É preciso, assim, muito método para que se possa consagrar alguns momentos a outras atividades fora do trabalho habitual e dos afazeres domésticos. Quando estes chegam em casa, não podem sentar a escrivaninha e fazer deveres apenas com os apontamentos que tomaram: precisam, diariamente, da ajuda dos pais, e quem ajuda, em geral, é a mãe. (...) Meu grande problema, repito, é a falta de tempo. E há de ser também o de muitas mulheres que procuram inteirar-se um pouco de tudo, sem descuidar de seu papel de esposa, mãe, dona de casa, e reservando ainda algum tempo para atividades intelectuais preferidas.

— Meu grande problema, repito, é a falta de tempo. E há de ser também o de muitas mulheres que procuram inteirar-se um pouco de tudo, sem descuidar de seu papel de esposa, mãe, dona de casa, e reservando ainda algum tempo para atividades intelectuais preferidas.

Fonte: O GLOBO. “Uma pergunta a mulher que trabalha: Qual o seu maior problema?”, 21 de maio de 1957. (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert)

3.3.3 A PRIMEIRA EQUIPE DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

Regina Liberalli, Regina Monteiro Real, ambas formadas pela turma de 1937; Lygia Martins Costa, formada pela turma de 1939 e Elza Ramos Peixoto, formada em 1938, integraram o primeiro quadro de Conservadores do Museu Nacional de Belas Artes. Como funcionárias do MNBA, realizaram um trabalho pioneiro de processamento técnico museológico no acervo do museu, além de articularam a criação do ICOM-BR, em 1946, como mencionado anteriormente.

Trabalhando ao lado do Diretor Oswaldo Teixeira, professor da Escola Nacional de Belas Artes, elaboraram inúmeras exposições de arte brasileira e internacional, temporárias e itinerantes. O periódico "*O Jornal*" trouxe, no ano de 1943, uma novidade no que se refere às referências da atuação dos conservadores de museus.

Em sua coluna sobre os problemas vividos por diversas categorias profissionais, apresentam, em dois exemplares, depoimentos de quatro conservadoras: Regina Real, Jenny Dreyfus, Regina Liberalli e Elza Ramos Peixoto.

O destaque para a atuação feminina nesta coluna proporcionou um lugar de fala importante para as mulheres como conservadoras de museus, que bem representaram os problemas enfrentados pela classe. Isso, apesar da matéria ser intitulada "Com a palavra os Conservadores dos Museus". (grifo nosso)

Jenny Dreyfus, funcionária do MHN, por exemplo, à época Chefe da Seção de História, expôs sua opinião¹⁸¹ sobre a falta de pessoal técnico para a realização do trabalho dentro do museu. Para ela, a incompreensão até mesmo do título da profissão de "conservador de museu", por parte do público em geral, era um dos problemas enfrentados pela classe. Dreyfus revelou a problemática do senso comum ligado à profissão, que a relacionava com a limpeza do museu. Ao final da fala, destacou a grande responsabilidade do trabalho de pesquisa artística e histórica realizada pelos conservadores.

O próprio jornal, no anúncio do artigo, expõe as adversidades vividas pelas profissionais que chamam de "servidores técnicos federais praticamente desconhecidos, quase ignorados nas seriações infinitas da burocracia e por isso mesmo mal remunerados, como cita a entrevistada Regina Real, na publicação de janeiro de 1943:

Iniciamos, hoje, a publicação dos depoimentos de técnicos Conservadores de Museu. A primeira a ser ouvida foi D. Regina Real, secretária do Museu de Belas Artes, que nos declarou o seguinte:

¹⁸¹ O JORNAL. "Com a palavra os conservadores de museus. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1943, p. 2.

– O principal problema a ser focalizado é a absoluta falta de espaço com que lutamos. O espaço no Museu Nacional de Belas Artes é pequeno para conter o Museu e a Escola de Belas Artes. Desta maneira, estamos limitados por uma sala pequena onde é grande o movimento de pessoas que entram e saem. A maioria dos trabalhos que requer estudos acurados, temos que executar em nossa casa, devido ao atropelo de nossa secção, onde não se goza de tranquilidade necessária para um trabalho que exige sossego e meditação. D. Elza Ramos Peixoto, do Museu de Belas Artes, tem o seguinte ponto de vista:

– Precisamos, antes de tudo, para a boa execução de nossas atribuições, de aparelhamento técnico adequado, como seja a documentação fotográfica que oferece enorme contribuição ao estudo de pesquisas. A viagem de estudo e aperfeiçoamento é outro problema ventilado pois outras classes de função pública, têm sido beneficiadas quando, para os Conservadores de Museus as viagens de estudo têm sido conseguidas através de bolsa de estudo. (O JORNAL, 1943, p.2).

Figuras 86 e 87. Recortes de “O Jornal”: “Com a palavra os conservadores de museus”, janeiro e novembro de 1943.



Integrantes do Conselho Técnico do museu, as conservadoras acumulavam o trabalho de processo técnico do acervo, bem como conservação, montagem de exposições, atividades educativas, com a consultoria e orientação à diretoria do MNBA. Entre suas atividades como Conselho, incluíam elaborar anualmente o plano de aquisição de obras de arte para a ampliação das coleções do MNBA, opinar sobre a compra de obras oferecidas ao museu, opinar, anualmente, sobre o plano de exposição, conferências, mostras de arte e outros entendimentos culturais, opinar sobre a realização eventual de exposições particulares requeridas por artistas nacionais e estrangeiros, opinar sobre a cessão de empréstimo de objetos pertencentes ao patrimônio artístico do MNBA.¹⁸² Elza Ramos Peixoto e Regina Liberalli foram as integrantes deste grupo pioneiro do MNBA que atuaram junto ao museu até a aposentadoria em 1973 e 1974, respectivamente¹⁸³. Liberalli teve a atuação plural junto ao museu, participando da produção científica nos anuários do Museu, nas exposições e principalmente na conservação das obras gestão dos processos de restauração¹⁸⁴. As outras conservadoras do quadro se deslocaram para outras instituições museológicas e de patrimônio. Elza Peixoto teve destaque em funções de chefia durante sua carreira no MNBA, sendo Chefe da Seção Técnica durante muitos anos e diretora substituta em diversas ocasiões (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 48). A primeira direção efetiva feminina do MNBA ocorreria em 1970, com a posse de Maria Elisa Carrazzoni, formada pela turma de 1963.

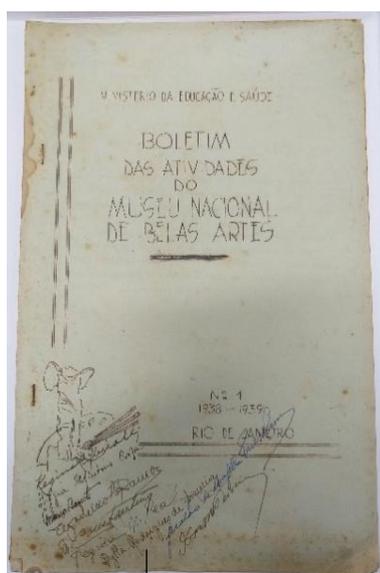
¹⁸² Documento sobre as funções do Conselho técnico do MNBA (Art. 10), década de 1940. (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert)

¹⁸³ D.O.U. Seção I, 5 de fevereiro de 1973, p.4. / D.O.U. Seção I, 18 de novembro de 1974, p. 20.

¹⁸⁴ Ver Relatório sobre restaurações de obras do MNBA por Regina Liberalli, de 1967 (ANEXO 3).

Figura 88. Artigo da "Ninon" sobre entrevista ao Prof. Oswaldo Teixeira, mostra a equipe do MNBA na década de 1940. No gabinete de trabalho, o grupo de conservadoras de museus: Elza Ramos Peixoto, Regina Real, Lygia Martins Costa, Maria Barreto e Regina Liberalli.

Figura 89. Boletim nº 1 de Atividades do MNBA de 1938-1939. Assinam as conservadoras, junto ao diretor Oswaldo Teixeira.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert.

3.3.4 A EQUIPE FEMININA DO MUSEU DA CIDADE

Em 1952 uma reportagem feita pelo “Diario de Noticias” trouxe uma entrevista com Pascoalina de Almeida Stilben, diplomada pela turma de 1947 do Curso de Museus. O Museu, aberto ao público em 1939, acompanhou as mudanças trazidas pela entrada em peso de mulheres, egressas do curso, no mercado de trabalho, tendo desde a década de 1940, um perfil de equipe quase exclusivamente feminino.

Figura 90. Ouvindo a Diretora do Museu Histórico da Cidade. Mulheres contam sua vida (XXXI). Diario de Noticias, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1952.¹⁸⁵



Fonte: DIARIO DE NOTICIAS. “Ouvindo a Diretora do Museu Histórico da Cidade. Mulheres contam sua vida (XXXI)”, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1952, p.1. (Hemeroteca da BN)

Entre 1940 e 1948, Anna Barrafatto desempenhou funções de Coordenadora dos Setores de Museus, Exposições Comunicações e Expediente, além de atuar como substituta de chefia, até o momento em que se dedicou ao magistério do Curso de Museus e escolas estaduais do Rio de Janeiro. Sua irmã, formada pela turma de 1935, também atuou junto ao mesmo museu durante a década de 1940. Na mesma época, Maria Augusta Machado integrou o grupo de pioneiras da equipe do museu juntamente à Guajajara Pereira Johnston e Pascoalina

¹⁸⁵ Da esquerda para a direita: Guajajara Pereira Johnston, Pascoalina Stilben e Maria Augusta Machado. Nas duas fotos laterais, a diretora Pascoalina Stilben em seu gabinete da direção e galeria de exposição.

Stilben, funcionária do museu desde o final dos anos 1930. Em junho de 1951, Pascoalina Stilben assumiu o cargo de diretora do museu (Chefe dos Serviços do Museu da Cidade). Em 1950 havia assumido a coordenação do Setor de planos e pesquisas. Na entrevista concedida ao “Diário de Notícias”, Pascoalina Stilben contou que foi funcionária “sem cargo de direção”, desde a inauguração do museu, em 1939. A matéria resume a descrição acadêmica e física da conservadora em algumas linhas. Notamos que os atributos físicos das mulheres, profissionais de museus eram um assunto repetitivo nos artigos publicados sobre seus trabalhos nas instituições, como pudemos ver no caso de Nair de Moraes Carvalho, no capítulo anterior. Contudo, nesta matéria, escrita por uma jornalista mulher de nome “Eneida”, a descrição é rápida e posterior à sua apresentação como profissional, muito diferente da reportagem onde discutiam a aparência jovem da Coordenadora do Curso de Museus.

Tem curso do Museu Histórico Nacional, é professora primária pelo Instituto de Educação, além de ter feito curso de desenho e artes aplicadas na Universidade do Distrito Federal. É uma criatura esguia, simples, sem mistérios. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1952, p.1).

Nas fotografias estampadas na primeira página do jornal, assim como no subtítulo da matéria, observamos o enfoque no fato da diretora do museu ser uma mulher e as problemáticas encontradas por ela e pelas duas funcionárias do museu. A reportagem continua com a entrevista com Pascoalina, que além de explicar a origem de seu nome (pois havia nascido em um Domingo de Páscoa), explica o sacrifício para ir à Bienal de São Paulo. A preocupação e estudos da chefe dos Serviços dos Museus da Cidade, se estende às ações educativas nos museus, um tema em voga na Museologia da década de 1950.

O Serviço de Museus da Prefeitura compreende o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro e o Museu Central Escolar, onde seriam centralizados todos os pequenos museus das escolas e receberia todas as crianças para aulas de História Natural e Etnografia. – Interrompo Pascoalina Stilben para perguntar: – Esse trabalho não é realizado? – Não se pode cumprir as finalidades do Museu Escolar, por causa do local. Em 1951 consegui dar aulas às crianças, mas como poderão vir à Gávea as que necessitam de ensinamentos, aquelas que moram no subúrbio e que não têm para vir aqui condução e dinheiro? (...) Fico imaginando que alegria para os pequeninos moradores das tristes favelas, dos casebres desconfortáveis e até mesmo para os garotinhos aprisionados em apartamentos, correr naquela relva, (...). (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1952, p.1).

Durante o restante da entrevista, a repórter parece impressionada com a dedicação que a diretora entrega ao museu e como sua vida inteiramente dedicada à sua carreira e

crescimento profissional. Ao final da reportagem, a entrevistadora finalmente se rende ao sentido de vida e mérito de Stilben.

- Lembro a Pascoalina que não vim fazer uma reportagem sobre o museu, mas sobre sua vida. Ela sorri:
- Impossível separar uma coisa da outra. Minha vida é o Museu. **Gosto muito dele e tenho orgulho de ter alcançado oposto que ocupo.** (grifo nosso) (...)
- Por favor, conte-me alguma coisa de sua vida.
- Já viajei ao sul do Brasil até o Rio Grande, visitando instituições culturais, principalmente museus. Fiz viagens culturais para o Norte, com o Curso de Museu do Museu Histórico; costumo realizar essas viagens todos os anos. Já visitei todos os museu, igrejas, monumentos e locais históricos, enfim, tudo que se relacione com a História e a Arte.
- Mas quero saber de sua vida fora dos museus.
- Só se lhe falar nos meus desejos: preciso dizer que muito devo ao professor Gustavo barroso, diretor do Museu Histórico Nacional; a D. Jenny Dreyfus, Chefe de Seção do Museu histórico e professora de sigilografia do Curso de Museus; a Maria Eneada Vieira Sourisseau, advogada e ex-professora de Arqueologia e Etnografia no Curso de Museus.
- O que você mais ambiciona na vida?
- Gostaria de especializar o Museu em História e Arte da Cidade, separá-lo do Museu Escolar, estabelecer troca com o Museu Histórico Nacional para que aqui ficasse tudo que diz respeito ao Rio de Janeiro. (...) Especializar para que nosso povo conhecesse melhor e mais organizadamente a vida passada de nossa cidade.
- Pascoalina Stilben tem sua vida demasiadamente dentro de seu trabalho. Impossível separar um do outro e esse o mérito maior de sua história.”¹⁸⁶ (DIARIO DE NOTICIAS, 1952, p.1).

3.3.5 LYGIA MARTINS COSTA, A MULHER DO PATRIMÔNIO

Segundo Célia Maria Corsino¹⁸⁷, quando idealizado e criado, em 1936, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, hoje IPHAN, representava uma novidade no contexto das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural. A primeira tarefa de seu primeiro diretor, Rodrigo Melo Franco de Andrade, foi reunir especialistas nas diversas áreas de conhecimento que pudessem subsidiar a atuação institucional naquele novo organismo público.

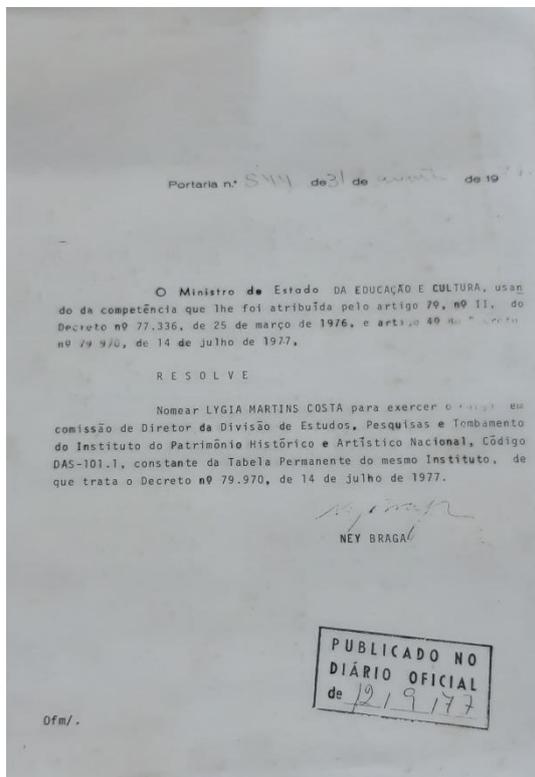
¹⁸⁶ DIARIO DE NOTICIAS, 1952, op. cit., p. 2.

¹⁸⁷ In: Lygia Martins Costa: De museologia, arte e política de patrimônio. Pesquisa: Clara Emília Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002. 388p.

Figura 91. Portaria n° 544, de 31 de agosto de 1977, nomeia Lygia Martins Costa para Diretora da Divisão de Estudos, Pesquisas e Tombamento do IPHAN.

Figura 92. Carteira de Trabalho e Previdência Social de Lygia Martins Costa.

Figura 93. Carteira da Fundação Nacional PróMemória, órgão ligado ao IPHAN, em 1972.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Lygia Martins Costa.

Da primeira geração que contribuiu para as atividades do antigo SPHAN, aprecem os nomes de Mário de Andrade, Afonso Arinos de Melo Franco, Lúcio Costa e Manuel Bandeira. Para Corsino, essa geração de intelectuais “ajudou a cristalizar as metodologias de trabalho da instituição e definir os parâmetros necessários para a formação de um corpus teórico institucional”. A partir dos anos 1940 e 1950, surge uma nova geração de profissionais do patrimônio, e, com isso, a primeira mulher a assumir importantes funções no órgão. Em 1952, após doze anos de trabalho do MNBA, Lygia Costa é convidada por Rodrigo Melo Franco de Andrade a trabalhar no SPHAN, ingressando como secretária da Seção de Belas Artes, posteriormente, chefe da Seção de Arte. Durante a década de 1950, a conservadora passa a atuar como consultora dos museus do patrimônio. Em 1977, assume o cargo de diretora da Divisão de Estudos e Tombamento, o principal expoente do corpo técnico da instituição, substituindo Lucio Costa em sua aposentadoria. A contribuição de Lygia Costa para o IPHAN foi determinante para o futuro do Instituto. A conservadora de museus, formada pela turma de

1939, foi reconhecida pelo seu conhecimento de arte sacra e museologia, especializando-se na obra de Aleijadinho e sendo precursora na realização de um inventário geral da obra do artista. Em 1953, em um de seus primeiros trabalhos para o Instituto, Lygia monta a exposição de fotografias de obras do Aleijadinho, em Assunção no Paraguai.

Figuras 94, 95, 96. Passaportes de épocas diversas de Lygia Martins Costa enquanto “Funcionária Pública” lotada no SPHAN/IPHAN. (Acervo NUMMUS – Coleção Lygia Martins Costa)



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Lygia Martins Costa.

3.3.6 FERNANDA MORO E A MOUSEION

A rede de atuação da museóloga Fernanda Moro, assim como das outras museólogas mencionadas nesse tópico chama atenção pela singularidade e pioneirismo. Fernanda Moro se destaca na tendência ao empreendedorismo, assunto vigente apenas no século XXI. Hoje fala-se do empreendedorismo feminino, conciliação de jornadas e o impacto da economia feminina no país. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do IBGE, 9,3 milhões de mulheres comandam algum negócio no país em 2022.

Fernanda Moro atuou como profissional autônoma e abriu, a que consideramos, a primeira empresa totalmente voltada para a museologia e seu caráter interdisciplinar, sendo administrada por profissionais museólogos no Brasil, a Mouseion. Como pessoa jurídica, Fernanda Moro atuou na curadoria de coleções, peritagem de obras de arte, consultoria técnica e elaboração de planos diretores de museus. Segundo as palavras da museóloga¹⁸⁸, o nome

¹⁸⁸ Folder da MOUSEION (Acervo NUMMUS – Coleção Fernanda Moro)

retorna à filosofia do *mouseion* de Alexandria, princípio interdisciplinar de criação da MOUSEION – Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem, em 1971. A empresa¹⁸⁹ passou a ser membro institucional do Conselho Internacional de Museus – ICOM, em 1973, e descrita, nas palavras de Fernanda Moro, como:

Instituição científico cultural, dinamiza não apenas suas próprias coleções e arquivos, bem como presta assistência técnica, através de uma equipe interdisciplinar, à várias instituições do Brasil e do Exterior.

Funcionando dentro das normas técnicas flexíveis e atualizadas, equacionadas à realidade local do projeto, de acordo com os anseios da comunidade, o Centro é um dos implantadores de Museologia Moderna no Brasil. Na área das disciplinas de base utiliza o sistema de investigação orientada para uma visão interdisciplinar, porém com profundo detalhamento das áreas específicas. (MOUSEION, s.d.)

A empresa englobava diversas funções relacionadas à vasta área da Museologia e sua premências durante a década de 1970. Atuavam junto à estruturação, planificação e desenvolvimento de pesquisa disciplinar e interdisciplinar, orientação bibliográfica e estrutura de temas, organização de equipes de pesquisadores para áreas específicas, além de trabalhar na criação, reformas e adaptações de museus e outras instituições que abrigassem acervo. A Mouseion operava no planejamento de exposições e reestruturação de exposições permanentes ou temporárias; empréstimo de exposições; na criação, reforma e adaptação de equipamentos para museus; planejamento, criação e adaptação de reservas técnicas. Além de trabalhar em projetos de conservação de bens culturais; a empresa oferecia serviços de estabelecimento de sistemas de inventário e documentação; projeto de sistema de segurança para museus; estabelecimento de projetos educativos; planificação econômico-financeira, administração de instituições culturais em geral; treinamento de pessoal; projeto e confecção de catálogos e outros materiais gráficos; e na coordenação de conferências e seminários. A empresa contava com o trabalho de diversos profissionais, com destaque para a atuação de museólogas como Lourdes Maria Martins de Rego Novaes e Lucia Bittencourt Marques de Oliveira, que fizeram parte da Direção Técnica junto à Fernanda Moro.

Como exemplos de projetos de atuação da Mouseion, podemos destacar alguns presentes na coleção Fernanda Moro, do acervo do NUMMUS: Plano Diretor do Ecomuseu de Itaipu, os gráficos de visitação aos museus da FUNARJ (1979-1982) e os relatórios sobre coleção

¹⁸⁹ Possuidora de C.G.C. (Criado pelo Ministério da Fazenda em 1964, o Cadastro Geral de Contribuintes / Registro de pessoas jurídicas que tenham empresas no Brasil).

Eva Klabin Rapaport, que incluíram a curadoria, museografia, pesquisa e conservação (1981-1988).

Figuras 97 e 98. Cadastro Fiscal de Fernanda Moro como “profissional autônomo” de Museologia. “Cartão de Inscrição de Profissional Autônomo”, Estado da Guanabara, Secretaria de Finanças, Departamento de Imposto sobre Serviços.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Fernanda Moro.

3.3.7 MULHERES E A CHEFIAS DE SEÇÕES DO MHN

Como dito anteriormente, as egressas do Curso de Museus, passaram a ocupar os cargos de docência e coordenação do curso a partir da segunda década de funcionamento, que correspondeu ao progressivo aumento de formação de mulheres conservadoras de museus, pelo MHN. Por outro lado, acompanhando o Decreto-Lei nº 21.129, de 7 de março de 1932, que cria o Curso de Museus, se cumpre o objetivo primordial de capacitar profissionais técnicos para o próprio MHN. Com isso, os cargos de conservadores são ocupados por essas e outras ex-alunas do museu, muitas delas conciliando a carreira de magistério no curso com a atuação nas diferentes seções da instituição.

Com o passar dos anos, os cargos de chefias destas seções e a direção do museu, esta última mais lentamente, são assumidos pelas conservadoras de museus formadas nas primeiras décadas de funcionamento do curso. Para demonstrar como esse processo ocorreu, realizamos um levantamento das egressas (ingressantes entre 1932 e 1960) que ocuparam cargos de chefia de seções, vice-diretoria e diretoria do Museu Histórico Nacional. Dessa maneira percebemos que ao longo da década de 1960 cresce de forma significativa nomes femininos nas chefias do MHN.

TABELA 19: CARGOS DE CHEFIA/DIRETORIA DAS EGRESSAS DO CURSO DE MUSEUS (1932-1960) NO MHN

CONSERVADORA DE MUSEU / MUSEÓLOGA	CARGO DE CHEFIA / DIREÇÃO NO MHN
Fortunée Levy	Chefe da 2ª Seção de História (1959-1960) Chefe da Seção de Sigilografia, Condecorações e Filatelia (1961-1966)
Nair de Moraes Carvalho	Vice-diretora e Diretora em exercício (1954-1967)
Octavia Corrêa dos Santos Oliveira	Chefe da Seção de História (1954-1966) Chefe da Seção de Arte Retrospectiva (1969-1977) Vice-diretora (1970-77) Diretora em exercício (1968,1970,1971)
Yolanda Marcondes Portugal	Chefe substituta da 2ª Seção de História (1943) Chefe da Divisão de Numismática, Sigilografia, Condecorações e Filatelia (1960-1968)
Jenny Dreyfus	Chefe da Seção de Arte Retrospectiva (1945-1947) Chefe da Seção de História (1948-1954)
Dulce Cardoso Ludolf	Chefe da Seção de Sigilografia, Condecorações e Filatelia (1960) Chefe da Seção de Numismática (1960-1968) Diretora substituta (1968) Chefe da Divisão de Numismática, Sigilografia, Condecorações e Filatelia (1974-1978) Chefe da Seção de Museologia (1978-1982)
Carmen Correa Quadros	Chefe da Seção de Biblioteca e Mapoteca da Divisão de Documentação (1960-1968)
Sigrid Porto Barros	Chefe da Seção de História (1960-) Chefe da seção de pesquisa e Assistência Pedagógica-Museográfica da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais (1977-1978) Chefe da Seção de Pesquisa Museológica (1978-1980)
Maria Laura Ribeiro	Chefe da Seção de História Artística e Literária (1968) Chefe do Setor de Planejamento e Organização (1968)
Ecylla Castanheira Brandão	Chefe da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais (1977-1982) Diretora (19990-1994)
Therezinha de Moraes Sarmento	Chefe da Seção de Arte Retrospectiva (1967-1969) Chefe da Seção de pesquisa e Organização da Divisão de Museologia (1977-82)
Solange Sampaio Godoy	Chefe da Seção de Tombamento e Catalogação (1969-1970) Diretora Adjunta (1985) Diretora Geral (1985-1989) Coordenadora Técnica (1991-1992)

Elaborado pela autora a partir de: Curso de Museus – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional. SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele. Rio de Janeiro, 2007.; DocPro do MHN (online).

Ainda podemos destacar que algumas destas museólogas não tiveram suas carreiras encerradas no MHN, e que, após a passagem pela chefia de seções da instituição, transitaram em outros cargos de coordenação e direção em outros museus. Podemos citar o caso de e Jenny Dreyfus que em 1960 participou da implementação do Museu da República, juntamente com a colega Fortunée Levy, tornando-se chefe em 1962.

Figura 99. Sigrid Porto Barros (ao centro) e equipe na sala da Seção de História, a sua direita, os colegas Nair de Moraes Carvalho e Clovis Bornay, década de 1960.

Figura 100. Therezinha de Moraes Sarmento na comemoração de seu aniversário no MHN, 23 de março de 1967.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho, Coleção Therezinha de Moraes Sarmento.

Figura 101. “No Museu Histórico, refoma se arrasta há seis anos”. O Globo, 8 de agosto de 1991. Na foto, a diretora Ecylla Castanheira Brandão.

ter fim.

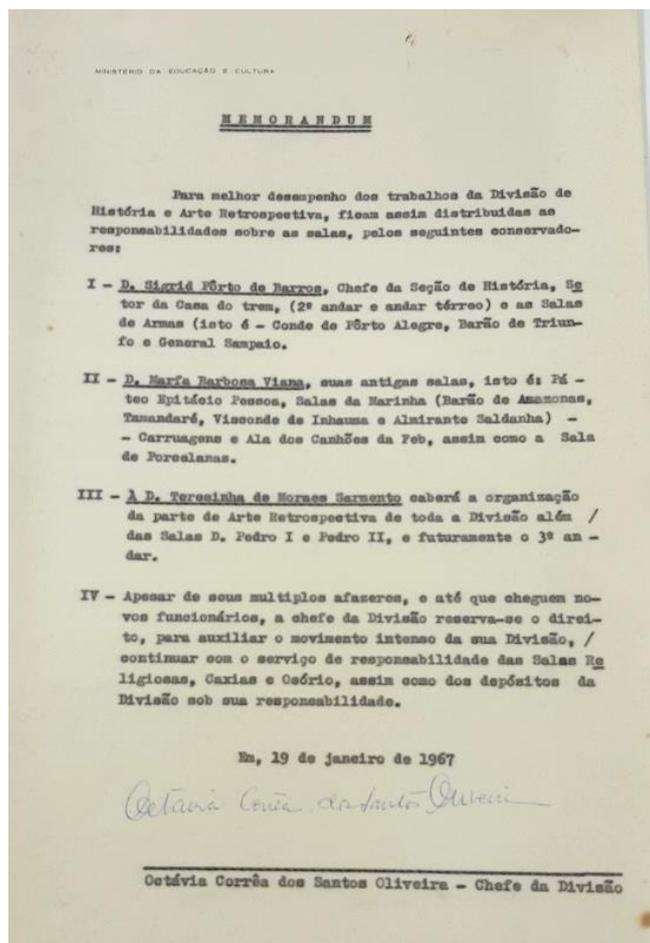
De acordo com a Diretora da instituição, Ecylla Castanheira Brandão, as obras, que já haviam recuperado cerca de 70% do conjunto arquitetônico, foram interrompidas em março deste ano, quando se esgotou a última parcela dos 600 mil marcos doados pelo Governo alemão. Para ela, as etapas já cumpridas permitiram, no entanto, executar a parte mais difícil da restauração.

— A restauração da Casa do Trem, iniciada em 1987, surpreendeu todo mundo, porque além dos trabalhos de prospecção e desmonte das partes comprometidas do prédio, foi preciso refazer inteiramente as estruturas destruídas por cupim. Foram ainda construídos novos telhados e o terceiro pavimento foi arrematado — informa.

Ecylla tem esperança de executar logo as etapas da restauração.

Fonte: O GLOBO. “No Museu Histórico, refoma se arrasta há seis anos”. 8 de agosto de 1991, s/ p. Acervo NUMMUS – Coleção Ecylla Castanheira Brandão.

Figura 102. Memorandum da Divisão de História e Arte Retrospectiva assinado por Octavia de Castro Corrêa, de 19 de janeiro de 1967.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha de Moraes Sarmento.

O Memorandum acima, datado de 1967 e assinado por Octavia Corrêa dos Santos Oliveira, Chefe da Divisão de História e Arte Retrospectiva, lista a distribuição de atividades e responsabilidades nas salas de exposição. Neste documento percebemos a predominância das conservadoras mulheres no museu, que atendem à uma chefia feminina igualmente. Nele, são citados os trabalhos de Sigrid Porto Barros, Marfa Barbosa Viana e Terezinha de Moraes Sarmento.

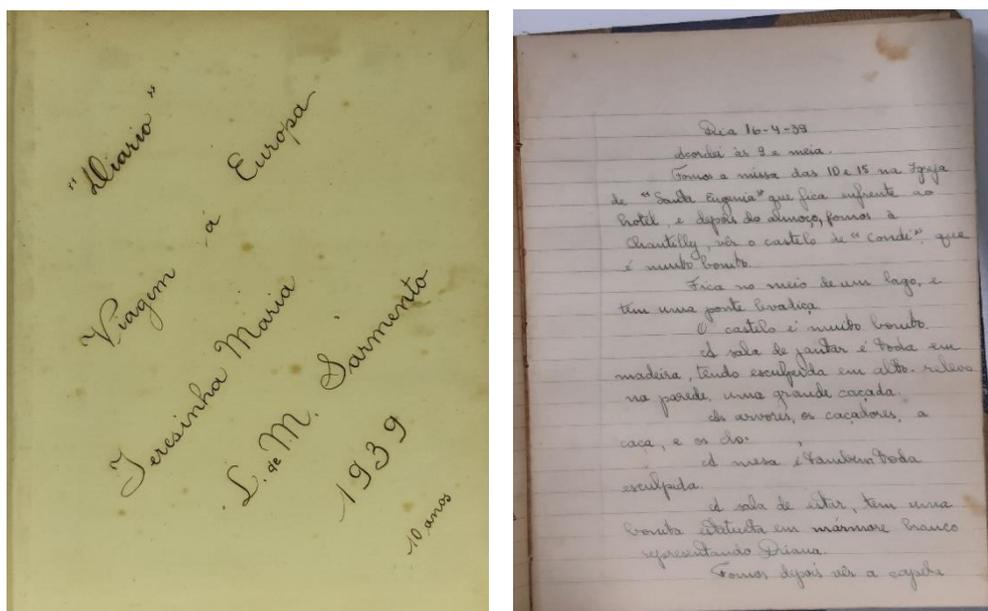
3.3.8 THEREZINHA MORAES SARMENTO: PAIXÃO DE MENINA E OS PROJETOS DE MUSEUS

O castelo é muito bonito. A sala de jantar é toda em madeira, tendo esculpida em alto-relevo na parede uma grande caçada. As árvores, os caçadores, a caça(...) A mesa

é também toda esculpida. A sala de estar tem uma bonita estatueta em mármore branco representando Diana. (Therezinha de Moraes Sarmiento, aos 10 anos de idade, descrevendo suas impressões sobre o Castelo de Chantilly, Museu Condé. 16 de abril de 1939.)

Therezinha de Moraes Sarmiento, em seu diário aos 10 anos de idade, escreveu um diário durante sua viagem pela Europa com sua família. Encantada pelo acervo do Museu Condé, o “Castelo Chantilly”, se formaria dezenove anos mais tarde, em 1958 e cumpriria uma trajetória nos museus e na docência de Museologia que poucos profissionais se assemelharam.

Figuras 103 e 104. Páginas do Diário pessoal de Therezinha Sarmiento, 16 de abril de 1939.

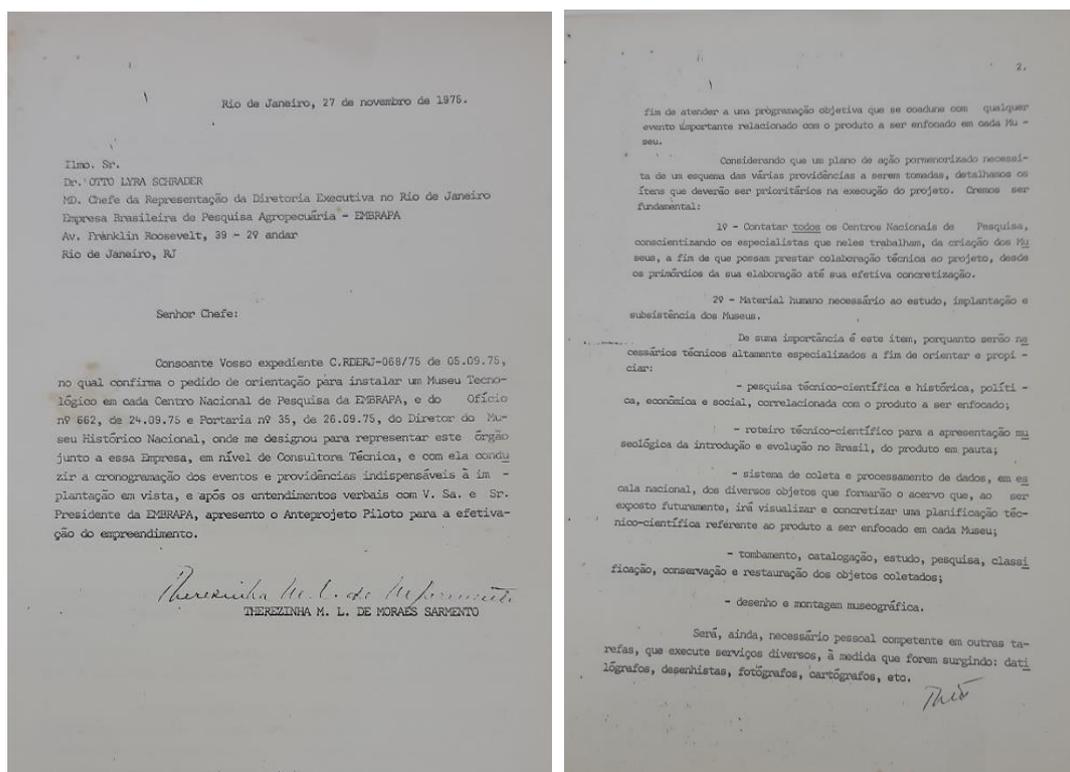


Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha de Moraes Sarmiento.

A Profa. Therezinha Sarmiento lecionou no Curso de Museologia por 25 anos e tornou-se a primeira diretora da Escola de Museologia, criada em 1991, além de ter sido Vice-Decana e Decana do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO, na década de 1980. O perfil profissional de Therezinha se estendeu do magistério, à luta pela regulamentação da profissão de museóloga, sendo não apenas sócia-fundadora da ABM, mas também Presidente da associação entre 1979 e 1982. Esteve presente na organização do acervo museológico de diversas instituições museológicas como o Museu Villa-Lobos, o Palácio Laranjeiras, Museu naval e Oceanográfico, Museu da Escola Naval, Fundação Casa de Rui Barbosa, Palácio Rio Negro e muitos outros, em um total de vinte e duas instituições (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 137). Consultora técnica e orientadora de peritagens, classificações, catalogações e levantamento de

acervo. Criadora do Museu da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária entre 1972 e 1973, Therezinha Sarmento também participou ativamente na elaboração de projetos pioneiros de museus de tecnologia, como o Museu do Cacau, em 1978; os Museus de História e Tecnologia nos dezesseis Centros Nacionais de Pesquisa da EMBRAPA e no Museu de História e Tecnologia do Trigo, ao longo da década de 1970.

Figuras 105 e 106. Carta de envio do Anteprojeto do Museu Tecnológico para os Centros Nacionais de Pesquisa da EMBRAPA e página do anteprojeto, 27 de novembro de 1975.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha de Moraes Sarmento.

A versatilidade de atuação da museóloga Therezinha Sarmento consegue representar o perfil das museólogas e museólogos brasileiros no sentido de se amoldar ao mercado de trabalho a medida que surgem as demandas e propriamente o avanço da visibilidade da Museologia e sua consolidação nesse meio já em uma segunda fase de atuação, que compreendeu as décadas de 1970 e 1980.

3.3.9 LUCIA MARQUES: DE ESTUDANTE BOLSISTA À ESPECIALISTA NA BAHIA

Lucia Bittencourt Marques de Oliveira é o exemplo de museóloga, formada pelo Curso de Museus do MHN (1956) que construiu uma carreira fora do Rio de Janeiro. Lucia Marques teve uma carreira sólida e especializada em Arte Sacra. Nascida no Alagoas, formou-se em professora primária na Bahia. Antes de ingressar no Curso de Museus, como bolsista pelo estado da Bahia, formou-se em Educação Física pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, da Universidade do Brasil, em Licenciatura pela mesma instituição e em Pedagogia pela faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Santa Úrsula – PUC-RJ (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 127). Após atuar como professora durante as décadas de 1940 e 1950, atuou como museóloga especialista em Arte Sacra, onde obteve reconhecimento por sua luta pela defesa do patrimônio. Ganhou destaque em diversos jornais que destacavam seu trabalho na Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra da Bahia e na publicação de livros especializados no cadastramento de esculturas religiosas.

Figura 107. “Museóloga pede apoio em defesa da arte sacra”. A Tarde, 14 de abril de 1982.

Figura 108. “Manual para arte sacra”. Jornal da Bahia, 14 de abril de 1982.



Fonte: A TARDE. “Museóloga pede apoio em defesa da arte sacra”. Quarta-feira, 14 de abril de 1982; JORNAL DA BAHIA. “Manual para arte sacra”. Segundo Caderno, 14 de abril de 1982. (Acervo NUMMUS – Coleção Lucia Marques Bittencourt de Oliveira.)

3.4 AS DÉCADAS DE 1960, 1970 E 1980 E A ATUAÇÃO FEMININA NOS ASSOCIAÇÕES/ÓRGÃOS DE CLASSE DA MUSEOLOGIA BRASILEIRA

A partir da década de 1960, podemos distinguir uma segunda onda feminista, quando as mulheres, após assumirem cargos, passaram a questionar a avaliação do mercado e salários, além de abordarem temas como a emancipação sexual, divórcio, violência doméstica e a posição da mulher negra na sociedade. Uma nova geração considerada menos silenciosa e menos arraigada ao conservadorismo adere às lutas iniciadas pela primeira geração. Marcada pelo pós-guerra, avanço da cultura de massas e guerra fria, essa segunda onda também conta com os trabalhos da norte-americana Betty Friedan, que lança seu livro “A Mística Feminista”, em 1963, inspirada pela produção de Simone de Beauvoir, onde aborda o papel da mulher na indústria capitalista e na função de dona-de-casa. Em 1971, a escritora visita o Brasil, como relata Ana Rita Fonteles Duarte, e enfrenta na pele as dificuldades específicas do movimento feminista no país:

(...) *Mística feminina* era usado como verdadeira Bíblia pelo movimento de mulheres americanas. A polêmica trazida por esse livro tinha espreado reflexos pela Europa e também chegou ao Brasil, primeiro através da imprensa, e depois com a publicação do próprio livro, em 1971, no país, pela ousadia de Rose Marie Muraro, que à época estava à frente da Editora Vozes, no Rio de Janeiro. Na orelha da primeira edição brasileira, a apresentação dizia que aquele havia sido o primeiro livro a denunciar a manipulação da mulher pela sociedade de consumo.

Em abril do mesmo ano, Betty foi trazida ao Brasil pela editora para o lançamento da obra. Como a própria Rose Marie Muraro escreveria, anos depois, em sua autobiografia *Memórias de uma mulher impossível*, não era fácil ser feminista no Brasil daquela época. Ela própria, feminista assumida e atuante, era constantemente malhada e ridicularizada pela imprensa. Foi chamada de lésbica e feita pelo colunista Ibrahim Sued, sofreu com a turma do Pasquim, mas acabou se saindo bem em uma entrevista realizada ainda naquele ano pelo jornal *nanico*.

Sem cobrar cachê, viajando apenas com as despesas pagas, como conta Muraro, Betty veio para um lançamento duplo no país: no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo. (DUARTE, 2006, n.p.).

Em 1962, no Brasil, começa a ser comercializado o primeiro anticoncepcional, o Enovid. Apesar de não ser considerado um resultado de luta coletiva, a partir da análise da autora Joana Maria Pedro, o uso de pílulas anticoncepcionais é paralelo ao aumento da força de trabalho feminina no Brasil:

Convém destacar que o uso intensivo das pílulas anticoncepcionais coincidiu também, no Brasil, com um grande aumento da força de trabalho feminina no

trabalho formal, passando de 31% em 1981, para 35% em 1989, crescendo ainda mais na década de noventa.

Entretanto, no Brasil, a possibilidade de usar os novos métodos contraceptivos não foi resultado de reivindicação ou luta coletiva, e por isso não consta da memória das mulheres como tendo grande significado para a sua autonomia. As mulheres da "geração pílula", entrevistadas por minha equipe, não consideram a contracepção uma conquista. A pílula é pensada como algo necessário para definir uma família de menor porte e, ao mesmo tempo, um perigo constante para a saúde. (PEDRO, 2003, n.p.).

Ainda na década de 1960, destacamos a criação do Estatuto da Mulher Casada, a Lei nº 4.212/1962, de autoria de Romy Martins Medeiros da Fonseca¹⁹⁰, que anulou a necessidade de autorização por parte dos maridos para a mulher trabalhar. Além disso, em 1961, Laudelina de Campos Melo, mineira descendente direta de escravos, cria a Associação Profissional Beneficiária das Empregadas Domésticas, em Campinas. A luta da Associação por direitos trabalhistas resultou, na década seguinte, na regulamentação da profissão.

As décadas de 1970 e 1980, outras ocasiões e conquistas viriam a marcar mais largos passos na luta de emancipação. Em 1975, nomeado Ano Internacional da Mulher, quando é instituído em 8 de março "Dia Internacional da Mulher", ocorre o Congresso Internacional da Mulher, no México, que conta com Berta Lutz como representante do Brasil (MARQUES, 2014, p. 126). Em 1977, a Lei do Divórcio foi sancionada e Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. No mesmo ano, foi instaurada uma comissão parlamentar de inquérito para investigar a situação da mulher no mercado de trabalho e demais atividades. Em 1979, é revogado o decreto brasileiro que proibia mulheres de jogar futebol e outros esportes.¹⁹¹

Apesar das conquistas ano a ano, a luta feminista no Brasil é claramente prejudicada pela ditadura militar que proíbe manifestações populares, assim como reuniões, associações, debates. Apenas em 1980, a Marinha Brasileira, fundada em 1822, passa a aceitar mulheres. A aeronáutica em 1982 e por fim, o exército, em 1992.

¹⁹⁰ Romy Medeiros da Fonseca nasceu no Rio de Janeiro em 30 de junho de 1921. Estudou direito e, advogada, casou-se com o professor Arnaldo Medeiros da Fonseca, catedrático de Direito Civil da Faculdade Nacional de Direito do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Autora de um novo estatuto jurídico para a mulher casada ampliando seus direitos, apresentado ao Congresso Nacional em 1951, iniciando uma longa tramitação, apesar de sua grande repercussão. Depois de engavetado por dez anos, com a pressão do movimento de mulheres o Congresso Nacional aprovou, finalmente, as mudanças no Código Civil em 27 de agosto de 1962, sendo sancionado pelo Presidente João Goulart como a Lei nº 4.121.

¹⁹¹ BRASIL. DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. "Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país." (Art. 54).

Essa demonstração de atraso é corroborada pela negativa do Brasil de aderir à Convenção para a “Eliminação de todas as formas de discriminação contra a Mulher”, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 1979. Apenas em 2002 a convenção entra em vigor no país.

Dentro deste panorama entre décadas de 1960 e 1980, a Museologia acompanha o segmento social de ressignificações e passa por diversas mudanças do pensar e do agir museológico. A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, marco do “Museu Integral”, definiu a integração latino-americana dos museus face às grandes transformações mundiais da época, eclodindo na Declaração de Québec, de 1984, que forneceu os princípios básicos do movimento “Nova Museologia”. O Movimento, a partir de 1984, afirma a função social dos museus e é fortalecido, ainda, pela Declaração de Québec quando estabelece o reconhecimento do movimento por toda comunidade museológica internacional e pelo poder público. Esta Declaração ainda prevê a obrigatoriedade de aceitação de todas as formas de Museologia ativa na tipologia de museus. O movimento abriu espaço para a reflexão. Com isso muitas foram as iniciativas e conquistas no campo museológico e na formação acadêmica do Curso de Museologia.

No Brasil, esta expansão da Museologia culminou com a regulamentação da profissão em 1984. Durante o III Congresso Nacional de Museus (1962), foi proposta a criação de uma associação dos profissionais da Museologia. Nesse mesmo Congresso, foi eleita uma comissão para a criação da ABM – Associação Brasileira de Museologistas. Segundo Neusa FERNANDES (2014, p. 25), a Comissão era composta de Wilma Teixeira Ormond, Elza Ramos Peixoto, Regina Monteiro Real, Gerardo Brito Raposo Câmara, do Museu Imperial e Florisvaldo dos Santos Trigueiros, do Museu do Banco do Brasil. Das três mulheres eleitas para a Comissão de fundação da ABM, duas eram egressas do Curso de Museus, Elza Ramos Peixoto, formada pela turma de 1938 e, à época, Chefe da Seção Técnica do Museu Nacional de Belas Artes, e Regina Monteiro Real, formada pela turma de 1937 e Diretora da Divisão Técnica do Museu Casa de Rui Barbosa. Wilma Ormond era pesquisadora assistente da Divisão de Botânica Museu Nacional (SILVA; KEULLER; DOMINGUES, 2018, n.p.), onde atuou por mais de 50 anos, entre as décadas de 1950 e 1990.¹⁹²

Em 5 de novembro de 1963, no Museu Nacional de Belas Artes, é fundada a ABM a partir de uma Seção Plenária com a presença da Comissão escolhida no ano anterior e alguns

¹⁹² Jornal do Commercio. Conselho Nacional de Pesquisas: Bolsas para Pesquisadores do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1957, p.8.

profissionais da Museologia que se tornariam membros-fundadores da Associação. No mesmo local onde Elza Ramos Peixoto e Regina Real foram arguidas para a apresentação de monografia durante o Concurso de 1939, o Salão Nobre do MNBA, elas se dispuseram, nesse outro momento, do outro lado da mesa. As duas museólogas destacaram assim a consolidação definitiva da presença feminina na Museologia, representando mais da metade de sua comissão de criação e membros-fundadores. O destaque feminino também se estabelece na escolha da primeira presidência da Associação, Regina Real.

Figura 109. Wilma Ormond (Museu Nacional). Elza Ramos Peixoto (Museu Nacional de Belas Artes) e Regina Monteiro Real (Museu Casa de Rui Barbosa) na Mesa Plenária de Fundação da ABM.

Figura 110. Votação durante a Reunião de Fundação da ABM.¹⁹³



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção ABM.

Segundo Natalia BISERRA (2017, p. 82), a ABM foi criada sob a perspectiva de cooperação dos profissionais de museus junto aos órgãos governamentais, entidades nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacionava com os museus e a Museologia. Nesse sentido, a Associação é considerada o primeiro órgão da classe profissional no Brasil. Diferente da ONICOM – Organização Nacional do ICOM, apesar de ser um dos primeiros passos na articulação da classe museológica, se voltava para a reunião de profissionais de museus em geral, não apenas museólogos.

Como já mencionado anteriormente, o Comitê Nacional do Conselho Internacional de Museus, como a princípio se chamou a ONICOM, criada em 1946, contou com o engajamento de duas conservadoras de museus do MNBA, Regina Monteiro Real e Lygia Martins Costa. As duas egressas do Curso de Museus foram as primeiras a realizar um movimento de empenho

¹⁹³ Na foto, aparecem no auditório da esquerda para a direita, na fileira da frente, Octavia de Castro Correa, Heloisa Nansi Ribeiro (de pé), Therezinha de Moraes Sarmiento, Dora Andrade, e na segunda fileira, Regina Liberalli (de pé), Gilda Marina Lopes, Dulce Ludolf, Sigrid Porto Barros e Fortunée Levy.

na inscrição do Museu onde trabalhavam junto ao Comitê, levando a proposta ao diretor Oswaldo Teixeira, que acabou por se tornar, em face de sua função hierárquica, o primeiro diretor do Comitê.

O cenário de 1946 é favorável ao destaque de profissionais homens, tendo como membros-fundadores da diretoria, Oswaldo Teixeira, diretor do MNBA, como Presidente; Alcindo Sodré Diretor, do Museu Imperial, como Vice-Presidente; Américo Jacobina Lacombe, Diretor da Casa de Rui Barbosa, como Tesoureiro; Gustavo Barroso, Diretor do Museu Histórico Nacional; como Vice-Presidente e, a única representante feminina, **Heloísa Alberto Torres**, diretora do Museu Nacional, também na função de Vice-Presidente.¹⁹⁴ **Regina Real** aparece nesta primeira formação como Secretária-arquivista e **Lygia Martins Costa** como Secretária correspondente. Como outros membros do Conselho, assumiram também José Valadares, diretor do Museu do Estado (Salvador, BA); Sérgio Buarque de Holanda, diretor do Museu Paulista do Ipiranga; Inocêncio Machado Coelho, diretor do Museu Goeldi; Dante de Laytano, diretor do Museu Júlio de Castilhos; Cônego Trindade, diretor do Museu da Inconfidência; João Geraldo Kuhlmann, diretor do Jardim Botânico (Rio de Janeiro, RJ); **Geralda Ferreira Armond**, diretora do Museu Mariano Procópio; e Simoens da Silva, diretor do Museu Simoens Silva.

A despeito da minoria feminina na primeira formação da ONICOM, além do fato de duas Conservadoras de Museus terem e estabelecido como pedras angulares na fundação do Comitê, também, não podemos deixar de evidenciar a participação e influência de Heloisa Alberto Torres e Geralda Ferreira Armond. O posicionamento de Lygia Costa e Regina Real, bem como a presença não só delas, mas também de Heloisa Torres e Geralda Armond foi fundamental na construção de representatividade que as mulheres viriam a ter o percurso pela institucionalização do trajeto pela regulamentação da profissão de museólogo. Como mencionado no primeiro capítulo, a antropóloga Heloísa Alberto Torres foi a primeira mulher a assumir a diretoria de um Museu no Brasil, cargo que esteve entre 1938 e 1955.¹⁹⁵ Geralda Armond¹⁹⁶, importante cronista, poetisa e educadora mineira, assumiu a diretoria do Museu

¹⁹⁴ CRUZ, Henrique de Vasconcelos. Era uma vez, há 60 anos atrás...: O Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus – ICOM-BR, 2008. Apud: BISERRA, 2017, op. cit., p.68.

¹⁹⁵ CNPq. Pioneiras da Ciência no Brasil (3ª ed.). Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/mulher-e-ciencia/pioneiras-da-ciencia-1/pioneiras-3a-edicao>. Acesso em 15 de março de 2022.

¹⁹⁶ Nascida em 1913 e formada professora no Instituto Estadual de Educação de Minas Gerais, chegou ao Museu em 1939, para trabalhar como bibliotecária arquivista. Prima do Alfredo Ferreira Lage e sobrinha-neta do Mariano

Mariano Procópio em 1944, após o falecimento de seu fundador, Alfredo Lage. Sua gestão durou até 1980 e foi marcada pelas iniciativas pedagógicas e ações de integração do campo intelectual que projetava o museu como espaço científico e educativo¹⁹⁷.

Figura 111. Heloisa Alberto Torres em seu Gabinete de trabalho no Museu Nacional. Década de 1950.

Figura 112. Geralda Armond no Museu Mariano Procópio. Década de 1960.



Fonte: Arquivo Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres (Disponível em reportagem do G1: Pesquisadoras destacam importância das mulheres na história do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora)¹⁹⁸; Arquivo Museu Mariano Procópio.

A fundação da ABM trouxe uma nova perspectiva de representatividade feminina já consolidada. Além de muito significativa a presidência de Regina Real, observamos que, tanto o quadro da diretoria, quanto do conselho deliberativo eleito em 1963, revelam a um novo panorama. A primeira presidente eleita foi Regina Monteiro Real, museóloga formada pela turma de 1937, tendo dois vice-presidentes, incomum, porém, não obstante da progressiva igualdade que as mulheres encontravam no campo da Museologia em seus primeiros anos da luta pela regulamentação.

Procópio, desde que começou a trabalhar no Museu, foi preparada pelo Alfredo para assumir a direção e dar continuidade ao projeto que ele tinha criado. Sua diretoria vai até o ano de sua morte, em 1980, aos 67 anos.

¹⁹⁷ COSTA, Carina Martins. Uma guardiã da tradição: Geralda Armond e as ações educativas no Museu Mariano Procópio. MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol.11, nº3, maio/junho de 2013, p. 47-58.

¹⁹⁸ Pesquisadoras destacam importância das mulheres na história do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora. G1 Zona da Mata. 08 de março de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/03/08/pesquisadoras-destacam-importancia-das-mulheres-na-historia-do-museu-mariano-procopio-em-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em março de 2022.

TABELA 20: DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSEOLOGISTAS EM 1963

Nome	Cargo	Instituição
Regina Monteiro Real	Presidente	Casa de Rui Barbosa
Gerardo B. Raposo Câmara	Vice-presidente	Museu Imperial
Pascoalina Stilben	Vice-presidente	Museu da Cidade
Antonio Winz	1º Secretário	Museu Histórico Nacional
Dora Vidal Andrade	2º Secretário	Museu de Arte Moderna (RJ)
Carmen Quadros	Bibliotecária	Museu Histórico Nacional
José Eduardo Teixeira Leite	Conselho Deliberativo	MNBA
Josué Montelo	Conselho Deliberativo	MHN
Newton Santos	Conselho Deliberativo	Museu Nacional
F. Marques dos Santos	Conselho Deliberativo	Museu Imperial
Carmen Portinho	Conselho Deliberativo	Museu de Arte Moderna (RJ)
A. T. Rusins	Conselho Deliberativo	DPHAN (IPHAN)
Augusto Silva Teles	Conselho Deliberativo	DPHAN (IPHAN)
Solon Leontsinis	Conselho Deliberativo	Museu Nacional
Wilma Ormond	Conselho Deliberativo	Museu Nacional
Elza Ramos Peixoto	Conselho Deliberativo	MNBA
Dulce Ludolf	Conselho Deliberativo	MHN
Mário Barata	Conselho Deliberativo	ENBA
Gerardo Carvalho	Conselho Deliberativo	Curso de Museus (MHN)

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documento da ABM, 1963. (Acervo NUMMUS – Coleção Dulce Ludolf)

A contar de sua fundação, a ABM contou com cinquenta e seis sócios-fundadores, sendo vinte oito deles mulheres e o mesmo número de homens. Entre essas 28 mulheres, destacamos as egressas do Curso de Museus: Cacilda Pereira Fernandes (turma de 1946), Carmen Corrêa Quadros (turma de 1942), Dora Vidal de Andrade (turma de 1961), Dulce Cardozo Ludolf (turma de 1941), Ecylla Castanheira Brandão (turma de 1953), Elza Ramos Peixoto (turma de 1938), Fortunée Levy (turma de 1935), Gilda Marina de Almeida Lopes (turma de 1942), Heloísa Nansi Bandeira (turma de 1960), Jenny Dreyfus (turma de 1939), Lygia Martins Costa (turma de 1939), Maria Augusta F. Machado da Silva (turma de 1947), Maria Torres de Carvalho Barreto (turma de 1939), Maria Elisa Carrazzoni (turma de 1963), Octavia Corrêa dos Santos Oliveira (turma de 1938), Regina Liberalli Laemmert (turma de 1937), Regina Monteiro Real (turma de 1937), Sigrid Porto de Barros (turma de 1949), Therezinha de Moraes Sarmiento (turma de 1958) e Yolanda Marcondes Portugal (turma de 1937). As outras sete mulheres eram Beatriz da Costa Ribeiro, Carmen Velasco Portinho, Dora Vidal Andrade (funcionárias do MAM), Heloísa Alberto Torres (diretora do Museu Nacional), Léa Paranhos, Maria Nazareth Castelo Branco Cruz (do Departamento de Processos do Departamento de Assuntos Culturais do MEC), Nair Araújo do Carmo Braga (escriuária do MEC) e Wilma Teixeira Ormond (funcionária do Museu Nacional);

como aponta BISERRA (2017) em sua dissertação “Memória da Associação Brasileira de Museologia (1963-1985)”.

A presidência de Regina Real na ABM foi marcada por tentativas institucionais da regulamentação da profissão de museólogo. A primeira, em 27 de julho de 1964, foi o encaminhamento ao DASP de um “Memorial dos Conservadores”, que solicitava a inclusão da carreira de conservador entre as de nível universitário, como destaca Biserra:

Com o intuito de dar andamento ao processo, uma representação da ABM esteve em Brasília, em meados de agosto, levando, pessoalmente, o memorial do DASP ao procurador-geral da República, Adroaldo Mesquita, o qual deu parecer favorável, sendo em dezembro daquele ano ainda, homologada a passagem para os níveis universitários 19 e 20. (Apud. BISERRA, 2017, p. 83).

Tendo início na década de 60, mais exatamente em 1962, quando um projeto começou a ser estudado e encaminhado ao MEC, a regulamentação desde então vinha sendo ano após ano adiada. Somente na data de 1978 a proposta foi aceita e, no dia 18 de dezembro de 1984, aprovada oficialmente. Desde o primeiro pleiteio da ABM junto ao DASP até a Regulamentação da profissão, ocorrida em 18 de dezembro de 1984, as reuniões e diretorias da Associação foram marcadas pela presença das museólogas.

A ABM, desde o início, teve como finalidade estatutária a regulamentação da profissão, conquistada em 1985. De suas 6 gestões, neste período, 3 foram homens, Leó Fonseca e Silva (1970-1973), Lourenço Lacombe (1973-1976) e Arnaldo Machado (1976-1979). Das 3 gestões femininas, Regina Monteiro Real (1963-1966/1966-1969), Therezinha Moraes Sarmiento (1979-1982) e Neusa Fernandes (1982-1985), destacamos a como primeira presidente da Associação uma figura feminina, assim também como a presidente à época da Regulamentação.

A primeira Presidente da Associação, Regina Monteiro Real, encaminha em 1964 ao Diretor do DASP e ao Ministro da Educação e Cultura, uma reivindicação da classe para a regulamentação. Segundo Neusa Fernandes, em seu livro “A ABM e a Regulamentação da Profissão Museólogo”, Regina creditava tal negativa ao momento político desfavorável à época, a ditadura militar. Além disso, alguns fatores prejudicaram a expansão das atividades da associação, como falta de recursos financeiros e inexistência de sede, que não foram empecilho para os debates de interesse da classe.

Após o incansável trabalho da Associação, a profissão de Museólogo é regulamentada pela Lei nº7.287/84. Resultado de muita luta, não só por parte de seus presidentes, que somaram esforços dentro de mais de 20 anos, como também figuras femininas que

compuseram a Vice-diretoria, Comissões e Secretariado da ABM, e outras profissionais que desempenharam importantes papéis de reivindicação entre as décadas de 1960 e 1980. Podemos citar os nomes de Ana Cristina Vieira, Auta Barreto, Diana Farjalla Correia Lima, Elza Ramos Peixoto, Gilda Maria Mello Ferraz e Castro, Fernanda Moro, Guajajara Sampaio Pereira, Izoete Costa e Silva, Lais Scuotto, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Marília Duarte Nunes, Marta Gertrude, Neusa Fernandes, Neyde Gomes de Oliveira, Pascoalina Stilben, Regina Helena dos Santos Timbó, Regina Monteiro Real, Solange Godoy, Tereza Moletta Scheiner, Therezinha de Moraes Sarmento, Vera Alencar, Vera Lucia Bottrel Tostes, Wilma Rodrigues de Carvalho, entre outras. Alguns desses nomes estão citados no ANEXO 7 (Convocação para Assembleia Geral Ordinária da ABM) assinada pela então presidente Therezinha Sarmento.

Podemos assim ver a Museologia, em seu epicentro organizacional como área, acompanha fielmente a sociedade do período. Mulheres se destacam em empenho e zelo, formando uma potência que reflete até hoje o respeito de ser uma entre as (apenas) 68 profissões regulamentadas até hoje no Brasil. Luta que continua se destacando através de museólogas que dedicam seus trabalhos em meio a todos os percalços, crises econômicas, desvalorização da cultura e patrimônio e governos ameaçadores.

Figura 113. Regulamentação da Profissão de Museólogo provoca Debate “QUEM DEVE DIRIGIR NOSSOS MUSEUS?”, O Globo, 18 de março de 1982.¹⁹⁹



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Neusa Fernandes.

Figura 114. “Museólogos debatem sua regulamentação”²⁰⁰, O Globo, 31 de março de 1982.

¹⁹⁹ Aparecem na matéria, concedendo entrevista, da esquerda para a direita: Therezinha Moraes Sarmento, representando a ABM, Fernanda Moro (FUNARJ), Heloísa Lustosa (MAM-RJ) e deputado Alvaro Vale.

²⁰⁰ Aparecem na foto da esquerda para a direita: Mercedes Rosa, Solange Sampaio Godoy, Neusa Fernandes, Teresa Molletta Scheiner, Antonio Caetano Dias, Therezinha Moraes Sarmento, Wanda Coelho e Silva, José Sposel.



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha Sarmento.

3.5 PANORAMA DA PRESENÇA FEMININA NOS CONGRESSOS NACIONAIS DE MUSEUS

Após a criação do Comitê Nacional do ICOM, em 1946, os anos de 1950 trouxeram novas experiências para os profissionais de museus, através de discussões acerca de temáticas e propostas para os museus brasileiros. Mencionados anteriormente, os Congressos Nacionais de Museus, organizados pela ONICOM e posteriormente pela ABM, reuniram estes profissionais, autoridades, pesquisadores e estudantes em agendas de reuniões exclusivamente voltadas para os problemas dos museus, as políticas públicas no campo do patrimônio e a profissionalização da Museologia.

Em 1956, é organizado pela ONICOM o primeiro Congresso Nacional de Museus, por meio da iniciativa de Rodrigo Melo Franco de Andrade, então presidente do comitê (BISERRA, 2017, p. 71) e com apoio do governo de Minas Gerais e do Ministério da Educação e Cultura (Cr\$1.000.000,00)²⁰¹. Realizado em Ouro Preto, o evento contou com cerca de 100 participantes e se estabeleceu como um marco na Museologia. O Congresso de 1956, assim como os posteriores, cumpriu uma responsabilidade de troca de experiências entre

²⁰¹ CONTADORIA GERAL DA REPÚBLICA. Balanços Gerais da União relativos ao exercício de 1956. Ministério da Educação e Cultura, Custeio / Consignação 6 – Encargos diversos. Despesas com o Primeiro Congresso Nacional de Museus, p. 158. (BN Digital)

profissionais de museus, incluindo museólogos, que, pela primeira vez no Brasil, se reuniam de diferentes partes do país.

Figura 115. I Congresso Nacional de Museus, Ouro Preto – MG, 1956.²⁰²

Figura 116. I Congresso Nacional de Museus, Ouro Preto – MG, 1956.²⁰³



Fonte: Acervo NUMMUS – Coleção Ecylla Castanheira Brandão.

Em relação à presença feminina neste Congresso, podemos dizer ter sido bastante expressiva. Os registros do evento demonstram que grande parte das egressas do curso, nas décadas anteriores estavam presentes representando museus do estado do Rio de Janeiro. Maria Barreto, conservadora do Museu Nacional de Belas Artes, foi escolhida pela instituição para ser relatora do Congresso e expressou suas impressões sobre o Congresso.

Como porem (*sic*), aqui estamos, para encarar esses problemas inadiáveis num clima excepcional de coincidência de ponto de vista, nesse outono que liga e prende o espírito de cooperação representantes de quase todos os Estados da União, ideal comum de trabalharmos pela elevação do nível artístico-cultural dos brasileiros (...). (BARRETO, 1956, p.4)²⁰⁴.

Na coleção Regina Liberalli (Acervo NUMMUS), companheira de equipe de Maria Barreto no MNBA à época do evento, encontramos uma lista da relação de diretores de museus presentes no congresso:

TABELA 21: DIRETORES DE MUSEUS PRESENTES NO I CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, OURO PRETO – MG, 1956.

²⁰²Da esquerda para a direita: Carmen Quadros, Regina Liberalli, Edson Motta, Ecylla Castanheira Brandão, Fortunée Levy, Edson Motta, Elza Ramos Peixoto.

²⁰³ Da esquerda para a direita: (?), Dora Maria Pereira Rêgo Correia (Funcionária do Museu Imperial de Petrópolis, formada pela turma de 1969), Ecylla Castanheira Brandão, Carmen Quadros e Jenny Dreyfus.

²⁰⁴ Documento na Coleção Regina Liberalli Laemmert – NUMMUS.

Nome	Instituição / Origem
Padre Antonio Bonfim	Maranhão
Antonio Joaquim de Almeida	Museu de Ouro Preto de Sabará
Dr. Bento Piekel	Museu Florestal Otavio Vecchi- SP
Dr. Dante de Laytano	Museu Julio de Castilhos – RS
Darcy Ribeiro	Museu do Índio
Ervin Pukles	Museu de Uberaba – MG
Dr. Felix de Mariz	Museu Sacro de S. Francisco da Penitência
Dr. Francisco Marques dos Santos	Museu Imperial de Petrópolis
Georgina de Albuquerque	Museu Lucílio de Albuquerque
Jarbas Setorio de Carvalho	Museu Pontanovense de História – MG
Jefferson D'Avila Junior	Museu Antônio Parreiras
João Batista Cascudo	Museu de História de Mossoró – RN
José Candido Melo Carvalho	Museu Nacional
José Maria de Albuquerque Mello	Museu do Estado de Recife
Julio Moreira	Diretor do Museu Paranaense
Manuel Nunes Pereira	Museu da Caça e Pesca – Rio de Janeiro
Mario Carneiro do Rego Melo	Museu do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco
Newton Cardoso	Museu de Fortaleza de São José de Amapá
Pascoalina de Almeida Stilben	Museu da Cidade do Rio de Janeiro
Plinio Travassos dos Santos	Museu de Ribeirão Preto
Raimundo Girão	Museu Histórico do Ceará
F.A. Bragança de Azevedo	Sergipe
Alberto Walter Egler	Museu Goeldi – Pará

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documento da Coleção Regina Liberalli Laemmert (Acervo NUMMUS).

Com o sucesso do I Congresso Nacional de Museus, foi dado início às expectativas para o segundo encontro, que ocorreu em 1959, na cidade de São Paulo, apesar das expectativas terem sido voltadas para o Rio de Janeiro. Teve como objetivo, assim como o primeiro evento, em 1956, a apresentação de estudos e trabalhos museológicos. O Congresso contou com a participação de representantes dos governos federal, estaduais e municipais, delegados de honra convidados pela ONICOM – Organização Nacional do ICOM, personalidades ligadas ao ICOM, representantes e técnicos de museus, técnicos da DPHAN – Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, associados da ONICOM, observadores e estudantes do Curso de Museus.

Percebemos que apesar da participação bem-sucedida de mulheres conservadoras de museus neste primeiro congresso, são poucas as congressistas diretoras de instituições presentes. Isso revela um panorama geral da época em relação a autoridade exercida por elas

nos museus, em relação aos homens, além da representatividade por instituições. A partir do II Congresso, realizado no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Parque do Ibirapuera, em dezembro de 1959, podemos ampliar ainda mais este olhar. No levantamento de participantes do congresso, percebemos um número significativo, porém não majoritário, de mulheres profissionais de museus. As vinculações às instituições são transliteradas do documento utilizado como fonte²⁰⁵. Dessa maneira temos a primeira porcentagem por gênero dos congressistas, ou seja, inscritos no congresso.

TABELA 22: RELAÇÃO DOS MEMBROS INSCRITOS ATÉ 8 DE DEZEMBRO DE 1959 II CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS PROMOVIDO PELA ONICOM, SÃO PAULO – SP

Nome	Instituição / Origem
Alcides Rocha Miranda	Arquiteto do DPHAN
Aleta Livramento	Conservadora da Faculdade de Odontologia
Alfredo Theodoro Rusins	Conservador do DPHAN
Ângelo Jaime Venturelli	Museu Regional Dom Bosco – MT
Antônio Joaquim de Almeida	Diretor do Museu do Ouro – MG
Antônio Pimentel Winz	Conservador do Museu Histórico Nacional
Augusto Ruachi	Naturalista do Museu Nacional
Dom Bento Pickel	Biologista do Serviço Florestal da Sec. de Agricultura de São Paulo – Horto Florestal
Bertha M. J. Lutz	Naturalista do Museu Nacional
Dom Carlos Coelho	Arcebispo de Niterói
Carlos Flexa Ribeiro	Professor Universidade do Brasil
Carlos José da Costa Pereira	SENAI
Carlos de Paula Couto	Naturalista do Museu Nacional
Carmen Quadros	Bibliotecária do MHN
Célia de Almeda Seabra	Secretária Executiva da ONICOM
Clara de Andrade	Professora
Clarisse Correia dos Santos	Diretora do Museu do Café Francisco Schimidt / Diretora do Museu Municipal de Ribeirão Preto
Dom Clemente da Silva Nigra	Diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia
Dante de Laytano	Professor da Universidade do Rio Grande do Sul e da PUC-RS
Darcy Ribeiro	Antropólogo
Dora Maria Rêgo Pereira	Auxiliar de Museus – Petrópolis
Dulce Ludolf	Conservadora do MHN
Ecylla Castanheira Brandão	Conservadora do MHN
Eduardo Galvão	Antropólogo
Elza Berger	Secretária do Museu de Armas Ferreira da Cunha
Elza Ramos Peixoto	Conservadora do MNBA
Ethelina I. Shamis	Secretária do Museu de Arte Moderna de São Paulo
Eunico Rente	Museu Nacional
F.dos Santos Trigueiros	Conservador do Museu do Banco do Brasil
Fernando Monteiro	Chefe do Museu do Banco do Brasil

²⁰⁵ Relação dos membros Inscritos até 8 de dezembro de 1959 – Organização Nacional do ICOM / II Congresso Nacional de Museus. (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert)

Flávio Motta	Fundação Alvares Penteado
Fortunée Levy	Conservadora do MHN
Francisco Matarazzo Sobrinho	Museu de Arte Moderna de São Paulo
Georges Simoni	Decorador
Georgina de Albuquerque	Pintora
Geraldo Nascimento	Diretor do Museu do Diamante – MG
Geraldo Pitaguary	Museu do Índio
Gerardo Alves de Carvalho	Professor de Etnografia do Curso do MHN
Gerarda Ferreira Ormond	Diretora do Museu Mariano Procópio- MG
Gilda Marina Almeida Lopes	Conservadora do MHN
Guy de Holanda	Técnico de Educação
Heloisa Alberto Torres	Presidente da ONICOM
Henrique Batista da Silva Oliveira	Oficial da Marinha
Henriqueta Martins Catarino	Instituto Feminino da Bahia
Herbert Baldus	Etnólogo
Ivo Porto de Menezes	Arquiteto da DPHAN
Jefferson d'Avila	Diretor do Museu Antônio Parreiras
Jenny Dreyfus	Conservadora e professora do Curso de Museus MHN
Joana Bilmis Palhares	Não informado
João Batista Cascudo Rodrigues	Diretor do Museu Municipal de Mossoró
José Antônio de Prado Valadares	Diretor do Museu do Estado da Bahia
José Bento Faria Ferraz	Secretário da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
José L. Freitas	Prefeito do Município de Triunfo – RS
José Lacerda de Araújo Foio	Naturalista do MN
José Loureiro Fernandes	Antropólogo – Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
José Maria de Albuquerque Mello	Diretor do Museu do Estado de Pernambuco
José Mario Alves da Silva	Jornalista e Advogado – Revista Cicerone Brasileiro
João Gomes Teixeira	Diretor do Arquivo Público Mineiro
Lília Maria de Miranda Ribeiro	Professora
Lourdes Duarte Milliet	Conservadora do Museu dos Presépios – SP
Lourenço Luiz Lacombe	Auxiliar de Museus do Museu Imperial
Lourival Gomes Machado	Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP / Vice-presidente da ONICOM
Luci Altiva Seraino	Conservadora do Museu Histórico e Antropológico do Ceará
Lucia Machado de Almeida	Escritora
Luiz Affonso d'Eacragnele	Museu Imperial
Lygia Carlos Estevão	Etnóloga – Museu do Estado de Pernambuco
Lygia Martins Costa	Conservadora do DPHAN
Maria Antonieta Abreu da Silva	Auxiliar de Museus – Museu Imperial
Maria Augusta Machado da Silva	Não informado
Maria Barreto	Conservadora do MNBA
Maria Brasil Girão	Conservadora do Museu Histórico e Antropológico do Ceará
Maria Júlia Pourchet Passos	Professora Municipal
Marília Duarte Nunes	Etnóloga – Museu Paranaense
Mário Antônio Barata	Professor Catedrático da Escola Nacional de Belas Artes
Mário José da Silva Cruz	Conservador do Museu Imperial
Mário Tavares Chicó	Diretor do Museu de Évora – Portugal
Nelson de Souza Oliveira	Professor da Universidade da Bahia
Niomar Moniz Sodré	MAM -RJ
Orlandino Seitas Fernandes	Diretor do Museu da Inconfidência – MG
Oscar Sabino Junior	Museu do Estado de Goiás

Otavia Corrêa dos Santos Oliveira	Conservadora do MHN
Pascoalina Stilben	Diretora do Museu da Cidade
Paulo Berger	Museu de Armas Ferreira da Cunha
Paulo Cezar Vincent da Fonseca	Jornalista
Paulo Emílio Vanzolino	Zoólogo
Paulo Miranda Riberito	Zoólogo
Paulo Olinto de Oliveira	Conservador do Museu Imperial
Peter Hilbert	Arqueólogo – Museu Goeldi
Raimundo Girão	Diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará
Rev.º Raulino Roitz	Botânico- Museu Arquidiocesano Joca Brandão – SC
Regina Lacerda	Diretora do Museu de Goiás
Regina Liberalli Laemmert	Conservadora do MNBA
Regina Monteiro Real	Conservadora do MNBA
Renato Soeiro	Arquiteto do DPHAN
Rodrigo Mello Franco de Andrade	Diretor do DPHAN
Sérgio Ferreira da Cunha	Médico, Industrial, Zelador de Museus – Petrópolis
Sérgio Guimarães de Lima	Pintor / MHN
Segismundo Martins Junior	Estrada de Ferro Central do Brasil
Sigrid Porto de Barros	Conservadora do MHN
Solon Leontsinis	Naturalista auxiliar do MN
Sylvio de Vasconcellos	Diretor do Museu de Arte de BH
Tarcísio Antônio da Costa Taborda	Diretor do Museu Dom Diogo de Souza – RS
Thadeu Maia de Carvalho	Divisão de Caça e Pesca – Ministério da Agricultura
Vinício Stein Campos	Diretor do Museu de São Paulo
Wanda Rocha Lima	Museu de Armas Ferreira da Cunha
Wladimir Alves de Souza	Organizador do Museu de Arte Sacra de Salvador
Welfgang Pfeiffer	Historiador da Arte
Yolanda Marcondes Portugal	Conservadora do MHN
Yvonne Silveira Leite	Museu Municipal de Atibaia

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documento da coleção Regina Liberalli (Acervo NUMMUS) Relação dos membros inscritos até 8 de dezembro de 1959 – Organização Nacional do ICOM / II Congresso Nacional de Museus.

Por ser promovido pela Organização Nacional do ICOM (ONICOM), O II Congresso Nacional de Museus reafirma de maneira mais oficial a atuação feminina, coincidente da presença na Comissão Organizadora, a cargo da ONICOM, que nesta época, era presidida por Heloísa Alberto Torres.

Art.º 1º -O II.º Congresso Nacional de Museus, promovido pela Organização Nacional do ICOM (ONICOM), terá lugar na cidade de S. Paulo, de 15 a 20 de dezembro de 1959.

Parágrafo único – A responsabilidade da organização do IIº Congresso Nacional de Museus caberá a uma Comissão organizadora que funcionará na sede da Organização Nacional do ICOM, à Av. Graça Aranha, 81 – 4º andar e a uma sub-secretaria em S. Paulo, na sede do Museu de Arte Moderna, Pavilhão Arruda Pereira, Parque Ibirapuera, SP. (ONICOM, 1959).

No Congresso seguinte, realizado em Salvador, Bahia, em 1962, temos as informações mais reduzidas, com apenas os nomes dos participantes. Este III Congresso foi determinante

para a criação da ABM, como mencionado anteriormente. Pela primeira vez, o número de congressistas mulheres (87) supera o número de congressistas homens (86).

**TABELA 23: RELAÇÃO DE CONGRESSISTAS – III CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS
PROMOVIDO PELA ONICOM, SALVADOR – BA, DEZEMBRO DE 1962**

Mulheres	Homens
Adriana Marcheaini de Carvalho	Albano Frederico Marinho de Oliveira
Ana Maria Sória Almeida	Alberto A. de Miranda
Ana Pinothco da Costa	Alberto Martins Catarino
Carmen de Albuquerque Soares Monteiro	Alexandre Leal Costa
Cleon Maria Afonso Costa	Alfredo Teodoro Rusins
Cory Teixeira de Carvalho	Américo Simas Filho
Dora Vidal de Andrade	Antônio Joaquim de Andrade e Almeida
Dulce Cardoso Ludolf	Antônio Pimentel Winz
Ecyla Castanheira Brandão	Arnaldo Brito Sousa
Eliana Bittencourt	Augusto Chaves Batista
Elke Hering	Augusto Rucchi
Elza Ramos Peixoto	Carlos Aduardo da Rocha
Emilia Dyer	Carlos Martins Catarino
Emília Naisor da Costa	Carlos Miguez Garridè
Esmeralda Maria de Aragão	Carlos Noskovics
Engenia Viana Nery do Espirito Santo	Carlos Vasconcelos Maia
Eunice Cordeiro Rente	Dalmo Ferreira Cruz
Gizella do Frade Valladares	Diógenes de Almeida Rebouças
Gisélia Antonia Gomes Leite	Durval José Gueiros da Silva
Guajajara Pereira Johnston	Edivaldo Sousa
Heloisa Alberto Torres	Edson Motta
Henriqueta Martins Catharino	Eduardo Bellino Brasil Ribeiro
Herundina Ferreira Baptista	Estácio de Lima
Hilda Maria Cabral Mattos	Eugenio de Camargo Loito
Hildegardes Viane	Fernando Barreto
Ivany Moreira	Fernando Edson Veloso Lima
Jacy de Amaral Franco	Fernando Luis da Fonseca
Jenny Dreyfus	Fernando Rodrigues Protásio
Joanna Bilmio Palhares	Flaviano Marques de Sosua
Liana de Lemos Bleisi	Florisvaldo dos Santos Trigueiros
Liana Gomes Silveira	Francisco Pedro de Oliveira
Lygia da Silva Sampaio	Genaro de Carvalho

Lygia Estevão de Oliveira	Georges Louis Humbert
Lygia Martins Costa	Geraldo Pitaguary
Lina Bardi	Gerardo Alves de Carvalho
Lina Germaino N. da Fonseca	Gerardo Britto Raposo da Câmara
Lurdes Duarte Milliet da Costa e Silva	Godofredo Filho
Lucia Bittencourt Marques de Oliveira	Hermano Gouveia Neto
Lucia Machado de Almeida	Isaias Alves de Almeida
Marcelina Alves Brandão	Jair Brandão
Maria Antonia Humbert	João Batista de Magalhães Gomes
Maria Aparecida Paiva Rodrigues Alves	João Gomes Teixeira
Maria Antonieta Abreu da Silva	João José Rescala
Maria Auxiliadora Ramos	João Vicente Cordenuto
Maria Barreto	Joaquim Queiroz Nogueira
Maria da Penha Vasconcelos Alvarenga	Joir Meira de Vasconcelos Câmara Leal
Maria de Lourdes Duarte Malliet	José Calasans
Maria Augusta Freitas Machado da Silva	José Gabriel da Costa Pinto
Maria Dolores Barreira de Alencar	José Lacerda de Araújo Feio
Maria Edineia Guimarães Almeida	José Luis Mota Menezes
Maria Erondina Felseburgh de Queiroz	José Maria Carneiro de Albuquerque e Melo
Maria Isabel dos Santos Pereira Ribeiro	José Marques de Castro
Maria José Doria	José Martins Catarino
Maria Josefina Borges de Menezes	José Roberto Teixeira Leite
Maria Júlia Pourchet	José Torres de Brito
Maria Junqueira de Calasans Paiva Lima	Jorge Amado
Maria Justina Moura e Souza	Jorge Arturo Ferrer
Maria Mercedes de Oliveira Rosa	Julio Moreira
Maria Thereza Calmon Corrêa Ribeiro	Kerton Bezerra de Figue
Marieta Alves	Lourenço Luiz Lacombe
Marília Duarte Nunes	Mons. Manoel de Aquino Barbosa
Myrthes Nogueira	Mario Barata
Marlene Barreira de Alencar	Mario José da Silva Cruz
Marlene Benediktow	Mário Mendonça de Oliveira
Nahyr de Ress	Mario Neme
Nair de Moraes Carvalho	Mario Pedrosa
Hilda Calmon Gonzaga	Mecenas Marcos Salles
Noemia Godinho	Milton Santos
Olga Imbassahy Pinto de Carvalho	Nelson de Sousa Oliveira
Odete Valente	Orlandino Seitas Fernandes
Pascoalina de Almeida Stilben	Paulo C. Florençano
Regina Lacerda	Paulo Cesar V. da Fonseca

Regina Liberalli Laemmert	Paulo Emilio Vanzolini
Regina Lúcia Rebouças dfe Castro	Raymundo Martins
Regina Monteiro Real	Romano Galeffi
Remy de Souza	Roque Consani Perrone
Roselys Fernandes de Aragão	Segismundo Pinto Martins Junior
Sigrid Porto de Barros	Sergio Guimarães de Lima
Solange de Carvalho Cintra Monteiro	Solon Leontsinis
Solange Godoy Sampaio Fonseca	Thales de Azevedo
Therezinha de Moraes Sarmento	Tarcísio Antonio Taborda da Costa
Vilma Chiara	Valentin Calderón de la Vara
Virgínia Ribeiro de Barros e Silva	Vivaldo Cairo
Victoria Mello	Waldemar Mattos
Wanda Fraga de Almeida	Walfrido Moraes
Wilma Teixeira Ormond	Yves Orlando do Tito de Oliveira
Yolanda Marcondes Portugal	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documento da coleção Therezinha de Moraes Sarmento (Acervo NUMMUS).

É importante destacarmos que neste Congresso, cinco egressas do Curso de Museus do MHN têm resumos apresentados e acompanhados por relatoras como Lygia Martins Costa, Regina Laemmert e Elza Ramos Peixoto, na área de Artes; Regina Real e Jenny Dreyfus, na área de história e Ligia Estevão,²⁰⁶ na área de Antropologia. Além disso, Lúcia Bittencourt Marques de Oliveira, museóloga do Museu de Arte Sacra de Salvador, diplomada pela turma de 1956, participou da Mesa Diretora do congresso, como coordenadora geral do evento. O Congresso ainda contou com Henriqueta Catarino, Diretora do Instituto Feminino da Bahia, na Comissão de Honra.

²⁰⁶ Lygia Estevão de Oliveira. Etnóloga no Museu Goëldi.

TABELA 24: RESUMOS APRESENTADOS NO III CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, SALVADOR BAHIA, 1962

Conferencista	Resumo / Temática
Regina Real	Conceito Psicológico de seleção; o critério de seleção condicionando a categoria de museu; finalidade museológica e educativa da seleção/ O Programa abstrato dos museus; concepções ideológicas, gerais, amplas.
Jenny Dreyfus	Catálogo, fichamento, identificação, classificação, processos, exemplos, sugestão à ONICOM.
Octavia Correa dos Santos Oliveira	Conservação de peças de caráter histórico e artístico no MHN – Apresentação de experiências de trabalho.
Sigrid Pôrto de Barros	A Mensagem Cultural do Museu – As coleções, a evolução de seu conceito; as coleções, sua utilização cultural; as coleções dos Museus de História, sem utilização cultural; Execução de Plano.
Dulce Ludolf	Classificação geral da numismática, A Moeda, Formação das séries numismáticas e sua classificação, Evolução histórica, Divergências entre Numismática Ocidental e a Oriental, Classificação e Organização das Séries Monetárias.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documento da coleção Therezinha Moraes de Sarmiento (Acervo NUMMUS).

O IV Congresso Nacional de Museus foi realizado no Rio de Janeiro entre os dias 23 e 31 de julho de 1965, utilizando o espaço do Museu Nacional de Belas Artes. Aproveitando a realização na cidade sede do então único curso de formação superior em Museologia, a reunião teve como um dos temas principais alterações no Curso de Museus²⁰⁷, que passou por uma segunda grande reforma curricular no ano seguinte, em 1966.

Na imagem a seguir, vemos a foto tirada quando da abertura do Congresso no Salão Nobre do MNBA. Ao centro, as figuras de Heloísa Alberto Torres, diretora da ONICOM e Lygia Martins Costa, à época única conservadora mulher do SPHAN, e, neste mesmo ano, Delegada do Brasil na Conferência Internacional de Museus, organizada pelo ICOM, nos Estados Unidos. No ano seguinte, Lygia Martins Costa assumiria a Chefia da Seção de Arte do SPHAN.

²⁰⁷ “Museus instalam seu IV Congresso no Rio”. Jornal Última Hora 24 de julho de 1965, p. 3 Ano XV, nº 4823. (Hemeroteca BN)

Figura 117. "Museus instalam seu IV Congresso no Rio." Jornal Última Hora, 24 de julho de 1965.



Fonte: JORNAL ÚLTIMA HORA. "Museus Instalam seu IV Congresso no Rio.". 24 de julho de 1965, Ano XV, nº 4823, p. 3. (Hemeroteca BN)

O V Congresso foi realizado na cidade de Petrópolis, de 5 a 10 de julho de 1970. Patrocinado pela ABM e organizado pelo Museu Imperial. A contar das fontes disponíveis de participantes inscritos, esse congresso foi o primeiro que o número de mulheres superou o de homens, com o total de 102 inscritas para 82 inscritos. Isso demonstra o crescimento da presença feminina em cargos de diretoria e coordenação dos museus, superando o número de homens, antes maioria, como é notório na listagem de diretores de museus do primeiro congresso realizado pela ABM. Além disso, podemos perceber a presença de alunos do Curso de Museus e com isso, uma nova geração se estabelecendo nas discussões acerca do futuro dos museus.

Vale destacar, que no mesmo congresso, ocorre um fenômeno singular em relação às temáticas abordadas no evento. Na sessão "Pessoal" da ficha de preenchimento de dados, o congressista deveria preencher a tabela oferecida com o quadro de funcionários do museu que representava, com a especificação de cargo, o número de profissionais naquela categoria, o regime de trabalho e quantos do "sexo feminino" (ANEXO 8). Não conseguimos mais

informações sobre o resultado deste levantamento, bem como sua repercussão. Porém, podemos concluir que é no Congresso Nacional de Museus de 1970, que encontramos a primeira preocupação da classe profissional em discutir sobre a divisão de gênero dentro das instituições museológicas. Este fato se demonstra harmônico à movimentação social trazida pela “segunda onda” de feminismos, discutida anteriormente, quando as pautas sobre a relação da mulher com o mercado de trabalho são trazidas de maneiras mais pragmáticas e assertivas.

TABELA 25: RELAÇÃO DOS CONGRESSISTAS DO V CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS

Nome / Estado	Representação
ALAGOAS	
João Ribeiro de Lemos	Secretaria de Educação do Alagoas
Isabel Loureiro de Albuquerque	Secretaria de Educação do Alagoas
AMAZONAS	
Mário Jorge Couto Lopes	Vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas
BAHIA	
Lúcia Bittencourt Marques de Oliveira	Secretaria de Educação e Cultura da Bahia
Maria Mercedes de Oliveira Rosa	Fundação Museu Costa Pinto
Gisélia Antônia Gomes Leite	Museu do Estado da Bahia
Dom Clemente Maria da Silva Nigra	Museu de Arte Sacra
Alberto Antônio de Miranda	Museu de Arte Sacra e Diário de Notícias
ESPÍRITO SANTO	
Maria Regina Barbosa Avancini	Universidade Federal do Espírito Santo
RIO DE JANEIRO	
Maria Emília de Souza Matos	Museu Histórico Nacional
Lais Scuotto	Museu Histórico Nacional
Auta Rojas Barreto Phebo	Professora do MHN (Escola Superior de Museologia)
Julieta Pinto Sá Brito	Museu Histórico Nacional
Célia de Almeida Seabra	ONICOM
Léa de Oliveira Paula	Museu Histórico Nacional
Gilberto Cavalcanti	A Notícia
Eliza Teixeira de Carvalho	Estudante
Beatriz Dutra Folly	Estudante
Guajajara Johnston	ABM
Hilton Nascimento	Estudante
Ângela Maria de Oliveira Paiva	Estudante
Aida Carielle Couto	Casa da Moeda
Sérgio Ribeiro Mangia	Museu Nacional
Mário Moreira	Museu Nacional

Andrea Penna	Assembleia Legislativa
Léo Fonseca e Silva	Museu Histórico Nacional
Neusa Fernandes	Secretaria de Educação do RJ / Museu da Cidade
Fernanda de Camargo Almeida	Escola Superior de Museologia
Sônia Gomes Pereira	Museu Histórico da Cidade
F. dos Santos Trigueiros	Museu de Valores do Banco Central
Gonegundes Batista de Queiroz	Museu de Valores do Banco Central
Dirceu Martins	Museu de Valores do Banco Central
Edgard de Moura Soares	Museu de Valores do Banco Central
Almir Paredes Cunha	Belas Artes – UFRJ
Sérgio Ferreira da Cunha	Museu de Armas Ferreira da Cunha
Belmiro de Lyra Maia	Museu da Marinha
Fernando Monosos de Moura	Estudante
Regina Liberalli Laemmert	Museu Nacional de Belas Artes
Elza Ramos Peixoto	Museu Nacional de Belas Artes
Ecylla Castanheira Brandão	Museu Nacional de Belas Artes
Eunico de Araújo Carneiro	Museu Nacional de Belas Artes
Elyette Cunha Costa	Museu Nacional de Belas Artes
Heloisa Nansi Bandeira	Museu de Geografia do Brasil
Ana Maria da Veiga Jordão	Museu Nacional de Belas Artes
Carmen Corrêa Quadros	Museu Histórico Nacional
Maria Cristina de Lacerda Rodrigues	Estudante
Augusto Correia Pinto Filho	Universidade do Pará
Anita Luisa Zoéga	Estudante
Teresinha Carneiro de Sousa	Estudante
Jenny Dreyfus	Museu da República
Gilda Marina de Almeida Lopes	Museu da República
Wilma Teixeira Ormond	Museu Nacional
José Lacerda de Araújo Foio	Museu Nacional
Fernando Monteiro	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Marília Duarte Nunes	Museu do Índio
Maria Elisa Carrazzoni	Núcleo de Assuntos Internacionais – Secretaria Geral do MEC
Sérgio Guimarães de Lima	IPHAN
Solon Leontsinis	Museu Nacional
Renato Joaquin de Lima	Museu Nacional
Maria Lúcia de Carvalho Alves	Estudante
Raimundo Nonato de Azevedo	Estudante
Ingrid Beck	Estudante
Carlos Fernando Cavalcanti Pessoa	Museu Histórico Nacional
Maria Thereza de Almeida Netto	Museu Histórico Nacional
Edna Luísa de Melo	Museu Nacional / Universidade de Goiás
Lúcia Hussak van Velthen	Museu Nacional

Almerinda Augusta de Freitas Carvalho	Estudante
Maria Regina Fernandes Mendonça Furatado	Museu Histórico Nacional
Bernadete de Lourdes Costa Leal	Museu Nacional
Carmelina Cupolillo Mauro	Estudante
Ana Maria P. Cardoso	Estudante
Clarice Barroca de Andréa	Museu Nacional
Denise da Silva Delvaux	Museu Nacional
Nair Moussatehé Camhi	Museu do Folclore
Luís Fernando Fernandes Ribeiro	Museu do Folclore
Fernanda Antônia de Oliveira Santos	Museu Histórico Nacional
Sônia do Rêgo Barros	Estudante
Icléia Thiesen	Estudante
Afonso Celso Villela de Carvalho	Museu Histórico Nacional
Leonor Brancaglon	Não informado
José Martin Bartolomé	Museu Histórico Nacional
Maria Terêse Campos de Oliveira	Estudante
Luiz Rafael Vieira Souto	Museu Histórico Nacional
Gean Maria Linhares Bittencourt	Museu Histórico Nacional
Tânia Regina Adour dos Santos	Museu Histórico Nacional
Arnaldo Machado	Banco do Brasil
Joir Meira de Vasconcellos Câmara Leal	Banco do Brasil
Maria Amélia Bianchini	Casa de Rui Barbosa
Hercilio Canosa Vianna	Estudante
Sydney Simons Braga	Museu da Imagem e do Som
Estefâni Quilma Gomes de Andrade	Estudante
Catarina Eleonora F. da Silva	Estudante
Cacilda Pereira Fernandes	Museu de Geografia do Brasil
Elza Maria Brum Arruda	Estudante
Nice Mandarin	Estudante
Alair Siqueira Barros	Estudante
Ada de Camargo Kvassay	Estudante
Walter Ribeiro	Estudante
Maria de Lourdes Parreiras Horta	Museu de Artes e Tradições Populares
Katia E. Calmon Pimentel	Estudante
Marlene Câmara Azevedo	Estudante
Eliete Ferrer Cebrian	Instituto de Pesquisas Educacionais
Aldeli Maria Lobo Memória	Curso de Museus – MHN
Márcia Vivacqua da Costa Ferreira	Estudante
MATO GROSSO	
Lebel de Silimon	Museu do Estado do Mato Grosso
MARANHÃO	
José Jansen Ferreira	Departamento de Cultura do Maranhão

MINAS GERAIS	
Geralda Ferreira Armond Marques	Museu Mariano Procópio
Elvécio Eustáquio da Silva	Museu Municipal de Nova Era
Lauro Lorais	Museu Arquidiocesano de Mariana
José Tostes de Alvarenga Filho	Museu do Banco de Crédito Real
Orlandino Seitas Fernandes	Museu da Inconfidência
PARAÍBA	
Balduino Lélis de Farias	Museu Escola e Sacro do Estado da Paraíba
Irineu Jeffily	Não informado
Maria Dulce Castor Monteiro de Farias	Museu Escola e Sacro do Estado da Paraíba
Nadieje Dias de Paiva	Museu Escola e Sacro do Estado da Paraíba
PARANÁ	
Iracâ Dantas	Museu de Arqueologia e Artes Populares
PERNAMBUCO	
Lygia Estevão de Oliveira	Museu do Estado de Pernambuco
Lúcia Maria Rosa Cysneiros	Museu do Açúcar
Luiz Roberto Fontura (idem)	Museu do Açúcar
Liliana Lúcia Câmara Salvi	Museu de Arte Popular
RIO GRANDE DO SUL	
Gilda Bordin	Museu de Ciências PUCRGS – Estudante
Sérgio Ivan Borges (idem)	Museu de Ciências PUCRGS – Estudante
Telmo Lauro Müller	Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
Francisco Riopardense de Macedo	Prefeitura Municipal de Porto Alegre
Rubens Galnt Costa Cabral	Escola de Artes UFRGS
Paulo J. P. Xavier	Secretaria de Educação e Cultura
José Villibaldo Thomé	Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais
Maria Helena Abrahão Scherr	Museu Antropológico Diretor Pestana
Biágio Tarantino	Museu Municipal / Conselho Municipal de Turismo
ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Fernando Barreto	Instituto de Arte e Comunicação Social UFF
Maria Aurélia Porto Migueis	Museu Imperial
Áurea Maria de Freitas Carvalho	Não informado
Dora Maria Pereira Rego Correia	Museu Imperial
Lourenço Luiz Lacombe	Museu Imperial
Maria Antonieta Abreu da Silva	Museu Imperial
Esther Alcover França	Museu Imperial
Mário Cruz	Museu Imperial
Aleyde d'Alessandro Cresta de Moraes	Universidade Católica de Petrópolis
Gerardo Britto Raposo da Câmara	Museu Imperial
Vera Maria de Mattos Sanchez	Museu Antônio Parreiras
Maria de Lourdes de Mello	Museu Imperial
Maria de Lourdes Paes Lessa Pereira	Museu Imperial

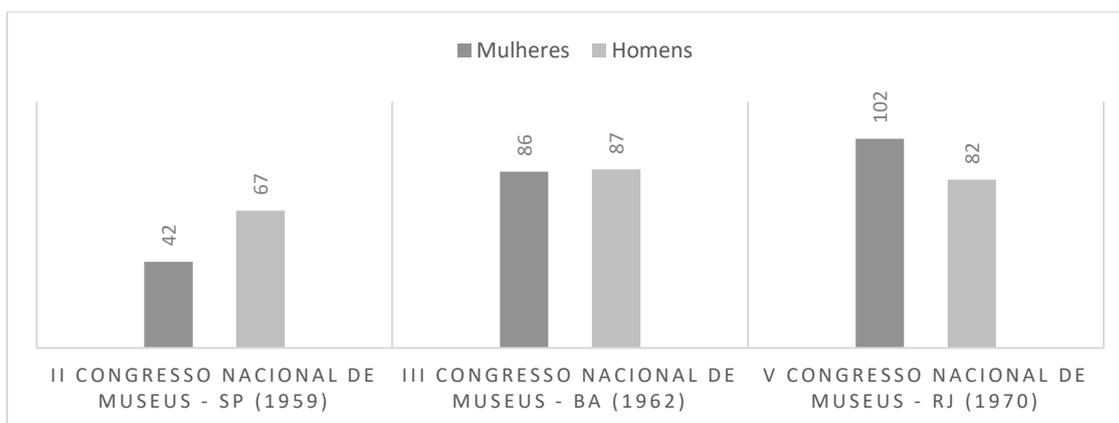
Hélio Santos	Museu Imperial
Paulo Machado Costa e Silva	Instituto Histórico de Petrópolis / Conselho Estadual de Cultura
Alcinda Glória dos Santos	Museu Imperial
Joaquim Eloy Duarte dos Santos	Museu Santos Dumont / Secretaria de Educação e Cultura
Noêmia Roux da Silva	Museu Imperial
Maria Suzana Borges de Magalhães	Universidade Católica de Petrópolis
Dulcinéia Alencar Braga Mello	Estudante
Dulce Eppinghaus	Não informado
SANTA CATARINA	
Herst Henrique Wippel	Museu Nacional da Imigração e Colonização
Carlos Humberto P. Correa	Departamento de Cultura – SEC
Aldo João Nunes	Museu de Arte de Florianópolis
Jali Meirinho	Divisão de Ciências – Serviço Estadual de Museus
SÃO PAULO	
Walter Zanini	Museu de Arte Contemporânea da USP
Vinício Stein Campos	Serviços de Museus Históricos da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de SP
Manoel Nino de Moraes	Instituto de Pesca
Maria Helena Brancanti	Museu do Presépio e de Arte Sacra
Eldino Brancanti	Instituto Guarujá-Bertioga
Helena Rovay Benetton	Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes
Celso Maria de Mello Pupo	Universidade Católica de Campinas / Museu Arquidiocesano de Campinas
Sara Ietuer Burstein	Estudante
Amélia Maria Moreira	Estudante
Neusa Dias de Macedo	Escola de Comunicação e Artes da USP
Maria Antonietta Dias de Aguiar	Museu Histórico Pedagógico Forno Dias Pais
Ulpiano Toledo Bezera de Meneses	Museu de Arqueologia e Etnologia
José Cláudio Fama Toledo	Estudante
Maria da Penha L. de Oliveira	Estudante
Oberdan Sialdini	Estudante
Mário I. Júnior	Estudante
Marilena Chiarelli	Museu de Arte de São Paulo
Regina Gonçalves Cruz	Estudante
Lidia Schlaich Ricardi	Estudante
Maria Lúcia Carbono	Estudante
Fernando Barreto Garcia Pereira	Estudante
Stela de Moura Azevedo	Estudante
Luci Ikari	Estudante
Guilherme Vicente de Azevedo	Estudante
Vilma Consuelo Meneses	Museu de Arte de São Paulo
Elvino Sérgio Cicci	Estudante

Fernando Espindola	Estudante
João Antônio de Lima Esteves	Estudante
Calude G. Cicurel	Estudante de Arqueologia da USP
ARGENTINA	
José Martin Bartolomé	Estudante

Fonte: Organizado pela autora através de documentos das coleções Regina Liberalli e Therezinha de Moraes Sarmento (Acervo NUMMUS).

O último evento trabalhado nesse tópico se trata do VI Congresso Nacional de Museus, realizado pela ABM junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o Museu Câmara Cascudo em Natal (Rio Grande do Norte), de 19 a 24 de novembro de 1978. O congresso contou com uma maioria feminina nas palestras proferidas por seis profissionais de museus do Rio de Janeiro²⁰⁸, mantendo assim o perfil gradativamente construído da predominância feminina nos eventos, debates e caminho até a regulamentação da profissão.

GRÁFICO 24: PRESENÇA FEMININA E MASCULINA NOS CONGRESSOS NACIONAIS DE MUSEUS



Fonte: Organizado pela autora através de documentos das coleções Regina Liberalli e Therezinha de Moraes Sarmento (Acervo NUMMUS).

²⁰⁸ Therezinha M. L. de Moraes Sarmento, Lygia Martins Costa, Nice Mandarino, Lourenço Luiz Lacombe, Lídia Cordeiro de Oliveira, Jane Maria da Fonseca Menezes e Luci de Lourdes Soares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em maio de 2021, Laurence Cars, historiadora da arte, assumiu a presidência do Museu do Louvre, sendo a primeira mulher a assumir o cargo em 228 anos. Considerado o maior museu do mundo, e um dos mais antigos²⁰⁹, o museu conta com o objeto destaque de seu acervo: a pintura da Gioconda, óleo sobre madeira do artista renascentista Leonardo da Vinci.

Podendo ser destacada como a obra de arte mais famosa de todo o mundo, o retrato de uma senhora²¹⁰ fiorentina que, segundo a tese de William Varvel, historiador da arte texano, especializado na pesquisa sobre o quadro, possui vínculos fortes com correntes do feminismo. De acordo com o autor de "The Lady Speaks: Uncovering the Secrets of the Mona Lisa", Mona Lisa representaria uma figura na luta pela igualdade de gênero. A representatividade do quadro traria a mulher "direitos teológicos" vinculados ao status de sacerdote, ao qual as mulheres não têm acesso. William Varvel assegura que "Mona Lisa é uma espécie de declaração pelos direitos das mulheres"²¹¹. Para sustentar seu argumento, William Varvel explica como Leonardo escondeu pistas na pintura: no total, nada menos que "40 símbolos, retirados dos 21 versos do capítulo 14 do Livro do Profeta Zacarias" na pintura. Portanto, essa ligação entre a religião e a pintura do mestre italiano mantem um compromisso feminista e que uma nova definição do lugar da Mona Lisa nas obras do Renascimento é necessária para apreender o alcance político e feminista desta obra-prima.

Mas o que destacamos é o fato de um museu, sustentado simbolicamente por uma figura feminina por mais de 200 anos, ter demorado esse longo período para ter a oportunidade de ser gerido por uma mulher. Formada na Sorbonne e na Escola do Louvre, Des Cars iniciou sua carreira no Musée d'Orsay em 1994, onde começou fazendo um inventário das molduras. Especialista na arte do século XIX e início do XX, permaneceu no Musée d'Orsay até 2007, quando foi nomeada diretora científica da agência France Muséums, encarregada de desenvolver o projeto do Louvre de Abu Dhabi e adquirir sua coleção nos anos que antecederam

²⁰⁹ Tendo sido usado anteriormente como residência parisiense da monarquia, e, desde o seu abandono por Luís XIV, abrigado artistas e acadêmicos, foi oficialmente desviado de sua função palaciana e aberto ao público com a Convenção de 1793. (VOME COURT, Stéphanie de; HABAERT, Jean. *Le Louvre raconte son histoire*. In: *La revue du Louvre et des Musées de France*, 1989, v.2, p. 29.)

²¹⁰ *mōnna* s. f. – Forma abreviada de *madonna*, no sentido de "senhora", que no final da Idade Média era usada para prefixar o nome próprio como título: "Io vidi monna Vanna" e "monna Bice" (Dante); uma *donna*, "monna Ermellina chiamata" (Boccaccio); "Monna Lisa del Giocondo", nome da mulher que, segundo a tradição, é retratada no famoso quadro de Leonardo conhecido como *La Gioconda*. (Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani)

²¹¹ UNESCO. *The feminist inspiration of Mona Lisa*. 2 de maio de 2019. Página da web. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/feminist-inspiration-mona-lisa>. Acesso em março de 2022.

sua inauguração. Ela então dirigiu o Musée de l'Orangerie entre 2014 e 2017, quando retornou ao Musée d'Orsay como chefe. Segundo o jornal El País, em reportagem de 2021 sobre a nova presidência do museu (VICENTE, 2020, n.p.), Des Cars traz inovações como a sua preocupação principal ser voltada para os jovens. A atual presidente é conhecida pelo trabalho questionador e inovador. Um exemplo disso é a inauguração da exposição “The Black Model”, no Musée d'Orsay em 2019. A exposição lançou um olhar crítico sobre a representação de homens e mulheres negras nos últimos séculos. Para ela, “os museus não podem ser um lugar isolado, dedicado apenas ao turismo ou à contemplação estética”, disse em entrevista ao mesmo jornal em 2019 (DES CARS, Apud. Vicente, 2020), “devem lidar com questões que estão no centro da sociedade de hoje, com seriedade e sem oportunismo, mas também sem medo de serem políticos”. O projeto de Des Cars idealiza mudanças com data limite para 2030.

Em termos práticos, os planos da nova presidente do Louvre podem ser considerados muito bem alinhados com os “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS), que são uma agenda mundial adotada durante a Cúpula das Nações Unidas no ano de 2015, composta por 17 objetivos²¹² e 169 metas a serem atingidos até 2030. Através do espírito cooperativo instituído pela ONU desde sua criação, em 1945, ODS fornecem diretrizes e metas claras para que todos os países as adotem de acordo com suas próprias prioridades. A ODS nº 5 de 2015, chamada Igualdade de Gênero, visa erradicar todas as formas de discriminação contra mulheres

²¹² ODS 1 – Erradicação da pobreza: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares. ODS 2 – Fome zero e agricultura sustentável: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável. ODS 3 – Saúde e bem-estar: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades. ODS 4 – Educação de qualidade: assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. ODS 5 – Igualdade de gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. ODS 6 – Água potável e saneamento: garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos. ODS 7 – Energia limpa e acessível: garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e renovável para todos. ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos. ODS 9 – Indústria, inovação e infraestrutura: construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação. ODS 10 – Redução das desigualdades: reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles. ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis: tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. ODS 12 – Consumo e produção responsáveis: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis. ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima: tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos. ODS 14 – Vida na água: conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável. ODS 15 – Vida terrestre: proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda da biodiversidade. ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis. ODS 17 – Parcerias e meios de implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

não apenas como um direito humano básico, mas é crucial para acelerar o desenvolvimento sustentável. Segundo os estudos para o estabelecimento das ODS, foi comprovado que a capacitação de mulheres e meninas tem um efeito multiplicador e ajuda a gerar crescimento e desenvolvimento econômico em geral.

Um dos objetivos da ODS nº5 é “garantir a participação plena e efetiva das mulheres e oportunidades iguais de liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública”²¹³. É reconhecido que hoje, apesar de haver mais mulheres em cargos públicos do que nunca, é de suma importância incentivar e fortalecer políticas e legislação para uma maior igualdade de gênero em cargos de liderança.

Desde 2015, tem sido uma preocupação constante em qualquer área de gestão, cumprir os objetivos trazidos pela Cúpula das Nações Unidas, incluindo os relacionados com a igualdade de gênero e a participação da mulher na economia.

Segundo o depoimento de Rita de Cássia Matos, presidente do Conselho Federal de Museologia, os dados de um levantamento recente (janeiro/fevereiro de 2022) do Conselho apontam que, atualmente, mais de 2/3 dos registrados nos COREMS são mulheres, compreendendo uma porcentagem total de 76,9% dos museólogos ativos (TABELA 26). Isso nos leva a confirmar que o legado da conservadora de museus/museóloga permitiu que a mulher continuasse se estabelecendo como foco principal na área da Museologia, do Patrimônio e de tantas outras que versam sobre acesso à cultura. As mulheres continuam a estar presentes nos inscritos e nos corpos docentes dos cursos de Museologia de maneira significativa.

TABELA 26: NÚMERO DE MUSEÓLOGAS E MUSEÓLOGOS INSCRITOS NOS COREMS, POR REGIÃO E GÊNERO

SISTEMA COFEM/COREMS MUSEÓLOGOS ATIVOS – 1º SEMESTRE 2022			
COREM	REGISTRADOS ATIVOS	Mulheres	Homens
1R	467	353	114
2R	715	555	160
3R	142	111	31
4R	210	167	43
5R	121	87	33
TOTAL	1655	1273	382
		76,9%	23,1%

Fonte: Planilha oferecida pela presidência do COFEM na pessoa da museóloga Rita de Cássia de Mattos, em abril de 2022.

²¹³ Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/gender-equality/>. Acesso em março de 2022.

No Brasil, atualmente, a contar dos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Museus, dos 27 museus do Instituto, 11 são dirigidos por mulheres enquanto 16 são dirigidos por homens. Além disso, desde a criação do IBRAM, em 2009, nenhuma das presidências foi ocupada por uma mulher. Apesar do número de museólogas registradas nos conselhos regionais, a desigualdade de gênero enfrentada nos cargos de maior autoridade no campo do patrimônio, perpassa essa oferta de profissionais mulheres no campo, em pleno século XXI. A problemática é acentuada pela falta de sinergia dos planos administrativos e governamentais com a legislação vigente da regulamentação. Por isso, não apenas nos museus federais, como também estaduais e municipais, nos deparamos com a mesma realidade: os cargos de direção continuam a ser compostos por diversas áreas que não a Museologia, refletindo assim na pouca representatividade de museólogas nesse espaço.

Talvez pelos mesmos fatores encontrados na primeira metade do século XX; apesar da mulher ser a principal gestora da preservação, do desenvolvimento da cultura, e do patrimônio no Brasil, isso não se reflete nos cargos de diretoria e presidência, ainda muito ocupados por homens de outras áreas. Seria dizer da dificuldade que a Museologia encontra em assumir um posicionamento hierárquico nos museus brasileiros ou do fato de uma área dominada por mulheres, acabou por ser prejudicada e tendo menos visibilidade?

Os fatores extrínsecos e intrínsecos relacionados a esses dados se tornam muito subjetivos e apenas podemos levantar a hipótese de que ambas as opções derivaram a perspectiva atual das profissionais museólogas nos museus brasileiros.

O fato que podemos concluir é que, independentemente das razões pelas quais o mercado de trabalho se abriu para as conservadoras de Museus e museólogas, estas não são mais importantes que o próprio fato de a mulher ter conquistado um patamar resiliente em nossa área. Aqui, o maior esforço da mulher foi “estar” e é “persistir”.

A análise da inserção das mulheres egressas do Curso de Museus – MHN no nascente mercado de trabalho das áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio resultou na reconstrução de um panorama autêntico para o estudo deste mercado e sua relação com questões de gênero. O padrão de crescimento do número de mulheres em instituições museológicas brasileiras durante o século XX evidencia a importância da abertura oferecida pelo Curso de Museus, a partir de 1932, às mulheres, no momento medular da formação de técnicos em museus voltada para a composição das primeiras equipes de museus recém-criados à época.

Nesse sentido, percebemos que o a área de atuação da museologia não só fez parte, como contribuiu para a convergência feminina no mercado de trabalho brasileiro, posto que a área de museus serviu como cenário de ocupação das mulheres entre as décadas de 1930, 1940 e 1950. Os reflexos dessa conquista garantiram a interposição da figura da mulher na Museologia Brasileira.

Percebemos, ao analisar o contexto histórico-social e questões da emancipação feminina neste mesmo período e as possibilidades de emergência de um campo de trabalho em crescimento embrionário, que o ingresso feminino ao curso se demonstrou proposital para grande parte das egressas. Observamos os exemplos de Octavia de Castro Corrêa e Fortunée Levy, ambas casadas e com filhos, que se mantiveram como conservadoras de museus e construíram uma sólida carreira nessas instituições. De mesma maneira, encontramos as narrativas de Nair de Moraes Carvalho e Ecylla Castanheira Brandão, que se mantiveram solteiras e em seus respectivos empregos, afastando-se de um padrão para mulheres à época. São apenas alguns exemplos de como a escolha do curso se demonstrava intencional por parte destas profissionais.

Acreditamos que as lutas feministas por equidade de direitos da FBPF e outras uniões prepararam o terreno da legislação trabalhista brasileira, consolidando, mais tarde, a garantia de alguns direitos das mulheres. Por este ângulo, essas lutas contribuíram para o aumento da voz ativa da mulher brasileira e, com isso, o aumento de velocidade na caminhada de entrada no mercado de trabalho formal.

Podemos dizer que até antes da criação do curso, não havia grande espaço para as mulheres nas poucas instituições museológicas do país. Com as exceções de Bertha Lutz e Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional, foram irrisórios os registros deste espaço. A criação deste curso contribuiu para a afirmação da Museologia como um mercado não apenas voltado para homens.

De forma específica, destacamos o apoio do mapeamento do perfil das ingressantes e formandas em relação aos homens para essa pesquisa. Alicerçados nessa análise das alunas matriculadas, podemos confirmar que, a princípio, a procura pelo curso era em predominância por mulheres jovens e solteiras da classe média do Rio de Janeiro. Acreditamos que a abertura do curso para bolsistas a partir da Reforma Curricular de 1944, tenha influenciado na presença de mulheres de outras classes sociais e regiões.

Foi possível verificar que as funções e atividades das áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio onde houve predominância feminina foram a do processamento técnico do acervo e da produção científica do campo. A maioria ocupou posições de chefia e coordenação dos setores das instituições de trabalho, porém poucas estiveram em posições de direção ou gerência geral, nesse primeiro momento. A princípio, apesar de cumprirem funções administrativas que cabiam muitas vezes aos diretores, não estiveram em grande número na direção dos museus brasileiros.

O mesmo não podemos dizer dos órgãos e associações de classe. Na escolha de cargos que competia apenas à classe, e não de decisões governamentais ou diplomacia, as mulheres estiveram à frente. Podemos citar às presidências de Regina Real e Therezinha Sarmento na ABM, assim como as fundadoras da Associação de Membros do ICOM – AMICOM, em 1971: Solange Godoy, Fernanda Moro, Lourdes Maria Novaes e Maria Gabriella Pantigoso.

Através dessa pesquisa, acreditamos o *status* de nível superior do Curso de Museus, embora privilegiasse a formação técnica, influenciou na escolha dentre outros cursos. As egressas atuantes buscavam uma carreira onde pudessem ter aprofundamento acadêmico e crescimento profissional. E isso foi verificado a partir das análises de atuação de algumas formandas. Como exemplo, tomamos o caso de Regina Liberalli, que, apesar de formada em Belas Artes pela ENBA e estando em uma situação financeira que à oferecia a possibilidade de seguir apenas a carreira artística, escolheu trabalhar como conservadora da equipe técnica do MNBA, se especializando em diversos cursos voltados para a conservação/restauração de obras de arte, incluindo um bolsa de estudos do Governo Português para a Fundação Calouste Gulbenkian em 1966.

De maneira mais peremptória, podemos afirmar que a presença majoritariamente feminina na criação da ABM, em 1963, evidencia claramente que as formandas das décadas de 1930, 1940 e 1950 estavam interessadas em contribuir diretamente no reconhecimento da profissão no Brasil com a luta pela regulamentação. Isso não nos parece estar de acordo com um perfil de ex-estudantes por recreação ou pelo interesse em cultura geral, e sim de mulheres atentas às demandas do campo e seus próprios crescimentos profissionais.

Também gostaríamos de acrescentar que o avolumamento de professoras mulheres no Curso de Museus do MHN ainda na 1ª geração docente, fronteiro do quadro de professores dos pioneiros anos de curso, determinou um indicador dos próximos anos até o mais recente período dos cursos de Museologia.

Em relação ao método da pesquisa, consideramos que disponibilidade de fontes primárias das coleções doadas pelas próprias profissionais analisadas nesse trabalho, foi a mais preciso e estimulante fundamentação para essa pesquisa. O levantamento e análise desse conjunto de informações trouxe um caráter esclarecedor, categórico da vida profissional das conservadoras de museus/museólogas. A pesquisa realizada buscou responder às inquietações da discussão do papel feminino na museologia, bem como os fatores de escolha e persistência delas no campo.

Faz-se necessário registrar que essa pesquisa de tese foi realizada entre 2018 e meados de 2022, sendo interrompida pela pandemia da COVID-19. Em relação à produtividade acadêmica brasileira durante a pandemia, apenas 8% das mulheres docentes registraram que conseguiam trabalhar remotamente entre maio e abril de 2020 e 18,3% dos docentes. Além disso, neste pico da pandemia, apenas 27% das alunas de pós-graduação conseguiram trabalhar remotamente em suas pesquisas, e 36,4% dos homens. A pesquisa, realizada em abril de 2020, é do movimento *Parent in Science*, criado em 2016. O estudo procurou mapear quem foi mais impactada(o) pela pandemia. A teoria é que, com as medidas de proteção *lockdown*, as cargas de trabalho domésticas subiram. Não apenas os cuidados com as crianças, mas com as compras, os cuidados de limpeza, o cuidado de parentes idosos e toda carga aumentada de trabalho resultado de mais tempo em casa. As mulheres recebem mais tarefas que os homens, reduzindo assim o tempo de pesquisa.

Os números também revelam um impacto grande na vida dos homens pesquisadores, apesar da diferença percentual para mulheres. Além disso, segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), existe uma predominância das mulheres na força de trabalho da saúde e, por conseguinte, na linha de frente do combate à Covid 19: em nível global, cerca de 70% das equipes de trabalho em saúde e serviço social são compostas por profissionais do sexo feminino, incluindo, além de médicas, enfermeiras, parteiras e trabalhadoras de saúde da comunidade²¹⁴.

A ocorrência COVID-19 abalou psicologicamente grande parte da sociedade. O cenário de perda de vidas e hospitais lotados, a falta de perspectiva em determinado momento e todas as preocupações e ansiedades geradas pela pandemia mundial, afetaram não só nosso estilo de vida, como também nossa estrutura emocional. No meu caso, assim como muitas alunas e

²¹⁴ UNFPA – United Nations Population Fund. *COVID 19: Um olhar para gênero. Resumo Técnico*, março 2020. Disponível em https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Covid19_olhar_genero.pdf Acesso em novembro de 2021.

alunos do PPG-PMUS, além do fator do trabalho doméstico e do impacto emocional, o bloqueio de acesso às fontes primárias, que são a maior fundamentação do meu trabalho, prejudicaram o cronograma de produção. Além disso, também contamos com uma conjuntura política em nosso país atípica, por assim dizer, que desmereceu a pesquisa e a ciência, fazendo com que a situação se tornasse muito mais lenta e dolorosa. Durante a vivência desse cruel período, que além de trazer prejuízos ao campo profissional, nos desgastou emocionalmente, eu, como mulher, procurei estabelecer vias de aprendizado e profunda reflexão sobre o papel de nós, museólogas, no desenvolvimento da cultura.

Acreditamos que, apesar desta tese ter sido finalizada, é notável a multiplicidade de temas sobre a vida profissional e acadêmica das mulheres egressas do Curso de Museus e Curso de Museologia que podem ser aprofundados. Esses temas serão fundamentais para a contribuição ao autoconhecimento no campo da Museologia brasileira e ao merecido reconhecimento do trabalho das mulheres na construção de um campo de atuação. Entendemos que essa pesquisa percorreu por esse propósito e esperamos que possa incentivar o desenvolvimento de novas contribuições.

Figura 118. “Lute como uma Museóloga”.



Fonte: Imagem produzida pelo Diretório Acadêmico de Museologia da UNIRIO, 2019.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

48% das mulheres se acham julgadas pelo que vestem no trabalho. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS, fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.abrhce.com.br/48-das-mulheres-se-acham-julgadas-pelo-que-vestem-no-trabalho>. Acesso em: 16/02/2022.

A BATALHA. 23 de agosto de 1939. p. 3.

ABREU, Alice; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Org.). *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas Interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016. 233p.

A CRUZ: ÓRGÃO DA PAROCHIA DE SÃO JOÃO, 12 de junho de 1934. p. 3.

A CRUZ: ÓRGÃO DA PAROCHIA DE SÃO JOÃO. "O DASP e a Mulher nas Repartições Públicas", Ano XXIV n.32. 9 de agosto de 1942. p. 3.

ALMEIDA, Júlia. *O discurso paratópico de Haydée Nicolussi: literatura e política. Estudos linguísticos: abordagens e análises interdisciplinares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 21-39. Disponível em: <ebookspedrojoaoeditores.files.wordpress.com/2020/08/e-book-v-conel-1.pdf>. Acesso em 15/02/2022.

ALMEIDA, Ricardo Normanha Ribeiro de. *Gênero e trabalho: contribuições teóricas do feminismo para o debate acerca do mercado de trabalho no campo artístico*. São Paulo: FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO – III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP, 2014. Disponível em: <<https://fespsp.wixsite.com/anais/gt10-14>> Acesso em: 01/02/2020.

ANDRADE, Rita de. *Teoria do capital humano e a qualidade da educação nos estados brasileiros. Orientador: Trabalho de conclusão de curso*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas, 2010. 75p.

A NOITE ILUSTRADA. 23 de março de 1943. p. 17.

A NOITE ILUSTRADA. Edição 476 de 1938. p. 25.

A NOITE ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1931, ANNO 2, n.57. p.13.

A NOITE. "Cada Vez Menor o Número das Candidatas!", 25 de março de 1940, Ano XXIX n.10100. p. 3.

A NOITE. "Fundou-se a União Universitária Feminina", 14 de janeiro de 1929. p.8.

A NOITE. 27 de agosto de 1941, Ano XXXI, n°10612. p.7.

APPOLINÁRIO, Fábio. *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011, 320p.

ARAUJO, Nathália da Silva. *Museus de ciência e as questões de gênero e étnico-raciais: um estudo sobre o Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência*. 2020. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz; Casa da Ciência, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2020. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46235>>. Acesso em: 03/12/2021.

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (Org.). *Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. 246p.

ATIENZA, Maria Bolaños. *Las mujeres en los museos: entre museólogas y coleccionistas*. Madrid: Patrimonio en Feminino, Ministerio de Cultura, 2011. p. 36-41.

AUDEBERT R. O., Ana Cristina. *Gênero, mulher e indumentária no museu: a Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional*. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. 2018a. 263f. Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast, Rio de Janeiro, 2018.

_____. *Colecionismo a partir da Perspectiva de Gênero*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 7, n. 13, 2018. p. 15–30, 2018b. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17753>>. Acesso em: 08/06/ 2021.

_____. *Museologia, gênero e feminismos: sobre mulheres, coleções e museus*. 2016. In: Anais do XXIV Encontro Anual do ICOFOM LAM: Musealidade e patrimônio na teoria museológica latino-americana e do Caribe, 2016, pp 231-265.

_____; EICHERS, Camila A. de Moraes; QUEIROZ, Marijara Souza. *Interfaces críticas entre museologia, museus e gênero*. In: *Museologia e suas interfaces críticas [recurso eletrônico]: museu, sociedade e os patrimônios / [organizadores] Bruno Melo de Araújo... [et al]*. Recife: Ed. UFPE, 2019. p. 96-109. Disponível em: <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/138/170/491?inline=1>> Acesso em: 20/05/2022.

_____; QUEIROZ, M. S. *Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil*. São Paulo: Revista do Centro de Pesquisa e Formação, SESC, n. 5, p. 1-17, set. 2017. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/2ffb07d8/b9d4/4cb9/90d1/92576a686113.pdf>>. Acesso em: 13/02/2021.

_____; Sá, I.. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. Brasil: II Sebramus, 2015. Disponível em: <<http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/2Sebramus/2sebramus/paper/view/566>>. Acesso em: 27/05/2022.

AZEVEDO, Lia Calabre. *No Tempo do Rádio: Radiofusão e Cotidiano no Brasil: 1923-1960*. Orientadora: Profª. Drª. Ana Maria Mauad Souza Andrade Essus. 2002. 277f. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

BALDWIN, Joan H.; ACKERSON, Anne W. *Women in the Museum: Lessons from the Workplace*. Routledge, 2017. 232p.

BARBOSA, A. M. *Arte-educação em um museu de arte*. São Paulo: Revista USP, [S. l.], n. 2, 1989. p. 125-132. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25467>>. Acesso em: 05/06/2021.

BARRETO, Andreia. *A Mulher no Ensino Superior: Distribuição e Representatividade*. Cidade de Brasília: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Cadernos do GEA, n. 6, jul./dez. 2014. 52p.

BARROS, Alice Monteiro de. *A Mulher e o Direito do Trabalho*. São Paulo: LTr, 1995. 559p.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos* (1949). Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 339p.

_____. *O segundo sexo: A experiência vivida* (1949). Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 557p.

BARRETO, Maria Torres. *Mulher brasileira – A mulher na reverência da Arte*. In: Anuário do MNBA n° 5 – 1943, p.13-18.

- BARROSO, Gustavo. *A Carreira de Conservador*. Anais Museu Histórico Nacional, 1947, v.VIII, p. 229-234.
- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa; UNBEHAUM, Sandra. Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 62-103.
- BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: Del Priore, Mary. (Org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 609p.
- BISERRA, Natalia de Figueirêdo. *MEMÓRIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSEOLOGIA (1963-1985): Contribuições para a institucionalização de um campo de atuação profissional*. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. 165f. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio Programa de Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast, Rio de Janeiro, 2017.
- BLAY, E. A.; CONCEIÇÃO, R. R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 76, p. 50-56.
- BOJADSEN, Angel. (Org). *Cartas de uma imperatriz*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, 495p.
- Boletim DASP 1942*. Apud: *Jornal A Cruz: Órgão da Parochia de São João*. Ano XXIV n. 32. 9 de agosto de 1942, p. 3.
- BRASIL. Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922. Crêa o Museu Historico Nacional e aprova o seu regulamento. *Diário Oficial da União*, Seção 1 - 16/8/1922. p. 16081.
- BRASIL. Decreto nº 21.129, 7 de março de 1932. Cria no Museu Histórico Nacional o “Curso de Museus”. *Diário Oficial da União*, Seção 1 - 11/3/1932. p. 4414.
- BRASIL. Decreto nº 21.417-a: Regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais, 17 de maio de 1932. *Coleção de Leis do Brasil*, 1932, Vol. 2. p. 260.
- BRASIL. Lei nº 284, 28 de outubro de 1936. Reajusta os quadros e os vencimentos do funcionalismo publico civil da União e estabelece diversas providencias. *Diário Oficial da União*, Seção 1, Suplemento, 30/10/1936. p.1
- BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. *Diário Oficial da União*, Seção 1 - 16/4/1941. p. 7453.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 6.689 de 13 de julho de 1944. Aprova o Regulamento do Curso de Museus a que se refere o Decreto-lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944. *Diário Oficial da União*, Seção 1 - 15/7/1944. p.12461.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967. Dispõe sôbre a organização da Administração Federal, estabelece diretrizes para a Reforma Administrativa e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Seção 1, Suplemento, 27/02/1967. p. 4.
- BRASIL. Decreto nº 79.723, de 24 de maio de 1977. Transfere para a Federação das Escolas Federais isoladas do Estado do Rio de Janeiro o Curso de Museus Histórico Nacional. *Coleção de Leis do Brasil* - 1977, Vol. 4., p. 204.
- BRASIL. LEI Nº 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005. Institui o Programa Universidade para Todos – PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11096.htm>. Acesso em: 11/12/2021.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. *Diário Oficial da União*, 25/04/2007, p. 7

BRASIL, Felipe Gonçalves; CEPÊDA, Vera Alves; MEDEIROS, Tiago Batista. *O DASP e a Formação de um Pensamento Político administrativo na década de 1930 no Brasil*. UNESP, São Paulo, 2014, 21p.

BRASIL. Coordenadoria de Apoio às Insituições de Ensino Superior. *A Isonomia no Contexto da Política de Recursos Humanos das IFES na década de 80*. Brasília, 1989. 123p.

BRULON, B. *Museu queer e Museologia da bricolagem: o problema da diferença nos regimes museais*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 81–94, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31594>>. Acesso em: 23 setembro de 2021.

BRULON, Bruno. *Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente*. *Cadernos pagu* (55), 2019. 28p. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/4ZxkWYpwrhgG8g6J9Dn7D4K/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 setembro de 2021.

BRUNO, Mariana Corradi. *Autoridade docente e gênero [manuscrito]: estudo das percepções de autoridade de professoras em início de carreira*. Orientador: Prof. Dr Luciano Campos da Silva. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de Pós Graduação em Educação, 2021. 94f. Disponível em: <https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/603/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&rpp=35&etal=20&null=&offset=64>. A Acesso em: 14 dezembro de 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003. 288p.

CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. *Gênero, condição feminina e relações de poder nas revistas: Brasil Feminino e Momento Feminino (1930- 1950)*. Rio de Janeiro: Anais do Encontro Internaonal e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias – UFF, 2018. 9p.

CAMPBELL, D'Ann. *Women at War with America: Private Lives in a Patriotic Era*. Massachusetts: Harvard University Press, Cambridge, 1984. 304p.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XI. *História* (São Paulo) v.30, n.2. n.p.

CARDEMAN, David; CADERMAN, Rogério Goldfeld. *O Rio de Janeiro nas Alturas*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004. 272p.

CARVALHO. Nair Moraes de. *O papel educativo do Museu Histórico Nacional*. In: Anais do Museu Histórico Nacional, v.8., Rio de Janeiro, 1947. p. 18-30.

CAVALCANTI, Maria Clara Martins. *Decisão, ruptura, opção: uma experiência sobre o papel social do Museu em prol da equidade de gênero*. Córdoba: Rev. Mus. Antropol, vol.12, no.2, ago. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-48262019000200013>. Acesso em 30/09/2021.

COMISSÃO DE ESTUDOS CURRICULARES DA ESCOLA DE MUSEOLOGIA; ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de; SÁ, Ivan Coelho de; CHAGAS, Mário de Souza Chagas. *Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Museologia*. ESCOLA DE MUSEOLOGIA, CCH – UNIRIO, 2007. 168p.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1974. p. 2.

CONESA, Jaime Coll Maria Bolaños. *El papel de las Mujeres em las colecciones de nuestros museos. In: Patrimonio en Feminino*. Madrid: Ministerio de Cultura de España, 2011. p. 36-41.

COSTA, Ana Lourdes. Restos revelados: Análises a partir da trajetória do vestido de Maria Bonita no Museu Histórico Nacional. 17º SNHCT ANAIS ELETRÔNICOS. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020. n.p.

COSTA, Carina Martins. *Uma guardiã da tradição: Geralda Armond e as ações educativas no Museu Mariano Procópio*. MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol.1, nº3, maio/junho de 2013. p. 47-58.

COSTA, Claudia. *Como foi a participação das mulheres no Modernismo brasileiro. Entrevista com Ana Paula Cavalcanti Simioni*. Jornal da USP, fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/como-foi-a-participacao-das-mulheres-na-semana-de-arte-moderna/>>. Acesso em: 15/02/2022.

COSTA, Lygia Martins. Lygia Martins Costa: entrevista-depoimento. In: IPHAN. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº31. IPHAN: Brasília, 2005, p. 274-309.

COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C. *Relações de Gênero e Poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina*. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso 05/06/2022.

COTTA, Mayra; FARAGE, Thais. *Mulher, roupa, trabalho: Como se veste a desigualdade de gênero*. Livro digital. Editora Paralela, 2021. 228p.

CONTADORIA GERAL DA REPÚBLICA. *Balanços Gerais da União relativos ao exercício de 1956*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Custeio / Consignação 6 – Encargos diversos. Despesas com o Primeiro Congresso Nacional de Museus, p. 158.

CRUZ, Henrique de Vasconcelos; CASTRO, Eduardo. *Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado*. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (Org.) *Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. p. 194-219.

DIARIO DA NOITE. “Inaugurou-se a tarde o curso universitário do Museu Histórico”, 3 de maio de 1932. p.1.

DIARIO DE NOTICIAS. “Ouvindo a Diretora do Museu Histórico da Cidade. Mulheres contam sua vida (XXXI)”. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1952. p.1.

DIARIO DE NOTICIAS. “Rio terá Instituto de Cultura Feminina”. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1968. p. 13.

DIARIO DE NOTICIAS. “Rio terá Instituto de Cultura Feminina”. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1968. p. 13.

DIARIO DE NOTICIAS. 17 de setembro de 19. p.7

DIARIO DE NOTICIAS. Domingo, 21 de abril de 1940, ano x, n 5363. p.7.

D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e Família Burguesa*. In: *História das Mulheres no Brasil*. (Org.) Mary del Priore; (coord. De textos) Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2017. p.223-240

DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. *Representações de Gênero no Mundo do Trabalho: a incorporação normativa do gênero pela mídia*. In: Mulheres Trabalhadoras: (in)visíveis? Orgs. Patrícia Vieira Trópia, Tania Ludmila Dias Tosta, Elaine Gonçalves... [et al.] Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 91-109.

D.O.U. Seção I, de 15 de julho de 1940. n.p.

D.O.U. Seção I de 19 de outubro de 1940. n.p.

D.O.U. Seção I, de 3 de setembro de 1942. n.p.

D.O.U. Seção I 28 de julho de 1944. n.p.

D.O.U. Seção I, 3 de junho de 1946. n.p.

D.O. do Estado de São Paulo, de 25 de janeiro de 1950. n.p.

D.O.U. de 10 de julho de 1950. n.p.

D.O. do Estado de São Paulo n. 254 de 11 de novembro de 1950. n.p.

D.O.U. Seção I de 01 de setembro de 1966. n.p.

D.O.U. Seção I de 13 de setembro de 1967. n.p.

D.O.U. Seção I de 5 de fevereiro de 1973, p.4. n.p.

D.O.U. Seção I, 28 janeiro de 1974. n.p.

D.O.U. Seção I, de 18 de novembro de 1974, p. 20. n.p.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017. 148p.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo: uma história a ser contada*. In: *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p.36.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: diálogo ou apropriação?*. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, [S.l.], v. 7, 2001. p. 153-161, Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3105/3056>. Acesso em: 13/04/2021.

DUARTE, Rita Fonteles. *Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América*. Universidade Federal de Santa Catarina, Rev. Estud. Fem. 14 (1), Abr 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/H3vYXT6tfXPKj3ppKDQNq7p/?lang=pt>. Acesso: 15/03/ 2022.

EUCLIDES, Maria Simone. *Mulheres Negras, Doutoradas, Teóricas e Professoras Universitárias: desafios e conquistas*. Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Joselina da Silva. Tese de doutorado – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, 2017. 154p. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26901>>. Acesso em 20/01/2022.

FARIA, Lia. *Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. 180p. Disponível em: <https://eduerj.com/?product=ideologia-e-utopia-nos-anos-60-um-olhar-feminino>. Acesso em 09/10/2021.

FERNANDES, Neusa. *A ABM e a Regulamentação da Profissão Museólogo. Edição comemorativa aos 30 anos da regulamentação da profissão de museólogo*. Rio de Janeiro: Coleção Memória e Preservação da Museologia no Brasil, UNIRIO - Escola de Museologia, 2014. 92p.

FERNANDES, Ulisses da Silva. *A Natureza Monumental do Copacabana Palace*. Orientador: Prof. Dr. Miguel Angelo Campos Ribeiro. Tese de Mestrado. 194f. Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos Anos Vinte e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6833>>. Acesso em 17/02/2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988. 77p.

FRACCARO, Glaucia. *Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917 – 1937)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 236p.

FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971, 323p.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015. 120p.

GAZETA DE NOTÍCIAS. 16 de abril de 1938. p. 2.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. *A Museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 376p.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Regionalismo e Centralização – Política, Partidos e Constituinte nos Anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 501p.

GOURNAY, Marie de. *Igualdade entre homens e mulheres (1622)*. In: Arqueofeminismo: Mulheres filósofas feministas séculos XVII-XVIII. Organização de Maxime Rovere. São Paulo: n-1 edições, 2019. 271p.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; BRITO, Murillo Marschner Alves de. *Mercantilização no Feminino: A visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil*. In: Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais. Org. ABREU, Alice; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 71-82.

GUTIERREZE, Laurent. *Education Nouvelle et conception chrétienne de l'éducation: contresens, carences doctrinales et adaptations limitées*. In: Revista Educação & Formação, janeiro de 2020. Disponível em:<<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2231/1988>> Acesso em 11/11/2021.

HARDIE, Alex. "Etymologising the Muse." *Materiali e Discussioni per L'analisi Dei Testi Classici*, no. 62, 2009, pp. 9–57. Disponível em: <www.jstor.org/stable/40236413>. Acesso em 10/06/2021.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise, DOARÉ, Hélène Le,... [et al.] (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. Orgs. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 344p.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 632p.

HOBBSAWN, Eric J. *Tempos Fraturados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 358p.

IBRAM. *Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 240 p.

- IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº31. IPHAN: Brasília, 2005. 318p.
- JORNAL DO COMMERCIO. 17 de junho de 1936. p. 10.
- JORNAL DO COMMERCIO. Conselho Nacional de Pesquisas: Bolsas para Pesquisadores do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1957. p.8.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 28 e 29 de agosto de 1950. p. 4
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 28 e 29 de agosto de 1950. p. 4.
- MALTA, Marise. *O Olhar Decorativo: Ambientes Domésticos em Fins do Século XIX no Rio de Janeiro*. Mauad X; 1ª edição. Rio de Janeiro, 2011. 248p.
- KELLY, Joan. *Early Feminist Theory and the 'Querelle Des Femmes', 1400-1789*. *Signs*, vol. 8, no. 1, 1982, p. 4–28. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3173479>. Acesso em maio de 2021.
- KERGOAT, Danièle. *O trabalho, um conceito central para os estudos de gênero?* In: Margaret Maruani (Org.). *Trabalho, logo existo: perspectivas feministas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 332p.
- KOHLSTEDT, Sally Gregory. *Innovative Niche Scientists: Women's Role in Reframing North American Museums, 1880–1930*. Oxford: Centaurus, John Wiley & Sons Pte Ltd, Vol. 55, 2013. p. 153–174. Disponível em: <https://library.pcw.gov.ph/sites/default/files/innovative%20niche%20scientists.pdf>
- LÁZARO, Judith Ara. *Los comienzos de la participación de la mujer em la protección del Patrimonio Artístico, Bibliográfico y Documental de España*. In: *Patrimonio em Feminino*. Madrid: Ministerio de Cultura de España, 2011. p. 36-41.
- LEAL, Hildo; ASSIS, Maria Elisabete Arruda de Assis. *Mãe Biu do Portão do Gelo e os acervos confiscados dos terreiros de Recife*. In: *Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. p. 230-242.
- LEME, Mariana. Texto introdutório de catálogo. In: *Histórias das mulheres, histórias feministas*. MASP, 2019, 320p.
- LIMA, D. F. C. *Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite a reflexão*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 2, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16363>>. Acesso em 13/01/2022.
- LOBO, Luis Grau. *Directoras de Museo, em tierra conocida*. In: *Patrimonio em Feminino*. Madrid: Ministerio de Cultura de España, 2011. p. 36-41.
- LOBO, Thais; JANSEN, Thiago. *Ensino misto se impôs nos colégios cariocas nos anos 70*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/ensino-misto-se-impos-nos-colegios-cariocas-nos-anos-70-10905141>>. Acesso em: 26/02/2022.
- LODI, Odete. *A Mulher e as Relações de Trabalho*. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, [S. l.], v. 5, n. 9, 2000. p. 149–160 Disponível em: <<https://e-vestiga.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1427>>. Acesso em 09/02/2022.
- LOPES, Maria Margareth. *Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais*. *MUSAS: Revista Brasileira de Museologia*, nº 2, p. 41-47, 2006.

LOPES, Maria Margaret; Sousa, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. *A construção da Invisibilidade nas Mulheres nas Ciências: A exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)*. In: Revista Gênero. Niterói, v.5, n.1, 2. sem. 2004. p. 97-109.

LOPES, Luís Simões. *Luís Simões Lopes II (depoimento, 1990)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista261.pdf>> Acesso em: 15/05/2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na Sala de Aula*. In: História das Mulheres no Brasil. (Org.) Mary del Priore; (coord. De textos) Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2017. p. 447.

Lygia Martins Costa: De museologia, arte e política de patrimônio. Pesquisa: Clara Emília Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002. 388p.

MACHADO, Maria Augusta Machado. *Entrevista concedida a Jô Soares*. Rede Globo de Televisão, Globoplay, exibição em 28 de maio de 2008. 23:06 min.

_____. [Correspondência]. Destinatário: MHN, na pessoa da diretora Vera Tostes. Rio de Janeiro: 6 maio 1996. 9p. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=MARIA%20ENEADA&pagfis=40767>> Acesso em: 10/11/2019.

MALUF, Maria Fernanda Terra. *Museu e Ato Criativo*. Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Tereda Scheiner. Rio de Janeiro, 2009. 153f. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio. 153f. UNIRIO/MAST/PPGPMUS, Rio de Janeiro, 2009.

MARÇAL, Katrine. *O lado invisível da economia: uma visão feminista*. São Paulo: Editorial, 2017. 215p.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *Feminismos e Memória*. GÊNERO, Niterói, v.15, n.1, p.123-138, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31205/18294/106476>>. Acesso 17/03/2022.

MATHIEU, Nicole. *Sexo e Gênero*. In: Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 222-231

MEDEIROS, Kenia Gusmão. *Todas as Mulheres do Mundo: Um olhar sobre Leila Diniz e seu tempo*. Porangatu: Rev. Hist. UEG, v.5, n.2, ago./dez. 2016, p. 176-198.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. *Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 276p.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. *Marina de Vasconcellos: guardiã da memória e professora — A história da Antropologia na cidade do Rio de Janeiro a partir de Arthur Ramos*. Rio de Janeiro: Revista Perspectiva Sociológica — Colégio Pedro II, 1 nº 6 e 7, Jan./Jul., 2011. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/1396>. Acesso em setembro de 2021.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. *Feminilidade, masculinidade, virilidade*. In: *Dicionário Crítico do Feminismo*. Orgs. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 344p.

MONTEIRO, Carla Rafaela. *Entre o Tejo e os Jerônimos: a Exposição Histórica do Brasil nas comemorações dos centenários de Portugal em 1940*. Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira. Dissertação de Mestrado. 233f. USP — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Agosto de 2011.

MORANDI, Lucilene; MELO, Hildete Pereira; SWECK, Ruth Helena. *PIB per capita na ótica do gênero: Brasil 1991 a 2015*. UFF/ECONOMIA — Textos para Discussão. Janeiro, 2018. 17p.

MOTA, Diana; SANTOS, Inês; DIONÍSIO, Joana; et al. *Portugal a Preto e Branco: A Exposição do Mundo Português*. RTP – Academia RTP, 2012. 23 minutos. Disponível em: <<https://ensina.rtp.pt/artigo/exposicao-do-mundo-portugues/>>. Acesso em: 12/01/2022.

MURARO, Rose Marie. *O que querem as mulheres do século 21*. Folha de São Paulo: São Paulo, sexta-feira, 29 de dezembro de 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2912200009.htm>>. Acesso em: 19/02/2022.

NOMURA, Hitoshi. *Centenário da fundação da Comissão Rondon (1907-2007) – Personagens, descobertas e produção bibliográfica*. São Paulo: Cadernos de História da Ciência, Insitudo Butantan – Vol. V (1) jan-jul 2010. p. 13.

NUMMUS. *Ecylla Castanheira Brandão: Reminiscência de Vida e Obra*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4HbFcn2Kvxl&t=1173s>>. Acesso em: 09/02/2022.

NUMMUS. Nair de Moraes Carvalho: Cem anos de vida e trabalho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CHoiD89dDfE>>. Acesso em: 03/12/2022.

O GLOBO SPORTIVO. “O Homem Perfeito”, 14 de setembro de 1938. n.p.

O GLOBO. “Uma pergunta a mulher que trabalha: Qual o seu maior problema?”, 21 de maio de 1957. n.p.

O JORNAL. “Clima de Angústia.”. Domingo, 13 de dezembro de 1946. p. 2.

O JORNAL. “Com a palavra os conservadores de museus”. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1943. p. 2.

O JORNAL. 13 de outubro de 1946. p. 13.

O JORNAL. 16 de agosto de 1944, Ano XXVI, n. 7455., p.6.

O JORNAL. Domingo, 13 de dezembro de 1946, p. 2, Ano XXVIII, n. 8170. n.p.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de. *Mercado de Trabalho: múltiplos (des)entendimentos*. Rio de Janeiro: XXXI Encontro da ANPAD, 2007. p. 2. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/33/GPR-B3051.pdf>. Acesso em: 06/06/2021.

ONICOM. Regimento do II Congresso Nacional de Museus. Rio de Janeiro: 1959. n.p.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política. São Paulo: Ática, 1990. Santos, Raimundo. Nota de pesquisa: partido e política no Brasil: 1958-64. Disponível em: <https://www.academia.edu/44781600/P%C3%89CAUT_Daniel_Os_intelectuais_e_a_pol%C3%ADtica_brasileira_entre_o_povo_e_a_na%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 01/11/2021.

PEDRO, Joana Maria. *A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Rev. Bras. Hist. 23 (45), Jul 2003. n.p. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/CBwFBCqgdprcPL8x53x8bNz/?lang=pt.>>. Acesso em 06/03/2022.

PEIXOTO, Elza Ramos. Exposição de Retratos Femininos. In: Anuário do MNBA n°12, 1953-1954, p. 69-90.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. *História das Mulheres. Livro 5: O Século XX*. Portugal: Editora Afrontamento, 1991. 700p.

Pesquisadoras destacam importância das mulheres na história do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora. G1 - Zona da Mata, 08 de março de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/03/08/pesquisadoras-destacam-importancia-das-mulheres-na-historia-do-museu-mariano-procopio-em-juiz-de-fora.ghtml>>. Acesso em 05/03/2022.

Pioneiras da Ciência no Brasil (3ª ed.). CNPq, s.d.. Disponível em: <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/mulher-e-ciencia/pioneiras-da-ciencia-1/pioneiras-3a-edicao>>. Acesso em: 15/03/2022.

POMMIER, Édouard. Le problème du musée à la veille de la Révolution. Les Cahiers du Musée Girodet, Montargis, n.1, 1989.

PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 1997. 678p.

_____. *Histórias e Conversas de Mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta, 2014. 303p.

Programa de Estágio da Juventude Feminina Católica In: Relatórios da Ação Católica. Arquivo da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte. p. 4. Apud: OLIVEIRA, Darlene Socorro da Silva. Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935): O movimento de Ação Católica no Brasil e as Associações Femininas. Orientadora: Profª. Drª Maria Adenir Peraro. 189f. Mestrado em História do Programa de Pós-graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2010.

QUIROGA, Carolina. Sobre la autoría de la Casa del Puente. Boletín nº 08/2018. Buenos Aires: Comisión Nacional de Monumentos, de Lugares y Bienes Históricos. 9p.

RABELO, Fernanda Lima. *O DASP e o combate à ineficiência nos serviços públicos: a atuação de uma elite técnica na formação do funcionalismo público no Estado Novo (1937-1945)*. Rio Grande: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 3 Nº 6, dezembro de 2011. p. 132-142.

RAGO, Margareth. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017. p.578-606.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. *Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado*. Orientadora: Myrian Sepúlveda dos Santos. Tese de Doutorado. 254f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://hdl.handle.net/20.500.11997/641>>. Acesso em 01/10/2021.

RECHENA, Aída. Museología (d)e Género. In: SIAM. Series Iberoamericanas de Museología. Vol. 4. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2021. 11p. Disponível em: <https://issuu.com/_publicacion/docs/vol.4_nuevos_museos_nuevas_sensibilidades>. Acesso em 01/10/2021.

REVISTA CARETA. 21 de dezembro de 1940, Rio de Janeiro, Nº 1695, Ano XXXIII. p. 30-31.

REVISTA DA SEMANA. 24 de julho de 1943. p.44.

REVISTA DA SEMANA. dezembro de 1941. p. 21.

REVISTA FEMININA. “O Feminismo no Brasil”, Ano VI Número 65, 1919. p.24.

REVISTA ROTA TIJUCANA. *Tijuca, um Celeiro da Educação Carioca*. Novembro de 2011. Disponível em: <<https://www.soniarabello.com.br/tijuca-um-celeiro-da-educacao-carioca/>> Acesso em 09/02/2022.

ROSA, Tainah Freitas. *Ofício? Escrever: a contribuição de Virginia Woolf para uma reflexão sobre o trabalho da mulher como escritora*. In: Mulheres Trabalhadoras: (in)visíveis?. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 171-183

ROVERE, Maxime (Org.). *Arqueofeminismo: Mulheres filósofas feministas séculos XVII-XVIII*. São Paulo: n-1 edições, 2019. 271p.

SÁ, Ivan Coelho de. *História e Memória do Curso de Museus: do MHN à UNIRIO*. In: Anais do MHN, v. 39. Rio de Janeiro: MHN/IPHAN. 2007, p. 10-42.

_____; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 269p.

_____; SEOANE, Raquel Villagran R. M. *Entrevistas com Nair de Moraes Carvalho* (Projeto de Extensão e Cultura Centenário de Nair de Moraes Carvalho: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras) [não publicado]. Rio de Janeiro: NUMMUS, jun. nov. 2014.

_____; SEOANE, Raquel Villagran R. M. *Entrevistas com Lygia Martins Costa* (Projeto de Extensão e Cultura Centenário de Lygia Martins Costa: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras) [não publicado]. Rio de Janeiro: NUMMUS, jun. nov. 2014.

_____. *Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 129–146, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16908>>. Acesso em: 04/12/2021.

_____. *Pesquisa, recuperação e preservação da memória da Museologia no Brasil*. Rio de Janeiro: XIII ENANCIB (GT9), 2012.

_____. *As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia*. In: *Revista Acervo do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 26, n.2, jul. 2013. Disponível em: <<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/download/513/512>>. Acesso em: 05/07/2019.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B.. *A mulher na sociedade de classes*. 3ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528p.

SANDEL, Michael. *A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 10. Formato digital. 430p.

SANTOS, Cícero Joaquim Dos... [et al.]. *Ensino de história, memória e sexualidade no museu comunitário: problematizando a exclusão de gênero*. In: Anais V Seminário Internacional Enlaçando sexualidades. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30552>>. Acesso em: 16/05/2022.

SANTOS, Iraci Oliveira dos. *A Trajetória do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia*. Orientadora: Profa. Dra. Sidélia Santos Teixeira. Dissertação de Mestrado. 158f. Programa de Pós-Graduação em Museologia – UFBA. Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32357>. Acesso em: 17/01/2022.

SANTOS, Sergio Roberto Lordello dos. *Expansão Urbana e Estruturação de Bairros do Rio de Janeiro: O Caso de Botafogo*. Dissertação de Mestrado. 225f. Pós-Graduação em Engenharia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, 1981. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2977>. Acesso em 10/11/2021.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 224p.

SCHOFER, Evan; MEYER, John W. (2005), *The Worldwide Expansion of Higher Education in the Twentieth Century*. *American Sociological Review*, 70, 2005. P. 898-920.

SCHWARTZ, Claire. *Saving a Bit of Beauty for the World: Retelling the Story of Rose Valland*. California: Dominican University of California, Confluence, Vol. XXII, No. 1, 2016. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/57dc0961f5e231de185340bc/t/57fe5a91725e2579f1d48931/1476287123897/XXII_1_CM3.pdf. Acesso em janeiro de 2021.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Porto Alegre, Educação & Realidade. vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEOANE, Raquel Villagran R. M. *Curso de Museu – MHN e a atuação profissional de seus egressos na Era Vargas: A Reforma de 1944 como reflexo da política nacionalista*. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. Dissertação de Mestrado. 160f. UNIRIO/MAST/PPGPMUS. Rio de Janeiro, 2016.

SGARBI, Antonio Donizetti. Bibliotecas pedagógicas católicas: estratégias para construir uma “civilização cristã” e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). 2001. 390 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

SILVERA, Rachel. *O Salário das Mulheres na França no Século XXI: Ainda um quarto a menos*. In: *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 83-92.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Entre convenções e discretas ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil*. São Paulo: Rev. bras. Ci. Soc., vol.17, no.50, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000300009>. Acesso em 15/11/2020.

SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN: 1932-1978: o perfil acadêmico-profissional*. Orientador: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. Dissertação de Mestrado. 181f. PPGPMUS – UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2009.

SORJ, Bila. *No Brasil, novas perspectivas*. In: *Trabalho, logo existo: perspectivas feministas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 103-113.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Novaes; LOPES, Maria Margareth. *Para ler Bertha Lutz*. Campinas: Cadernos, Pagu, 2005. n.p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/XWz4cnThBxsxXRgFcyNvzjy/?lang=pt>. Acesso em dezembro de 2019.

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Museology – Science or just practical museum work?*. MUWOP/DOTRAM, v. 1, 1980. p. 42-44.

SUANO, Marlene. *O que é Museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101p.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. *A Trajetória do Ensino da Museologia no Brasil*. *Revista do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*. Museologia & Interdisciplinaridade. Vol. II, nº 3, maio/junho de 2013. p. 76-88.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alameda, 2017. 302p.

TOLLEY, Thomas. *States of Independence: Women Regents as Patrons of the Visual Arts in Renaissance France*. In: *Renaissance Studies*, vol. 10, no. 2, 1996, p. 237–258. Disponível em: <www.jstor.org/stable/24412270>. Acesso em 15/06/2021.

TRÓPIA, Patrícia Vieira; TOSTA, Tania Ludmila Dias; GONÇALVES, Elaine...[et al.] (Org.). *Mulheres Trabalhadoras: (in)visíveis?*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 171-183.

- ÚLTIMA HORA. “Museus instalam seu IV Congresso no Rio”, Ano XV, nº 4823, 24 de julho de 1965. p. 3.
- UNESCO. Gender Equality, Heritage and Creativity. Paris, França: UNESCO, 2014.
- UNESCO. The feminist inspiration of Mona Lisa. 2 de maio de 2019. Página da web. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/feminist-inspiration-mona-lisa> Acesso em 06/03/2022.
- UNIRIO. *Boletim de Julho de 1988. ATOS DA REITORIA*. Página da web. Disponível em: <http://www.unirio.br/boletins/chefia-de-gabinete/boletins-1988/bol-07-1988-julho>. Acesso em 03/12/2021.
- UZEDA, Helena Cunha de. *L'écrivaine brésilienne Nísia Floresta: sa lutte féministe dans le contexte culturel du Brésil Impérial*. In: Marginalités au féminin dans le monde lusophone. Paris: Les Cahiers du CREPAL, hors-série nº5, Presses Sorbonne Nouvelle, 2014, p. 211-226.
- VALENCIA, Antonia Fernández. *Mujeres Impulsionano colecciones y museos desde la actividad política*. In: Patrimonio en Feminino. Madrid: Ministerio de Cultura de España, 2011. p. 67-70.
- VALENTE, Luiz Ricardo Schiavinato; EDUARDO, João Pedro de Andrade. *O Processo de Verticalização de Copacabana*. Rio de Janeiro: Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014. 10p.
- VAQUINHAS, Irene. *Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história*. MIDAS [Online], 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/603>. Acesso em: 10/09/2019.
- VELHO, Léa; LEÓN, Elena. *A construção social da produção científica por mulheres*. Campinas: Cadernos Pagu, n. 10, janeiro de 2012. p. 309-344. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4631474/2350>. Acesso em: 19/01/2022.
- VICENTE, Álex. Laurence des Cars, primera mujer que dirige el Museo del Louvre. El País, Paris, 26 de maio de 2021. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2021-05-26/laurence-des-cars-primera-mujer-en-dirigir-el-museo-del-louvre.html>. Acesso em: 07/03/2022.
- WILLIAMS, Daryle. *Culture Wars in Brazil: The First Vargas Regime – 1930-1945*. Duke University, Press Durham, London, 2001, edição Kindle.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres (1792)*. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: EDIPRO, 2015. 271p.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres (1942)*. In: Profissões para mulheres e outros artigos feminista. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017. 112p.
- YANNOULAS, Silvia Cristina. *Dossiê: Políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho*. Brasília: CFEMEA; FIG/CIDA, 2002. 93 p. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/Políticas_publicas_e_relacoes_de_genero_no_mercado_de_trabalho/56. Acesso em dezembro de 2021.

FONTES PRIMÁRIAS:

Acervo NUMMUS

Biblioteca Virtual do MHN

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

JusBrasil: Diários Oficiais da União

Bibliothèque Nationale de France

Anais do MHN (base online)

Anuários do Museu Imperial (base online)

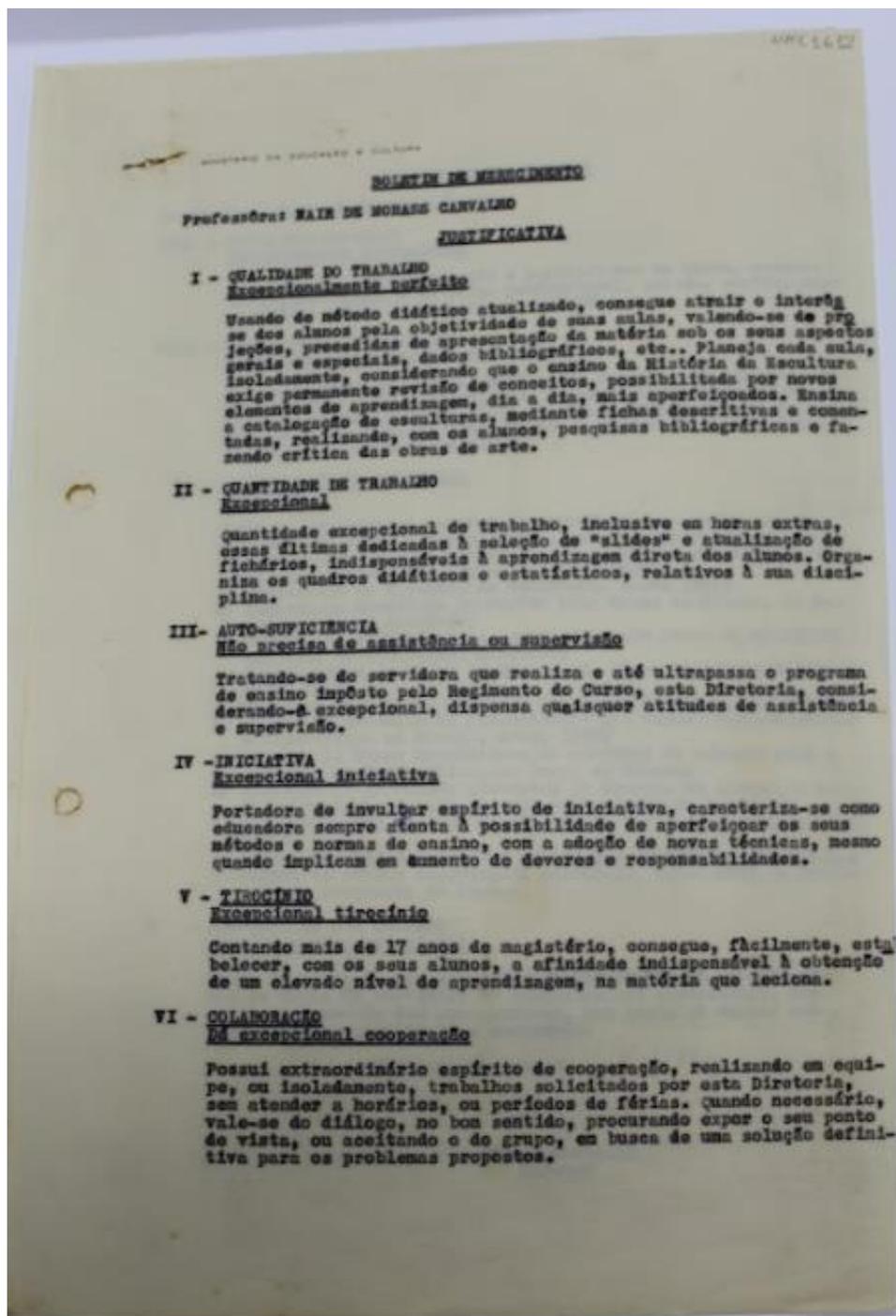
Anuários do Museu Nacional de Belas Artes (NUMMUS)

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1

Boletim de Merecimento a Nair de Moraes Carvalho, MHN, 1966 (Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho) 2f.



BOLETIM DE MÉRITOProfessora: **RAIR DE MORAES CARVALHO****VII - ÉTICA PROFISSIONAL**
Comportamento excepcional

Discreta nos assuntos gerais e particulares do Curso, respeitadora da hierarquia e da ética profissional, polida, cortês, mesmo quando ocorre divergência de opinião.

VIII - CONHECIMENTO DO TRABALHO
Excepcional capacidade e conhecimento

Tem pleno conhecimento da matéria que leciona, com vivência em instituições culturais nacionais e estrangeiras (Estados Unidos, Europa e América Latina), onde observou, durante longos períodos, as novas técnicas museológicas e educacionais, ligadas ao ensino da História da Escultura.

IX - APERFEIÇOAMENTO FUNCIONAL
Excepcional

Comprova excepcional aperfeiçoamento funcional, pelo estado constante de obras especializadas, pela visita a museus e entidades afins e pela realização de trabalhos relativos à matéria que leciona. Eis alguns de seus títulos:

- a) Professora de História da Escultura, desde 1949;
- b) Diploma de Museóloga conferido pelo Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional;
- c) Diploma de Bibliotecário, conferido pelo Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional;
- d) Coordenadora do Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, desde 1944;
- e) Diretora Substituta do Museu Histórico Nacional, desde 1954;
- f) Membro do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, desde 1956;
- g) Membro da Banca Examinadora do concurso de títulos para a cadeira de Numismática, do Curso de Museus;
- h) Auxiliar da Exposição Histórica do Brasil, em Lisboa, a cargo da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal;
- i) Avaliadora dos objetos históricos do Barão de Cotegipe, na Bahia;
- j) Autora de vários trabalhos publicados nos "ANNAIS", do M.H.N.;
- l) Membro de várias associações culturais, entre elas, a Sociedade de Geografia de Lisboa.

X - COMPREENSÃO DOS DEVERES
Comportamento excepcional

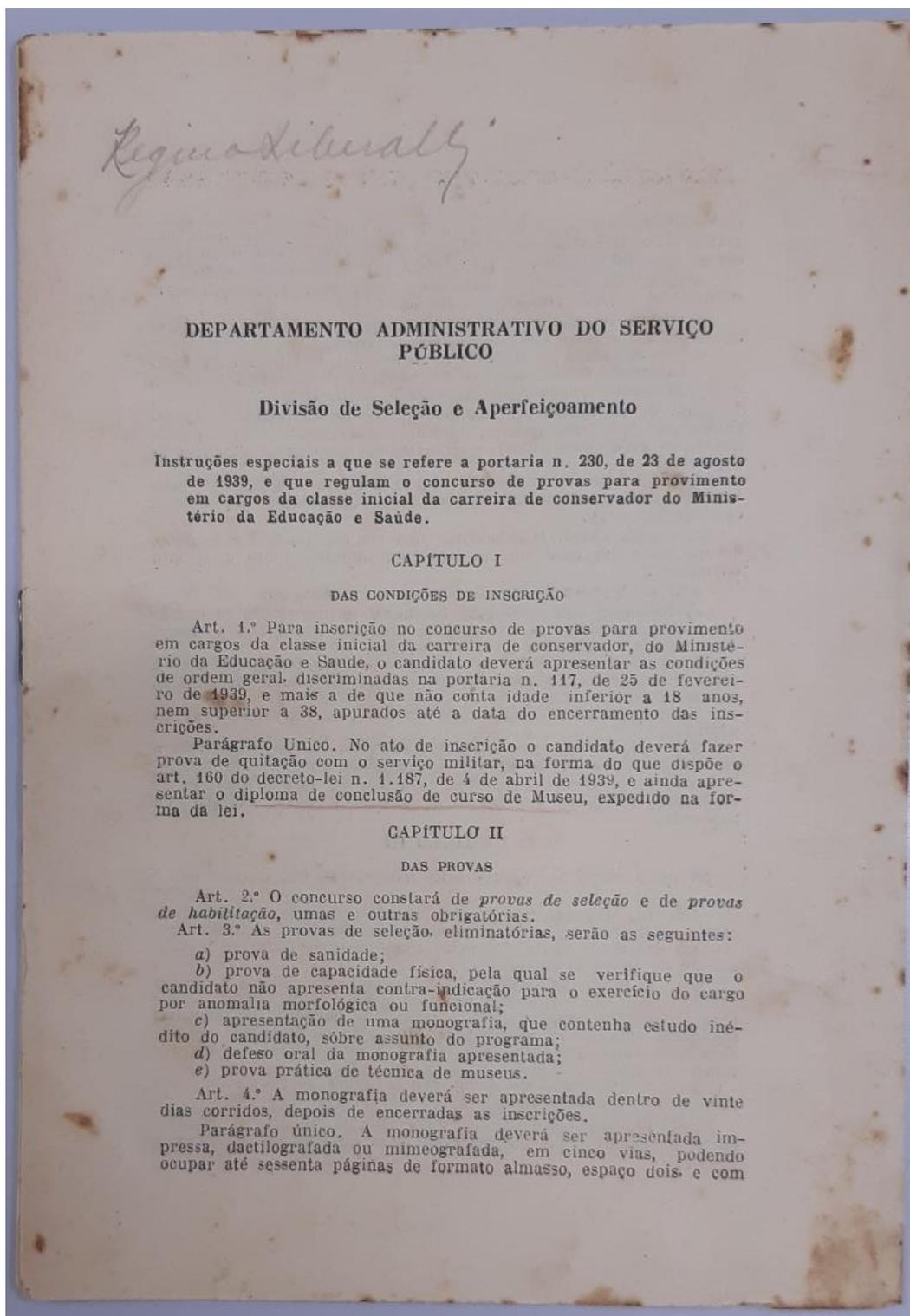
Tendo em vista as respostas aos itens anteriores, é evidente que se trata de servidora de comportamento excepcional, com plena compreensão dos seus deveres, aos quais se dedica com inteira responsabilidade e seriedade.

Curso de Museus, em 1/1966

José Montello
Diretor

ANEXO 2

Instruções para o Concurso publicadas pela Imprensa Nacional em 1939 (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberali Laemmert) 5f.



- 2 -

margem não inferior a dois e meio centímetros, exclusive bibliografia ou material de documentação, que tenha servido de base à composição do trabalho, e que poderá ser juntado em anexo.

Art. 5.º Os candidatos aprovados nas provas de seleção serão submetidos às seguintes provas de habilitação:

- a) prova escrita de um idioma estrangeiro, escolhido dentre os seguintes: alemão, francês, inglês e italiano;
- b) prova escrita de História do Brasil, ou de História da Arte.

Parágrafo único. No ato de inscrição, o candidato escolherá uma das provas mencionadas na letra b, deste artigo.

Art. 6.º Na defesa oral da monografia, os candidatos serão arguidos por dois examinadores, durante trinta minutos (quinze minutos pra cada examinador) e terão tempo igual para responder às arguições.

Art. 7.º A prova prática de técnica geral de museus se realizará em local que facilite a sua execução (arrumação, organização, catalogação, etc.).

Parágrafo único. O candidato, uma vez terminada a sua prova, deverá fazer um relatório em cinquenta minutos, sobre o assunto da mesma.

Art. 8.º A prova de idioma estrangeiro constará de:

- a) tradução, sem auxílio de dicionário, de um trecho de duzentas a trezentas palavras, extraído de um dos livros que a banca examinadora indicará na primeira reunião;
- b) versão, sem auxílio de dicionário, de um trecho de cem a cento e cinquenta palavras, extraído de um dos livros igualmente indicados pela banca.

§ 1.º Proceder-se-á ao sorteio do livro, e, em seguida, ao da página.

§ 2.º Os livros a que se refere este artigo serão submetidos à aprovação do diretor da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento.

Art. 9.º A prova mencionada no artigo 5.º, letra b, constará de dissertação sobre um dos pontos do programa anexa, sorteado no momento.

CAPÍTULO III

DO JULGAMENTO DAS PROVAS E DA HABILITAÇÃO DOS CANDIDATOS

Art. 10. O julgamento de cada prova de seleção será feito em escala centesimal, apurando-se, como resultado final, a média aritmética das notas atribuídas pelos examinadores, inclusive o presidente da banca examinadora.

§ 1.º Si, entre as notas atribuídas pelos examinadores à mesma prova, houver uma diferença superior a vinte (20) pontos, comparadas as notas, duas a duas, o presidente da banca examinadora convocará uma sessão especial para discussão do trabalho, devendo cada examinador justificar, por escrito, a nota atribuída, para que conste de ata.

§ 2.º O disposto neste artigo não se aplica às provas de sanidade e de capacidade física.

Art. 11. Será aprovado na prova referida na letra c, do artigo 3.º, o candidato que obtiver grau igual ou superior a sessenta pontos.

— 3 —

Parágrafo único. O julgamento da monografia incluirá a clareza da exposição e a contribuição pessoal do candidato, na especialidade escolhida, desde que perfeitamente documentada.

Art. 12. Será aprovado na prova de defesa da monografia o candidato que obtiver grau igual ou superior a sessenta pontos.

§ 1.º Terminada a prova de cada candidato, a banca examinadora se reunirá para julgá-la, atribuindo cada examinador arguente uma nota.

§ 2.º Dever-se-á lavrar ata do julgamento de cada prova.

Art. 13. Será aprovado na prova de técnica de museus o candidato que obtiver grau igual ou superior a sessenta pontos, observada a seguinte distribuição de pontos:

Execução da prova, até 70 pontos,

Relatório, até 30 pontos.

Art. 14. Para efeito de correção e julgamento da prova de idioma estrangeiro, observar-se-á:

Tradução, até 60 pontos.

Versão, até 40 pontos.

Art. 15. O grau de classificação do candidato será a média ponderada dos graus obtidos, observada a seguinte distribuição:

Monografia	2
Defesa oral	3
Prova prática	3
História do Brasil ou História da Arte	2
Idioma estrangeiro	2

Art. 16. Só serão considerados habilitados para a classificação final os candidatos que obtiverem, na forma do artigo anterior, grau igual ou superior a sessenta pontos.

Parágrafo único. Em caso de empate na classificação, observar-se-á a seguinte ordem de preferência para o desempate:

a) melhor resultado na prova de defesa oral;

b) melhor resultado na prova prática;

c) melhor resultado na prova de História do Brasil ou História da Arte;

d) melhor resultado na monografia;

e) melhor resultado na prova de idioma estrangeiro.

CAPÍTULO IV

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 17. O concurso será válido por dois anos, a partir da data de sua homologação pelo Departamento Administrativo do Serviço Público.

Art. 18. A prova determinada no artigo 5º, letra b, terá a duração máxima de três horas.

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, em 23 de agosto de 1939. — *Murilo Braga*, diretor de divisão.

— 4 —

ANEXO

CONCURSO PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE CONSERVADOR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Programas

Assuntos para a monografia

1. Períodos da história monetária brasileira. O numerário português, aplicado à colônia do Brasil. A moeda espanhola do Prata no Brasil, a partir de 1583.
2. Moedas do 2º reinado. Primeiro e segundo sistemas monetários. a carimbagem do cobre pelas províncias, pelas revoluções e pelos particulares. Terceiro sistema monetário.
3. Armaria. Sobretudo relativa ao Brasil.
4. Heráldica. Sua origem, história, finalidade. Vantagens do seu conhecimento. Heráldia portuguesa. Heráldia brasileira.
5. Pinturas e gravuras. Suas variedades. Como reconhecê-las. Como classificá-las.
6. Manifestações artísticas no Brasil, desde o período colonial até nossos dias.
7. Missão artística francesa (1816) e sua influência nas artes.
8. Principais escolas de pintura e seu ambiente social na história.
9. Restauração e conservação das obras de arte.
10. Papel dos museus na vida moderna.

Prova escrita

(Artigo 5º letra b, das instruções)

a) História do Brasil

1. O ciclo do açúcar e a escravidão de índios e negros.
2. A ação dos Jesuítas na colonização do Brasil.
3. As invasões estrangeiras: ingleses, franceses e holandeses.
4. A restauração de Portugal no Brasil.
5. O ciclo do ouro. As bandeiras.
6. A projeção exterior do Império. Guerra do Prata.
7. O movimento da Independência — 1808 a 1822.
8. A guerra da Independência — 1823-1824.
9. A organização do Brasil no 2º Reinado. O parlamentarismo.
10. A abolição e a República.

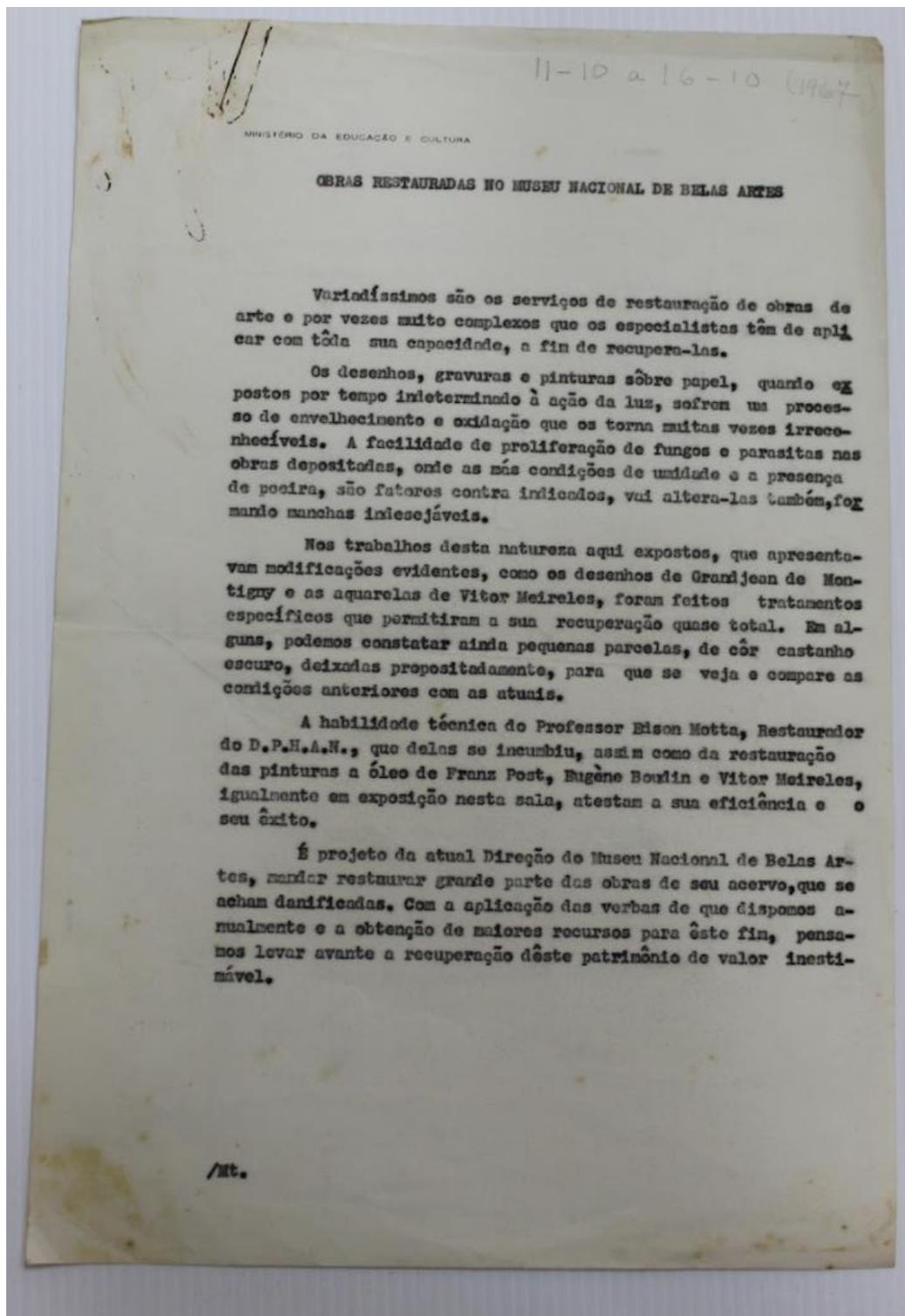
— 5 —

b) História da Arte

1. A expressão das esculturas grega e romana.
2. As escolas francesas de pintura e sua influência na pintura brasileira.
3. As escolas brasileiras de pintura.
4. A arquitetura barroca jesuítica e sua repercussão no Brasil.
5. A influência da renascença francesa na arquitetura e escultura do Aleijadinho.
6. Mestre Valentim e sua obra.
7. A arte religiosa brasileira e o valor da torçutica.
8. A evolução da pintura cristã do século VIII a XII.
9. Confronto entre a pintura de Vítor Meireles e Pedro Américo.
10. A evolução da gravura no Brasil.

ANEXO 3

Relatório sobre restaurações de obras do MNBA por Regina Liberali (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberali) 1f.



ANEXO 4

Currículo Vitae da Prof.^a Anna Barrafatto, elaborado em 1976 pela mesma (DocPro MHN) 8f.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
CURSO DE MUSEUS

"CURRICULUM VITAE" de A N N A B A R R A F A T T O

Professora de Curso Isolado - Nível 22
Matrícula nº 1763988 IPASE — Registro nº 763988 (Professor) MEC
Função atual: Chefe da Divisão de Curso de Museus - Coordenadora -
(Portaria 565 do Sr. Ministro de Estado da Educação e Cultura, de
23.09.1974, publicada no D.O. de 27.09.1974)

I - QUALIFICAÇÃO

Nome : A N N A B A R R A F A T T O
Nascimento : 23.02.1913
Nacionalidade : Brasileira
Naturalidade : Rio de Janeiro - Rio de Janeiro
Filiação : Braz Barrafatto e Josephina Piassa Barrafatto
Estado civil : solteira
Carteira de Identidade : 173047 - Ministério da Marinha
C.P.F. - 027088767 — PASEP - 10013657515
Título Eleitoral: 31529 5a. Zona - RJ
Firma : Tabelação Carmen Coelho
Banco: União de Bancos - Agencia Castelo
Residência: Rua Belfort Roxo, 20 ap. 1203 - Tel.:237.5314

II - INSTRUÇÃO

A - Nível Superior - Diploma de MUSEÓLOGA - Registrado
sob o nº 8 Livro MU-1 folhas 2 em 07.07.1950 - Direto
ria do Ensino Superior MEC - Apostila de retificação
de nome: Reg. folhas 24 Liv. 01 DAU em 04.12.1975

B - Nível Médio

01 - Registro definitivo nº D11075 MES (Processo
nº 59399/46):

1º Ciclo: História Geral
História do Brasil
Geografia Geral
Geografia do Brasil

.2.

2º Ciclo: História Geral
História do Brasil

02 - Professora de Curso Primário - Instituto de Educação - Distrito Federal - Registro P.D.F. folhas 75 nº 6 em 01.09.1939 e no Instituto de Educação (Sede) 196 em 24.01.1939

C - Concurso de Títulos e Documentos

Habilitação na "Prova de Títulos e Documentos" realizada pela SEC para o Colégio Pedro II - Externato, em 1952. Certidão protocolada na Secretaria do Colégio Pedro II sob o nº 5906, em 06.11.1963.

III - PUNÇÕES DE MAGISTÉRIO

A - Curso de Museus do M.H.N.

Início do exercício: 28.01.1946

01 - Professora de "História da Escultura" - Boletim do Pessoal do MES - Nº 34 ano VII de 23.03.1946 pág. 487 até 11/1949 e, Atestado do Diretor do MHN, datado de 21.02.1961

02 - Professora de "História da Arte" a partir de 28.06.1946 até 23.09.1974 quando foi designada Chefe da Divisão de Curso de Museus - Coordenadora - Portaria 565 do Sr. Ministro de Estado da Educação e Cultura datada de 23.09.1974 e publicada no D.O. de 27.09.1974

03 - Bancas Examinadoras

- a) História da Arte de 1946 a 1953
- b) História da Escultura de 1946 a 1953
- c) História da Arte Brasileira - 1948
- d) História da Arquitetura - 1951
- e) Etnografia (Presidente) - 1946 e 1948
- f) Arqueologia (Presidente) - 1946 a 1948
- g) Numismática (Presidente) - 1949-1952 e 1953
- h) Técnica de Museus (Presidente) - 1953

.3.

04 - Chefe do Departamento de Arte - de 30.10.1966 a 28.09.1974 - Portarias: nº 14 de 31.08.1966 do Sr. Diretor do MHN, publicada no B.P. nº 40 de 03.10.1966 e nº 79 de 12.12.1967 - publicada no D.O. de 28.08.1968

B - Professora de Curso Primário do antigo Distrito Federal - Depart. Educação Primária da S.E.C.- Portaria 2360 de 21.08.1939

C - Professora de Ensino Artístico - História da Arte - no Instituto de Belas Artes do Governo do antigo Estado da Guanabara de 26.02.1959 a 17.03.1964 - Declarações do Sr. Diretor do I.B.A. e DO de 18.03.1964 . Portaria de transferência do Inst. Pesquisas Educacionais para o Instituto de Belas Artes nº 00172 do Secretário de Educação e Cultura.

IV - EXERCÍCIO EM FUNÇÃO TÉCNICA EDUCATIVA

01 - Certidão de desempenho de função técnica educativa no Serviço de Educação Cívica do Dep. Educação Nacionalista da Secret. de Educação e Cultura da antiga P.D.F., em 1942 (1 ano de efetivo exercício)- Certidão nº 154 de 25.05.1954 do Serv. Geral de Administração - Dep. do Pessoal e Portaria de designação para ter exercício no Serviço de Educação Cívica - nº 583 de 03.10.1942, do Diretor S.E.C.

02 - Função de Técnica de Educação e Psicologia no Instituto de Pesquisas Educacionais - Serviço de Ortofrenia e Psicologia da Secret. de Educação e Cultura da antiga PDF - Declaração da Chefia do Serviço de Ortofrenia e Psicologia datada de 29.11.1965 e Portaria de remoção da Escola José de Alencar para o Inst. de Pesquisas Educacionais - nº 3040 de 18.09.1953 do Secretário Geral de Ed. e Cultura.

03 - Função Técnica-pedagógica - "Consultora técnica em Arte e orientação profissional" - no Serv. de Ortofrenia e Psicologia IPE da SEC da antiga PDF. Proc. nº 81265/55 anexado ao Proc. de acumulação nº 4737/

.4.

60, publicado no DO de 04.07.1950 - Seção I - Parte I, pág. 9828

V - FUNÇÃO DE DIREÇÃO E CHEFIA

A - No Museu da Cidade (Rio de Janeiro)

Início do exercício - ano 1942 - Portaria nº 280 do Secretário de Educação e Cultura da antiga PDF - de 24.03.1942 a 30.09.42 (Portaria nº 1608 do Secretário de Educ. e Cultura do antigo DF e de 06.10.1943)- Portaria nº 886/43 da Secret. de Ed. e Cultura do antigo DF datada de 15.04.1948 - Portaria nº 375/48 idem, idem .

01 - Coordenadora do "Setor de Museus" .

02 - Coordenadora do "Setor de Informações" - Designação : 25.05.1940

03 - Coordenadora do "Setor de Exposições" - Portaria do Diretor do Dep. de Hist. e Doc.- SEC da antiga PDF, datada de 25.05.1940
Exercício : de 25.05.1940 a 29.11.1940

04 - Coordenadora do "Setor de Comunicações", designação de 06.05.1941

05 - Coordenadora do "Setor de Expediente" - Of. 78 LHD de 18.11.1943, do Chefe do Serviço de Museus da Cidade .

06 - Substituta da Chefia do Museu da Cidade de 13.12.1945 a 13.01.1946

07 - Substituta da Chefia do Museu da Cidade de 25.01.1948 a 12.02.1948

Observação: Estes documentos estão apensos ao Proc. nº 3.301.210/65, na Comissão de Readaptação de Cargos da Secretaria de Administração da antiga P.D.F. Sua devolução foi requerida pela declarante ao Sr. Governador do atual Estado do Rio de Janeiro em 12.01.1976 e o Proc. tomou o nº 00005 .

.5.

B - FUNÇÕES NA ESCOLA PRIMÁRIA DO ANTIGO DF .

- 01 - Secretária da Escola José de Alencar durante 3 anos e 5 meses .
- 02 - Função de Sub-Diretora da Escola José de Alencar Port. da Secret. Geral de Educ. e Cultura datada de 25.03.1953 .
Exercício: de 25.03.1953 a 15.06.53
- 03 - Responsável pelo Expediente (Diretora) da Escola José de Alencar - Portaria nº 2.438 DEP do Secretário de Educ. e Cultura, DO de 19.06.1953
Exercício: de 16.06.1953 a 16.07.1953 .
- 04 - Encarregada do "Centro de Civismo" da Escola José de Alencar - Port. nº 76 de 10.11.1953
- 05 - Auxiliar de Orientação Pré-Vocacional na Escola José de Alencar - EE nº 4765 da Chefe do 3º DE datada de 15.05.1952 .

Observação: Os documentos não apresentados estão apenas ao Proc. nº 3.301.210/65 já citado.

VI - CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃOA - Diversos

- 01 - Certificado de "Curso de Arqueologia" - ano 1936 firmado pelo Prof. Anyone Costa .
- 02 - Certificado de "Curso da Metodologia do Ensino da História da Civilização" - ano 1937, firmado pelo Prof. Anyone Costa.
- 03 - Certificado de "Curso da Metodologia do Ensino de História do Brasil" - Ano 1938, firmado pelo Prof. Pedro Calmon .
- 04 - Certificado de "Curso de Arquitetura" - ano 1938, firmado pelo Prof. Pedro Calmon .
- 05 - Certificado de "Curso de História Militar e Naval do Brasil" realizado no Museu Histórico Nacional - Ano 1939, firmado pelo Prof. Gustavo Barroso.
- 06 - Certificado de "Curso de Técnica de Museus" realizado no MHN - ano 1939, firmado pelo Prof. Gustavo Barroso.

.6.

- 07 - Certificado de "Curso de Metodologia do Ensino de Geografia Geral" - ano 1944, firmado pelo Prof. Angyone Costa.
- 08 - Certificado de frequência do "Curso de História, Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e MaVoteconomia", realizado no Min. das Relações Exteriores - ano 1944, firmado pelo Redator Luiz Camillo de Oliveira Netto, Chefe do Serv. de Documentação do Secret. de Est. das Relações Exteriores.
- 09 - Certificado de "Curso de História da Cartografia do Brasil", realizado no MRE e de aulas extraordinárias, 1944, firmado pelo Prof. Jaime Cortezão.
- 10 - Certificado de "Curso de Arquitetura" - ano 1945 realizado no MHN, firmado pelo Prof. Gustavo Barroso.

Observação: Parte destes documentos estão retidos na antiga PDF, e parte no Colégio Pedro II, Externa to. Sua devolução já foi requerida pela declaração.

B - PSICOLOGIA

- 01 - Curso do teste do Roschard (ISOP) .
- 02 - Teste de PMK (ISOP) - (retidos na antiga PDF).
- 03 - "Exame Psicológico e Sua Técnica" - Serv. de Ortofrenia e Psicologia do Inst. de Pesquisas Educacionais da S.G.E.C. - Certificado datado de 21.07.1954 .
- 04 - "Formação de Orientadores de Série Preliminar" - Certificado de 01.03.1956 .
- 05 - "Especialização em Psicometria" - ano 1958 - (retido na antiga PDF.)
- 06 - Curso de Psicologia Geral - SOP . (retido na antiga PDF).
- 07 - Curso de Psicologia Geral - ISOP . (retido na antiga PDF).

.7.

VII - CONFERENCIAS PALESTRAS E CURSOS MINISTRADOS:A - ARTE

"História da Pintura" na Sociedade Brasileira de Belas Artes - Anos 1963 - 1964 - 1967 e 1968 - Declaração da SSAB, datada de 22.03.1972 .

B - PSICOLOGIA

- 01 - Palestra sobre o "Grafismo" (interpretação da personalidade através do desenho) no Auditório da Associação Brasileira de Educação, a convite do então Diretor do Dep. de Educ. Primária da SGEN da antiga PDF. Of. nº 707 - DEP, de 06.11.1955 .
- 02 - Aulas sobre "Grafismo" - no "Curso de Formação de Orientadoras para a Série Preliminar" - no Serv. de Ortofrenia e Psicologia do IPE - SGEN Certificado autorizado pelo Ex^{mo}. Sr. Secretário Geral de Ed. e Cult. e firmado pelo Diretor do IPE, em 07.12.1956 .
- 03 - "Curso de Análise e Interpretação do Grafismo Infantil" - no Inst. de Psicologia Clínica Educacional e Profissional (IPCEP) - ano 1961 - Atestado datado de 11.09.1961 (anexo o Programa - Curso para médicos, prof. de Faculdades de Filosofia, Assistentes Sociais, Orientadores Educacionais).
- 04 - "Curso de Psicodiagnóstico pelo Grafismo" no IPCEP - ano 1965 - Atestado de 09.12.1965 - (Programa anexo) - Curso para médicos, professores de Faculdade de Filosofia, Assistentes Sociais e Orientadores Educacionais.
- 05 - "Curso de Psicodiagnóstico pelo Grafismo" no IPCEP - Ano 1966 - Programa .
- 06 - Curso de "Noções de Grafismo e Medidas Psicológicas" - Curso de Extensão e Aperfeiçoamento - no Curso de Orientação Educacional do Inst. de Educação - Sede - Ano 1967 - Declaração datada de 23.03.1972 .

.8.

07/08 - "Interpretação do Desenho Infantil" - no Dep. de Educação Primária - Seção de Ensino Especial da SEC - GB - Anos 1968 e 1969 Declaração datada de 22.03.1972 .

09 - "O Desenho Infantil como Instrumento de Análise da Personalidade" no Dep. Educação Primária - Seção de Orientação Pedagógica da SEC - GB - ano 1970 - Declaração da Chefe da Seção de Orientação Pedagógica, data do de 23.03.1972 .

VIII - LÍNGUAS ESTRANGEIRAS :

a) frances ; b) Inglês ; e c) Espanhol .

IX - PUBLICAÇÕES

Artigo - Falando das Condecorações - Revista "Estrela" Ano III nº 27 - Seção: "Visitando por você o Museu da Cidade" pags. 4-5 e rodapé da pág. 9 .

X - ELOGIOS

Ofício 104 do Departº de Difusão Cultural da Secretaria Geral de Educ. e Cultura, de 04.03.1940, pelos serviços prestados na organização de exposições internas do Museu da Cidade.- GB

Pela cooperação na exposição documental alusiva à data da Independência - 11.09.1940 - Museu da Cidade.

Pelos trabalhos prestados na inauguração do Museu Central Escolar do Serviço de Museus da Cidade - GB

Pela cooperação na organização da exposição documental alusiva a CAXIAS, em 28.08.1940 - Museu da Cidade - GB Of. nº 13 da Chefe do Museu da Cidade de 26.08.1940

Pelo trabalho técnico, por ocasião da mudança do Serviço de Museus da Cidade, da praça Cardeal Arcoverde para o Parque da Gávea.

Pelo desempenho das funções de Coordenadora do Setor de Exposições do Museu da Cidade.

"Pela ótima direção da Escola José de Alencar".

Folha de Observação da Chefe do 2º Distrito Educacional da antiga PDF - Elogio ao desempenho das funções de Direção na Escola José de Alencar.

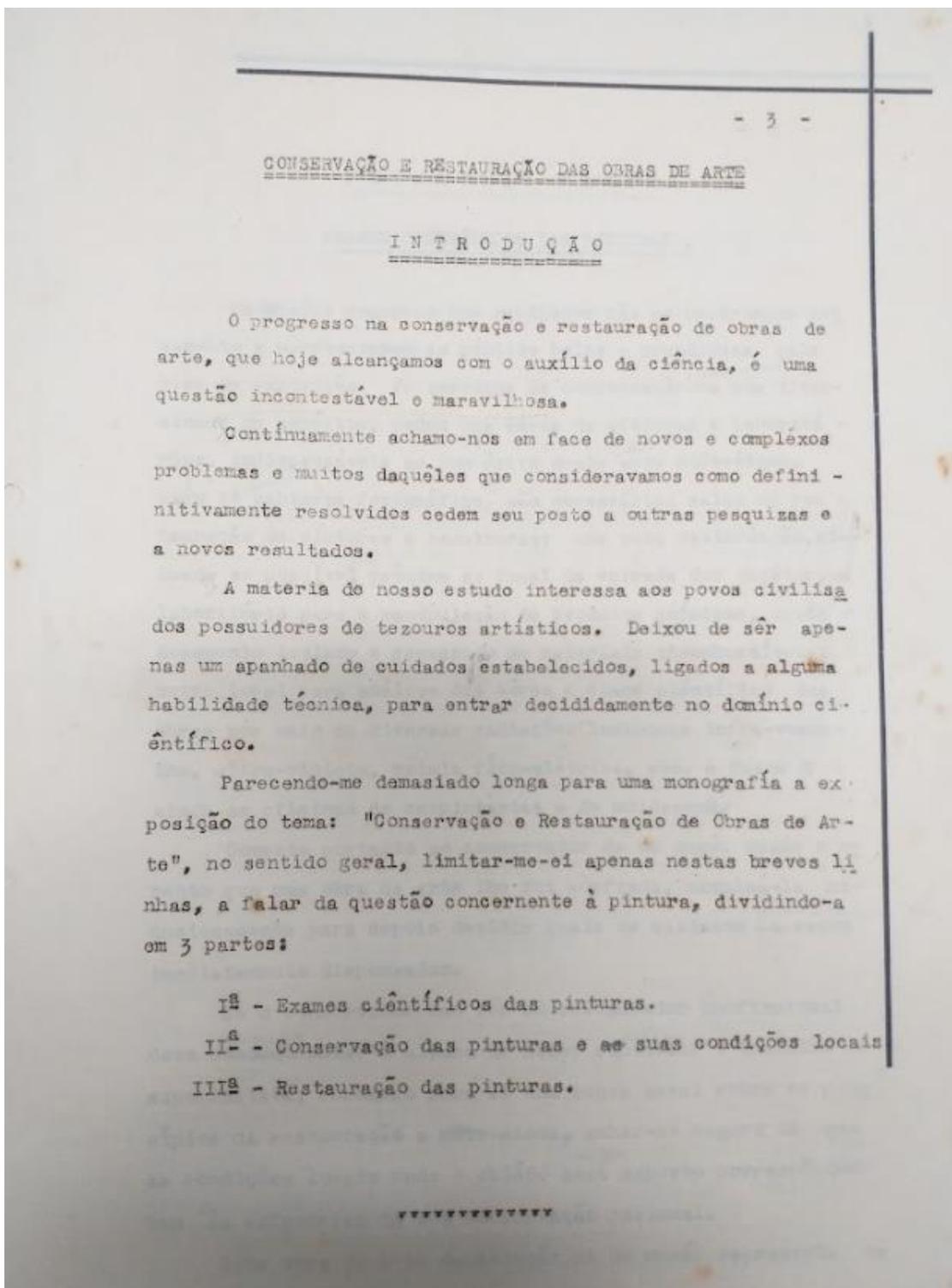
Diploma de Bons Serviços - Decreto "E" nº 6959 de 26 de abril de 1974 do Governador do Est. da Guanabara.

Rio de Janeiro (RJ), 26.01.1976



ANEXO 5

Trechos da Monografia de Regina Liberalli Laemmert apresentada ao DASP, no Concurso para Conservadores de Museus de 1939-1940 (Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert) 3f.



RAIOS INFRA-VERMELHOS

Sendo este exame de data relativamente recente não nos é possível ainda dizer com precisão todas as vantagens que ele nos oferece. Mas o seu emprego para revelação de detalhes ~~dos~~ tons sombrios nas pinturas muito sujas, tem sido dos mais ~~notáveis~~. *grande ajuda*

COLORÍMETRO

O colorímetro é um instrumento utilizado para se estudar os pigmentos e suas composições. Recorremos *o mais* quase sempre quando certos trabalhos de restauração requerem dados positivos quanto ao estado primitivo do quadro.

Além destes exames já citados existem ainda os de análise da estrutura cristalina pelo raio X, o exame micro-químico, o spectrográfico que mostra as impurezas metálicas existentes na tela; a determinação do índice de refração para distinguir a têmpera de ovo da pintura à base de óleo de linho e o exame microscópico que facilita o estudo das diversas camadas de uma obra.

SEGUNDA PARTE

CONSERVAÇÃO DAS PINTURAS E AS SUAS CONDIÇÕES LOCAIS

A LUZ

A luz mal orientada é um agente que contribui em grande escala para a descoloração das pinturas. Conforme a sua espécie, seja aquarela, óleo, etc, *tal vez* ~~conforme~~ a iluminação em

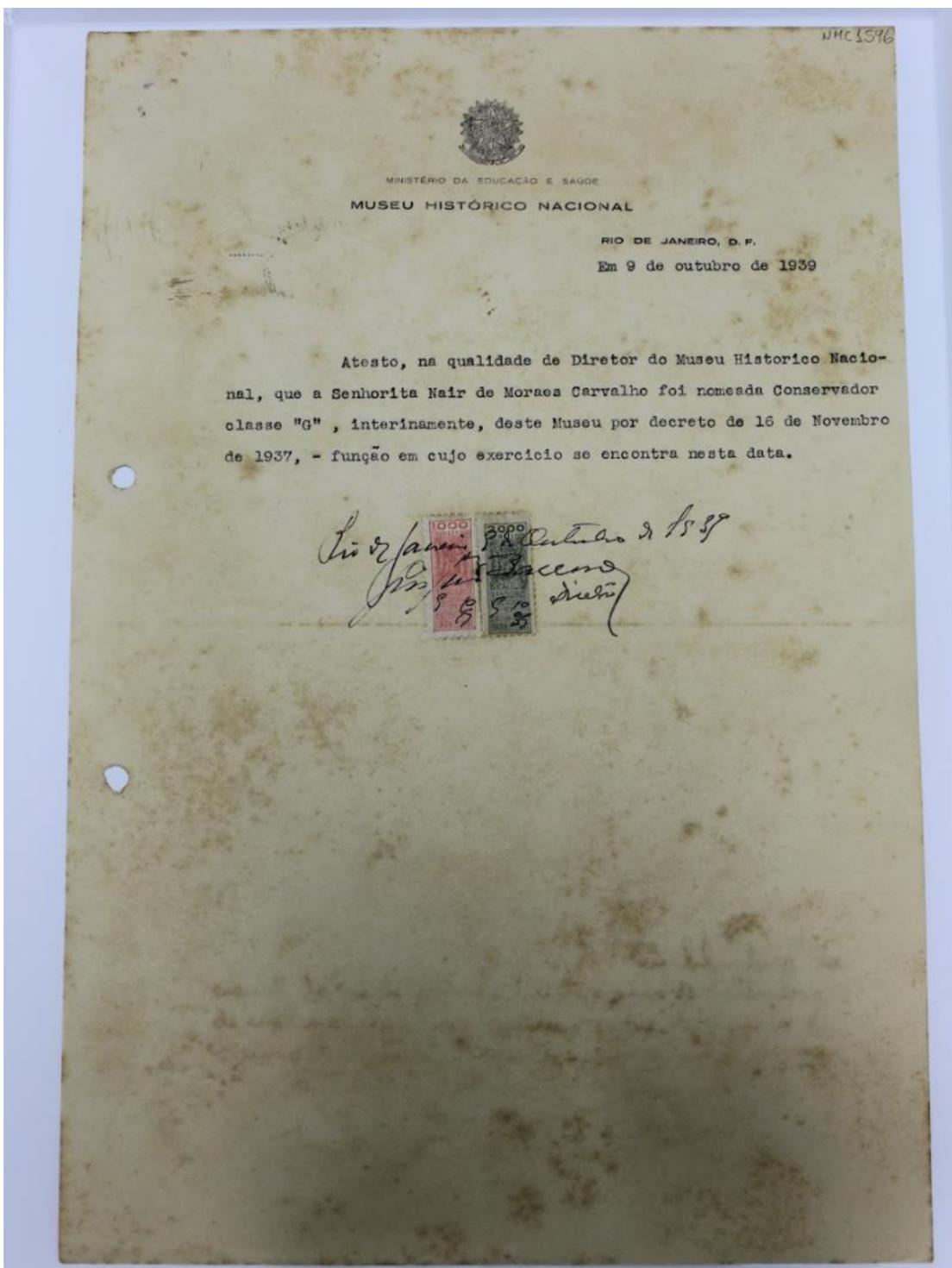
- 49 -

BIBLIOGRAFIA

- VIBERT - La Science de la Peinture
- SECCO GUARDO - Il Restauratore dei Dipinti
- R. MANCIA - Esame delle Opere d'Arte ed il loro restauro.
- M. DE WILD - The Scientific Examination of Pictures
Leyden Jackson.
- HILAIRE HILIER - Notes on the Technique of Painting
- ÉMILE BAYARD - L'art de Reconnaître les tableaux Anciens.
- DINET - Les Fleaux de la Peinture.
- Jacques Blocky fils - Compendium
- Horsain Deon - De la Conservation et de la Restauration des Tableaux.
- Corrado Ricci - Les Agente Atmosphériques, et la Conservation des Oeuvres d'Art
(Museum vol. 15)
- Kelmut Rahemann - La Technique de la Conservation des tableaux (Museum vol., 15).
- Moreau Vauthier - La Peinture,

ANEXO 6

Nomeação de Nair de Moraes Carvalho para conservadora do MHN, outubro de 1939 (Acervo NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho) 1f.



ANEXO 7

Convocação para Assembleia Geral Ordinária da ABM, 1979 (Acervo NUMMUS – Coleção Therezinha de Moraes Sarmento) 4f.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSEOLOGISTAS - ABM-

Temos o prazer de convidar para a Assembléia Geral Ordinária da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSEOLOGISTAS, a ser realizada no próximo dia 29 de agosto, sexta-feira, às 14:00 horas, no auditório do Serviço de Documentação Geral da Marinha, à rua D. Manoel, 15, Centro, Rio de Janeiro, conforme Edital publicado no jornal "O GLOBO", de 11 de julho.

Tão logo eleita, em 30 de agosto de 1979, a nova Diretoria desta Associação que, como entidade de classe, é órgão aglutinador dos ideais e interesses dos Museólogos do Brasil, objetivando maior participação dos sócios e agilizar a consecução das várias metas pré-estabelecidas para este triênio, criou os seguintes Grupos de Trabalho:

_para acompanhar em Brasília o andamento do Processo de Regulamentação da Profissão de Museólogo: Dinah Brognolli e Lais Scutto.

_para elaborar o anteprojeto do Código de Ética Profissional: Arnaldo Machado, Maria de Lourdes Parreiras Horta Barreto e Regina Helena dos Santos Timbó.

_para elaborar o anteprojeto do "Centro de Informações Museológicas": Diana Farjalla Correia Lima e Vera Lucia Bottrel Tostes.

_para elaborar o anteprojeto da Revista da ABM: Elza Ramos Peixoto, Vera Alencar e Vera Lucia Araujo.

O Conselho Deliberativo desta Associação, que se reúne com esta Diretoria ordinariamente de três em três meses, elegeu, para sua Presidente, Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, para Vice-Presidente, Regina Helena dos Santos Timbó, e, para Comissão Fiscal, Arnaldo Machado, Diana F. Correia Lima e Neyde Gomes de Oliveira.

Cientes da impossibilidade de a ABM arcar com responsabilidade de material de aluguel, e muito menos de compra, de uma sede, logo que assumimos a Direção da ABM oficiamos às autoridades do Ministério da Educação e Cultura solicitando uma sala, no prédio do antigo MEC., no Rio de Janeiro, para ali instalarmos a sede da ABM. Apesar do interesse demonstrado pelo Delegado Regional do MEC no Rio de Janeiro, Prof. Marcos Almir Madeira, que nos tem reiterado seu desejo de ceder uma sala a esta Associação, no atual Palácio da Cultura, até agora isto não se concretizou.

Objetivando regularizar a razão social da ABM, a ex-Vice-Presidente desta Associação, Marília Duarte Nunes, fez o levantamento dos sócios em débito com a ABM e o ex-Tesoureiro, Nelson de B. Luna, expediu circular solicitando a esses sócios que saldassem sua dívida. Muitos atenderam ao apelo e sanaram seu débito. Infelizmente alguns até hoje não o fizeram apesar de, posteriormente, serem contatados por te-

- 2 -

telefone e mesmo pessoalmente.

No intuito de ajustar a anuidade da ABM à constante desvalorização monetária, a Diretoria propôs e o Conselho Deliberativo aprovou a fixação da anuidade de 1980 em CR\$1.200,00.

Constatando-se vacância em cargos da Diretoria, foi convocada a Assembléia Geral Extraordinária para preenchimento dos cargos, conforme Edital de convocação publicado no jornal "O GLOBO". Realizada em 16 de maio pp., no auditório do Serviço de Documentação Geral da Marinha, foram nela eleitos, por unanimidade, os seguintes sócios:

- Vice-Presidente - Maria de Lourdes Lemos Gonçalves
- Tesoureiro - Almirante Muniz Telles
- Assessor de Comunicação Social - Fernando Menezes de Moura

Apesar de fatores que obstaculizam a expansão de atividades da ABM, tais como, recursos financeiros parcíssimos, inexistência de sede, etc., pretendemos desencadear ações culturais em programação cujo ritmo de crescimento se ajuste às reais possibilidades e vise à diversificação de modo a permitir que sejam atendidas as necessidades próprias aos Museólogos dos vários Estados do Brasil, objetivando maior integração através de adequado processo informativo-cultural.

Visando maior interrelacionamento dos sócios e o aprimoramento do Profissional de Museu em âmbito nacional e internacional, a ABM tem realizado "Reuniões Culturais", onde se debatem temas de interesse da classe e sócios relatam suas experiências recentes em Bolsas de Estudo, estágios, viagens culturais, pesquisas em andamento ou concluídas, etc. Sucessivamente ouvimos: Clara Sodré, sobre Bolsa de Estudo em Espanha, onde estagiou nos seus arquivos; Marcília C. Vianna, sobre seu estágio no Instituto Abegg, na Suíça, de restauração de tecidos; Maria Helena Bianchini, sobre Museus visitados na Europa, Estados Unidos e México; Arnaldo Machado, sobre "Artistas presentes nos murais da Igreja da Candelária".

Após entendimentos com a Direção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e rigorosa seleção, feita por comissão para isso especialmente criada, foi indicada para usufruir Bolsa de Estudo nos Estados Unidos da América a Museóloga Violeta Cheniaux. Já de volta ao Rio de Janeiro, havendo estagiado no Museu de Arte Moderna de New York e outras casas de cultura, Violeta relatará suas experiências na próxima "Reunião Cultural" da ABM.

À Direção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, foi também solicitado que os sócios da ABM fiquem isentos de pagar para entrar na sede do MAM.

Depois de muito trabalho, foi conseguida a isenção do Impo

- 3 -

to de Renda para a ABM, conforme Ato Declaratório nº 136, publicado no Diário Oficial de 13 de maio pp., o que contribuirá para acrescentar os poucos recursos desta Associação.

Sendo a Regulamentação da Profissão de Museólogo, por tantos anos postergada, de vital importância para o contexto museológico, a ABM tem realizado gestões e contatos ininterruptos, telefônicos e pessoais, junto às autoridades ligadas ao andamento do Processo de Regulamentação, havendo a Presidente passado dias em Brasília, sem ônus para a ABM, visando a agilizar a solução de tão angustiante problema para os Museólogos.

O Deputado Federal Celso Peçanha (PDS-RJ) proferiu discurso na Câmara dos Deputados, em Brasília, a 16 de maio pp., enfatizando a necessidade da Regulamentação da Profissão de Museólogo e abertura de maior número de Cursos de Museologia nas Universidades dos vários Estados do Brasil.

Para comemorar o "Dia Internacional de Museus", a ABM promoveu, no dia 18 de maio pp., em conjunto com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Escola Naval, lançamento de três selos com objetos museológicos no Museu da Escola Naval, realizando-se a seguir concerto com o Coral Comunica-Som, da ECT, e Banda dos Fuzileiros Navais da EN. A ECT encarregou-se de enviar convites pessoais para todos os sócios da ABM.

Tendo em vista que, com a Reforma Administrativa feita no Serviço Público Federal, os Museólogos foram enquadrados como Técnicos em Assuntos Culturais, ficando quatro referências abaixo dos Técnicos em Assuntos Educacionais, foi feito novo recurso pedindo a equiparação dos vencimentos dos TAC aos TAE. Para reforçar o apelo fizemos gestões pessoais junto ao Sr. Diretor-Geral do DASP, Dr. José Carlos Freire, que se mostrou muito receptivo prometendo que até o fim deste ano se dará a equiparação pedida.

Um Grupo de Museólogos escolheu o novo logotipo da ABM, que está em fase de impressão.

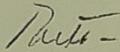
Objetivando regularizar a documentação referente aos sócios e distribuir carteiras comprobatórias de Membro desta Associação, pedimos a todos que enviem, com a maior brevidade, seu "curriculum vitae" e dois retratos 3X4 cms. Apelamos aos sócios ainda em débito com a ABM que tenham a gentileza de atender à solicitação, em anexo, do atual Tesoureiro, Almério Muniz Telles, até o próximo dia

-4-

12 de setembro. Aos sócios que pagaram suas anuidades até 1979, pedimos que paguem a anuidade de 1980, no valor de CR\$1.200,00, até o próximo dia 30 de setembro, enviando cheque em nome da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSEOLOGISTAS, Caixa Postal 12.203, CEP 22.150, Rio de Janeiro, em correspondência registrada.

Agradecendo aos inúmeros colegas que têm dado a sua colaboração a esta Associação, especialmente Neusa Fernandes e Fausto dos Santos, esperamos ter o prazer de contar com a sua presença na próxima Assembléia Geral Ordinária.

Aproveitamos para enviar, em nome da Diretoria, as nossas mais cordiais saudações.


Therezinha M.L. de Moraes Sarmento

Presidente

ANEXO 8

Ficha de preenchimento para pesquisa do V Congresso de Museus, Petrópolis, julho de 1970.
(Acervo NUMMUS – Coleção Regina Liberalli Laemmert) 4f.

.5.

III - PESSOAL

PERSONAL - a) Deve-se entender como "Pessoal" todo aquele que /
comumente atende aos serviços do museu, mesmo que o faça a títulos
gratuito; b) Ocorrendo outras especialidades além das indicadas no
quadro abaixo, faça-se o devido registro nas linhas em branco no /
respectivo quesito; c) Quando um técnico exercer mais de uma fun-
ção especializada, deverá fazer-se referência ao fato em "Observa-
ções". d) Registre-se, em "Observações", as deficiências (qualita-
tiva e quantitativa) de pessoal para os serviços atuais e justifi-
que o aumento necessário para atendimento de expansão cultural.

ESPECIFICAÇÃO (1)	TOTAL (2)	DO SEXO FEMININO (3)	SEGUNDO O REGIME DE TRABALHO	
			Integral	Parcial
1. <u>Direção</u>				
Diretor ou Presiden- te.....				
Diretor Executivo				
2. <u>Administração</u>				
Assessor.....				
Contador.....				
Datilógrafo.....				
Escriturário.....				
Oficial Administra- tivo.....				
Secretário.....				
3. <u>Científicas</u>				
Antropólogo.....				
Botânico.....				
Conservador.....				
Zólogo.....				
.....				
4. <u>Técnicas</u>				
Bibliotecário.....				
Documentarista ou Arquivologista...				
Preparador.....				
Restaurador.....				
Revisor.....				
Taxidermista.....				
.....				
5. <u>Educativo</u>				
Auxiliar.....				
Chefe.....				
Guia.....				
Professor.....				
.....				
.....				

.6.

ESPECIFICAÇÃO (1)	TOTAL (2)	DO SEXO FEMENINO (3)	SEGUNDO O REGIME DE TRABALHO.	
			Integral (4)	Parcial (5)
6. <u>Vigilância e</u> <u>Limpeza.</u> Chefe de Portaria..... Guarda da Galeria..... Servidor..... Vigia..... Relador.....				

Observações:

IV - HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

INSTRUÇÕES: a) Se o museu funcionar ininterruptamente de manhã à noite, deverá a hora inicial ser registrada na coluna 2 e a terminal na coluna 5; b) No caso de funcionar em determinados dias da semana que não sejam os indicados nos quesitos 1, 2, e 3, como por exemplo, aos sábados, etc., os horários serão registrados no quesito 4, com nota esclarecedora em "Observações".

ESPECIFICAÇÃO (1)	HORÁRIO			
	Diurno		Noturno	
	Início (2)	Fim (3)	Início (4)	Fim (5)
1. Nos dias úteis				
2. Feriados e santificados.....				
3. Nos domingos				
4. Dias indeterminados				
.....				
.....				

.7.

Observações: _____

V - ACERVO DE PEÇAS

INSTRUÇÕES: a) Ocorrendo outras espécies de peças que não se enquadram na relação abaixo, faça-se menção nas linhas em branco; b) Registre-se nos espaços correspondentes, nas colunas 2 e 3, o número de peças existentes no museu, discriminadas segundo as especificações pedidas. Não sendo possível determinar com exatidão o número de peças, faça-se uma estimativa do mesmo a fim de permitir o conhecimento aproximado do número de peças das coleções; c) Registre-se em "Observações", pormenorizadamente: d.1) data da arrumação das exposições permanentes; d.2) critério da arrumação das peças nas exposições e no depósito; d.3) conservação e preservação das coleções em depósito; d.4) facilidade de acesso dos pesquisadores às coleções em depósito; d.5) informar se a arrumação das exposições permanentes têm acompanhado o movimento museológico atual e se as peças de valor foi dado destaque.

COLEÇÕES (1)	NÚMERO DE PEÇAS DAS COLEÇÕES	
	Em exposição (2)	Em depósito (3)
1. De pintura _____		
2. De escultura _____		
3. De desenho e artes gráficas _____		
4. De antropologia _____		
5. De arqueologia _____		
6. De botânica _____		
7. De etnologia _____		
8. De geologia _____		
9. De zoologia _____		
10. De al"ain _____		

ANEXO 9

Diários Oficiais da União com divulgação dos Concursos para Conservadores de Museus
(Fonte JUSBRASIL)

▪ Primeiro Concurso DASP, 1939-1940 – Edital. 3f.

Quarta-feira 21		DIÁRIO OFICIAL (Seção I)	Fevereiro de 1940 3039
Alfândega do Rio de Janeiro			
RECEITA ARRECADADA		Importâncias	
Dadas			
Receita do dia:			
19 de fevereiro de 1940.....		4.271:42057	
19 de fevereiro de 1939.....		—	
Receita mensal:			
De 1 a 19 de fevereiro de 1940.....		20.299:00486	
De 1 a 19 de fevereiro de 1939.....		20.990:85482	
Diferença da receita arrecadada para menos em 1940		691:84986	
Receita global:			
De 2 de janeiro a 19 de fevereiro de 1940.....		73.661:30785	
De 2 de janeiro a 19 de fevereiro de 1939.....		57.302:08889	
Diferença da receita arrecadada para mais em 1940		16.359:21886	
Recebedoria Federal em São Paulo			
BOLETIM N. 12			
COMPARAÇÃO DA ARRECADAÇÃO GERAL			
Arrecadada de 1 a 15 de fevereiro de 1940.....		13.155:25982	
Em 16 de fevereiro de 1940.....		1.204:79082	
Total.....		16.360:04984	
Em igual período de 1939.....		15.903:44584	
Diferença para mais em 1940.....		456:60480	
Arrecadada de 1 de janeiro a 16 de fevereiro de 1940		51.183:09884	
Em igual período de 1939.....		42.891:37087	
Diferença para mais em 1940.....		8.288:52187	
COMPARAÇÃO DA RENDA EXCLUSIVE DEPÓSITOS			
Arrecadada de 1 a 15 de fevereiro de 1940.....		14.999:11282	
Em 16 de fevereiro de 1940.....		1.165:34684	
Total.....		16.164:75886	
Em igual período de 1939.....		15.669:66384	
Diferença para mais em 1940.....		495:09582	
Recebedoria Federal em São Paulo			
BOLETIM N. 13			
COMPARAÇÃO DA ARRECADAÇÃO GERAL			
Arrecadada de 1 a 16 de fevereiro de 1940.....		16.360:04984	
Em 17 de fevereiro de 1940.....		473:25289	
Total.....		16.833:30283	
Em igual período de 1939.....		17.551:57884	
Diferença para menos em 1940.....		718:27681	
Arrecadada de 1 de janeiro a 17 de fevereiro de 1940		51.656:35189	
Em igual período de 1939.....		44.342:70987	
Diferença para mais em 1940.....		7.113:64183	
COMPARAÇÃO DA RENDA EXCLUSIVE DEPÓSITOS			
Arrecadada de 1 a 16 de fevereiro de 1940.....		16.164:75886	
Em 17 de fevereiro de 1940.....		496:99985	
Total.....		16.631:75881	
Em igual período de 1939.....		17.309:58189	
Diferença para menos em 1940.....		677:82388	

EDITAIS E AVISOS

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

Instuções especiais a que se refere a portaria n. 430, de 16 de fevereiro de 1940 e que regulam o concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de conservador do Ministério de Educação e Saúde.

CAPÍTULO I

DAS CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO

Art. 1.º Para inscrição no concurso de provas e títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de conservador do Ministério de Educação e Saúde, o candidato deverá apresentar as condições de ordem geral, discriminadas na portaria n. 117, de 25 de fevereiro de 1939 e nas instruções aprovadas pela portaria n. 240, de 16 de setembro de 1939, e também a de que não conta idade inferior a 18 anos nem superior a 38, apurados até a data do encerramento das inscrições.

Parágrafo único — No ato de inscrição, com os demais documentos, o candidato juntará, numerados e rubricados, aqueles que constituam os títulos referidos no art. 10.

CAPÍTULO II

DAS PROVAS

Art. 2.º As provas do concurso serão de "seleção", com caráter eliminatório, e de "habilitação", obrigatórias para todos os candidatos.

Art. 3.º As provas de seleção serão as seguintes:

a) prova de sanidade para verificação de que o candidato não apresenta doenças transmissíveis, assim como alterações orgânicas ou funcionais dos diversos aparelhos e sistemas, que contra-indiquem o eficiente exercício do cargo; e de capacidade física para verificação de que o candidato não apresenta contra-indicação para o exercício do cargo, por anomalia morfológica ou funcional;

b) apresentação de uma monografia que contenha estudo inédito, original do candidato, sobre assunto de sua livre escolha, desde que compreendido nas categorias ou seções discriminadas no programa anexo;

c) prova de defesa oral da monografia apresentada;

d) prova prática de técnica de museus.

Art. 4.º Os candidatos habilitados nas provas de seleção serão submetidos às provas de habilitação, a saber:

a) prova escrita de um idioma estrangeiro, escolhido dentre os seguintes: alemão, francês, inglês e italiano;

b) prova escrita de História do Brasil, ou de História de Arte, constante de dissertação sobre ponto sorteado no momento, dentre os do programa.

Parágrafo único. No ato da inscrição, o candidato escolherá uma das provas mencionadas nas letras "a" e "b" deste artigo.

Art. 5.º A monografia, a que se refere a letra "b" do artigo 3º deverá ser apresentada dentro de vinte dias corridos, depois do encerramento das inscrições.

§ 1.º A monografia deverá conter, obrigatoriamente, as seguintes partes: a) plano e sua justificação; b) desenvolvimento; c) conclusões, apresentadas em dez itens no máximo, e com referência, em cada item, à parte do trabalho em que a conclusão tem fundamento; d) índice.

§ 2.º A bibliografia, se houver, será apresentada com indicação do nome do autor, título da publicação, data e local da edição.

§ 3.º A monografia deverá ser apresentada em cinco exemplares impressos, dactilografados ou mimeografados, ocupando de 30 a 60 páginas de formato almasso, espaço dois, e com margens não inferior a dois e meio centímetros, exclusive bibliografia, ou espécimens de material de pesquisa que tenha servido de base à composição do trabalho, os quais poderão ser juntados em anexos.

Art. 6.º A defesa oral da monografia constará de resposta à arguição apresentada por dois dos membros da banca examinadora, no prazo de até dez minutos cada um, tendo o candidato dez minutos para responder a cada um dos examinadores.

§ 1.º A arguição será apresentada em objeções claras, em número máximo de cinco, versando sobre o plano, desenvolvimento, o valor prático, a documentação e a precisão de linguagem, expostas oralmente pelos examinadores arguentes e entregues a cada examinando, em súmulas escritas;

§ 2.º Cada examinando responderá a seguir, objeção por objeção, não sendo consideradas, para julgamento positivo, quaisquer discussões fora das questões propostas.

Art. 7.º A prova prática de técnica geral de museus, que se realizará em local que facilite a sua execução, constará das seguintes partes:

a) descrição, inventário, classificação, catalogação, conservação de "objetos de arte" ou de "peças históricas" (conforme escolha do candidato no ato da inscrição);

b) relatório minucioso relativo às peças ou objeto examinados.

Parágrafo único. As peças históricas e os objetos de arte serão previamente escolhidos pela Banca Examinadora e sorteados, para cada candidato, no momento da prova.

Art. 8.º A prova de idioma estrangeiro constará de:

a) tradução, sem auxílio de dicionário, de um trecho de duzentas a trezentas palavras extraído de um dos livros que a Banca Examinadora indicará na primeira reunião;

b) versão, sem auxílio de dicionário, de um trecho de cem a cento e cinquenta palavras extraído de um dos livros igualmente indicados pela Banca.

§ 1.º Proceder-se-á ao sorteio do livro, e, em segunda, ao da página.

§ 2.º Os livros a que se refere este artigo serão submetidos à aprovação do diretor da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento.

Art. 9.º A prova escrita terá a duração máxima de três horas, e, durante a sua realização, será terminantemente vedada qualquer informação aos candidatos, por parte da Banca Examinadora, salvo quando de caráter geral, caso em que deverá ser feita em voz alta.

Parágrafo único. Para essas provas, os candidatos não poderão lançar mão de auxílio estranho ou recurso a notas ou livros.

CAPÍTULO III

DOS TÍTULOS

Art. 10. Os títulos serão exclusivamente os que provarem atividades e estudos relacionados com a carreira de Conservador.

§ 1.º O diploma de conclusão do Curso de Museus será considerado título fundamental.

§ 2.º Não será considerado título, atestado passado por chefe de serviço.

CAPÍTULO IV

DO JULGAMENTO DAS PROVAS E DE TÍTULOS E DA HABILITAÇÃO DOS CANDIDATOS

Art. 11. O julgamento de cada prova de seleção será feito em escala centesimal, apurando-se como resultado final, a média aritmética das notas atribuídas pelos examinadores, inclusive o presidente da Banca Examinadora.

§ 1.º Se, entre as notas atribuídas pelos examinadores à mesma prova, houver uma diferença superior a vinte (20) pontos, comparadas as notas, duas a duas, o presidente da Banca Examinadora convocará uma sessão especial para discussão do trabalho, devendo cada examinador justificar, por escrito, a nota atribuída, para que conste de ata.

§ 2.º O disposto neste artigo não se aplica às provas de sanidade e de capacidade física.

§ 3.º O julgamento da monografia como prova de seleção incluirá, obrigatoriamente, tanto a clareza da exposição quanto a contribuição pessoal do candidato na especialidade escolhida desde que perfeitamente documentada, devendo cada examinador atribuir a nota em relação ao seguinte:

Quanto à forma:

1. Plano ou estrutura geral, até 40 pontos
2. Clareza da exposição, até 40 pontos
3. Precisão técnica e correção da linguagem até 40 pontos

Quanto ao fundo:

1. Contribuição pessoal ao assunto tratado, até 20 pontos
2. Fundamentação do trabalho, até 20 pontos
3. Valor prático das conclusões, até 20 pontos
4. Documentação, até 40 pontos

Parágrafo único. Os trabalhos que contêm erros graves de técnica não poderão ser julgados como suficientes pela Banca Examinadora.

Art. 12. Para efeito de julgamento da defesa oral, observar-se-á o seguinte: terminadas cada arguição e defesa oral referidas no artigo 3.º, letra "c", que serão públicas, a Banca Examinadora se reunirá para julgamento imediato da prova, atribuindo cada examinador argente uma nota, e lavrando-se ata deste julgamento.

Art. 13. Para efeito de julgamento da prova de técnica de museus, observar-se-á o seguinte:

Execução da prova, até 30 pontos

Relatório, até 70 pontos

Art. 14. Para efeito de correção o julgamento da prova de idioma estrangeiro, observar-se-á:

Tradução 60 pontos

Versão 40 pontos

Art. 15. Para efeito de correção e julgamento da prova escrita de História do Brasil ou de História da Arte, reunir-se-á a Banca Examinadora para fixar o critério de correção das provas, com relação ao assunto, discriminando-o em suas partes essenciais e obrigatórias para que o julgamento se torne tão objetivo quanto possível.

Parágrafo único. No julgamento da prova escrita mencionada no artigo anterior, o presidente também atribuirá nota.

Art. 16. O julgamento dos títulos, que constará de ata, será feito mediante estudo comparativo e acurado, devendo-se atribuir-lhes uma nota em escala centesimal.

Parágrafo único. Nesse julgamento o diploma de conclusão de Curso de Museus valerá oitenta (80) pontos e os demais títulos até vinte (20) pontos.

Art. 17. Serão habilitados nas provas de seleção os candidatos que obtenham nota igual ou superior a 60 (sessenta) pontos, na monografia, na defesa oral e na prática de técnica de museus.

Art. 18. Para efeito de classificação do candidato, o grau final será a média ponderada das notas obtidas, observados os seguintes pesos:

Provas:

a) Seleção:

Monografia 2

Defesa oral 3

Técnica de Museus 3

b) habilitação:

História do Brasil ou História da Arte 3

Idioma estrangeiro 2

Títulos 2

Art. 19. Só serão considerados habilitados para classificação final os candidatos que obtiverem, na forma do artigo anterior, grau igual ou superior a sessenta pontos.

§ 1.º A classificação dos candidatos habilitados será feita de acordo com o que prescreve o Decreto-lei n. 1.963, de 13/1/40.

§ 2.º Em caso de empate na classificação, entre os candidatos não beneficiados pelo Decreto-lei n. 1.963, observar-se-á a seguinte ordem de preferência para o desempate:

a) melhor resultado na prova de defesa oral;

b) melhor resultado na prova prática;

c) melhor resultado nos títulos;

d) melhor resultado na prova de História do Brasil ou História da Arte;

e) melhor resultado na monografia;

f) melhor resultado na prova de idioma estrangeiro;

CAPÍTULO V (Disposições gerais)

Art. 20. Do julgamento de cada prova caberá, até 48 horas depois do divulgar o resultado, recurso para a Divisão de Seleção que encaminhará à Banca Examinadora, devendo esta apresentar parecer por escrito.

Art. 21. O concurso será válido por dois anos, a partir da data de sua publicação pelo Departamento Administrativo do Serviço Público.

Art. 22. Os casos omissos serão resolvidos pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento.

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, em 16 de fevereiro de 1940. — *Murilo Braga*, diretor de Divisão.

CONCURSO PARA PROVIMENTO EM CARGOS DE CARREIRA DE CONSERVADOR

DE MUSEUS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Programas

Assuntos para a monografia

1. Períodos da História monetária brasileira. O numerário português, aplicado à colônia do Brasil. A moeda espanhola do Prata no Brasil, a partir de 1583.

2. Moedas do 2.º reinado. Primeiro e segundo sistemas monetários, a carimbagem do cobre pelas províncias, pelas revoluções e pelos particulares. Terceiro sistema monetário.

3. Armaria. Sobre tudo relativa ao Brasil.

4. Heráldica. Sua origem, história, finalidade, Vantagens do seu conhecimento. Heráldica portuguesa. Heráldica brasileira.

5. Pinturas e gravuras. Suas variedades. Como reconhecê-las. Como classificá-las.

6. Manifestações artísticas no Brasil, desde o período colonial até nossos dias.

7. Missão artística francesa (1816) e sua influência nas artes.

8. Principais escolas de pintura e seu ambiente social na história.

9. Restauração e conservação das obras de arte.

10. Papel dos museus na vida moderna.

PROVA ESCRITA

(Artigo 4.º, letra "b" das Instruções)

a) História do Brasil:

1. O ciclo do açúcar e a escravidão de índios e negros.

2. A ação dos jesuítas na colonização do Brasil.

3. As invasões estrangeiras: inglesas, francesas e holandesas.

4. A restauração de Portugal no Brasil.

5. O ciclo do ouro. As bandeiras.

6. A projeção exterior do Império. Guerra do Prata.

7. O movimento da Independência — 1808-1822.

8. A guerra da Independência — 1823-1821.

9. A organização do Brasil no 2.º Reinado. O parlamentarismo.

10. A abolição e a República.

b) História da Arte:

1. A expressão das esculturas grega e romana.
2. As escolas francesas de pintura e sua influência na pintura brasileira.
3. As escolas brasileiras de pintura.
4. A arquitetura barroca jesuítica e sua repercussão no Brasil.
5. A influência da renascença francesa na arquitetura e escultura do Aleijadinho.
6. Mestre Valentim e sua obra.
7. A arte religiosa brasileira e o valor da toréutica.
8. A evolução da pintura cristã do século VIII ao XII.
9. Confronto entre a pintura de Vitor Meireles e Pedro Américo.
10. A evolução da gravura no Brasil.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

Edital de abertura de inscrição no concurso de provas para provimento em cargos da classe inicial da "carreira de diplomata", do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores ()*

Faço público achar-se aberta, na sede do Departamento Administrativo do Serviço Público, no andar térreo do Palácio do Trabalho, a inscrição ao concurso de provas para provimento em cargos da classe inicial da carreira de diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores.

A inscrição ficará aberta durante o prazo de 90 (noventa) dias seguidos a contar do dia 7 de dezembro corrente e será encerrada às dezessete horas do dia 5 de março de 1940.

As condições de realização do concurso são as que constam das Instruções Gerais e das Instruções Especiais baixadas pelo Senhor Presidente deste Departamento nas portarias ns. 117, de 25 de fevereiro de 1939, e 283, de 30 de novembro de 1939.

A inscrição ao concurso deverá ser feita mediante preenchimento de formula impressa, fornecida na sede do DASP, no andar térreo do Palácio do Trabalho, e assinada pelo candidato, ou por seu bastante procurador, legalmente constituído com poderes expressos para tal fim.

O requerimento de inscrição deverá ser instruído com os seguintes documentos:

a) prova de nacionalidade brasileira, constante de certidão de registro civil de nascimento ou de casamento, pela qual também se verifique não ter o candidato idade inferior a 18 ou superior a 30 anos apurados até a data do encerramento das inscrições no concurso;

b) prova de identidade, pela apresentação da carteira oficial de identidade, de carteira de reservista, do título eleitoral ou de carteira profissional;

c) atestado de vacinação ou revacinação antivariolosa, feita, no máximo, até dois anos antes passado por autoridade sanitária;

d) atestado de boa conduta subscrito por duas pessoas de reconhecida idoneidade moral.

Só poderão inscrever-se pessoas do sexo masculino e que sejam brasileiros natos.

Sendo casado o candidato deverá apresentar prova de que o cônjuge é brasileira nata.

Os documentos apresentados para inscrição serão devolvidos, mediante recibo, depois de anotados, na ficha própria, sua natureza, data e origem.

Sómente aos extranumerários mensalistas ou diaristas, que contarem pelo menos, três anos de efetivo exercício, aos funcionários públicos federais e aos militares de mar e terra, inclusive os da Polícia Militar e os do Corpo de Bombeiros desta Capital, será permitida a inscrição, quando haja sido ultrapassado o limite de idade fixado para este concurso.

Ficarão dispensados da apresentação do documento referido na letra "d", do item 5, deste edital os candidatos nas condições referidas no item 7.

Não será aceita, em qualquer hipótese, inscrição condicional.

O candidato ou seu procurador entregará o requerimento de inscrição, contra recibo, deixando nessa ocasião, sua assinatura no livro competente.

Serão entregues juntamente com o requerimento de inscrição, os documentos exigidos, as estampilhas e selos necessários, (10\$2), constantes de 10\$0 em estampilhas federais de selo adesivo e \$2, correspondente ao selo de Educação e Saúde e seis cópias de fotografia do candidato, de 3x4 cm., tiradas de frente e sem chapéu.

Nos termos do parágrafo 3º do artigo 17, do Decreto-lei número 1.713, de 28 de outubro do corrente ano, serão inscrites "ex-officio", todos que ocuparem interinamente cargo vago da carreira a que se refere este edital, de conformidade com o estabelecido nos parágrafos 4º e 5º do dispositivo legal acima mencionado serão exonerados os que não satisfizerem as condições neles contidas.

(*) Esta é a terceira e última publicação.

O concurso constará de provas de seleção, eliminatórias e de provas de habilitação, umas e outras obrigatórias, e de prova de habilitação complementar, facultativa.

A) provas de seleção serão as seguintes:

- a) investigação social, realizada por comissão especial designada pelo Presidente do Departamento e orientada por instruções especiais e secretas;

- b) prova de sanidade, pela qual se verifique que o candidato não apresenta doenças transmissíveis, assim como alterações orgânicas funcionais dos diversos aparelhos e sistemas que contra-indiquem o eficiente exercício do cargo;

- c) prova de capacidade física pela qual se verifique que o candidato não apresenta contra-indicação para o exercício do cargo, por anomalia morfológica ou funcional;

- d) provas escritas de francês e inglês, pelas quais o candidato revele conhecimento prático e teórico dos idiomas;

- e) prova escrita de português pela qual o candidato revele conhecimento relativo a 5ª série do curso secundário;

- f) prova escrita de Direito Internacional Privado;

- g) prova escrita de Direito Internacional Público;

- h) provas orais de francês e inglês.

Os candidatos habilitados nas provas de seleção serão submetidos às seguintes provas de habilitação:

- a) prova escrita de Direito Constitucional Brasileiro e de Direito Administrativo;

- b) prova escrita de Direito Comercial e de Direito Civil;

- c) prova escrita de Geografia Geral e de Corografia do Brasil;

- d) prova escrita de História da Civilização e de História do Brasil;

- e) prova escrita de matemática e noções de estatística.

A prova de habilitação complementar constará da apresentação de títulos que se relacionem com a carreira. Os títulos deverão ser entregues no ato da inscrição.

Os candidatos aprovados no concurso receberão certificado expedido por este Departamento que os habilitará a nomeação em cargos da classe inicial da carreira a que se refere o presente edital.

As instruções relativas ao presente concurso serão fornecidas no local das inscrições.

E, para conhecimento dos interessados é lavrado o presente edital, que será publicado três vezes no *Diário Oficial*.

D. S. do D. A. S. P., em 4 de dezembro de 1939. — *Murilo Braga*, diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÃO AO CONCURSO DE PROVAS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE GUARDA CIVIL, DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Faço público achar-se aberta, na sede do Departamento Administrativo do Serviço Público, no andar térreo do Palácio do Trabalho, a inscrição ao concurso de provas para provimento em cargos da classe inicial da carreira de guarda civil, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

2. A inscrição ficará aberta durante o prazo de 60 (sessenta) dias seguidos, a contar do dia 25 de janeiro do corrente ano e será encerrada às 17 horas do dia 25 de março.

3. As condições de realização do concurso são as que constam das Instruções Gerais e das Instruções Especiais, baixadas pelo Sr. Presidente deste Departamento nas portarias números 117, de 25 de fevereiro de 1939, e 399, de 19 de janeiro do corrente ano.

4. A inscrição para o concurso deverá ser feita mediante preenchimento de formula impressa, fornecida na sede do D. A. S. P., no andar térreo do Palácio do Trabalho, e assinada pelo candidato ou por seu bastante procurador, legalmente constituído, com poderes expressos para tal fim.

5. Só poderão ser inscritos candidatos do sexo masculino.

6. O requerimento de inscrição deverá ser instruído com os seguintes documentos:

a) prova de nacionalidade brasileira, constante de certidão de registro civil de nascimento ou de casamento, título de naturalização ou título declaratório de nacionalidade, pela qual também se verifique não ter o candidato idade inferior a 21 anos ou superior a 30 anos, apurados até a data do encerramento das inscrições no concurso;

b) prova de identidade, pela apresentação da carteira oficial de identidade, de carteira de reservista, do título eleitoral ou da carteira profissional;

c) atestado de vacinação ou revacinação antivariolosa, feita, no máximo, até dois anos antes, passado por autoridade sanitária;

d) atestado de boa conduta, subscrito por duas pessoas de reconhecida idoneidade moral.

7. Os documentos apresentados para inscrição serão devolvidos, mediante recibo, depois de anotados, na ficha própria, sua natureza, data e origem.

8. Sómente aos extranumerários mensalistas ou diaristas, que contarem, pelo menos, três anos de efetivo exercício, aos funcionários públicos federais e aos militares de mar e terra, inclusive os

▪ Primeiro Concurso DASP, 1939-1940 – Aprovação das inscrições

26666 Quinta-feira 16	DIÁRIO OFICIAL (Seção I)	Novembro de 1939																																																														
DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO																																																																
Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento																																																																
<p>CONCURSO DE PROVAS E DE TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CARREIRA DE CONSERVADOR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE (LEI N. 284, DE 28 DE OUTUBRO DE 1936, E LEI N. 378, DE 13 DE JANEIRO DE 1937).</p> <p>Faço público, para conhecimento dos interessados, que o senhor presidente deste Departamento aprovou, em 11-11-39, as inscrições ao concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da carreira de conservador, do Ministério da Educação e Saúde, dos seguintes candidatos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Regina Monteiro Reai. 2. Regina Liberali. 3. Iolanda Marcondes Portugal 4. Luiz Marques Poliano. 5. Nair de Moraes Carvalho. 6. Elza Peixoto Ramos. 7. Otávio de Castro Correia 8. Adolfo Dumans. 9. Luiz de Mendonça. 10. Mário dos Santos Oliveira Júnior. 11. Lucília Ferreira. 12. Maria Helena Neves e Silva. 13. Maria Torres de Carvalho Barreto. 14. Lígia Martins Costa. <p>Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, em 14 de novembro de 1939. — Murilo Braga, diretor de Divisão.</p>																																																																
DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO																																																																
Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento																																																																
<p>CONCURSO DE PROVAS PARA O PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE ESTATÍSTICO-AUXILIAR DOS MINISTÉRIOS DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, AGRICULTURA, EDUCAÇÃO E SAÚDE, FAZENDA E JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES.</p> <p>Faço público, para conhecimento dos interessados, que, em virtude de o examinador Cristóvão Leite de Castro haver solicitado dispensa da Banca Examinadora para o concurso de provas para estatístico-auxiliar, por motivo de força maior, foi designado para substituí-lo o professor Fernando Segismundo Esteves.</p> <p>D. S. do D. A. S. P., em 14 de novembro de 1939. Murilo Braga, diretor de Divisão.</p>																																																																
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES																																																																
Escritório de Obras																																																																
<p>(TA DA SESSÃO REALIZADA PARA JULGAMENTO DA CONCORRÊNCIA PÚBLICA N. 17, PARA EXECUÇÃO DE PARTE DA ESTRUTURA EM CONCRETO ARMADO DOS PRESÍDIOS DO DISTRITO FEDERAL (OBRA N. 8)).</p> <p>Aos nove dias do mês de novembro de mil novecentos e trinta e nove, às 14 horas, reuniu-se neste Escritório de Obras do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, a comissão composta dos Srs. Dr. Luiz Hildebrando de B. Horta Barbosa, engenheiro chefe; Carlos Mário Favere, engenheiro e Luiz José Pereira das Neves, oficial administrativo da classe I, para, de acordo com o edital de concorrência publicado no <i>Diário Oficial</i> n. 244 de 19 de outubro de 1939 a páginas 24.990 e seguintes, aviso correspondente publicado no <i>Diário Oficial</i> n. 246 de 21 de outubro a págs. 25.150 e aviso de retificação ao edital, publicado no <i>Diário Oficial</i> n. 250 de 26 de outubro a páginas 25.540, receber os envólucros citados na cláusula 2ª do edital.</p> <p>Estando presentes as firmas: Campos e Fernandes Ltda., B. Dutra & Comp. Ltda. (*), Soares de Matos, Companhia Construtora Nacional S. A., Oliveira Lima & Comp. Ltda., Companhia Construções Ottilino S. A., Companhia Construtora Pedernheiras, Leão Ribeiro & Comp. Ltda., Brandão Magalhães & Comp. Ltda., Companhia Brasileira de Estradas e Edificações Dourado S. A., Edgar Raja Gabaglia, Alberto Haas, Cavalcanti, Junqueira S. A., Carneiro de Rezende & Comp., Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda., Empresa Construtora Siemens Bauunion, seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Schuckert S. A., foi, pelo presidente da Comissão Julgadora, aberta a sessão, e recebidos os envólucros de que trata a cláusula 2ª do edital, os quais se achavam devidamente fechados e lacrados, com os dizeres prescritos na aludida cláusula.</p> <p>Procedeu-se imediatamente à abertura dos envólucros que continham os documentos de idoneidade, os quais foram lidos em voz alta</p>																																																																
<p>pelo presidente da Comissão, que, após a leitura dos mesmos, classificou como idôneas todas as firmas concorrentes, exceto Dourado S. A. e Carneiro de Rezende & Comp. que foram desclassificadas por não terem apresentado o documento do imposto sobre a renda.</p> <p>Nos termos da cláusula 9ª do edital, o presidente da Comissão Julgadora, após o julgamento das idoneidades, passou a ler em voz alta as propostas das firmas idôneas, as quais apresentaram o seguinte resultado:</p> <table border="0"> <tr> <td>Alberto Haas</td> <td>2.448:06480</td> </tr> <tr> <td>Companhia Construtora Nacional S. A.</td> <td>2.448:87080</td> </tr> <tr> <td>B. Dutra & Comp. Ltda.</td> <td>2.651:28980</td> </tr> <tr> <td>Soares de Matos</td> <td>2.678:56480</td> </tr> <tr> <td>Oliveira Lima & Comp. Ltda.</td> <td>2.701:60080</td> </tr> <tr> <td>Brandão, Magalhães & Comp. Ltda.</td> <td>2.703:02480</td> </tr> <tr> <td>Companhia Construtora Pedernheiras S. A.</td> <td>2.750:81080</td> </tr> <tr> <td>Companhia de Construções Ottilino S. A.</td> <td>2.753:13080</td> </tr> <tr> <td>Empresa Siemens Bauunion — seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A.</td> <td>2.765:26084</td> </tr> <tr> <td>Companhia Brasileira de Estradas e Edificações</td> <td>2.797:88880</td> </tr> <tr> <td>Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda.</td> <td>2.883:10080</td> </tr> <tr> <td>Cavalcanti, Junqueira S. A.</td> <td>2.958:79580</td> </tr> <tr> <td>Leão, Ribeiro & Comp. Ltda.</td> <td>3.108:76088</td> </tr> <tr> <td>Campos e Fernandes Ltda.</td> <td>3.259:12980</td> </tr> <tr> <td>Edgar Raja Gabaglia</td> <td>3.385:59880</td> </tr> </table> <p>Estavam as propostas estampilhadas de acordo com a lei e foram rubricadas nas suas quatro vias pelo presidente da Comissão e pelos concorrentes.</p> <p>Escritório de Obras do Ministério da Justiça, 9 de novembro de 1939. — Luiz Hildebrando de B. Horta Barbosa. — Carlos Mário Favere. — Luiz José Pereira das Neves.</p> <p>Quadro comparativo dos preços oferecidos na Concorrência Pública n. 17, para execução de parte da estrutura em concreto armado dos presídios do Distrito Federal.</p> <table border="0"> <thead> <tr> <th>Concorrentes</th> <th>Preços</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Alberto Haas</td> <td>2.448:06480</td> </tr> <tr> <td>Companhia Construtora Nacional S. A.</td> <td>2.448:87080</td> </tr> <tr> <td>B. Dutra & Comp. Ltda.</td> <td>2.651:28980</td> </tr> <tr> <td>Soares de Matos</td> <td>2.678:56480</td> </tr> <tr> <td>Oliveira Lima & Comp. Ltda.</td> <td>2.701:60080</td> </tr> <tr> <td>Brandão, Magalhães & Comp. Ltda.</td> <td>2.703:02480</td> </tr> <tr> <td>Companhia Construtora Pedernheiras S. A.</td> <td>2.750:81080</td> </tr> <tr> <td>Companhia de Construções Ottilino S. A.</td> <td>2.753:13080</td> </tr> <tr> <td>Empresa Construtora Siemens Bauunion, Seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A.</td> <td>2.765:26084</td> </tr> <tr> <td>Companhia Brasileira de Estradas e Edificações</td> <td>2.797:88880</td> </tr> <tr> <td>Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda.</td> <td>2.883:10080</td> </tr> <tr> <td>Cavalcanti, Junqueira S. A.</td> <td>2.958:79580</td> </tr> <tr> <td>Leão, Ribeiro & Comp. Ltda.</td> <td>3.108:76088</td> </tr> <tr> <td>Campos & Fernandes Ltda.</td> <td>3.259:12980</td> </tr> <tr> <td>Edgar Raja Gabaglia</td> <td>3.385:59880</td> </tr> </tbody> </table> <p>Escritório de Obras do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, em 9 de novembro de 1939. — Luiz Hildebrando de B. Horta Barbosa, engenheiro-chefe.</p> <p>N. R. As propostas, a que se refere a presente ata, acham-se, à disposição dos interessados, no Escritório de Obras do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.</p>			Alberto Haas	2.448:06480	Companhia Construtora Nacional S. A.	2.448:87080	B. Dutra & Comp. Ltda.	2.651:28980	Soares de Matos	2.678:56480	Oliveira Lima & Comp. Ltda.	2.701:60080	Brandão, Magalhães & Comp. Ltda.	2.703:02480	Companhia Construtora Pedernheiras S. A.	2.750:81080	Companhia de Construções Ottilino S. A.	2.753:13080	Empresa Siemens Bauunion — seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A.	2.765:26084	Companhia Brasileira de Estradas e Edificações	2.797:88880	Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda.	2.883:10080	Cavalcanti, Junqueira S. A.	2.958:79580	Leão, Ribeiro & Comp. Ltda.	3.108:76088	Campos e Fernandes Ltda.	3.259:12980	Edgar Raja Gabaglia	3.385:59880	Concorrentes	Preços	Alberto Haas	2.448:06480	Companhia Construtora Nacional S. A.	2.448:87080	B. Dutra & Comp. Ltda.	2.651:28980	Soares de Matos	2.678:56480	Oliveira Lima & Comp. Ltda.	2.701:60080	Brandão, Magalhães & Comp. Ltda.	2.703:02480	Companhia Construtora Pedernheiras S. A.	2.750:81080	Companhia de Construções Ottilino S. A.	2.753:13080	Empresa Construtora Siemens Bauunion, Seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A.	2.765:26084	Companhia Brasileira de Estradas e Edificações	2.797:88880	Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda.	2.883:10080	Cavalcanti, Junqueira S. A.	2.958:79580	Leão, Ribeiro & Comp. Ltda.	3.108:76088	Campos & Fernandes Ltda.	3.259:12980	Edgar Raja Gabaglia	3.385:59880
Alberto Haas	2.448:06480																																																															
Companhia Construtora Nacional S. A.	2.448:87080																																																															
B. Dutra & Comp. Ltda.	2.651:28980																																																															
Soares de Matos	2.678:56480																																																															
Oliveira Lima & Comp. Ltda.	2.701:60080																																																															
Brandão, Magalhães & Comp. Ltda.	2.703:02480																																																															
Companhia Construtora Pedernheiras S. A.	2.750:81080																																																															
Companhia de Construções Ottilino S. A.	2.753:13080																																																															
Empresa Siemens Bauunion — seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A.	2.765:26084																																																															
Companhia Brasileira de Estradas e Edificações	2.797:88880																																																															
Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda.	2.883:10080																																																															
Cavalcanti, Junqueira S. A.	2.958:79580																																																															
Leão, Ribeiro & Comp. Ltda.	3.108:76088																																																															
Campos e Fernandes Ltda.	3.259:12980																																																															
Edgar Raja Gabaglia	3.385:59880																																																															
Concorrentes	Preços																																																															
Alberto Haas	2.448:06480																																																															
Companhia Construtora Nacional S. A.	2.448:87080																																																															
B. Dutra & Comp. Ltda.	2.651:28980																																																															
Soares de Matos	2.678:56480																																																															
Oliveira Lima & Comp. Ltda.	2.701:60080																																																															
Brandão, Magalhães & Comp. Ltda.	2.703:02480																																																															
Companhia Construtora Pedernheiras S. A.	2.750:81080																																																															
Companhia de Construções Ottilino S. A.	2.753:13080																																																															
Empresa Construtora Siemens Bauunion, Seção da Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens — Schuckert S. A.	2.765:26084																																																															
Companhia Brasileira de Estradas e Edificações	2.797:88880																																																															
Cesar de Melo Cunha & Comp. Ltda.	2.883:10080																																																															
Cavalcanti, Junqueira S. A.	2.958:79580																																																															
Leão, Ribeiro & Comp. Ltda.	3.108:76088																																																															
Campos & Fernandes Ltda.	3.259:12980																																																															
Edgar Raja Gabaglia	3.385:59880																																																															
Escritório de Obras																																																																
<p>CONCORRÊNCIA ADMINISTRATIVA N. 16, PARA INSTALAÇÕES ELÉTRICAS EM TRÊS SALAS DA SECRETARIA DE ESTADO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, DESTINADAS AO SERVIÇO DO PESSOAL.</p> <p>De conformidade com a autorização do Sr. ministro da Justiça constante do processo n. 3.918, de 1 de junho de 1939, são convidados os interessados nos trabalhos abaixo descritos, a, de acordo com o Código de Contabilidade da União, inscreverem-se até o dia 18 de novembro de 1939, para a concorrência de preços que será efetuada às 14 horas, do dia 20 de novembro de 1939, neste Escritório de Obras, obedecendo às condições e especificações que se seguem:</p> <p>1ª condição — Os interessados nos trabalhos deverão provar a existência legal da firma, bem como de que a mesma se acha quite com as Fazendas Municipal e Federal; será também exigida a certidão da lei dos 2/3 (decreto n. 20.291, de 12 de agosto de 1931).</p> <p>2ª condição — O preço será escrito em algarismos e por extenso em propostas constantes de três vias, sendo a primeira estampilhada de acordo com a lei, contidas em envelopes fechados com o nome da firma.</p>																																																																

▪ Primeiro Concurso DASP, 1939-1940 – Aprovações no exame de sanidade e capacidade física

Sábado 9		DIÁRIO OFICIAL (Secção I)		Dezembro de 1939 28277	
Em igual período de 1938.....	12.617:362\$7	12.533:942\$5	EDITAIS E AVISOS DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento <i>Concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde.</i> Faça público, para conhecimento dos interessados que foram habilitados nas provas de sanidade e capacidade física referidas nas letras "a" e "b" do art. 3º das instruções especiais, os seguintes candidatos: 1. Regina Monteiro Real. 2. Regina Liberali. 3. Yolanda Mareondes Portugal. 4. Luiz Marques Poliano. 5. Nair de Moraes Carvalho. 6. Elza Peixoto Ramos. 7. Oelavie de Castro Corrêa. 8. Adolpho Dumans. 10. Antonio dos Santos Oliveira Junior. 11. Maria Helena Neves e Silva 12. Lucília Ferreira. 14. Lygia Martins Costa. Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, em 8 de dezembro de 1939. <i>Muriel Braga</i> , diretor de Divisão.		
Diferença para mais em 1939....	6.812:975\$0	626:578\$1			
Arrecadada de 2 de janeiro a 8 de dezembro de 1939.....	527.571:069\$4	507.704:188\$7			
Em igual período de 1938.....	464.971:823\$5	458.565:528\$1			
Diferença para mais em 1939....	62.599:245\$9	49.138:576\$3			
Alfândega do Rio de Janeiro					
RECEITA ARRECADADA					
Datas					
Recemta do dia:					
7 de dezembro de 1939.....		4.427:388\$7			
7 de dezembro de 1938.....		4.503:848\$7			
Recemta mensal:					
De 1 de dezembro a 7 de dezembro de 1939.....		12.683:708\$7			
De 1 de dezembro a 7 de dezembro de 1938.....		9.033:918\$8			
Diferença da recemta arrecadada a mais em 1939...		3.649:789\$9			
Recemta global:					
De 2 de janeiro a 7 de dezembro de 1939.....		457.063:644\$7			
De 2 de janeiro a 7 de dezembro de 1938.....		415.070:388\$0			
Diferença da recemta arrecadada a mais em 1939...		41.993:368\$1			
Alfândega de Santos					
RECEITA ARRECADADA					
Datas					
Recemta do dia:					
5 de dezembro de 1939.....		3.414:502\$2			
5 de dezembro de 1938.....		5.788:680\$3			
Recemta mensal:					
De 1 de dezembro a 5 de dezembro de 1939.....		9.157:432\$0			
De 1 de dezembro a 5 de dezembro de 1938.....		10.517:333\$7			
Diferença da recemta arrecadada para mais em 1938.		1.359:900\$8			
Recemta global:					
De 1 de janeiro a 5 de dezembro de 1939.....		549.187:385\$0			
De 1 de janeiro a 5 de dezembro de 1938.....		517.190:680\$6			
Diferença da recemta arrecadada para mais em 1939.		31.996:704\$4			
Recebedoria Federal em São Paulo					
COMPARAÇÃO DA ARRECADAÇÃO GERAL					
Arrecadada de 1 a 5 de dezembro de 1939.....		5.491:375\$0			
Em 6 de dezembro de 1939.....		2.230:370\$6			
Total.....		7.721:745\$6			
Em igual período de 1938.....		6.561:532\$2			
Diferença para menos em 1939.....		1.160:213\$4			
Arrecadada de 2 de janeiro a 6 de dezembro de 1939.		394.295:789\$3			
Em igual período de 1938.....		323.385:447\$9			
Diferença para mais em 1939.....		70.910:341\$4			
COMPARAÇÃO DA RENDA EXCLUSIVE DEPÓSITOS					
Arrecadada de 1 a 5 de dezembro de 1939.....		5.404:342\$1			
Em 6 de dezembro de 1939.....		2.213:899\$0			
Total.....		7.618:241\$1			
Em igual período de 1938.....		6.502:051\$2			
Diferença para mais em 1939.....		1.116:189\$9			
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES					
Imprensa Nacional					
EDITAL N. 5					
De ordem do Sr. diretor, é convidado a comparecer a esta Repartição, dentro do prazo de trinta dias, o impressor da classe D, <i>Alix José Fernandes</i> .					
Secção de Expediente e Arquivo, em 9 de dezembro de 1939. — <i>Renato Moraes</i> , pelo chefe.					
Polícia Civil do Distrito Federal					
INSPETORIA DO TRÁFEGO DO DISTRITO FEDERAL					
Pelo presente edital ficam notificados a comparecer nesta Inspetoria dentro do prazo de 48 horas, para responder por infrações do Regulamento do Tráfego, os proprietários ou condutores de veículos abaixo discriminados:					
Ônibus:					
Martins Jordão & Comp. Ltda., 353 e 811 — Art. 248-L.					
Companhia de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro, 81 — Artigo 85.					

▪ Primeiro Concurso DASP, 1939-1940 – Resultado final

Segunda-feira 6		DIÁRIO OFICIAL (Secção I)	Janeiro de 1940 423
Alfândega de Porto Alegre		MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
RECEITA ARRECADAADA		Escritório de Obras	
Datas		Importâncias	
Receita do dia:			
28 de dezembro de 1939		256:286\$6	
28 de dezembro de 1938		381:856\$1	
Receita mensal:			
De 1 de dezembro a 28 de dezembro de 1939		5.952:687\$5	
De 1 de dezembro a 28 de dezembro de 1938		8.462:764\$0	
Diferença da receita arrecadada para mais em 1938		1.510:076\$5	
Receita global:			
De 2 de janeiro a 28 de dezembro de 1939		89.047:142\$5	
De 2 de janeiro a 28 de dezembro de 1938		92.939:320\$7	
Diferença da receita arrecadada para mais em 1938		3.892:208\$2	

EDITAIS E AVISOS

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE INSPETOR DE EMIGRAÇÃO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Chamada para a realização das provas orais de Alemão, Italiano e Espanhol

São chamados a comparecer, no próximo dia 11 de janeiro corrente, às 20 horas, no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, à praça Marechal Azevedo, edifício da Imprensa Nacional, 4º andar, a fim de prestarem as provas orais de alemão, italiano e espanhol, os candidatos que optaram por estes idiomas, nos termos da letra "d" do artigo 3º das Instruções Especiais, e que tenham sido habilitados nas provas anteriores.

D. S. do D. A. S. P., em 6 de janeiro de 1940. — Ricardo Greenhalgh Barreto Filho, secretário da Banca Examinadora.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS E TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CARREIRA DE CONSERVADOR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Faço público, para conhecimento dos interessados que é a seguinte a classificação, procedida pela Banca Examinadora, dos candidatos ao concurso de provas e títulos para provimento em cargos da carreira de conservador do Ministério da Educação e Saúde:

	Pontos
1º lugar — Luiz Marques Poliano	94,9
2º lugar — Elza Peixoto Ramos	89,2
3º lugar — Regina Monteiro Real	89,2
4º lugar — Iolanda Marcondes Polugal	88,4
5º lugar — Regina Liberalli	83,9
6º lugar — Nair de Moraes Carvalho	80,7
7º lugar — Otávia de Castro Correia	77,3
8º lugar — Ligia Martins Costa	73,3
8º lugar — Maria Torres de Carvalho Barreto	70,3
10º lugar — Adolfo Dumans	61,6

Nota — Art. 24 da portaria n. 117 (Instruções gerais):
§ 1º. Qualquer reclamação sobre os trabalhos deverá ser dirigida ao presidente do Departamento, por intermédio do diretor da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento, no prazo improrrogável de cinco dias consecutivos, a contar da publicação da classificação feita pela Banca Examinadora.

§ 2º. Não serão apreciadas as reclamações que não forem apresentadas em termos convenientes, ou não apontem, com absoluta clareza, fatos e circunstâncias que permitam pronta apuração.

D. S. do D. A. S. P., em 8 de janeiro de 1939. — Ana de Alencar, secretária da Banca Examinadora.

ATA DA SESSÃO REALIZADA PARA JULGAMENTO DA CONCORRÊNCIA PÚBLICA N. 19, PARA CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO DESTINADO A ALOJAMENTO DO DESTACAMENTO DA POLÍCIA MILITAR NA CASA DE DETENÇÃO.

Aos cinco dias do mês de janeiro de mil novecentos e quarenta, às 14 horas, reuniu-se no Escritório de Obras do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, a comissão composta dos Srs. Luiz Hildebrando de B. Horta Barbosa, engenheiro chefe; Carlos Mário Favaret, engenheiro e Luiz José Pereira das Neves, oficial administrativo classe I, para nos termos do edital de concorrência publicado no *Diário Oficial* n. 296, de 21 de dezembro de 1939, à pags. 28.971, e aviso no dia 30 de dezembro à pags. 29.490, e em dias subsequentes, receber os envolveres de que trata a cláusula primeira do edital.

Estando presente a firma individual Lauro Coelho, foi pelo Sr. Presidente da Comissão Julgadora, aberta a sessão e recebidos os envolveres de que trata a cláusula primeira, os quais se acham devidamente fechados e lacrados, com os dizeres prescritos na cláusula acima citada.

Procedeu-se imediatamente à abertura do envolvere que continha os documentos de idoneidade, os quais foram lidos em voz alta, após o que foi julgada idônea a única firma concorrente.

Logo após o julgamento da idoneidade do concorrente, o presidente da Comissão Julgadora abriu o envolvere que continha a proposta, à qual foi lida em voz alta, apresentando o seguinte resultado:

Lauro Coelho. 28:789\$000

Estava a proposta estampilhada de acordo com a lei, foi rubricada nas suas quatro vias, e será publicada na íntegra no *Diário Oficial* juntamente com esta ata.

Escritório de Obras do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, em 5 de janeiro de 1940. — Luiz Hildebrando de B. Horta Barbosa. — Carlos Mário Favaret. — Luiz José Pereira das Neves.

Lauro Coelho, engenheiro arquiteto, com escritório de Construções Cíveis, no largo da Carioca n. 5, 4º andar, sala 413, vem apresentar a seguinte proposta, para a construção do Edifício para alojamento do destacamento da Polícia Militar na Casa de Detenção, conforme edital de Concorrência Pública n. 19, de acordo com o qual declara:

1º) que se submete inteiramente a todas as condições e especificações deste edital;

2º) que o prazo para a completa execução das obras é de 60 (sessenta) dias;

3º) que o preço global da referida obra é de 28:789\$00 (vinte e oito centos setecentos e oitenta e nove mil réis).

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1940. — Lauro Coelho.

Polícia do Distrito Federal

INSPETORIA DO TRÁFEGO

EXAME DE MOTORISTAS

Resultados dos exames efetuados no dia 6 do corrente:

Aprovados:

Laurindo Alves.
João Silva.
Lourival Serôa da Mota.
Roberto John Frank.
Pere José do Nascimento.
Arthur Teles de Noronha Galvão.
Mantiel Rodrigues Ribeiro da Silva.
Antônio Gomes da Silva.
José Gomes de Araújo.
José Vera.
Carlos Latini.
Amarílio Bocha Sousa.
Antônio da Costa Paiva Faria.
Gerhard Benn.
Jilme Bergman.
João Marcos e Cruz.

Reprovados: 8.

Observação: A falta à chamada na turma efetiva e conclusão (Prática e regulamentar) importará no pagamento de nova inscrição. (Art. 294, do R.T.).

Inspetoria do Tráfego, em 6 de janeiro de 1940. — O inspetor, Dr. Edgard Pinto Estrela.

Segundo Concurso DASP de 1940 – Candidatos inscritos

Segunda-feira 15

DIÁRIO OFICIAL (Secção I)

Julho de 1940 13567

Recebedoria Federal em São Paulo

BOLETIM N. 41

COMPARAÇÃO DA ARRECADÇÃO GERAL

Arrecadação de 1 a 11 de julho de 1940	13.149:273\$7
Em 12 de julho de 1940	1.361:838\$6
Total	14.511:112\$3
Em igual período de 1939	12.018:590\$5
Diferença para mais em 1940	2.492:521\$8
Arrecadada de 1 de janeiro a 12 de julho de 1940	223.426:730\$6
Em igual período de 1939	192.290:070\$2
Diferença para mais em 1940	30.836:660\$4

COMPARAÇÃO DA RENDA EXCLUSIVE DEPÓSITOS

Arrecadada de 1 a 11 de julho de 1940	12.973:550\$5
Em 12 de julho de 1940	1.341:490\$8
Total	14.318:052\$3
Em igual período de 1939	11.882:081\$5
Diferença para mais em 1940	2.435:970\$8

EDITAIS E AVISOS

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS E DE TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE "CONSERVADOR", DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é a seguinte a relação dos candidatos habilitados nas provas de sanidade e de capacidade física, do concurso acima referido:

1. Sergio Diogo Teixeira de Macedo.
2. Maria José de Moraes Limongi.
3. Manuel Constantino Gomes Ribeiro.
4. Alfredo Theodoro Russins.
5. Nilza Maria Villela Botelho.
6. Edgard Walter Simmons.
7. Carlos Feinto Cavalcanti.
8. Mario Antônio Barafa.
9. Fortunée Levy.
10. Jenny Dreyfus.
11. Luiz de Mendonça.
12. Antonio dos Santos Oliveira Junior.
13. Raul Julio Rosencrantz.
14. Nair Brunner Rozas.
15. Lucilla Ferreira.

D. S. do D. A. S. P., 13 de julho de 1940. — *Murilo Braga*,
Diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO PARA "ESCRITURÁRIO": PROVAS DE SANIDADE E DE CAPACIDADE FÍSICA

São convidados a comparecer ao Serviço de Biometria Médica do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na praça Marechal Azevedo, edifício da Imprensa Nacional, 1º andar, afim de se submeterem às provas de sanidade e de capacidade física, os seguintes candidatos ao concurso para Escrivão:

Dia 23 do corrente, às 13 horas: 1.650, Maria d'Apparecida Moreira da Silva; 1.656, Wanda Lopes Ribeiro; 1.657, Maria de Lourdes Manhães; 1.658, Sílvia da Silva Coelho; 1.660, Déa Lacerda Manne; 1.669, Otília Rêdo Fernandez; 1.675, Maria Vitória Pereira de Faria; 1.676, Maria Ignez de Faria; 1.693, Elza Gomes de Lima; 1.694, Maria Lygia de Niemeyer; 1.697, Maria do Rosario de Souza Rocha; 1.701,

Zulmira de Figueiredo Villa Mayor; 1.714, Jurema Miragaya Pairedes; 1.716, Roma Giota; 1.717, Marília Machado Gonzaga; 1.721, Maria Meneses; 1.723, Nadir Ferreira Barboza; 1.725, Eunice Mendes e 1.726, Laura da Rocha.

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, 13 de julho de 1940. — *Murilo Braga*,
Diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CARREIRA DE "TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO", DO QUADRO PERMANENTE DO D. A. S. P.

Nota

As Instruções Especiais a que se refere a Portaria n. 662, de 2 de julho de 1940, e que regulam o concurso para provimento em cargos da carreira de Técnico de Administração, do Quadro Permanente do D. A. S. P., foram reproduzidas no "Diário Oficial" de 11 do corrente, por terem sido publicadas com incorreções e omissões no dia 4 deste mês.

D. S. do D. A. S. P., 13 de julho de 1940. — *Murilo Braga*,
Diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA ADMISSÃO DE EXTRANHEIRO-MENSALISTA — AUXILIAR DE ESCRITÓRIO — DOS DIVERSOS MINISTÉRIOS, COM EXCEÇÃO DOS DA MARINHA E GUERRA: PROVAS DE SANIDADE E DE CAPACIDADE FÍSICA.

São convidados a comparecer ao Serviço de Biometria Médica do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na praça Marechal Azevedo, edifício da Imprensa Nacional, 1º andar, afim de se submeterem às provas de sanidade e de capacidade física, os candidatos aprovados na prova de habilitação — Auxiliar de Escritório — dos Diversos Ministérios, com exceção dos da Marinha e Guerra, abaixo relacionados:

Dia 23 do corrente, às 11 horas: 1 — José Seice Junior; 8 — Orlando Marques de Souza; 21 — Arthur Pereira da Silva; 29 — Roberto Faria Pinto; 43 — Sebastião Ferreira Cezari; 54 — Emmanuel Victor Pereira; 58 — Leopoldo Isidro Luis Diaz de la Vega; 64 — Fausto Coelho da Silva; 97 — Otto de Alencar Silva da Fonseca; 107 — Roberto Perez Dominguez; 127 — Nelson Rodrigues Chagas; 162 — Eugenio Bolinelly Soares; 200 — Procopio Cortes Gribel; 211 — Wanderley Santiago; 253 — Noé Raymundo Cerqueira do Nascimento; 288 — Florival Velasco de Azevedo; 301 — Octacilio Moreira de Siqueira Amazonas; 313 — Elpenor de Souza; 320 — José Antonio Theóph e 397 — Otto Lopez Marques.

Dia 24 do corrente, às 11 horas: 414 — Paulo Gomes de Faria; 418 — Jorge Eddie Conde; 605 — Mariano Martins Pó; 543 — Harry Pereira Maia Vinagre; 582 — Marcel Raoul Henri Cazes; 605 — Haroldo Pereira Giordano; 609 — José Cândido Leal; 655 — Jorge Calmo do Pin e Oliveira; 663 — Dircen Guedes Ramos; 712 — João Deschamps de Andrade; 743 — Alvaro Mendes; 759 — Antonio de Souza Magalhães; 839 — Waldyr Pinto de Carvalho; 862 — Rosalvo Pinheiro dos Santos; 914 — Fernando Magarinos de Souza Leão; 977 — Dário Figueiredo Costa; 980 — Mário Vaz de Almeida e Albuquerque; 1.041 — Ulysses Nogueira dos Santos e 1.050 — Antonio Camillo Neto.

Dia 24 do corrente, às 13 horas: 23 — Irene de Almeida; 30 — Ana Teixeira Soares; 41 — Maria Vargas; 75 — Yolanda Leão de Carvalho; 128 — Anathercia Meirelles Branco; 135 — Laura Viana Corrêa; 136 — Eunice Castelo Branco; 183 — Nadir Rodrigues; 185 — Genny Xavier; 227 — Casomira Lourenço; 238 — Helena de Azevedo; 296 — Alice Guanyassú; 319 — Solena Benevides Viana; 409 — Wanda Lopes Ribeiro; 415 — Sílvia da Silva Coelho; 417 — Emilia Tractia Varezão Lazzaro e 424 — Altair do Espírito Santo.

Dia 25 do corrente, às 13 horas: 427 — Elfride Bastos de Campos; 469 — Anadyr Bastos da Silva Ribeiro; 508 — Wanda Walkyria Peregrino da Silva; 516 — Odilza Ramos Pessione; 532 — Ilka dos Santos; 539 — Amelia Silva Vaz; 548 — Amparo Yolanda Sabbatini; 581 — Gulomar de Souza Carvalho; 668 — Irma Valle Cristofaro; 669 — Arletto de Medeiros Alvim; 681 — Mercedes Franca Ramirez; 737 — Dulce dos Reis Sampaio; 762 — Benedita Teixeira de Queiroz; 857 — Palmyra Teixeira; 904 — Ginette Pereira da Cunha; 925 — Lya de Lourdes Portella e 1.088 — Eunice da Motta Amaral.

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, 13 de julho de 1940. — *Murilo Braga*,
Diretor de Divisão.

Segundo Concurso DASP de 1940 – Resultado de Provas História do Brasil e História da Arte

17800 Terça-feira 17

DIARIO OFICIAL (Seção 'I')

Setembro de 1940

regulam o concurso de provas e títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador do Ministério da Educação e Saúde:

N.º insc.	Nomes	Pontos
1.	Sergio Diogo Teixeira de Macedo.....	23
2.	Maria José de Moraes Limongi.....	21
4.	Manoel Constantino Gomes Ribeiro.....	31
5.	Alfredo Theodoro Rusins.....	85
6.	Nilza Maria Vilela Botelho.....	51
8.	Carlos Felinto Cavalcanti.....	59
9.	Mário Antonio Barata.....	22
10.	Fortunée Levy.....	55
11.	Jenny Dreyfus.....	57
13.	Antônio dos Santos Oliveira Junior.....	15
15.	Nair Brunner Rosas.....	37

D.S. do D.A.S.P., 16 de setembro de 1940. — Ana de Alencar, Secretária da Banca Examinadora.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS E TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE CONSERVADOR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado do julgamento da prova de História do Brasil e História da Arte a que se refere a letra b) do art. 4º das Instruções Especiais que regulam o concurso de Conservador do Ministério da Educação e Saúde:

N.º insc.	Nomes	Pontos
1.	Sergio Diogo Teixeira de Macedo.....	65
2.	Maria José de Moraes Limongi.....	47
4.	Manoel Constantino Gomes Ribeiro.....	90
5.	Alfredo Theodoro Rusins.....	70
6.	Nilza Maria Vilela Botelho.....	43
8.	Carlos Felinto Cavalcanti.....	90
9.	Mário Antonio Barata.....	62
10.	Fortunée Levy.....	57
11.	Jenny Dreyfus.....	60
13.	Antônio dos Santos Oliveira Júnior.....	47
15.	Nair Brunner Rosas.....	58

D.S. do D.A.S.P., 16 de setembro de 1940. — Ana de Alencar, Secretária da Banca Examinadora.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO PARA TÉCNICO DE EDUCAÇÃO, CONTADOR E TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO: PROVAS DE SANIDADE E DE CAPACIDADE FÍSICA

São convidados a comparecer ao Serviço de Biometria Médica, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na praça Marechal Azevedo, edifício da Imprensa Nacional, 1º andar, afim de se submeterem às provas de sanidade e capacidade física, os candidatos abaixo relacionados:

Dia 23 do corrente, às 11 horas:

a) Técnico de Educação: 38 — Humberto Grande e 97 — Antonio da Fonte Moreira França.
b) Contador: 2 — Leonidas da Silva Juruena; 3 — Oswaldo Camarara Barbosa; 4 — Joaquim Ribeiro Natal Filho; 5 — Azuil Nunes Macedo; 6 — Luiz Gonzaga de Carvalho Chelles; 7 — Antonio Luiz Migueis; 8 — Mauricio Simantob; 10 — Nathaniel Blato; 11 — Antonio dos Santos Pereira e 12 — Manoel Gregorio Vasconcelos.

Dia 23 do corrente, às 13 horas:

a) Técnico de Educação: 96 — Alzemia Clotilde Cavalcanti de Albuquerque.
b) Contador: 9 — Maria Paulina Marins; 18 — Angela Carew Boldrini; 24 — Kizka Areas de Souza Guimarães; 22 — Ilka Machado da Silva e 50 — Amira Lattuf.

Dia 24 do corrente, às 11 horas:

Contador: 13 — Mario Rodrigues; 15 — Wilton Alves Marques; 16 — Alvaro Tavares Meirelles; 17 — Walter da Silveira Carneiro; 19 — José Schwartzman; 20 — Jayme de Souza; 23 — Antonio Mori Ribeiro; 24 — Manoel Pereira de Sá; 25 — Ricardo de Lauro Rodrigues e 26 — Virgilio Reis Taborda.

Dia 24 do corrente, às 13 horas:

Contador: 27 — Humberto Teles de Menezes; 28 — Waldemar da Silva Lopes; 29 — Serafim dos Anjos Costa; 30 — Moscyr José Tavares; 31 — Elias Chueri Salomão; 32 — Nakir Machado; 33 — Oswaldo João Arber; 34 — Leão Francisco Teixeira; 35 — Jayme da Silva e 36 — Adelino Monteiro de Souza.

Dia 25 do corrente, às 11 horas:

Contador: 37 — Helio Moreira Ramos; 38 — Ernesto Balbi; 39 — Waldemar Augusto Machado; 40 — José Mendes Braga; 41 — Alberto Cerqueira; 42 — Agostinho Lourival de Souza; 43 — Wilson Guedes Pinto; 44 — Francisca da Silva Menezes; 45 — Newton Caulliraux e 46 — Moscyr Maiani.

Dia 25 do corrente às 13 horas:

a) Contador: 47 — Mauro Law Pereira; 48 — Luiz Augusto de Freitas Pereira Sobrinho e 49 — Ariundo Ferreira.
b) Técnico de Administração: 1 — Pedro de Castro Camara Leal; 2 — Severino Nunes Lins; 3 — Joaquim Boaventura da Silva Matos; 5 — Manoel Bandeira de Lima; 6 — Antonio Cristovam Monteiro; 7 — João Schwartzman e 8 — Henrique Maron Gédéon.

Dia 26 do corrente, às 11 horas:

Técnico de Administração: 9 — Benedito José de Souza; 10 — Lauro Durão Barbosa; 11 — Hermogenes Brenha Ribeiro Filho; 12 — Antonio Lobato; 13 — Alcino Teixeira de Mello e 14 — Milton Freire Colho.

D.S. do D.A.S.P., 16 de setembro de 1940. — Murilo Braga, Diretor da Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA SERVENTE DE QUALQUER MINISTÉRIO E AUXILIAR DE ESCRITÓRIO DO MINISTÉRIO DA GUERRA

São convidados a comparecer ao Serviço de Biometria Médica, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na praça Marechal Azevedo, edifício da Imprensa Nacional, 1º andar, afim de se submeterem às provas de sanidade e de capacidade física, os candidatos habilitados na prova de habilitação para Servente de qualquer Ministério e Auxiliar de Escritório do Ministério da Guerra.

Dia 27 do corrente, às 11 horas:

Servente de qualquer Ministério: 482 — Veriano Dias Doca.
Auxiliar de Escritório do M. G.: 11 — Roberto Mauricio Quidet 99 — Alípio Vieira; 103 — Domingos Romani; 113 — Vivaldo Augusto da Silva Braga; 151 — Irineu Pereira da Costa e 181 — Mario Afonso Comodo.

D.S. do D.A.S.P., 16 de setembro de 1940. — Murilo Braga, Diretor da Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

TRANSFERÊNCIA PARA AS CARREIRAS DE SERVENTE, GUARDA SANITÁRIO, AGENTE DE POLÍCIA MARÍTIMA, DETETIVE, POLÍCIA FISCAL, ARQUIVISTA E ALMOXARIFE: PROVAS DE SANIDADE E DE CAPACIDADE FÍSICA.

São convidados a comparecer no dia 20 do corrente, às 11 horas, ao Serviço de Biometria Médica do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na praça Marechal Azevedo, edifício da Imprensa Nacional, 1º andar, afim de se submeterem às provas de sanidade e capacidade física, os seguintes candidatos à transferência para as carreiras de:

a) Servente: Joaquim Gustódio.
b) Guarda Sanitário: José Dias Ladeira.
c) Agente de Polícia Marítima: Waldemar Bessoni d'Almeida.
d) Detetive: Manoel José Soares.
e) Polícia Fiscal: José Luiz.
f) Arquivista: Mansueto de Carvalho Barbosa e Isabel Borges da Silva.
g) Almozarife: Wigberto de Menezes.

D.S. do D.A.S.P., em 16 de setembro de 1940. — Murilo Braga, diretor da Divisão.

▪ Segundo Concurso DASP de 1940 – Resultado de Prova de título

Terça-feira 6

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Agosto de 1940 15159

Dia 16 de agosto, às 11 horas:

Oficial Administrativo — 1.620 — João Apers de Souza Filho; 1.621 — Marcos Nogueira da Silva; 1.622 — Palmério Saldanha de Menezes; 1.623 — Renato Giroux Pinheiro; 1.624 — Alfredo de Castro Ramos da Silva; 1.625 — Waldor Galvão; 1.626 — Geraldo Cordova Coimbra, e 1.631 — Carlos Guimarães Paternostro.

Dia 16 de agosto, às 13 horas:

Oficial Administrativo — 1.543 — Vera Henninger Barbosa Coutinho; 1.544 — Jency Paqueta; 1.550 — Nilza Santos Cardillo; 1.560 — Maria Stella de Miranda Santa Rosa; 1.563 — Emilia Longo; 1.569 — Julieta Takebe; 1.574 — Yolanda Orofino Pinto; 1.587 — Léa Gorrá Massaferr; 1.591 — Diva Vargas Nogueira; 1.592 — Alailá de Oliveira Neiva; 1.593 — Elmira Maria Domingues; 1.608 — Mercedes dos Santos; 1.612 — Creusa Damás da Silva; 1.613 — Leclécia Dantas da Silva; 1.616 — Maria Celina Goulart de Amarante; 1.617 — Roma Gioia, e 1.618 — Lucy Braz Pereira Gomes.

D. S. do D. A. S. P., em 5 de agosto de 1940 — Murilo Braga, diretor de Divisão

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS E DE TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE "CONSERVADOR", DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.

Faço público, para conhecimento dos interessados, que, em virtude do julgamento da Banca Examinadora, foram habilitados na prova a que se refere a letra b do art. 3º das Instruções Especiais que regulam o concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da carreira de "Conservador", do Ministério de Educação e Saúde, os seguintes candidatos:

1. Sérgio Diogo Teixeira de Macedo	70 pontos
2. Maria José de Moraes Limongi	65 "
3. Manoel Constantino Gomes Ribeiro	90 "
4. Alfredo Teodoro Rusius	65 "
5. Nilza Maria Vilela Botelho	75 "
6. Nair Brunner Rosas	78 "
7. Carlos Felinto Cavalcanti	65 "
8. Mário Antônio Barata	75 "
9. Fortunée Levi	80 "
10. Jenny Dreyfus	90 "
11. Antônio dos Santos Oliveira Júnior	75 "
12. Raul Júlio Rosencrantz	60 "
13. Nair Brunner Rosas	70 "
14. Lucília Ferreira	60 "

2. Os candidatos acima relacionados são convidados a comparecer à Escola Nacional de Belas Artes, para a defesa oral da monografia apresentada (prova c), do art. 3º das referidas Instruções, dentro do seguinte plano:

Quinta-feira, 8 do corrente, às 9 horas:

1. Sérgio Diogo Teixeira de Macedo.
2. Maria José de Moraes Limongi.
3. Manoel Constantino Gomes Ribeiro.
4. Alfredo Teodoro Rusius.
5. Nilza Maria Vilela Botelho.

Suplentes:

7. Edgard Walter Simmons.
8. Carlos Felinto Cavalcanti.
9. Mário Antônio Barata.

Sexta-feira, 9 do corrente, às 9 horas:

10. Fortunée Levi.
11. Jenny Dreyfus.
12. Antônio dos Santos Oliveira Júnior.
13. Raul Júlio Rosencrantz.
14. Nair Brunner Rosas.
15. Lucília Ferreira.

D. S. do D. A. S. P., em 9 de agosto de 1940. — Aida de Alencar, secretária da Banca Examinadora.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Polícia Civil do Distrito Federal

INSPECTORIA DO TRÁFEGO

EXAME DE MOTONISTAS

Resultado dos exames efetuados no dia 5 do corrente:

Aprovados — Enid da Silva Santos, José Pereira dos Santos, João Alves de Oliveira, Jorge Pedrosa da Silva, Domício Arruda Câmara, Hermes de Sousa Teixeira, Abílio do Sá Rodrigues, Celso da Cunha Gonçalves, Patrício Pereira de Oliveira, Manuel Batista de Sousa, Manuel Antônio Pinto, Alfredo Pinto da Silva Filho, José Maria Vilas, Gabriel Ferreira, Fernando Gonçalves Barrocas, Américo Clark Leite, José da Silveira Sampaio, Gataca Bueno Brandão.

Reprovados — 8.

Inspeção do Tráfego, 5 de agosto de 1940. — Dr. Edgard Pinto Estrela, inspetor.

Polícia Civil do Distrito Federal

INSPECTORIA DO TRÁFEGO DO DISTRITO FEDERAL

Peço presente edital ficam notificados a comparecer nesta Inspeção dentro do prazo de 48 horas, para responder por infrações do Regulamento do Tráfego, os proprietários ou condutores de veículos abaixo discriminados:

Matrícula indistinta (art. 366):

Ônibus:

Viação São Jorge Ltda., ns. 470 e 648 — Arts. 92 e 151.
M. P. Saigado, n. 439 — Art. 248 L.
José Joaquim de Brito, n. 494 — Art. 248 L.
Cadeira & Silva, n. 519 — Art. 151.
Líbousine Federal Ltda., n. 634 — Art. 248 L.
Auto Viação Cruzeiro do Sul Ltda., n. 706 — Art. 248 L.
Viação Central Ltda., n. 746 — Art. 248 L.
Renascença Auto Ônibus Ltda., n. 852 — Art. 248 L.
Empresa Interestadual de Ônibus de Luxo, n. 859 — Art. 248 L.
Independência Auto Ônibus, n. 895 — Arts. 248 C e 81.

Carga:

Amador Nogueira, n. 1.441 — Art. 248 L.
Antônio E. Alvares, n. 2.063 — Art. 248 L.
Araújo Fábio Camargo, n. 2.170 — Art. 248 L.
Edson Trindade Araújo, n. 6.970 — Art. 248 L.
Evarildo José Vieira, n. 7.280 — Art. 248 L.
João Ferreira Lacerda, n. 8.115 — Art. 400.

Passeio:

Carlos Saboia Bandeira de Melo, n. 1.026 — Art. 248 L.
Maximino Coelho, n. 2.112 — Art. 248 L.
Henrique João Vanorden, n. 2.984 — Arts. 102 e 257.
Augusto Fernandes Natano, n. 4.267 — Arts. 81 e 82.
Miguel Pierre Cohen, n. 6.781 — Art. 248 L.
Aloísio Oliveira Maia, n. 6.935 — Arts. 102, 257 e 83.
Hugo Castro Pinheiro Guimarães, n. 7.308 — Art. 83.
José Silva Pereira, n. 7.560 — Arts. 102 e 257.
Geraldo Rocha Sobrinho, n. 7.957 — Art. 248 L.
João Antônio Amado, n. 8.609 — Art. 248 L.
Mário Herólio, n. 10.341 — Art. 48 L.
João Gonçalves Andrade, n. 10.458 — Arts. 79 e 81.
Naf Solomão Curry, n. 13.532 — Art. 102.
Albino Francisco Costa, n. 13.545 — Art. 248 L.
Manuel da Silveira Brum, n. 15.379 — Art. 86.
José Santos Afonso, n. 17.425 — Art. 248 L.
Sívio Lacerda Abreu, n. 18.504 — Art. 248 L.
João de Melo Afonso, n. 20.930 — Art. 248 L.
José Alves de Carvalho, n. 21.098 — Art. 248 L.
Alcides Haas, n. 22.490 — Art. 102.
Oswaldo Ferreira Barbosa, n. 22.893 — Art. 248 L.
Carlos Alberto Pereira Braga, n. 23.906 — Art. 248 L.
Francisco de Paula Bastos, n. 24.384 — Arts. 102 e 257.
Enéas Filgueiras da Silva, n. 24.703 — Art. 248 L.
Maurício Toías de Araújo Coutinho, n. 25.159 — Art. 248 L.
Rubens Martins, n. 26.005 — Art. 248 L.
Manuel Carlos Magalhães Filho, n. 26.524 — Arts. 81 e 102.
Cantor Carneiro de Freitas Gama, n. 26.640 — Art. 248 L.
Antônio Gomes Rabelo Barbosa, n. 26.741 — Arts. 85 e 257.
João Pinto da Silva, n. 26.938 — Art. 102.
Edvard Adler, n. 27.346 — Art. 248 L.
Fernando Barreto da Rosa, n. 28.521 — Arts. 102 e 257.
Raul Ferreira Carneiro, n. 28.638 — Art. 248 L.
Angelo Mendes de Moraes, n. 28.745 — Arts. 85 e 257.
Eduardo Gomes França, n. 28.787 — Art. 248 L.
Sáezar Lamosor Pinto Maia, n. 29.006 — Art. 83.

▪ Segundo Concurso DASP de 1940 – Resultado final

1946 Sábado 19

DIÁRIO OFICIAL (Seção T)

Outubro de 1940

Arêndega do Rio de Janeiro

Data	RECEITA ARRECADADA	Importâncias
Recetta do dia:		
17 de outubro de 1940.....	918:649\$900	
17 de outubro de 1939.....	1.508:106\$200	
Recetta mensal:		
De 1 de outubro a 17 de outubro de 1940.....	20.454:193\$700	
De 1 de outubro a 17 de outubro de 1939.....	21.828:256\$500	
Diferença na recetta arrecadada para menos em 1940	1.368:062\$800	
Recetta global:		
De 2 de janeiro a 17 de outubro de 1940.....	387.180:817\$100	
De 2 de janeiro a 17 de outubro de 1939.....	739:889\$900	
Diferença da recetta arrecadada para menos em 1940	5.559:072\$800	

EDITAIS E AVISOS

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE DETETIVE DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

São convidados a comparecer ao Instituto de Educação, à rua Mariz e Barros n. 273, na próxima segunda-feira, 21 do corrente, às 10,30 horas, afim de se submeterem a prova de noções de Direito do concurso acima, os candidatos habilitados na prova de prática de serviço, constantes da relação publicada no *Diário Oficial* de 14 deste mês.

D. S. do D. A. S. P., em 17 de outubro de 1940. — *Noel Amorim Santos*, secretário da Banca Examinadora.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA ADMISSÃO DE EXTRANUMÉRARIO MENSALISTA E CONTRATADO — DESENHISTA — DA DIVISÃO DO MATERIAL DESTE DEPARTAMENTO

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado final, apresentado pela Banca Examinadora da prova de habilitação acima referida:

N.º insc.	Nome	Pontos
11	Armando dos Santos Carvalho	73
25	Aristarcho de Almeida Nogueira	77
28	Jorge Alberto Floresta de Tavares Cavalcanti	92
34	Antônio Garcia Monteiro	83
40	Murilo Garcia Moreira	88
46	Ary Gomes da Silva	72

2. Do acordo com o item 13 do edital de abertura, os candidatos terão três dias, a contar da data da publicação deste, para apresentar qualquer reclamação sobre os trabalhos da prova.

D. S. do D. A. S. P., em 17 de outubro de 1940. — *Murilo Braga*, diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA TRANSFERÊNCIA PARA A CARREIRA DE DETETIVE

É convidado a comparecer ao Instituto de Educação, na rua Mariz e Barros n. 273, na próxima segunda-feira, 21 do corrente, às 10,30 horas, afim de prestar a prova de noções de Direito, o candidato a transferência para a carreira de Detetive: Paulo de Sousa Corimbeba.

D. S. do D. A. S. P., em 17 de outubro de 1940. — *Murilo Braga*, diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA TRANSFERÊNCIA PARA A CARREIRA DE AGRÔNOMO ECOLOGISTA

São convidados a comparecer ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na praça Marechal Ancora, na próxima terça-feira, 22 do corrente, às 8 horas, afim de se submeterem à segunda parte da prova (escrita de Solos), os seguintes candidatos a transferência "ex officio" para a carreira de Agrônomo Ecologista do Ministério da Agricultura: Alydio Lindolpho Vellasco, Vespertino Marcondes de França, Ademair Lopes da Cruz e Frederico Murinho Braga.

D. S. do D. A. S. P., em 17 de outubro de 1940. — *Murilo Braga*, diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA ADMISSÃO DE EXTRANUMÉRARIO MENSALISTA DA DIVISÃO DE CAÇA E PESCAS: BIOLOGISTA

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado apresentado pela Banca Examinadora da prova acima referida, depois de revistas as provas e de resolvidos os recursos interpostos pelos candidatos:

N.º insc.	Candidatos habilitados	Pontos
4.	Horácio Rosa Junior	83,5
7.	Francisco das Chagas Melo	71,5
28.	Oscarino da Fonseca	70,0
29.	Manoel Batista de Moraes Filho	80,0

D. S. do D. A. S. P., em 17 de outubro de 1940. — *Murilo Braga*, diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO DE PROVAS E TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CARREIRA DE CONSERVADOR, DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte a classificação, procedida pela Banca Examinadora, dos candidatos ao concurso acima referido:

Classificação — N.º da inscrição — Nomes — Média final

1.º	lugar, 11, Jény Dreyfus, 78,73.
2.º	lugar, 10, Fortunée Levy, 76,46.
3.º	lugar, 4, Manuel Constantino Gomes Ribeiro, 74,8.
4.º	lugar, 5, Alfredo Teodoro Rusin, 69,92.
5.º	lugar, 6, Nilsa Maria Vilela Botelho, 67,2.
6.º	lugar, 8, Carlos Felinto Cavalcanti, 62,4.

2. Os candidatos beneficiados pelo Decreto-lei n. 1.903, de 13 de janeiro de 1940, deverão apresentar, dentro do prazo de dez dias seguidos, a partir da publicação deste edital, prova habil do que preenchem os requisitos exigidos, afim de que seja feita a classificação do Grupo Militar.

3. A D. S. comunica aos interessados que de acordo com a portaria n. 661,

Art. 20. O candidato poderá recorrer ou reclamar; recorrer, para o Diretor da D. S., do julgamento das provas até vinte e quatro horas depois de divulgado o resultado; reclamar ao Presidente da D.A.S.P., por intermédio do Diretor da D.S., no prazo improrrogável de dez dias consecutivos, a contar da publicação da classificação final no *Diário Oficial*, quanto à forma por que foram conduzidos pela Banca Examinadora os trabalhos do concurso.

§ 1.º Não serão apreciadas as reclamações que não forem apresentadas em termos convenientes ou não apontarem, com absoluta clareza, fatos e circunstâncias que justifiquem a reclamação e permitam pronta apuração.

§ 2.º Si ficar provado vício, irregularidade insanável oupreterição de formalidade substancial, o concurso será anulado, parcial ou totalmente, e responsabilizados os culpados.

D. S. do D.A.S.P., em 18 de outubro de 1940. — *Ana de Alencar*, Secretária da Banca Examinadora.

▪ Concurso número 53 DASP de 1941 – Divulgação da Banca Examinadora

Terça-feira 30

DIÁRIO OFICIAL (Secção I)

Dezembro de 1941 - 23961

AVISO — Para boa ordem dos serviços da Redação, e no interesse do público, fica estabelecido que os pedidos para reprodução de matéria paga, verificada pelos interessados a existência de erros ou omissões, devem ser feitos das 8 às 12 e das 17 às 20 horas, e no máximo, até 48 horas, após a saída dos órgãos oficiais.

EDITAIS E AVISOS

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção

CONCURSO DE PROVAS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE CONSERVADOR DE MUSEUS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

C. — 53

Faço público, para conhecimento dos interessados, que foi designada a seguinte Banca Examinadora do concurso acima referido:

Americo Jacobina Lacombe (Presidente);
Egon Pinto Prates (Substituto eventual do Presidente);
Francisco Marques dos Santos;
Rodrigo Melo Franco de Andrade;
Orlando Guerreiro de Castro.

D.S. do D.A.S.P., em 27 de dezembro de 1941. — *Mario de Brito*, Diretor substituto da Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Aperfeiçoamento

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA II

Faz-se público, para ciência dos interessados, que terão início, no dia 2 de janeiro, às 8 horas da manhã, no salão de conferências do Ministério do Trabalho, (3.º andar), as aulas do Curso de Biblioteconomia II a que se refere a portaria n. 1.441, de 21 de outubro de 1941, do Presidente do D. A. S. P.

Para início dos trabalhos são convocados os seguintes alunos, cujas matrículas foram aprovadas:

Haydée Madei Martins.
Maria Hugo de Andrade Braga.
Rosa Neder.
M.^a Helena Duarte Pereira Rodrigues.
M.^a de Lourdes Araujo Pereira.
Hilda Martinelli Baptista.
Arlente Muller.
Arminda Pedreira do Couto Ferraz.
Nadir Teixeira de Cassio.
Léda Schwartz.
Alarico Vellasco de Azevedo.
Maria Rostere.
Diva de Souza Carvalho.
Vera Miranda Monteiro.
Yvone Rasina.
Regina Helena Pereira Martins da Rocha.
Marilia Socci Cabral.
Maria Regina do Valle.
M.^a Laura Meira Menezes de Oliva.
Zélia Gama de Miranda.
Marieta Latorre.
Nidia Dantas.
Sylvia Guedes Marthas Costa.
Alice dos Reis Príncipe.
Acyll de Medeiros.
Alcides Dias de Souza.
Cléa de Mello.
Vera do Amaral Moura.
Flora de Araujo Whitehurst.
Maria Heloisa P. Bentes.
Lya Darcy.
Maria Angelica Correa de Andrade.
Lais de Lamare.
Maria Eliza Pimenta Baptista.
Durval Vieira Calazans.
Antonio Lopes de Faria.
Maria José Soares.
Emilia Maria de La Roque.
Vera Teixeira Alves de Lima.
Lydia Maria de Queiroz Combacau.

Mary Socci Camelier.
Maria Amalia de Faria.
Clelia Ponce.
Rosalia C. Mendes de Almeida da Mota.
Maria Nazareth Severiano.
Regina Magalhães Gomes.
Yara Alvarenga.
Maria de Lourdes Rodrigues Almeida.
Maria Helena Falcone.
Clara Maria Catta-Preta de Faria.
Maria de Pompeia Araujo.
M.^a Aparecida D. Bransford de Oliveira.
M.^a Teixeira de Sá Campos.
Heio Gomes Machado.
Norma Richard Pinheiro.
Nelson Joaquim Baptista.
Jacyr Bastos Clapp.
Ruth Martins.
Pegola Cardoso.
Léda Reis.
Heoisa M. de Barros.
Maria Thereza Sá Antunes.
Maria Tereza de Mello e Souza.
Maria Helena Bastos.
Nancy do Carmo Rosadas Speranza.
Otilia Regis Monder.
Adilia Kautzman.
Suzana Schmelzinger.
Zilia Galhardo de Araujo.
Paulina Goffman.
Anonieta Caiado Jardim.
Duze G. Pedra.
Elisita Garcia Foney.
Yvone Pinto Sobral.
Celste Ferraz de Magalhães.
Celita Alda Castello Branco.
Niléa Amabilia Rossi.
Nidia Maria Portes Paixão.
D. A. do D. A. S. P., em 29 de dezembro de 1941. — *Mario de Brito*, Diretor de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção

CONCURSO DE PROVAS E DE TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE ENGENHEIRO DO D.N.O.S. E D.N.P.N. DO MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

C. — 59

Faço público, para conhecimento dos interessados, que, em virtude do que foi resolvido pelo Sr. Presidente substituto deste Departamento, fica prorrogado até às 17 horas do dia vinte de fevereiro próximo, e não do dia 7 de janeiro, conforme consta do edital publicado no *Diário Oficial* de 3-12-41, o prazo para entrega das monografias a que se referem as instruções do concurso.

D.S. do D.A.S.P., em 27 de dezembro de 1941. — *Mario de Brito*, Diretor substituto de Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Aperfeiçoamento

CURSO DE FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIO

Faz-se público, para ciência dos interessados, que, no dia 2 de janeiro, às 8 horas da manhã, terão início, no salão de conferências do Ministério do Trabalho, as atividades do Curso de Formação de Bibliotecário a que se refere o decreto n. 6.416, de 30 de outubro de 1940.

Na mesma data os Bibliotecários-auxiliares, matriculados no presente curso, devem se apresentar à Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público, para início do estágio previsto no decreto citado.

São convocados, para início dos trabalhos, os seguintes funcionários, cujas matrículas foram aprovadas:

Lais Lisboa Vampre;
Maria Antonieta de Mesquita Barros;
José Nunes Vieira;
Luciano de Berredo.

D.A. do D.A.S.P., em 29 de dezembro de 1941. — *Mario P. de Brito*, Diretor de Divisão.

Concurso número 53 DASP de 1941 – Resultado monografias

7380 Terça-feira 5

DIÁRIO OFICIAL (Secção I)

Maio de 1942

Assunto: Pedido de aposentadoria. Despacho: Faça-se o expediente proposto. (O presente despacho teve fundamento na seguinte informação:

Trata o presente processo do recurso interposto às fls. 2 e 3, pelo associado Jacyntho Antonio Tavares, contra a decisão do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, constante de fls. 12, que lhe indeferiu o pedido de aposentadoria.

Pelo doc. de fls. 18 e 19, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários informa ter sido o interessado por aquele Instituto, sendo para o mesmo transferidas as contribuições recolhidas indevidamente ao I.A.P.C.

Proponho o encaminhamento do presente processo à T.S.A. para que providencie no sentido de ser o Sr. Jacyntho Antonio Tavares, certificado do teor da informação do I.A.P.I. acima referida.)

Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado

DEPARTAMENTO DE PREVIDENCIA

DESPACHO DO SR. DIRETOR

Expediente do dia 30-4-42

Relação de beneficiários cuja habilitação foi homologada por despacho de 30 de abril de 1942, do Sr. diretor de Previdência, que se publica para os efeitos dos arts. 68 e 71, do decreto n. 2.955 de 12 de dezembro de 1940.

Distrito Federal:

De Roberto Martins Coelho — (H.B.P. n. 222) — Adelaide Leal Coelho (viuva 1/2), Evangelina (filha 1/12), Paulo (filho 1/12), ficando reservadas três quotas partes, 1/3 para ulterior habilitação dos filhos José (1/12) e Manoel (1/12).

PARTE COMERCIAL

Câmara Sindical dos Corretores de Fundos Públicos do Rio de Janeiro

COTAÇÕES OFICIAIS DE TÍTULOS EM 4 DE MAIO DE 1942

DÍVIDA EXTERNA

Empréstimo Federal de 1927, 6 1/2 % p/81.000 (Resgate da Dívida Flutuante) 5.000\$000

DÍVIDA INTERNA

Apólices e Obrigações

Uniformizadas de 5 %, miúdas 750\$000
Uniformizadas de 1:000\$, 5 % 835\$000
Diversas Emissões de 1:000\$, 5 %, nom. 835\$000
Diversas Emissões de 1:000\$, 5 %, port. 795\$000
Diversas Emissões de 1:000\$, 5 %, port. (cauteias) 755\$000
Reajustamento Econômico de 1:000\$, 5 %, port. 825\$000
Obrigações do Tesouro Nacional de 1:000\$, 7 % (1921) 120 25\$000
Empréstimo Municipal de 1931, port. 2 58\$000
Prefeitura de Belo Horizonte de 1:000\$, 7 %, port. 935\$000
Prefeitura de Porto Alegre de 50\$, 3 1/2 %, port. 305\$000
Prefeitura de Recife de 50\$, 5 %, port. 35\$000
Minas Gerais de 1:000\$, 5 %, nom. 609\$000
Minas Gerais de 200\$, 5 %, port. (1931), 1.ª série ... 125\$000
Minas Gerais de 200\$, 8 %, port. (1931), 2.ª série ... 144\$000
Minas Gerais de 200\$, 7 %, port. (1931), 3.ª série ... 178\$500
Pernambuco de 100\$, 5 %, port. 16\$000
Rio de Janeiro de 500\$, 8 %, port. 508\$000
São Paulo de 200\$, 5 %, port. 2 88\$500
Uniformizadas de São Paulo de 1:000\$, 8 %, port. 1:100\$000

Ações de Bancos

Banco do Brasil 4 28\$000
Banco Brasileiro do Comércio 2 78\$000
Banco do Comércio, nom. 3 08\$000
Banco de Crédito Pessoal, pref. 1 08\$000

Ações de Companhias

Companhia de Seguros "Confiança" 2 08\$000
Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo, ord. 1 06\$000
Companhia Carbonífera Minas de Butiá 1 24\$000

Banco Hipotecário "Lar Brasileiro", S. A. de Crédito Real. 215\$000
Companhia Docas de Santos 209\$000

Vendas Judiciais

12 Apólices Diversas Emissões de 1:000\$, 5 %, nom. 821\$000
40 Apólices Diversas Emissões de 1:000\$, 5 %, port., 1917, C/11 cupões vencidos 1 032\$000

Secretaria da Câmara Sindical do Rio de Janeiro, em 4 de maio de 1942. — *Jucenal de Queiroz Vieira*, presidente.

RENDAS PÚBLICAS

Recebedoria do Distrito Federal

COMPARAÇÃO DA RENDA

	Geral	Exclusive depósitos
Arrecadada de 1 a 29 de abril de 1942	56.002:353\$700	54.229:220\$500
Em 30 de abril de 1942	4.978:449\$100	4.824:271\$700
Total	60.980:802\$800	59.050:502\$200
Em igual período de 1941 ..	54.082:277\$900	51.952:399\$300
Diferença para mais em 1942	6.898:524\$900	7.098:102\$900
Arrecadada de 2 de janeiro a 30 de abril de 1942	274.479:255\$200	256.529:180\$300
Em igual período de 1941 ..	225.077:982\$900	211.913:581\$300
Diferença para mais em 1942	49.401:272\$300	44.615:599\$000

AVISO — Para boa ordem dos serviços da Redação, e do interesse do público, fica estabelecido que os pedidos para reprodução de matéria paga, verificada pelos interessados a existência de erros ou omissões, devem ser feitos das 9 às 15 e das 17 às 20 horas, e no máximo, até 48 horas após a saída dos órgãos oficiais.

EDITAIS E AVISOS

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção

PROVA DE TRANSFERÊNCIA DA CARREIRA DE ATENDENTE CLASSE "E", DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PARA A DE ENFERMEIRO DO MESMO MINISTÉRIO: — EXAME DE SANIDADE E CAPACIDADE FÍSICA.

A candidata à prova acima Palmyra Dias Guimarães, está convidada a comparecer ao Serviço de Biometria Médica do I. N. E. P. (praça Marechal Azevedo), no dia 8 do corrente às 13 horas, afim de se submeter à prova de sanidade e capacidade física.

D. S. do D. A. S. P., em 4 de maio de 1942. — *Astúrio Dardeno Vieira*, diretor substituto da Divisão.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção

CONCURSO DE PROVAS E DE TÍTULOS PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE CONSERVADOR, DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.

C. 53

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado, apresentado pela Banca Examinadora, do julgamento da monografia a que se refere a letra b) do art. 3.º das Instruções Especiais do referido concurso:

N.º de insc.	Nome	Nota
1.	Raul Julio Rosencrantz	85
2.	Alfredo Rei do Rego Barros	93
4.	Wanda de Oliveira	63
5.	Marfa Barbosa Vianna	74
6.	Mario José da Silva Cruz	62
7.	Sergio Diogo Teixeira de Macedo	60
10.	Mario Antonio Barata	89
12.	Haydee Di Tomaso Bastos	81
15.	Dulce Cardoso Ludolf	74
19.	Maria Cordelia Pereira de Queiroz	60

D. S. do D. A. S. P., em 4 de maio de 1942. — *Ana de Alencar*, secretária da Banca Examinadora.

Concurso número 53 DASP de 1941 - Resultado provas de títulos

Segunda-feira 17

DIÁRIO OFICIAL (Secção I)

Agosto de 1942 12733

EDITAIS E AVISOS

PRESIDENCIA DA REPUBLICA

Departamento Administrativo do Serviço Público

Divisão de Seleção

Prova de sanidade e capacidade física

Os candidatos cujos nomes relacionados abaixo são convidados a comparecer ao Serviço de Biometria Médica do INEP, praça Marçal Ancora, dentro de 48 horas depois de publicado o presente edital, afim de completarem a prova de sanidade e capacidade física.

Aux. e prat. escrit. - M. A. Lourdes Nogueira Vaz.

Assistente de Pessoal - 51 - Guilherme Rocha Salgado; 52 - Jorge de Souza Figueiredo; 16 - Wilson de Gusmão Harmes.

D. S. do D. A. S. P., em 14 de agosto de 1942. - *Astério Dardeua Vieira*, diretor substituto da Divisão.

Prova de sanidade e capacidade física

Os candidatos inscritos na prova de Laboratório IX da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, cujos nomes relacionados abaixo, são convidados a comparecer ao S. B. M. do I. N. E. P., praça Marçal Ancora, afim de se submeterem à prova de sanidade e capacidade física.

Dia 18 do corrente às 11 horas: - 1 - Mario de Freitas Diniz; 2 - Murillo Romano Cotrim; 3 - Jacob Ures; 4 - Antonio Alfredo Grub; 7 - Waldemar Scardazzi; 8 - Francisco de Almeida Barbosa; 9 - Sebastião Ivan do Amaral Bueno; 11 - Clovis Oliveira; 12 - Ramalho Franco; 13 - Luiz Alves Corrêa; 14 - Nelson Luiz de Araújo Moraes; 17 - José Pinto Soares; 18 - Aguilár Vieira do Nascimento.

D. S. do D. A. S. P., em 14 de agosto de 1942. - *Astério Dardeua Vieira*, diretor substituto da Divisão.

Prova de sanidade e capacidade física

Os candidatos inscritos na prova de Calculista - INPE e MTIC - cujos nomes relacionados abaixo, são convidados a comparecer ao S. B. M. do I. N. E. P., praça Marçal Ancora, afim de se submeterem à prova de sanidade e capacidade física.

Dia 18 do corrente às 13 horas: - 1 - Laumar Victorino de Mello; 2 - José Leito Pinto; 3 - Armando Gonçalves; 4 - Lincoln de Bastos Curado; 5 - Spencer Daltro de Miranda; 8 - José Gerardo Barreto Borges; 9 - Herculano Alves Barbosa; 10 - Jorge Octavio Xavier; 11 - Ary Maia; 12 - Henrique Delfim Silva de Araújo Costa; 13 - Agostinho Soares Carneiro; 15 - Adalberto Cabil; 17 - Athanagildo Guimarães Filho; 18 - Pedro Rolim Sobrinho; 19 - Dilermando Rodrigues Costa; 22 - Jorge Barbosa dos Santos; 23 - Carlos Baptista da Silva; 24 - Silverio Baptista da Silva; 25 - Jayme de Oliveira Saraiva; 27 - Jorge Alberto Nunes Serrão; 28 - Wilbur Miranda de Carvalho; 29 - José Baptista Alves; 31 - Benedicto Antonio José; 32 - Dirceu Medronho Guimarães; 33 - Cid Novaes; 37 - José Fuks; 38 - Salomão Malina; 39 - Floriano Pinto de França Ferreira; 41 - Alvanir Oliveira da Costa; 42 - José Ferreira da Fonseca.

Dia 19 do corrente às 11 horas: - 43 - José Leitão de Albuquerque; 47 - João Siqueira; 48 - Belmiro Siqueira; 49 - Emanoel Ramos de Oliveira; 50 - Zeferino Baptista de Lemos; 51 - Darcy Benites dos Santos; 52 - Mario de Paula Antunes; 53 - Luiz de Assumpção; 54 - Moacyr Coelho; 56 - Emanuel Gonçalves de Freitas; 57 - Oswaldo Moreira; 58 - Paulo Cardoso Coelho; 59 - Emanoel de Freitas Nogueira; 61 - Ayres Carneiro Maciel; 62 - Walter Henrique Natal; 65 - Cesário Cardoso de Oliveira; 66 - Manuel Luiz Moreira Cruz; 67 - Francisco Vicente da Rocha Pinto; 68 - Benjamin Carvalho da Silva; 70 - Diogo Wilson Pereira d'Almeida; 71 - Jayme Monteiro Pereira; 73 - Abraão Machado; 75 - Oswaldo Alvarenga; 76 - Faymundo Bittencourt Machado; 77 - Hugo Esch; 78 - Aramis Cardoso de Oliveira; 79 - Ordepe de Sá Couto; 82 - Antonio Candido Moslaert Seixas; 83 - Hilton Meirelles; 84 - Moacyr Gonçalves Moreira.

Dia 19 do corrente às 13 horas: - 6 - Maria do Carmo Marinho Cortes; 7 - Arlette Fernandes Cardoso; 14 - Nilza Mostof; 16 - Solange Mirilli; 20 - Zaira de Mello e Silva; 21 - Haydée Quirino da Silva; 26 - Suzanna Martins Brito; 30 - Paulina da Silva Porto; 34 - Maria de Lourdes Oliveira; 35 - Nicéa Gonçalves; 36 - Ione Gonçalves; 40 - Nilza Cavalcanti Ferreira; 44 - Evangelina de Freitas Nogueira; 45 - Maria Emilia de Freitas; 46 - Córa Bastos Freitas; 55 - Floribella de Oliveira; 60 - Helena Lopes Costa; 63 - Solita de Campos Lopes; 64 - Lygia de Campos Lopes; 69 - Lydia Maria da Conceição; 72 - Cloris Guimarães Leitão; 74 - Creusa Guimarães Leitão; 80 - Celeste Coelho de Souza e Oliveira; 81 - Maria Emilia Baker; 85 - Leonor do Carmo Cardoso; 100 - Ilza Cardoso de Souza; 101 - Matilde Ferraz Pereira.

Dia 20 do corrente às 11 horas: - 86 - Renato de Moraes; 87 - Walter Esteves; 88 - Manoel Marques Ferreira; 89 - José Bastos Távora; 90 - Raul Francisco de Oliveira; 91 - Oswaldo Ferreira; 92 - Eloy Valente Freitas; 94 - Afonso Soares Barros; 95 - Raul de Oliveira; 96 - Moacyr Saul; 97 - Ricardo Gonçalves; 98 - Paulo Vidal de Almeida; 99 - Luiz Felipe Teixeira de Carvalho; 102 - José Aluizio Marques; 105 - Agostinho Pereira de Melo; 106 - Isac Jakubowicz; 107 - Luiz Coda Rioga; 108 - José Carlos de Mello e Silva; 109 - José Luiz Fernandes Filho; 110 - Arthur Paratyha Dias; 111 - Armando Derval dos Reis Fonseca; 112 - Waldemar Silva Dutra; 113 - Fernando Rocha Nogueira da Silva; 115 - Jacintho Bernardo Roberto; 117 - Luciano Ananias Junior; 118 - Oldemar Ferreira dos Santos; 119 - Joel de Souza Montello; 120 - Pedro Verjovsky; 122 - Carlos Falcão Sena; 123 - Derval Benites dos Santos.

Dia 20 do corrente às 13 horas: - 12 - Sergio Cesar Monteiro; 125 - Jorge de Araújo Atta; 126 - José Luiz Dale Ferraz; 127 - Victor de Souza Brito; 128 - Agostinho de Sá; 129 - Annibal Redinha Pinheiro da Silva; 130 - Mario Raphael Vannutelli; 131 - Mario França Ennes; 133 - Sadi Canetti; 134 - Antonio De Angelis; 135 - Immanuel de Souza Pereira; 136 - Aleyone Xavier; 137 - Nelson da França Ferrer; 138 - Geraldo Montassier; 139 - Amely Pedrosa de Lima; 141 - José de Souza Nascimento; 142 - Carlos Gomes Cardoso; 143 - Marcos Galper; 144 - Anthero Martins Marques; 145 - Fabio Pinheiro Esmeraldo; 146 - Belarmino Belinho Batista; 147 - Enodio Santiago; 148 - Leonidonio de Albuquerque; 149 - Paulo de Lencastre; 151 - Wilson Lavra de Magalhães.

D. S. do D. A. S. P., em 14 de agosto de 1942. - *Astério Dardeua Vieira*, diretor substituto da Divisão.

Concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador, do Ministério da Educação e Saúde.

C. 53

Faço público, aos interessados, o resultado da prova de Idioma Estrangeiro, a que se refere a letra a do art. 4.º das Instruções Especiais reguladoras do referido concurso:

N. inscr. - Nome - Total de pontos

1	- Raul Júlio Rosencrantz	70
2	- Alfredo Rei do Rego Barros	40
5	- Marfa Barbosa Viana	89
6	- Mario José da Silva Cruz	92
10	- Mario Antônio Barata	73
12	- Haydée Di Tomaso Bastos	62
15	- Dulce Cardoso Ludolf	60

D. S. do D. A. S. P., em 14 de agosto de 1942. - *Ana de Alencar*, secretário da Banca Examinadora.

Concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador, do Ministério da Educação e Saúde.

C. 53

Faço público, aos interessados, o resultado do julgamento dos títulos, a que se refere o capítulo III das Instruções Especiais reguladoras do referido concurso:

N. inscr. - Nome - Total de pontos

1	- Raul Júlio Rosencrantz	15
2	- Alfredo Rei do Rego Barros	48
5	- Marfa Barbosa Viana	82
6	- Mario José da Silva Cruz	0
10	- Mario Antônio Barata	96
12	- Haydée Di Tomaso Bastos	0
15	- Dulce Cardoso Ludolf	10

D. S. do D. A. S. P., em 14 de agosto de 1942. - *Ana de Alencar*, secretário da Banca Examinadora.

Concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador, do Ministério da Educação e Saúde.

C. 53

Faço público, aos interessados, o resultado da prova de História do Brasil e História da Arte, a que se refere a letra b do art. 4.º das Instruções Especiais reguladoras do referido concurso:

N. inscr. - Nome - Total de pontos

1	- Raul Júlio Rosencrantz	74
2	- Alfredo Rei do Rego Barros	30
5	- Marfa Barbosa Viana	50
6	- Mario José da Silva Cruz	85
10	- Mario Antônio Barata	100
12	- Haydée Di Tomaso Bastos	50
15	- Dulce Cardoso Ludolf	60

D. S. do D. A. S. P., em 14 de agosto de 1942. - *Ana de Alencar*, secretário da Banca Examinadora.

▪ Concurso número 53 DASP de 1941 — Resultado final

13516 Quinta-feira 3

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Setembro de 1942

EDITAIS E AVISOS

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Departamento Administrativo do Serviço Público

Divisão de Seleção

Concurso de provas e de títulos para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador, do M. E. S.

C. — 53

Faço público, aos interessados, o resultado final do concurso acima referido:

N. inser. — Nome — Média final

10. Mario Antonio Barata	96,50
6. Mario José da Silva Cruz	76,15
5. Marfa Barbosa Vianna	71,71
15. Dulce Cardoso Ludolf	71,15
1. Raul Júlio Rosencrantz	70,49
12. Haydée Di Tomaso Bastos	65,63
2. Alfredo Rei do Rego Barros	60,00

2. Os candidatos acima relacionados foram também habilitados na prova de sanidade e capacidade física.

D. S. do D. A. S. P., 1 de setembro de 1942. — Ana de Alencar, secretária da Banca Examinadora.

Departamento de Imprensa e Propaganda

Pelo presente fica convidado o Sr. Jethro Saraiva Maranhão a comparecer a Seção de Pessoal, deste Departamento, afim de tratar de assunto do seu interesse e relativo ao processo — D. I. P. — N. 08.716-42. — Ruy Ribeiro Escobar, escrivão F. — Galileu da Penha Franco, chefe da Seção de Pessoal. — Visão. — Lieurgo Costa, chefe do Serviço de Administração.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Departamento de Administração

Divisão do Material

CONCORRÊNCIA PÚBLICA PARA EXECUÇÃO DE SERVIÇOS DE IMPRESSÃO DE MAPAS, DESTINADOS A DIVISÃO DE GEOLOGIA E MINERALOGIA. Chama-se a atenção dos interessados para o edital publicado no Diário Oficial de 27 de agosto findo.

MINISTÉRIO DA FAZENDA

Departamento Federal de Compras

O Departamento Federal de Compras, leva ao conhecimento dos Srs. interessados que, de acordo com o § 1.º artigo 31 do decreto n. 5.873 de 26 de junho de 1940, solicita para o dia 9 de setembro de 1942, ofertas de cotações para as requisições constantes da relação abaixo, cujas especificações se acham afixadas no local devido, na sede do Departamento à Avenida Graça Aranha n. 62.

Requisição — Material

109.148 — Placas de ferro esmaltado, etc.
109.157 — Ferro em cantoneira, etc.
112.017 — Fusível cartucho, etc.
116.073 — Algodãozinho, zefir, flanela, etc.
117.210 — Tecido de arame de ferro, etc.
121.162 — Alambique elétrico, etc.
138.131 — Tubo de Ensaio, etc.
217.100 — Drogas.
225.201 — Drogas.
234.148 — De montaria.
246.008 — Óleo de linhaça, etc.
252.064-5-R — Agulha de níquel puro, etc.
252.116-7 — Cirúrgico, etc.

252.134 — Papel de filtro, etc.
257.099 — Drogas.
261.020 — Medicamentos.
624.020-R — De laboratório.
909.067-8 — Tarrachas mundial, etc.
Em 1 de setembro de 1942. — Diretor da Divisão Comercial, H. Blanc de Freitas.

O Departamento Federal de Compras, leva ao conhecimento dos Srs. interessados que, de acordo com o § 1.º artigo 31 do decreto n. 5.873 de 26 de junho de 1940, solicita para o dia 11 de setembro de 1942, ofertas de cotações para as requisições constantes da relação abaixo, cujas especificações se acham afixadas no local devido, na sede do Departamento à Avenida Graça Aranha n. 62.

Requisição — Material

126.072-77 — Drogas.
145.208 — Motor elétrico, etc.
240.128 — Medicamentos.
240.130 — Medicamentos.
261.048 — Medicamentos.

Em 1 de setembro de 1942. — Diretor da Divisão Comercial, H. Blanc de Freitas.

Diretoria Geral da Fazenda Nacional

Diretoria do Domínio da União

SERVIÇO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL

De ordem do Sr. chefe do Serviço Regional da Diretoria do Domínio da União, no Distrito Federal, confida no processo n. 7.720-42, convidado D. Enequina Rodrigues Soares a comparecer nesta repartição, afim de cumprir exigências feitas no referido processo.

Proc. n. 7.720-42.
Serviço Regional, 31 de agosto de 1942. — Maria José de Araújo, auxiliar de escritório VIII.

De ordem do Sr. chefe do Serviço Regional da Diretoria do Domínio da União, no Distrito Federal, pelo presente, convidado o Sr. José Corrêa Teixeira a pagar a importância de cento e vinte mil réis (120\$00), relativa aos emolumentos devidos pela extração de cópias de plantas dos imóveis a que se refere o processo número 87.355-33. — Maria José de Araújo, auxiliar de escritório VIII.

Serviço do Pessoal

SEÇÃO ADMINISTRATIVA

Pelo presente edital, na forma do art. 251, e seu parágrafo único, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União, fica o arquivista classe E, interino, do Q.P. deste Ministério, Edelweiss Dias de Vasconcelos, lotado no Tesouro Nacional, intimado a, dentro do prazo de dez (10) dias, contados da primeira publicação deste edital, apresentar defesa, explicando o motivo por que vem faltando ao serviço, sem causa justificada, há mais de trinta (30) dias consecutivos, conforme consta do processo n. 69.880-42, estando assim, passível da pena de demissão, na conformidade do disposto no item 1 e § 2.º, do art. 238, do citado Estatuto.

Serviço do Pessoal do Ministério da Fazenda, em 27 de agosto de 1942. — Lauro Boamorte, diretor.

(Publicado pela 1.ª vez em 28-8-42)

Diretoria do Tesouro

Alfândega do Rio de Janeiro

Primeira Seção

EDITAL N. 426 COM O PRAZO DE 15 DIAS

Pela Inspetoria desta Alfândega se faz público, para conhecimento dos interessados, que foram descarregados para esta repartição os

volumes abaixo mencionados, com sinais de avaria e de falta, devendo seus donos ou consignatários apresentar-se no prazo de 15 dias, para providenciarem a respeito.
Alfândega do Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1942. — Almir Rêgo, chefe da 1.ª Seção.

MINISTÉRIO DA GUERRA

Diretoria do Material Bélico

Fábrica de Realengo

ALMOXARIFADO

CONCORRÊNCIA ADMINISTRATIVA

Chama-se a atenção dos interessados para o edital de concorrência administrativa para fornecimento de máquinas, publicado no Diário Oficial de 29 do corrente, às páginas 13.347-8.

Prefeitura Militar

EXECUÇÃO DE OBRAS

O tenente coronel, prefeito Militar e agente diretor da Prefeitura Militar, previne aos interessados que a referida Repartição está procedendo a uma especulação de preços para as obras seguintes do Quarto do Regimento Sampaio, na Vila Militar: adaptação do pavilhão principal abrangendo uma área de 58,30m x 12,30m com a construção de dois pisos; reforma de um pavilhão destinado ao departamento de Educação Física; reforma do atual xadrez e construção de um pombal de 4,40m x 2,10m. Aos interessados, o Gabinete Técnico da Repartição fornecerá todos os esclarecimentos necessários (plantas e especificações) à apresentação de propostas, a partir das 13 horas do dia 16 de setembro do corrente ano, devendo a apuração das mesmas ser feita às 10 horas do dia 23 de setembro do ano corrente, na sede da Prefeitura Militar.

Deodoro, 29 de agosto de 1942. — Abacilio Fulgencio dos Reis, tenente coronel, prefeito militar.

Primeira Região Militar — Primeira Divisão de Infantaria

Primeira Circunscrição de Recrutamento

TERCEIRA SEÇÃO

O coronel Manoel Henriques Gomes, chefe da 1.ª Circunscrição de Recrutamento.

Faz saber que foram sorteados para o serviço do Exército nos meses de setembro e outubro de mil novecentos e quarenta e um neste Distrito Federal, os cidadãos constantes das relações abaixo transcritas e que deverão se apresentar nas respectivas Juntas de Alistamento Militar, de 16 a 30 de outubro, os de 1.ª chamada, e de 15 a 30 de novembro, tudo do corrente ano, os de 2.ª chamada, afim de receberem o certificado de apresentação e serem encaminhados aos postos de concentração correspondentes, onde serão inspecionados de saúde.

Faz saber ainda que todos os conscritos dos anos anteriores com obrigação do § 2.º, artigo 121 do R.S.M., deverão se apresentar no prazo dos conscritos da 1.ª chamada, isto é, de 16 a 30 de outubro, da Terceira Seção, afim de receberem o certificado de apresentação e terem o respectivo encaminhamento. E os que não o fizerem ficarão sujeitos às penas estabelecidas nos regulamentos militares e Código Penal do Exército.

▪ Concurso para Conservador de Museus do Ministério da Guerra, 1944 – Resultado

13360 Sexta-feira 28

DIARIO OFICIAL (Seção I)

Julho de 1944

EDITAIS E AVISOS

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Departamento Administrativo do Serviço Público

Divisão de Seleção

Prova de habilitação para extranumerário mensalista da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde — Inspetor XV

P.H. 536

Faço público, para conhecimento dos interessados, que não há candidato habilitado na parte I da prova de habilitação acima referida, realizada na Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde — Inspetor XV

P.H. 536

Faço público, para conhecimento dos interessados, que não há candidato habilitado na prova de habilitação acima referida, realizada na Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde — Inspetor XV

P.H. 536

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado das partes I e II da prova de habilitação acima referida, realizada na Capital do Estado do Paraná:

Número de inscrição — Nome — Parte I — Parte II

2. Mário Bassoli	63,2	37,9
3. Luigi Ferraresi	51,5	27,1
4. Doraci Machado	51,0	24,1

2. Sómente esses candidatos atingiram o mínimo de habilitação fixado nas instruções.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde — Inspetor XV

P.H. 536

Faço público, para conhecimento dos interessados, que não há candidato habilitado na prova de habilitação acima referida, realizada na Capital do Estado do Paraná.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde — Inspetor XV

P.H. 536

Faço público, para conhecimento dos interessados, que não há candidato habilitado na parte I da prova de habilitação acima referida, realizada na Capital do Estado de Pernambuco.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde — Inspetor XV

P.H. 536

Faço público, para conhecimento dos interessados, que não há candidato habilitado na prova de habilitação acima referida, realizada na Capital do Estado de Pernambuco.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista do Hospital Central do Exército, do Ministério da Guerra — Conservador de Museus XIII

P.H. — 621

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado das partes I e II da prova de habilitação acima referida:

Número de inscrição — Nome — Parte I — Parte II

1. Wilson Airlton de Almeida	88,5	95,0
------------------------------------	------	------

2. Sómente esse candidato atingiu o mínimo de habilitação fixado nas instruções.

3. O presente edital anula o publicado no *Diário Oficial* do 27 de abril de 1944.

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista do Hospital Central do Exército, do Ministério da Guerra — Conservador de Museus XIII

P.H. — 621

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado final da prova de habilitação acima referida:

Número de inscrição — Nome — Média final

1. Wilson Airlton de Almeida	92,3
------------------------------------	------

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista do Serviço de Obras do Departamento de Administração do Ministério da Justiça e Negócios Interiores — Projetador XVII e Projetador Auxiliar XII

P.H. — 646

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado das partes II e III da prova de habilitação acima referida:

Número de inscrição — Nome — Parte II — Parte III

4. Nilton Belo Thompson Viegas	95,0	95,0
--------------------------------------	------	------

D.S. do D.A.S.P., em 24 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista do Instituto Oswaldo Cruz do Ministério da Educação e Saúde — Desenhista VII e IX

P.H. — 737

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado da parte II da prova de habilitação acima referida.

Número de inscrição — Nome — Nota

2. Nilza Jardim Fialho	71,0
------------------------------	------

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Prova de habilitação para extranumerário mensalista do Instituto Oswaldo Cruz do Ministério da Educação e Saúde — Desenhista VII e IX

P.H. 737

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado final da prova de habilitação acima referida:

Número de inscr. N o m Média final

2. Nylza Jardim Fialho	71,5
------------------------------	------

D.S. do D.A.S.P., em 25 de julho de 1944. — *Carlos Moreira da Silva*, por Ildélio Martins, Chefe da Seção de Provas.

Concurso número 191 DASP de 1946 - Inscritos

2284 Quarta-feira 13

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Fevereiro de 1946

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Departamento Administrativo do Serviço Público

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA EXTRANUMERÁRIO MENSALISTA DO SERVIÇO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE — TRADUTOR XIII.

P. H. — 1.745

Faço público, para conhecimento dos interessados, que a parte III (Dactilografia), da prova acima referida será realizada no dia 19 do corrente, às 17 horas, no Palácio da Fazenda, 7.º andar, sala 713.

D. S. A. do D. A. S. P., em 11 de fevereiro de 1946. — *Waldyr dos Santos*, respondendo pelo expediente da Seção de Provas.

P. H. — 1.749

Faço público, para conhecimento dos interessados, que aprovei, nesta data, as inscrições referentes à prova de habilitação para extranumerário mensalista do Serviço de Meteorologia (lotado no Estado do Rio Grande do Sul), do Ministério da Agricultura — Radiotelegrafista Auxiliar, VII, dos seguintes candidatos:

N.º de insc. — Nome

1. George Oto Vaske.
 2. Francisco dos Santos Machado.
- D. S. A. do D. A. S. P., em 11 de fevereiro de 1946. — *Francisco Burkinski*, respondendo pelo expediente da Seção de Inscrições.

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA EXTRANUMERÁRIO MENSALISTA DO SERVIÇO TÉCNICO DA AERONÁUTICA DO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA — TRADUTOR AUXILIAR XIII.

P. H. — 1.763

Faço público, para conhecimento dos interessados, que a parte III (Dactilografia), da prova acima referida será realizada no dia 20 do corrente, às 17 horas, no Palácio da Fazenda, 7.º andar, sala 713.

D. S. A. do D. A. S. P., em 11 de fevereiro de 1946. — *Waldyr dos Santos*, respondendo pelo expediente da Seção de Provas.

PROVA DE HABILITAÇÃO PARA EXTRANUMERÁRIO MENSALISTA DO DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA — IDENTIFICADOR VII.

P. H. — 1.765

Faço público, para conhecimento dos interessados, que a parte I (Português e Matemática) da prova acima referida, será realizada no dia 21 do corrente, às 19 horas, na Praia de Botafogo n.º 186.

D. S. A. do D. A. S. P., em 11 de fevereiro de 1946. — *Waldyr dos Santos*, respondendo pelo expediente da Seção de Provas.

C. 191

Faço público, para conhecimento dos interessados, que aprovei, nesta data, as inscrições referentes ao concurso para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador de

Museus do Ministério da Educação e Saúde, dos seguintes candidatos:

- | N.º de insc. | Nome |
|--------------|---|
| 1. | Gilda Marina de Almeida. |
| 2. | Nanci Domingues de Paula Barreto. |
| 3. | Haydeé Nicolussi. |
| 4. | Carmen Correia Quadros. |
| 5. | Oriandino Seitas Fernandes. |
| 6. | Clóvis Bornas. |
| 7. | Regina Henri. |
| 8. | Florinda Delgado Stamato. |
| 9. | Edilís Freitas Bokel. |
| 10. | Aniza Moniz Aragão de Lemos. |
| 11. | Nésia do Carmo Ferreira. |
| 12. | Lígia Gonçalves de Azevedo. |
| 13. | Mary Haas. |
| 14. | Marehm Markenson. |
| 15. | Luis de Mendonça. |
| 16. | Geraldo Pitaguarí. |
| 17. | João Angelo Labanca. |
| 18. | Ana Maria Antunes Pierglli. |
| 19. | Angela Maria de Castro Lira Porto. |
| 20. | Maria Auxiliadora Tosta Santos Silva de Siqueira. |
| 21. | Noema Maria Lira Seixas. |
| 22. | Altair Pimenta de Moraes. |
| 23. | Dulce da Silva Rebelo. |
| 24. | Carmen Flóra Cabral. |
| 25. | Zillah Maria Pedrneiras Fontainha. |
| 26. | Pedro Gibráo Moreaux. |
| 27. | Diógenes Viana Guerra. |
| 27. | Carlos da Silva Teixeira. |
- D. S. A. do D. A. S. P., em 11 de fevereiro de 1946. — *Francisco Burkinski*, respondendo pelo Expediente da Seção de Inscrições.

Faço público, para conhecimento dos interessados, que aprovei, nesta data, as inscrições referentes ao concurso para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Estatístico-Auxiliar do Serviço Público Federal, dos seguintes candidatos:

DISTRITO FEDERAL

- | N.º de insc. | Nome |
|--------------|-------------------------------------|
| 1. | Geny Choichet. |
| 2. | Luis Martins Ferreira. |
| 3. | José Montezuma Tabosa. |
| 4. | Félix Cardoso dos Santos. |
| 5. | Alberto Soares Silva Vasconcelos. |
| 6. | Judite Charlier Nunes de Alvarenga. |
| 7. | Noman Marques Jones |
| 8. | Ceci Loureiro Acióli. |
| 9. | Valdemiro Bellucio. |
| 10. | Cid de Paula. |
| 11. | Luis Loureiro de Albuquerque. |
| 12. | Osonor Guimarães. |
| 13. | Lauro Schimidt. |
| 14. | Antônio Pereira Nunes. |
| 15. | Asdrubal Pinto de Ulysséa. |
| 16. | Álvoro José Robalinho. |
| 17. | Lauro Antônio Hildebrandt. |
| 18. | Lyllian Silva Tomé. |
| 19. | Hermínio Augusto Faria. |
| 20. | Fernando Paiva da Rocha. |
| 21. | Humberto de Mendonça Gomes. |
| 22. | Pascoal Calvano. |
| 23. | Fernando Carrizado Filho. |
| 24. | Maria Helena Mala. |
| 25. | Luis Djara dos Santos Lepi. |
| 26. | Ílbio de Paula. |
| 27. | Júlio Silvio de Lima. |
| 28. | Rogério Sayd. |
| 29. | Vanda de Lima Dutra. |
| 30. | Amélia de Andrade. |

EDITAIS E AVISOS

SAO PAULO

- | N.º de insc. | Nome |
|--------------|-------------------------------|
| 1. | Peggy Pérez. |
| 2. | Beatriz Teixeira de Lima. |
| 3. | Timcredo Moraes. |
| 4. | Mário Bordini. |
| 5. | Shigneo Watanabe. |
| 6. | José Tomás de Almeida. |
| 7. | Ana Corália Teixeira de Lima. |

BELO HORIZONTE

- | N.º de insc. | Nome |
|--------------|------------------------------|
| 1. | Amando Durval de Melo. |
| 2. | Solomão Laes. |
| 3. | Maria Inês Gontijo de Paula. |
- D. S. A. do D. A. S. P., em 11 de fevereiro de 1946. — *Francisco Burkinski*, respondendo pelo Expediente da Seção de Inscrições.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas

Serviço de Administração

Concorrência administrativa, para prosseguimento dos serviços de assentamento de canalização da Rede de Abastecimento d'água, na área do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, no km. 47 da rodovia Rio-São Paulo.

De acordo com as normas administrativas constantes da Exposição de Motivos n.º 921, de 27 de março de 1943, do Departamento Administrativo do Serviço Público, aprovadas pelo Exmo. Sr. Presidente da República, para as obras do C.N.E.P.A., e com o despacho exarado por S. Excia. na Exposição de Motivos GM. 33, de 8 de janeiro de 1946, faço público, para conhecimento dos interessados, que, às 15,30 horas do dia 20 de fevereiro corrente, na sede da Diretoria Geral do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, situada à Avenida Pasteur n.º 404, Praia Vermelha, nesta cidade, onde se acha instalada a Comissão de Construção do C.N.E.P.A., serão recebidas propostas para os serviços mencionados a seguir.

Primeira Condição — São os seguintes os serviços a executar: Rede de abastecimento d'água, da zona residencial e alojamento de alunos, com o fornecimento do material, assentamento dos tubos, abertura de valas e respectivo aterro.

As firmas que pretendem concorrer deverão comparecer a esta Diretoria Geral até o dia 19 de fevereiro corrente às 16 horas, para depositarem no Tesouro Nacional, Caixa Econômica do Rio de Janeiro, ou Tesouraria do Ministério da Agricultura, a importância de Cr\$ 30.000,00 como caução de garantia de aceitação, pela Comissão de Construção, da proposta apresentada. Essa caução poderá ser feita em moeda corrente, após a Divisão Pública Federal ao portador ou "bônus de guerra".

Segunda Condição — As propostas constarão de dois invólucros fechados e lacrados: o primeiro, com os documentos de idoneidade da firma que concorrerá;

a) certidão de registro do contrato social do D.N.C. (Junta Comercial); as sociedades anônimas e companhias

estrangeiras provarão suas existências legais;

b) prova de quitação com todos os últimos impostos federais, estaduais e municipais, inclusive o imposto de renda;

c) certidão provando o cumprimento da lei dos terços;

d) prova de quitação com as instituições de seguro social;

e) prova de quitação de imposto sindical;

f) documentos de idoneidade técnica;

g) documento de idoneidade financeira;

h) conhecimento de caução a que se refere a primeira condição;

i) prova, pela firma, a que se refere o decreto n.º 23.569, de 11-12-33, e legislação posterior.

O segundo invólucro deverá conter o projeto e respectiva proposta da firma em cinco (5) vias, estampilhada a primeira, de acordo com a lei, todas datadas e assinadas.

Tercera Condição — Nas referidas propostas serão declarados os preços unitários e preços globais para os serviços mencionados na primeira condição, bem assim o prazo em dias consecutivos para integral conclusão da obra, prazo esse que não poderá exceder ao fixado neste edital, salvo motivo de força maior, a juízo da Comissão de Construção. É importante e obrigatória a declaração nas propostas de que a firma concorrente se submete formalmente a todas as condições estipuladas no presente edital.

Quarta Condição — Serão recusadas as propostas que contiverem uma redução sobre a mais barata ou que apresentarem quaisquer alternativas, ou divergências dos termos deste edital, ou que se opuserem a quaisquer preceitos do Código de Contabilidade Pública. Em hipótese alguma poderão as firmas concorrentes incluir nas respectivas propostas quaisquer justificativas, condições e alternativas, sob pena de desclassificação imediata.

Quinta Condição — No dia e hora assinalados no início deste edital, em sessão pública, a Comissão de Construção fará a chamada dos concorrentes inscritos e receberá os invólucros citados na segunda condição.

Sexta Condição — No mesmo dia e hora e na presença dos interessados, a Comissão de Construção passará ao julgamento de idoneidade dos concorrentes. Os documentos contidos serão lidos em voz alta na ordem alfabética indicada na condição segunda.

A Comissão Julgadora dará imediatamente o seu parecer a respeito da validade dos referidos documentos, declarando, finalmente, quais as firmas julgadas idôneas e quais as desclassificadas. Para maior facilidade do exame dos documentos as firmas deverão apresentá-los na ordem indicada neste edital.

Sétima Condição — Os documentos que forem objeto de dúvida ou qualquer impugnação, quer seja por parte dos concorrentes, quer seja por parte da Comissão Julgadora, serão retidos e encaminhados a quem de direito para a necessária apreciação e final decisão. Os demais documentos de idoneidade serão restituídos no mesmo dia, logo após a terminação do julgador.

Oitava Condição — Na hipótese supra, além de serem retidos os documentos em causa, os invólucros que contiverem as propostas correspondentes não serão abertos e serão recolhidos a Comissão de Construção

Reabertura Concurso número 191 DASP, 1949-1950 - Edital

Quinta-feira 5

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Malo de 1949 6975

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Departamento Administrativo
do Serviço Público

Divisão de Seleção
e Aperfeiçoamento

CONCURSO PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA
CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE CONSERVADOR,
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.

C. 191

Faço pública a reabertura, pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D.A.S.P., da inscrição ao concurso para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador, do Ministério da Educação e Saúde.

2. *Dia da reabertura:* 9-5-49, *dia do encerramento:* 31-5-49, às 16 horas.

3. Poderão inscrever-se candidatos de ambos os sexos.

4. As condições do concurso são as das Instruções Gerais (Portaria n.º 341, de 13-7-48, e Instruções Especiais baixadas pelo Diretor-Geral deste Departamento com a Portaria n.º 387, de 23 de agosto de 1948).

5. O pedido de inscrição constará do preenchimento de uma ficha fornecida no local de inscrição e da apresentação de três cópias de fotografias de 3 x 4 cm, tirada de frente e sem chapéu.

6. A ficha de inscrição só será aceita se estiverem preenchidos todos os claros e não apresentar rasura ou emenda.

7. Não está sujeito ao limite de idade fixado nas instruções:

a) o ocupante interino de cargo público federal;

b) o ocupante de cargo público federal e o extranumerário-mensalista amparado pelo art. 23 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;

c) o ocupante de cargo público federal provido em comissão;

d) o militar da ativa;

e) o extranumerário-mensalista ou diarista do serviço público federal e o servidor estadual ou municipal que contar, pelo menos, 3 anos de efetivo exercício; e

f) o ex-ocupante de cargo ou função pública federal, estadual ou municipal que tenha servido, pelo menos, cinco anos.

8. Será aceita a inscrição do candidato que, no ato do pedido, contar seis meses menos do que a idade mínima estabelecida nas instruções que regularem o concurso ou prova de habilitação, salvo se lei especial dispuser em contrário.

9. Nos termos do parágrafo 3.º do art. 17 do Decreto-lei n.º 1.713, de 28 de outubro de 1939, estão inscritos ex-officio todos os ocupantes interinos de cargos da carreira a que se refere este Edital, devendo, entretanto, para serem aprovadas as suas inscrições, satisfazer as exigências estabelecidas para o concurso.

10. De acordo com os parágrafos 5.º e 9.º do referido artigo, serão exonerados os interinos que não completarem a inscrição e todos os interinos, homologado o concurso.

11. A eventual mudança de residência deverá ser comunicada, obrigatoriamente, à Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento e à Divisão do Pessoal, deste Departamento.

12. As provas do concurso serão de seleção (eliminatória) e de habilitação.

13. As provas de seleção serão as seguintes:

a) prova de sanidade e capacidade física;

b) prova de Técnica de Museus;

c) prova escrita de História do Brasil e História da Arte.

EDITAIS E AVISOS

14. Para efeito de realização da prova Técnica de Museus, o candidato deverá optar, no ato da inscrição, por uma das seguintes especialidades:

a) obras de arte;

b) peças de valor histórico.

15. As provas de habilitação serão as seguintes:

a) Francês;

b) Inglês.

16. *Títulos* — No ato da inscrição, o candidato deverá apresentar, organizada em três vias, uma lista dactilografada de seus títulos, de acordo com a numeração que der a cada um, e da qual conste, também, um resumo do conteúdo de cada título.

17. As instruções relativas ao presente concurso serão fornecidas nos postos de inscrição, que são os seguintes:

— Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D.A.S.P., andar térreo do Edifício do Ministério da Fazenda, Rio, D.F.

— Avenida Amazonas, 266 — 15.º andar — Belo Horizonte — Minas Gerais.

18. O presente Edital será publicado uma vez no *Diário Oficial*.

D.S.A. do D.A.S.P., em 3 de maio de 1949. — *Florian Velasco de Azevedo*, Chefe da Seção de Inscrições.

CONCURSO PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARREIRA DE ENFERMEIRO DO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA.

C. 217

Faço pública a reabertura, pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D. A. S. P., da inscrição ao concurso para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Enfermeiro do Ministério da Aeronáutica.

2. *Dia da reabertura:* 9-5-49; *dia do encerramento:* 31-5-49, às 16 horas.

3. Poderão inscrever-se apenas candidatos do sexo feminino.

4. As condições do concurso são as das Instruções Gerais (Portaria número 341, de 13-7-48) e Instruções Especiais baixadas pelo Diretor Geral deste Departamento com a Portaria n.º 331, de 5 de Julho de 1948.

5. O pedido de inscrição constará do preenchimento de uma ficha fornecida no local de inscrição e da apresentação de três cópias de fotografia de 3 x 4cm, tirada de frente e sem chapéu.

6. A ficha de inscrição só será aceita se estiverem preenchidos todos os seus claros e não apresentar rasura ou emenda.

7. *Diploma* — No ato da inscrição, o candidato deverá apresentar diploma de conclusão do curso de enfermagem, expedido por escola oficial ou equiparada, devidamente registrado no Ministério da Educação e Saúde.

8. *Títulos* — No ato da inscrição o candidato deverá apresentar seus títulos, com as folhas devidamente rubricadas e numeradas. Juntamente com os títulos, o candidato deverá apresentar, em três vias, lista dactilografada dos mesmos, de acordo com a numeração de cada um, de que conste, também, um resumo do conteúdo de cada título, destinando-se uma à Banca Examinadora, outra a ser juntada ao processo de inscrição e a última a ser devolvida ao candidato.

9. Não está sujeito ao limite de idade fixado nas instruções:

a) o ocupante interino de cargo público federal;

b) o ocupante efetivo de cargo público federal e o extranumerário-mensalista amparado pelo art. 23 do Ato

das Disposições Constitucionais Transitórias;

c) o ocupante de cargo público federal provido em comissão;

d) o militar da ativa;

e) o extranumerário-mensalista ou diarista do Serviço Público Federal e o servidor estadual ou municipal que contar, pelo menos, 3 anos de efetivo exercício; e

f) o ex-ocupante de cargo ou função pública federal, estadual ou municipal que tenha servido, pelo menos, cinco anos.

10. Será aceita a inscrição do candidato que, no ato do pedido contar seis meses menos do que a idade mínima estabelecida nas instruções que regularem o concurso ou prova de habilitação, salvo se lei especial dispuser em contrário.

11. Nos termos do parágrafo 3.º do art. 17 do Decreto-lei n.º 1.713, de 28 de outubro de 1939, estão inscritos ex-officio todos os ocupantes interinos de cargos da carreira a que se refere este Edital, devendo, entretanto, para serem aprovadas as suas inscrições, satisfazer as exigências estabelecidas para o concurso.

12. De acordo com os parágrafos 5.º e 9.º do referido artigo, serão exonerados os interinos que não completarem a inscrição e todos os interinos, homologado o concurso.

13. A eventual mudança de residência deverá ser comunicada, obrigatoriamente, à Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento e à Divisão do Pessoal, deste Departamento.

14. *Provas* — As provas do concurso serão de seleção (eliminatórias) e de habilitação.

15. As provas de seleção serão as seguintes:

a) provas de sanidade e capacidade física;

b) prova prática de serviço;

c) prova escrita.

16. A prova de habilitação será de títulos e consistirá na apresentação de *curriculum* escolar do candidato em escola de enfermagem, inclusive notas obtidas durante o curso, certificado de exercício profissional — desde que superior a um ano de trabalho efetivo e expedido por repartições ou hospitais oficiais, bem como por hospitais ou estabelecimentos de renome, a juízo da Banca Examinadora — ou qualquer outro título que se relacione com a carreira de enfermeiro.

17. As instruções relativas ao presente concurso serão fornecidas no local de inscrição, Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D. A. S. P., andar térreo do Edifício do Ministério da Fazenda, nesta capital.

18. O presente Edital será publicado uma vez no *Diário Oficial*.

D. S. A. do D. A. S. P., em 3 de maio de 1949. — *Florian Velasco de Azevedo*, Chefe da Seção de Inscrições.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Departamento de Administração

Divisão de Obras

Concorrência Pública n.º 5-49 para execução de serviços de concreto armado, alvenarias, revestimentos, etc. na Casa Maternal Melo Matos.

De ordem do Senhor Diretor da Divisão de Obras do Departamento de Administração do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, baseado no

1.º do art. 47 do Decreto n.º 21.828, de 5 de setembro de 1946, faço público que, de conformidade com as leis em vigor, e principalmente de acordo com o Título VII do Regulamento Geral de Contabilidade Pública, fica aberta, nesta data a concorrência pública para execução de serviços de concreto armado, alvenarias, revestimentos, etc. na Casa Maternal Melo Matos.

Da Inscrição

1.ª *Condição* — As firmas que pretendem concorrer deverão comparecer a esta Divisão de Obras até o dia de maio de 1949, das 12 às 17 horas, onde receberão uma guia para depositar na Caixa Econômica Federal ou na Tesouraria do Tesouro Nacional a quantia de Cr\$ 2.000,00 que garantirá a apresentação de sua proposta e a firmeza da mesma até a assinatura do respectivo contrato.

2.ª *Condição* — As propostas consistirão de dois envelopes fechados e lacrados: o primeiro, com os dizeres "Documentos de Idoneidade da firma....." conterá:

a) quitação do Imposto de Indústria e Profissões, licença de localização e imposto de renda.

b) certidão relativa ao Decreto número 1.843, de dezembro de 1939 (Lei dos 2/3).

c) prova da existência legal da firma (registro do contrato social devidamente anotado no D. N. I. C.);

d) prova da existência de um profissional responsável pela firma, de acordo com o Decreto n.º 23.569, de 1933;

e) prova de quitação com a C.R. E. A.;

f) carteira ou certificado de reservista; se estrangeiro, carteira modelo 18;

g) recibo da Caixa Econômica Federal ou do Tesouro Nacional provando ter efetuado o depósito de que trata a condição primeira deste edital.

h) certidão ou recibo do Imposto Sindical;

i) quitação com o I. A. P. C. ou I. A. P. I.

j) imposto de registro de comércio; O segundo envelope conterá somente a proposta da firma concorrente, datada e assinada onde estarão escritos em algarismos e por extenso, o preço global oferecido para execução dos trabalhos e o prazo em dias consecutivos, para terminação dos mesmos.

3.ª *Condição* — Os candidatos serão considerados inscritos quando retirarem as guias de depósito da caução de que trata a condição primeira do edital.

4.ª *Condição* — Para a presente concorrência não têm valor as inscrições já feitas nesta Divisão de Obras pelas firmas para as concorrências administrativas e Tomadas de Preço.

5.ª *Condição* — Quaisquer esclarecimentos a respeito da concorrência serão dados diariamente nesta Divisão de Obras das 12 às 17 horas.

6.ª *Condição* — No dia de maio de 1949, às 14 horas, os concorrentes inscritos apresentarão à Rua Senador Dantas número 81, 1.º andar, as suas propostas e os documentos de idoneidade, os quais serão recebidos pelo Senhor Diretor da Divisão de Obras, tendo como demais membros os Senhores Secretário do Diretor e o Chefe da Seção Administrativa.

7.ª *Condição* — As propostas serão apresentadas em quatro vias, sendo a primeira estampilhada de acordo com a lei, sem emendas, rasuras ou entrelinhas, e deverão declarar que o proponente se submete inteiramente a todas as condições do edital, especificações e demais detalhes inclusive planta.

8.ª *Condição* — As propostas com como os documentos de idoneidade serão entregues no momento da con-

Da Apresentação de sua Proposta.

6.ª *Condição* — No dia de maio de 1949, às 14 horas, os concorrentes inscritos apresentarão à Rua Senador Dantas número 81, 1.º andar, as suas propostas e os documentos de idoneidade, os quais serão recebidos pelo Senhor Diretor da Divisão de Obras, tendo como demais membros os Senhores Secretário do Diretor e o Chefe da Seção Administrativa.

7.ª *Condição* — As propostas serão apresentadas em quatro vias, sendo a primeira estampilhada de acordo com a lei, sem emendas, rasuras ou entrelinhas, e deverão declarar que o proponente se submete inteiramente a todas as condições do edital, especificações e demais detalhes inclusive planta.

8.ª *Condição* — As propostas com como os documentos de idoneidade serão entregues no momento da con-

Concurso número 191 DASP, 1949-1950 - Resultado

11266 Terça-feira 1

DIARIO OFICIAL (Seção I)

Agosto de 1950

EDITAIS E AVISOS

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Departamento Administrativo do Serviço Público

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

Concurso para provimento em cargos da classe inicial da carreira de Conservador de Museus do M. E. S.

C. — 191

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado final do concurso acima referido:

N.º insc.	Nome	Média final
1.	Gilda Marina de Almeida	77,92
6.	Clovis Bornay	69,49
5.	Oriandino Seixas Fernandes	67,74
34.	Sigríd Porto de Barros	64,30

2. Os candidatos acima relacionados estão, igualmente, habilitados nas provas de Sanidade e Capacidade Física e Investigação Social.

D.S.A. do D.A.S.P., em 21 de julho de 1950. — *Arlindo Ramos*, Chefe da S.O.J.

Faço público, para conhecimento dos interessados, que o candidato à transferência para a carreira de Detetive, Marcelo Esteves de Carvalho, se acha habilitado na prova de Investigação Social.

D.S.A. do D.A.S.P., em 20 de julho de 1950. — *Arlindo Ramos*, Chefe da S.O.J.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Departamento de Administração

Divisão de Obras RETIFICAÇÃO

Concorrência pública n.º 23-50, para continuação da construção do galpão para a oficina mecânica do Serviço de Transportes do Departamento Federal de Segurança Pública.

No Diário Oficial n.º 172, de 27-7-50, à pág. 11.087-088, onde se lê:

2.ª condição — No dia e hora fixa-

des neste edital (14,00 horas do dia 11 de agosto de 1950), ...

18.ª condição — O contrato pressupõe a responsabilidade da firma contratante pela execução completa dos trabalhos mencionados nas especificações, respeitados os detalhes técnicos indicados pela Fiscalização desta Divisão.

38.ª condição — A importância relativa à caução feita para garantia da execução do contrato, rescindido nos termos da 36.ª condição, será recolhida à Tesouraria do Tesouro Nacional como renda eventual da União.

40.ª condição — Ficam fazendo parte deste edital as especificações que serão fornecidas aos interessados, nesta Divisão, diariamente, das 12,00 às 17,00 horas, até o dia 10 de agosto próximo.

Leia-se:

2.ª condição — No dia e hora fixados neste edital (15,00 horas do dia 11 de agosto de 1950), ...

18.ª condição — O contrato pressupõe a responsabilidade da firma contratante pela execução completa dos trabalhos mencionados nas especificações e plantas, respeitados os detalhes técnicos indicados pela Fiscalização desta Divisão.

38.ª condição — A importância relativa à caução feita para garantia da execução do contrato, rescindido nos termos da 37.ª condição, será recolhida à Tesouraria do Tesouro Nacional como renda eventual da União.

40.ª condição — Ficam fazendo parte integrante deste edital as especificações e plantas que serão fornecidas aos interessados, nesta Divisão, diariamente, das 12,00 às 17,00 horas, até o dia 10 de agosto próximo.

Divisão de Obras do D. A. do M. J. N. I., em 28 de julho de 1950. — *Nelson Mourão dos Santos*, Chefe da S. A.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

Divisão de Administração

Seção do Material

EDITAL N.º 265-50
COLETA DE PREÇOS N.º 322

De ordem do Senhor Diretor Geral, faço público que às 16,00 horas do dia 8 de agosto de 1950, nesta Seção do Material serão recebidas e abertas propostas em três vias de detalhe (a primeira das quais devidamente selada) para fornecimento do seguinte material:

ITEM	QUANT.	UNID.	ESPECIFICAÇÃO
1	200	litro	Alcool de 36.º Cartier, em frasco de litro.
2	400	litro	Alcool de 40.º Cartier, em frasco de litro.
3	500	litro	Alcool de 44.º Cartier, em frasco de litro.
OBSERVAÇÕES			
É obrigatória a citação de marca e fabricante.			
Local de entrega: Almoxarifado do Departamento de Imprensa Nacional.			

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1950. — *Jarbas da Silva Ramos*, Chefe da Seção do Material.

EDITAL N.º 266-50

COLETA DE PREÇOS N.º 323

De ordem do Senhor Diretor Geral, faço público que às 16,00 horas do dia 8 de agosto de 1950, nesta Seção do Material serão recebidas e abertas propostas em três vias de detalhe (a primeira das quais devidamente selada) para fornecimento do seguinte material:

ITEM	QUANT.	UNID.	ESPECIFICAÇÃO
1	1	um	Vidro para tampo de mesa, liso, lapidado, isento de defeitos, medindo 1.700mm de comprimento x 85mm de largura x 5mm de espessura.
2	1	um	Vidro para tampo de mesa, liso, lapidado, isento de defeitos, medindo 2.000mm de comprimento x 1.000mm de largura x 5mm de espessura.
OBSERVAÇÕES			
Local de entrega: Almoxarifado do Departamento de Imprensa Nacional.			

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1950. — *Jarbas da Silva Ramos*, Chefe da Seção do Material.

Departamento Federal de Segurança Pública

Serviço de Trânsito do Distrito Federal

EXAME PARA MOTORISTAS

Chamada para 2 de agosto, às 6 horas e 45 minutos

Djalma Ribeiro.
Esmael Gualberto Pereira.
Antônio de Jesus.
Geraldo Antunes Gonçalves.
Pio de Sousa Pinheiro.
José Artur Sallero Lemos.
Paulo Gurjão de Lima.
Alcides Bento Rodrigues.
Ivan Christiano de Sousa.
Pedro Rodrigues de Almeida.
Otávio Avelino Benedito.
Arith Pires de Figueiredo.
Ayrês Pereira da Mota.
George Guedes.
José Sousa Carrizola.
Valdemiro Tavares da Silva.
Theófilo da Silveira Porto.
Faúli Faria.
José Batista.
Bernardino Batista.
Sebastião Correia do Amaral.
Helena Leal Ferreira.
Mário Augusto Vaz.
Mihail Constantin Popereu.
Marcelino da Silva Selos.
Othon de Sousa Cyphiano.
José Rodrigues.
Osmar Esch.
Severino Matias Juvenal.
Moacir de Oliveira Garrido.

Chamada para 2 de agosto, às 14 horas e 45 minutos

Francisco Castagnaro.
Laerte Vilela de Oliveira.
Narcizo dos Santos Guimarães.
Orlando Augusto Carneiro.
Vitor Crócia de Moraes.
Francisco Cavalcanti Melo.
Nelio Riscado.
Gulherme Augusto Simões.
Manuel Inácio Dias.
Washington Mesquita Teixeira.
Arlindo Alves Gaspar.
João Antunes Ferreira Filho.
Miguel Garcia Belo.
Gerson Santos.
Henrique Joaquim de Azevedo.

Armindo Rodrigues Adrego.
Heliolino Cordeiro Braza.
Manuel da Nóbrega.
José Diniz Guimarães.
José Ribeiro.
Sebastião Silva.
Antônio Briant da Fonseca.
Délia Valério.
Francisco Alvarés Câmara.
João Pedroza Elias.
Valderedo Pinto Coelho.
Hilton Pinheiro do Nascimento.
Jair Barroso Rodrigues.
Jerônimo de Oliveira.
Lélio Ribeiro da Silva.
Observação: A falta à chamada importará no pagamento de nove incréditos.

MINISTÉRIO DA MARINHA

DIRETORIA DO PESSOAL

Pelo presente edital, fica o operário extranumerário -- Fabiano Spozzaniglio -- matrícula n.º 136.358, da Tabela Numérica de Diarista (TND) do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, notificado, na forma da lei, da necessidade de apresentar a respectiva defesa, no prazo de dez (10) dias, a contar-se da primeira publicação deste, em relação ao processo administrativo que responde nesta Diretoria, por abandono de função.

Diretoria do Pessoal da Armada, Divisão do Pessoal Civil (D.P.C.), em 24 de julho de 1950. — *Carlos Cardoso de Paiva*, Chefe da Divisão. (Dias 29 e 31-7 e 1. 2. 3. 4. 5 e 7-8-50).

Pelo presente Edital fica o operário extranumerário -- Francisco Sant' Ana -- matrícula n.º 260.028 da Tabela Numérica de Diarista (TND) do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, notificado na forma da Lei, da necessidade de apresentar a respectiva defesa, no prazo de dez (10) dias, a contar-se da primeira publicação deste, em relação ao processo administrativo que responde nesta Diretoria por abandono de função.

Diretoria do Pessoal da Armada, Divisão do Pessoal Civil (D.P.C.), em 19 de julho de 1950. — *Carlos Cardoso de Paiva*, Chefe da Divisão.

Concurso número 701, Ministério da Educação e Cultura, 1966-1967 - Edital DAS-247

10128 Quinta-feira 1

DIÁRIO OFICIAL (Seção I - Parte I)

Setembro de 1966

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Departamento Administrativo

do Serviço Público

Divisão de Seleção

e Aperfeiçoamento

EDITAL - DSA-243

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes de Bibliotecário do Serviço Público Federal.

C. 699

Faço pública a abertura, pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do DASP, da inscrição no concurso acima referido.

1. A inscrição estará aberta no Estado da Guanabara e Distrito Federal.

2. Dia da abertura: 30.9.66; dia do encerramento: 3.10.66, às 17 horas.

3. São requisitos para inscrição: a) Nacionalidade: o candidato deverá ser brasileiro nato ou naturalizado;

b) Sexo: poderão inscrever-se candidatos de ambos os sexos;

c) Idade: mínima 18 anos completos à data do encerramento das inscrições; máxima 40 anos incompletos à data de abertura das inscrições.

d) Serviço Militar: Os candidatos do sexo masculino deverão estar em dia com as obrigações do Serviço Militar.

e) Situação eleitoral: os candidatos deverão estar em dia com suas obrigações como eleitor;

f) Habilitação Profissional: os candidatos deverão apresentar no ato da inscrição, diploma de conclusão de Curso de Biblioteconomia, devidamente registrado.

g) O pedido de inscrição constará do preenchimento de fichas fornecidas no local de inscrição.

h) Juntamente com o pedido de inscrição o candidato deverá apresentar duas cópias de fotografia 3 x 4 cm, tiradas de frente e sem chapéu e documentação que comprove satisfazer os requisitos acima citados, exceto da alínea "d".

i) Aplicam-se no concurso as Instruções Gerais reguladoras dos concursos promovidos pelo DASP (Port. nº 148, de 19.7.66) e as Instruções Especiais (Port. nº 31, de 3.3.66) aprovadas pelo Diretor-Geral deste Departamento.

j) Os ocupantes interinos dos cargos a que se refere o presente concurso deverão, para que tenham suas inscrições aprovadas, comparecer ao local de inscrições, apresentando os documentos acima referidos.

k) As inscrições serão recebidas no Estado da Guanabara, no andar térreo do Ministério da Fazenda, Posto da DSA do DASP e no Distrito Federal na Esplanada dos Ministérios - Bloco 7, sobreloja, onde serão distribuídas, no ato de inscrição, cópias das Instruções Especiais do concurso.

l) A inscrição implicará por parte do candidato, o conhecimento dos termos do presente edital e o compromisso tácito de aceitação das condições do concurso, tais como foram fixadas.

m) Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1966. - Violeta de Rezende Correa, Chefe da S.I.I.

EDITAL - DSA-246

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes de Calculista de Geodesia, do I.C.G.E.

C. 700

Faço pública a abertura, pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do DASP, da inscrição no concurso acima referido.

1. A inscrição estará aberta no Estado da Guanabara. Vagas: 12 (doze).

2. Dia da abertura: 16.9.66; dia do

EDITAIS E AVISOS

encerramento: 30.9.66, às 17 horas.

4. São requisitos para inscrição: a) Nacionalidade: o candidato deverá ser brasileiro nato ou naturalizado;

b) Sexo: poderão inscrever-se candidatos de ambos os sexos;

c) Idade: mínima 18 anos completos à data do encerramento das inscrições; máxima 35 anos incompletos à data de abertura das inscrições;

d) Serviço Militar: os candidatos do sexo masculino deverão estar em dia com as obrigações do Serviço Militar.

e) Situação eleitoral: os candidatos deverão estar em dia com suas obrigações como eleitor;

f) O pedido de inscrição constará do preenchimento de fichas fornecidas no local da inscrição.

g) Juntamente com o pedido de inscrição o candidato deverá apresentar duas cópias de fotografia 3 x 4 cm, tiradas de frente e sem chapéu e documentação que comprove satisfazer os requisitos acima citados, exceto da alínea "d".

h) Aplicam-se no concurso as Instruções Gerais reguladoras dos concursos promovidos pelo DASP (Port. nº 148, de 19.7.66) e as Instruções Especiais (Port. nº 87, de 11.7.66), aprovadas pelo Diretor-Geral deste Departamento.

i) Os ocupantes interinos dos cargos a que se refere o presente concurso deverão, para que tenham suas inscrições aprovadas, comparecer ao local de inscrições, apresentando os documentos acima referidos.

j) As inscrições serão recebidas no Posto da DSA do DASP, andar térreo do Ministério da Fazenda, onde serão distribuídas no ato de inscrição, cópias das Instruções Especiais do concurso.

k) A inscrição implicará por parte do candidato, o conhecimento dos termos do presente edital e o compromisso tácito de aceitação das condições do concurso, tais como foram fixadas.

l) Rio de Janeiro, em 26 de agosto de 1966. - Violeta de Rezende Correa, Chefe da S.I.I.

EDITAL - DSA-247

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes de Conservador de Museus do Ministério da Educação e Cultura.

C. 701

Faço pública a abertura, pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do DASP, da inscrição no concurso acima referido.

1. A inscrição estará aberta no Estado da Guanabara.

2. Dia da abertura: 16.9.66; dia do encerramento: 30.9.66, às 17 horas.

3. São requisitos para inscrição: a) Nacionalidade: o candidato deverá ser brasileiro nato ou naturalizado;

b) Sexo: poderão inscrever-se candidatos de ambos os sexos;

c) Idade: mínima 21 anos completos à data do encerramento das inscrições; máxima 45 anos incompletos à data de abertura das inscrições;

d) Serviço Militar: os candidatos do sexo masculino deverão estar em dia com as obrigações do Serviço Militar;

e) Situação eleitoral: os candidatos deverão estar em dia com suas obrigações como eleitor;

f) Habilitação Profissional: os candidatos deverão apresentar, no ato da inscrição, devidamente registrado na repartição competente, diploma de graduação no Curso de História do Museu Histórico Nacional, no curso

de Arquitetura ou num dos cursos de Belas Artes, ou ainda, diploma de licenciado em História.

g) O pedido de inscrição constará do preenchimento de fichas fornecidas no local de inscrição.

h) Juntamente com o pedido de inscrição o candidato deverá apresentar duas cópias de fotografia 3 x 4 cm, tiradas de frente e sem chapéu e documentação que comprove satisfazer os requisitos acima citados, exceto da alínea "d".

i) Aplicam-se no concurso as Instruções Gerais reguladoras dos concursos promovidos pelo DASP (Port. nº 148 de 19.7.66) e as Instruções Especiais (Port. nº 45 de 29 de junho de 1966) aprovadas pelo Diretor-Geral deste Departamento.

j) Os ocupantes interinos dos cargos a que se refere o presente concurso deverão, para que tenham suas inscrições aprovadas, comparecer ao local de inscrições, apresentando os documentos acima referidos.

k) As inscrições serão recebidas no Posto da DSA do DASP, andar térreo do Ministério da Fazenda, onde serão distribuídas no ato de inscrição, cópias das Instruções Especiais do concurso.

l) A inscrição implicará por parte do candidato, o conhecimento dos termos do presente edital e o compromisso tácito de aceitação das condições do concurso, tais como foram fixadas.

m) Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1966. - Violeta de Rezende Correa, Chefe da S. I. I.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Procuradoria Geral do Distrito Federal

Ata da Sétima Reunião da Comissão para julgar as concorrências administrativas e públicas, para aquisição de materiais e instalações do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios

Aos vinte e dois dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e sessenta e seis, no salão principal da Procuradoria-Geral do Distrito Federal, sito à Avenida L-2, Setor de Autarquias, Edifício-Sede do I. A. P. C., 4º andar, sob a Presidência do Excelentíssimo Doutor Procurador-Geral e Presidente da Comissão, Professor José Júlio Guimarães Lima, Curador José Lourenço de Araújo Mourão, Promotor Público Helio Fonseca, o Chefe da Secretaria Administrativa Arthur Sebastião Cezar da Silva e o Secretário da mesma comissão Leclir Manoel da Luz, responsável pela Subseção do Material, todos membros componentes da citada Comissão, foi aberta às 14.00 horas, na conformidade do edital número 1, publicado no Diário Oficial de 4 de agosto do corrente ano, a sessão para recebimento de propostas de licitantes para colação de material "Mobiliário em Geral" de acordo com as especificações contidas no item 8.1. do mesmo edital. Ao abrir-se a sessão verificou-se o comparecimento do representante da Firma Comercial Brasília S. A. Máquinas e Móveis para Escritório, o da Firma Tecnogeral S. A. Com. e Ind. e o da Firma Mainline Móveis S. A. e o da Firma CIR - Representações e Comércio de Móveis Ltda. e o da Firma Chans Ltda. Os representantes das Firmas RECAL Brasília, Representações Ltda., Remington Rand do Brasil S. A. e Rodrigues D'Almeida Com. Ind. S. A., em virtude de não terem conseguido reunir a tempo todos os documentos exigidos para tal fim, deixaram de participar da referida

concorrência. Abertos os envelopes fechados apurou-se o seguinte: a) Firma Comercial Brasília S. A. - Máquinas e Móveis para Escritório, mesmo oferecendo preço unitário superior ao da Firma Tecnogeral S. A. Com. e Ind., no item 1º (primeiro), foi vencedora porque o seu material apresentava condições, especificação e material em situação mais vantajosa para a repartição. Com relação ao item 8 (oitavo), da mesma forma se processou em virtude da Firma CIR - Representações e Comércio de Móveis Ltda. - Representações e Comércio de Móveis Ltda., foi vencedora do item 3º, cabendo à Firma Chans Ltda., vencer os itens 2 (dois), 5 (cinco), 9 (nove) e 10 (dez). Por não ter sido cotado o item 4 (quatro), o Senhor Presidente da Comissão com aprovação dos demais membros, da referida Comissão, deu por encerrada a sessão, determinando que se procedesse na forma da legislação em vigor a aquisição do mesmo material por meio de coleta de preços. Eu, Leclir Manoel da Luz, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente e demais membros da Comissão, presentes ao ato. - José Júlio Guimarães Lima, Presidente. - José Lourenço de Araújo Mourão, Membro. - Helio Fonseca, Membro. - Arthur Sebastião Cezar da Silva, Membro.

Ata da Oitava Reunião da Comissão para julgar as concorrências administrativas e públicas, para aquisição de materiais e instalações do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios

Aos vinte e dois dias do mês de agosto, do ano de mil novecentos e sessenta e seis, no salão principal da Procuradoria-Geral do Distrito Federal, sito à Avenida L-2, Setor de Autarquias, Edifício-Sede do I. A. P. C., 4º andar, sob a Presidência do Excelentíssimo Doutor Procurador-Geral e Presidente da Comissão, Professor José Júlio Guimarães Lima, Curador José Lourenço de Araújo Mourão, Promotor Público Helio Fonseca, o Chefe da Secretaria Administrativa Arthur Sebastião Cezar da Silva e o Secretário da mesma comissão Leclir Manoel da Luz, responsável pela Subseção do Material, todos membros componentes da citada Comissão, foi aberta às 14.00 horas, na conformidade do edital número 1, publicado no Diário Oficial de 5 de agosto do corrente ano, a sessão para recebimento de propostas de licitantes para colação de material "Móveis - Máquinas, Motores e Aparelhos" de acordo com as especificações contidas no item 8.1. do mesmo edital. A Comissão permaneceu reunida desde as 14.00 horas, aproveitando a oportunidade de uma prorrogação de 15 (quinze) minutos, à hora regulamentar, tendo em vista que ao abrir-se a referida sessão nenhum licitante se apresentou. E, como até esse horário o tempo da sessão de 15 (quinze) minutos continuasse a abstenção, o Senhor Presidente com aprovação dos demais membros, da referida Comissão, deu por encerrada a sessão determinando que se procedesse na forma da legislação em vigor, a aquisição do mesmo material por meio de coleta de preços. Eu, Leclir Manoel da Luz, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente e demais membros da Comissão, presentes ao ato. - José Júlio Guimarães Lima, Presidente. - José Lourenço de Araújo Mourão, Membro. - Helio Fonseca, Membro. - Arthur Sebastião Cezar da Silva, Membro.

Concurso número 701, Ministério da Educação e Cultura, 1966-1967 - Resultado final

Quarta-feira 13

DIÁRIO OFICIAL (Seção I - Parte I)

Setembro de 1967 9415

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Departamento Administrativo
do Pessoal Civil

Divisão de Seleção
e Aperfeiçoamento
EDITAL - DSA/706

Concurso para provimento de cargos da classe «A» da série de classes de CARTEIRO do Departamento dos Correios e Telégrafos.
C. 690

Faço público, para conhecimento dos interessados, que nos editais DSA/555 (Diário Oficial de 23-6-1967), 562 (Diário Oficial de 23-6-1967), 549 (Diário Oficial de 26-6-1967) e 567 (Diário Oficial de 11-7-1967), referentes aos resultados, parcial e final, do concurso acima referido, em virtude de erro de original, onde se lê:

Estado do Amazonas

Inscr. - Nome

214. Walcir Cintra Abtebol

Estado do Piauí

218. Vicente Lincoln Mendes Feitosa

Estado de Santa Catarina

1.025. Eloy Tomas de Matos

EDITAIS E AVISOS

Estado de São Paulo

2.093. Olindo de Oliveira Pereira

Leia-se:

Estado do Amazonas

214. Walcir Cintra Abtebol

Estado do Piauí

218. Vicente Lincoln Mendes Feitosa

Estado de Santa Catarina

1.025. Eloy Tomas de Matos

Estado de São Paulo

2.093. Olindo de Oliveira Teixeira

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1967.

- Centro Pessoa da Costa Paiva, Chefe da Seção de Provas.

EDITAL DSA/705

Concurso para provimento de cargos da classe «A» da série de classes de TELEFONISTA da Caixa Econômica Federal da Bahia.
C. 785

Faço público, para conhecimento dos interessados, que a Prova Escrita de Português e Matemática do concurso acima referido, realizada no Estado da Bahia, será identificada no dia 15 do corrente, às 14 horas, na Escola de Ser-

viço Público do DASP - Ministério da Fazenda, 7º andar - Estado da Guanabara. Os candidatos terão vista da prova, logo a seguir, mediante apresentação do Cartão de Identificação.

A vista da prova somente será concedida no dia, hora e local constantes deste Edital.

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1967.

- Centro Pessoa da Costa Paiva, Chefe da Seção de Provas.

EDITAL Nº DSA/707

Concurso para provimento de cargos da classe «C» da série de classes de ASSISTENTE SOCIAL do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico.
C. 776

Faço público, para conhecimento dos interessados, que a Prova de Habilitação (Noções de Direito Constitucional, Civil e Penal) do concurso acima referido, realizada no Estado da Guanabara, será identificada no dia 18 do corrente, às 14 horas, na Escola de Serviço Público do DASP - Ministério da Fazenda, 7º andar - Estado da Guanabara.

Os candidatos terão vista da prova, logo a seguir, mediante apresentação do Cartão de Identificação.

A vista da prova somente será concedida no dia, hora e local constantes deste Edital.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1967.

- Centro Pessoa da Costa Paiva, Chefe da Seção de Provas.

EDITAL - DSA/708

Concurso para provimento de cargos da classe «A» da série de classes de CONTADOR da Universidade Federal da Bahia.
C. 754

Faço público, para conhecimento dos interessados, que as Provas Escritas de Contabilidade Geral, Contabilidade Bancária e Industrial e Matemática Comercial e Financeira do concurso acima referido, realizadas no Estado da Bahia, serão identificadas no dia 15 do corrente, às 14 horas, na Escola do Serviço Público do DASP - Ministério da Fazenda, 7º andar - Estado da Guanabara.

Os candidatos terão vista das provas logo a seguir, mediante apresentação do Cartão de Identificação.

A vista das provas somente será concedida no dia, hora e local constantes deste Edital.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1967.

- Centro Pessoa da Costa Paiva, Chefe da Seção de Provas.

EDITAL - DSA/712

Concurso para provimento de cargos da classe «A» da série de classes de CONSERVADOR DE MUSEUS do Ministério da Educação e Cultura.
C. 701

Faço público, para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado parcial do concurso acima referido, realizado no Estado da Guanabara:

Inscrição - Nome	Prova Prática	Defesa da Tese	Escrita Geral	Idioma Estrangeiro (PH)	História do Brasil e Hist. da Arte (PH)
4. Maria de Lourdes de Alencar Parreira Horta	95,00	92,33	78,90	94,00	54,70
5. Vera Lucia da Motta Botrel	68,00	80,00	62,50	42,00	40,40
6. Sydney Simone Braga	80,00	86,00	64,40	66,00	49,50
8. Léa de Oliveira Paula	68,00	62,00	67,60	29,00	66,10
13. Neyde Gomes de Oliveira	75,00	69,00	61,40	45,00	33,50

Somente esses candidatos atingiram os mínimos para habilitação fixados nas instruções.
Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1967. - Centro Pessoa da Costa Paiva, Chefe da Seção de Provas.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Departamento de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias
Instituto de Oleos - Comissão de Compras

AVISO Nº 1-67

A Comissão de Compras do Instituto de Oleos torna público, para conhecimento dos interessados, que estão afixados nos seus quadros de avisos, com vista aos interessados das 12 às 17 horas, diariamente, em sua sede, sito à Avenida Maracaná, 252 - Estado da Guanabara, os Editais de Tomadas de Preços números 2-67, 3-67, 4-67 e 5-67, para aberturas às 15 horas do próximo dia 15 do corrente, todos referentes a compra por suas dotações próprias, de drogas para análise e outros, cujo local de entrega é o Almacorrado do I.O., localizado no endereço acima referido.

A Comissão de Compras encontra-se à disposição dos interessados para qualquer esclarecimento que se faça necessário ou pelo telefone 48-5188. Instituto de Oleos, Comissão de Compras, 4 de setembro de 1967. - Francisco Freire de Oliveira, Secretário da Comissão de Compras.

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

Diretoria do Ensino

O 2º Ten Adm Moacir Tavares Baltha, Encarregado de um IPM, em virtude da lei, faz saber que o presente edital, com o prazo de cinco dias, virem ou dele conhecimento tiverem, que, pelo presente edital, fica intimado a comparecer à Diretoria do Ensino da Aeronáutica, Avenida Marechal Câmara 233, 7º andar, e apresentar-se ao referido Oficial, dentro do prazo de cinco dias, a contar da publicação deste edital, para depor como vítima, José Benício Telles, natural do Estado da Paraíba, branco, solteiro, com 42 anos de idade, na conformidade do § 3º do Art. 193 do Código de Justiça Militar, dado e passado nesta cidade do Rio de Janeiro, aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de hum mil novecentos e sessenta e sete. Eu, 3º Sargento Hernando Fonseca de Oliveira o escrevi. - Moacir Tavares Baltha, 2º Ten Adm. Encarregado do IPM.

Ofício 010.
Dias 13, 14 e 15.9.67.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

EDITAL Nº 1-67

Na conformidade do disposto no artigo 128 do Decreto-Lei nº 200 de 25 de fevereiro do corrente ano (Diário Oficial de 27 subsequente), levo ao conhecimento das firmas interes-

sadas, para os devidos fins que se acham abertas, diariamente, de 9ª a 6ª feira, no horário de 9 às 11, na sala 9 do 5º andar do bloco 9 - Esplanada dos Ministérios as inscrições para o Cadastro dos Fornecedores do Ministério das Comunicações. Brasília, 6 de setembro de 1967. - Antônio Damascos da Cruz, Presidente da Comissão Permanente de Concorrências.

PODER JUDICIÁRIO

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Concurso Público para o Serviço de Enfermagem do Serviço Médico do Supremo Tribunal Federal

De ordem do Dr. Célio Menicucci, Médico "PJ-3", Presidente da Comissão do Concurso, faço público aos interessados que estarão abertas por 30 (trinta) dias, a partir de 1º de setembro do corrente ano, no horário de 13 às 17 horas, no Serviço Administrativo, as inscrições para o concu-

so público destinado ao preenchimento de 1 (uma) vaga de Enfermeira(O).

Local: Brasília.

requisitos

- 1º) Ser brasileiro;
- 2º) Ambos os sexos;
- 3º) Ter 18 anos completos à data do encerramento das inscrições e 35 incompletos à data da abertura.

DAS INSCRIÇÕES

1) As inscrições se farão mediante entrega de requerimento, que obedecerá a fórmula própria, ao Exmo. Sr. Presidente do Tribunal, assinado pelo próprio candidato ou procurador devidamente habilitado;

Concurso Universidade Federal da Bahia, 1968 - Resultado final

Sexta-feira 24

DIÁRIO OFICIAL (Seção I — Parte I)

Maio de 1968 4247

EDITAL — DSA/91

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes de Fariolero do Ministério da Marinha
C. 739

Faço público para conhecimento dos interessados, de acordo com o que consta do Processo nº 25.486-68, que, no Edital DSA/801/67 (Mara-
lhão), publicado no Diário Oficial de 18-10-67, fica sem efeito a alteração
do nome do candidato Valdeir de Deus Oliveira (inscrição nº 323) de-
vendo prevalecer o nome constante do Edital DSA/699/67, publicado no
Diário Oficial de 12-9-67.
Rio de Janeiro, 4 de março de 1968. — Albino Ribeiro, Substituto do
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/94

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes
de Operador Postal do Departamento dos Correios e Telégrafos
C. 691

Faço público para conhecimento dos interessados, que, de acordo com
o que consta do Processo nº 927-68-Br, a candidata Eva da Costa Nunes,
inscrita sob nº 2.073, no Distrito Federal, habilitada com a média final 72,00
(Diário Oficial de 8-6-67), teve o seu nome retificado para Eva Nunes
Quaresma.
Rio de Janeiro, 6 de março de 1968. — Albino Ribeiro, Substituto do
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/96

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes
de Conservador de Museus da Universidade Federal da Bahia
C. 759

Faço público para conhecimento dos interessados, que são os seguintes
os resultados, parcial e final, do concurso acima referido, realizado no Es-
tado da Bahia:
Insc. Nome
1. Edsoliêda Maria Maciel Santos — Prova Prática: 63,00 — Prova de De-
fesa de Tese: 88,75 — Prova Escrita Geral: 60,10 — Prova de Idioma Es-
trangeiro: 56,00 — Prova de Títulos: 80,00 — Prova de História do Brasil
e Hist. da Arte. Hab.: ... — Média Final: 62,27.
2. Somente essa candidata atingiu os mínimos de Habilitação fixados nas
instruções.
Rio de Janeiro, 8 de março de 1968. — Albino Ribeiro, Substituto do
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/97

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes
de Técnico de Mecanização da Caixa Econômica Federal do Espírito Santo
C. 780

Faço público para conhecimento dos interessados, que não houve can-
didato habilitado no concurso acima referido.
Rio de Janeiro, 8 de março de 1968. — Albino Ribeiro, Substituto do
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/98

Concurso para provimento de cargos da classe singular de Marinheiro
do Serviço Público Federal
C. 723

Faço público para conhecimento dos interessados, que, de acordo com
o que consta do processo nº 25.433-68, o candidato Jacir Martins, inscrito
sob nº 14, no Estado da Guanabara, habilitado com a média final 69,87
(Diário Oficial de 30-5-67), teve o seu nome retificado para Jacyr Martins.
Rio de Janeiro, 11 de março de 1968. — Albino Ribeiro, Substituto do
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/99

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes de
Técnico de Contabilidade da Caixa Econômica Federal do Espírito Santo
C. 779

Faço público para conhecimento dos interessados, que são os seguintes
os resultados, parcial e final, do concurso acima referido, realizado no Es-
tado do Espírito Santo:
Insc. Nome
2. Leonardo Pires Martins — Prova de Contabilidade Geral: 76,50 — Prova
de Contabilidade Pública: 88,00 — Hab. Port. e Matemática: 74,00 —
Média Final: 79,25.
4. Paulo Emílio dos Santos Abreu — Prova de Contabilidade Geral: 87,00
— Prova de Contabilidade Pública: 74,00 — Hab. Port. e Matemática:
54,00 — Média Final: 77,16.
2. Somente esses candidatos atingiram os mínimos de habilitação fi-
xados nas instruções.
Rio de Janeiro, 11 de março de 1968. — Albino Ribeiro, Substituto do
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/100

Concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes
de Oficial de Administração do S. P. F.
C. 588

Faço público para conhecimento dos interessados, que de acordo com
o despacho exarado no Processo 25.591-68 a candidata Terezinha do Carmo
Von Atzingen, inscrita no concurso acima referido sob o nº 1.240-MG, teve
seu nome retificado para Terezinha do Carmo Von Atzingen Rezende.
Rio de Janeiro, 12 de março de 1968. — Lara Todd de Freitas Silva,
Chefe da Seção de Informações e Inscrições.

EDITAL — DSA/102

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes
de Operador Postal do Departamento dos Correios e Telégrafos
C. 691

Faço público para conhecimento dos interessados, que, de acordo com
o que consta do processo nº 25.032-68, a candidata Amara Luiza da Con-
ceição inscrita sob o nº 1.974, no Estado de Alagoas, habilitada com a mé-
dia 79,87 (Diário Oficial de 16.6.67), teve o seu nome retificado para Amara
Luiza Moreira do Nascimento.
Rio de Janeiro, 15 de março de 1968. — Centro Pessoa da Costa Paiva,
Chefe da Seção de Provas.

EDITAL — DSA/109

Concurso para provimento de cargos da classe "A" da série de classes
de Carteiro do Departamento dos Correios e Telégrafos
C. 690

Faço público para conhecimento dos interessados que, em virtude de
erro de original, referente ao nome do candidato abaixo indicado, no Edi-
tal DSA/567/67 (São Paulo), publicado no Diário Oficial de 11-7-67 onde
se lê:

Insc.	Nome	Média Final
3.032	Roberto Yoshka Zuml	82,12
Leia-se:		
3.032	Roberto Yoshikazu Sumi	82,12

Rio de Janeiro, 27 de março de 1968. — Centro Pessoa da Costa Paiva,
Chefe da Seção de Provas.

MINISTÉRIO DA FAZENDA

Administração do Edifício da Fazenda

Edital para a concorrência que se
distina à exploração do serviço de
restaurante do Edifício sede do
Ministério da Fazenda.

A Comissão de concorrência cons-
tituída pela Portaria nº GB-261 do
Senhor Diretor-Geral da Fazenda
Nacional, faz público, para conheci-
mento dos interessados, que, às 15
horas do 31º (trigésimo-primeiro) dia
ou coincidindo em sábado, domingo,
feriado ou facultativo, no primeiro
dia útil subsequente, a partir da pu-
blicação deste no Diário Oficial da
União, Seção I, Parte I, a referida
Comissão, reunida no 14º andar do
Ministério da Fazenda sala da Admi-
nistração, receberá propostas para
instalação e exploração dos serviços
de Restaurantes, com as especifica-
ções seguintes:

1) O concorrente deverá apresentar
as plantas e especificações das obras
que corresponderão à instalação de
um restaurante, tipo "Cafeteria"
(self-serviço), na área delimitada na
planta, à disposição dos concorrentes
na sala da Administração do M. F.
com 378m².

2) Deverá ser prevista a possibil-
idade de ser fornecido um mínimo de
2.500 refeições diárias, no período de
11,00 às 15,00 horas.

3) Em princípio, a disposição do-
verá ser organizada de modo que os
utilizadores entrem por uma extremi-
dade da sala, apanhem files mesmos
uma bandeja e talheres, passem por
um balcão onde escolherão os pratos,
paguem, se dirijam às mesas e saiam
por outro lado. Qualquer outra sug-
estão baseada sempre no princípio
do self-serviço poderá ser apresen-
tada.

4) Deverão ser previstas as respec-
tivas instalações de cozinha, frigorí-
ficos, térmicas correspondentes, que
serão apreciadas pela Comissão.

5) O concorrente deverá prever o
fornecimento de pratos em quanti-
dade e qualidade equivalentes às dos
estabelecimentos similares, devendo
oferecer carne, arroz, feijão, peixe,
legumes verdes, verduras, batatas, pu-
dingues, doces e frutas e mais um prato
comercial. Serão proibidas as bebi-
das alcoólicas, somente podendo ser
oferecidos refrigerantes ou leite. Não
servirá café.

6) Não será exigido pagamento de
aluguel. O concorrente, entretanto,
deverá cobrar preços inferiores, no
mínimo de 25% dos cobrados em es-
tabelecimentos similares para as mes-
mas quantidades e qualidades, das
mercadorias apresentadas.

7) Deverá ser instalado pelo con-
corrente um medidor de gás e um
de eletricidade para indenização à
União, do respectivo consumo.

8) Os preços, que serão afixados
para os pratos deverão ser aprova-
dos pela Administração do Edifício
da Fazenda (A.E.F.), podendo ser
revisados sempre que essa medida se
fizer necessária em face das altera-
ções do tabelamento oficial de gê-
neros alimentícios, mediante reque-
rimento apresentado à AEF pelo
contratante.

9) O Restaurante será freqüentado
pelos funcionários do Ministério da
Fazenda, mediante apresentação da
carteira funcional, ou por pessoas au-
torizadas pela AEF.

10) As mesas e balcões deverão ser
recobertos de fôrmica, mármore ou
aço inoxidável. Será proibida a uti-
lização de pratos de matéria plástica
ou de louça lascada ou trincada.
Pratos talheres e copos deverão ser
esterilizados.

11) O lixo e detritos deverão ser
retirados diariamente, sob inteira e
exclusiva responsabilidade do inte-
ressado.

Da Apresentação da Proposta

1) Poderá apresentar proposta toda
firma individual ou social, que aten-
da às condições estabelecidas neste
Edital.

1.1 — Não serão aceitas propostas
de consórcios ou grupos de firmas.

1.2 — O concorrente, no dia e hora
fixados neste Edital, deverá apresen-
tar sua documentação e sua propos-
ta, em invólucros separados, fechados
e lacrados, contendo em sua parte ex-
terna e fronteira, além da razão so-
cial, os dizeres: Administração do
Edifício da Fazenda — Comissão de
Concorrência — Concorrência n.º
2-68, o primeiro invólucro com o
subtítulo Documentação e o segundo
com o subtítulo Proposta.

O primeiro invólucro deverá conter
os seguintes documentos:

a) relação abreviada dos papéis e
outros elementos contidos neste pri-
meiro invólucro, na ordem em que
são solicitados no presente Edital.
b) provas de idoneidade financeira,
datação do corrente ano, expedidas
por estabelecimentos bancários de re-
nome com firmas reconhecidas;

c) prova de capacidade técnica, que
comprove ter a firma explorado, em
serviços iguais ou similares no do objeto
da presente concorrência;

d) prova de representação legal do
concorrente;

e) documentação relativa à perso-
nalidade jurídica representada pelo
contrato social ou estatuto ou outra
mente registrado no DNRC ou outra
comercial, com todas as alterações
posteriormente à publicação dos estatutos.

ANEXO 10

Lista de Museus de Mulher ou Gênero no Mundo – Segundo o IAWM

Nome	Categoria	Continente	Cidade	País
Women's Heritage Center	Iniciativa	Oceania	Tirana	Austrália
Muzeu i Grave MiG Albanian Women's Museum	Iniciativa	Europa	Cordoba	Albania
MUMU Espacio Cultural Museo de las Mujeres	Museu	América Latina	Ciudad Autonoma de Buenos Aires	Argentina
Museo de la Mujer Argentina	Museu	América Latina	Baden	Argentina
Frauenmuseum in Baden	Iniciativa	Europa	Innsbruck	Austria
FBI – Institut für gesellschaftswissenschaftliche Forschung, Bildung und Information	Iniciativa	Europa	Hittisau	Austria
Frauenmuseum Hittisau	Museu	Europa	Graz	Áustria
Lost Space? Women in the Public Space	Cooperação	Europa	Baku	Áustria
Azerbaijan Gender Information Center	Virtual	Asia	Belem	Azerbaijan
Museo de la mujer, Belem	Iniciativa	América Latina	Dano	Brasil
Musée de Dano	Museu	Africa		Burkina Faso
Musée de Femme	Museu	Africa	Longueuil	Burkina Faso
Musée de la Femme	Museu	América do Norte	Edmonton	Canadá
Women's Art Museum Society of Canada	Museu	América do Norte	Victoria	Canadá
Initiative for a Women's Museum in Canada	Iniciativa	América do Norte	Concepcion	Canadá
Museo de las Mujeres – Chile	Virtual	Latin America	Xi'an	Chile
Women Culture Museum, Shaanxi Normal University	Museu	Asia	Beijing	China
Chinese Museum of Women and Children	Museu	Asia	Bogota	China
Museo de la Mujer	Iniciativa	América Latina	Barrancabermeja	Colômbia
Casa de la Memoria y de los Derechos Humanos de las Mujeres	Museu	América Latina	San Pedro, San Jose	Colômbia
Museo de las Mujeres Costa Rica	Virtual	América Central	Split	Costa Rica
NGO Domine	Iniciativa	Europa	Aarhus C	Croácia
Kvindemuseet i Danmark	Museu	Europa	Giza	Dinamarca
The Women and Memory Forum	Iniciativa	Africa	Angers	Egito
Musea	Virtual	Europa	Paris	França
AWARE	Arquivo	Europa	Toulouse / Fitchburg	França
FemLink-Art	Parceria	Europa / América do Norte		França / USA
Women's Museum and Art Centre "Mama Africa Gambia"	Iniciativa	Africa	Bonn, Nordrhein-Westfalen	Gambia
Das Haus der FrauenGeschichte (HdFG)	Museu	Europa	Wiesbaden	Alemanha

Frauen Museum Wiesbaden	Museu	Europa	Fürth/Burgfarrnbach	Alemanha
Museum Frauenkultur Regional International	Museu	Europa	Cologne	Alemanha
Hebammen für Deutschland	Associação	Europa	Bremen	Alemanha
Bremer Frauenmuseum	Virtual	Europa	Bonn, Nordrhein-Westfalen	Alemanha
Frauenmuseum	Museu	Europa	Bonn	Alemanha
Birth Café Campaign	Associação	Europa	Berlin	Alemanha
Das Verborgene Museum	Museu	Europa	Berlin	Alemanha
Europäische Frauen Aktion (efa)	Associação	Europa	Berlin	Alemanha
Frauenmuseum Berlin	Iniciativa	Europa	Exeter	Alemanha
Digital Institute for Early Parenthood	Parceria	Europa	Ciudad de Guatemala	Guatemala
Museo de las Mujeres Guatemala	Iniciativa	América Central		Guatemala
Musée de la Histoire des Femmes en Haiti	Virtual	América Central	Eyrbakki	Haiti
Konubókastofa (The Women's Book Lounge)	Museu	Europa	Northbrook	Islândia
Women's Freedom Museum	Iniciativa	América do Norte	Jaipur	Illinois
Indian Women's History Museum	Iniciativa	Asia	Bangalore City	Índia
Shashwati Women's Museum	Museu	Asia	New Delhi	Índia
Zubaan, WM initiative India	Iniciativa	Asia		Índia
Women's Museum of Iran	Virtual	Asia	Dublin	Irã
Pop-up museum 100 Years of Women in Politics and Public Life	Iniciativa	Europa		Irlanda
Women's Museum of Ireland	Virtual	Europa	Haifa	Irlanda
Women's Museum	Museu	Asia	Karmia	Israel
Eden Association	Iniciativa	Africa	Savona	Israel
Museo delle Donne a Savona Alice Piazzzi Cumeo	Iniciativa	Europa	Pauli Arbarei	Itália
Museo della Donna di Pauli Arbarei	Museu	Europa	Nápoles	Itália
Associazione Museo Donne del Mediterraneo Calmana	Iniciativa	Europa	Angrogna	Itália
Museo delle Donne Valdesi	Museu	Europa	Torino	Itália
Frammenti di Storia al Femminile ECCOM	Iniciativa	Europa	Roma	Itália
	Parceria	Europa	Olle di Borgo Valsugana	Itália
Museo Soggetto Montagna Donna	Museu	Europa	Milan	Itália
Museo delle Donne di Milano	Iniciativa	Europa	Merano	Itália
Frauenmuseum – Museo delle donne Meran/o	Museu	Europa	Abidjan	Itália
Creation du Musée de Femme en Cote d' Ivoire	Iniciativa	Africa		Costa do Marfim
Maroon Indigenous Women	Iniciativa	América Central	Tokyo	Jamaica
Women's Active Museum on War and Peace (WAM)	Museu	Asia	Amman	Japão
ICWA International Center for Women Artists	Museu	Asia	Almaty	Jordânia
Women of Kazakhstan NGO	Iniciativa	Asia	Almaty	Kazakhstan
Museum of the Kazakh State Women's Teacher Training University "Aktumar"	Museu	Asia	Seoul	Kazakhstan

The National Women's History Exhibition Hall	Museu	Asia	Seoul	Corea
War & Women's Human Right's Museum	Museu	Asia	Seoul	Corea
History Women Future	Virtual	Asia	Seoul	Corea
Gender Museum	Virtual	Asia	Richmond	Corea
The Women's Art Register	Arquivo	Oceania	Melbourne	Austrália
Espacio Virtual de Artistas Veracruzanos	Virtual	América do Norte		México
Museo de Mujeres Artistas Mexicanas	Virtual	América do Norte	Colonia Centro	México
Museo de la Mujer	Museu	América do Norte	Podgorica	México
Muzej žena Crne Gore	Virtual	Europa	Marrakesh	Montenegro
Musée de la Femme de Marrakech	Museu	África	Zwolle	Marrocos
Het Vrouwenhuis	Museu	Europa	Echt	Países Baixos
Museum van de Vrouw	Museu	Europa	Amsterdam	Países Baixos
FemArtMuseum	Iniciativa	Europa	Tumbarumba	Países Baixos
Pioneer Women's Hut	Museu	Oceania	Alice Springs	Nova Gales do Sul
Women's Museum of Australia (formerly National Pioneer Women's Hall of Fame)	Museu	Oceania	Kongsvinger	Território do Norte
Kvinnemuseet	Museu	Europa	Lima	Noruega
Museo Memoria de la Mujer Peruana	Iniciativa	América Latina	Warsaw	Peru
Feminoteka	Virtual	Europa	Warsaw	Polónia
Museum of Polish Women (initiative) Feminist Historical Salon (Feministyczny Salon Historyczny) Anna Nowakowska-Wierchożo	Iniciativa	Europa	Krakow	Polónia
Women's Space Foundation	Iniciativa	Europa		Polónia
Museum of Polish Women's National Remembrance	Iniciativa	Europa	Lisbon	Polónia
MIMA Museu Internacional da Mulher	Iniciativa	Europa	Bowen Hills	Portugal
Miegunyah House Museum – Queensland Women's Historical Association	Museu	Oceania	Dragomiresti	Queensland
Dragomiresti – Muzeul Tarancii Romane	Museu	Europa	Moscow	România
Moscow Women's Museum	Virtual	Europa	Dakar	Rússia
Musée de la Femme Senegalaise "Henriette Bathily"	Museu	África	Celje	Senegal
Women's traCEs	Organização	Europa	Johannesburg	Eslovênia
The African Women's Museum	Iniciativa	África	Durban	África do Sul
Amazwi Voices of Women Museum	Museu	África		África do Sul
Women's Museum of South Africa Department of Arts and Culture in the South African Government	Iniciativa	África	Granada	África do Sul

Museo Etnologico de la Mujer Gitana	Museu	Europa	Arahal	Espanha
Museo de la Mujer en el Flamenco	Museu	Europa	Madrid	Espanha
HERSTORYMUSEUM	Virtual	Europa	Madrid	Spain
Interarts	Organização	Europa	Barcelona	Espanha
La Bonne CCDFB	Iniciativa	Europa	Barcelona	Espanha
Museo de Hechos y Derechos de las Mujeres – Museum of the Deeds and Rights of Women	Iniciativa	Europa	Alicante	Espanha
Fabrica de la Memoria	Iniciativa	Europa		Espanha
Sudanese Women’s Museum Dr. Nafisa A Alamin	Museu	Africa	Omdurman	Sudão
Kvinnohistoriskt Museum	Museu	Europa	Umea	Suécia
Stockholm Museum of Women's History	Museu	Europa	Stockholm	Suécia
Interessengemeinschaft Frau und Museum	Iniciativa	Europa	Eggersriet	Suíça
Comfort Women Museum	Museu	Asia	Taipei	Taiwan
Memori des Elles	Iniciativa	Africa		Tunísia
Mersin Kadın Müzesi	Virtual	Europa	Mersin	Turquia
İzmir Kadın Müzesi	Museu	Europa	Izmir	Turquia
Mezopotamya Kadın Müzesi	Iniciativa	Europa	Diyarbakir	Turquia
Istanbul Kadın Müzesi	Virtual	Europa	Istanbul	Turquia
Antalya Women Museum	Virtual	Europa	Antalya	Turquia
Gender Museum	Museu	Europa	Kharkiv	Ucrânia
Women's Museum Bait Al Banat	Museu	Asia	Dubai	Emirados Árabes
East End Women's Museum	Iniciativa	Europa	Londres	Reino Unido
Vagina Museum	Museu	Europa	Londres	Reino Unido
Glasgow Women's Library	Museu	Europa	United Glasgow	Reino Unido
inVISIBLEwomen.org.uk	Virtual	Europa	Brighton Kingdom	Reino Unido
Belmont-Paul Women's Equality National Monument	Museu	América do Norte	Washington, D.C.	EUA
National Museum of Women in the Arts	Museu	América do Norte	Washington, D.C.	EUA
National Women's Hall of Fame	Museu	América do Norte	Seneca Falls, New York	EUA
Women's Museum of California	Museu	América do Norte	San Diego, California	EUA
National Susan B. Anthony Museum & House	Museu	América do Norte	Rochester, New York	EUA
Pioneer Woman Statue & Museum	Museu	América do Norte	Ponca City, Oklahoma	EUA
The Colored Girls Museum	Museu	América do Norte	Philadelphia	EUA
Museum of Women Pilots	Museu	América do Norte	Oklahoma City	EUA
Connecticut Women's Hall of Fame	Virtual	América do Norte	New Haven, Connecticut	EUA
Alabama Women's Hall of Fame	Museu	América do Norte	Marion, Alabama	EUA
Women of the West at the Autry National Center	Museu	América do Norte	Los Angeles, California	EUA
Michigan Women's Historical Center & Hall of Fame	Museu	América do Norte	Lansing, Michigan	EUA

Women's Basketball Hall of Fame	Museu	América do Norte	Knoxville, Tennessee	EUA
Northwest Indiana Women's Museum	Museu	América do Norte	Gary, Indiana	EUA
National Cowgirl Museum and Hall of Fame	Museu	América do Norte	Fort Worth, Texas	EUA
United States Army Women's Museum	Museu	América do Norte	Fort Lee, Virginia	EUA
Appalachian Women's Museum	Museu	América do Norte	Dillsboro, North Carolina	EUA
International Women's Air & Space Museum	Museu	América do Norte	Cleveland, Ohio	EUA
Woman Made Gallery	Museu	América do Norte	Chicago, Illinois	EUA
Museum of Women's Resistance	Museu	América do Norte	Brooklyn, New York	EUA
The Elizabeth A. Sackler Center for Feminist Art at the Brooklyn Museum	Museu	América do Norte	Brooklyn, New York	EUA
Women's Civil War Museum	Museu	América do Norte	Bardstown, Kentucky	EUA
Maryland Women's Heritage Center and Museum	Virtual	América do Norte	Baltimore, Maryland	EUA
Women at Work Museum	Museu	América do Norte	Attleboro, Massachusetts	EUA
National Women's History Museum	Virtual	América do Norte	Alexandria, Virginia	EUA
International Museum of Women	Virtual	América do Norte	San Francisco, California	EUA
Girl Museum	Virtual	América do Norte		EUA
Her Place Museum	Iniciativa	Australia	Melbourne	Victoria
The Southern Women's Museum	Museu	Asia	Ho-Chi-Minh-City	Vietnã
Vietnamese Women's Museum	Museu	Asia	Hanoi	Vietnã
Black Brazil Art	Organização	América Latina		Brasil